ULTIMAS ACÇÕES
DO DUQUE
D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO.

ULTIMAS ACÇÕES
DO DUQUE
D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO.

ULTIMAS ACÇÕES DO DUQUE D·NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO.

AQuillard. Fecit. *T. A. Harrewyn Tiphographus Regius Portugaliæ*

ULTIMAS ACÇÕES DO DUQUE D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO:

desde 11. de Setembro de 1725. atè 29. de Janeiro de 1727. em que faleceu.

RELAÇAÕ DO SEU ENTERRO,

E das Exequias, que se lhe fizeraõ em Lisboa, e nas terras, de que era Donatario.

ESCRITAS, E DEDICADAS
A' MAGESTADE DE

D. JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL

PELO DUQUE

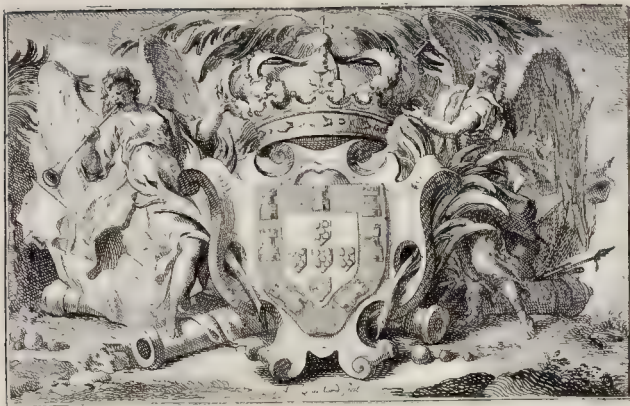
DOM JAYME

SEU ESTRIBEIRO MOR,

dos Conselhos de Estado, e Guerra, Presidente da Meza da Consciencia, e Ordens, &c.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DA MUSICA.

M. DCC. XXX.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR.

DEPOIS de V. Mageſtade ter feito a meu Pay aquellas incompa-

 raveis

raveis honras, de que toda eſta Corte foy teſtemunha, quiz ainda o generoſo animo de V. Mageſtade que ficaſſe para o futuro alguma memoria das acções de hum homem, que no diſcurſo de ſeſſenta e ſete annos mereceo que V. Mageſtade, e todos os Auguſtiſſimos Senhores Reys ſeus Aſcendentes a quem teve a honra de ſervir, como a V. Mageſtade, lhe agradeceſſem ſempre os ſeus acertos em toda a materia, ordenandome que tiveſſe cuidado em tudo quanto dizia por tudo ſer digno de memoria, e deſejando eu obedecer inviolavelmente a V. Mageſtade lhe offereço, não com pouco receyo, as ultimas acções do Duque meu Pay, contadas, e obſervadas deſde 11. *de Setembro de* 1725. *em que teve o primeiro*

meiro aſſalto do accidente atè 29. de Janeiro de 1727. em que falleceo, por cuja morte ſe fizerão neſta Corte, e em varias terras, de que era Donatario, as funebres demonſtrações que aqui ſe verão; eſperando da honra que V. Mageſtade me faz as queira approvar, e perdoarme a temeridade de lhe offerecer, e dedicar couſa tão inutil, não pela materia, mas pela incapacidade, que em mim ſe pòde achar, a que ſó a generoſa protecção de V. Mageſtade me pudera animar. Deos guarde a Real Peßoa de V. Mageſtade, como ſeus Vaſſallos deſejamos.

Duque Eſtribeiro mòr.

LI-

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

APPROVAÇAM DO M. R. P. M. Fr. BOAVENTURA DE S. Giaõ, Ex-Leytor de Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Arcebispado de Braga, Theologo Consultor da Bulla da Santa Cruzada.

EMINENTISSIMO SENHOR.

O Duque do Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello nobre assumpto, e sublime argumento desta narraçaõ nas operações de seus ultimos annos, soube em toda a vida desempenhar as altissimas obrigações de seu preclarissimo nascimento, e de seu Illustrissimo sangue, correspondendo as obras ao especioso da qualidade, os meritos à grandeza da pessoa, que em todas as idades teraõ mais admirações, que semelhanças; pois foy sugeito daquelles, que produzem tarde os seculos, e tem raros exemplos nas historias, e deixàraõ nos Annaes nome perduravel, e nas estatuas memoria eterna.

Se o fez grande a natureza, naõ o fez menos a fortuna, unindo-se ambas para a sua felicidade: concorreu huma para a Alteza da origem, e esplendor da prosapia; outra para o acerto das resoluções, e prosperidade dos successos, reproduzindo nelle toda a gloria de seus ascendentes, porque será sempre decantado o seu nome, e venerada a sua memoria, objecto da voz da Fama, e digno emprego do seu brado.

** O

O mayor brazão de ſua grandeza he ſer por varonia a Caza do Cadaval feliz, e legitimo ramo da Real, e ſempre Auguſta Caza de Bragança, glorioſo ſolár de ſua nobreza; repetindo-ſe os laços do parenteſco com o caſamento de huma Senhora filha legitima deſta Sereniſſima Caza; conſervando ſempre o luſtre de ſeu principio, e ſubindo a mayor auge, e exaltaçaõ com a poſſe do ſceptro, e reſtituiçaõ da Coroa a ſeu primitivo original; pois ficàraõ com a honra de Principes do ſangue os Duques do Cadaval.

Por toda a circunferencia da Europa, enlaçando-ſe em muitos Thronos, ſe eſtenderaõ dilatados os fecundos ramos de ſua illuſtre proſapia, onde apenas haverá Soberano, em quem não circule, e anime ſeu eſclarecido ſangue; vendo-ſe nelle tintas as purpuras de tantos Monarcas, aparentados em grào tão proximo, que ſe equivocarião os eſplendores a não diſtinguillos a Mageſtade.

Nas heroycas acções de ſeus progenitores decorou as valentias de ſeu animo, e as relevancias de ſeu talento, expondo repetidas vezes a vida nos militares empregos, e a reputação nos politicos pela publica utilidade, igualando as proezas do ſeu braço as maximas de ſua comprehenſaõ. Os divertimentos da Corte, por mais que foſſem conformes à vontade juvenil, deſpreſou por inferiores ao ſeu coraçaõ, e inflammando-lhe o ardor militar glorioſamente o peyto, tanto que ſe achou com forças para empunhar a eſpada, ſe offereceu aventureiro ás balas inimigas, e aos golpes contrarios, excedendo os alentos á idade, os brios aos annos.

Na primeira occaſiaõ, que ſe offereceu ao ſeu dezejo, ſe portou tão valente, e animoſo, como ſe ſe tivera já enſayado com os inimigos em muitos encontros: foy gravemente ferido por buſcar o mayor perigo no combate, e ſer dos primeiros no avance; e recompenſando a ſua deſtreza, e esforço os golpes, que recebeu com as muitas vidas que tirou, ſahio da peleja não ſó vingado, mas vitorioſo.

Chegando a Palacio a noticia do eſtado, em que ſe achava o Duque, como era bem avaliado, e bem viſto da Mageſtade, o mandou retirar para a Corte, por ſe não arriſcar tão grande peſſoa, como ſe ſe anticipára ao Real conhecimento o muito que intereſſava o Reyno na ſua vida. A' Milicia o levou a inclinaçaõ, na retirada o trouxe a obediencia, ſendo taõ invejado pelas feridas, como pelos favores.

A

A natural propenſaõ, que tinha para as armas, o moveu a continuar o militar exercicio, ſendo as Campanhas da Beyra, e Alentejo os bellicos theatros do ſeu valor, rubricados com as ſanguineas correntes de muitas feridas, que foraõ outras tantas bocas dos clarins de ſua fama. Cortou palmas para triunfos, e louros para coroas, ſendo rayo nas batalhas, o que era Oraculo nas politicas, a quem Marte temeo na guerra, e Minerva admirou na paz.

Eſquecia-ſe de mortal quando ſe moſtrava valeroſo; e eſtimando mais o ſangue vertido, que animado, ſe arrojava aos perigos, como ſe foraõ divertimentos, e naõ eſtragos. Fez tão notaveis proezas, e acções tão brioſas, que requerem tanto animo para ſe eſcreverem, como para ſe obrarem; e para conſeguir muitas vitorias ſobejava o esforço, e faltavão os conflictos; deixando as gentilezas de ſeu valor lugar à emulaçaõ, não ao exemplo.

Foy o melhor retrato daquelle grande, e memoravel Heroe ſeu aſcendente, que poucos igualàraõ, nenhum excedeu, pulſando-lhe nas veas o meſmo ſangue, e no coraçaõ iguaes eſpiritos para as empresas mais arriſcadas, e para as occaſiões mais perigoſas: taõ parecidos os venera a Fama, que não baſta para a diſtinçaõ das peſſoas a diſtancia de tantos ſeculos; e para que a copia em nada deſmentiſſe de tão eſclarecido original, teve com a Fortuna o meſmo nome, ficando ambos a pezar da morte hum eterno, outro immortal.

Fez grande apreço das ſciencias, e eſtimação dos profeſſores, e ſugeitos Letrados, conhecendo quanto importavaõ ao bom regimen da Republica, e que as Monarchias igualmente dependião das armas, e das letras; de humas para ſe adquirirem, de outras para ſe conſervarem: e aſſim empregava na lição dos livros o tempo, que lhe reſtava do exercicio de ſuas occupações, com taõ continua applicaçaõ, e tal aproveitamento, que era a ſua memoria hum Archivo de tudo o que era digno de nome acontecido em todas as idades do Mundo; valendo-ſe a ſua diſcriçaõ deſte theſouro de ſucceſſos preteritos para as reſoluções dos caſos prezentes.

Empregou-ſe ſempre no Real ſerviço com aquella fidelidade, inteireza, e izençaõ, que experimentou o Reyno, ſendo taõ igual na juſtiça, que nenhum reſpeito poderia inclinar o fiel da balança. Nelle tiverão os Monarcas ſugeito benemerito dos mayores empregos, e homem para tudo por approvaçaõ de todos.

 Alèm

Além de muitas prendas, e ſingularidades, de que era dotado, teve o genio taõ pouco altivo, taõ comedido, e humano, que ſendo quem foy, e quanto havia que ſer, nada preſumio do que era, portando-ſe como ſe o naõ fora.

Naõ ſe poupou a trabalho, ou fadiga para ſatisfazer às obrigações aſſim da Toga, como do Baſtaõ, aſſiſtindo com a mayor pontualidade aos Tribunaes, Conſelhos, deſpachos, e a tudo o mais, que lhe ordenavaõ as Mageſtades. Intereſſàraõ muito os lugares, que ſervio, porque os honrou com a authoridade da ſua peſſoa, e com a pureza de ſeu procedimento, cujas diſpoſições podiaõ ſervir de Areſto, e darſe por regimento aos ſucceſſores.

Verdadeiro Portuguez, e fideliſſimo Vaſſallo no amor, e obediencia a ſeus Soberanos, no amparo dos Povos, e zelo do bem commum; pois foy hum dos principaes inſtrumentos da conſervaçaõ dos Monarcas naturaes, a quem a naçaõ deve a liberdade, e as fortunas, e os Portuguezes as ſuas felicidades; ſendo Arbitro das noſſas venturas em todas as emprezas, que ideou a comprehenſaõ de ſua intelligencia, e executou a efficacia de ſua reſoluçaõ.

A taõ avultados, e inimitaveis ſerviços ficou devedora a Patria, e obrigada a Coroa, pois no muito que obrou, deyxou eternamente acredor o merecimento, não podendo eſte ter igual ſatisfaçaõ, porque excedendo a esfera do premio, ſó a remuneraçaõ podia imaginarſe, e não contrahirſe. He poderoſa eſta gloria a deſpertar o deſvanecimento proprio, e a emulaçaõ alhea, pois quando he inculpavel a inveja, he racional a vaidade.

Teve hum animo conſtante, ſuperior a toda a deſgraça, e mayor que toda a Fortuna, não o movendo a ſua roda, nem o mudando a ſua inſtabilidade: como ſabio dominou os Aſtros nos ſeus influxos, como prudente o deſtino nas ſuas deſordens: igualmente diſcretas naceraõ para elle as ditas, e os pezares, porque todos os exceſſos ſoube reprimir a reflexaõ do ſeu diſcurſo, e a firmeza de ſua reſignaçaõ. Taõ deſaffogado ſe via o ſeu peito nas proſperidades, e adverſidades da ſorte, que nunca houve ſucceſſo, que alteraſſe a conſtancia de ſeu coraçaõ, porque foy ſempre o meſmo homem em diverſas fortunas; ſem que em tão encontrados accidentes ficaſſe deſluſtrozo o credito, eſcrupuloſa a lealdade.

Conſeguio a eſpecial graça de ſer bem quiſto com todos, moſtrando-ſe

trando-se agradavel aos grandes, affavel aos pequenos, porque mereceu ser objecto da attençaõ da nobreza, e da veneraçaõ do povo: soando tão distantes os ecos de suas acclamações, que ainda teve mais venerações ao longe, que ao perto; conciliando no mesmo tempo o respeito dos estranhos, e o amor dos naturaes. Para a sua fama he pequeno theatro o Universo, pedindo mayor esfera a sua grandeza: e hade avultar mais o seu nome no tempo vindouro, que no prezente; e como a hum dos grandes Heroes ha de celebrar o Mundo em seus Obeliscos, a posteridade em seus Annaes.

Varaõ insigne, mayor que toda a ponderaçaõ, a quem não pode debuxar o pincel mais primorozo, nem descrever a penna mais fina, porque naõ chega a expressaõ da lingua ao que naõ cabe no conceito. Nelle se via a authoridade sem orgulho, a affabilidade sem desdouro, a magnificencia sem luxo, a prudencia sem fingimento, e a piedade sem ostentaçaõ. Era discreto sem presumpçaõ, cortesaõ sem lisonja, affavel sem facilidade, valente sem affectaçaõ, grave sem arrogancia, liberal sem arte, generozo sem estudo: Heroe, em quem não acharaõ que desculpar os annos, que perdoar os empregos, que apadrinhar a grandeza, nem que dissimular a fortuna.

Terminou finalmente a gloriosa carreira de seus annos, seguindo-se a tão justificada vida preciosa morte. Acabou quem devia viver sempre! Mas foy preciso declinar este Astro para o Occaso para renascer em melhor Orizonte, cuja perda chorarà sempre a nossa màgoa, e a sua memoria se eternizará na nossa dor, para viver perpetuamente assumpto do nosso pranto, emprego dos nossos suspiros, e eterna saudade da nossa lembrança.

O Duque Dom Jayme, em quem o pezar obrou todos aquelles excessos, que acreditaõ a dor sem desauthorizar o soffrimento, fez na morte de seu pay tudo o que devia à piedade, igualando os suffragios do amor, e da obrigaçaõ; succedeu-lhe nos bens, e nas virtudes, fazendo-se, assim como da fortuna, herdeiro do seu merecimento, porque nas suas acções se vem reprodusidas as paternas, sendo duas vezes filho, na natureza, e na semelhança. E ainda que não tivera meritos proprios tão relevantes, achára sempre na Magestade tão vivas lembranças dos serviços de seu Pay, que quizera antes ser herdeiro de sua memoria, que de toda a grandeza de sua Caza.

Descreveu por insinuaçaõ superior as operações do Duque

que, depois que ſentio em hum accidente o primeiro aſſalto da morte, referindo com a mayor diſtincçaõ todas as palavras, que proferio, e todas as acções, que obrou, ſem lhe faltar a minima circunſtancia, diſpondo os ſucceſſos com taõ boa ordem, e relatando-os com tanta diſcrição, que parece ſe eſtão obrando ao meſmo tempo, que ſe eſtão lendo. O eſtylo he proporcionado à hiſtoria, em que ſe une o natural com o culto, e o grave com o elegante! Naõ tem Regra ocioſa, oração ſuperflua, termo que não ſeja proprio, palavra que não eſteja em ſeu lugar, e tudo tão coherente, e ajuſtado, que ſem duvida ha de convidar a attenção dos curioſos, e ſatisfazer o goſto dos Leitores.

E porque nem toda a grandeza do Gigante ſe conhece cabalmente por hum dedo, nem a luz ſe diviza bem pela ſombra; eſtimaramos ver deſcriptas, e eſtampadas todas as acções da vida deſte Heroe, que ſeria o melhor exemplar para o procedimento dos Varões illuſtres, e o mayor eſtimulo de virtudes para todo o genero de peſſoas Quem pois compoz eſta breve narrativa, ſó podia ſer digno Homero deſte Achilles, e Plutarco deſte Alexandre, porque ſó a ſua penna podia alentar as azas da Fama para os mais remontados voos: e ſeria eſta grande, e notavel hiſtoria ſegundo nacimento de quem mereceu a duração de muitos annos; dando o Duque a vida da memoria a quem lhe deu a da natureza, porque renaſcendo o Pay na penna do filho, daria eſte nova vida, e immortal a quem lha deu caduca.

Nem as razões do ſangue farião eſcrupulo em ordem à fedelidade da eſcritura, e verdade da hiſtoria: porque o Duque por quem he, e pela ſua grande inteireza dá o ſeu a ſeu dono, como he notorio, e ſendo tão recto, que ſó o inclina a razaõ, havia de fazer juſtiça a ſeu meſmo Pay. E quando na tal hiſtoria ſe faltaſſe à verdade, ſeria por defeito, e não por exceſſo, pois por mais que ſe diſſeſſe, não poderia referirſe tudo o que o Duque chegou a obrar, porque excedeu ao que os Hiſtoriadores podem deſcrever, e ainda ao que os Poetas podem fingir.

Os Sermões, e Orações funebres eſtão muy conformes às leys da predica, e aos preceitos da Oratoria, com ideas tão bem fundadas, e tão bem nacidas, penſamentos tão ſublimes, Textos tão adequados, e razões tão concludentes, com tanta eloquencia, e erudiçaõ, que cada Oracão ao meſmo paſſo que he diſcreto elogio do ſeu objecto, he grande abono do Orador. As Poeſias ſaõ a quinta eſſencia da arte, e felices partos de tão fecundos Engenhos,

já

jà graduados por eleição de Apollo no monte Parnaſo, onde be-
berão a ſciencia nas correntes da fonte Cabalina: a excellencia do
aſſumpto incitou o furor poetico, e lhe apurou o diſcurſo a pro-
ferir tão elevados conceitos, ſendo eſte a Muſa, que lhe aparou
a penna, e lhe temperou a Lyra, para que os raſgos de huma af-
finaſem a conſonancia ao toque da outra.

E porque não contèm eſta obra couſa alguma, que deſdiga da
pureza, e ſe opponha à verdade de noſſa Santa Fê, e bons coſtu-
mes, he digniſſima pela materia, e pelo Author do primeiro, e
melhor lugar no prelo, e de conſeguir por meyo da eſtampa a
multiplicaçaõ de muitos volumes, e a duraçaõ de muitos ſeculos
para credito deſta Monarchia, abono da naçaõ Portugueza, e
honra da poſteridade hereditaria da gloria de tão illuſtre aſcen-
dente. He o meu parecer, V. Eminencia mandará o que for ſervi-
do. Lisboa Occidental no Hoſpicio do Duque 6. de Janeiro de
1729.

Fr. Boaventura de Saõ Giaõ.

*APPROVAC,AM DO REVERENDISSIMO PADRE MES-
tre D. Antonio Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Pro-
videncia, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Real
Academia da Hiſtoria Portugueza.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

MAndame V. Eminencia ver o livro intitulado Ultimas acções
do Duque Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, eſcritas
por ſeu filho o Duque Eſtribeiro mòr. Confeſſo ingenuamente
que me he preciſa toda a cega obediencia, com que devo ſatisfa-
zer aos preceitos de V. Eminencia para haver de interpor o meu
parecer em materia tantas vezes grande aſſim pelo aſſumpto, co-
mo pelo Eſcritor: porque, Senhor Eminentiſſimo, parece que eſ-
ta obra naõ neceſſitava de qualificaçaõ, porque eſtes dous Princi-
pes nas materias da Fé a tem feito tão publica nas demonſtrações
da ſua veneração a eſte Santo Tribunal, que nem as acções do Pay,
nem os eſcritos do filho podem ter mayor abono, do que o ſupre-
mo conhecimento de V. Eminencia; porèm a ſingular rectidaõ,
com que V. Eminencia obra, atè neſta formalidade moſtra a ſua
incomparavel prudencia, querendo que ſirva de exemplo aos vin-
douros

douros esta publica veneraçaõ, com que o Duque Estribeiro Mòr respeita o Tribunal da Fé.

E assim satisfazendo à obrigaçaõ de hum rigido Censor, dizendo que nada contèm este volume contra a nossa Santa Fé, ou bens costumes, digo que só hum homem tão grande, como foy o Duque, que desde os primeiros annos encaminhou os seus passos a fazerse hum digno lugar no Templo da Memoria entre aquelles Heroes, que o Mundo acclamou grandes, podia ter tão digno Escritor como seu filho o Duque Estribeiro Mòr, tão semelhante a seu Pay nas virtudes, e nos accidentes, que com admiraçaõ os equivocamos, desorte, que nos não faltou o Duque, porque em seu filho o temos prezente, quando o vemos taõ semelhante nas acçöes paternas, que no soccorro, e no remedio de todo o genero de desgraçados parece que está satisfazendo os legados do Pay; e na satisfaçaõ da sua justiça, e da sua grandeza mostra o Duque Estribeiro mòr, que he dignissimo filho do Duque General, como disse de Constantino o seu Panegyrista: *Justitiam verò patris, atque pietatem sic imitaris, & sequeris, ut omnibus ad te confugientibus, diversamque opem, aut contra aliorum injurias, aut pro suis commodis postulantibus, quasi legata patris videaris exolvere; idque ipsum coram gaudeas prædicari: quidquid tu justè ac liberaliter feceris, filium Constantij necessariò præstitisti.*

Estas ultimas acçöes da vida do Duque saõ verdadeiramente a coroa daquellas virtudes, que taõbem soube exercitar na vida, e taõ fielmente saõ referidas, como escritas no mais puro idioma da nossa lingua. Disse que eraõ fielmente referidas não só pela verdade do Duque, que as escreveu, mas porque fuy testemunha de vista da mayor parte dellas, pois tive a honra de acompanhar ao Duque às Caldas, servindo se da minha inutilidade para lhe assistir entaõ, (honra, que por muitas vezes me repetio) e em todo o tempo que esteve naquella Villa, não vi mais que exercitar actos de heroyca piedade na caridade do proximo, e não menos da Religião.

He certo que se não fora taõ excessiva a modestia do Duque Estribeiro Mòr, só elle pudera formar huma larga, e ultima Historia dos gloriosos successos da vida do Duque seu Pay: porque na quelle Principe se virão praticadas as virtudes, de que se ornáraõ os seus preclarissimos ascendentes, no vagaroso curso de tantos seculos, para caberem quasi em hum, que lhe durou a vida, combatida de casos prosperos, e adversos, em que lusio o seu heroyco

valor,

valor, com huma imperturbavel conſtancia, huma incomparavel fidelidade, e com huma prudencia tão ſingular, que ſe fez admiravel a todos, aſſim na politica Chriſtãa, como na piedade, e na Religião, deſorte, que para conſeguir o preeminente lugar da eſtimaçaõ dos homens, nada lhe ſervio menos, que a grandeza da elevadiſſima repreſentação da ſua Caza, porque as proprias virtudes da ſua peſſoa lhe adquirirão com amor hum reſpeito univerſal.

Nas outras partes, de que eſte volume ſe compõem, que pertence às honras, que nas terras dos Eſtados do Duque lhe fizeraõ os ſeus Vaſſallos com orações funebres, e tambem em muitas Igrejas deſta Corte, ſaõ todas excellentes, e algumas admiraveis, às quaes baſta ſó o nome de ſeus Authores para as fazer recomendaveis na eſtimação. Naõ ſaõ menos dignas de louvor as obras metricas, em que o elevado Enthuſiaſmo dos Poetas arrebatou a Lyra de Apollo, para com funebres, e ſuaves cantos fazerem menos rigoroſa a ſaudade, que todos os que temos a ventura de ſer Portuguezes, devemos à memoria deſte incomparavel Varaõ. Concluo dizendo que eſta obra he digniſſima da licença, que o Duque Eſtribeiro Mòr pede para a imprimir, e que V. Eminencia interpondo a ſua amiſade, e reſpeito lhe deve recomendar não retarde o fazella publica; *iſto* he o que ſinto. Lisboa Occidental na Caza de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Janeiro de 1729.

D. Antonio Caetano de Souſa Clerigo Regular.

VIſtas as informações, pòde-ſe imprimir o livro intitulado Ultimas acções do Duque D. Nuno, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 14. de Janeiro de 1729.

Fr. R. Lancaſtre. *Cunha.* *Teyxeira.* *Sylva.* *Cabedo.*

DO ORDINARIO.

APPROVAC,AM DO REVERENDISSIMO P.M Fr. AGOSTInho de S. Boventura, Religioso da Ordem de S. Paulo, Lente jubilado na Sagrada Theologia, e Exgeral da sua Religiaõ.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

SUperflua parecia a relação das Ultimas acções do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello escrita por seu Excellentissimo filho o Duque Estribeiro Mòr D. Jayme de Mello, que V. Illustrissima me manda ver; porque desde o tempo, em que passou desta para melhor vida, as deyxou jà impressas na nossa memoria a admiração, e nos nossos corações o sentimento. Porèm agora conheço q̃ he precisa, não para renovar, mas sim para engrandecer a nossa dor, a nossa saudade, e as nossas lagrimas, às quaes só lhe faltava a grandeza de serem tão nobres pelo instrumento, como eraõ pelo motivo. Grande foy o pranto de todo Portugal, quando a Fama divulgou aquellas ultimas tão christãas, como heroycas acções do pay, mas muito mayor será agora quando as refere o amor do filho; que para excitar affectos saudosos he mais eloquente, mais terna, e por isso mais poderosa a lingua do amor, do que as da Fama. As operações deste inexplicavel Heroe assim militares, como politicas na diversidade de tantos tempos, negocios, successos, e accidentes taõ graves, como notorios ao Mundo, que occorréraõ na sua taõ larga idade, e ainda mayor pelos acertos, que pelos annos, todas foraõ sempre tão proveitosas ao bem commum, e aos interesses publicos, que com ellas pagou tudo, quanto devia (e devia muito) à Patria na primazia do nascimento, à Coroa no parentesco das Magestades, e a estas na especialidade das estimações; sendo taõ relevante o merecimento dos seus serviços, que a impossibilidade do premio fez conhecer aos nossos Augustissimos Monarcas que não tinhaõ remuneraçaõ condigna, se naõ quando se lhe davaõ a si mesmos. Porèm o seu Excellentissimo filho deixando todos estes gloriosos, e copiosissimos materiaes para que as historias componhaõ delles hum perfeito exemplar de Generaes, de Ministros, de Conselheiros, e de Principes com que a posteridade possa instruir, e ennobrecer os Exercitos, os Tribunaes, e os Palacios, sómente elegeu para assumpto da sua taõ pura, como discreta narraçaõ o fim, e por isso a coroa de tudo, quaes saõ as

as ſuas ultimas acções: foraõ eſtas hum claro, e anticipado conhecimento da morte, huma generoſa, e efficaciſſima deſeſtimação de tudo o que naõ era ſeu, e hum fervoroſo, e continuo exercicio de todos aquelles actos, que abrem o caminho para elle; e bem moſtra neſta eſcolha, que entre as excellencias de hum tão grande progenitor lhe levaõ as attenções mais que as proezas as virtudes; humas, e outras ſeriaõ inimitaveis, ſe naõ tivera naſcido eſte Excellentiſſimo filho, em cujo vivo retrato quiz o pay perder a ſingularidade, ſó por continuar à Patria os beneficios; hum dos quaes ſerá eſte livro, que me parece digniſſimo não ſó do prèlo, mas da eternidade: porque àlem de ſe conformar em tudo com as verdades da Fé, e doutrinas da Igreja, nas ultimas acções deſte Catholico Principe enſina a todos não menos que a importantiſſima arte de morrer bem. Lisboa Occidental no Convento do Santiſſimo Sacramento da Ordem de Saõ Paulo primeiro Eremita 17. de Fevereiro de 1729.

Fr. Agoſtinho de S. Boaventura.

VIſta a informaçaõ, pòde-ſe imprimir o livro, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19. de Fevereiro de 1729.

DO PAÇO.

CENSURA DE JOZEPH DA CUNHA BROCHADO, do Conselho de Sua Mageſtade, Fidalgo de ſua Caſa, Conſelheiro de ſua Real Fazenda, Chanceller das Ordens Militares, Deputado da Junta da Fazenda, e Eſtado da Rainha Noſſa Senhora, Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, Enviado extraordinario que foy nas Cortes de Londres, e de Pariz, e primeiro Plenipotenciario na Corte de Madrid para o ajuſte dos Caſamentos do Principe Noſſo Senhor, e da Senhora Princeza das Aſturias.

SENHOR.

TEnho lido com toda a attençaõ que merecem pela materia, e pelo nome do Eſcritor, as ultimas acções do Duque Dom Nuno Alvares Pereira, que ſeu filho o Duque Eſtribeiro môr pertende communicar ao publico. Eſta acçaõ do Duque Dom Jayme he taõ digna de hum taõ grande filho, como foy jà mandada praticar por hum grande Pay.

O Emperador Conſtancio, Pay do grande Emperador Conſtantino, na ultima hora da ſua morte fez vir à ſua preſença o Senado, e a Corte, e diante de todos diſſe, que elle morria contente, e glorioſo, porque deixava na peſſoa daquelle filho o ſeu melhor Epitafio, e o ſeu melhor monumento ſepulchral.

O Duque Dom Nuno Alvares morreo com o meſmo contentamento, e com a meſma gloria, deixando na peſſoa do Duque ſeu filho que naõ he menos Chriſtaõ, que Conſtantino, nem menos digno de Imperio, que elle, o ſeu mais fiel Epitafio, e o ſeu mais ſeguro monumento, pois nas memorias, que agora publica das ultimas acções de ſeu grande Pay, obrando eſſas meſmas acções, he elle meſmo o melhor Epitafio que as refere, e o melhor monumento que as lembra.

Tiberio repetio em publico a Oraçaõ funebre de ſeu Pay. A meſma Oraçaõ recitou Licinio Craſſo em honra das Exequias de ſua mãy Popilia; e em louvor das virtudes recomendaveis de ſua tia Julia diſſe o meſmo Julio Ceſar ſemelhante Oraçaõ.

Os filhos, e taes filhos, ſaõ os mais intereſſados Eſcritores das acções virtuoſas de ſeus Pays, e de taes Pays; porque ſe eſcrevem mais, poem em ſi mayor obrigaçaõ de imitallos; e ſe eſcrevem

vem menos, poem em si mayor obrigaçaõ de supprillos.

Estas pois bem escritas memorias, que saõ huma saudosa recomendaçaõ da piedade, e da religiaõ do Duque, que o levou tambem a ser grande, e a ser mayor na Corte do Rey dos Reys, merecem que se imprimaõ, e que se estudem; e este he todo o meu parecer, naõ cabendo mayor discurso nos rigorosos dictames da Censura, e no curto talento do Censor. Vossa Magestade mandarà o que for servido. Lisboa Oriental 24. de Fevereiro de 1729.

Joseph da Cunha Brochado.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 26. de Fevereiro de 1729.

Pereira. *Teixeira.* *Bonicho.*

EXCEL-

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

MEu Senhor, a resoluçaõ, que V. Excellencia tomou de escrever as ultimas acções de seu grande Pay, obriga a todos os que amão a mayor virtude, e o mayor acerto, a dar a V. Excellencia muitos louvores, e ainda entre memoria taõ funebre iguaes parabens. Se V. Excellencia escrevera as acções deste Varaõ taõ benemerito da Patria na idade juvenil, ou na provecta, proporia exemplos para os annos tenros, e verdes, e para os maduros, e sazonados; escrevendo V.Excellencia as acções, que elle obrou na visinhança da sua morte, offerece V.Excellencia exemplos para todos sem distincçaõ. Oh resoluçaõ mais paternal, que filial! Oh escolha inspirada mais pelo zelo de Catholico, que pela veneraçaõ de filho! Se V. Excellencia historiara as acções do valor do Excellentissimo Duque, teriaõ que imitar os animosos, mas naõ os cobardes: se historiara as acções de grandeza, teriaõ que imitar os liberaes, mas naõ os avaros, se historiàra as acções de piedade, teriaõ que imitar os compassivos, mas naõ os crueis: se historiara as acções de madureza, e de justiça, teriaõ que imitar os prudentes, mas naõ os temerarios, os rectos, mas naõ os injustos. Referindo V. Excellencia as ultimas acções deste Heroe, ninguem fica defraudado do beneficio das suas doutrinas, e documentos; porque todos saõ mortaes sem nenhuma differença. Naõ posso acabar de admirarme à vista da preferencia das ultimas acções! Se V. Excellencia dera principio a esta obra com a alta origem da sua Casa, e a continuasse com as mais virtudes, de que he authora, e conservadora a mesma origem, não se lembraria V. Excellencia de tanto esplendor assim do sangue, como das virtudes sem perigo da sua modestia; discorrendo V. Excellencia pelas ultimas acções de seu Pay, nunca terá memoria dellas sem proveito da sua edificaçaõ. Os outros filhos relataõ as acções de seus Pays com jactancia das primeiras, e com horror das ultimas; Vossa Excellencia conta com tal affecto a piedade das ultimas, que só as pondera como tendo horror às primeiras. Alguns nas suas historias deixão tão desfigurado o desengano, como o mesmo cadaver dos seus Heroes,descrevendo desorte as acções, que executaraõ, que naõ he possivel aprenderse dos assombros da morte, senão dos agrados da vida. V. Excellencia na sua historia para evitar esta ruina, que nas acções de tão illustre Pay havia de ter mayor effeito, referio a religião, e callou o brio, author de muitas desor-

defordens, referio a conformidade, e callou o valor confelheiro de muitas imprudencias, referio a caridade, e callou a grandeza meftra de muitos exceffos, referio a docilidade, e callou o engenho, inftrumento de muitas defattenções. Oh que reticencia tão eloquente por fer menos da arte, que da natureza! E como he difcipula daquella obediencia cega, ou illuftrada, que V. Excellencia teve, e profeffou a feu gloriofo Pay! Mas quem foy tão obediente aos primeiros acenos do feu gofto, como o não havia de fer às ultimas acções da fua vontade? Eftas faõ as honras, que recebem os Pays da fã doutrina, que dão aos filhos, eftes faõ os frutos, que colhem os filhos da reverente fugeição, que confagrão aos Pays! E fe V. Excellencia affim efcolhe as acções de hum Pay, em que entra com veneração, como efcolherá as alheas em que entra com liberdade, e como efcolherá as proprias, em que entra com modeftia? Mas fe eu não temera o juizo de V. Excellencia, que a fua modeftia he certo que a não temo, pois a não imito, eu lembràra a V. Excellencia muitas acções de feu Pay feitas nos primeiros annos, que podião fervir de exemplar não fó para dirigir a ultima idade, mas para fegurar a ultima hora. Referillas ha com jubilo, quando eu as callo com violencia, a edificação de huns, o agradecimento de outros, e a juftiça de todos. Quem fe não V. Excellencia bufcou por alivio da dor de huma faudade a lembrança de hum dezengano! Quem fe não V. Excellencia quiz que foffe a memoria do Pay mais celebrada, ainda que ficaffe o coração do filho mais laftimado! Quem fe não V. Excellencia expoz a fineza do fentimento à calumnia, que traz comfigo o acerto nelle, fó para que a gloria do Pay fe veja no mais difficultofo? Se eu não poffo continuar a materia de enternecido, vendo a V. Excellencia com tanto nome por efta eleyção, como poderia V. Excellencia formalla no feu conceito, e reduzilla a expreffões, meditando a mayor defgraça, que pode ter hum bom filho, que he a perda de hum Pay heroico, e fingular? Diffe meditando, e não experimentando, porque em V. Excellencia fempre faõ mayores os effeytos da fua meditação, que da fua experiencia. Oh que laftima, mas fem abalo, oh que penna mas fem confufaõ caufaria em V. Excellencia confiderarfe obrigado pela mefma materia ao mayor fentimento, e ao mayor acordo, ao mayor fentimento como amante do Pay, a quem honra na pofteridade; ao mayor acordo como zelozo da Patria, a quem refpeita no louvor de hum tal filho, ao mayor fentimento por renovar a dor de tão grande perda na lembrança propria, ao

mayor

mayor acordo por deyxar impreſſos os exemplos de hum Heroe na memoria alhea, ao mayor ſentimento por ſobreviver ao Pay ainda quando lhe eterniza as ſuas virtudes, ao mayor acordo por não morrer com elle, igualandoſe-lhe na fama, e não na deſgraça! E que bem empregado diſcurſo nos louvores de hum Pay conforme, de hum Pay conſtante, e de hum Pay deſenganado, e que bem empregado tempo em preferir, e engrandecer as acções, que ſó tocão à eternidade! Por conta della corre o agradecimento de empreza mais ſagrada, que illuſtre, mais digna de inveja, que capaz de imitação, mais para inflammar os animos na gloria de tal Pay, e na piedade de tal filho, que para os laſtimar com a ſaudade do que morreu, e com a màgoa do que ficou. Eu terey, Excellentiſſimo Senhor, pela minha mayor honra, ſe V. Excellencia aceytar eſtas reflexões não para ſe obrigar do meu ſerviço, mas para ſe confirmar no meu reſpeyto. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Caza 2. de Dezembro de 1728.

M.A.E.M.C. de V.Excellencia.

Excellentiſſimo Duque Eſtribeiro mòr.

Marquez de Valença.

AO

AD EXCELLENTISSIMUM DOMINUM DUCEM Cadavalenſem, qui Patris ſui poſtrema vitæ acta ſcripſerat.

EPIGRAMMA.

ULtima dum ſcribis dilecti geſta Parentis,
Prima etiam narras, cuncta ſimulque refers.
Dimidium facti ſi, qui bene cæpit, habebit,
Totum (quis dubitat) qui bene finit, habet.

Emmanuel Telleſius Sylvius Marchio Alegretenſis.

EPIGRAMMATA.

1.

PAr erat ut vitam ſolus patris ipſe referres,
Qui ſolus poteras tam pia facta ſequi:
Sic imitanda tibi narras dum geſta parentis,
Tu rerum ſcriptor, tu ſimul author eris.

2.

Optima perſcribis dum ſic pius acta parentis,
Jam tenet æterni nominis ille decus:
Gloria ſed maior patris eſt, quod filius ipſe,
Quam quod ſis hujus conditor hiſtoriæ.

3.

Vis pietate alios natos ſuperare, parentis
Ultima dum nobis miraque facta refers:
Ingens illa patri, ſunt quod bene geſta, dedere
Nomen, at æternum, quod tibi ſcripta, dabunt.

4.

Ultima dum narras clari benefacta parentis,
Ille ſit in toto notus ut orbe facis:
Sic pater ègregius, fortis, pius, inclytus heros
Maior & hiſtoriâ eſt, ſed minor hiſtorico.

Joſephus de Portugallia Comes Vimioſenſis.

EPIGRAMMA.

Mira Ducis ſcribit dum filius acta parentis,
(Res miranda !) Patris fit pater ipſe ſui.
Hauſerat a magno vitam genitore caducam;
Manſuram tribuit perpetuamque patri.

Aliud

Gloria ſi patris eſt nati ſapientia, patri
Gloria quanta tuo, cujus es hiſtoricus!
Patris enim ſic facta refers, videaris ut inter
Hiſtoricos ingens conſpicuuſque gigas.
Deneget ergo patrem poſt funera nemo beatum,
Funera poſt talis gloria quem ſequitur.

Aliud

Ultima cur tantùm, Dux maxime, facta recenſes,
Miraque tot retices anteriora patris?
Nimirum fuit ille gigas, nec corpore tantùm,
Aſt etiam factis; ex digito-que gigas.

Aliud

Inclyte Dux, patris cur facta noviſſima narras,
Et cedro, ac Cælo cætera digna taces?
Cæpiſti quà finis erat; nec ſcribere cuiquam
Cuncta ſimul tanti fas bene geſta viri.

Aliter

Nunc ſcio, cur memoras, Dux, acta noviſſima tantùm,
Et memoranda patris cætera miſſa facis:
Scilicet ut finem facias: nam cuncta referre
Non opis humanæ eſt inclyta geſta patris.

Aliud

Hæc, quæ defuncto condit monumenta parenti
Filius, ipſius ſuntne ſepulcra patris?
Sunt monumenta quidem. Sed quæ monumenta? Monentis,
Sit quanto genitor dignus amore, Ducis.
At monumenta vocet, vel quis vocet illa ſepulcra,
Nullæ ibi ſunt umbræ, clarior imò pater.

Aliter

Facta ſuprema Ducis non littera ſola, ſed una
Artis Apelleæ nobile vulgat opus.
Scilicet ut tanti dignè patris acta referret,
Indiguit tantus ſcriptor Apellis ope.

P. P. A. e S. J.

AD

AD EXCELLENTISSIMUM DOMINUM DUCEM Cadavalensem scribentem, & typis mandantem extrema gesta Excellentissimi Ducis parentis sui,

EPIGRAMMA.

NONIUS emoritur pietate insignis, & ipsâ
  Morte fugit pietas cùm pia vita fugit.
Sed pia conscribis, DUX OPTIME, gesta parentis,
  Ne possit pietas cum moriente mori.

Emmanuel Tojalius Silvius Clericus Regularis.

AD AUCTOREM.

JAmius haud curat victuris tradere chartis
  Famæ securus bellica gesta patris:
Supremæ scribit, dixit quæ tempore vitæ,
  Dum pius ad superos morte parabat iter:
Quæ vivens fecit tantusque amplectitur hæres
  Virtutis, sospes ista diu referat:
Ast quæ jam moriens egit Dux optimus, illa
  Seriùs à nato sint imitanda precor.

M. Men. Pinarius.

AD EXCELLENTISSIMUM DUCEM JAMIUM Excellentissimi Ducis patris sui postrema acta literis mandantem.

EPIGRAMMA.

DUx excelse patris tam prudens gesta recondis,
  Quàm mortem solers ipsius ipse doces.
Quâ ratione etenim posset concludere codex,
  Quæ malè pro meritis orbis uterque canit?
Sed functum ut credant, quem cuncti numen adorant,
  Cogere nil prorsùs, te nisi teste, valet.
Occidit, haud dubito: sed per te à morte reductum,
  Et tua dicta probant, & tua facta notant.

Felices igitur longos & vive per annos,
In te quisque sales, patris & ausa leget.

Claudius Tonnelet.

AD AUCTOREM.

EPIGRAMMA.

ULtima cùm scribis memorandi gesta parentis,
Occasúsque pii jura sacrata doces:
Ancipitem me cura tenet; plus debeat, oro,
An genitor gnato, gnatus an ipse patri?
Non tamen in partes fas est discerpere mentem;
Majori superat gnatus amore patrem.
Dat genitor vitam post secula longa caducam,
Secula dat gnatus non peritura patri.

Josephus Barboza Clericus Regularis.

MARCHIO ALEGRETENSIS.
Duci Cadavalensi.

ELEGIA.

POstquam extrema tibi genitor mandata reliquit,
Debuit inque suos flebilis ire rogos;
Mox pius exequias solvis, tam ritè paratas,
Ut cineres claros vivere rursùs agas.
Mens fuit ad bustum luctus dare signa recentis;
Propositum at transit nostra querella diem.
Nunc sed amicitiæ vis urget; nunc & amici
Implendi munus cura movere chelym.
Et quoniam tanto cithara est aptanda dolori,
Pars erimus populi magna dolentis idem.
Qualiacumque decent lauris, hederâ que virente,
Mixtaque cum violis, nexaque serta dabo:
Feralemque meis perfundam fletibus urnam;
Nec mæsto cessant imbre madere genæ.
Qui minuat luctus opus est; solamen amici
Aspera plùs aliis fata levare solet.
Ergo fac liceat tecum lugere parentem,

Queis

Queis adſunt lachrymis corda propinqua tuis:
Et mihi præcipue, qui proximitate ruinæ
Tam ſimilem ſtatuo me tibi, teque mihi.
Cumque tuo vellem noſtrum confundere planctum;
Ad flendum (fateor) non ſatis unus eram.
Ipſa diu tenuit lachrymas vis tanta doloris;
Poſt tamen erumpit plenior unda morâ.
Contigit hoc aliis; fuit & concordia fletus
Talis in hoc populo, qualis amoris erat.
Omnes flent tecum; flet miles; fletque ſacerdos;
Flent proceres; pauper, dives & ipſe dolet:
Maximum & Aula decus ſibi lamentatur ademptum;
Lyſia ſe queritur patre carere ſuo.
Dum celebrant omnes armatæ ex more cohortes,
Quas pedes exequias reddit, equeſque ſimul;
Tranſquetagana ferunt mæſtum per opida funus,
Heu? Quibus in terris tanta tropæa tulit.
Obvia turba ruit, planctus quibus omnibus idem,
Et Ducis erepti publica damna gemunt.
Pars referunt partos ſumma cum laude triumphos;
Pars quantum Patriæ profuit ille refert.
Muneribus quantis, quantis virtutibus auctum
Pars memorat, quantum pauperibus que dedit.
Pars genus antiquum, deductum ab origine Regum,
Pars illi annumerant ordine Regis avos.
Cœpta ſecundavit, loquitur pars altera, Regum
Multorum ingenio, conſilioque ſuo.
Agnoſcunt omnes, omnes uno ore fatentur
Omne illum Imperii poſſe cavere malum.
Sic loca cuncta ſonant mæſtis impleta querellis,
Luſiadum quòd erat penè ſepulta ſalus.
Laudibus è tantis, quas plebs vulgaverat omnis,
Quæcumque, ex merito quod venit, æqua venit.
Quare jam eſt animus lachrymarum claudere rivos,
Cum te non lateat nos gemuiſſe ſatis.
Quid tibi mentis erat, quod non mihi corde maneret?
Quid mihi cordis erit, quod tibi mente negem?
Vivimus ambo ſimul, communis, & una voluntas
Concordes ſemper nos ligat, atque movet.
Gaudia nos eadem tangunt, nos angor & idem,
Affectus ſimiles alter, & alter habet.

Sic

Sic ego contineam fletus, positoque dolore,
Gratulor, & grates, quas queo, solvo tibi,
Quòd genitor, Lysias iterum delatus in oras,
Fecisti redeat, dum fera fata negant.
Vivet & in terris, quamvis ereptus ab illis,
Unquam nec nostro corde abiturus erit.
Quid Pharios memorem tumulos, quos Memphis adorat?
Et quos Mausoli struxerat uxor amans!
Proditur â flammis pietas tua magna sepulchri.
Ah! Quantum justi justa parentis habent.
Ipse cinis patris nati conflagrat amore,
Et face funereâ splendida fama nitet.
Si Troja Æneam titulo pietatis honorat,
Lysia te simili nomine jure vocet.
Quòd ferat ille humeris, famæ quòd vexeris alis,
Ambo patrem colitis, tu memor, ille pius.
Eripuit flammis corpus tantùm ille parentis,
Aufers tuque patris nomen ab igne rogi.
Oh! Quanti nati capient à nomine lucis,
Quæ patriis meritis conspicienda forent.
Mors aliis regnat tumulis, hoc gloria surgit,
Ludibrium & Parcæ, quem tegit, esse vetat.
Omnia mors tumuli duro sub marmore condit,
Hujus & è puro lumine multa micant.
Clarior haud alitèr pulsa Sol nube refulget,
Lunaque lucidior, quam solet, indè venit.
Sic, quibus obsequiis patri fit fama superstes,
Te tibi, te que tuis consuluisse probas.
A quo natus eras, per te jam nascitur; unde
Tu vitæ illius fons eris, ille tuæ.
Nec fore tanta satis meritò monumenta putasti,
Nobiliusque moves, quod legat orbis, opus.
Pandis in apricum, multos mansura per annos,
Quæ melius servet marmore cartha diù.
Mox ubi convaluit tua mens, infundere vitam
Patri tentasti, per tua scripta, novam.
Quod tentas laudo; facile est tibi scribere magna;
Vera loqui esse tibi sarcina parva solet.
Muneris & tanti tu solus idoneus author,
Hæres quippè patris, quæ facis, ipsa refers.
Vivitis ambo iterùm, nam vestrum sumit uterque

Nomen

Nomen ab æterna posteritate novum.
In te sed quoniam quidquid laudatur in illo
Cernimus, nos illum rursus habere puto.
Nec te pæniteat calamo pinxisse parentem,
Quem meliùs referet nulla tabella libro.
Sic illum noscent post secula longa nepotes,
Quorum posteritas hæc monumenta legat.
Quisquis Avi poterit quoque per vestigia ferri,
Ut valeat mores assimilare suis.
Quorum vita (precor) similes agitata per usus,
Ostendat proavos, quosque fuisse probet.
Ultima scripsisti, non omnia gesta parentis,
Quæ meriti, & laudis norma perennis erunt.
Plus pia narrasti dumtaxat, plusque diserta,
Quæque tibi virtus, religioque dedit.
Magnanimi Heroes æquant fermè ultima primis,
Est facies factis semper & una suis.
In paucis lector poterit permulta videre;
Pars mensura boni totius esse valet.
Ex digitoque Gigas tantum cognoscitur ingens;
Totum orbemque simùl parvula cartha notat.
Ne tumeat calamus, patrisve superbiat actis,
Ipse tuus cessat, multaque magna silet.
Sistam, ne gestis soceri quoque glorier ipsis,
Et quoniam attonitæ turbine mentis agor.

AD EXCELLENTISSIMUM DOMINUM DUCEM Cadavalensem Parentis sui amantissimi postrema facta scribentem.

ODE.

QUò, Phæbe, Vatem Pierius calor
Agit paventem; quo feror impete?
Stoâ ne divulsus sacratum
In nemus, Aonidum-que templum
Adire cogor? Fallor! An ardui
Pindi reviso celsa cacumina,
Choroque permistus Dearum
Audior associare cantus!

Non

Non porta mentem ludit eburnea:
TU cura Vatum maxima, TU Deas
JACOBUS in plectrum lacessis,
Quando, Operâ bene collocatâ,
Postrema certas mittere posteris
Miranda PATRIS gesta, nec impio
Latêre permittis Veterno
Digna cedro, interitura nunquam
Quæcunque fato proximus edidit.
Lucerna fulgens scilicet Imperi,
Splendore quæ Lusos beavit,
NONIUS, æthereosque tractus
Adusque nomen Lusiacum tulit,
Vel morte debet flammam imitarier,
Quæ, clade dum fatum perurget;
Splendidiùs jaculat nitores.
O ter beatum, TE GENITO, PATREM,
TIBI ILLE vitam, cum genuit, dedit,
Maiore TU vitam redonas
Fœnore, dum tenebris sepulchri,
Dumque invidendo funere sospitas.
Tulit PARENTEM dura necessitas,
Probata quin virtus, supremum
Quin Pietas prohiberet ictum:
Mærore languens, vulnere saucia
Ursit cadentem Lysia fletibus,
Raptumque communem Parentem
Ingemuit, Patriæque Patrem.
Id profluentes continuit genas,
In TE quòd ultrà vivere NONIUM,
Fato nec extremo peremptum
Crediderit, Patriasque dotes:
Nunc insolenti concita gaudio
TE certat æquis tollere honoribus;
Æterna quòd scriptis PARENTI
Vita fluat meliore fato.
Hoc, si liceret, DUX, vitio darem,
Quòd gesta PATRIS multa silentio
Obuolvis, æternos honores
Quèis meruit, populique plausus;
Quêis clara longi dogmata posteri

Hau-

Haurire possent in Patriæ decus,
Narrantis & pendens ab ore
Attonitâ bibere aure vulgus.
Sic luce donas ultima NONII,
Nec prima curas? Siccine præteris
Quæ pace, quæ nulli secundus
Lusiacis metuendus armis
Miranda gessit? Candida seu plagas
Lusas amico numine Pax beans
Mavortis insanos tumultus
In Geticas pepulisset Oras;
Proh! quantus Aulâ NONIUS! Aulicûm
Late Magister; qui neque Principum
Cultu, nec infractus timore
Consilio bene pertinaci
Quodcumque sceptris utile Lysiis
Dixit rogatus. Strymonis arbiter
In bella seu Lusos cieret,
Qualis erat! Fremere arma primus,
Primus phalanges tendere in hosticas,
Quanquam rigeret strictus acinaces,
Per damna, per cædes ab ipso
Ducere opes, animumque ferro.
Non sic, trisulcis nubila dividens
Cum celsa telis Acroceraunia
Flagellat, aut altas rubenti
Igne Pater jaculatur Ornos,
Contorta Cœlo fulmina depluunt:
Haud ILLE turmas segnior hostium
Quassabat, & strages serendo
Strata cadaveribus per arva
Palmas metebat. NONIUS hæc tulit;
Hæc TU silendo marmore condita
Optas sepulchrali? Sed altum
Consilium veneror: PARENTIS
Hæc sola scriptis vult Pietas TUA
Mandâsse, celsas queîs Superûm domos
Fulgens subintravit, novumque
Æthereo nitet axe sydus.
Hæc prima menti, sint licet ultima,
Fas est recursent; seriùs, ocyùs

Sortem exituram, quæ Dynaſtas
Funere, corripiatque Reges
Cum plebe miſtos; laudibus evehi
Debere nullum, ſeu Latium Ducem
Virtute, Pellæum-ve Martem
Exuperet, niſi morte vitam
Claudat beatâ perſimilis DUCI.
Hæc ſola prudens dogmata poſteris,
JACOBE, curâſti ferenda;
Et merito; ſatis evehenda
Nanque ille vivens facta peregerit,
Qui geſta NONI ruminet ultima,
Et diſcat exemplo PARENTIS
Conſimili occubuiſſe fato.

Paulus Maurus Societ. JESU.

ESCrevey Duque Excelſo os glorioſos
De voſſo Heroico Pay altos ſucceſſos;
Mayores devem ſer ſempre os progreſſos,
Que foraõ mais inſignes por piedoſos.
Elle ſempre os formou taõ prodigioſos,
Que nas memorias ficaraõ impreſſos
Por façanhas naõ ſó, mas por exceſſos
Pios, prudentes, ſabios, valeroſos.
Procuray conſeguir a competencia,
Eſcrevendo eſta pia, e rara Hiſtoria
Dos ultimos eſtragos na vehemencia:
Mas taõ tarde logray outra igual gloria,
Que vos ſirva para eſta diligencia
Mais a voſſa piedade, que a memoria.

Do Marquez de Alegrete Fernando Telles da Silva.

EM LOUVOR DA ADMIRAVEL NARRAC,AM, QUE o Excellentiſſimo Senhor Duque Eſtribeiro môr fez das ultimas acções de ſeu Pay.

SONETO.

ESte livro utiliſſimo, eſta Hiſtoria
He o exemplar mais vivo da verdade,

Epitome

Epitome feliz da Heroicidade,
Suavissimo emprego da memoria
He izençaõ da vida tranzitoria,
O mais proprio ascenso à eternidade;
Obsequio ennobrecido da piedade,
Interesse mayor que a humana gloria
Do amor, e do respeito he consequencia,
Da clemencia, e valor fiel traslado,
Effeito reverente da obediencia;
Porque o Heroe no Author se vè copiado
E renasce da sua descendencia
Superior ao poder do mesmo fado.

Do Marquez Manoel Teles da Silva.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

MEu Senhor. Avizaõ-me que Vossa Excellencia escreve as Acções de seu Excellentissimo Pay, e como o referillas exactamente serà louvallas muito, lograremos em Portugal com as instrucções dessa Historia os agrados do Panegyrico, se despertandose com a leitura a lembrança do que perdemos, nos naõ confundir a estimaçaõ no sentimento. Com tudo occuparemos o discurso nas graves ponderaçoẽs, que Vossa Excellencia nos comunicar, e nos reconhecidos actos com que lhe devemos agradecer esta doutrina. Muito haverà que aprender em documentos, que se derivaõ de hum exemplar sempre prezente na nossa saudosa memoria, e que se publicaõ por hum Escritor, que em ser igualmente venerado, tem a mesma efficacia para persuadirnos. Os Heroes no que escrevem convencem mais que os outros homens, porque autorisaõ as composiçoẽs com as proprias virtudes, e que serà, quando Vossa Excellencia acrescentar nas suas prudentes consideraçoẽs hum pezo proporcionado à grandeza da sua Origem?

Essa hade inspirar a Vossa Excellencia a nobreza para o estilo, e a elevaçaõ para os conceitos, porèm com ser ella taõ esclarecida, naõ creyo que Vossa Excellencia passarà no Mundo por mais illustre nos Avôs, que nos escritos. Este, que actualmente se imprime, acreditarà a pureza de Vossa Excellencia na locuçaõ, e tãbem acreditarà outra muito mais importante pureza de Vossa Excellencia na probidade. Nelle se verà que Vossa Excellencia naõ

deixou ſobornar a verdade de Hiſtoriador pelo affecto de filho, e que o mayor de todos os Parenteſcos naõ teve poder na ſinceridade. He certo que nunca achariaõ tanta deſculpa as ſizonjas como agora, deixando-ſe governar pela natureza, quanto mais que quando ſe trata do Progenitor, a moderada adulaçaõ he quaſi merecimento, mas em hum taõ purificado intento, como o de Voſſa Excellencia, naõ podem admitirſe, nem ainda os mais toleraveis eſcrupulos de ſoſpeiçaõ.

Quando Voſſa Excellencia para compor eſſa Hiſtoria, examinou o aſſumpto della, obſervaria no heroico eſplendor daquellas Acçoẽs, que nem haõ de miſter, nem ſofrem poſthumos ornatos, que as condecorem, antes ſe ſe lhes involver alguma outra formoſura, que poſto que mui gentil ſeja menos ſolida, farà eſſa talvez deſdourar aquella precioſa parte que lhes cobrir. Oh! como acertarà Voſſa Excellencia em expo-llas deſguarnecidas de enfeites. Ellas aſſim contribuem mais para a edificaçaõ, e o Livro de Voſſa Excellencia naõ ficarà menos eſpecioſo com moſtrar a verdade nua, e bella, e veſtir entaõ as reflexoẽs, que a acompanhaõ dos pomposos ornamentos da eloquencia.

A de Voſſa Excellencia naõ podia eſcolher lugar mais proprio para exercitar-ſe, que hum Livro, ou Theatro, em que ſe repreſentaõ actos de Valor, e de Piedade, porque ao relatar aquelles affectos, tem Voſſa Excellencia para exprimilos a força de profeſſalos; e ſe outros Eſcritores contaõ o que viraõ, Voſſa Excellencia conta o que vio, e o que faz. Elles ordenaõ as Relaçoẽs pelo conhecimento, que tem dos factos, e Voſſa Excellencia para eſcrever eſta, formou as ideas no ſeu grande coraçaõ. Eu entro a recear, que Voſſa Excellencia ſe modere demaſiadamente nos louvores que der, porque entenderà que eſcreve os que ſe lhe daõ. Huns,e outros ſaõ taõ merecidos,q̃ podiaõ diſputar na igualdade,e a naõ ſer Voſſa Excellencia reverente Filho do Heroe, que debuxa,chegaria a duvidarſe ſe havia no Panegyrico eſpirito de competencia, e ſe Voſſa Excellencia applaudindo-lhe as qualidades, as cotejava com as ſuas. Porèm nas rectas, e puras intençoẽs de Voſſa Excellencia ſe conhece bem a razaõ do obſequio. Eſte he obrado pela juſtiça devida àquelles merecimentos, mas bem creyo que eſſa juſtiça ſeria invocada pelo amor. O de Voſſa Excellencia naõ podia deixar de fazer eſta fineza, porque igualando nòs todos a Voſſa Excellencia em venerar as virtudes de ſeu Pay, era preciſo que o reſpeito de Voſſa Excellencia ſe diſtinguiſſe do noſſo em lhas eſcrever. Elle amou a Voſſa Excellencia extremoſamente,

ſamente, e em que Voſſa Excellencia lhe correſponda, naõ ſó ſe intereſſa o carinho, mas a generoſidade. Se he muy glorioſo para Voſſa Excellencia o deverlhe tanto amor, naõ he menos glorioſo o ſatisfazerlho, e que ayroſa apparece a ternura quando ſe adorna com o agradecimento!

Porèm eſſas cauſas cedem, ſe como me aviſaõ, ha outra taõ altamente ſuperior, que lhe tira a Voſſa Excellencia a liberdade na reſoluçaõ, ficandolhe todos os impulſos dominados pela obediencia. Manda ElRey que ſe eſcreva o que fez aquelle Heroe, porque com propriedade de Sol quer livrallo da futura eſcuridade. Sua Mageſtade obrando como o Rey dos Aſtros, de tal modo anima, e vivifica os Vaſſallos, que ainda depois de extinctos, lhes renova, e fomenta os luzimentos, e para que tantas acções ſe conſervem ennobrecidas, agradaſe de que tenhaõ o Eſcritor, que lhes he mais decoroſo. Honra muito a Voſſa Excellencia com o preceito, porque o faz artifice da ſua propria gloria, e premeaſe Voſſa Excellencia por ſi meſmo daquelle ſerviço. Voſſa Excellencia obedece promptamente, e niſſo meſmo principia logo a retratar humas das admiraveis qualidades de ſeu Pay. Ellas ſeriaõ muito lembradas, pois que aſſaz nome eſpalharaõ no Mundo, para durarem na tradiçaõ, mas porque hum tal Vaſſallo naõ depende do tempo vindoiro, diſpoẽm a Real Providencia autenticarlhe a fama, e as ſuas ordens accreſcentaõ à opiniaõ geral ſacro e indelevel teſtemunho.

O de Voſſa Excellencia baſtava jà para fazer eſcuſados os noſſos na exaltaçaõ de ſeu Pay, e aſſim em lugar de celebrarmos o Original, applaudiremos a Copia. Louve Voſſa Excellencia hum Heroe, que brilhou muito quando acabou: nòs louvaremos outro, que brilha deſde que começou a viver. Sòmente ajuntaremos ainda huma gloria ao Panegyrico, que Voſſa Excellencia lhe eſcreve, porque ſe Voſſa Excellencia lhe relata os acertos, e as verdadeiras felicidades, nos accreſcentaremos quanto elle foy feliz no ſucceſſor, que gerou, e quanto foy acertada a educaçaõ, que lhe deu.

A'lem da atençaõ univerſal, com que Voſſa Excellencia he venerado, explicaria eu agora a minha particular, ſenaõ temera que em repreſentar a Voſſa Excellencia as diſtincçoẽs de huma eſtimaçaõ ſingular, offenderia tantos homens graves, que ſe declaraõ ſeus ſervidores. Porèm aſſim como neſte comedimento cortejo a Voſſa Excellencia, e a elles, naõ ſofrerey que algum me exceda no fervor dos elogios na preſente occaſiaõ, e por iſſo procuro

procuro que Voſſa Excellencia me ouça em hum Soneto:

As expreſſoẽs deſte naõ chegaõ a acclamar a Voſſa Excellencia, e naõ vaõ à ſua preſença como vozes, ſenaõ como eccos, mas ſe elle naõ refere dignamente virtudes de Voſſa Excellencia ; eu com offerecerlho, faço que Voſſa Excellencia oſtente duas, a Juſtiça, e a Benignidade, pois que Voſſa Excellencia hade deſeſtimar os maos Verſos, e hade eſtimar o bom animo ; ſe eu por agradallo no obſequio, arriſco a reputaçaõ da ſeſudeza. Achome hà muito tempo ſeparado das Muſas, e nem nos meus annos reverdece facilmente a freſcura da Poezia, nem no meu emprego ſaõ muito decentes as producçoẽs da ocioſidade. Hum terceiro reparo, que me pudera occorrer, naõ me embaraça, porque ſe alguem julgar, que naõ ſe acordaõ com a liſura, que profeſſo, os encomios Poeticos, eſtou certo em que quando os applico a Voſſa Excellencia, me ſaõ fiadores da verdade os ſeus merecimentos; e ſe com tudo ma conteſtar a malicia reſſlectindo ſobre a alliança das Caſas, e ſobre a eſtreita amiſade, neſſa conſideraçaõ nada me farà tanta honra, como ſer tido por ſoſpeito. Guarde Deos a Voſſa Excellencia muitos annos. Vienna de Auſtria 15. de Outubro de 1729.

M. A. e Cativo de V. Excellencia

Excellentiſſimo S. Duque Eſtribeiro môr

Conde de Tarouca.

SONETO.

HEroe Filho de Heroe, que em nobre eſtilo
Lhe expoẽs no Mundo tanto illuſtre feito,
Levantando-lhe altares no reſpeito
Para ter contra o eſquecimento azilo.
Panegyriſta imitador daquilo
Honras o Grande, e igualas o perfeito ;
Quem louva ao Meſtre, obſervalhe o preceito ;
Veneralo, he principio de ſeguilo.
Se as acçoẽs lhe eternizas na lembrança,
Nas tuas lhe figuras a preſença ;
E he ſegundo elogio a ſemelhança:
Mas em ti reſplandece huma diffrença ;
Teu Pay deute as virtudes por herança.
Tu fazelo immortal por recompença.

AO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR DUQUE ESTRIBEIRO môr, defcrevendo as ultimas acções da Vida de feu Pay

SONETO.

DAquelle Heroe magnanimo a grandeza
Hoje ao Mundo, Senhor, fazes notoria:
E quando es circunftancia a fua hiftoria,
Sendo tu o Efcritor, he fua a empreza.
Serà de Filho efta immortal fineza
No Pay, que refufcitas, mayor gloria;
Pois o ficar eterno na memoria
Procede da fua propria natureza.
Nefte Volume, em que achaõ fegurança
Progreflos taes para a futura idade,
Hum novo luftre cada qual alcança:
Pois logrando no efpirito igualdade,
Para fer mais gloriofa a femelhança
Igualou a Eloquencia a Heroicidade.

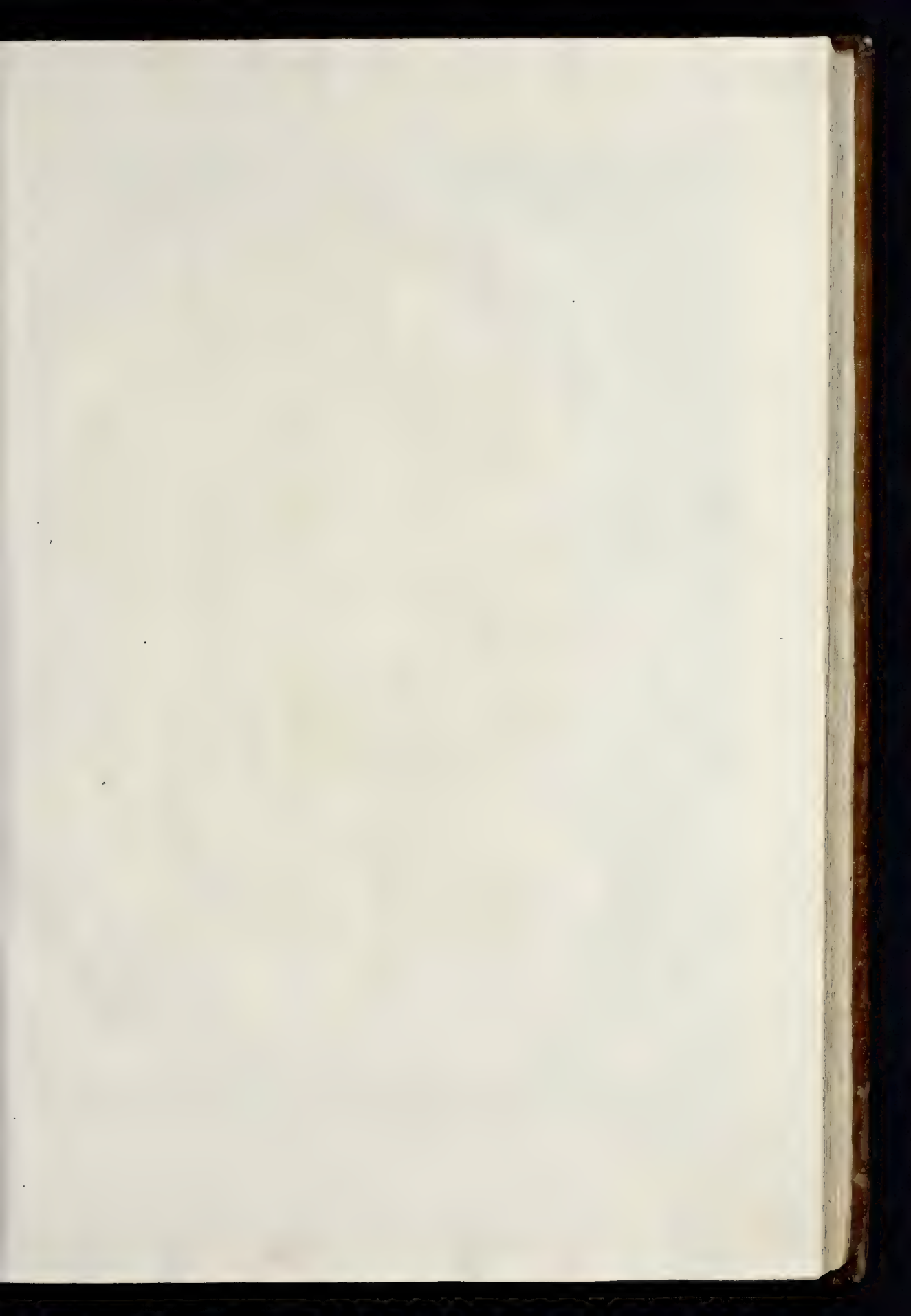
Dom Jofeph Gomes de Menezes.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

A Religiofa, fingular piedade,
Nas ultimas acções mais repetida
Do grande Duque, com que o fim da vida
Fez principio feliz da eternidade.
Com igual eloquencia que faudade
Deixais, Heroico JAYME, referida,
Porque na muda voz do prèlo ouvida,
Viva eftampada na futura idade.
Efla vida, que tendes recebido
De hum Pay taõ dignamente venerado,
Oh que bem lha pagais agradecido!
Pois jà duas vidas tem por vôs logrado;
Huma em voffas acções reproduzido,
Outra em fuas acções eternizado.

D. M. d. T. d. S. C R.

ULTI-

O DUQUE D. NUNO DE IDADE DE 88 ANN.

ULTIMAS ACÇOENS
DO DUQUE
D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO:
RELAÇAM
DO SEU ENTERRO, E DAS Exequias, que se lhe fizeraõ.

ACHAVA-SE o Duque na sua Casa de campo de Pedrouços, aonde, depois de dormir a sésta no dia onze de Setembro de 1725. se sentio assaltado de hum ramo de estupor, que deixando-lhe livre o entendimento, lhe torceu a boca para a parte esquerda, e lhe embaraçou de sorte a falla, que com difficuldade se lhe percebiaõ as palavras. Conhecendo o que padecia, mandou logo chamar ao Cõvento de S. Jozè de Ribamar ao P. Fr. Domingos

de S. Jozè ſeu Confeſſor, e com elle ſe confeſſou com todas aquellas demonſtrações, que pedia o conhecimento do grande perigo, em que ſe achava. A Duqueza fez logo aviſo a ſeu filho o Duque D. Jayme, que com toda a brevidade poſſivel foy para Pedrouços, e em Alcantara encontrou ao Duque, que vinha já para Lisboa em huma ſeje de campo com o Padre Fr. Domingos de Saõ Jozé, fazendo repetidos actos de amor de Deos, e de conformidade Chriſtãa. Vio ao Duque, e lançando-lhe a bençaõ lhe diſſe eſtas formaes palavras: *Eſtà acabado, porque já he tempo*; e chegando a caſa, e vindo recebello ſua neta a Senhora Dona Anna de Lorena, lhe diſſe *que era chegada a hora, e que jà era tempo.*

Recolheu-ſe o Duque, e juntos os Medicos, o da ſua Camera Cypriano de Pinna, e Chriſtovaõ Vaz Carapinho, reſolveraõ que era preciſa a purga naquelle accidente, o que ſe executou ſem o effeito, que ſe eſperava. Neſta noite concorreu a ſua caſa grande numero de Cavalheros da primeira grandeza, e todos os parentes do Duque, em cuja prezēça repetio muitas vezes; que *eſtavaõ acabados ſeus dias, que conhecia que morria, que naõ cuidaſſem de mais remedios, que da diſpoſiçaõ para a jornada, que queria receber os Sacramentos*; e para eſte fim ſe diſpoz com exemplar reſignaçaõ.

No dia 12. (quarta feira) amanheceu o Duque cō o meſmo trabalho, e vindo os Medicos, reſolveraõ purgallo ſegunda vez. Tomou o remedio com mao ſucceſſo, porque o lançou logo; mas a providencia da natureza fez a deſcarga, que baſtou, para que o Duque experimentaſſe naquelle dia algum alivio. Levantou-ſe da cama, porque o ſeu genio naõ era ociozo, e ſem embargo da queixa falava com as peſſoas, que o viſitavaõ, e vēdo entre

entre ellas ao Tenente Coronel Luiz Garcia de Bivar Ajudante das ſuas ordens, lhe diſſe: (*Preparar amigo para trabalhar*) o que dizia pelas ceremonias do ſeu funeral militar. Paſſado hum breve eſpaço, ſe levantou da cadeira, em que eſtava ſentado, e chamando os ſeus tres Ajudantes de ordens Luiz Garcia de Bivar, D. Thomaz de Aragaõ, e Antonio Jozè de Vaſconcellos, ſe abraçou com elles, e lhes diſſe com lagrymas, e ſoluços q̃ pelas Chagas de Chriſto lhe perdoaſſem as ſuas impertinencias. Pela manhãa deſte meſmo dia começou a concorrer toda a Corte, todos os Officiaes de guerra, e juſtiça, grande numero de gente particular, e dos Religiozos da Cidade, e fóra della, em cujos Conventos ſe fizeraõ preces, e orações pela ſaude do Duque; o que ſabido por elle, veyo a agradecer a todos do modo, que podia, aquelle amor, e a grande ſatisfaçaõ, que tinhaõ de o verem, porque entendiaõ que o achaque lhe naõ daria lugar para o fazer, e pedio ao P. Pedro de Almeida Religiozo da Companhia de Jeſu, com quem ſe havia confeſſado algumas vezes, e agora lhe ſervia de director eſpiritual, que ſuppoſto o impedimento, que padecia na fala, pediſſe em ſeu nome perdaõ a todos os circunſtantes, e que eſperava que lho deſſem pelas Chagas de Chriſto; por cujo merecimento lho pedia.

Obſervando os Medicos que ſe vinhaõ chegando as horas, que correſpondiaõ às em que lhe havia dado o accidente, e temendo repetiçaõ, convieraõ em que ſe lhe adminiſtraſſe o Senhor por viatico, naõ ſó pelo perigo, mas por ſatisfazerem ao dezejo do Duque, que inceſſantemente o havia pedido, e dado o aviſo ao Paroco da ſua Freguesia de Santa Juſta, ſahio o Senhor às tres horas e meya. Veyo o Duque eſperallo à primeira

ſala com capa vermelha, como Juiz perpetuo, que era da ſua Irmandade, e com huma tocha aceza na maõ, e depois de adorar o Senhor de joelhos, ſe levantou, e o foy acompanhando atè à ſua camera, em que ſe havia levantado o Altar, e pondo-ſe outra vez de joelhos, e fazendo actos de verdadeiro Catholico, recebeu o Santiſſimo viatico, e o acompanhou atè à porta da dita caza ſómente, porque aſſim lho aconſelhou o Padre Pedro de Almeida, dizendo-lhe que *atèlli baſtava*, e logo diſſe à Duqueza *mandaſſe dar ao Paroco cem mil rèis, para que os diſtribuiſſe pelos pobres da ſua Freguelia.* Como o concurſo da Nobreza, dos Prelados das Religiões, e dos particulares cada vez era mayor, ſahio o Duque outra vez à ſala, aonde abraçou a muitos delles, e a todos pedio perdaõ, deixando-os naõ menos admirados da ſua reſignaçaõ, e piedade, que da ſua conſtancia, e valor; mas ſabendo depois de recolhido que havia chegado Gaſpar Galvaõ de Caſtellobranco, Secretario das Juſtiças, o mandou entrar na ſua camera, e abraçando-o lhe diſſe que da ſua parte pediſſe perdaõ de alguma offenſa a todos os Miniſtros do Dezembargo do Paço.

A's Ave Marias veyo Sua Mageſtade, que Deos guarde, e o Senhor Infante D. Antonio acompanhados dos ſeus Gentiz-homens da Camera o Marquez de Alegrete, e o Conde de Saõ Miguel. Encoſtado no Padre Pedro de Almeida ſahio o Duque a recebellos à porta da ſegunda ſala, e aviſtando nella a ElRey, lhe beijou a maõ de joelhos, a que Sua Mageſtade correſpondeu, lançando-lhe o braço, e levantando-o, o levou pela ſua Real maõ, dizendo-lhe: *Duque, Duque, venha para dentro.* Entràraõ na camera, e ſe ſentàraõ todos tres em cadeiras iguaes, e ouvida a informaçaõ do que havia padecido, moſtrando Sua Mageſtade grande ſentimento

lhe disse que *estimava muito vello com alguma melhoria, que lhe dezejava muita saude, pelas razões do parentesco, pelo haver criado, pelos conselhos, que sempre lhe dera, e pelo exemplo, que naquella hora lhe estava dando.* Durou a pratica meya hora, e no fim della lhe disse o Duque que *dezejava a Sua Magestade as melhores felicidades deste Mundo, e a mayor do outro, que lhe pedia perdaõ do mal que o havia servido, e da negligencia, com que se houvera em lhe naõ obedecer, como era justo, mas que sempre o servira com amor syncero, e com grande zelo do Reino, e dos seus vassallos;* ao que Sua Magestade respondeu com grande ternura estas palavras dignas da sua Real grandeza: *Nem eu, nem o Reino póde agradecer ao Duque o bem que o tem servido, só Deos lho póde pagar: mas ainda espero em Deos que lhe hade dar saude para todos terem o gosto de o ver.* Ultimamente lhe disse o Duque, que esperava de Sua Magestade, que se lembrasse do Duque D. Jayme, e da sua caza, ao que Sua Magestade lhe respõdeu que *lhe naõ era necessaria aquella recomendaçaõ, porque huma, e outra cousa tinha muito na lembrança pois tanto lhe importava.* Levantou-se ElRey, e abraçando ao Duque huma, e muitas vezes, lhe fez grandes honras, em que lhe lembrou a obrigaçaõ, e o amor, que lhe devia, e com lagrymas se despedio dos seus braços. O Senhor Infante D. Antonio, lhe mostrou com repetidos abraços, e muitas lagrymas o seu sentimento; e saindo para fóra, voltou para o Conde de Saõ Miguel seu Camerista, e lhe disse: *Notavel valor! Singular constancia! O Duque foy homem na vida, e morre com o mesmo valor.* Antes de Sua Magestade, e o Senhor Infante D. Antonio se despedirem, veyo a Duqueza com as suas netas que se achavaõ com ella beijar a maõ a Sua Magestade, e a Sua Alteza, como lho havia dito antecedentemente o Duque; quando entràraõ se levantou ElRey da cadeira, e as recebeu com as

honras, que coſtumava, dizendo à Duqueza *o quanto ſentia aquella occaſiaõ, mas que eſperava em Deos que a havia de livrar daquelle cuidado para goſto de todos.* Quando Sua Mageſtade ſe deſpedio naõ quiz q̃ o Duque ſahiſſe da camera, em que eſtava, e como nas ſalas de fóra eſtava toda a Corte, todos os Officiaes de guerra, e Juſtiça, foy muy luzido o acompanhamento, e a Sua Mageſtade, e a Sua Alteza vieraõ ſervindo com oito tochas oito Moços da camera do Duque, e com huma vela aceza o Marquez de Alegrete Cameriſta de ſemana.

Pouco tempo depois veyo o Senhor Infante Dom Franciſco vizitar ao Duque, a quem ſahio a receber à caza de fora, porque naõ houve tempo para mais. Beijou a maõ a Sua Alteza, que abraçando o entrou com elle para dentro, e pelo eſpaço de hum quarto de hora lhe fez grandes expreſſoens *da grande eſtimaçaõ, que ſempre fizera da ſua peſſoa, pois lhe devia a criaçaõ, e o enſino.* Agradeceu-lhe o Duque eſta honra, dizendo lhe, que *era eſcuſada para hum pouco de barro taõ inutil como o ſeu.* Reſpondeu Sua Alteza, que *o barro do Duque era taõ differente de todos, como ſe conhecia, e que por eſſa cauſa eraõ preciſas todas aquellas demonſtrações para lhe ſegurar o ſeu ſentimento*; e com muy repetidas lagrymas ſe apartou delle, dizendo-lhe *que ſe naõ entendera que lhe poderia dar moleſtia, viria todos os dias*; e de ſorte ſe enterneceu Sua Alteza com a vizita do Duque, que quando falou à Duqueza, mal ſe lhe puderaõ perceber as palavras.

Naquella noite fizeraõ os Medicos nova conſulta, e para ella foraõ chamados, àlem dos de caza os Doutores Bento de Lemos, e Jozè Soares Medico de Belem, que o havia vizitado no primeiro inſulto do accidente, e uniformemente aſſentaraõ, que foſſe o Duq̃ às Caldas por ſer o remedio unico para a melhoria da ſua queixa.

Recolheu-

Recolheu-se o Duque, e passando a noite com descanço, no dia 13 (quinta feira) se levantou da cama, e esteve recebendo o cortejo de toda a Nobreza que o vizitou, sẽdo as pessoas de mayor distincçaõ o Senhor D. Jozè, o Cardeal da Cunha, Mõsenhor Firrao, e o Embaxador de Castella, e estes tres ultimos o fizeraõ pessoalmente todos os dias em quanto o Duque naõ partio para as Caldas. Sua Magestade continuou todos os dias em mandar saber do Duque por hum criado particular, como tambem o fazia o Senhor Infante D. Antonio, e o Senhor Infante D. Francisco o fez por huma carta, que o Conde de Aveiras D. Duarte da Camera, seu Camerista escreveu ao Duque D. Jayme. A Rainha fazia o mesmo todos os dias pelo seu Porteiro da camera, e Mõsenhor Bichi por se achar fóra da terra mandava todos os dias hum criado a saber do Duque. Como o concurso de toda a sorte de pessoas era grande, foy precizo que o Duque sahisse muitas vezes a lhe agradecer aquelle cuidado, e aquelle amor; e aos que lhe davaõ os parabens da melhoria, respondia, que *tinha sentimento de haver perdido aquella occasiaõ de se poder salvar, porque a marè lhe parecia boa, e que dava graças a Deos de que lhe dèsse em oitenta e sete annos de idade, que brevemente compria, taõ feliz conhecimento da morte para se salvar, estando em seu perfeito juizo, em sua caza, vendo a seus filhos, e parentes, e tendo ajustadas, e dispostas as suas cousas, podendo o ter morto de huma bala na campanha, ou em peccado mortal.*

Deraõ recado ao Duque que estava alli o Tribunal do Dezembargo do Paço, de que havia muitos annos era Presidente, sahio fóra a recebello; e chegando a elle o Doutor Gregorio Pereira Fidalgo da Sylveira, lhe disse como mais antigo que *vinha o Tribunal a seus pès agradecer-lhe a merce q̃ lhe fizera,* e seguindo-se os outros Ministros

niſtros com todos os Secretarios, e Meirinho, lhe fez cada hum o ſeu comprimento, e mandando-os ſentar, lhes agradeceu o Duque com particulares demonſtrações as do ſeu cuidado, e attençaõ.

Na tarde deſte meſmo dia recebeu a abſolviçaõ da Bulla pelo ſeu Commiſſario Geral o Padre D. Manoel Caetano de Souza Clerigo Regular, de quem ſe deſpedio, dizendo-lhe que *hia receber o Sacramẽto da Unçaõ*, que os Medicos lhe naõ mandàraõ adminiſtrar por entenderem que inda naõ era tempo, e naõ fazendo caſo da melhoria, com que lhe diziaõ que ſe achava, mas antes entendendo, que morria, tomou a penna, e eſcreveu da ſua propria maõ a ſeu filho D. Nuno Alvares Pereira de Mello Biſpo de Lamego a carta, que ſe ſegue.

Filho, eſtas regras ſeraõ as ultimas, que recebais minhas, porque as faço depois de receber o Santo Viatico da minha Freguеſia. Eſpero de vós façais pela minha Alma os ſuffragios, que pede a piedade de hum Prelado, e a que vos merece o parenteſco. Ficaivos com Deos, e com a minha bençaõ, e a Deos q̃ vos guarde muitos annos.

Voſſo Pay que muito vos quer

Duque.

Dezejando a bençaõ do Patriarca, como de ſeu Prelado lhe eſcreveu a carta ſeguinte

Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor. Depois de receber o Santiſſimo Sacramento da minha Freguеſia, peço a V. Illuſtriſſima Reverendiſſima a ſua bençaõ por eſtas regras. Eſpero que V. Illuſtriſſima Reverendiſſima ma conceda pela obrigaçaõ de Prelado, e pelas razões do ſangue. Deos guarde a V. Illuſtriſſima Reverendiſſima muitos annos. De caza em quinta feira 13. de Setembro de 1725.

Illuſtriſſimo Reverendiſſimo Senhor

M. amigo, e ſervidor de V. Illuſtriſſima Reverẽdiſſima

Duque.

Recebeu

Recebeu esta carta o Patriarca na quinta do Campo grande, aonde estava, e mandou dizer ao soldado, que a levàra; que *pessoalmente vinha logo trazer a reposta.* Chegou o Patriarca junto à noite, e sahindo o Duque a recebello fóra da sua camera o abraçou o Patriarca dandolhe *muitas satisfações da falta em que tinha incorrido por naõ ter noticia da sua queixa, que a sabella naõ tivera faltado.* Pedio o Duque ao Patriarca que *se sentasse*, e de joelhos lhe beijou a maõ, e lhe tomou a bençaõ, o que o Patriarca fez sentado, e dando-lhe o braço para o ajudar a levantar, se sentàraõ ambos; e o Patriarca lhe segurou *o quanto estimára sempre a sua pessoa, o quanto lhe era devedor, e o quanto se prezava de ser Capellaõ da sua caza.* Exhortou-o como Prelado a que continuasse no bom animo, e dispoziçaõ com que se achava, para se salvar, e satisfazendo as obrigações de Pastor, se despedio, naõ consentindo que sahisse da caza em que estava (o que praticou sempre em todas as vizitas que lhe fez) porque hia assistir naquella sala. Sahio para fóra, e estando algum espaço em pè com o Duque D. Jayme, e com o Marquez de Abrantes mandou saber da Duqueza, que lhe veyo falar, a quem elle cõprimentou, reprezentando-lhe o seu sentimẽto, o que a Duqueza lhe agradeceu, como pedia o caso.

Soube o Duque que se achava na sala o Marquez de Fronteira, com quẽ havia pouco tempo se congraçàra de hũa leve desconfiança, que tinhaõ tido. Sahio fóra, e mãdando-o chamar lhe disse algũ tanto enternecido, *que lhe pedia lhe perdoasse pelas Chagas de Christo*, ao q̃ o Marquez se lhe lançou aos pès quasi de joelhos, e com muitas lagrymas, e soluços lhe respondeu, que *naõ tinha nada que lhe perdoar, porque sempre fóra seu amigo, e lhe estava dezejando muita saude, e muitas felicidades para a sua caza.* Nesta oc-

casiaõ

casiaõ falou grande numero de pessoas ao Duque mostrãdo todas o sentimento, que tinhaõ da sua queixa, o que lhes agradeceu com aquella benignidade, e cortezania, que sempre teve. O Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello, de quem foy muito amigo, sem embargo de andar convalecendo de huma grave enfermidade o veyo vizitar, e de joelhos, e com muitas lagrymas o esteve consolando com muitas demonstraçoens de amor.

No dia 14. (sesta feira) amanheceu o Duque cõ melhoria cõhecida, porq̃ se lhe dezẽbaraçou mais a lingua, e correraõ os effeitos do accidente para o braço esquerdo, em que sempre padeceu fraqueza, naõ só por lhe haver despedaçado aquelle hombro hũa bala na guerra, e lhe terem dado nelle na campanha huma grande ferida, mas tambem porque a gotta, que lhe deu com muita força naquella maõ, lha deixou quasi sem vigor. Chamou ao Duque seu filho, e levando-o comsigo a hum armario, em que costumava ter o dinheiro dos seus soldos, e ordenados, que era destinado para esmolas, que fazia pela sua maõ, em que ainda tinha mais de setecentos mil rèis, os levou à Duqueza dizendo-lhe que *fazia cessaõ de bens, e que tudo lhe entregava a ella, e ao Duque paraque fizessẽ o que entendessem*, e por isso disse ao Cardeal da Cunha, que *já naõ tinha nada seu, e que hia as Caldas por esmola que lhe fazia o Duque D. Jayme.* Com esta occasiaõ huma Dona de caza, chamada Brites da Fonseca, a quem se haviaõ emprestado vinte e duas moedas de ouro sobre os titulos de humas cazas, pedio ao Padre Pedro de Almeida, que da sua parte lhe pedisse, lhe fizesse a merce, e esmola de lhas perdoar. Disse o o Padre ao Duque que logo lhe respondeu, que *sim, mas que como elle já naõ tinha nada, e que dimitira de si a administraçaõ dos seus bens, que*

falasse

falaße à Duqueza, *e ao Duque D. Jayme*, o que ſabido por elles, entregaraõ os titulos ao Padre, para que os deſſe à Dona, e que diante della reſgaſſe os eſcritos de divida, como com effeito logo ſe fez.

Chamou em particular ao Duque D. Jayme, e lhe diſſe, *que por entender que depois delle falecido, honraria S. Mageſtade a Duqueza com a ſua vizita, como já o havia feito o Senhor Rey D. Joaõ o IV. a ſua Mãy a Senhora Marqueza de Ferreira, que neſte cazo lhe advertia, que ſe preparaſſe huma caza cõ hum docel, e huma alcatifa, com huma cadeira, que naõ havia de ſer de luto, para ElRey ſe ſentar, e huma almofada, em que ElRey havia de mandar ſentar a Duqueza, e que ao entrar, e deſpedir-ſe ElRey, a Duqueza havia de ſahir fòra da alcatifa, mas naõ da caza: porém que ſem embargo do que lhe dizia, perguntaße ao Secretario de Eſtado, o como S. Mageſtade ordenará o que ſe faça, para aſſim ſe executar.* Diſſe mais ao Duque, que *depois da ſua morte levaße ao Cardeal Inquiſidor Geral o Regimẽto do Santo Officio; e que em outro livro, que lhe foy moſtrar, eſtavaõ dous papeis, que tocavaõ a materias do meſmo Tribunal, que os moſtraſſe ao meſmo Cardeal, e que ſe elle lhos tornaſſe a dar, que os guardaſſe com grande ſegredo.* O Patriarca o tornou a vizitar com grandes comprimentos, e o Duque lhe diſſe, que *nunca eſtivera melhor, como depois de fazer ceßaõ de bens; que hia fazer a jornada das Caldas por eſmola, que lhe fazia o Duque D. Jayme, mas que ſe tiveße neceſſidade, mandaria pedir ſoccorro a Sua Illuſtriſſima Reverendiſſima.*

Como pelos impedimentos do Duque recae o governo das armas no Sargento mor de Batalha o Marquez de Marialva, ſabendo que o Duque havia de partir para as Caldas nomeou hum Capitaõ com trinta cavallos para ſua guarda, o que ſabido pelo Duque diſſe ao Marquez, que lhe agradecia muito a merce que lhe fazia em o mandar guardar, mas que àquella hora já ſe-

naõ

naõ lembrava de mais, que do eſquife em que havia de hir a enterrar. Inſtou o Marquez, dizendo que aquella honra erá feita ao poſto; porèm o Duque naõ conſentio que foſſe mais que hum Tenente com doze cavallos. De tarde tornou o Marquez a falar ſobre a reducçaõ da guarda, e o Duque lhe reſpõdeu, que ſe naõ canſaſſe ſua Excellencia em lhe fazer honras militares, nem toques de ſordina em elle morrendo, porque lhe baſtava o eſquife do Hoſpital.

No dia 14. (Sabado) amanheceu o Duque com melhoria muito mais conhecida, o que obrigou aos Medicos a lhe fazerem apreſſar a jornada das Caldas, e com effeito ſe determinou q̃ partiſſe de Lisboa ao Domingo, que ſe contavaõ 16. de Setembro. Como eſtava aſſentado, que ſe fizeſſe a jornada pelas Lapas, partio logo deſta Corte ſeu genro o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva a prevenirlhe a hoſpedajem. E ſem embargo de que o Duque havia muitos annos tinha feito o ſeu teſtamento, e deſtinado o dinheiro para os gaſtos do ſeu funeral, e paga a offerta aos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangeliſta da Cidade de Evora, de cujo Convento he Padroeira a ſua caza, por huma circunſtancia, que ſobreveyo, foy precizo fazerſe outro teſtamento; o que ſe executou na noite do meſmo dia 15. e nelle foraõ teſtemunhas ſete Cavalheros da primeira nobreza, o Marquez de Alegrete Fernaõ Telles da Sylva, o Conde de Aſſumar D. Joaõ de Almeida, Nuno da Sylva Telles, o Conde de Valadares D. Miguel Luiz de Menezes, D. Joaõ de Souza, D. Prior de Guimarães, D. Joaõ Manoel de Noronha, e Antonio Luiz de Tavora.

No dia 16. (Domingo) continuou o Duque com a meſma melhoria, que no dia antecedente, e vindo pella manhãa

manhãa cedo encoſtado no Padre Fr. Domingos de S. Jozè, vio ao Padre D. Jozè Barboza Clerigo Regular, a quem fez ſempre muita merce, e lembrando lhe ſem duvida de elle ter prégado as exequias do Conde de Caſtello-melhor, e do Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Souza, lhe diſſe: *Naõ cuidemos em exequias, que he vaidade; as verdadeiras exequias he hum Requieſcat in pace;* e dando-lhe o dito Padre o parabem da melhoria, com que o via, lhe reſpondeu o Duque, que *a attribuhia a eſtar pobre pela adminiſtraçaõ da caza, que havia largado.* Entrou no Oratorio, aonde ſe confeſſou, e commungou, diſpondo-ſe para a jornada, que havia de fazer de tarde.

Com a certeza deſta noticia concorreu muita Nobreza, e todos os Officiaes das Tropas da guarniçaõ da Corte vieraõ a cortejallo, e quaſi todos montados a cavallo o acompanhàraõ. Sahio o Duque em liteira com o Duque D. Jayme, e foy a deſpedirſe do Cardeal da Cunha, de quem era ſummamente amigo, e mandando-lhe pedir abençaõ, veyo o Cardeal ao pateo, e ſem conſentir que o Duque ſe apeaſſe, lhe deu hum abraço. Voltou o Duque para o pateo da fruta, e paſſando para huma ſeje de campo, fez ajuntar toda a comitiva, que o havia de acompanhar, e chamando ao Tenente Coronel Luiz Garcia de Bivar, lhe diſſe que da ſua parte, diſſeſſe a todos aquelles Senhores, que o queriaõ acompanhar, que dalli naõ haviaõ de paſſar porque o naõ havia de conſentir. Replicàraõ a eſte recado, mandando-lhe pedir que lhes permittiſſe Sua Excellencia acompanharem-no atè o Chafariz de Arroyos. Condeſcendeu o Duque com eſta ſua petiçaõ, e foy hum acto luzidiſſimo, aſſim pela qualidade das peſſoas, como pelo numero, e luzimento dellas. Tanto que chegàraõ ao

Chafariz de Arroyos, começou o Duque a inſtar, que ſe foſſem; mas, como muitos jà ſe haviaõ adiantado, chegando ao Campo pequeno, deu ordem ao Tenente Coronel Luiz Garcia de Bivar, para que diſſeſſe a todos aquelles Senhores, que elle lhes ordenava, que ſe deixaſſem ficar, porque de outra ſorte naõ paſſaria dalli. Apeàraõ-ſe todos, e chegando à ſeje, ſe deſpediraõ delle com demõſtrações notaveis de ſentimento, naõ ſó procedido da ſua queixa, mas por lhe negar a honra de lhe aſſiſtirem. Continuou o Duque a marcha, levando em ſua companhia as peſſoas, que ſe ſeguem, a Duqueza, ſuas netas a Senhora D. Anna de Lorena, a Senhora D. Maria Margarida, a Senhora D. Anna de Sá, o Duque D. Jayme, o Padre D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, os Tenentes Coroneis ſeus Ajudantes D. Thomaz de Aragaõ, e Luiz Garcia de Bivar, o ſeu Confeſſor o Padre Fr. Domingos de Saõ Jozè Religiozo Arrabido, Cypriano de Pina Medico da ſua Camera, e hum grande numero de criados, e para a ſua guarda o Tenente Filippe Lourenço de Padilha Pimentel com doze cavallos. A'lem deſta comitiva acompanhàraõ ao Duque por obzequio atè Loures o Marquez de Abrantes, os Condes de Villanova, de Obidos, de Tarouca, e Pennaguiaõ; as Senhoras Condeſſas de Obidos, Tarouca, e Villarmayor, e até as Caldas o Conde de Villarmayor, e o Marquez de Tavora com ſua mulher. Chegando ao Campo grande, mandou guiar para a quinta do Patriarca, e ſabendo dos criados, que o eſtava eſperando na ponte junto à Igreja dos Reys, mandou voltar para aquella parte, e no caminho ſe encontrou com o Patriarca, que ſem conſentir, que o Duque ſe apeaſſe, o abraçou, e lhe fez grandes comprimentos.

Continuou

Continuou a jornada, e como havia de dormir em Loures na quinta de D. Joaõ Diogo de Ataide, chegou antes de ſe recolher a caza ao Convento da Mealhada de Religiozos Arrabidos, aonde foy fazer oraçaõ a N. S. e os Padres lhe rezáraõ huma Ladainha, e ao deſpedir-ſe diſſe ao Guardiaõ que ſe houveſſe miſter trigo, que o pediſſe ao Duque D. Jayme, q̃ elle lho mandaria dar.

No outro dia 17. (Segunda feira) foy o Duque ao meſmo Convento a ouvir Miſſa, e ás oito horas da manhãa ſe poz em marcha; jantou na Enxara dos Cavalleiros, e foy dormir á quinta das Lapas, que he dos Marquezes de Alegrete, e nella lhe fez o Marquez Manoel Telles da Sylva huma magnifica hoſpedajem, que tinha preparado para toda a comitiva do Duque.

A 18. (Terça feira) ſe confeſſou o Duque, e commungou na Ermida da meſma quinta, e ás oito horas ſe poz em marcha, e foy jantar á quinta de S. Mamede. Chegou a Obidos, aonde o eſperava o Vigario Geral com todos os ſeus Officiaes por ordem do Patriarca, e comprimentando-o da ſua parte, o vieraõ acompanhãdo atè ſe recolher nas Caldas. Na entrada deſta Villa o ſahiraõ a receber o Juiz, e Vereadores da Camera, e a Companhia da Ordenança com caixas, e bandeira. Foy pouſar o Duque nas cazas do Provedor daquelle Hoſpital, onde ſómente ſe coſtumaõ hoſpedar as peſſoas Reaes, para o que eſcreveu o Secretario de Eſtado huma carta ao Provedor, em que da parte de Sua Mageſtade, lhe ordenava que o Duque foſſe hoſpedado na meſma caza, em que o dito Senhor já havia eſtado, da qual carta ſe ſegue a copia.

O Duque vay a eſſa Villa tomar os banhos, e he ſervido S. Mageſtade, que V. Reverendiſſima o accommode no quarto, em que o meſmo Senhor ſe hoſpedou quando foy a ella. Deos guarde a V.

 Reverendiſſima

Reverendissima muitos annos. Lisboa Occidental a 13. de Setembro de 1725.

Senhor Provedor do Hospital das Caldas.

Diogo de Mendoça Cortereal.

A Companhia da Ordenança foy para a porta das suas cazas, e se repicàraõ os sinos da Igreja Matriz. Chamou o Duque ao Tenente Coronel Luiz Garcia de Bivar, e lhe ordenou q̃ se retirasse a Companhia, e que dissesse ao Juiz da terra mandasse accommodar por buleto aos Soldados, fazendo declarar nelle, que os Patrões naõ dariaõ aos Soldados mais que cama, e candea, agua, e sal, e que logo se fizesse hum bando para se lançar pela manhãa por toda a Villa ao som de Caixa. Dictou o Duque o bando na fórma seguinte, o qual assinou, e ficou registrado nos Livros da Camera.

O *Duque Mestre de Campo General junto à pessoa de Sua Magestade, nestes Reinos, e senhorios de Portugal, &c. Todo o Soldado de cavallo, dos que estaõ alojados nesta Villa, que tratar mal o seu Patraõ, ou furtar alguma cousa a qualquer outra pessoa nesta dita Villa, e seu termo, terá hum mez de Calabouço irrevogavel, e as mais penas, que de direito merecer. Caldas a 18. de Setembro de 1725. E este bando se registrará na Camera desta Villa, visto naõ haver aqui Auditoria Geral de Guerra.* Dia ut suprà.

Duque.

Fica registrado a fol. 72. do livro dos registros da Camera nesta Villa das Caldas a 19. de Setembro de 1725.

Domingos de Miranda Agostinho.

A 19.

A 19.(Quarta feira) veyo às Caldas o Vigario Geral de Obidos a trazer huma carta do Patriarca, toda da ſua propria maõ, e he a que ſe ſegue.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

O Grande cuidado, com que aſſiſto ao Excellentiſſimo Senhor Duque, me põem na preciza obrigaçaõ de dar a V. Excellencia eſta moleſtia; porèm he tal a ancia, com que pretendo ſaber que chegou 'a eſſes Banhos ſem abalo, que eſpero na grandeza de V. Excellencia me deſculpe, e me dé a certeza de que Sua Excellencia aliviado da queixa principia o remedio, por meyo do qual eſpero em Deos ſe reſtitua à ſua perfeita ſaude. Peço a V. Excellencia ſe ſirva do Doutor Vigario Geral, e Miniſtros deſſe deſtricto, a quem ordeno aſſiſtaõ a VV. Excellencias com aquelle cuidado, e attenções, com que eu peſſoalmente o fizera, ſe me fora poſſivel alcançar a grande honra de acompanhar a VV. Excellencias; a cujo ſerviço fico taõ certo, como dezejozo deſte emprego. Deos guarde a V. Excellencia. Campo grande 17. *de Setembro de* 1725.

Obrigadiſſimo, e obzequentiſſimo ſervidor de V. Excellencia.

Excellentiſſimo Senhor Duque D. Jayme.

Patriarca.

A eſta carta deu o Duque D. Jayme a ſeguinte reſpoſta.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

LOgo fiz prezente a meu Pay o favor, e cuidado de V. Illuſtriſſima Reverendiſſima, e me manda que da ſua parte o ponha aos pès de Voſſa Illuſtriſſima Reverendiſſima com aquelle reſpeito, e veneraçaõ, que lhe deve, e que eſpera merecer no ſerviço de V. Illuſtriſſima Reverendiſſima. Fez a jornada ſem abalo, e continùa

 a melhoria

a melhoria. Os Medicos lhe mandaõ tomar mais algum remedio, e até Segunda feira entrará nos Banhos. Espero em Deos, que lhe aproveitem, como dezejo. Ao Reverendo Vigario Geral irey agradecer o favor, q̃ V. Illustrissima Reverendissima me faz, e estimàra que V. Illustrissima Reverẽdissima conhecera dezejo occasiões de lhe obedecer. Deos guarde a V. Illustrissima Reverendissima muitos annos. Caldas 19. de Setembro de 1725.

Veyo ver ao Duque a mayor parte da gente, que se achava na terra, e no mesmo dia pela manhãa foy o Duque visitar o Provedor do Hospital, que estava de cama, e de tarde ao Conde de Pombeiro, e de sua caza foy visitar os enfermos do Hospital, que jà eraõ poucos, e pela sua maõ repartio por elles dez moedas de ouro, pedindo-lhes, que pelo amor de Deos se lembrassem das Almas, e a muitos, que sahiaõ para as suas terras, e lhes faltavaõ os meyos para a jornada, mandou soccorrer com esmolas muy largas, para que naõ padecessem.

No mesmo dia chegou hum expresso mandado pelo Secretario de Estado ao Duque D. Jayme por ordem del Rey com outra carta para saber do Duque, e ainda que o Secretario de Estado dizia, que bastava que o Duque D. Jayme lhe respondesse, naõ sofreu o amor do Duque deixar de o fazer, como sempre costumou. As cartas saõ as seguintes.

ORdena-me Sua Magestade despache este proprio para saber se V. Excellencia fez a sua jornada a essa Villa cõ o bom successo, que lhe dezeja, para que principie a sua cura, com a qual espera se restitua a huma perfeita saude. O mesmo Senhor, e as mais pessoas Reaes logaõ perfeita saude. Deos guarde a V. Excellencia. Lisboa Occidental a 18. de Setembro de 1725.

Diogo de Mendoça Cortereal.

Da maõ

Da maõ do Secretario de Eſtado.

Meu Senhor; ponhome aos pés de V. Excellencia com a devida veneraçaõ.

Carta para o Duque D. Jayme.

SENHOR DUQUE.

M*Eu Senhor, ordenoume Sua Mageſtade deſpachaſſe eſte proprio para por elle ter noticia da ſaude do Senhor Duque, e aſſim lhe eſcrevo a incluſa; mas baſta que V. Excellencia me reſponda, para que Sua Mageſtade fique na certeza, de que o Senhor Duque fez a ſua jornada, ſem o menor abalo; e eſpero em Deos que com os banhos livre da moleſtia. E para obedecer a Voſſa Excellencia fico promptiſſimo. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa Occidental a* 18. *de Setembro de* 1725.

Criado de V. Excellencia

Senhor Duque Eſtribeiro mor.

Diogo de Mendoça Cortereal.

Reſpoſta do Duque ao Secretario de Eſtado.

P*Onha-me v.m. aos Reaes pès de Sua Mageſtade, e da minha parte lhe beje a maõ pela merce, que me faz. Eu fiz a minha jornada ſem abalo; hoje me mandáraõ os Medicos tomar hum remedio, e Segunda feira entrarey nos banhos, onde eſpero ter melhoras, para que em quanto Deos for ſervido darme vida, a empregue no ſerviço de Sua Mageſtade, como devo. Eſtimo que todos os mais Senhores paſſem bem. Deos guarde a v.m. muitos annos* da ſua letra. *Mereço a v.m. o favor, que me faz. Caldas* 20. *de Setembro de* 1725.

Duque.

Reſpoſta

Reſpoſta do Duq̃ D. Jayme ao Secretario de Eſtado.

SEnhor meu. Logo que recebi a carta de v.m. entreguey a outra a meu Pay; mas a ſua obrigaçaõ, e o ſeu amor naõ quizeraõ que elle faltaſſe em reſponder a v.m. agradecendo a ElRey meu Senhor a incomparavel honra de mandar ſaber delle. Fez a jornada ſem abalo; os Medicos determinaõ que Segunda feira tome o primeiro banho, e eſpero que eſte remedio lhe aproveite de ſorte, que o reſtitua como dezejo; e ſe no ſerviço de v.m. tiver preſtimo, o farey com boa vontade. Deos guarde a v.m. Caldas 20. de Setembro de 1725.

Servidor de v.m.

Duque Eſtribeiro mor.

Foy o Duque continuando no ſeu coſtumado exercicio de vida, divertindo-ſe, e contando hiſtorias com rara felicidade de memoria, a que nunca lhe prejudicaraõ nem os annos, nem o achaque.

A 20. (Quinta feira) foy o Duque ao Convento dos Arrabidos de Obidos, e dizendo-lhe o Guardiaõ que todos os dias ſe encomendava a Deos a ſua ſaude na Cõmunidade, lhe reſpondeu agradecendo-lhe eſte obzequio, mas que lhe pedia, que rogaſſem a Deos pela ſua ſalvaçaõ, que era, o que unicamente lhe importava.

Em 21. (Seſta feira) e 22. (Sabado) naõ houve novidade, que mereceſſe memoria particular.

A 23. (Domingo) chegou outro proprio deſpachado por Diogo de Mendoça da parte delRey a ſaber do Duque, cuja carta he a ſeguinte.

ANtehontem deſpachey a V. Excellencia hum proprio de ordem de S. Mageſtade para ſaber como V. Excellencia tinha feito a ſua jornada; e agora me ordena o meſmo Senhor deſpache

eſte

este para saber como V. Excellencia se tem achado com o principio da cura, com a qual espera S. Magestade se restitua V. Excellencia á saude, que lhe dezeja. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa Occidental a 20. de Setembro de 1725.

Senhor Duque.

Diogo de Mendoça Cortereal.

A esta carta respondeu o Duque deste modo.

R*Ecebo a carta de v.m. e as grandes honras, que me continúa a Real grandeza de S. Magestade; e he certo que quanto menos mereço, tanto mais se exalta a grandeza de S. Magestade: v.m. me fará merce de me pôr aos seus Reaes pès. Eu começo á manhãa o primeiro banho, e se Deos me der saude, toda a empregarey em toda a minha vida no serviço de S. Magestade com a obrigaçaõ, que devo. Deos guarde a v.m. Caldas a 23. de Setembro de 1725.*

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal.

Duque.

Com esta occasiaõ escreveu o mesmo Secretario de Estado ao Duque D. Jayme a carta, que se segue.

M*Eu Senhor. Com a occasiaõ de despachar segundo proprio para S. Magestade saber como o Senhor Duque se achou com os banhos, me ponho á obediencia de V. Excellencia; pedindo-lhe me ponha aos pès do mesmo Senhor, e me avise se tem aproveitado a cura, dandome muito em que lhe obedeça. Deos guarde a V. Excellencia. Lisboa Occidental 20. de Setembro de 1725.*

Criado de V. Excellencia

Senhor Duque Estribeiro mor.

Diogo de Mendoça Cortereal.

A esta

A esta carta respondeu assim o Duque D. Jayme.

SEnhor meu. Fiz prezente a meu Pay o cuidado, com que v. m. lhe faz favor, e me manda lho agradeça como deve. Elle se tem achado com melhoria, e espero que se confirme com o remedio dos banhos, que principia à manhãa. Estimo muito que v. m. passe bem, e que me de occasioens de o servir. Deos guarde a v. m. Caldas 23. de Setembro de 1725.

Servidor de v. m.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal.

Duque Estribeiro mor.

A 24. [Segunda feira] foy o Duque tomar o primeiro banho acompanhado de toda a gente, que lhe assistia, e se teve logo por feliz principio da sua melhoria tomar o banho sem abalo algum.

A 25. (Terça feira) se lembrou o Duque que em Tornada, que dista huma legua das Caldas, havia de estar hum Padraõ, que o Cura daquelle Lugar havia levantado a ElRey D. Affonso VI. Foy o Duque neste dia ao sobredito Lugar com o Padre D. Antonio Caetano de Souza, e como se havia arruinado o Padraõ, e perdido naõ só a memoria do que continha, mas ainda a de haver alli estado, mandou o Duque que se buscasse, o que se fez com tanta diligencia, que se descobrio huma columna com as Armas Reaes, e a inscripçaõ, que se segue.

ESta terra illustrou com a sua prezença por repetidas vezes o Serenissimo Rey D. Affonso VI. Rey de Portugal no anno de 1660. em cuja memoria o Padre Clemente Martins, Cura de Tornada mandou levantar este Padraõ.

Trasladada a inscripçaõ para a fazer juntar às memorias

morias d'ElRey D. Affonſo, chegou o Duque a caza, achou D. Antonio de Almeida Conde do Lavradio, que o vinha vizitar, que depois de eſtar com elle algum tempo, voltou para Peniche.

No dia 26. (Quarta feira) indo o Duque para o banho, chegou hum Repoſteiro da Camera do Senhor Infante D. Antonio a ſaber do Duque por mandado do meſmo Senhor; a quem o Duque agradeceu aquella honra com as expreſſoens, que eraõ devidas.

A 27. (Quinta feira) foy o Duque paſſear atè a Lagoa de Obidos, que he hum ſitio muy aprazivel, e recolhẽdo-ſe para caza, o veyo buſcar o Embaixador de Caſtella D. Domingos de Capechelatro, que era grande ſeu venerador, que em companhia de D. Mattheus Ibanhes Irmaõ do Marquez de Mondejar Grande de Heſpanha, e do Auditor da Legacia o Abbade Guicholi, e grande numero de familia tinha ido vizitar o Santuario de N. S. de Nazareth, e ver os Conventos de Alcobaça, e da Batalha, e pelo fim deſta vizita veyo às Caldas. Quando ſe aviſtàraõ, tiveraõ grandes comprimentos, e naõ querendo o Embaixador aceitar a hoſpedajẽ, que o Duque lhe offerecia em ſua caza, naõ conſentio que o Duque ſahiſſe da ſua camera a acompanhallo. Voltou para a Eſtalajem, em que eſtava, e a ella o foy vizitar o Duque D. Jayme, e o Duque lhe mãdou hum grande refreſco de todo o genero de aves para o alforje.

A 28. (Seſta feira) pela manhãa chegou o Conde de Obidos a ver o Duque, e na meſma manhãa voltou para Lisboa.

A 29. [Sabado] jà de noite chegou hum proprio deſpachado por Diogo de Mendoça da parte d'ElRey a ſaber do Duque com a carta ſeguinte.

Fiz

Fiz prezente a S. Mageſtade a carta de V. Excellencia; e eſtimou muito a noticia, que V. Excellencia lhe participou do bom ſucceſſo, que experimentàra na purga, e agora me ordena deſpache a V. Excellencia eſte proprio para ſaber o como V. Excellencia ſe acha com os banhos, que eſtimarey ſeja com a melhoria, que lhe dezejo. Deos guarde a V. Excellencia. Lisboa Occidental a 28. de Setembro de 1725.

Senhor Duque.

Diogo de Mendoça Cortereal.

Da ſua maõ. *Meu Senhor. Eſpero que o ſucceſſo da cura ſeja tal, que veja a V. Excellencia reſtituido à perfeita ſaude, que lhe dezejo.*

A eſta carta reſpondeu o Duque.

Bejo os Reaes pés de Sua Mageſtade, e me ponho a elles com o mayor acatamento que poſſo. Eu eſtou em quarto banho, e livre do eſtupor da boca: o braço ainda eſtà leſo, e eſpero que tambem ſe vença, para o tornar a ſacrificar no Real ſerviço de Sua Mageſtade todas as vezes que for neceſſario. Faça-me v. m. merce de lhe beijar a maõ por mim. Deos guarde a v. m. muitos annos. Caldas 30. de Setembro de 1725.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal.

Duque.

Da ſua letra. *Senhor meu. Mereço a v. m. a merce que me faz, e dezejo ter ſaude para o ſervir.*

A 30. (Domingo) chegàraõ às Caldas o Conde de Atouguia, e Dom Chriſtovaõ Lobo irmaõ do Baraõ Conde, a viſitar o Duque, e no outro dia partiraõ.

Ao 1.

Ao 1. de Outubro (Segunda feira) veyo hum proprio do Cardeal da Cunha com huma carta para o Duque D. Jayme a ſaber do Duque, da qual carta he a copia a ſeguinte.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

NAõ eſcrevo ao Duque, porque nem por penſamento quero occaſionar-lhe moleſtia alguma, e aſſim peço a V. Excellencia me faça favor de dizerme o como ſe vay achando com os banhos, porque dezejo que tenha nelles toda a melhoria, que permittir o tempo: e póde V. Excellencia ſegurar ao Duque, de que ſe contente que tenha effeito o meu dezejo, e a minha obrigaçaõ que ainda ſe eſtende tambem a querer ſervir a V. Excellencia em tudo que me mandar. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa, e de Setembro 29. de 1725.

Muito amigo, e ſervidor de V. Excellencia
Excellentiſſimo Senhor Duque Eſtribeiro mor.

N. Cardeal da Cunha.

A eſta carta reſpondeu o Duque D. Jayme na fórma, que ſe ſegue.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LOgo fiz prezente a meu Pay a honra, e favor; que V. Eminencia lhe faz, e me manda agradecer com todas as demonſtrações, que deve, o cuidado de V. Eminencia. Elle ſe acha com quatro banhos ſem abalo, e com conhecida melhoria, como lhe dezejo, e eſpero que V. Eminencia conheça a vontade, que tenho de lhe obedecer com o mais profundo reſpeito. Deos guarde a V. Eminencia

nencia

nencia muitos annos. Caldas 1. *de Outubro de* 1725.

Criado de V. Eminencia
Eminentiſſimo Senhor Cardeal da Cunha.

Duque Eſtribeiro mor.

Neſte dia chegou hum Capellaõ do Biſpo de Lamego, que em ſeu nome vinha ſaber da ſaude do Duque, e trazia a carta, de que ſe ſegue a copia.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

M*Eu Pay, e meu Senhor do meu coraçaõ. Deos Noſſo Senhor, que ſabe muito bem o quanto amo, e venero a V. Excellencia, ſabe que abaixo do que ao meſmo Senhor, e ſeus Divinos preceitos devo, nenhuma outra couſa mais iguala aquelle cordialiſſimo affecto, com que reſpeito a V. Excellencia; e ſendo eſta a meſma verdade, qual ſerá o cuidado, em que me poz a noticia da repentina queixa de V. Excellencia? A Chriſto Senhor Noſſo offereci eſta manhãa a pena, em que me poz eſta carta de V. Excellencia; porque, fazendo hoje em dia de N. S. das Merces Pontifical para dar Ordens, e tendo ſempre prezente eſte cuidado, tive por eſpecial favor do Ceo fazer a funçaõ com o acordo neceſſario.*

Em fim o golpe chegando a todos os ſentidos, havia de magoar naturalmente o intimo do meu coraçaõ, e havia de ſer neceſſaria toda a Chriſtãa reſignaçaõ para ſofrello. Aliviado porèm fica em parte, lendo a catholica reſoluçaõ, e valeroſiſſima conſtancia, com que Deos fortalece a V. Excellencia, de que ſerà eterno teſtemunho eſta carta ſua, taõ ſingular para o exemplo, como para a imitaçaõ.

Eſta meſma virtude ha de ſer acredora, para que Deos Noſſo Senhor (como eſperamos todos na ſua Divina miſericordia) naõ ſó fortaleça a V. Excellencia em todas as ſuas acções, e neceſſidades,

des mas nos acuda às noſſas, dando a V. Excellencia inteira melhoria, e reſtituindo-o ao eſtado antigo; e aſſim o fiamos todos pedindo ao meſmo Deos por interceſſaõ dos ſeus Santos, e Almas bemaventuradas; e eſperando com firme fé, que aſſim no lo conceda a todos, para que V. Excellencia continue muitos annos de vida a fazerlhe muitos ſerviços.

Vay eſte meu Capellaõ com tanta preſſa, que tudo que me dilato atrazo o tempo, que dezejo adiantar-lhe, para que com mais brevidade, volte com a boa noticia da inteira melhoria de V. Excellencia. Deos guarde a V. Excellencia os muitos annos que todos lhe dezejamos, e havemos miſter. Lamego 24. de Setembro de 1725.

Filho mais amante, e mais venerador de V. Excellencia que S. M. B.

Biſpo de Lamego.

Mandou o Duque hoſpedar o Capellaõ, e no dia ſeguinte o deſpedio com eſta reſpoſta.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

M*Eu Filho do meu coraçaõ. Eſtimo muito o voſſo cuidado, que he muy conforme ao parenteſco, e ao amor que vos tenho. Eu aqui eſtou em terceiro banho melhor alguma couſa do braço eſquerdo, que tambem ficou lezo, porque como ficou eſtropeado da guerra paſſada cahio para alli o deſluxo. ElRey, e os Infantes me tem feito as mayores honras, que verdadeiramente he curto todo o papel para as referir. O Medico das Caldas me dà boas novas, veremos ſe acerta o ſeu diſcurſo com o fim; mas faça Deos o que for ſervido, em cujas mãos me ponho todos os dias, porque elle ſabe melhor o que me eſtà bem. Deos vos guarde, e vos dè às felicidades, que vos dezejo. Caldas em 29. de Setembro de 1725.*

Voſſo Pay, que muito vos quer.

Duque.

 Neſte

Neste mesmo dia às Ave marias chegou o Marquez de Angeja, q̃ vinha a tomar o remedio dos banhos. Como o Duque tinha ordenado que estivesse prompta a Companhia da Ordenança daquella Villa, tanto que teve a noticia que era chegado o Marquez, a mandou postar à porta da caza em que havia de pouzar, e o foy logo vizitar, ordenando ao Tenente Coronel Luiz Garcia, lhe pedisse o santo, materia em que houve varias cortesias militares. Na rua encontrou o Duque ao Marquez, que o hia ver, e voltando para caza, se comprimentàraõ com todas as finezas de politica militar, as quaes naõ aceitou o Marquez, dizendo, que sempre estivera às suas ordens, e que lhe pedia mandasse retirar a Companhia, como logo se fez. Depois do Duque ter chegado às Caldas se lembrou de que tinha faculdade da Rainha nossa Senhora para nomear por sua morte a Alcaidaria mòr da Villa de Alvor, e como se naõ achou o Taballiaõ na terra, disse diante de muitas pessoas que fossem testemunhas de que a sua ultima võtade era nomear a dita Alcaidaria mòr em seu filho o Duque D. Jayme; mas sabendo que neste mesmo dia havia chegado o Taballiaõ, o mandou logo chamar, e se fez a escritura de nomeaçaõ, em que foraõ testemunhas o Padre D. Antonio Caetano de Souza, e os dous Tenentes Coroneis D. Thomaz de Aragaõ, e Luiz Garcia de Bivar, que lhe assistiaõ, e voltando-se para os circunstantes, lhes disse; *se mais Mundos houvera, là chegára*, lembrando-se de D. Francisco de Almeida primeiro Vice-Rey da India por quem isto se disse.

A 2 (Terça feira) esteve o Duque em caza, aonde o vieraõ ver o Marquez de Angeja, e o Conde de Pombeiro, e estiveraõ conversãdo atè serem horas do Duque se recolher.

A 3.

A 3. (Quarta feira) foy o Duque ao lugar de Tornada, aonde mandou ir Pedreiros, a que mandou que levantassem o Padraõ, de que a sima se faz memoria, e que o puzessem de fronte da porta principal da Igreja, como se fez.

A 4. (Quinta feira) depois de se haver confessado, e communguado em caza, foy o Duque ao Convento dos Capuchos das Gaeiras, aonde assistio à Missa, e Sermaõ de Saõ Francisco, e jantou no refeitorio com todas as pessoas, que o acompanhavaõ, tendo mandado nas vesperas tudo o que era necessario para o gasto daquelle dia, tanto no refeitorio, como na Igreja. De tarde foy a Obidos ver o Vigario Geral, que naõ achou em caza. Depois foy ver o Castello, que tem excellente vista pela eminencia, em que està. He huma caza antiga, mas grande; hoje he dos Condes de Obidos Alcaides mòres daquella Villa. Ao recolher-se o Duque chegou hum proprio despachado pelo Secretario de Estado a saber do Duque com a carta seguinte.

A Semana passada despachey hum proprio a V. Excellencia de ordem de Sua Magestade para saber como se tinha achado com os banhos, e como atègora naõ tem voltado com resposta, me manda o mesmo Senhor despache este para o livrar do cuidado, que lhe tem causado aquella dilaçaõ, esperando que V. Excellencia me dè a noticia de estar jà livre de todo da sua queixa. Todas as pessoas Reaes logra õ boa saude. Deos guarde a V. Excellencia. Lisbaa Occidental 3. de Outubro de 1725.

Senhor Duque

Diogo de Mendoça Cortereal.

Da sua maõ. *Meu Senhor, estimarey como devo que V. Excellencia se ache com a melhoria, que lhe dezejo.*

A esta carta respondeu o Duque a carta, que se segue.

NO mesmo dia, em que chegou o correyo, o despachey, como constarà das datas das cartas; nem eu me havia de deter em me pòr aos Reaes pès de S. Magestade, e beijar-lhos pelas muitas honras, que me tem feito por sua Real grandeza. Eu estou em quinto banho, e já livre do estupor, o braço ainda està leso, e só estimarey a vida para servir a S. Magestade. Deos guarde a v. m. muitos annos. Caldas em 4. de Outubro de 1725.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal.

Duque.

Da sua maõ. *Folgo quanto devo que Suas Magestades, e Altezas passem como dezejo, e que v. m. me de occasiões de o servir.*

Nesta noite chamou o Duque hum dos Soldados, que lhe assistiaõ, e lhe perguntou se *passavaõ bem*; e respondendo-lhe que *sim*, lhe disse que *se lhes faltasse alguma cousa, lho fizessem logo a saber, para lhes dar o remedio.* Tambem veyo hum Ermitaõ chamado Antonio o Solitario, que vive na Ilha do Balial junto às prayas de Peniche em huma Ermida de N. Senhora das Merces, e Santo Estevaõ, aonde faz huma vida admiravel, naõ sahindo mais que a pedir o que lhe he necessario para o sustento de cada dia. Pedio ao Duque huma esmola para fazer hum ornamento com que se pudesse celebrar decentemente o Sacrificio da Missa. Respondeu-lhe o Duque que quando se fosse para Lisboa, mandasse alguem cóm as medidas necessarias do frontal, e que tudo lhe mandaria dar.

A 8. (Segunda feira) chegou huma carta do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que pela grande amizade, que tinha com o Duque, mandou dou

dou ſaber da ſua ſaude por eſta carta.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Meu Senhor, cheguey dos Banhos de Caſcaes reſtituido da minha queixa, e naõ foy eſte remedio o que me prendeu para deixar de vir aſſiſtir a V. Excellencia no tempo, em que a ſua doença me deveu o mayor cuidado; e ſó o que eu entaõ tinha tambem na Condeſſa da Ericeira, que ficava ſó naquelle ſitio, me embaraçàra taõ preciſa diligencia. Quiz Deos que V. Excellencia ſe livraſſe, e me livraſſe a mim de tanto dano, em que excedi a Voſſa Excellencia, porque da minha parte eſteve o temor, e da ſua a conſtancia. Huma larga paz naõ permitia hà muito tempo que V. Excellencia nos moſtraſſe aquellas acções de valor, que executou na guerra; e naõ foy aquelle accidente baſtante, para que o animo ſe viſſe tremulo, nem quando o eſtava a voz; e naõ he menos ſer Heroe Chriſtaõ, que militar, antes eſtes naõ ſouberaõ em caſos ſemelhantes deſpreſar a morte, que agora, e por muitos annos mais ha de temer, a quem a naõ teme. Crea V. Excellencia, meu Senhor, q; como a minha Filozofia moral, e a minha ocioſidade me dà mais tempo, que a outros para as reflexões, me emprego neſtas, devendome tanta admiraçaõ, como a V. Excellencia pouca vaidade, e que na hiſtoria ſacra de Evora, felice patria de V. Excellencia, que eſtou para publicar, me naõ eſquecem eſtas ponderações, naõ improprias da piedade do aſſumpto. V. Excellencia me mande dar muito boas novas ſuas, e de que ſe recolhe brevemente aonde eu poſſa moſtrar-lhe de mais perto os meus affectos taõ bem nacidos, que procedem da minha obrigaçaõ. Toda eſta familia repete as meſmas expreſſões, e eu com ella fico muito prompto para ſervir a V. Excellencia, a quem Deos guarde, e dè a ſaude, e vida, que dezejo. Lisboa Occidental primeiro de Outubro de 1725.

Excellentiſſimo Senhor
Amigo e muito cativo de V. Excellencia

Conde da Ericeira.

Reſpon-

Refpondeu o Duque a efta carta da maneira feguinte.

SEnhor meu. Bejo as mãos a V. S. pela honra, que me faz nefta fua carta, bem merecida da jufta veneraçaõ, que lhe profeffo. Meu Senhor, fe a morte no homẽ he eftatuto infallivel, para que fe ha de canfar o entendimento em ocupar o valor em materia, que ha de fer indubitavel? Quando, nas acções generofas contende o valor com a morte, entaõ pede a razaõ, e a honra, defprefar o perigo da morte incerta para ganhar a felicidade de ficar honrado; mas a minha carne foy taõ fragil, que nunca o foube executar, fem baftar o documento, que V. Senhoria me deu na Beira, e o que me deu o Senhor Conde da Ericeira no Alentejo. Eu eftou livre do eftupor, e Domingo determino partir da qui, por ter a fortuna de bejar a maõ a V. Senhoria de mais perto. Deos guarde a V. Senhoria muitos annos. Caldas 8. de Outubro de 1725.

Muito amigo, e fervidor de V. Senhoria

Duque.

A 9. (Terça feira) chegou outro proprio defpachado por Diogo de Mendoça a faber do Duque da parte de Sua Mageftade com huma carta defte teor.

REcebi a carta de V. Excellencia de 5. do corrente, e fendo prezente a Sua Mageftade, eftimou muito a noticia, que V. Excellencia dà da fua melhoria, e me ordenou defpachaffe efte proprio para faber fe com a continuaçaõ dos banhos eftà V. Excellencia livre da moleftia do braço. Todas as peffoas Reaes logrão perfeita faude. Deos guarde a V. Excellencia. Lisboa Occidental 8. de Outubro de 1725.

Senhor Duque

Diogo de Mendoça Cortereal.

Da maõ

Da maõ do Secretario. *Meu Senhor celebro, como devo, achar-se V. Excellencia taõ melhorado; e sempre estou à obediencia de V. Excellencia com o devido rendimento.*

A esta carta respondeu o Duque deste modo.

T*Enho acabado os banhos, e Domingo partirey para Lisboa porq; para mim será o melhor remedio porme aos Reaes pès de S. Mageſtade, e ſatisfazer as honras que tem feito a eſte vazo de barro taõ pequeno, e taõ inutil; mas a ſua Real grandeza tambem ſe exercita em fazer grande a minha incapacidade; mas ſe Deos me der vida, em ſeu ſerv ço a heide ſacrificar em todas as occaſiões, que ſe offerecerem. Deos guarde a v. m. muitos annos. Caldas em* 10. *de Outubro de* 1725.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal

Duque.

Acreſcentou da Sua letra. *Bejo a maõ a voſſa merce; pela merce que me faz, a quem dezejo ſervir*

Na tarde deſte meſmo dia, 10. (quarta feira) ſahio o Duque no coche, e ſe foy divertir atè a Lagoa de Obidos, e ao recolherſe achou o Capitaõ Engenheiro da Praça de Peniche, a quem mandou chamar, porque os Medicos votaraõ, que naõ foſſe a vella peſſoalmente. Informou-ſe do eſtado das obras, e o Capitaõ lhe diſſe que a fortificaçaõ eſtava parada por falta de dinheiro, e que eraõ muitas as ruinas, que havia na Praça, que neceſſitavaõ promptamente de remedio. O que ouvido pelo Duque lhe reſpondeu, que em chegando a Lisboa ordenaria ao Vedor remeteſſe logo todo o dinheiro neceſſario, naõ ſó para o reparo da fortificaçaõ, mas tambem para ſe acabar a obra.

Naõ

Naõ ſe deſcuidou o Duque do que tocava à juriſdicçaõ de General, porque levandolhe hum Soldado de Peniche o nombramento que nelle havia feito a Camera da Villa das Caldas de Ajudante para lhe pòr o *cumpraſe*, ordenou à Camera que lhe apreſentaſſe o privilegio, por onde lhe fora concedida aquella faculdade de prover Ajudantes. Satisfez a Camera dizendo, que ſe naõ achava outro documento mais que a poſſe de fazer aquelle provimento quando vagava o poſto. Porèm o Duque como ſe lhe naõ moſtrou ordem delRey para a Camera o poder fazer, vendo que a elle lhe tocava o provimento, mandou paſſar a patente de Ajudante ao meſmo Soldado, mas aſinada ſó pella ſua maõ.

Tomou o Duque ſeis banhos ſem que paſſaſſe cada hum delles de quinze athe vinte e ſinco minutos, e ainda que logo fizeraõ o effeito de ſe lhe deſembaraçar a voz, ficandolhe clara, e inteligivel, o puzeraõ com tudo em tanta debilidade, que os Medicos os foraõ interpolando, na conſideraçaõ de que outenta e ſete annos de idade naõ podiaõ ſofrer taõ violento remedio

Neſte dia, chegou hum proprio deſpachado pelo Secretario de Eſtado da parte delRey com duas cartas para os Duques, em que S. Mageſtade lhes mandava dar a noticia de ſe haverem ajuſtado os cazamentos em Portugal, e Caſtella, como ſe vè das ſuas copias que ſe ſeguem.

CHegou hum expreſſo dos noſſos Plenipotenciarios em Caſtella com cartas do primeiro do corrente, em que daõ conta, de que naquelle dia ſe publicaraõ os cazamentos do Principe N. Senhor com a Senhora Infanta de Caſtella, e do Principe das Aſturias com a Senhora Infanta Dona Maria, e indo Suas Mageſtades

tades Catholicas naquelle dia à Capella assistir ao Te Deum, *e publicando-se tres dias de luminarias em Santo Ildefonso, e Madrid, e nas mais Cidades, e Villas de Castella. Ordena-me Sua Magestade participe a V. Excellencia esta noticia, e que quartafeira dès do corrente se praticarà nesta Corte o mesmo, e nas mais Cidades, e Villas do Reyno se celebrarà tambem esta feliz noticia. Sua Magestade estimarà que V. Excellencia continue com a melhoria, que lhe dezeja. Todas as mais pessoas Reaes logrão perfeita saude. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa Occidental a 8. de Outubro de 1725.*

Senhor Duque

Diogo de Mendoça Cortereal.

Carta para o Duque D. Jayme.

C*Hegou hum expresso dos nossos Plenipotenciarios de Castella com a Carta do primeiro do corrente, em que daõ conta de que naquelle dia se publicàraõ os cazamentos do Principe Nosso Senhor com a Senhora Infanta de Espanha, e do Principe das Asturias com a Senhora Infanta Dona Maria, indo Suas Magestades naquelle dia à Capella, assistir ao* Te Deum, *e publicando-se tres dias de luminarias em Santo Ildefonso, e Madrid, e em todas as mais Cidades e Villas de Castella. Ordena Sua Magestade participe a V. Excellencia esta noticia, e que quartafeira dès do corrente se praticarà nesta Corte o mesmo, e nas mais Cidades, e Villas do Reino se celebrarà tambem esta feliz noticia. Todas as pessoas Reaes logrão perfeita saudade. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa Occidental a 8. de Outubro de 1725.*

Senhor Duque Estribeiro mòr.

Diogo de Mendoça Cortereal.

Ref-

Reſpoſta do Duque.

F*aça-me v. m. merce de beijar por mim a maõ a S. Mag. pela grande merce, que me fez de me participar a felicidade de Portugal no primeiro do mez de Outubro. Tanto que recebi o avizo de v.m. cōſiderey que era juſto que eſta Villa, q̃ he da Rainha minha Senhora, foſſe a primeira, que noticia-ſe a toda a Comarca a felicidade prezente, para que todos roguemos a Deos as futuras, e eſpero que ElRey meu amo ſeja Avo de todos os Principes da Europa; e como as Cameras, ainda que ſejaõ de Donatarios, para o ſervico de Sua Mageſtade eſtaõ á ordem do Dezembargo do Paço, tomey a confiança de mandar pòr luminarias em minha caza, e ordenar ao Senado aſſiſtiſe eſta manhaã na Matriz, aonde diſpuz ſe cantaſe o* Te Deum, *aonde todos fomos aſſiſtir, e o Marquez de Angeja tambem, e ſe continuaõ os repiques dos ſinos. Entendo que eſtava obrigado a iſto; ſe errey, foy defeito da minha incapacidade, mas naõ da minha vontade; ſupponho que nas Praças das noſſas Rayas vizinhas as de Caſtella ſe aviſaria aos Governadores das Armas mandaſẽ dar deſcargas de toda a artilharia repetidas vezes, como creyo que ſe faria tambem nas Torres em Lisboa, e nos Caſtellos, que tem artelharia. Eu chegarey a Lisboa terça feira, e logo beijarey as mãos a v. m. a quem Deos guarde muitos annos. Caldas 11. de Outubro de 1725.*

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal

Duque.

Reſpoſta do Duque Dom Jayme.

P*Onha-me v. m. aos Reaes pès delRey meu Senhor como deve a minha obrigaçaõ, e da minha parte lhe beijo a maõ em quanto peſſoalmente o naõ faço pela incomparavel noticia, de que me faz favor, taõ dezejada de quem tem a honra de ſer ſeu vaſ-*

ſallo

ſallo, e ſeu criado. Queirà Deos dar a ſuas Altezas aquellas felecidades, que merecem, e eu lhes dezejo. Deos guarde a v.m. muitos annos Caldas. 11. *de Outubro de* 1725.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal

Duque Eſtribeiro mòr.

A 11. (Quinta feira) foy o Duque à Igreja Matriz acompanhado do Marquez de Angeja, e de toda a gente, que ſe achava naquella terra. Aſſiſtiraõ os Vereadores da Camera com ſuas varas, e cantado o *Te Deum* pelos Muzicos de Obidos, que o Duque mandou buſcar, ſe começou a Miſſa cantada a Noſſa Senhora; e no fim della ſubio de repente ao pulpito o Provedor do Hoſpital o Padre Franciſco da Prezentaçaõ de Sales, e fez hum Panegyrico, como delle ſe eſperava. De tarde ſahio o Duque a paſſeyo, e de noute houve huma Serenata, que fizeraõ os meſmos muzicos de Obidos.

A 12. (Seſta feira) foy o Duque a Obidos ver humas feſtas de cavallo, q̃ faziaõ algumas peſſoas daquella Villa a Noſſa Senhora da Piedade, que tiveraõ a attençaõ de o convidarem, para o que lhe prepàraraõ huma varanda, em que as vio, e perguntando pelo Vigario Geral para o vizitar, o naõ achou.

A 13. (Sabbado) foy o Duque aos Capuchos das Gayeiras a deſpedir-ſe daquelles Religiozos, e encontrando o Guardiaõ no caminho, lhe pedio que as Miſſas do dia ſeguinte foſſem todas pelas Almas. Voltando para caza, buſcou o Marquez de Angeja, e ſe deſpedio delle com grandes demonſtrações de amizade, e mandou prevenir logo o que era neceſſario para partir no dia ſeguinte.

D Dezeja-

Dezejava o Duque ſahir das Caldas, porque aſſiſtia nellas com grande impaciencia pelo aborrecimento, que dezia ter àquelle ſitio. Naquella Villa eſteve deſde 18. de Setembro atè 14. de Outubro, em que voltou para Lisboa, tendo recebido em todo aquelle tempo repetidas demonſtrações de obzequio, e de amor dos moradores das terras vizinhas, vindo-o vizitar continuamente o Vigario Geral de Obidos, o Juiz de Fòra, o Capitaõ mòr da meſma Villa, e todas as peſſoas, que havia de diſtincçaõ. O Geral de Alcobaça, o Doutor Frey Bernardo de Caſtello Branco por ſe achar gravemente enfermo, o mandou vizitar pelo Doutor Frey Jozè da Cunha, Geral que havia ſido da meſma Congregaçaõ, e mandou depois à Duqueza hum grande refreſco de aves, e frutas. O Biſpo de Leiria, e o Conde de Val de Reis lhe mandáraõ varios proprios a ſaber da ſua ſaude, e muitos Prelados de Conventos Mendicantes o vieraõ ver recolhendo-ſe com boas eſmolas, como fez as Recolhidas de Odilhalvo, e às Religiozas Recolletas do Moſteiro de Santarem.

A 14. (Domingo) partio o Duque das Caldas pelas nove horas da manhãa, e querendo acompanhallo o Marquez de Angeja, o naõ conſentio, permittindo ſó que o fizeſſe por huma breve diſtancia ſeu Neto Dom Carlos de Noronha. Chegando ao Pinhal, ſe deſpedio o Duque do Juiz de Fòra de Obidos, do Vigario Geral, do Juiz, e Vereadores das Caldas, e do Provedor do Hoſpital, que com grande numero de peſſoas o vieraõ acompanhando, pedindo-lhes que naõ paſſaſſem adiante.

A huma legua da Sancheira vieraõ comprimentar ao Duque o Juiz, e Vereadores do Cadaval, e chegando

do ao Cercal, de que elle he Donatario, o eſperou o Senado com a Companhia da Ordenança, que ſe achava em duas alas, e depois de paſſar por ellas, lhe foy a Companhia fazer guarda à ſua porta; mas o Duque a deſpedio logo, naõ permitindo, que ficaſſem mais que dous Sargentos. De noute chegou hum criado do Marquez de Angeja com huma carta, em que mandava ſaber da ſua ſaude, e do ſucceſſo da jornada.

A 15. (Segunda feira) partio o Duque do Cercal às ſeis horas da manhaã, e veyo jantar ao Carregado na quinta do Marquez de Abrantes ſeu genro, o qual ſabendo que alli havia de fazer alto o Duque, mandou fazer preſtes para toda a familia, que o acompanhava, com a ſua coſtumada grandeza. Ao meyo dia chegou o Marquez, e ſeu filho o Conde de Pennaguiaõ, e depois de jantarem ſe deſpediraõ do Duque, voltando para Lisboa. Partio o Duque para Alverca, onde pouzou na quinta de Antonio Galvaõ de Caſtello Brãco Enviado de Portugal na Corte de Inglaterra, aſſiſtindo-lhe a eſta hoſpedajem ſeu irmaõ o Conego Gaſpar Galvaõ de Caſtello Branco, e o Corregedor de Torres Vedras, q̃ ſe offereceu para tudo que foſſe neceſſario para a melhor accõmodaçaõ da ſua peſſoa, e da ſua familia. Aqui o veyo logo vizitar o Cõde de Val de Reis da ſua quinta de Villa Longa, moſtrando-ſe muy ſentido, de que o Duque lhe naõ foſſe honrar a ſua caza com a ſua aſſiſtencia.

A 16. (Terça feira) veyo jantar o Duque à Mealhada na quinta de Dom Joaõ Diogo de Atayde aonde o foy encontrar o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Silva ſeu genro, e continuando o caminho para Lisboa, vio que nelle o eſperavaõ muitas peſſoas de qualidade, e depois de as comprimentar chegou

ao Campo Grande, aonde o eſperava com dous Regimentos de Cavallaria o Marquez de Marialva Sargento mòr de Batalha, que tinha ficado com o Governo das Armas. Houve neſta viſta muito comprimento de parte a parte, e o Duq̃ ordenou aos dous Tenentes Coroneis Dom Thomàz de Aragaõ, e Luiz Garcia de Bivar, foſſem aſſiſtir à expediçaõ das ordens do Marquez, e dando-lhe o recado, elle lhes diſſe que foſſem aſſiſtir ao Duque.

Continuou o Duque a marcha, e ao paſſar pelos Regimentos ſe lhe fizeraõ todas as honras militares, tocando-ſe as trombetas, e os timbales, abatendo ſe os Eſtendartes, e fazendo-lhe todos os Officiaes as coſtumadas cortezias com as armas. Precediaõ as carruagens, em que vinha a familia do Duque, depois muitos Fidalgos, que o foraõ eſperar, e muitos Officiaes de guerra, que alli naõ tinhaõ corpo. Ultimamente vinha o Duque em huma ſeje de campo, a quem acompanhava hum Tenente com dez cavallos, como o fez em toda a jornada, a quem ſe ſeguia o Marquez de Marialva com os dous Regimentos de Cavallaria.

Neſta fórma chegou ao Rocio, e chamando ao Marquez de Marialva, lhe agradeceo com grande cortezania aquella ſua attençaõ, e lhe pedio mandaſſe retirar as Tropas para os ſeus quarteis. Aſſim o mandou o Marquez, e veyo acompanhando o Duque, que chegando a o pateo da Inquiziçaõ, ſe apeou para vizitar o Cardeal da Cunha, que no meſmo tempo baxou ao çaguaõ, e abraçando com grandes indicios de amor ao Duque, naõ conſentio que paſſaſſe daquelle lugar. O Duque lhe diſſe que *a obrigaçaõ dos criados era irem logo a caza de ſeus Amos, como elle o fazia.* Deſpediraõ-ſe, e todas as peſſoas, que vinhaõ com o Duque foraõ, acompanhando

nhando o Cardeal. Voltou o Duque para ſua caza, e diſſe ao Duque Dom Jayme que foſſe *lógo ao Paço beijar a maõ a ElRey da ſua parte em quanto elle o naõ fazia.* Sua Mageſtade o eſtimou muito, como ſe vio nas ſuas Reaes expreſſões, e pelo Porteiro da ſua Camera Antonio Rebello da Fonſeca mandou ſaber do Duque, o que tambem fez o Senhor Infante Dom Antonio por hum ſeu criado. No meſmo dia o vizitou o Cardeal da Cunha, e na quarta feira ſeguinte o Patriarcha, e o Embaixador de Caſtella, toda a Corte; e grande numero de Prelados, e Religiozos, e de Miniſtros, e Officiaes de guerra, que todos ſe alegravaõ de o ver reſtituido à ſua ſaude. Na meſma noute mandou o Duque hum recado ao Marquez de Marialva por Antonio Jozè de Vaſconcellos ſeu Ajudante, pedindo-lhe licença para tomar o governo das Armas, e voltando o Official com a repoſta, deu o Santo, e as mais ordens neceſſarias; e a cada Soldado dos que o acompanhàraõ na jornada, àlem da deſpeza que nella ſe havia feito com elles, mandou dar hum quartinho de ajuda de cuſto.

Continuou o Duque naquella apparente melhoria com grande goſto dos que o viaõ, ſem embargo de que todos deſconfiavaõ dos ſeus muitos annos, que conjurados com o achaque o tinhaõ deſtituido notavelmente de forças; mas a grandeza do animo o fazia vencer os impedimentos da natureza de ſorte, que no exercicio da Prezidencia do Paço ſe conheceo que lhe naõ faltava o coſtumado acerto, que ſempre ſe venerou nos ſeus votos. Mas como via que a ſua vida naõ podia ſer dilatada, porque a qualquer dia, e a qualquer hora o poderia Deos chamar, tratou de eſtar preparado, e para eſte fim havia mais de hum anno, que quaſi todas as noutes ſe confeſſava antes de ſe re-

 colher,

colher, e para de todo ſe dezembaraçar de dependencias do Mundo, pedio muitas vezes a ElRey que pelo ſeu meſmo ſerviço, o quizeſſe apoſentar nas occupações do governo das Armas, e na Prezidencia do Paço; ao que Sua Mageſtade lhe reſpondeo, *que queria que o ſerviſſe da ſorte que eſtava, e do modo que pudeſſe, porque iſſo era o que lhe convinha a elle, e ao Reyno, e que naõ faria o que delle eſperava, ſe aſſim o naõ fizeſſe.*

Hia o Duque muitas vezes à prezença delRey a falarlhe em negocios, que tinha a ſeu cargo, e ſempre Sua Mageſtade ſe conformava com o ſeu parecer, pela grande ſatisfaçaõ que tinha da verdade do Duque. Todas as vezes que o via, o recebia com grandes demonſtrações de alegria, abraçando-o com huma notavel affabilidade, e chegando em algumas occaziões a darlhe oſculos de paz. Se o encontrava no campo, mandava parar o coche, e apeando-ſe o Duque, lhe vinha beijar a maõ à eſtribeira. Perguntavalhe ElRey como eſtava, e ſe alegrava de o ver, repetindolhe aquellas honras, q̃ ſempre lhe coſtumava fazer, lembrando-ſe de que o Duque o havia criado, as razões, que concorriaõ na ſua peſſoa de parenteſco, a fidelidade, e acerto, com que ſempre o ſervira, e aos ſeus Predeceſſores, e a grande confiança com que todos o trataraõ.

Em huma occaziaõ, em que ElRey jantava, entrou o Duque, e como os ſeus achaques, e os ſeus muitos annos lhe naõ permittiaõ eſtar muito tempo em pè, entrou para hum gabinete, para ſe ſentar. Sua Mageſtade, que goſtava de o ouvir, porque a ſua converſaçaõ era muy agradavel, o mandou chamar, e lhe diſſe que ſe ſentaſſe em hum tamborete, que ordenou ſe puzeſſe junto da meza. Fezlhe o Duque huma profunda cortezia, e lhe diſſe: *Naõ me criàraõ, Senhor, deſſa ſorte,* e voltou

para

para o meſmo gabinete, de que ſahira. Celebrou muito ElRey o dito, e acabando de jantar, o foy buſcar, e lhe fez as honras, que em todo o tempo lhe coſtumava fazer.

A vinte e ſeis de Janeiro deſte prezente anno foy dar conta a Sua Mageſtade de huma repoſta menos attenta, que lhe tinha mandado o Adminiſtrador do Tabaco ſobre o Duque o obrigar a entrar com o dinheiro no cofre para pagamento dos Soldados, e que elle ſe hia offerecer a Sua Mageſtade para o caſtigo que mereceſſe. ElRey lhe reſpondeo que *fizera bem, e que ſó no valòr, e rezoluçaõ do Duque ſe podia achar aquelle procedimento, que podia ir deſcançado, porque ſe o Adminiſtrador lhe fizeſſe alguma queixa, ao Duque conſtaria da repoſta.* Beijou o Duque a maõ a Sua Mageſtade, e deſpedindo-ſe delle, como quem o fazia para ſempre, e declarando aquelle grande amor, que ſempre lhe tivera, lhe diſſe eſtas formais palavras: *Senhor, fique-ſe Voſſa Mageſtade embora; tenha Voſſa Mageſtade muita ſaude, viva, e reine em paz.* ElRey o tornou novamente a abraçar.

Voltou o Duque para caza ſem moſtrar novidade, e na terça feira depois de cear ſe deſpedio do Duque ſeu filho, e de alguns netos ſeus, que alli ſe achavaõ, como ordinariamente o coſtumava fazer nas mais noites; e deſpedindo-ſe delle ſua neta a Condeſſa de Villa Nova, que fazia jornada para Evora, lhe lançou o Duque a bençaõ, dizendo-lhe: *Fazeime boa hoſpedajem quando là me levarem morto.* Recolheu-ſe o Duque à cama, e a pouco eſpaço ſe levantou para huma cadeira, como fazia muitas vezes, dizendo que *tinha faltas de reſpiraçaõ*; e ſuppoſto, que todas as noutes lhe aſſiſtia hum Medico, nunca ſe lhe notàraõ aquellas faltas. Neſta noute diſſe o Duque que ſe achava bom, e que

permit-

permittiria Deos que paſſaſſe bem, e por eſta razaõ mandou ao Doutor Chriſtovaõ Vaz Carapinho que ſe foſſe para ſua caza, como fez. Depois de recolhido ſe levantou ſegunda vez com as meſmas anſias, que ſocegando com brevidade ſe tornou a deitar. Tinha dado meya noute quando chamou pelos criados; que lhe aſſiſtiaõ, que o ajudaſſem a levantar. Neſte tempo teve huma toſſe, que o obrigou a lançar hum eſcarro, que conheceo que era de ſangue liquido, mas perguntando ſe o era, lho negàraõ os aſſiſtentes. Aſſligio-ſe mais, pedio que o levantaſſem para a cadeira, dizendo aos criados que lhe perdoaſſem o diſcommodo, que lhes dava, palavras que ſe fizeraõ dignas de reparo, por nunca as haver dito em todas as mais occaziões, porque parece que Deos lhe eſtava dizendo que era chegado o ultimo inſtante da ſua vida. Deo lhe hum tremor, e hum ſuor, ſinais certos, de que entrava em agonia, e conhecendo-o o Duque, porque eſtava em ſeu perfeito juizo, diſſe: *Eu morro, eſtà iſto acabado*, e recorrendo logo a Deos, como ſempre o fazia, levantando as mãos, lhe offereceo a ſua Alma, com aquellas meſmas palavras, com que Chriſto eſpirou: *In manus tuas, Domine, commendo ſpiritum meum.*

Vendo os criados, que lhe aſſiſtiaõ, que aquelle accidente era mayor do que os coſtumados, foraõ alguns chamar a Duqueza, e ao Duque, o qual ſem embargo da preſſa com que vinha, mandou chamar ao Padre Frey Boaventura de Saõ Giaõ, morador no Hoſpicio, que as Provincias da Piedade, e da Soledade tem em caza do Duque, com quem ſe confeſſava quazi todas as noutes, e de quem fazia grande eſtimaçaõ, e ainda que veyo com ſumma brevidade, quando chegou, jà o Duque naõ falava. Começou o Duque Dom Jayme a di-

zer

zer a ſeu Pay o que he proprio daquella hora, e pegando-lhe o Padre na maõ, para ver ſe dava algum ſinal para lhe dar a abſolviçaõ, ſuppoſto que o Duque naõ falava, ſe percebeo que a cada palavra, que ſe lhe dizia ao ouvido, fazia hum tal movimento com o corpo, que parecia ſinal para o abſolver o Padre, o que elle fez repetidas vezes, atè q̃ faltãdo-lhe de todo os pulſos, e a reſpiraçaõ, ſe conheceo que havia eſpirado. Foy a ſua morte meya hora depois da meya noite, quarta feira vinte e nove de Janeiro de mil e ſette centos e vinte e ſette, tendo de idade outenta e outo annos, dous mezes, e vinte e quatro dias.

Falecido o Duque, eſcreveo logo o Duque Dom Jayme ao Secretario de Eſtado a carta ſeguinte.

ESta noite depois da meya noite foy Deos ſervido levar para ſi a meu Pay. Eſpero que voſſa merce diga a ElRey meu Senhor que perdeo hum criado, que o amava, e Sua Mageſtade honrava como ſempre lhe mereceo. Deos guarde a voſſa merce. De caza 29. de Janeiro de 1727.

Senhor Diogo de Mendoça Cortereal

Duque Eſtribeiro mor.

A eſta carta deo o Secretario de Eſtado a ſeguinte reposta

LOgo ſerà prezente a Sua Mageſtade, que Deos guarde, a triſte noticia, que Voſſa Excellencia me participa, e crea Voſſa Excellencia que me deixa com aquelle ſentimento, que correſponde às obrigações, que ſempre confeſſarey devi ao Excelentiſ-

ſimo

ſimo Senhor Duque. Deos guarde a Peſſoa de Voſſa Excellencia; Paço 29. de Janeiro de 1727.

Senhor Duque Eſtribeiro mor.

Diogo de Mendoça Cortereal.

Eſcreveo tambem o Duque aos Marquezes de Abrantes, e de Alegrete, dando-lhes a noticia de ter Deos levado ao Duque para ſi, e dizendo-lhes que eſperava delles lhe fizeſſem a merce de virem pela manhaã; mas naõ eſperàraõ por ella, porque no meſmo tempo, em que tiveraõ o avizo, vieraõ ſem dilaçaõ. Mandou o Duque chamar todos os ſeus criados para diſpor o funeral do Duque ſeu Pay, ordenando que ſe fizeſſe com toda a grandeza poſſivel. Pela menhaã mandou hum criado com hum recado ao Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Patriarcha, dizendo lhe que era falecido ſeu Pay, e que para ſe lhe fazer o funeral, era neceſſario que Sua Illuſtriſſima Reverendiſſima lhe concedeſſe licença, para ſe levantarem mais Altares, como jà ſe havia feito com ſeu Irmaõ o Duque Dom Luiz. Reſpõdeo ſentia muito a falta do Duq̃, e naõ menos naõ poder dar licença para mayor numero de Altares, porque para o naõ poder fazer havia huã Bulla, que o prohibia.

O Padre Dom Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular, que alli ſe achava, e de quem o Duque faz muita eſtimaçaõ, ſe lembrou que em caza dos Marquezes das Minas havia hum Chriſto Crucificado, a quem a Santidade de Clemente X. ſendo em Roma Embaixador de Portugual Dom Franciſco de Souza, primeiro Marquez das Minas, concedeo o privilegio de que em qualquer parte, em que ſe collocaſſe, ſe levantaſſe

vantasse Altar com a circunstancia de privilegiado, e que se mandasse logo buscar, como com effeito se fez. Soube-o o Senhor Patriarcha, e duvidando da qualidade da concessaõ, por naõ ter visto o Breve, e naõ dar o tempo lugar para este exame, disse ao Reverendissimo Padre Geral dos Loyos que elle dava faculdade, para que o Oratorio da Caza se trasladasse para aquella sala, e que deste modo satisfazia à prohibiçaõ Pōtificia, e ao seu escrupulo, e nesta fórma se executou.

Pela manhãa da mesma quarta feira despachou o Duque hum Postilhaõ a Evora ao Almoxarife, que tem naquella Cidade, pelo qual lhe mandava que tivesse disposto tudo o que fosse necessario para aquella occaziaõ com toda a grandeza, que pudesse ser, de cujo effeito se darà depois mais distincta noticia. Pelo mesmo Postilhaõ escreveo o Duque ao Illustrissimo Cabido, e Camera daquella Cidade; dando lhe a noticia de ser falecido o Duque seu Pay, e que havia de ir a enterrar na Igreja de Saõ Joaõ Evangelista dos Padres Loyos. As cartas saõ as que se seguem.

LEmbrado de quanto meu Pay, e Senhor, que Deos tem, estimava ser natural dessa Cidade, dezejo dar a Vossa Senhoria a demonstraçaõ possivel do muito que sempre conservarey esta memoria, dando conta a Vossa Senhoria do seu falecimento, e de que no primeiro de Fevereiro se hade sepultar seu corpo na Igreja de Saõ Joaõ Evangelista dessa Cidade. Nesta, e em todas quaesquer occaziões espero experimentar as attenções de Vossa Senhoria, a quem sempre me mostrarey agradecido. Guarde Deos a Vossa Senhoria muitos annos. Lisboa Occidental 29. de Janeiro de 1727.

Senhor Deaõ, Dignidades, Conegos, e mais Cabido, Sede vacante.

Duque Estribeiro mór.

A grande

A Grande eſtimaçaõ, que meu Pay, e Senhor, què Deos tem, ſempre moſtrou que fazia de ter nacido neſſa Cidade, me obriga a pedir a v. m. queira fazer prezente ao Tribunal da Camera quanto procuro imitallo neſta memoria, dando-lhe conta do ſeu falecimento, e de que na Igreja de Saõ Joaõ Evangeliſta ſe ha de ſepultar o ſeu corpo no primeiro do mez de Fevereiro; eſpero dever a v. m. neſta occaziaõ toda a attençaõ, que ſempre procurarey merecerlhe. Deos guarde a v. m. muitos annos. Lisboa Occidental 29. de Janeiro de 1727.

Senhor Doutor Jozè Luiz Coutinho.

Duque Eſtribeiro mòr.

Na madrugada do meſmo dia mandou logo o Duque em ſatisfaçaõ do teſtamento de ſeu Pay dizer grande numero de Miſſas de corpo prezente de eſmola de duzentos, e quarenta reis, o que continuou da meſma ſorte na quinta feira, e nella ſe diſſeraõ em todos os Cōventos de Religiozos, e Religiozas pobres de ambas as Lisboas hum Officio de defuntos rezado, porque ſe deraõ de eſmola dèz mil reis a cada huma das Communidades ſobreditas, como mandava o teſtamento, de maneira, que na tarde da meſma quinta feira eſtavaõ ſatisfeitas quazi todas as clauzulas teſtamentarias.

Em quanto iſto ſe ordenou, mandou o Duque armar de baeta duas cazas, e a terceira, que he huma grande ſala, ſe armou de lòz de ouro amarellos, e telas pretas, e no meyo della ſe levantou huma eça decorozamente concertada. Mandou o Duque chamar os Cirurgiaes do Exercito Iſaac Liote, e Domingos del Vizo, para que embalſamaſſem o corpo de ſeu Pay, uzo que ſe pratica com peſſoas daquella grandeza, e lhes encomendou,

mendou que fizeſſem aquella operaçaõ o melhor que lhes foſſe poſſivel. Aſſim o executàraõ elles, e na Anatomia, que fizeraõ, naõ achàraõ outro defeito, mais que o baço delido; mas como com elle naquelle eſtado ſe pòde viver muitos annos, aſſentàraõ que a morte do Duque procedera de diſſoluçaõ de eſpiritos vitaes. Feita a obra, e levados á Freguezia de Santa Juſta em hum excellente cofre os inteſtinos do Duque, puzeraõ o corpo em hum caixaõ de madeira, em que havia outro de chumbo. Eſtava veſtido (na fórma, que o Duque diſpuzera no ſeu teſtamento) com o habito de Saõ Franciſco dos Religiozos do ſeu Hoſpicio, e por ſima o Manto da Ordem Militar de Chriſto, de que era Comendador. Tudo aſſim preparado, mandou o Duque que foſſe o corpo levado para a Eça, e pegàraõ no caixaõ os Religiozos Arrabidos, e alguns do Hoſpicio do Duque, de cujas Provincias tinha cartas de Cõfraternidade. Na quinta feira pela manhãa vieraõ os meſmos Religiozos Arrabidos do Convento de Saõ Pedro de Alcantara, e cantàraõ as Matinas dos Defuntos, demonſtraçaõ, que naõ fazem com peſſoa alguma. Os Conigos Seculares de Saõ Joaõ Evangeliſta cantàraõ as Laudes, e o ſeu Padre Geral o Doutor Lourenço Juſtiniano cantou a Miſſa. De tarde vieraõ todas as Communidades de ambas as Cidades a encomendar a Alma do Duque, e ſendo o eſtylo cantarem hum Reſponſo, cada huma das Communidades cantou hum Nocturno de Defuntos com tres Lições, e no fim o Reſponſo coſtumado. A todas ordenou o Duque Dom Jayme, que álem da cera ſe deſſem duas moedas de eſmola. Em todo o dia aſſiſtio ſempre na caza grande numero da Nobreza da Corte, de Religiozos, e de povo, vendo-ſe em todos hum geral ſen-

timento,porque o Duque eſtimava os Grandes, e favorecia aos outros com as ſuas esmolas.

As ſeis horas da tarde ſahio o Duque acompanhado de todos os ſeus parentes, veſtidos de grande luto, a lançar agua benta no corpo do Duque. Diante do Duque vinha o Geral dos Loyos, que dando o hyſſope ao Duque, e tornando-o a receber depois da ceremonia, ficou em pè em quanto o Duque rezou de joelhos o Reſpõſo. Levantado o Duque, chegárao pelas ſuas antiguidades os parentes, que forao o Marquez de Abrantes, o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Marquez de Fontes, o Conde de Villa Nova de Portimao, o Conde de Villar Mayor, o Conde de Tarouca, o Conde de Obidos, e Nuno da Sylva Telles, aos quaes para lançarem agua benta derao o hyſſope dous Moços da Camera do Duque. Feita eſta ceremonia, mandou o Duque a Domingos del Vizo que meteſſe no caixao o que ſe havia de pòr naquelle tempo, que erao hervas aromaticas, e alguns ſimplices prezervativos da corrupçao, e que o fechaſſe. O Veador da caza veyo entregar as chaves ao Duque, que lhe ordenou as dèſſe ao Padre Geral dos Loyos, a o qual diſſe o Duque mandaſſe pegar no caixao pelos ſeus Religiozos, e eſtes o levàrao atè o accommodarem nas andas; acompanhou o Duque o corpo de ſeu Pay atè o fim da eſcada, e depois de ſe pòr em marcha, ſe recolheu o Duque com os meſmos parentes, com que viera.

Logo que faleceu o Duque ſe levou a noticia ao Marquez de Marialva Sargento mor de Batalha, em quem pela falta do Duque recahia o governo das Armas deſta Provincia. Depois de dar conta a Sua Mageſtade diſpoz o funeral, prevenindo as honras militares,

res, que se costumaõ fazer aos Generais, para o que se valeu do aresto do funeral, que se fez ao Marquez de Marialva Dom Antonio Luiz de Menezes, Capitaõ General, que havido sido desta Provincia. Escreveu logo ao Juiz de Fóra de Aldea Gallega, para que na manhãa do dia 30. mandasse a Lisboa seis barcos para conduzirem hum Esquadraõ de sessenta cavallos mandado pelo Capitaõ Henrique Luiz Pereira, que havia de acompanhar o corpo do Duque atè a Cidade de Evora, onde se havia de sepultar. Mandou montar tres canhóes de artelharia, hum no Castello da Cidade, e dous, que haviaõ de ir no corpo das Tropas. Fez avizo às Torres, e Fortes da Marinha, para darem tres descargas de artelharia, quando a Cavallaria, e Infantaria o fizesse no Caes dos Mouros. Ordenou que os Officiaes de Cavallaria, e Infantaria se enlutassem, trazendo cada hum tres fumos; o primeiro no chapeo, o segundo no braço esquerdo, e o terceiro no espadim, e que as caixas, e timbales se cubrissem de luto, e que pendessem dos Estendartes fumos cahidos, e que as trombetas tocassem à sordina; e que fossem as caixas destemperadas, e para guarda da caza do Duque mandou hum Tenente com trinta Cavallos.

Passadas assim as ordens, mandou o Marquez de Marialva, que à huma hora da tarde da quinta feira se achassem os quatro Batalhões de Infantaria, e os dous Regimentos de Cavallaria formados em duas linhas em batalha no Terreiro do Paço, e as duas peças de artelharia com o Tenente Coronel della; e executada esta ordem pelo Brigadeiro o Conde dos Arcos pelo que respeitava à Cavallaria, e pelo Brigadeiro Ignacio Xavier Vieira Matozo pelo que pertencia à Infantaria,

confórme lhes havia dito o Sargento mor Antonio Jozè de Vaſconcellos Ajudante das Ordens do General, que era o que levava por eſcrito a dita ordem, chegou o Marquez de Marialva á teſta da primeira linha acompanhado dos dous Ajudantes de Ordens os Tenentes Coroneis Dom Thomáz de Aragaõ, e Luiz Garcia de Bivar, e pondo-ſe na frente do Eſquadraõ da direita, desfilou as duas linhas em huma colunna pelo modo ſeguinte.

Marchava o Conde dos Arcos com os tres Eſquadrões da direita da primeira, e ſegunda linha, á que ſe ſeguia o Tenente Coronel da Artelharia Joaõ Franciſco Roncalhe acompanhado de dous Ajudantes, tres Condeſtaveis, e doze Artelheiros, e as duas peças tirada cada huma por ſeis mulas com cubertas de baeta, e os cocheiros enlutados, e a carga da polvora, e o Azemel della tambem de luto. Seguia-ſe o Brigadeiro Ignacio Xavier Vieira Matozo com o ſeu Regimento, que fazia a direita da primeira linha, a quem ſeguia o Coronel Pedro de Souza de Caſtello Branco com o ſeu Regimento da Armada, e o Sargento mor Jozè da Silva com o Batalhaõ do Deſtacamento de Alem-Tejo, que eraõ os dous, que faziaõ a ſegunda linha, e na colla deſtes o Brigadeiro Jozè de Mello Porteiro mor com o ſeu Regimento, que era o da eſquerda da primeira linha, a quem ſeguio o Tenente Coronel Dom Luiz Botelho com os tres Eſquadrões da eſquerda da primeira, e ſegunda linha, que faziaõ a retaguarda da colunna; e neſta fórma marchou atè o Rocio, onde ſe tornàraõ a formar as duas linhas em batalha, como haviaõ eſtado no Terreiro do Paço, poſtando-ſe a artelharia na direita da primeira linha. Os Officiaes de Infantaria levavaõ os eſpontões de raſtos, e os Alferes as bandei-

bandeiras enroladas tambem de raſtos , pegandolhes pelas choupas, e os Soldados Infantes com as armas debaixo do braço direito com as bocas para baixo; e os Officiaes, e Soldados da Cavallaria com a eſpada na maõ derribada ſobre os peſcoços dos cavallos, e as caravinas pendentes das moles das bandoleiras com as bocas para o chaõ, e os Eſtendartes colhidos.

Acabado de formar o corpo, mandou o Marquez de Marialva deſcançar ſobre as armas, e deu ordem aos Sargentos mores dos Regimentos tiveſſem as armas atacadas, para que tanto que o corpo do Duque ſahiſſe de caſa, ſe déſſe a primeira deſcarga; e que quando chegaſſe o corpo á teſta da primeira linha, lhe haviaõ todos os Officiaes fazer corteſia de eſpontaõ, e os Soldados preſentar as armas. Dada eſta ordem, foy o Marquez acompanhado dos ſeus Officiaes de Ordens a caſa do Duque a lançarlhe agoa benta, e voltando para as Tropas, eſperou o enterro na teſta dos Eſquadroẽs da eſquerda da primeira linha, e como tocaráõ as Ave Marias, ſem que o corpo do Duque tiveſſe ſahido de caſa, fez ſuſpender a ordem, que eſtava dada para as continencias de eſpontaõ.

Diſpoſto, e ordenado tudo deſta ſorte, eraõ ſeis horas da noite quando o corpo do Duque ſe poz nas andas com o ſeguinte acompanhamento. Hiaõ ſeis cavallos de maõ enlutados até o chaõ, levados por ſeis homens de pé, tambem enlutados, e o ultimo cavallo, que era o da peſſoa do Duque, hia desferrado de todos os quatro pés. Seguia-ſe a Cruz dos Padres Loyos, e vinte Padres a cavallo com tochas accezas. O Alferes com o Guiaõ do Duque, que era de ſeda branca, e farpado com as ſuas Armas no meyo. Immediato a eſte hia o Paje com as armas brancas, e eſpada do Duque,

que, e logo o Eſtribeiro do Duque tambem enlutado. Hiaõ ſeis Moços da eſtribeira com archotes de cera acezos, e a elles ſe ſeguia o corpo do Duque em humas andas cubertas com hum panno de téla negra, e ouro, e os machos com capas de veludo negro guarnecidas de rendas de ouro; e de huma, e outra parte das andas hiaõ oito Moços da Camera do Duque enlutados com tochas acezas. Detráz vinha o coche de eſtado cuberto de baeta até o chaõ, e as ſeis mulas, e os cocheiros tãbem enlutados, e ás eſtribeiras dois moços da eſtribeira cõ archotes de cera, como ſe vè na eſtampa ſeguinte.

Tanto que o corpo do Duque ſe poz nas andas, ſe deu a primeira deſcarga, e quando chegou á eſquerda da primeira linha, veyo pela frente della atè o Palacio do Cardeal da Cunha, aonde ſoy recebido com a ſegunda deſcarga, que deraõ as duas linhas, começando pela artelharia, e logo os Eſquadroẽs da direita fizeraõ fogo, e ſucceſſivamente os corpos de toda a linha atè a eſquerda, a que ſe ſeguio a ſegunda linha na meſma fórma. O acompanhamento do enterro entrou por entre ambas as linhas, e o Marquez de Marialva ſe poz em marcha com a coluna na meſma fórma, em que viera do Terreiro do Paço para o Rocio; porêm com a differença que deſſilou pela eſquerda, e o corpo do Duque com o ſeu acompanhamento foy no centro da coluna marchando pela Rua dos Eſcudeiros, Rua Nova, Arco dos Prègos, Terreiro do Paço, Ribeira atè o Caes dos Mouros, aonde eſtavaõ os eſcaleres, em que havia de embarcar o corpo, e a ſua comitiva. Chegando ao Caes, ſe formou toda a Cavallária, e Infantaria em batalha junto á muralha da Marinha, e o Marquez de Marialva acompanhado dos ſeus Officiaes de Ordens eſperou naquelle lugar o

corpo

corpo do Duque, que tanto que chegou, foy tirado das andas pelos Padres de Santo Eloy, e o levaraõ para o escaler d'ElRey, que alli estava para o conduzir a Aldea Gallega. O Alferes, que levava o Guiaõ, quebrou a haste em pedaços, e recolheo o Guiaõ. Embarcado o corpo do Duque, mandou o Marquez de Marialva dar fogo ás peças, o que seguiraõ os Esquadrões da esquerda, e successivamente deu a descarga toda a linha, o que ouvido no baluarte da Vedoria, deu a primeira descarga dos seus canhões, o que seguiraõ a Torre Velha, Belem, Passo de Arcos, Saõ Juliaõ da Barra, e Cabeça seca. O Castello começou a disparar o seu canhaõ depois do corpo do Duque sahir de casa, o que continuou atè as nove horas da manhãa do dia seguinte com o intervallo de meyo quarto de hora de tiro a tiro, e na tarde do dia, em que se fez este obsequio militar ao Duque, todas as Communidades dobraraõ os sinos atè à noite.

A Mattheus Caldeira de Castello Branco seu Estribeiro nomeou o Duque para acompanhar a Evora o corpo de seu Pay, e para o que havia de fazer pelo caminho, lhe deu a instrucçaõ, que se segue.

,, Mattheus Caldeira. O que haveis de fazer, he o
,, seguinte. Logo que o ataude, em que vay o corpo
,, do Duque meu Pay, e Senhor, que està em gloria,
,, se puzer sobre as andas, procurareis que seja conduzi-
,, do sem desordem atè chegar às Tropas, que estaõ
,, prevenidas, ao lugar, que nellas lhe for destinado,
,, no qual seguirà a marcha das mesmas Tropas atè se
,, embarcar, pegaraõ nas argolas do mesmo ataude os
,, Padres Conegos de Saõ Joaõ Evangelista, que des-
,, tinar o seu Padre Geral.

,, Pelo mar se observará a mesma ordem, e decoro

que

,, que ſabeis que he divido, e logo que chegardes a Al-
,, dea Gallega mandareis repartir cera pelos Moços da
,, Camera, q̃ haõ de ir á roda do caixaõ, e pelos Padres,
,, e Clerigos da terra, que ahi eſtiverem, e na meſma
,, fórma ſerá conduzido o caixaõ para a Igreja, na qual
,, ficarà de noite aſſiſtido com a poſſivel decencia. De
,, manhãa ſe diráõ as Miſſas de corpo preſente, que
,, o tempo, e o lugar permittirem, de que mandareis
,, dar de eſmola duzentos e quarenta réis, e no meſmo
,, tempo ſe prepararaõ as cavalgaduras para ſeguir a jor-
,, nada ás Vendas Novas, ſem que ſe detenha nos Pe-
,, goês pela indecencia do lugar.

,, Nas Vendas Novas há huma Capellinha, em que
,, os Padres poráõ o ataude para ficar de noite aſſiſti-
,, do, como ſe fora na Igreja. E no dia ſeguinte, naõ ſe
,, podendo celebrar alguma Miſſa, ſe poraõ a caminho
,, até Evora, ſem que ſe detenhaõ em Montemor, por
,, naõ perder tempo na jornada, e chegar a melhores
,, horas à Cidade, aonde eſpero ſe tenhaõ prevenido as
,, demonſtraçoẽs proprias de ſemelhante occaſiaõ; e
,, entrando na Cidade, havereis anticipado o aviſo,
,, para que tudo ſe ache prevenido.

,, Ireis pelas principaes ruas para o Convento dos
,, Conegos de Saõ Joaõ Evangeliſta, aonde os meſ-
,, mos Padres, e naõ outra alguma peſſoa, pegaraõ no
,, caixaõ, e o collocaraõ na Eça, que eſtiver prevenida,
,, repartindo-ſe de novo cera por todo o Clero Secular,
,, e Regular, que concorrer, e de noite ficará aſſiſtido
,, o corpo, como aſima tenho diſpoſto. No dia ſe-
,, guinte, ou naquelle que puder ſer, corre por conta
,, dos meſmos Padres de Saõ Joaõ Evangeliſta fazer o
,, Officio de corpo preſente, e da ſepultura, para o
,, que lhes dareis a cera neceſſaria. Acabada a funçaõ,
no

,, no dia ſeguinte deſpedireis a carruagem das peſſoas,
,, que là ficarem, e voltareis com os mais criados, que
,, vierem em voſſa companhia.

,, A todos os Padres, como tambem aos criados fa-
,, reis tratar aſſim à noute quando chegarem à eſtala-
,, gem, como pela manhãa antes de ſahirem della com
,, a decencia, e commodidade, que convem, e tam-
,, bem aos criados inferiores de ſorte, que a nimguem
,, falte o neceſſario.

,, E aſſim dos Soldados, como dos cavallos das
,, Companhias mandareis ter particular cuidado. E
,, eſpero que neſta occaziaõ me ſirvais com o meſmo
,, zelo, e cuidado, com que o fizeraõ voſſo Pay, e
,, Avo. Lisboa Occidental em 30. de Janeiro de
,, 1727.

Duque.

Em obſervancia deſta inſtrucçaõ, embarcado o corpo do Duque no eſcaler, mandou Mattheus Caldeira de Caſtello Branco acender duas tochas, por naõ dar lugar a embarcaçaõ para mais, e chegando ao Caes de Aldea Gallega, antes de dezembarcar, mandou repartir cera pelos Padres, e Moços da Camera, e com a meſma ordem, com que os ditos oito Padres meteraõ o caixaõ no eſcaler, o tiràraõ delle, e o puzeraõ nas andas, e com toda a decencia o conduziraõ para a Igreja Matriz daquella Villa, aonde o eſtava eſperando o Paroco della com quatro Beneficiados, e outo Religiozos do Convento de Alcouchete, e ſendo levado para a Capella mòr, ſe collocou ſobre hum lugar alto em fórma de Eça de hum ſó degrao, cuberto com hum panno de veludo negro, alumiado com ſeis tochas. No Altar mòr ſe puzeraõ quatro cirios, e dous em

em cada hum dos Altares da Igreja. Cantou o Paroco hum Reſponſo com os ſeus Beneficiados, e outro os Religiozos de Alcouchete, dobrando em todo eſte tempo inceſſantemente os ſinos.

Acabada eſta ſentida demonſtraçaõ, veyo o Tenente de cavallos do Deſtacamento, que alli ſe achava formado eſperando o corpo do Duque, ao qual comandava o Capitaõ Henrique Luiz, e diſſe a Mattheus Caldeira que o dito Capitaõ queria ſaber delle o que ordenava que fizeſſe, porque eſtava à ſua obediẽcia, e q̃ guarda havia de ficar á Igreja. Eſta attẽçaõ lhe agradeceu Mattheus Caldeira da parte do Duque, e lhe pedio dez Soldados para ficarem aquella noute dentro na Igreja com hum Cabo de Eſquadra, que lhe repartiſſe os quartos; o que executado ſe recolheu com os criados à eſtalajem, aonde ſe diſpoz tudo o que pertencia áquella noute, e depois que todos tiveraõ commodo, foy Mattheus Caldeira para a Igreja acõpanhado de Jozé da Matta, e de quatro Moços da Eſtribeira, aonde aſſiſtiraõ toda aquella noute.

No dia ſeguinte Seſta feira 31. de Janeiro pelas cinco horas da manhãa deu ordem Mattheus Caldeira a que ſe diſſeſſem todas as Miſſas de corpo prezente, que permittiſſe o tempo, que naõ puderaõ ſer mais do que ſeis, e querendo o Prior fazer hum Officio, lhe agradeceu a boa vontade, mas que juſtamente o impedia a demora, que naõ podia deixar de ſer muita, e ſer grande a jornada, que ainda ſe havia de fazer; mas ſó lhe pareceu que cantaſſe Miſſa, que officiáraõ os ſeus quatro Beneficiados, e os outo Religiozos de Alcouchete, a todos os quaes ſe mandou dar cera. Acabado eſte acto, pegáraõ os Padres Conegos no caixaõ, e o puzeraõ nas andas, e o foraõ acompanhando o Prior,

e mais

e mais Religiozos atè ſahir da Villa; levando tochas todos os Padres, e Moços da Camera. Em pouca diſtancia da Villa ſe recolheu a cera, e o Capitaõ Comandante do Deſtacamento, mandou avançar huma partida de ſeis cavallos com hum Cabo de Eſquadra, naõ ſó para cubrir o corpo, ſe naõ tambem para deſimpedir a eſtrada. Neſta fórma chegàraõ às Vendas Novas, logo depois das Ave Marias, e hum pouco apartado da primeira eſtalajem ſe fez alto para ſe acender a cera, e ſe ordenar a gente, e chegando à eſtalajem delRey, depozitàraõ os Padres na Capellinha, que alli hà, o corpo do Duque, cantandolhe hum Reſponſo. Depois de todos accommodados, ficou aſſiſtindo toda a noute ao corpo Mattheus Caldeira, e Jozè da Matta com a guarda de dez Soldados, e ſeu Cabo, mandãdo acender duas tochas por naõ haver commodidade para mais, pela falta de tocheiras. Dalli ſe deſpedio hum Soldado a Evora com carta para o Reitor do Convento de Saõ Joaõ Evangeliſta, dandolhe parte de como no dia ſeguinte chegavaõ àquella Cidade, e outra para o Almoxarife do Duque Manoel Duarte, para que tiveſſe prevenida a cera, e tudo o mais neceſſario para hum Officio publico.

No dia ſeguinte Sabbado primeiro de Fevereiro de madrugada cantàraõ os Padres hum Reſponſo por naõ haver commodidade para ſe dizer Miſſa, e logo puzeraõ o caixaõ nas andas, e com a meſma decencia, e ordem ſobredita ſe continuou a marcha, e por ſer ainda muito de madrugada ſe mandáraõ acender quatro archotes de cera, que leváraõ os homens da Eſtribeira a cavallo atè aclarar o dia, indo ſempre em toda a marcha a partida avançada.

Antes de chegar a Montemor ſe obſervou o meſ- mo,

mo, que nos outros povoados, e entrando naquella Villa ás onze horas do dia, se seguio a jornada pelas ruas principaes, e ás cinco horas da tarde chegáraõ as andas á Igreja de Saõ Mathias distante de Evora huma legua, aonde deu parte hum Soldado dos da partida avançada, que pouco distante da dita Igreja estavaõ vinte cavallos da Companhia do Conde de Soure comandados por hum Tenente, como depois se acháraõ formados no dito lugar, e chegando a elles, veyo o dito Tenente dizer ao Capitaõ, que comandava o Destacamento, que elle vinha por ordem do Tenente Coronel, que governava a Cidade para lhe obedecer, o que lhe agradeceu o Capitaõ Comandante, e lhe mandou seguir a marcha na retaguarda.

Na distancia de meya legua fóra da Cidade chegou hum Meirinho, e perguntando por Mattheus Caldeira, lhe deu a noticia de que adiante daquelle lugar estava o Juiz de Fóra com os seus Officiaes esperando o Duque para o acompanhar, e que lhe dissesse o lugar, que havia de tomar, o qual mandou agradecer da parte do Duque Dom Jayme aquella attençaõ, e que o lugar havia de ser o que sua Mercé elegesse, e com esta reposta foy diante de todo o acompanhamento.

Chegando junto da Cidade á Ermida de Saõ Sebastiaõ, mandou Mattheus Caldeira dar a cera (que alli se achava prompta) aos Padres, e Moços da Camera, que deste lugar foraõ a pè; e ordenado tudo na referida fórma, mandou o dito Mattheus Caldeira adiantar a Jozé da Matta com o Azemel para que fosse repartir a cera pelos Padres do Convento de Saõ Joaõ Evangelista, e pelos mais Religiozos, que os acompanhassem. Ao passar pelo Convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços Padroado do Duque,

que, aquelles Religiozos eſperàraõ o corpo do Duque em duas alas com a ſua modeſtia coſtumada, e diante das andas hia Mathias Freire levando a Coroa Ducal em huma almofada.

Ao entrar pelas portas da Cidade eſtava formada a Ordenança, e Auxiliares em duas alas, e por entre ellas marchou o acompanhamento atè chegar ao Convento, fazendo entre tanto todas as mais Igrejas aſſim de Regulares, como de Seculares grandes demonſtraç ões de ſentimento, diſtinguindo-ſe entre todas a Cathedral, porque deſde o dia, em que chegou a noticia, atè a hora, em que ſe ſepultou o corpo do Duque, naõ ceſſàraõ de dobrar os ſeus ſinos.

Chegando o corpo ao Convento de Saõ Joaõ Evangeliſta pelas ſete horas e meya da noute, o eſtavaõ eſperando fóra da porta da Igreja o Padre Reitor, e toda a ſua Communidade, e muitos Religiozos de outras Religiões, e alguns Collegiaes, que todos eſtavaõ com tochas acezas, que lhes havia dado Jozé da Matta. Os outo Padres tiràraõ o corpo das andas, e o trouxeraõ até aquelle lugar, e o puzeraõ ſobre dous bancos cubertos de baeta, que haviaõ levado dous homens da Eſtribeira. O Vice Reitor do Convento de Saõ Joaõ de Xabregas, que era o que levava as chaves do caixaõ, as entregou ao Padre Reitor, e eſte ao Sacriſtaõ mòr, que abrindo o caixaõ, tirou Mattheus Caldeira hum panno de lò, que cubria o corpo, do qual ſe fez a entrega coſtumada, aſſiſtindo a ella o Eſcrivaõ da Communidade, que com todos os que eſtavaõ prezentes deu fé de ſer aquelle o meſmo corpo do Duque, como conſta da Certidaõ.

Fechado o caixaõ, o levàraõ os Padres para dentro da Igreja, e depois de o porem ſobre hum eſtrado al-

to cuberto de baeta, que para efte fim eftava preparado, fe abrio fegunda vez o caixaõ, levantàraõ os Cantores o Refponfo *Credo quòd Redemptor meus vivit*, e logo em tom figurado *Memento mei Deus* dita pelo Reitor a Oraçaõ *Inclina*, e cantado o *Requiefcat in pace*, fechàraõ o caixaõ, e o collocàraõ na Eça, que eftava no Cruzeiro da Igreja, compofta de cinco degraos com toda a grandeza poffivel, e em que arderaõ vinte e quatro tochas, e alguns Padres ficáraõ velando o corpo toda aquella noute. Seguio-fe a ifto dar o Deftacamento da Cavallaria tres defcargas, e tornando o Capitaõ Commandante, que em toda efta jornada moftrou huma politica muy propria da fua peffoa, a perguntar a Mattheus Caldeira, que guarda queria que alli ficaffe, fe affentou que fe devia de reforçar, e ficáraõ trinta Soldados com os feus Cabos de Efquadra até que o corpo fe deu á fepultura. Ao recolher-fe Mattheus Caldeira lhe deu o Juiz de Fóra fatisfaçaõ de naõ fair o Senado da Camera daquella Cidade a acompanhar o corpo do Duque, porque era privilegio feu naõ receberem peffoa alguma fóra della, o que fe lhe gratificou como era jufto.

No Domingo feguinte, que eraõ dous de Fevereiro, dia da Purificaçaõ de N. S. depois da bençaõ da Cera, e da Miffa Conventual, que fe diffe a portas fechadas pelas cinco horas da manhãa, fe principiáraõ às feis a dizer Miffas em todas as Capellas da Igreja, e em mais nove Altares, que para efte fim fe levantáraõ para mayor expediçaõ, e atè as nove horas fe celebráraõ cento e treze de efmola de 240. Começou-fe com toda a folemnidade o Officio, para o qual concorreu o Illuftriffimo Cabido, mandando os Cantores da fua Sé, que unidos com os outros fizeraõ qua-

tro

tro Coros de Muzica. A este acto assistio o mesmo Cabido com os Inquizidores da parte do Evangelho, e o Senado da Camera da parte da Epistola, e no corpo da Igreja os Prelados de todas as Religiões, que hà naquella Cidade com todas as mais pessoas nobres, e authorizadas. Desde o principio atè o fim do Officio estiveraõ os Moços da Camera com tochas na maõ em pè, e Mattheus Caldeira hum pouco mais retirado tambem em pé. Mandaraõ-se dar cirios de dous arrateis aos Conegos, Inquizidores, e Senado da Camera, e de arratel a todos os mais Ecclesiasticos. No fim da Missa se cantàraõ os cinco Responsos, como se pratica em semelhantes funeraes, e dos quatro primeiros disseraõ as Orações os Padres mais graves daquella Communidade, e o ultimo disse o Padre Reitor, que era o Celebrante. Acabados os Responsos, levàraõ os Padres o caixaõ para a sepultura, e cantadas as Antifonas, que a Igreja uza, sepultáraõ o corpo na Capella mòr no Presbyterio da parte da Epistola em correspondencia da sepultura do Duque Dom Luiz seu filho, e acabado este acto deu tres descargas o Destacamento.

A Igreja estava armada de baetas, vẽdo-se por entre as paredes dos arcos muitas tarjas cõ as Armas do Duque, entre caveiras, e trofeos militares, e da mesma sorte se via o Portico da Igreja, em que estavaõ pintadas as Armas do Duque.

A tres de Fevereiro naõ fizeraõ jornada para Lisboa os que tinhaõ ido a Evora acompanhando o corpo do Duque, porque era precizo que descançassem do trabalho passado; mas logo a quatro, que era Terça feira, se poz em marcha toda a familia, e todos os Padres Conegos, e com toda a commodida-

de ſe recolheraõ a eſta Corte.

Ao outro dia, (depois de ter ido para o ſeu enterro de Evora o corpo do Duque) que foraõ 31. de Janeiro, mandou Sua Mageſtade dar os pezames à Senhora Dona Luiza ſua Irmãa, à Duqueza, e ao Duque por Dom Lourenço de Almada Meſtre Sala da Caza Real, e a Rainha mandou fazer o meſmo por Dom Diogo de Menezes e Tavora ſeu Veador, o Infante Dom Franciſco pelo Conde de Avintes ſeu Eſtribeiro mór, e o Infante Dom Antonio pelo Conde de Saõ Miguel Gentil homem da ſua Camera, moſtrando todos neſtas demonſtrações o ſentimento da morte do Duque, que os havia criado.

Depois de falecido o Duque eſcreveu ſeu filho o Duque Dom Jayme a todas as Cameras das Villas, de que era Donatario, dando-lhes conta da morte de ſeu Pay pela carta ſeguinte.

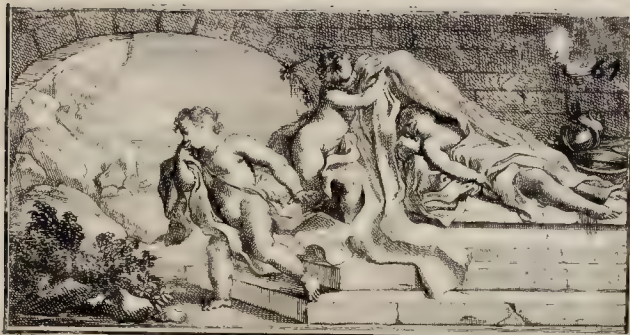
,, Juizes, Vereadores, Procurador, e Officiaes da ,, Camera da minha Villa de Tentugal, Eu o Duque, ,, &c. faço-vos ſaber que hoje quarta feira foy Deos ſer- ,, vido levar para ſi o Duque meu Senhor, e Pay, pa- ,, ra que na ſua morte façais aquellas demonſtrações de ,, ſentimento, que mereceu na vida o muito amor, com ,, que ſempre tratou todos ſeus vaſſallos. Eſcrita em ,, Lisboa a 29. de Janeiro de 1727.

Duque Eſtribeiro mòr.

,, Para os Juizes, Vereadores, Procurador, e mais ,, Officiaes da Villa de Tentugal.

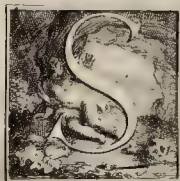
Recebida eſta noticia, a mayor parte daquellas Villas fizeraõ todas as demonſtrações de ſentimento, que

que cabiaõ na ſua poſſibilidade.

A 8. de Fevereyro de 1727. mandou o Prior da Villa de Mòrtagua, de que o Duque tinha o Senhorio, cantar hum Officio na Igreja Matriz Santa Maria da Aſſumpçaõ, em cujo fim diſſe a Oraçaõ funebre, que ſe ſegue, Dom Thomàz de Santo Antonio Conego Regular de Santo Agoſtinho, e Vigario da Igreja de Palla.

SERMAÕ
QUE FEZ O REVERENDISSIMO
D. THOMAZ DE S. ANTONIO,
CONEGO REGULAR DE SANTO AGOSTINHO DA CONGREGAÇAM do Real Mosteiro de Santa Cruz da Cidade de Coimbra, Vigario da Igreja de Palla.

NAS EXEQUIAS
DA VILLA DE MORTAGUA, QUE SE FIZERAM por falecimento do Excellentissimo Senhor

D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO,
QUE SANTA GLORIA HAJA.

Omnis populus ejus gemens.

SE havia alguma occaziaõ, em que as lagrymas referissem das vozes o elegante, se havia hora, em que os corações pelos olhos explicassem da Rhetorica o eloquente, esta era a occaziaõ, em que as lagrymas haviaõ de dictar as penas com as mais elegantes vozes, esta era a hora, em que os corações pelos olhos haviaõ de exprimir a dor com as mais eloquentes frazes. Excellentissimo Senhor, nessa urna aos nossos olhos na reprezentaçaõ occulto, mas nos nossos corações na realidade manifesto: se

Se havia occaziaõ, &c. Affim o vejo em todo o feu povo; pois feus olhos em arrebatadas correntes fe explicaõ affogados, feus corações pelos olhos em inundantes diluviosfe declaraõ fubmergidos: *Omnis populus ejus gemens.*

Ah pena, como affim atormentas! Ah dor, como affim maltratas! He a pena, e a dor defte amante povo taõ grande, e taõ eminente, que por fer a dor pela fua grandeza incomprehenfivel, por fer a pena pela fua eminencia inexplicavel, callaõ as vozes, e fó fe explicaõ os olhos, emmudecem as linguas, e fó falaõ as lagrymas; porque o povo, que he amante, quando o feu Senhor lhe falta, tudo nelle efpira, ficando-lhe fe o coraçaõ para fentir, os olhos para chorar: *Omnis populus ejus gemens.*

Em profecia vio Jeremias a morte de Chrifto, (he commum fentir) e diz no primeiro Capitulo dos feus Epicedios, que todo o povo gemera, que todo o povo choràra: *Omnis populus,* &c. Pois como affim? Naõ ha no povo linguas para referirem a fua màgoa? Naõ hà no povo vozes para explicarem a fua pena? Sim ha, muito bem; pois, como Jacob na fua pena, rafguem os ares em vozes dizendo: *Fera peffima devoravit.* Como David na fua màgoa rompaõ os Ceos em gritos referindo: *Fili mi Abfalon*; pois he certo que pelas palavras fe acha alivio nas penas, mas naõ hade romper o povo nas fuas màgoas com linguas, e fó ha de explicar a fua pena com lagrymas: *Omnis populus ejus gemens*? Sim.

Porque a morte, que chorava aquelle povo amante, era a morte do Principe mayor, do Duque mais valente, que era Chrifto Noffo Senhor: *Princeps Provinciarum*: *Dux, qui regat populum meum*, e como a morte era de Chrifto Senhor Noffo, Duque o mais valente, e Principe o mayor, ha de fer em todo o feu povo taõ grande a màgoa, ha de fer em todo o feu povo taõ grande a pena, que com linguas a naõ podem dizer, fó com lagrymas a podem explicar: *Omnis populus ejus gemens.*

Principe grande era o objecto da noffa màgoa: *Princeps Provinciarum*, Duque valente era o affumpto da noffa pena, pois Duque foy eleyto para gloria da Luzitania: *Dux, qui regat populum meum*; e como a morte a taõ grande Principe derrubou, como a morte a taõ valente Capitaõ accometeu, quem duvida que em todo o feu povo, de que era Senhor, havia de fer taõ grande a fua pena, que com vozes a naõ haviaõ de exprimir, fó com lagrymas a haviaõ de explicar: *Omnis populus ejus gemens.*

Affim fe vè na fentida faudade, com que o choraõ nefte acto prezen-

prezente; depois que o Reverendo Prior desta Igreja no regulado dia de *Obitûs* lhe fez as Exequias; pois naõ sendo o ultimo, que se lembrava delle na vida, foy o primeiro, que delle se naõ esqueceu na morte, pois com todo o Clero do seu dominio deu primeiro que todos demonstraçaõ do seu sentimento. Esta acçaõ a mais generoza estou eu vendo na Escritura me parece por mais soberana.

Soberano Esdras foy o Reverendo Prior, soberano Esdras, porque depois de encommendar a Deos o seu Principe, e o seu Senhor neste Templo com taõ sentidas lagrymas, com o seu exemplo se ajuntàraõ grandes, e pequenos; isto he, Nobreza, Justiças, Ordenanças, e todo o mais povo, e com elle o choraõ com o mayor pranto; assim o diz o Texto: *Orante Esdrâ, implorante, & flente ante Templum Dei, collectus ad eum cœtus grandis nimis virorum flevit populus fletu multo.* Mas assim havia de ser, porque se na vida lhe estava o mais obrigado, na morte se havia de mostrar o mais agradecido.

Assim pois junto, e unido todo o povo o chora; e quando os olhos de todo o seu povo com as mais sentidas lagrymas o naõ dissseraõ, esta funeral pompa, aquellas tremulas luzes com mudas linguas o explicaraõ: porque quando a dor he grande, embargaõ-se as operaçoes ao racional para as dizer, e só o insensivel mudamente as sabe explicar.

Morre Christo Senhor Nosso, e os Evangelistas dizem que as luzes se escureceraõ, e os Planetas se eclipsáraõ: *Tenebræ factæ sunt per universam terram; & obscuratus est Sol.* E como assim? Se Christo he o nosso Redemptor: *Jezus, id est, Salvator*, naõ haõ de dizer os Evangelistas que o racional sente, e só haõ de dizer que o insensivel pena? *Tenebræ*, &c. Sim; e a razaõ he, porque a morte era de Christo *expiravit*, morte a mais sentida, e morte a mais deplorada: *Attendite, si est dolor similis*, e morte que he de taõ grande pena, morte que he de taõ grande mágoa, naõ ha de haver no racional palavras para a dizer, só no insensivel ha de haver linguas para a explicar: *Expiravit, Jezus, id est, Salvator, tenebræ factæ sunt per universam terram, obscuratus est Sol.*

Mas ah Mauzoleo funebre, Panteaõ horrido, Esquife pallido, Feretro lugubre, Obelisco tremulo, Tumulo languido, urna opaca, Cova escura! Sabes o que emti encerras? o que emti clausuras? o que emti encobres? Penetras o que aos nossos olhos nos levas? Julgas o que à nossa vista nos roubas? Pois sabe que nos arrebatas

rebatas ao Excellentiſſimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal; Senhor das Villas de Tentugal, Povoa de Santa Chriſtina, Buarcos, Villa Nova de Anſos, Rabaçal, Arèga, Alvayazere, Pena cova, Mòrtagua, Ferreira de Aves, Villa Ruiva, Villa alva, Albergaria, Agua de Peixes, Cadaval, Cercal, Peral, Muja, Noudar, e Barrancos, Commendador das Commendas de Santo Izidoro da Villa de Eyxo, Santo Andrè de Moraes, Santa Maria de Marmeleiro, Saõ Mattheus do Sardoal da Ordem de Chriſto, da Commenda de Grandola da Ordem de Saõ Tiago, da Commenda de Noudar da Ordem de Aviz, dos Concelhos de Eſtado, e Guerra de Sua Mageſtade, e do Deſpacho das Merces, e Expediente; Meſtre de Campo General da Corte, e Provincia da Extremadura junto à Peſſoa d'el-Rey; Capitaõ General da Cavallaria da Eſtremadura da meſma Corte, e Provincia; Prezidente do Paço, Mordomo mòr da Senhora Rainha, e Condeſtavel do Reyno.

Eſte he, òh Panteaõ horrido, eſte he, òh Feretro lugubre, o que a noſſos olhos nos roubas, o que à noſſa viſta nos levas. Dizeme, quando o vès com tanto triunfo, entaõ o levas para teu mayor trofeo? Quando o achas ſem empenho na batalha, entaõ o matas para tua mayor vittoria? Ah morte falſa! Ah aleivoza morte! Creme, que ſe vieras abraços comigo, me naõ havias de levar o meu Principe, o meu Duque, o meu Senhor. Segura-te que ſe a braços vieras comigo, levarme naõ havias o meu Senhor, o meu Duque, o meu Principe; aſſim o diz magoado, e ſentido todo o povo.

Mas jà que aſſim à noſſa viſta o arrebatas, jà que aſſim aos noſſos olhos o levas, neſtes apparatos funebres, neſtes objectos triſtes congregado todo o povo o ficaremos todos chorando, o ficaremos todos ſentindo: *Omnis populus ejus gemens.*

Porèm tantas lagrymas vertidas haõ de ſer ſó neſte ſitio choradas? Aqui onde as aguas, ainda que mortas, ſaõ mares, pois mortas aguas ſaõ as do mar morto, e mais o mar morto he mar; aqui pois as aguas mortas deſta Mortagua, he que as lagrymas deſte povo haõ de ſer vertidas? Sobre as aguas deſta Mortagua haõ de ſer choradas? Sim.

Porque quando a ſaudade de hum bem perdido he grande, as lagrymas, que ſe choraõ na ſua auzencia, haõ de ſer tantas, e tantas haõ de ſer, que as lagrymas dos olhos haõ de igualar as aguas

guas dos Rios, que para credito da fineza naõ ſe haõ de diſtinguir as inundaçõ es dos Rios dos diluvios dos olhos, porque em pena taõ grande, em falta taõ ſenſivel hà de ſer tanto o pranto chorado, hà de ſer tanto o pranto vertido, que confuzas humas aguas com outras aguas, tudo hade ſer pranto, e tudo ha de ſer choro.

Com as memorias do ſeu bem perdido ſe vio o povo de Iſrael, e faltandolhe vozes para dizerem as màgoas, creceraõlhe as lagrymas para referirem as penas, e buſcando ſitio para ſentir, ſobre as meſmas aguas ſe puzeraõ a chorar: *Super flumina Babylonis illic ſedimus, & flevimus, cùm recordaremur Sion.* Agora o meu reparo. Para o povo de Iſrael chorar a auzencia do ſeu bem perdido, naõ achaõ outro lugar, aonde façaõ o ſeu pranto, ſe naõ que ſobre as meſmas aguas dos Rios haõ de moſtrar o ſeu ſentimento: *Super flumina?* Sim, porque o povo de Iſrael, o que chorava, era o ſeu bem perdido, era o ſeu bem adorado: *Cùm recordaremur Sion*; e para que ſe viſſe o fino do ſeu ſentir, e o eminente do ſeu pezar, por iſſo ſobre as meſmas aguas dos Rios quizeraõ accumular as aguas dos olhos, para que na Babylonia confuza do ſeu ſentimento ſenaõ ſoubeſſem diſtinguir as aguas dos olhos das aguas dos Rios; porque quando a ſaudade do bem perdido he grande, para credito da fineza naõ ſe haõ de diſtinguir as inundações dos Rios dos diluvios dos olhos, porque hade ſer tanto o pranto vertido, que confuzas humas aguas com outras aguas, tudo hade ſer pranto, tudo hade ſer choro: *Super flumina Babylonis illic ſedimus, & flevimus, cùm recordaremar Sion.*

Eſta he a cauza, porque eſte povo ſobre as aguas mortas deſta Mortagua do ſeu ſentimento choraõ taõ vivas aguas, moſtrando para credito da ſua fineza que naõ haviaõ de buſcar outro ſitio para chorar as ſuas lagrymas, ſenaõ ſobre outras aguas, que lhe fizeſſem companhia nas penas: *Omnis populus ejus gemens: Super flumina Babylonis flevimus, cùm recordaremur Sion.*

Porèm, ſe o povo de Iſrael chorava ſobre aquellas aguas o bem, que ainda podiaõ lograr; que lagrymas eſte povo naõ hà de verter na falta de hum bem, que mais naõ haõ de poſſuir? Ah povo amante! He certo que morreu o Excellentiſſimo Duque, o Senhor Dom Nuno, e parece que aſſim havia de ſer, pois naõ mereciamos que o Ceo dilataſſe os annos de hum Principe taõ grande, e hum Capitaõ taõ forte: *Princeps Provinciarum: Dux, qui regat populum meum.*

Chore

Chore pois todo o ſeu povo todo, o ſeu povo chore: *Omnis populus ejus gemens*; e ainda que o tempo, que me deraõ para fazer eſta funebre Oraçaõ, foy taõ pouco, e muito menos o fizeraõ as minhas precizas obrigações; verà todo o povo daquelle Excellentiſſimo Senhor nas cauzas, que pude deſcobrir, ſe tem motivos para eternamente o chorar: *Omnis populus ejus gemens.*

A V E M A R I A.

Omnis populus ejus gemens.

CHora todo o povo daquelle amortecido Senhor, chora: *Omnis populus ejus gemens*, pois veja nos motivos, que lhe aponto, ſe tem razões para o ſeu pranto. Naſceu o Excellentiſſimo Senhor Dom Nuno do throno luzido do Sol de Bragança; pois dos incendidos rayos, que por toda a Chriſtandade deſpendeu, das brilhantes luzes, que por toda a Europa derramou, deſcendeu do Excellentiſſimo Senhor D. Alvaro, e da Excellentiſſima Senhora Dona Filippa de Mello. Foy o Senhor Dom Alvaro Irmaõ do Excellentiſſimo Duque Dom Fernando, deſcendencia do Santo Condeſtavel Dom Nuno Alvares Pereira, cuja filha a Senhora Dona Brites Pereira cazou com o Senhor Dom Affonſo, filho d'elRey Dom Joaõ o Primeiro.

Pela parte Paterna deſcende o Excellentiſſimo Duque Dom Nuno do Senhor Dom Affonſo Primeiro Duque de Bragança; pela Materna deſcende do grande Condeſtavel Dom Nuno Alvares Pereira, e eſte deſcende do grande Dom Mendo Irmaõ d'elRey Deſiderio de Italia. Do Senhor Dom Affonſo Primeiro Duque de Bragança (Avo pela parte paterna do Excellentiſſimo Senhor Dom Nuno) vem tudo o que hà Illuſtre na Europa, porque da Senhora Dona Izabel ſua Filha, que cazou com ſeu Irmaõ o Sereniſſimo Infante Dom Joaõ, deſcendem os Reys de Caſtella, os Emperadores de Alemanha, os Reys de França, Inglaterra, Dinamarca, Hungria, Boemia; Archiduques de Auſtria, Grãos Duques de Florẽça, Saboya, Duques de Parma, Duques de Modena, Urbino, Duques de Cleves, Duques de Lucemburg, Duques de Segorbe, Duques de Beraguas, Duques de Maqueda, Duques de Naxera, Duques de Eſcalona, Marquez de Elche, Condes de Oropeza, Duques de Aveyro, Duques de

de Caminha, Condes de Belalcaçar, Condes de Lemos, de Faro, de Odemira, Vimiozo, Marquezes de Valença, e ultimamente a Caza Real.

Porèm depois do estrago de Africa, e morte d'elRey Dom Sebastiaõ, depois da morte d'elRey Cardeal, opposto o Senhor Dom Antonio Prior do Crato ao Reyno, e roto infelizmente do exercito de Hespanha mãdado pelo Duque de Alva, esta nos anoiteceu escura neste Reyno tantos annos; porèm entre as horrorozas trevas, que se oppuzeraõ escuras, rompeu o Sol de Bragança o Serenissimo Senhor Dom Joaõ o Quarto às mais oppostas, e inimigas sombras, e nuvens; e apparecendo a este Reyno luzido, nos deu em Evora o melhor dia, criando a mais brilhante Estrella para nos guiar no Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, seu Sobrinho, e seu Afilhado.

Pois, indo dar os pezames à Excellentissima Marqueza de Ferreira da morte do Marquez seu Primo, Pay do Excellentissimo Dom Nuno na prezença de sua Mãy, o fez Duque, dizendolhe: *Nuno, eu te faço Duque do Cadaval*, como dizendolhe: Capitaõ te faço para regeres, e para governares a todo o meu povo: *Dux, qui regat populum meum.*

Foy o Excellentissimo Duque Dom Nuno hum homem parece que mandado por Deos. Do grande Baptista diz o Evangelista Aguia que fora hum homem mandado por Deos: *Fuit homo missus à Deo*, e quando o Evangelista fala dos mais homens, diz que sem os mandarem, vem: *Hominem venientem*; pois como he isso? De sorte que os mais homens haõ de vir, e o Baptista para vir se hà de mandar: *Fuit homo missus à Deo?* Sim, porque o Baptista havia de reger, e governar o povo de Deos: *Vox clamantis in deserto, parate viam Dòmini, rectas facite semitas ejus*; e homem, que o povo de Deos ha de reger, este hà de vir quando Deos o mandar: *Fuit homo missus à Deo.*

Menino era o Excellentissimo Senhor Dom Nuno para governar, (pois apenas contava treze annos quando o fizeraõ Duque) mas menino he que havia de ter o mando para nos reger, porque ainda que o Excellentissimo Senhor Dom Nuno era menino pelo numero dos annos, era muito homem na qualidade da pessoa; e pessoa, que he taõ grande na qualidade, ainda que mais menino se manifesta, entaõ muito mais homem se publica.

No mesmo Texto temos a prova; diz o Evangelista que o Baptista no mesmo dia, em que nacera, logo homem se publicàra:

ra: *Fuit homo missus à Deo.* E como pòde isto assim ser? No mesmo dia, em que se vè Infante nacido, nesse mesmo se vè homem declarado: *Fuit homo?* Sim, porque o Baptista era pessoa de qualidade a mais subida, era no sangue de qualidade a mais exaltada: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne Baptistâ*; e quem taõ grande he na qualidade da pessoa; ainda que menino nos annos chegue a parecer, sempre o mayor homem se hà de chamar: *Fuit homo, inter natos mulierum non surrexit maior Joanne Baptistâ.*

O homem mayor na pessoa, e o mais illustre na qualidade perdestes, òh povo amado; porque a morte naõ perdoa aos Doceis, aos Thronos, às Purpuras, aos Setros, às Coroas, aos Bastões; tudo a morte prostra, tudo a morte estraga, e he lastima, que sendo o Excellentissimo Senhor Dom Nuno, hum homem dado por Deos, hum homem por Deos mandado: (ao que parece) *Fuit homo missus à Deo*, o veja o seu povo naquella urna amortecido; mas, pois lhe falta o seu Principe: *Princeps Provinciarum*, pois lhe falta o seu Duque: *Dux, qui regat, &c.* sinta-o, e chore-o, pois tem, se corações para o sentir, olhos tem para o chorar: *Omnis populus ejusgemens.*

Chegou o tempo, em que o Excellentissimo Senhor Dom Nuno havia de tomar estado no Sagrado Hymenèo, e teve por feliz consorte no seu primeiro vinculo a Excellentissima Condessa de Odemira, da mesma Caza de Bragança procedida, de cuja Real planta teve a mais fragrante flor na Senhora Dona Joanna. Mas esta flor pallida, e aquella planta mustia, por naõ sahir do Jardim, passou às flores de Liz na França, e recebendo-se com a Excellentissima Senhora Maria Henriqueta de Lorena, teve desta flor o mais deliciozo fruto na Senhora Dona Izabel, cazada com o Excellentissimo Marquez de Fontes, Conde de Penaguiaõ, hoje Marquez de Abrantes, e Embaxador às Magestades Catholicas.

Foy este sazonado fruto do mayor agrado, e gosto do Excellentissimo Senhor Dom Nuno, mas, como parece que gostava o Ceo deste fruto da terra, arrebatoulhe Deos da terra este fruto para o Ceo; e vendo-se na sua Caza sem descendencia com a morte da Duqueza, tornou às flores de Liz na França, celebrando terceiro Matrimonio, e se recebeu com esta Excellentissima Princeza, que hoje tambem o chora como morta, e todo seu povo a venera sua Senhora viva.

He esta Serenissima Senhora das Cazas mais Illustres de França, pois

pois hé da Real de Valois, de Orleans, Maines, Guizas, Bearnes, Bombois, Lorenas, Vandomas, e ultimamente toda Princeza Real, porque da Caza Real he esta Princeza; de cujo Ceo aberto na terra sahiraõ os mais luzidos Astros no Senhor Duque Dom Luiz, no Senhor Dom Rodrigo, que Deos tem, no Senhor Duque Dom Jayme Estribeiro mòr, que Deos guarde; teve mais aquelle Sol amortecido deste Ceo aberto na terra as Estrellas mais brilhantes, e mais resplandecentes nas Excellentissimas Senhoras Condessa de Saõ Joaõ da Pesqueira, Marqueza de Alegrete, Condessa de Alvor, e Condessa de Penaguiaõ, e tanto resplandecem estas Estrellas, e luzem, que saõ Estrellas fixas do Firmamento da Corte: *Posuit eas in Firmamento.* Sem constellaçaõ, que as acabe, sempre viveraõ firmes no luzir, e constantes no brilhar: *Stellæ manentes in ordine suo.*

Soberano Abrahaõ parece, Senhores, foy aquelle Sol, que hoje choramos amortecido; pois nelle se deixa ver o que o Texto parece està a explicar. Quiz Abrahaõ succeslaõ na sua caza, disse-lhe Deos sahe fóra: *Eduxit eum foras*; olha para esse Ceo, *Suspice Cælum*; como dizendolhe: Recebe o Ceo: *Suspice Cælum, id est, suscipe Cælum, et numera Stellas, si potes*, e vè se podes do Ceo contar as Estrellas: *Numera Stellas, si potes.* Hà Texto mais proprio, e semelhante para allegoricamente accommodarmos ao Excellentissimo Senhor Dom Nuno? Pareceme que naõ.

Naõ tinha aquelle eclipsado Sol descendencia na sua Caza Real, na sua Real Caza; mas, como elle sempre andou com Deos, tomou Deos à sua conta o darlhe successaõ, e o mesmo, que disse a Abrahaõ, parece ao nosso entender disse ao Senhor Dom Nuno: Sahe fóra: *Eduxit eum foras*, toma o Ceo, *Suscipe Cælum*, e teràs tantas Estrellas, que naõ poderàs numerallas; isto parece que quer dizer, teràs tantos filhos, e successaõ taõ dilatada, que lhe naõ poderàs dar conto. *Numera Stellas, si potes, numera.*

Mas reparo que diz adiante o Texto que Deos promettera multiplicarlhe a sua successaõ sobre as Estrellas do Ceo: *Multiplicabo semen tuum super Stellas Cæli*; assim o diz a Abrahaõ, e para o nosso intento parece que a Sua Excellencia. Agora reparo. Se Deos o que dà a entender, he que receba o Ceo, que he sua consorte, e que della terà infinitas, e innumeraveis Estrellas, sendo as mesmas Estrellas (por allegoria) seus filhos? *Multiplicabo semen tuum super Stellas Cæli.*

A razaõ he, porque as Eſtrellas brilhantes deſta preclariſſima familia foraõ dadas por Deos; o meſmo Texto o diz: *Eroque tecum, & benedicam tibi, & ſemini tuo*; e Eſtrellas, que por Deos foraõ dadas na terra, tanto haõ de exceder às Eſtrellas do Ceo, que para ſe conhecerem os ſeus luzimentos ſobre as Eſtrellas do Ceo, ſe haõ de exaltar ſobre as meſmas Eſtrellas, ſobre as meſmas Eſtrellas do Ceo ſe haõ de ſubir: *Multiplicabo ſemen ſuper Stellas Cæli, eroque tecum, & benedicam tibi, & ſemini tuo; Stellæ manentes in ordine ſuo, poſuit Stellas in Firmamento Cæli, eduxit eum foras, ſuſcipe Cælum, & numera Stellas, ſi potes.*

Prototypo o mais ſemelhante na vida, e retrato o mais proprio (ao que parece) na morte do grande Abrahaõ foy aquelle Sol amortalhado, foy aquelle Sol eſcurecido. Abrahaõ depois de ter multiplicado a ſua deſcendencia, dando tudo quanto tinha ſe entregou a morrer: *Dedit cuncta, quæ poſſederat, mortuus eſt.* Da meſma ſorte aquelle Sol eclipſado, depois de ter exaltado a ſua illuſtre aſcendencia, tendo largado tudo o que poſſuhia ſe entregou a morrer: *Mortuus eſt.*

Ah Excellentiſſimo Senhor! Sol ſois deſte Emisferio mais luzido, e Sol taõ grande, que o Redemptor deſte Reyno, o Sereniſſimo Senhor Dom Joaõ o Quarto voſſo Tio, e Padrinho voſſo, vos criou para como Aſtro grande governardes, e preſidirdes: *Luminare maius, ut præſſet*; mas ſoubeſtes taõ bem conhecer as obrigações do Sol, que do Sol naõ faltaſtes às obrigações; naceſtes como Sol: *Oritur Sol*, e como Sol morreſtes, *& occidit.*

Conheceſtes do Sol a obrigaçaõ: *Sol cognovit*, e acabaſtes com a obrigaçaõ de Sol: *Occaſum ſuum.* O Sol quando morre, deixa os rayos, os incendios, as luzes, os reſplandores, e ultimamente tudo deixa o Sol, quando morre; vòs como Sol na morte tudo deixaſtes, e por iſſo mais entaõ luziſtes; porque deixar o Sol as luzes, e veſtir o Sol na morte horrores, he para o Sol occaziaõ de mais luzir, he para o Sol o modo de mais brilhar.

Diz Izaias que o Sol no dia do ſeu fim entaõ ainda haõ de ſer muito mais reſplandecentes as luzes, mais brilhantes os reſplandores; porque entaõ ſete vezes mais hà de brilhar, ſete vezes mais hà de luzir: *Erit lux Solis ſeptempliciter ſicut lux ſeptem dierum.* A razaõ he, porque o Sol naquelle dia todo de luto ſe hà de ver, todo de luto ſe hà de expor: *Sol factus eſt niger tanquam ſaccus cilicinus*, e Sol, que quando quer acabar, todo de luto ſe hà de veſtir, neſſe dia haõ de ſer os rayos do Sol os mais luzidos, neſſe

neſſe dia haõ de ſer os reſplandores do Sol os mais abrazados, porque dia, em que o Sol ſe ſepulta, dia, em que o Sol ſe enterra, ſete vezes o Sol mais hà de luzir, ſete vezes o Sol mais hà de brilhar: *Erit lux Solis ſeptempliciter ſicut lux ſeptem dierum. Sol factus eſt niger tanquam ſaccus cilicinus.*

E como naõ hà de chorar todo o povo a falta de taõ brilhante Sol, pois com os ſeus benevolos influxos, com os ſeus appetecidos rayos a todos acodia, a todos illuſtrava? Chore-o todo o ſeu povo: *Omnis populus ejus gemens*, e ultimamente chorem-no todos, pois a todos falta o Excellentiſſimo Dom Nuno. Chorem-no as quatro partes do Mundo; pois do Mundo a todas as ſuas quatro partes falta aquelle, que na grandeza para ſoccorrer, aquelle que na generozidade para amparar, era mayor que os Mundos, era mayor que os Univerſos: *Omnis populus ejus gemens.*

Chore-o a Europa, pois delle teve a Europa o melhor luſtre. Chorem-no as partes de Azia, pois delle tinhaõ da Azia as partes os mayores documentos. Chore-o a noſſa America, pois delle tinha a America as mayores normas; chorem-no as partes de Africa, pois delle tinhaõ as noſſas Fortalezas de Africa os mais Catholicos exemplos; finalmente chorem-no os Mundos, chorem os Univerſos, chorem os grandes, os pequenos, os pobres, os ricos, chorem-no: *Omnis gemens.*

Chorem-no as Religiões Mendicantes, as Monacaes Religiões, os Prelados, os Subditos, os Parocos, os Clerigos, os Miniſtros, os Soldados; o viuvo, o cazado, o ſolteiro, o orfaõ, o perſeguido; chorem-no, porque pela ſua grandeza, e ſumma bondade tudo queria favorecer, a todos queria livrar.

Quem vira ao Excellentiſſimo Senhor Dom Nuno a todos ſoccorrendo, a todos amparando, como o naõ havia de ſentir, como o naõ havia de chorar? A mayor parte das ſuas rendas deſpendia em obras pias, e em Santas obras; gaſtando com a Igreja, eraõ hum ſem numero de Miſſas, ou as Miſſas, que mandava dizer; com todas as Religiões mendicantes gaſtava, porque a eſtas com muito zelo ſoccorria de ſorte, que por ſua ordem, eraõ as eſmolas continuas, e muito frequentes; no meſmo Paço, aonde eſtava, tinha Botica para os pobres, e para os doentes; tinha tambem hum Oratorio de Religiozos da Provincia da Piedade, e da Soledade, para que ſe viſſe que ſe tinha remedio para os corpos, tinha tambem remedio para as Almas.

E dando ſempre tanto, muitas vezes dizia, e confeſſava que

quanto mais dava, tanto mais tinha; nas esmolas, que dava, quanto mais despendia, tanto mais achava. Senhor, assim havia de ser, porque as esmolas saõ feitas aos pobres, e estes saõ figuras de Deos; e o que a Deos se dà, do mesmo Deos se recebe, o mesmo he Deos chegar a receber, que logo Deos dar.

Diz Saõ Joaõ no seu Apocalypse que os Anciãos, que assistiaõ a Deos no Throno, despendiaõ com elle o ouro das Coroas; e reparo q̃ diz o Texto que as mesmas Coroas eraõ dos Anciãos no mesmo tempo, em que as estavaõ a dar: *Mittebant Coronas suas*; e como he isto assim? De sorte que daõ as Coroas de ouro, e recebem de ouro as Coroas? Daõ ouro, e recebem ouro, *Coronas suas*? o mesmo, que chegaõ a dar, isso mesmo tornaõ a receber: *Mittebant Coronas suas*? Sim.

Porque as Coroas, o ouro, o despendio, que os Anciãos faziaõ, era tudo feito a Deos, era tudo a Deos feito, pois em veneraçaõ de Deos o faziaõ; *in illîus venerationem*, e o que em veneraçaõ de Deos he dado, o que em veneraçaõ de Deos he feito, està taõ longe de se perder, que logo Deos o torna a dar, porque o q̃ a Deos se dà, logo de Deos se recebe; o mesmo he Deos chegar a receber, que logo tornar a dar: *Mittebant Coronas suas in illîus venerationem.*

Por mais que o Excellentissimo Senhor Dom Nuno dispendesse, ainda mais achava; mas como tudo era dado a Deos, Deos lhe tornava a dar tudo o que com elle chegava a dispender: em fim todo o seu Santo exercicio era em remediar os pobres, e soccorrer os necessitados, e neste Santo costume, favorecendo, e remediando, juntamente morreu, e espirou, (piamente o podem crer) e espirar desta sorte só he final, que se acha em hum homem justo.

Morre, e espira Christo na Cruz, *expiravit*, e diz Saõ Lucas que vendo o Centuriaõ a Christo morrer, por homem justo o chegàra a declarar: *Verè hic homo justus erat.* E porque há de ser no Centuriaõ este assombro, e este pasmo? Porque agora vè o Centuriaõ que Christo a todos està remediando, a todos està favorecendo: porque dando a Gloria ao bom Ladraõ: *Hodie mecum eris in Paradyso*, dando o perdaõ aos inimigos: *Pater ignosce illis*, dando vida a mortos: *Multa corpora surrexerunt*; e homem que dá tudo na occaziaõ de morrer, este homem justo se há de chamar: *Verè hic homo justus erat.*

Ver o amor, com que a todos soccorria, com que a todos amparava!

parava! Tocavaõ ao Senhor; jà o Excellentiſſimo Duque Dom Nuno montava a cavallo, a eſpada na maõ, o dinheiro no bolço, a eſpada para defender, o dinheiro para remediar; pois, vendo que o enfermo neceſſitava, logo ſoccorria a ſua indigencia. Tocavaõ a fogo, jà o Excellentiſſimo Duque Dom Nuno montava a cavallo, na maõ a eſpada, no bolço hia a eſmola, para que ſe o do incendio della neceſſitaſſe, logo ſoccorrido foſſe; e faltar o Pay dos Pobres, faltar o Capitaõ do povo: *Dux, qui regat populum*, que lagrymas naõ haõ de verter, que pranto naõ haõ de chorar: *Omnis populus ejus gemens?*

Mas òh povo amante, e agradecido povo, ſuſpenda-ſe o choro, e acabe-ſe o pranto, porque ſe naquelle Tumulo o chorais morto, vertidas em alegria as lagrymas, digo ſó o podeis chorar vivo: pois pelo Templo, em que o vemos enterrado, na reprezentaçaõ me parece naõ podia morrer o Excellentiſſimo Dom Nuno; e a razaõ he eſta. Era eſte Senhor muito devoto de Maria Santiſſima com tanto exceſſo, que a Maria Santiſſima todas as ſuas venerações eraõ; eraõ todos os cultos, e as venerações continuas, e frequentes a Maria, e quem a Maria Santiſſima dedica tantos cultos, e tantas venerações, naõ pòde morrer, naõ pòde eſpirar.

Là diſſe David que naõ havia de morrer nunca, e que havia de viver ſempre: *Non moriar, ſed vivam.* E como tanto ſe ſegura David, ſe Deos por ſe fazer homem morreu, e he certo que todos os homens haõ de morrer: *Statutum eſt hominibus ſemel mori?* Pois ſendo David homem, que huma ſó vez hà de eſpirar: *Omnes morimur*, como diz David que naõ há de morrer: *Non moriar, ſed vivam?* A razaõ he, porque David era aquelle Capitaõ valente: *Dux de femore ejus*, que tomou á ſua conta a veneraçaõ da Arca: *David percutiebat in organis, & pſallebat ante Arcam:* Eſta Arca, diz Santo Ambrozio, e Theofilacto, era emblema da Senhora Triunfante na ſua Aſſumpçaõ glorioza: *Quid per Arcam, niſi in Aſſumptione deſignatur.*

E David Duque taõ valente, todos os ſeus cultos, todas as ſuas venerações ſaõ á Arca de Maria Santiſſima na ſua Aſſumpçaõ glorioza pelo Triunfo, que trazia dos ſeus inimigos? Pois David naõ há de morrer, David naõ há de eſpirar: *Non moriar, ſed vivam.*

Aſſim David o Capitaõ mais deſtemido: *Dux de femore ejus*; mas aſſim aquelle Excellentiſſimo Senhor Capitaõ o mais alentado;

do; *Dux, qui regat populum meum*; como todos os cultos, e venerações eraõ a Maria Santiſſima, e no Templo de Maria Santiſſima (com o Titulo da ſua Aſſumpçaõ glorioza) o vemos aſſiſtir na reprezentaçaõ morto, digo que hà de eſtar na realidade vivo, porque ſogeito, que tinha taõ grande devoçaõ, ainda que pague o feudo da morte, por vivo ſe hà de julgar, por morto ſenaõ há de ter: *Non moriar, ſed vivam.*

E ſe niſto me puzerem alguma duvida, defenderme-hey com o Patrono do Templo, para onde Sua Excellencia foy ſer ſepultado, que he o grande Evangeliſta Saõ Joaõ. Deſte ſe fora morto, ou ſe era vivo, houve grandes duvidas: *Exiit ſermo inter fratres, quòd Diſcipulus ille non moritur.* Chriſto para ſocegar eſtas duvidas naõ diſſe aos Diſcipulos ſe Joaõ era vivo, ou ſe era Joaõ morto: *Et dixit Jezus: Non moritur*, ſenaõ diſſelhes que Joaõ ficará aſſim, que aſſim ficára: *Sed ſic eum volo manere.* Eu abraçando eſte Texto para o meu intento, já naõ digo ſe he vivo, ou ſe he morto o Excellentiſſimo Dom Nuno, mas digo que ficou aſſim, que aſſim ficou: *Et non dixit: Nõ moritur, ſed ſic eum volo manere.*

Catholico auditorio, a minha tençaõ naõ he qualificar virtudes, nem milagres, mas ſim obedecendo ao ultimo Decreto do Santiſſimo Urbano Outavo, advirto que no que refiro, naõ pretendo mais credito, que o que ſe pòde dar a huma narraçaõ ſyncera.

Porèm ſó quizera perſuadirvos que na grandeza religioza das acções daquelle Principe, cuja morte chorais com fidelidade, e amor de vaſſallos, ſe offerece á voſſa piedade o mais ſeguro meyo de evitardes os rigores daquella morte, que he eterna, e o mais certo caminho para entrardes na poſſe daquella vida immortal, e glorioza, com que Deos coſtuma premiar as virtudes heroicamente praticadas. Viva o Senhor Dom Nuno eternamente nos Faſtos Portuguezes como exemplar heroico do valor, da Juſtiça, da generozidade, e de todas as virtudes, que ſaõ digno ornamento de hum Principe; mas viva ſempre na voſſa memoria para a imitaçaõ daquellas virtudes, cujo exercicio nos faz crer piamente que da mayor grandeza da terra paſſou á mayor grandeza do Ceo. O ſeu amor para com Deos, e para com o proximo, a ſua veneraçaõ ao mayor Myſterio do amor, e da Fè, a ſua devoçaõ a Maria Santiſſima, e aos Santos, a ſua compaixaõ para com as Almas afflictas no Purgatorio ſejaõ o ſagrado eſtimulo da voſſa piedade, e o heroico objecto da voſſa imitaçaõ,

porque

porque affim configuireis, como elle confeguio, a felicidade immortal, de que as lagrymas, e os gemidos, com que todos agora o chorais no filencio da fepultura, fe convertaõ em perpetua alegria no gloriozo defcanço da eterna paz: *Omnis populus ejus gemens: Requiefcat in pace.*

Logo

Logo que chegou à Villa de Buarcos a noticia de haver falecido o Duque, o ſeu Almoxarife Simaõ Carvalho Cavalleiro da Ordem de Chriſto, peſſoa das principaes daquella Villa, e Governador della, e a quem o Duque ſempre eſtimàra muito, mandou fazer a 20. de Fevereiro de 1727. na Igreja da Mizericordia, por ſer mais eſpaçoza, huma grande Eça de cinco degraos de figura esferica, em que arderaõ muitas tochas, e em ſima hum tumulo de nove palmos de comprido, e ſobre elle ſe poz huma caveira em huma ſalva de prata. Na ſua frente eſtavaõ as Armas do Duque, que a occupavaõ toda, e detraz hum rico docel da meſma altura da Igreja, em cujo eſpaldar pendia hum eſcudo grande com as Armas do Duque guarnecidas de galões de prata, e ouro. Toda a Igreja ſe armou de luto, e ao Officio, que ſe cantou, aſſiſtiraõ os Officiaes da Camera, e os Irmãos da Mizericordia com o Almoxarife, e tambem as peſſoas principaes da meſma Villa de Buarcos, e Figueira, Tavarede, Mayorga, e Quiagos. O Almoxarife, como Governador, mandou dar no fim de cada Nocturno huma deſcarga de moſquetaria, e outra acabado o Officio. Em tudo fez grande deſpeza, porque attendendo à diſtancia, de que tinhaõ vindo tantas peſſoas, a todas deu de jantar naquelle dia.

A 21. do meſmo mez de Fevereiro mandàraõ os Officiaes da Camera da Tilla de Mortagua cantar hum Officio pela Alma do Duque, levantando huma grande Eça no corpo da Igreja adornada de grande numero de luzes, e armada de luto; e por editaes publicos, que ſe fixàraõ alguns dias antes, convocàraõ todo o Clero daquella Villa, e das ſuas vizinhanças, para virem dizer Miſſas pela Alma do Duque, aſſignandolhes

dolhes avantejada eſmola, o que fez mais decente aquelle acto, a que aſſiſtio o Senado, e a Nobreza da meſma Villa.

A Camera da Villa de Penacova, de que tambem o Duque era Donatario, lhe mandou fazer em 24. de Fevereiro as Exequias na ſua Igreja Matriz, para o que ſe levantou nella huma Eça armada de luto, e ſe convocou todo o Clero para ſe cantar o Officio, a que aſſiſtiraõ os Officiaes daquella Camera. Acabado o Officio ſubio ao Pulpito o Padre Frey Joaõ do Sacramento Monte Alverne Commiſſario dos Terceiros de Saõ Franciſco, o qual em huma carta, que eſcreveu ao Duque Dom Jayme, lhe mandou em bem ordenado compendio o Sermaõ, que havia prègado, e era o ſeguiute.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

„NAs Exequias do Excellentiſſimo Senhor Du-
„que meu Senhor ſem o merecer tive o elevado
„credito de prègar, e ſuppoſto que para aſſumpto taõ
„relevante ſeria neceſſario hum Prègador mais elo-
„quente, onde com os raſgos de bem aparada penna
„exaggeraſſe as excellencias na morte da mais eſtupen-
„da vida, ſervindo-me de obſtaculo o reſpeito, acei-
„tey o Sermaõ com o devido reſpeito, ainda que pa-
„ra prégar neſtas Exequias me ſervia o aſſumpto de
„obſtaculo. Repugnava o aceitar, naõ ſó por ſer em
„ſemelhante materia difficil o diſcorrer, mas tam-
„bem porque para diſcorrer me era neceſſaria materia,
„ſobre que pudeſſe diſcutir. Com tudo illuſtrado pe-
„lo Eſpirito Santo na falta das noticias, me vali das
„experiencias, porque eſte nunca falta com a graça a
quem

,, quem com os olhos da Fé o invoca, e abrindo o li-
,, vro ſetimo do Eccleſiaſtico, achey dictadas pela
,, ſua Divina boca as ſeguintes palavras, que me ſer-
,, viraõ para o Sermaõ de thema: *Melior eſt dies mortis.....*
,, *die nativitatis.*

,, E tirando dellas duas melhorias, ſerviraõ de con-
,, textura para dous pontos no Sermaõ das Exequias.
,, Nelles moſtrey huma vida breve, e huma dilatada
,, vida; eſta com motivos de alegrar, aquella com cir-
,, cunſtancias de entriſtecer; no primeiro moſtrey, que
,, para o Excellentiſſimo Duque fora melhor o dia de
,, eſpirar, que o dia de naſcer, porque ſe o dia de naſ-
,, cer moſtra huma vida caduca, e o dia de eſpirar hu-
,, ma vida eterna, era muito para alegrar a poſſe
,, de huma vida eterna, e para entriſtecer o logro de
,, huma vida caduca, e por tanto o dia da morte era
,, para alegrar, e o dia da vida para entriſtecer: *Melior*
,, *eſt, &c.*

,, No ſegundo moſtrey que para o Excellentiſſimo
,, Senhor Duque fora melhor o occaſo da morte, do
,, que o oriente da vida, porque ſe neſta a vida ſe ar-
,, riſca, naquella ſe ſegura a Alma, e que era muito mais
,, para alegrar o dia, em que a Alma ſe ſegura, e para
,, entriſtecer o dia, em que ſe arriſca a vida: *Melior eſt.*

,, No primeiro ſegurey ao Excellentiſſimo Duque
,, a poſſe de huma vida eterna, fundado na virtude
,, da eſmola aos mendigos, e do ſoccorro aos neceſſita-
,, dos.

,, No ſegundo ſegurey ao Excellentiſſimo Duque
,, a ſalvaçaõ da Alma fundado no relevante da ſua
,, ſciencia, no ſubido dos conceitos, e na graça das
,, palavras.

,, Eſta foy a introducçaõ das Exequias reſumida
em

,, em breves claufulas, em que o amor foube melhor
,, expellir incendios, do que os cirios fouberaõ de-
,, monftrar as chammas.

,, Depois que defta forte me cheguey a introduzir,
,, entrey no primeiro ponto a difcurfar. Levantey
,, por conceito, que pelas efmolas, que dava o Excel-
,, lentiffimo Duque na porta do feu Palacio, e aos Re-
,, ligiozos, que nelle tinha em hum Hofpicio, pelas
,, muitas particulares, e occultas, diftribuindo nel-
,, las a mayor parte das fuas rendas, eftava poffuidor
,, na vida eterna da Gloria, porque defta paffára de fi
,, mefmo Redemptor com a efmola.

,, Provey com humas palavras do Efpirito Santo
,, nos Proverbios, que me pareceraõ adequadas pa-
,, ra o Excellentiffimo Duque, *Salva fide: Redemptio Ani-*
,, *mæ viri divitiæ ejus.* Fiz o reparo, como pòde fer a
,, redempçaõ da Alma com a riqueza do Excellentif-
,, fimo Duque, fendo a redempçaõ do Mundo com
,, o Sangue de JezuChrifto? Salamaõ efcreveu o funda-
,, mento para a duvida, Santo Ambrozio deu a rezo-
,, luçaõ, e a repofta: *Quoniam qui donat pauperi, redimit*
,, *Animam fuam*, porque o foccorrer o pobre com a ef-
,, mola he final evidente da redempçaõ da fua Alma.
,, Chrifto Redemptor univerfal pelo Sangue, que
,, derramou, o Excellentiffimo Duque redemptor par-
,, ticular pelas riquezas, que em efmolas difpendeu;
,, Chrifto Redemptor de todo o genero humano, o
,, Excellentiffimo Duque de fi mefmo redemptor: *Re-*
,, *demptio, &c.* Defta forte fe dezempenhou o Ceo com
,, o Excellentiffimo Duque, que fendo tanta a fua ri-
,, queza, era menos que o dezejo, que tinha de a dif-
,, tribuir com os pobres, merecendo ao Ceo com efta
,, data a poffe da Bemaventurança por dezempe-

,, nho : *Quoniam , &c.*

,, Fuy difcorrendo quanto era defpido das couzas ,, do Mundo , verdadeiro imitador de noffo Padre ,, Saõ Francifco, como feu filho mais digno, e anti- ,, go na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, em ,, tal fórma, que fendo a fegunda peffoa defte Reyno, ,, à Caza Real taõ intimo, e chegado, era o mais hu- ,, milde por filho do noffo Patriarca, e tirey por con- ,, ceito, que quem como o Excellentiffimo Duque fe ,, transformava taõ humilde, fendo taõ grande no Rey- ,, no do Ceo eftava feito grande por fe abater humil- ,, de, ou que fendo o Excellentiffimo Duque pela ef- ,, mola grande no Reyno da terra, feria jà grande no ,, Reyno da Gloria.

,, Provey com os Grandes da terra, Abrahaõ na ef- ,, pada, Ifaac na bençaõ, Jacob na luta, Saul na Pro- ,, fecia, Jonathas na amizade, e Salamaõ na Parabo- ,, la; eftes cotejados com David, foy David mayor ,, que todos eftes; e porque? Porque David foy gran- ,, de em todas as partes, e todos aquelles foraõ em hu- ,, ma fó parte grandes; aquelles naõ davaõ a Deos pe- ,, los pès, e David dava pelo coraçaõ de Deos: *Inve- ,, ni hominem fecundùm cor meum.* Lippomano diffe, que ,, fora David grande, e mayor que todos, porque ,, fendo grande, fe fazia humilde, ou porque abatia ,, ao humilde com os pobres a fua Mageftade: *Planè ,, vir magnus paupertatem, & humilitatem amabat, dum Mai- ,, eftatem exercebat*; e paffando pela memoria as pren- ,, das de David, achey a David com as prendas de Sol- ,, dado, perfeguido, valido, Cortezaõ, General, e ,, Rey: Rey no Cetro, General no baftaõ, Corte- ,, zaõ no affeyo, valido no Confelho, perfeguido no ,, fofrimento, e Soldado na efpada. E fe David por

eftas

„ eſtas prendas da grandeza, e da humildade foy do
„ coraçaõ do meſmo Deos: *Inveni, &c.* como naõ te-
„ rà Deos em ſeu coraçaõ o Excellentiſſimo Duque
„ com mais relevantes prendas às de David, e compa-
„ radas humas com as outras foy o Excellentiſſimo
„ Duque do Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde
„ de Tentugal, dos Conſelhos de Eſtado, e Guer-
„ ra, do deſpacho das Merces, e Expediente, Meſ-
„ tre de Campo General junto à Peſſoa Real, Gover-
„ nador das Armas da Corte, e Provincia da Eſtrema-
„ dura, Mordomo mòr da Rainha, Prezidente do
„ Dezembargo do Paço; e ponderados com individua-
„ çaõ os prodigios, eſmolas, grandezas, e virtudes,
„ que obrou em qualquer deſtes titulos, que com al-
„ gum vagar de tudo quanto tinha noticia aos ouvin-
„ tes moſtrey em copia, vim a concluir, que ſendo
„ mayor que David, fora do coraçaõ de Deos, grande
„ no Reyno da terra, e ſuperior no Reyno da Gloria:
„ *Inveni, &c. Planè, &c.*

„ E depois de moſtrar com muitas, e muitas Eſcri-
„ turas o que era a brevidade da vida pelo Santo Job,
„ e por ElRey David, levantey por concluzaõ do diſ-
„ curſo o conceito, que poſta em igual parallelo a vi-
„ da eterna com a vida da natureza, e caduca, ſe ha-
„ via de deſprezar a vida caduca, e ſe havia de preten-
„ der a vida eterna. Para a ſua confirmaçaõ trouxe al-
„ gumas Eſcrituras authorizadas com Santos PP.
„ e por naõ ſer a Voſſa Excellencia moleſto, naõ re-
„ pito; vay ſó o eſſencial do Sermaõ, ou do diſcurſo
„ rematado com as palavras do thema, que foy mui-
„ to melhor para o Excellentiſſimo Duque, trocan-
„ do a vida eterna pela caduca, o dia de eſpirar, do
„ que o dia de naſcer: *Melior, &c.*

,, No ſegundo ponto moſtrey que o Excellentiſ-
,, ſimo Duque fora taõ ſabio, que em todas as ſcien-
,, cias era perito, na Medicina, porque o ouvia argu-
,, mentar com os Medicos ſobre a materia do pleuriz,
,, na Cirurgia, e finalmente em todas as mais ſciencias
,, fuy explicando, e dizendo tudo o de que tinha no-
,, ticias, e o provey com as Eſcrituras, e moſtrey com
,, evidencias, atè que conclui com a ſua muita idade,
,, porque diſſe que o viver muito, entendendo pou-
,, co, era couza muito ordinaria, mas que viver mui-
,, to, entendendo muito, era couza taõ ſingular, que
,, ſó ſe achava no Excellentiſſimo Duque na meſma
,, fórma, que no Verbo Divino ſe acha. Trouxe por
,, confirmaçaõ dizer o Evangeliſta do Verbo Divino
,, que era Deos, e que era vivente: *In principio erat Ver-*
,, *bum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum; in*
,, *ipſo vita erat.* Que era vivente dizem-no os Santos PP.
,, *ut oſtendat Evangeliſta Verbum non eſſe mortuum ſicut noſ-*
,, *trum, ſed vivum.* Fiz reparo como ſe compadecia hu-
,, ma couza com a outra, porque ſe Deos naõ podia
,, morrer, que em Deos hà vida, para que ſe canſa em
,, o affirmar? Dey a ſoluçaõ, dizendo, que ao Ver-
,, bo ſe attribue o entendimento, e como o entendi-
,, mento ſe naõ conſerva com a vida, foy neceſſario di-
,, zer q̃ no Verbo eſtava a vida, quando ſe lhe attribue
,, o entendimento. E ſe o conſervarſe a vida com o
,, entendimento era ſó attributo do Divino Verbo,
,, vendo que o Excellentiſſimo Duque com taõ ſupe-
,, rior entendimento conſervára tantos annos a vida,
,, que havia de dizer ſenaõ que parecia Divino? Mui-
,, to diſſe neſte particular, e em todo o diſcurſo do Ser-
,, maõ, que levou mais de hora e mea; mas como
,, por eſte pouco pòde Voſſa Excellencia tirar o que
diſſe

„ disse muito, naõ quero ser molesto, e deixo ao si-
„ lencio o que neste papel naõ expresso.

„ Naõ faley em proezas, porque me faltàraõ noti-
„ cias, e deixey de falar na sua descendencia Real, e
„ fidalguia, porque seria aggravo repetir do Pulpito
„ o que em todos os Reynos he taõ sabido, e notorio.

„ Digne-se Vossa Excellencia de admittir na sua
„ aceitaçaõ a temeridade, com que lhe offereço este
„ parto do meu discurso. Dezejos tive de dar o Ser-
„ maõ ao prelo, porèm, como as posses naõ ajudaõ
„ os dezejos, fico só com os dezejos, porque falto de
„ posses; como tambem naõ remetto a Vossa Excel-
„ lencia o Sermaõ na mesma fórma, em que foy prè-
„ gado, porque achey naõ era justo sahisse a luz o gros-
„ seiro do meu engenho; e precizar a Vossa Excellen-
„ cia a mandallo imprimir, indiscreto me quereria ao
„ Mundo mostrar, que supposto pelo assumpto todos
„ lhe podiaõ pòr os olhos, pelo Autor naõ faltaria
„ quem lhe negasse emulo as vistas.

„ Saiba tambem Vossa Excellencia que eu assisto
„ nesta Villa de Penacova com a incumbencia de Cõ-
„ missario dos Terceiros da Ordem da Penitencia de
„ meu Santo Padre Saõ Francisco por mim plantada,
„ e no Castello da mesma Villa ando fabricando huma
„ Igreja para o exercicio dos Irmãos Terceiros, e para
„ Nossa Senhora da Guia, tudo com esmolas dos fieis
„ Christãos: quando quiz principiar esta obra, faley
„ primeiro ao Excellentissimo Duque nesta terra, deu
„ o seu consentimento, e me disse fizesse no sitio hum
„ Hospicio para Religiozos, e com este conselho vou
„ proseguindo no intento; queira Nossa Senhora aju-
„ darme com auxilios de sua Divina graça para bem
„ das Almas, veneraçaõ, e culto seu.

,, Isto sem duvida me move dar a Vossa Excellen-
,, cia esta noticia, como tambem a razaõ, que tenho
,, para encommendar a Deos a Alma do Excellentis-
,, simo Duque, que na sua falta naõ só tenho por obri-
,, gaçaõ a ser o mais sentido, mas uniformemente na
,, sua salvaçaõ o mais empenhado. Suspendo a penna
,, por naõ renovar a Vossa Excellencia a màgoa com o
,, grosseiro da minha penna. Concluo com pedir a
,, Vossa Excellencia ampare com a sua benevolencia
,, o humilde da minha pessoa, porque prostrada aos
,, seus preceitos està pedindo a Deos guarde a Vossa
,, Excellencia muitos annos. Penacova 17. de Março
,, de 1727.

Excellentissimo Senhor Duque Estribeiro mòr.

,, Aos pès de Vossa Excellencia seu humilde servo,
,, e effectivo orador.

Fr. Joaõ do Sacramento Monte Alverne.

Agradecido o Duque a esta attençaõ lhe escreveu pedindo-lhe o Sermaõ para imprimir, o que o dito Padre fez com a carta seguinte.

SENHOR.

,, MAndame V. Excellencia lhe remetta o Sermaõ,
,, que prèguey nas Exequias do Excellentissimo
,, Duque Pay, e Senhor de V. Excellencia, q̃ Santa glo-
,, ria haja, na mesma fórma, em que foy repetido, e
,, da mesma sorte, em que o tinha prègado. Chegou-
,, me a carta de Vossa Excellencia feita a 28. de Março
,, em 30. de Abril, ou por incuria dos portadores,
,, ou por falta com as minhas occupações de mayores
,, diligencias; e se o trabalho da Quaresma, e a pouca
,, saude, que logro, me naõ impedira, com mais di-
ligencia

,, ligencia o remettera, porque naõ podia ſuſpender a
,, obediencia, de quem me póde mandar. Nelle verà
,, Voſſa Excellencia individuadas as virtuoziſſimas
,, acções do Excellentiſſimo Duque , aſſumpto , que
,, naõ pode cingirſe no pequeno campo de hum Ser-
,, maõ, porque foy a torrente de ſuas excellentes virtu-
,, des taõ copioza, que ſe emprendera o ſingularizal-
,, las, tranſcenderaõ as marjens de muitos, e muitos
,, volumes. Suſpendi a penna no muito que pudera di-
,, zer, porque me naõ pareceu juſto declarar as heroi-
,, cidades de ſua Excellencia, e de que Voſſa Excellen-
,, cia eſtà dotado como benemeritas do illuſtre ſangue,
,, que lhe enriquece as veas, e com que ſe honraõ as Co-
,, roas, igualando comſigo os ramos de taõ feliz tron-
,, co; porque de todo o Mundo he taõ ſabido, que pa-
,, recera aggravo ſer do Pulpito explicado. Voſſa Ex-
,, cellencia deſculpe a minha temeridade, que por can-
,, ſado, e por impedido ſe me deve dar alguma deſcul-
,, pa; como tambem ſer o Sermaõ quaſi repentino,
,, que me naõ deu tempo a pedir noticias, e nem a ſo-
,, licitar excellencias. Vali-me do que pude para ſatisfa-
,, zer, e ainda aſſim naõ deixey de agradar, naõ pelo
,, trabalho, mas pelo aſſumpto. Veja V. Excellencia ſe
,, preſto no ſeu ſerviço, que ſempre me hà de achar nas
,, ſuas obediencias prompto, q̃ eu proteſto nas minhas
,, orações encõmendar a Alma do Excellentiſſimo Du-
,, que, e a Voſſa Excellencia a Deos, q̃ o guarde por di-
,, latados annos. Penacova em 5. de Mayo de 1727.

Excellentiſſimo Duque Eſtribeiro mòr.

,, Aos pès de V. Excellencia humilde Cappellaõ, e
,, amante ſervo

Fr. Joaõ do Sacramento Monte Alverne.

J.M.J.

J. M. J.

Melior est dies mortis.... die nativitatis. Eccl. 7.

NAS Exequias do Excellentissimo Duque as palavras mais concertadas deviaõ ser só lagrymas enternecidas, as Orações mais elegantes deviaõ ser os suspiros mais ardentes; e os mais subidos conceitos se deviaõ trocar em lastimozos soluços; que assim como as vozes saõ sinaes, que explicaõ o que hum entendimento alcança, assim tambem as lagrymas, e suspiros saõ interpretes, que testemunhaõ o que hum coraçaõ sente. Assim parece devia ser; mas naõ deve ser assim como parece: porque, supposto nestas Exequias naõ só se devia extremozamente sentir, mas tambem excessivamente chorar, venho a persuadirvos que nem deveis chorar, e que nem deveis sentir nestas Exequias; que se as vossas lagrymas tivessem virtude para resuscitar mortos, excederiaõ em preço o mais preciozo metal, e venceriaõ em valor ao mais fino diamante; pois da mesma sorte, que Christo morreu, da mesma sorte o Excellentissimo Duque espirou; Christo na Cruz com as ultimas palavras: *In manus tuas, Domine, commendo Spiritum meum*, espirou; o Excellentissimo Duque com estas mesmas ultimas palavras morreu: Christo nos braços de huma Cruz, o Excellentissimo Duque com a Cruz de Christo nos braços: e se o Excellentissimo Duque com estes, e muitos mais si-

naes

naes de Predeſtinado morreu, com razaõ affirmo, que neſtas Exequias naõ deve ſer chorado, e naõ deve ſer ſentido; deixay as lagrymas para o dia de naſcer, pois naquelle dia ſe principiaõ as penalidades; e pois neſte ſe continuaõ as venturas, uzay das viſtas no dia de eſpirar, que ſenaõ podem negar ventajens a hum dia, em que começaõ os contentamentos, por ſer mais excellente, que aquelle, em que principiaõ os infortunios; aſſim o affirma o Eſpirito Santo nas palavras do meu Thema: *Melior eſt dies mortis, die nativitatis*; e ſendo melhor o dia de eſpirar, que o dia de naſcer, razaõ ſerà que deixeis as lagrymas para o dia de naſcer, e que convoqueis os contentamentos para o dia de eſpirar.

A viuva de Naim mandou Chriſto ſuſpender as lagrymas, que pela morte de ſeu filho derramava: *Noli flere*; a Ezequiel mandou Chriſto que naõ choraſſe pelos que morriaõ: *Ecce ego tollo à te deſiderabile oculorum tuorum in plaga, & non planges, neque plorabis, neque fluent lacrymæ tuæ, mortuorum luctum non facies:* e na morte de Lazaro chorou o meſmo Chriſto amorozas lagrymas com vozes, e com brados: *Lacrymatus eſt Jezus; tollite lapidem, voce magna clamavit.* Pois valha-me o Ceo! O Profeta Ezequiel pelos que morrem naõ hà de ſentir: *Mortuorum luctum non facies*; a viuva de Naim por ſeu filho naõ hà de chorar, *noli flere*; e Chriſto na morte de Lazaro hà de chorar, e hà de ſentir; *lacrymatus eſt Jezus*? Manda Chriſto que naõ chorem, e chora Chriſto, parece contra o que manda? Sim: Lazaro, diz Santo Epifanio, e com elle Saõ Zeno, ſignificava hum peccador obſtinado, e hum peccador na culpa envelhecido: *Propter hominum obſtinatam avaritiam præſtabat pietatis officium ſolatio lacrymarum*; e parece quiz o meſmo Chriſto dar a entender, que ſó pelos que morrem precitos ſe deve chorar, e pelos que morrem predeſtinados ainda levemente ſenaõ deve ſentir: *Noli flere: mortuorum luctum non facies: Lacrymatus eſt Jezus.*

Por iſto eu digo, que convoqueis os contentamentos para o dia de eſpirar, e que rezerveis as lagrymas para o dia de naſcer; porque no dia de naſcer ſe principiaõ as deſgraças, e no dia de eſpirar ſe começaõ as venturas: no dia de naſcer ſe arriſca a vida, e no dia de eſpirar ſe ſegura a Alma; e ſe o Excellentiſſimo Duque no dia de eſpirar morreu com ſinaes de Predeſtinado, e naõ como muitos morrem com ſinaes de precito; chore-ſe muito embora o que morre com ſinaes de precito, e naõ o que morre

re com ſinaes de Predeſtinado : *Noli flere : mortuorum , &c. propter hominum , &c.*

A' predeſtinada morte do Excellentiſſimo Duque ſe dedicaõ hoje eſtas Exequias , naõ ſendo menores as que tambem lhe tributaõ amantes corações de ſuas cinzas ; cujo amor àlem da morte paſſa , quando ainda na ſepultura ſabe exhalar em ſeu obzequio como fumo ſaudades , e como aromas affectos : pois como maripozas inflãmadas ſabe renaſcer o amor de ſuas cinzas nas chammas deſtas Exequias , expellindo melhor os incendios , do que eſtes cirios ſabem demonſtrar as chammas. Oh morte inhumana ! Se es cega , como acertas ſempre em derrubar o mais inclyto Principe ? E ſe es avarenta, como tendo nas mãos o fio de ouro de huma precioza vida , o cortas taõ deshumana , quando o devias conſervar para ſatisfaçaõ da tua cubiça , e para o Mundo todo de riqueza ?

Mas òh morte , torno a dizer , quanto outros ſahiraõ teus intentos ! Mas òh Parca , que diverſos ſuccederaõ teus dezignios! Pois chegaſte a reedificar neſta acçaõ aquella meſma vida , que intentaſte deſtruir ! Porque ſe a natureza lhe deu huma vida caduca, tu òh morte lhe dàs huã vida eterna; ſe a natureza lhe deu huma vida inconſtante , tu òh morte lhe dàs huma vida permanente ; com razaõ com o Eſpirito Santo poſſo repetir , que para o Excellentiſſimo Duque foy muito melhor o dia , em que chegou a eſpirar , do que o dia em que chegou a naſcer ? *Melior eſt dies mortis die nativitatis.*

Se a natureza lhe deu huã taõ relevante ſciencia, e diſcriçaõ, que tinha por objecto os ouvidos de todo o Reyno , que com attenções o eſcutava , e tu , òh morte lhe deſte ao eſpirar huma eloquencia , que dezengana os olhos de quem neſſa Urna os emprega, e neſſa caveira os fita ; quem pòde duvidar , que para o Excellentiſſimo Duque foy muito melhor o dia , em que ſe perpetuou, do que o dia em que florececeu : *Melior eſt dies mortis die nativitatis.*

Eſtas duas melhorias motivàraõ dous diſcurſos , que ſerviraõ de contextura na Oraçaõ deſtas Exequias.

A V E M A R I A.

Melior

Melior est dies mortis .... die nativitatis.

DUas vidas tem o homem, huma que lhe dà a natureza, outra que a morte lhe dà; huma caduca, e outra eterna; huma que hà de começar no inſtante da morte, outra que começa na hora primeira, ou primeiro inſtante da vida; a que começa pela morte, he vida eterna, a que começa pela vida, he vida caduca; e para o homem clauzurar dentro na vida caduca a vida eterna, hà de reſpirar de antes pela reſpiraçaõ de depois; trazer na memoria o que faz, o que he, e o que obra; na vida caduca ſe conſidera na vida eterna, porque eſta ſuave memoria fará ao homem eterna a ſua vida; com huma eſpiraçaõ começa o homem a vida, com outra há o homem de acaballa; troque pois o homem as eſpirações, e melhorará a vida, ſe he que para a vida quer o homem a ſua melhoria.

Attendaõ a eſte Anagrama, e neſta palavra *Homo*. Eſcreve-ſe eſta palavra *Homo* com hum H, e depois hum *Omo* de ſorte, que ſepuzermos o H no fim deſtas letras *Omo*, ficará o homem às aveſſas; ſe puzermos eſta meſma letra H no principio, ficará o homem ás direitas, e a razaõ he: porque tirada a letra H, porque o H naõ he letra, fica hum M entre dous OO, hum que he a Eternidade, donde veyo; outro que he a Eternidade para onde vay: Se o homem tirára a eſpiraçaõ do principio, e a guardàra para o fim, caminhando do fim para o principio, ficára na terra aquelle, que foy criado para a Gloria; mas ſe o homem toma a eſpiraçaõ do fim, e a põe logo no principio, vay parar á Gloria aquelle, que foy oriundo da terra.

Tire agora o homem regra deſte Anagrama, que ſe poem, e guarda a eſpiraçaõ para o fim da vida, começa a vida caduca donde havia de começar a vida eterna; vem da ſepultura para o berço, erra infallivelmente o caminho, e pagará na innocencia o delicto da pouca cautela.

Aſſim ſe engolfa o homem no mar deſte Mundo entregue á lizonja do favoravel vento da fortuna, ſem o menor cuidado na vida eterna, porque tudo ſaõ eſperanças na vida caduca; quando repentinamente ſe levanta a tormenta cruel de huma enfermidade,

midade, e para bufcarmos na terra o remedio, encontramos na terra o Sepulchro; e fe efte hà de fer eterno, e aquelle caduco, hà de haver no Mundo quem dezeje trocar o caduco pelo eterno? Grande defgraça! Quando conhecemos, que he mais para applaudir o dia de efpirar, porque he eterno, que o dia de nafcer, porque he caduco.

Efte o homem; mas o Excellentiffimo Duque naõ como efte; porque fuppofto, que a fua morte foffe de idade provecta, fempre diante dos olhos trouxe a vida eterna com defprezo grande da vida caduca. Defprezou fempre a vida caduca pela poffe da vida eterna; porque fem vangloria do que era, fem jactancia do que poffuhia, com defprezos no Mundo, e do Mundo fe portava. As galas naõ eraõ competentes à fua Peffoa, porque fó da pobreza fazia o Excellentiffimo Duque a mayor gala; verdadeiro filho de meu grãde Patriarca S.Francifco,e mais digno na fua Ordem Terceira da Penitencia. As efmolas, que diftribuhia, eraõ tantas, quantas multiplicadas faõ dos mendigos de todo efte Reyno as linguas, porque da fua riqueza era o difpenfeiro, e os pobres os proprietarios: em tal fórma, que o difpender por amor de Chrifto as fuas riquezas com os pobres, quiz o Efpirito Santo, que o Excellentiffimo Duque paffaffe da vida caduca para a vida eterna de fi mefmo redemptor.

Eu atègora, desde agora, e para fempre, fó a Chrifto confeffo Redemptor univerfal de todo o genero humano: feja-me teftemunha todo efte auditorio. Porèm ouço ao Efpirito Santo dar ao Excellentiffimo Duque o titulo de redemptor nos Proverbios: *Redemptio Animæ viri divitiæ ejus*: Pois como he poffivel? O refgate do Mundo foy com o Sangue de Jezu Chrifto: como pòde fer logo a redempçaõ da Alma com a riqueza da vida? Ora Salamaõ efcreveu o fundamento para a duvida; mas Santo Ambrozio deu a foluçaõ à difficuldade: *Quoniamqui donat pauperi, redimit Animam fuam.* Foy o Excellẽtiffimo Duque redẽptor de fi mefmo, porque fendo muitas as fuas riquezas, com os pobres foube difpender todas; Chrifto Redemptor univerfal pelo Sangue, que derramou; o Excellentiffimo Duque redemptor particular pelas riquezas, que difpendeu; Chrifto Redemptor de todo o genero humano, o Excellentiffimo Duque de fi mefmo redemptor: *Redemptio Animæ viri divitiæ ejus.* Defta forte fe dezempenhou o Ceo com o Excellentiffimo Duque; mas efte dezempenho mereceu o Excellentiffimo Duque ao Ceo com o dezapego do Mun-

 do,

do, e das ſuas riquezas; que ſendo muitas, eraõ menos, que o dezejo de as diſpender com os pobres. *Quoniam qui donat pauperi, redimit Animam ſuam.* Sabeis a graça, com que nos redemiu Jezu Chriſto (eſcreveu aos de Corintho o Apoſtolo Saõ Paulo) foy, que ſendo rico, por vos fazer ricos, ſe fez pobre: *Scitis gratiam Domini noſtri Jezu Chriſti, quoniam propter vos egenus factus eſt, cùm eſſet dives, ut illius inopiâ vos divites eſſetis*; e ſabeis, òh pobres, a graça, com que vos redemiu o Excellentiſſimo Duque? Foy (diz Santo Ambrozio) o darvos todas ſuas riquezas para remedio das voſſas neceſſidades: *Quoniam qui donat, &c.*

Pois valha-me o Ceo! Baſta que o Excellentiſſimo Duque hà de ter com Deos ſemelhãças, e hà de poſſuir de Redẽptor o titulo: *Redẽptio Animæ viri divitiæ ejus*, deixãdo a vida caduca pela vida eterna, ou por lograr os bẽs eternos deſprezou os bens caducos; dando todos aos pobres, e remediando com todos os mendigos? Sim torno a repetir: porque ſoube com graça aos mendigos ſoccorrer, e com diſpendio aos neceſſitados dar: juſta ſemelhança, que ſe definiſſe o Excellentiſſimo Duque pelo que obrava, e naõ pelo ſer que tinha? Semelhança juſta! Porque o termo, com que cada hum na vida caduca obra, he o melhor argumento do que cada hum he na vida eterna.

Neſſe primeiro acto do entendimento Divino, ſe he que o entendimento Divino em ordem a tempo teve primeiro acto; neſſe principio da Eternidade, ſe he que a Eternidade teve principio; conhecendo-ſe Deos a ſi proprio, produziu aquella ſubſtancia increada, a que os Theologos chamaõ Verbo: e neſta denominaçaõ tenho eu o meu reparo: ſe aquella ſubſtancia produzida em razaõ do termo he coeva, e conſubſtancial ao Padre, e ao Eſpirito Santo, porque ſò a do Filho ſe hà de chamar Verbo? Ou ao menos, porque naõ a do Eſpirito Santo, que tambem he termo eſpirado! Direy: Verbo he huma noticia accidental formada no entendimento humano por coadunaçaõ do objecto; e huma vez, que o Filho de Deos quiz proceder por coadunaçaõ do objecto, e de entendimento fecundo, ainda que em ſi ſeja ſubſtancia, hà de diffinirſe Verbo: porque ſuppoſto que o Verbo ſeja accidente no entendimento humano, e ſeja ſubſtancia no Divino, huma vez que quiz proceder a modo de humano Verbo, há de diffinirſe Verbo pelo ſeu procedimento, ainda que ſeja Divino: *Verbum mentis*; e como aſſim naõ procede o Pay, nem o Eſpirito Santo

to nenhum delles ſe hà de diffinir Verbo, porque conforme cada hum procede, aſſim ſe applica o nome.

A Jozè vendeu a malicia de ſeus irmãos para o Egypto, pelas venturas de hum ſonho, que como a inveja apenas dorme, baſta para deſpertar, e que a ventura ſonhe: mudavel he a fortuna como curſo do tempo, e na eſterilidade dos annos o fez Faraò ſeu diſpenſeiro: chegaõ ſeus irmãos inſtigados da neceſſidade a quererlhe comprar o trigo; ajuſtaõ com elle o preço; conhece-os ſeu irmaõ, e por impulſo do ſangue, ou por pagarlhes como honrado tantas ingratidões com hum beneficio, com o trigo lhe manda meter nos ſaccos o dinheiro; voltaõ para caza, abrindo os ſaccos no caminho, achaõ com o trigo o preço, e rompem neſte reparo, *quidnam eſt hoc, quod fecit nobis Deus?* Que he iſto, que Deos nos fez? Agora o meu reparo. Se he hum homem quem lhes mede o trigo, e com quem ajuſtaõ o preço, que por boa conſequencia o que lhes medio o trigo, lhes havia de dar o dinheiro, para que a Deos haõ de attribuir o diſpendio; *quod fecit nobis Deus?* Direy: Deos denomina-ſe de dar, *Deus à dando dicitur*: viraõ que aquelle lho deu, pois haõ de chamarlhe Deos, *quod fecit nobis Deus.* Naõ importa, que o viſſem homem, ſe elle obrou como Deos, porque a diffiniçaõ da ſua peſſoa naõ ſe hà de tirar do que elle em ſi he, ſenaõ do que com elles obra; porque o nome mais bem poſto he o nome mais bem obrado: *Quid nam eſt hoc, quod fecit nobis Deus? Deus à dando dicitur.*

Aos Apoſtolos chamou Chriſto ſal da terra, ſendo que do mar lhe vem ao ſal a natureza; mas como o ſal ainda que no mar naſce, na terra ſerve, denomina-os pelo que preſtaõ, e naõ pelo que ſaõ; e a razaõ he: porque o que cada hum he, deve-o a quem lhe deu o ſer; e o que cada hum obra, à propria diligencia o deve; e mais gloriozo he o luſtre, que pude adquirir, que o que eu cheguey a herdar. Là mandou Joaõ perguntar a Chriſto ſe era o Meſſias eſperado; e reſpondeu, que viaõ os cegos, andavaõ os coxos, melhoravaõ os paraliticos: *Cæci vident, claudi ambulant, paralitici ſanantur, &c.* Senhor olhay que ſenaõ conforma a repoſta com a pergunta; perguntam-vos por quem ſois, e reſpondeis pelo que obrais? Sim: digaõ là a Joaõ as minhas obras, que elle conhecerá a minha Peſſoa; que a diffiniçaõ da Peſſoa hà ſe de fundar nas obras; naõ quiz Chriſto chamarſe Deos, que iſſo era herança, inculca ſim o que obra, para fazer a ſua diffiniçaõ mais glorioza: *Cæci vident, &c.*

Se outro Joaõ perguntàra ao Excellentiſſimo Duque, ou ao Excellentiſſimo Duque como a Joaõ, *tu quis es*? Reſpondera quaſi como o meſmo Chriſto ao Baptiſta, quando o Baptiſta mandou fazer perguntas a Chriſto: *Meſſias es tu? &c. Cæci vident, &c.* com os meſmos remedios achaõ ſaude os enfermos; porque para todos os enfermos tenho no meu Palacio remedios; de todos o Excellentiſſimo Duque ſe compadecia, por cuja cauza com amor a todos curava; vede pois o q̃ oExcellẽtiſſimo Duque foy na vida caduca, e tiray por conſequencia o que ſerà na vida eterna: porque naõ ſó foy caritativo para os enfermos, ſenaõ tambem eſmoler com os mendigos: vede as eſmolas, que fez em eſta Villa de Penacova, de que era Senhor, e aonde tem dous Cappellões effectivos com Miſſa quotidiana de eſmola capaz para viver, e com baſtantes alimentos para paſſar: nella ſe acharà hum Hoſpital para paſſageiros, nella ſe acharà hu certo numero de moyos de paõ para neceſſitados: vede as eſmolas do ſeu Palacio naõ ſó as da porta, que ſaõ ſem numero, naõ ſó as de toda a Religiaõ de mendigos; mas as que continuamente conſervava, e ainda ſe conſerva de Religiozos dentro do ſeu Palacio; o dezemparo da Orfaã achava na ſua maõ remedio, a neceſſidade da viuva azylo; e finalmente eraõ tantas as eſmolas, que todos os annos dava, que a todo o Reyno em admiraçaõ ſuſpendia: á viſta do que quem podia duvidar, que com o meſmo Deos ſe chegou a parecer: *Deus à dando dicitur*; quando como os irmãos de Jozè ouço aos pobres repetir: *Quidnam eſt hoc quod fecit nobis Deus?* Que he iſto, que Deos nos fez? E parece que com razaõ; porque ſe o Excellentiſſimo Duque naõ ſó pela ſua Peſſoa, ſenaõ tambem pela ſua eſmola tinha ſido o remedio, e o Deos da terra, razaõ parece que eſteja com Deos na Gloria, ſobindo a grande no Reyno da Gloria, pois naõ ſó pela Peſſoa, mas tambem pela eſmola tinha ſido grande no Reyno da terra.

Grande homem foy Abrahaõ para huma eſpada, *arripuit gladium*: grande Izaac para huma bençaõ, *benedixit*: grande Saul para huma profecia, *Saul inter Prophetas*: grande Jonathas para huma amizade; *conglutinata eſt anima Jonathæ*: grande Salamaõ para huma parabola, *parabolæ Salomonis*; e com tudo cotejados com David tantos grandes, e logo David, e elles medidos com Deos, por quem toda a grandeza ſe mede, aquelles grandes naõ davaõ a Deos pelos pès, e David davalhe pelo coraçaõ: *Virum ſecundum cor meum*; pois que dezar tiveraõ eſtes grandes, que ficáraõ

raõ à viſta de David depois de bem medidos, bem pequenos? Lippomano diſſe que David fora mais que todos grande por amante do pobre, e do humilde; *planè vir magnus paupertatem, & humilitatem amabat dum Maieſtatem exercebat.* Porèm eu tenho averiguado, q ſer David entre os grandes o mayor, e entre os mayores o grande, foy, que aquelles eraõ grandes em huma ſó parte, e elle em todas as partes grande: e ſenaõ paſſem pela memoria as grandezas de ſuas prendas. Paſtor, Soldado, General, Cortezaõ, Perſeguido, Valido, Rey; e acharaõ, que foy grande Paſtor na funda, quando Soldado na eſpada, quãdo General no baſtaõ, quando Cortezaõ no aceyo, quando Perſeguido no ſofrimento; quando Valido no Conſelho, e quãdo Rey no Sceptro: pois homem, que em todas as partes foy grande; ſeja mayor, que os que ſaõ grandes em huma ſó parte: *Virum ſecundùm cor meum.* Homem pois, que ſendo taõ grande, ſe moſtrava com os pobres caritativo, amorozo, e humilde, *planè vir magnus, &c.* naõ ſó hà de ſer do coraçaõ de Deos, e Deos o hà de trazer no ſeu coraçaõ; mas tambem ſe foy grande no Reyno da terra, hà de ſer grande no Reyno da Gloria: *Inveni virum ſecundùm cor meum.*

Grandes foraõ as prendas de David; mas ſem duvida mayores foraõ do Excellentiſſimo Duque as prendas: Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, dos Conſelhos de Eſtado, e Guerra, dos Deſpachos das Merces, Expediente, Meſtre de Campo General junto à Peſſoa Real, Governador das Armas da Corte, e Provincia da Eſtremadura, Mordomo Mòr da Rainha, Prezidente do Dezembargo do Paço, e Duque de Cadaval: corraõ, e diſcorraõ por todos eſtes lugares, por todos eſtes titulos, acharaõ com efficacia os prodigios, que obrou, e o muito que em todos com os pobres diſpendeu; pois ainda quando mais elevado, ſe moſtrava para todos benigno pela ſua Peſſoa, pelas ſuas prendas, e pela ſua Real Aſcendencia, entaõ mais humilde como mendigo, entaõ cõ os pobres, e humildes mais amorozo caritativo *plane vir magnus, &c.* por cuja cauza ſenaõ pòde duvidar eſtà poſſuindo o Reyno da Gloria como prenda do coracaõ de Deos, e o tenha Deos no ſeu coraçaõ, por grande eſmoler no Reyno da terra: *Inveni virum ſecundùm cor meum.*

Agora tiro eu por concluzaõ do diſcurſo, que ſe o dia do naſcimento deu ao Excellentiſſimo Duque huma vida caduca, e o dia da morte lhe deu huma vida eterna, ſe o dia do naſcimento lhe deu huã vida incõſtante, e o dia da morte lhe dà huma vida permanente;

manente, que apoſta duraçaõ com infinitos ſeculos; com razaõ affirmo com o Eſpirito Santo, que foy para o Excellentiſſimo Duque muito melhor o dia de eſpirar, do que o dia de naſcer; muito melhor o dia da morte, do que o dia do naſcimento. *Melior eſt dies mortis die nativitatis.*

SEGUNDO DISCURSO.

TAmbem o dia do naſcimento deu ao Excellentiſſimo Duque huma tal diſcriçaõ, e ſciencia, que entre os mais diſcretos era relevante, porque entre todos os entendidos ſciente; e nem ſe elevava tanto, que pudeſſe desluzir a quem com menos cabedal quizeſſe brilhar. Tambem meſclava o entendido com o engraçado! As ſuas galantarias eraõ eſtimadas pelo diſcreto, e os ſeus conceitos prezados pelo jocundo. Naõ o diſſera, ſe o naõ experimentàra; porque naõ obſtante a confiſſaõ de todo o Reyno, algumas vezes o applaudi no ſeu Palacio neſta Villa de Penacova, em Tentugal, e em Lorvaõ; finalmente com tanta graça proferia as palavras, q̃ dizia bocados de ouro; e ſem violencia levava tras ſi os corações, como Orfeo as pedras, como Sol os atomos, e como Magnete o ferro. Mas ay que tambẽ o ſoube attrahir a morte, pois o deixou mudo! Ficou muda com a morte deſtes ſeculos a mais relevante ſciencia: era a ſua ſciencia taõ relevante, que em todas as artes foy perito; no Conſelho de Guerra o ſeu parecer era de todos venerado; no de Eſtado de todos era applaudido; e finalmente nas faculdades mais difficultozas de todas tinha baſtantes noticias, e à priori dava equivalentes razões em todas. Mas ay, que acabou com a morte o Conſelheiro do noſſo Reyno! Porque o deixou ſem vòz, e em hum Sepulchro: òh como he certo acabar a ultima vòz cõ o ultimo paſſo! vòz tem hum rio em quanto corre, mas logo emmudece quando para: bem pudera correr mais ſobre a terra o noſſo Rio o Excellẽtiſſimo Duque, ainda que havia perto de cem annos que tinha ſa hido da fonte; em fim era Rio corrente, e tanto que houve covas na terra, naõ podiaõ faltar deſpenhos para o Rio: correu manſo, e acabou deſpenhado; mas ſe era Rio, havia de correr, ſe fora charco, mais havia de durar; 120. annos eraõ poucos para viver, porque 120. annos naõ foraõ muitos para Jacob acabar: poucos annos foraõ muitos para acabar com Raquel! Mas que muitos ſe os de Jacob foraõ màos: *Parvi, & mali*! Mas que muito, ſe os de Raquel

quel foraõ bons: *Pulchra nimis:* vedes como andaõ mal ſeguros os diſcretos, que morrem taõ depreſſa como os ignorantes.

A mayor enfermidade da noſſa vida he o noſſo entendimento; faz o entendimento à vida tanta guerra, que naõ podem eſtar ambos em hum meſmo ſogeito, ou naõ podem ter ambos em o meſmo ſogeito muita duraçaõ: *Ingenia quò illuſtriora, eò breviora* diſſe là Seneca. Os engenhos quanto ſaõ mais finos, tanto ſaõ menos duraveis, porque ou com a vida ſe damnaõ, ou com a morte ſe cortaõ: viver muito entendendo pouco, he couza muito ordinaria; viver muito entendendo muito he neſte Mundo taõ grande excellencia, que ſó em Deos ſe acha, e ſó parece ſe pòde achar em Deos; mas de tal ſorte, q̃ ainda em Deos ſendo, como he, eſſencialmẽte a meſma vida, quãtos annos parece que neceſſitou eſta verdade de que no lo perſuadiſſe a Fè, para que o abraçaſſe a razaõ?

Vay Saõ Joaõ Evangeliſta deſcrevendo a geraçaõ Eterna do Verbo Divino: e depois de nos dizer, que era Deos, diſſe que advirtiſſemos, que tambem era vivente: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum.* Da vida, que o Verbo tinha em ſi, entendem Santo Ambrozio, Caetano, e outros muitos Expozitores eſtas ultimas palavras: *In ipſo vita erat, ut oſtendat Evangeliſta Verbum non eſſe mortuum!* Myſterioza advertencia, e grande difficuldade! Difficulto aſſim. Se Deos em quanto Deos naõ pòde morrer, porque he attributo da vida, da Eſſencia da Divindade, e o Evangeliſta nos aſſegura, que no Verbo hà Divindade: *Deus erat Verbum*, para que ſe canſa em ſegurarnos, que hà vida, *in ipſo vita erat*? Aperto mais. Se o Verbo tem com o Pay, e com o Eſpirito Santo a meſma vida, porque naõ faz Saõ Joaõ aquella advertencia, *in ipſo vita erat*, quando nos fala do Eſpirito Santo, ou quando nos fala do Padre Eterno, ſenaõ ſómente quando nos fala do Verbo.

Deve ſer a razaõ: porque ſó do Verbo parece ſe podia difficultar para nòs a ſua vida com a ſua formalidade. Eu me declaro melhor. De todas as Divinas Peſſoas ſó ao Verbo, como diz a commua rezoluçaõ da noſſa Theologia, ſe attribue o entendimento por eſpecial virtude da ſua proceſſaõ; e como o entendimento ſe naõ conſerva com a vida, era neceſſario advirtirſe, que no Verbo eſtava a vida quando ſe lhe attribuia o entendimento: *In principio erat Verbum*; *in ipſo vita erat.* Tem no Mundo o ſer entendido grande oppoziçaõ com o ſer vivente: bem faz logo Saõ Joaõ em nos declarar, que o Verbo he vivente, *in ipſo vita erat* quan-

do

do no lo defcreve entendido: *In principio erat Verbum.* Interpoz aqui o Evangelifta a fua authoridade para fegurar nefta materia a noffa Fè: *Ut oftendat Evangelifta Verbum non effe mortuum, ficut noftrum, fed vivum.*

E fe o confervarfe nefte Mundo o entendimento com a vida he fó privilegio de Deos, que a Fè nos perfuade, para que a razaõ o naõ difficulte: *In principio erat Verbum in ipfo vita erat*, que havemos de dizer, vendo que o Excellentiffimo Duque confervou tantos annos a vida com taõ relevante entendimento? O que haviamos de concluir repugna à Fè, porque fuppofto moftro a prova, lhe tiro a femelhança.

Olhem Senhores, os nefcios e os difcretos todos faõ mortaes, porque todos faó homens; mas com efta diffirença, que os nefcios faõ mortaes com huma mortalidade fó; os difcretos faõ mortaes com duas mortalidades, huma, que lhe dà a natureza, outra que lhe dà a difcriçaõ: por iffo, fendo os nefcios tantos, que fazem hum numero infinito: *Stultorum infinitus eft numerus*, faõ os difcretos taõ poucos, que baftaõ para fazer hum pequeno numero.

Se perguntarmos a Seneca em que confiftem verdadeiramente os muitos annos, refpondernos hà, que confiftem no muito entendimento: *Quæris quod fit ampliffimum vitæ fpatium? Ufque ad fapientiam vixiffe, qui ad illam prevenit, attigit non longiffimum finem, fed maximum*: grandes palavras! De forte, que aquelle que muito entende, effe he o que muito vive; quem chegou com o juizo a tudo o que fe podia chegar, effe vive no Mundo tudo o que fe podia viver: *Attigit non longiffimum finem, fed maximum.* Daqui vem, que os mais entendidos faõ fempre no Mundo os mais velhos; porque naõ depende tanto a velhice do curfo da idade, como depende do difcurfo da razaõ: he penfamento do Efpirito Santo: *Cani autem funt fenfus hominis.* Ex aqui ao Excellentiffimo Duque deulhe o juizo em perto de cem annos, o que lhe podia dar a natureza em muitos feculos; e como tinha vivido no Mundo tudo o que fe podia viver, naõ o fofreo mais o Mundo.

Oh fe affim como de tudo ifto temos o conhecimento, abraçaramos o dezengano, que dà aquella Urna, e a fua morte! Se acabàraõ de perfuadirfe, vendo reduzido a cinzas aquelle fangue Real, com que fe honraõ no noffo Reyno tantas Cazas! E que naõ he a nobreza outra couza mais que huma vaidade da noffa eftimaçaõ, que nos confome a vida, e que nos apreffa a morte! Affim o en-

o entendeu aquelle Rey taõ illuſtre, como entendido: *Omnis potentatus vita brevis*, diz Salamaõ: todo aquelle, que he muito aſſinalado na fidalguia do ſangue, corre para a corrupçaõ do Sepulchro: e que o mais grande ſeja o mais corruptivel, q o mais illuſtre ſeja o mais mortal, parece injuſtiça, e he natureza.

Naõ ſaõ os homens neſte Mundo mais que humas arvores com juizo: *Video homines velut arbores ambulantes*, diſſe o cego a quem Chriſto curou os olhos: juſto parece logo, que as arvores mais creſcidas, ſejaõ mais exactamente cortadas.

Deixar o Cedro, que deſapparece da noſſa viſta com a ſua altura, e cortar o Eſpinheiro, que apenas levanta da terra os ſeus ramos, fora ſem razaõ: mas como a morte ſe preza de arrezoada, naõ hà de fazer eſta ſem razaõ; corta aquellas arvores, que vè mais creſcidas na grandeza, e aquellas arvores, que vè mais levantadas da fortuna. Eſta he a juſtiça da morte authorizada com a approvaçaõ de hum Anjo: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus*; e ſe iſto clamou hum Anjo contra aquella arvore ſonhada de Nabuco, porque ſe vio eſtranhamente creſcida: *Arbor magna nimis, proceritas ejus contingens Cælum*; como naõ lamentaremos nòs hoje no Excellentiſſimo Duque vendo, que o exceſſo de creſcer talvez foy o motivo do cortar, a eſtranheza da altura: *Contingens Cælum*, foy a cauza da ſua morte: *Succidite arborem?*

Ah Cedros do Libano! Ah grandes do Mundo, que tendes a mayor mortalidade na mayor altura: *Arbor magna nimis: ſuccidite arborem*; quanto mais ſobis às nuvens da grandeza, tanto mais vos avizinhais às ſepulturas, e morte. Deu a morte ſepultura ao Excellentiſſimo Duque com huma Rhetorica muda, mas perduravel, pois ſempre lhe aſſiſte, jà acompanhando o cadaver, jà aſſiſtindo á caveira, já acompanhando as cinzas, já aſſiſtindo ao nada, pois como cadaver aconſelha, como caveira atemoriza, como cinza amedronta, e como nada dezengana: e ſenaõ dizeime que he hum cadaver, ſenaõ hum cometa, que aſſuſta, e aviza? Que he huma caveira, ſenaõ hum conſelheiro, que perſuade, e dezengana? Que ſaõ humas cinzas, ſenaõ hum eſpelho, que argue, e retrata? Que he hum nada, ſenaõ hum relampago, que eſtremece, e alumea? Que he hum cadaver, ſe naõ huma Lua ſem Sol? Que he huma caveira, ſenaõ huma flor ſem Aurora? Que ſaõ humas cinzas, ſenaõ huma pintura ſem claros? Que he hum nada, ſenaõ hum ſer ſem exiſtencia? Tudo iſto nos moſtra aquel-

la caveira, e tudo isto com sua muda eloquencia nos diz daquella Urna, que talvez consiste o melhor falar no mayor emmudecer. Oh quanto nos mostra àquella caveira em huma vista de olhos! Escuzado he logo ouvir eloquencia, que tem tanto que ver: e se temos visto a ventagem que faz a discriçaõ da morte à eloquencia do nascimento, claro està, que para o Excellentissimo Duque foy melhor a tarde de espirar, do que o dia de nascer. *Melior est dies mortis die nativitatis.*

Tenho satisfeito indebitamente ás clauzulas de hum entendimento limitado, ainda que naõ às medidas de hum dezejo excessivo. Naõ foy como eu dezejava, mas sim como eu podia, porque os prodigios, que obrou na sua vida, e na sua morte o Excellentissimo Duque, ninguem os pòde numerar, porque a cifras senaõ podem reduzir; porèm se me naõ engano, satisfiz ás duas melhoras do meu Thema, e aos dous discursos do Sermaõ. O que importa agora he, que mude a discriçaõ a lingoajem, e em lugar de lagrymas dè á morte graças, pois que na morte ficou calificada a discriçaõ, quando naquelle ponto, em que tudo acaba, soube o Excellentissimo Duque trocar a vida caduca pela vida eterna. Mas òh cegas idades, òh discrições mal entendidas! Vive a idade como que senaõ ouvera morte, vive a discriçaõ como que senaõ temera o juizo. Acabemos já algum dia de ser cegos; ponhamos diante dos olhos esta imagem, e este retrato de nòs mesmos, que naõ sem particular providencia nos mete Deos em caza taõ repetidas vezes esta lembrança. Consideremos que aquella caveira foy o que somos, e que havemos de ser o que he aquella caveira, q̃ alli vay a parar tudo, e q̃ tudo o que alli naõ aproveita, he nada. Se nos dá confiança a idade, reparemos no seu fragil, e que está sogeita ao menor accidente; se a discriçaõ nos desvanece, saibamos ser discretos, que he saber salvarnos, já que tanta vida se tem dado ao Mundo, e á vaidade. Aprendamos pois do Excellentissimo Duque, que deixando o dia de nascer, e appetecendo o dia de espirar, a vida caduca pela vida eterna, está possuindo com Deos a Celestial Gloria. *Ad quam nos perducat, &c.*

A Ca-

A Camera da Villa de Penacova respondeu ao Duque a seguinte carta.

SENHOR.

,, FOy Vossa Excellencia servido como quem he participarnos a certeza da morte do Excellentissimo
,, Duque Nosso Senhor, que santa Gloria haja, dignissimo Pay de Vossa Excellencia, cuja saudoza lembrança nos assistirà eternamente pelo grande amor,
,, que sempre teve a seus vassallos, e o mesmo esperamos de Vossa Excellencia merecer, para que herdando-o delle com o sangue, naõ experimentemos
,, a sua falta. Em demonstraçaõ do nosso sentimento
,, ordenamos as suas Exequias na Matriz desta Villa,
,, assistidas de todo o Clero, que disseraõ as Missas
,, em o Altar privilegiado: fez a Oraçaõ funebre o
,, Reverendo Padre Fr. Joaõ do Sacramento Commissario da Ordem Terceira desta Villa, e se naõ foraõ
,, feitas com a pompa condigna a o illustre da pessoa,
,, o foraõ no modo mayor da nossa possibilidade em
,, tal terra, que se perdeu hum taõ soberano Principe, espera recuperar em Vossa Excellencia a sua
,, falta, como filho de taõ grande Pay em tudo semelhante, e só a elle igual, que Deos permitta conservarnos para amparo de seus vassallos, que dezejaõ
,, bem merecer a fortuna, e honra de o serem. Escrita
,, na Camera desta Villa de Penacova em 24. de Fevereyro de 1727.

O Juiz Alvaro Correa Pinto.
Jozè Henriques de Quintos.
O Procurador Joaõ Lopes.
O Vereador Bernardo Joaõ.

Em

Em Santa Maria de Marmeleiro fez o Prior da mesma Igreja hum Officio pela Alma do Duque, para o que convocou todo o Clero no primeiro de Março do dito anno.

Na Igreja Matriz da Villa de Tentugal, que he da aprezentaçaõ do Duque, mandou a 2. de Fevereiro de 1727. fazer o Prior o Padre Jozè Vaz Callado hum Officio de nove Lições com assistencia dos Clerigos da Freguezia, e Villa, e da Nobreza da terra, a que assistio o Juiz, e Officiaes da Camera em corpo de Senado. Na Igreja se fez huma Eça de tres degraos cubertos de luto guarnecidos de galões de ouro, e em sima hum tumulo com hum panno, adornado tudo de muitas luzes, cuja despeza foy por conta do Prior. O Provedor da Mizericordia da dita Villa, e os mais Irmãos da Meza mandàraõ fazer outro Officio em 12. de Março, com a assistencia dos mesmos Clerigos na sua Igreja da Mizericordia, em que levantàraõ huma magnifica Eça de grande altura cuberta de baeta, guarnecida de galões. Na frente do tumulo estavaõ as Armas do Duque, e no docel, que cubria a Eça, se via pendente hum escudo das mesmas Armas. Em toda a Eça ardeu grande numero de luzes, o Coro, e o corpo da Igreja estavaõ enlutados, como tambem a Meza, e os lugares, em que se sentou o Provedor, Irmãos, e a mais Nobreza da Villa, sendo feita toda esta despeza por conta da mesma Irmandade da Mizericordia.

No dia seguinte a 13. do dito Mez de Março, mandou fazer outro Officio o Juiz, e Officiaes da Camera daquella Villa na mesma Igreja da Mizericordia, a que assistiraõ todos os Clerigos, e a Communidade dos Religiozos de Saõ Francisco. Para esta acçaõ

servio

ſervio a meſma Eça, que no dia antecendente havia ſervido ao Officio da Irmandade da Mizericordia. A eſte aſſiſtio todo o Senado, e o Ouvidor com ſeus Officiaes veſtidos de luto, e todas as peſſoas principaes da Villa, e fóra della. Neſte dia houve a Oraçaõ funebre recitada pelo Padre Bernardo Peſſoa, Prior de Montemòr, com aquella erudiçaõ, que della ſe vè, e em todos eſtes tres Officios cantou a Miſſa o Prior da Villa o Padre Jozè Vaz Callado, moſtrando neſta repetiçaõ o grande amor, que teve ao Duque, de cuja caza, e obrigaçaõ havia ſido.

SERMAÕ
NAS EXEQUIAS
DO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO,
DUQUE DE CADAVAL,
CELEBRADAS NA IGREJA DA SANTA MIZERICORDIA DA FAMOZA Villa de Tentugal à diſpoziçaõ, e diſpendio do Senado da meſma Villa
PELO PADRE.
BERNARDO JOZÈ PESSOA E CASTRO
Da Villa de Montemor o Velho. Anno de 1727.

Mortus eſt pater ejus, ... ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe. Eccl. 30. 4.

NEM o ſentimento por exceſſivo, nem o tempo por limitado deraõ lugar à mais conſiderada eleiçaõ, porque as ſombras deſte fatal ſucceſſo eſtorvaõ todo o rayo ainda da mais eſcaſſa, e avarenta luz ao juizo de ſorte, que nem hà deliberaçaõ no conſelho, nem ſe atina caminho algum ao diſcurſo. Seraõ hoje ſuſpiros os penſamentos, ornato o deſconcerto, os lumes da eloquencia as ſombras deſta morte. Outro dia viremos a dizer, hoje ſómente a lamentar. Neſta afflicçaõ do penſamento, neſta in-

deliberaçaõ do juizo, neſte tormento do diſcurſo ouvi hum Texto, que com igual acerto, que propriedade me ſuggerio a Eſcritura, em que pudeſſe fundar com alguma novidade o meu argumento composto de màgoas huma parte, e outra parte de lenitivos. O Texto he eſte: (parece naõ podia vir mais a propozito: *Mortuus eſt pater ejus, et quaſi non eſt mortuus, ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe.* O Eſpirito Santo o dictou. He morto o grande Duque Pay, Pay do Filho, que governa, e Pay tambem dos vaſſallos, que governou como Pay em quanto vivo. E quaſi naõ he morto, porque tem deixado a ſeus vaſſallos huma copia viva de ſi meſmo no digniſſimo Filho, que agora nos governa. He morto ſeu Pay: *Mortuus eſt pater ejus.* Eis aqui o motivo da noſſa dor, e a fonte das noſſas lagrymas; e quazi naõ he morto: *Et quaſi non eſt mortuus.* Eis aqui o motivo do noſſo alivio, e a origem dos noſſos confortos. Eſtes dous contrarios motivos ſeraõ os dous polos, em que ſe revolverà o meu diſcurſo. Mas para o proſeguir com tanta facilidade, quanta foy a felicidade de o achar, peçamos a Deos a graça por meyo daquella Senhora, que he, e ſerà ſempre a unica conſoladora dos affligidos.

AVE MARIA.

VIſta-ſe de dò Tentugal, cubra-ſe toda a Luzitania de luto, chore com lagrymas de ſangue eſta pena, que muito tem, que ſentir na falta deſte Principe. Se diſcorremos pelas terras, e Eſtados, a primeira, que à noſſa viſta ſe offerece, he eſta nobre Villa de Tẽtugal, q̃ amargamẽte deplora na mortte do Excellẽtiſſimo Duque a falta do ſeu ſuſpirado Conde; là eſtà Ferreira, que inconſolavelmente chora o ſeu Marquez: chora a Provincia da Eſtremadura o melhor Governador das ſuas armas; deplora o Reyno o famozo Meſtre de Campo junto à Peſſoa. O Dezembargo do Paço, o Conſelho de Eſtado, as Merces, e os deſpachos o mais caritàtivo Prezidente: e a Sereniſſima Rainha noſſa Senhora o ſeu muito prezado Mordomo mòr, e Conſelheiro. Se paſſo às virtudes moraes, muito tem que ſentir Luzitania na falta deſte Principe pelo muito que perdeu nas grandes prerogativas deſte defunto Duque, tantas, e taõ grandes, que bem podemos dizer perdeu Portugal na falta deſte Principe naõ ſó hum, mas muitos Principes.

Com ſer hum Principe eminente na fortaleza, he grande Principe,

cipe, outro he Grande com exceder na ſabedoria, outro com ſe avantejar no Conſelho; outro com ſe aſſinalar na Juſtiça, outro com ſe eſtremar na Prudencia. Todas eſtas prerogativas em grao muito ſuperior illuſtràraõ, e enriqueceraõ a veneravel peſſoa do ſuſpirado Duque. Era na Prudencia hum Cataõ, no animo Alexandre, na fortaleza Heitor, na fortuna das emprezas Ceſar, nas vittorias Africano, na paciencia, e conſtancia dos trabalhos o Carthaginenſe, no reſpeito, e Mageſtade da peſſoa Mario, na velocidade das couzas Marcello, no ardil, e conſelho Fabio, na affabilidade Auguſto, na politica Trajano; os Deoſes dizia o Gentio, que primeiro atraveſſou os Alpes, naõ deraõ tudo a todos: *Non omnia omnibus Dij dederunt.* Para hum ſer inſigne, baſta ſer em hum talento eminente. Bem ſe ſegue logo que houve na peſſoa do Excellentiſſimo Duque muitos Principes, porque houve muitos talentos de Principe. Ter muitos theſouros, dizia Marco Tullio, naõ he o que em hum Principe merece grandes applauzos, ſer valezozo, ſer juſto, ſer recto, ſer grave, ſer magnanimo, ſer liberal, ſer bemfeitor, ſer grandiozo ſaõ as flores mais odoriferas, que tecem a mais luſtroza coroa à ſua vida, porque naõ hà couza, que mais engrandeça as peſſoas ſoberanas, que as muitas virtudes, de que ſaõ dotadas: nellas ſó dignamente ſe louvaõ, fazendo huma concorde, e ſaudavel harmonia no ponto da ſalvaçaõ, a que todas ſe terminaõ; ſendo taõ poderozas para com Deos, que fazem revogar os ſeus decretos, como felizmente experimentàmos neſte Principe.

Tul. Orat. pro Deiotero.

Falando profeticamente David dos Principes, e Poderozos da terra, diz que a eſtes naõ concederia Deos mais de outenta annos de vida: *In potentatibus octoginta anni.* Mas como a vida do noſſo Duque era dotada de tantas virtudes, por iſſo lhe concedeu mayor idade, que quando Deos prolonga nos Principes a idade, he na condiçaõ de boa vida. Neſta condiçaõ a prometteu dilatada a Salamaõ: *Si cuſtodieris præcepta mea, longos faciam dies tuos.* E como Deos via que era boa a vida deſte Monarca, para que todos ſoubeſſem que a ajuſtada vida nos Principes faz que elle revogue os ſeus decretos, por iſſo lhe concedeu naõ ſómente os outenta: *Octoginta anni,* mas ſobre os outenta mais nove ãnos de idade, porq̃ era ajuſtada a ſua vida: *Si cuſtodieris præcepta mea, longos faciam dies tuos.* Com todos eſtes annos regeu de ſorte o Ducado, que chamando-lhe a vòz publica o Duque Pay, moſtrou mais que era Pay na ſua Piedade, que Duque no governo; aſſim o experimentou fe-

lizmente o Ducado, e com especialidade o gozou ditozamente Tentugal naquelles poucos, mas sempre memoraveis annos, que com a sua assistencia lhe grangeou o mayor credito.

Mostrou o Excellentissimo Duque entranhas de amorozo, e caritativo Pay na cuidadoza providencia, com que soccorria as indigencias de todos. He digno de reparo, que querendo Christo tirarnos todo o cuidado à cerca da comida, e do vestido: *Nolite soliciti esse dicentes? Quid manducabimus, aut quid bibemus, aut quo operiemur*, naõ fez mais que lembrarnos que nosso Pay sabia que tudo isso haviamos de mister: *Scit enim Pater vester quia his omnibus indigetis.* E porque em lugar de *Pater vester* naõ disse *Deus vester?* Como o chamava muitas vezes David em seus Psalmos: *Deus meus?* Responde à duvida Cornelio a Lapide, porque este Pay como Deos sabia: *Scit quia Deus*, mas que nos aproveitaria saber este Pay as nossas mizerias como Deos, se as naõ quizesse soccorrer como Pay: *Quia Pater vult vestræ necessitati succurrere?* Logo com infinita sabedoria nos lembrou Christo o nome do seu, e nosso Pay: *Scit Pater vester.* E ser Pay, e juntamente Principe saõ extremos ordinariamente taõ unidos, que os officios, que preconizou Izaias no futuro Messias, como inseparavelmente unidos entre si, foraõ estes de Pay, e juntamente de Principe: *Pater futuri sæculi*, *Princeps pacis.* E já por isso o Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello foy Principe, e bom Principe, porque se houve sempre para com todos os seus subditos, e vassallos, como Pay, como discretamente escreveu Xenofonte: *Nam bonus Princeps nihil differt à bono patre.* E na verdade, que se bem advirtimos na facilidade, com que este benignissimo Principe admittia à sua veneravel prezença indifferentemente a toda a pessoa, se na providencia, com que soccorria as necessidades de todos; se na compaixaõ, com que se dohia das desgraças, e mizerias de todos, acharemos que na morte deste Principe morreu naõ só ao Ducado, mas a Portugal seu Pay: *Mortuus est pater ejus.*

Matth. 31. Cornel. à Lap. in Mat. Isai. 9. 6. Xenophont.

Couza bem notoria he, e que faz pasmar, que achando-se muitas vezes no tempo do Excellentissimo Duque a Cidade de Lisboa em grande carestia de viveres, nunca se achou familia, por pobre que fosse, entristecida, nem demaziadamente cuidadoza pelo que houvesse mister para comer, e sustentar a vida; as donzelas, e viuvas mais recolhidas, e dezamparadas, aquellas tratavaõ de conservar a sua honra, estas de conservar o seu recolhimento, e nem humas, nem outras desconfiavaõ ou de achar o dote

para

para tomarem eſtado, ou de ter amparo, com que alimentarem ſeus filhos. E perguntadas todas em ſemelhantes apertos, porque na ſua pobreza viviaõ taõ contentes, reſpondiaõ? Temos no Duque Pay hum grande Pay, que cuida de nòs, ſe tratarmos do temor de Deos, e da noſſa honra, e nos prove abundantemente do neceſſario; podendo neſte cazo todos os pobres repetir as palavras de Chriſto: *Scit enim Pater noſter quia his omnibus indigemus.* E de facto quem poderà referir as largas eſmolas, que ſua Real grandeza mandou diſtribuir no diſcurſo de ſua vida? Jà ſuſtentando ſecretamente muitas familias, jà pagando dividas dos que por ellas ſe achavaõ nos carceres recluzos, jà dotando mulheres honeſtas, jà alimentando a muitos, que novamente ſe convertiaõ da herezia ao gremio da Igreja, jà provendo do neceſſario os Moſteiros aſſim de Freiras, como de Frades mais pobres, principalmente da Ordem Serafica, com quem diſpendia a mayor parte do rendimento dos ſeus Titulos, para os reduzir a mayor obſervancia; podendo-ſe dizer deſte liberaliſſimo Principe, o que eſcreveu Suetonio da providencia de Tito em tempo das mayores neceſſidades do Imperio Romano: *In his tot adverſis, ac talibus, non modò Principis ſolicitudinem, ſed et parentis affectum nunc conſolando per edicta, nunc opitulando quantum ſuppeteret facultas.* Ora quem haverà de nòs, que por eſtas virtudes, prerogativas, e propriedades referidas naõ reconheça na vida deſte Grande Senhor o caracter de Pay, e Pay taõ caritativo, que bem lhe podemos dar em ſua vida o louvor, que deu Plinio ao ſeu Trajano: *Cum civibus tuis quaſi cum liberis Parens vivis, agnoſcis, agnoſceris, eoſdem nos, eundem te reputas.* Oh que grande razaõ para a noſſa pena! Oh que grande motivo para o noſſo ſentimento! Naõ foy ſó homicidio o que aqui a morte commetteu, chamailhe com muita propriedade patricidio: *Mortuus eſt pater ejus.*

Suet. in Tit. c. 8.

Oh Principe a todas as luzes grande! Porque ſoubeſtes unir os dous extremos, que moralmente parecem no meſmo ſugeito incompativeis, Amor, e Mageſtade: pois à piedade de bom Pay conſociaſtes a veneraçaõ de generozo Principe, porque no amparo dos menores, e na protecçaõ dos humildes ſe manifeſta a generozidade de hum Principe, que he Pay. Ao Verbo Eterno introduz o Profeta Rey em ſua Encarnaçaõ com huma Cota em lugar de Purpura guarnecida de valor, e eſmaltada de vivas cores de perfeita formozura: *Dominus regnavit, decorẽ indutus eſt, indutus eſt Dominus fortitudinẽ, et præcinxit ſe.* E qual foy a primeira acçaõ,

com que empunhado o Scetro quiz principiar o venturozo auſpicio no prudente meyo, e acertado governo dos vaſſallos? No ſeguinte verſo o manifeſta, dizendo: *Etenim firmavit Orbem terræ, qui non commovebitur.* Oſtentou a grandeza Real em fazer taõ ſolido, conſtante, e firme o fundamento da terra, que jà mais ſe poſſa abalar, e mover na permanencia, e fixa eſtabilidade de ſeu centro. Onde parece que allude depois do decreto da Encarnaçaõ, em que o Officio de Deos ſe propõem Rey ſoberano com a purpura encarnada da humana Natureza à arquitectura, e formaçaõ do Univerſo, quando havendo creado eſta maquina Celeſte com as luminozas Esferas, que depois enriqueceu de ardentes luzes, trata logo, e em primeiro lugar de formar a terra antes de todos os mais corpos ſublunares na compoziçaõ do Miſto: *In principio creavit Deus Cælum, et terram.* Pois naõ fora mais conveniente à Divina Providencia empregarſe primeiro na formaçaõ dos mais Elementos tanto mais ſuperiores à terra na perfeiçaõ, e nobreza, quanto mais ſublimados no ſitio, e lugares, que ſobre ella occupaõ? Como dà logo principio ao Real edificio deſta maquina inferior pelo Elemento mais vil, mais baixo, mais abatido, e mais humilde? Naõ pudera começar por eſſe fogozo Globo taõ dilatado em ſeu centro, que ſegundo tem commummente os Aſtrologos, occupa no corpo craſſo quarenta e duas mil leguas? Naõ pudera principiar no Elemento ethereo taõ diafano, e cryſtallino, que ſe naõ deixa perceber da noſſa viſta? Naõ começàra pelas aguas, pois lhe agradàraõ tanto, que paſſeava, e ſe entretinha nellas? Deixados todos os mais, começa pela terra, por ſer o Elemento mais baixo, e mais humilde; para enſinar aos corações Reais, e generozos, que onde mais ſe oſtenta a grandeza do ſeu poder, e piedade, he em ampararem, e favorecerem aos pobres, humildes, baixos, e deſprezados do Mundo. Sendo o primeiro auſpicio do governo: *Dòminus regnavit*, empunhar o Scetro; e o ſegundo a protecçaõ dos humildes: *Etenim firmavit Orbem teræ.*

Genes.1.

Que augmentos adquire o menor, que levantado ſe reconhece o humilde, quando ſua ventura faz que o Principe empregue nelle os olhos, ſendo huma meſma acçaõ grande ventagem em ambos, no Principe em inclinar o poder, e abater a eminencia por ſublimar humildes, e no humilde por ſubir a receber favores da ſoberana, e generoza grãdeza! Guardãdo o mãſo rebanho ſe cõſiderava a Paſtora dos Cantares, e ao CeleſtialEſpozo levãdo ſobre o glo-

riozo

riozo throno quãdo disse: *Dum esset Rex in accubitu suo, nardus mea dedit odorẽ suavitatis.* O vil dotal ministerio se lhe cõsignou naquellas palavras: *Pasce hædos tuos juxta tabernacula pastorum.* E porque humilde obedecu, jà lhe offerece riquissimas joyas, e custozas prendas: *Murenulas aureas faciemus tibi, &c.* Pois diz agora vendo-se jà levantada, e engrandecida: O mesmo foy pôr em mim os Divinos olhos aquelle supremo Rey posto em seu throno, que o meu nardo de huma herva vil, (prostrada por terra o declaraõ os Expositores) isto he, minha humildade começar a exhalar de si o suave de sua fragrancia; que naõ sabem os olhos do Rey da Gloria empregarse em humildades, sem que dahi redunde o cheiro, e suavidade de sua Real grandeza. Pois a mais humilde herva taõ depressa se commutou no mais preciozo aroma? Sim: e que muito, se saõ empenhos de Principes em querer sublimar baixezas, e engrandecer humildades? De si disse a Sacratissima Virgem: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.* O mesmo foy empregar a vista nesta serva humilde, que acclamarem todas as nações os applauzos da minha boa ventura: *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.* Que naõ podia deixar de corresponder à mais qualificada humildade nos agrados do supremo Rey o sublimado da mayor grandeza, ensinando aos Principes, e poderozos da terra, que de amparar humildes, de attender pelos menores, de levantar aos baixos se augmenta a sua fama, e lustra mais o brazaõ de seu claro nome.

Cant. 1.

Setent.

Lucæ 1.

Notavel vizaõ foy aquella do Profeta Izaias, onde diz que se lhe manifestou a Magestade Divina sentada sobre hum throno de gloria, e que dous Serafins com as azas lhe estavaõ cubrindo o rosto: *Duabus velabant faciem ejus.* Saõ Bernardo diz que em lhe cubrirem a cabeça se encerra hum grande mysterio. E logo pergunta assim: *Quibus tamen alis putamus hoc caput Seraphim velant?* Que azas saõ estas, com que à maneira de rico docel, e celestial cortina os Serafins cobrem a face, e cabeça da suprema Magestade. E responde: *Duabus, ni fallor, alis suæ videlicet ipsorum gloriæ, & felicitatis.* Eu creyo, se meu discurso he alheyo de engano, q̃ estas azas, com que cobrem o rosto de Deos, he a gloria, e felicidade desses mesmos Serafins. Pois como? Duvido assim; pois como das azas, que deu a elles Espiritos Bemaventurados, ornando-os de tantas perfeições, e graças, e sustentando-os, para que sempre permanecessem em sua felicidade, e com os Anjos apostatas naõ fossem condenados às penas eternas, dessas merces, e fa-

Isai. 6.

Div. Bernard. Serm. 5. de verb. Isaiæ.

vores

vores faz o veo, com que cobre a cabeça, e a cortina, que pōem diante da face? Sim, que o mayor luſtre dos Principes deve ſer a felicidade dos vaſſallos, e o amparo dos humildes o reſplandor mais brilhante da ſoberania; e ſe eſtas ſaõ as acções, que inculcaõ a ſoberania de hum bom Monarca, e a generozidade de hum grande Principe, quem haverà, que à viſta do referido naõ acclame, e reconheça o falecido Duque entre todos o Principe mais generozo! Enſinando a todos os Principes com exemplos de taõ generoza providencia em ſoccorrer aos pobres o que eſcreveu Agapeto ao Emperador Juſtiniano, que *Beneficentiæ opes diſſipando colliguntur*, que os thezouros da piedade mais ſe augmentaõ quando pela pobreza piedozamente ſe diſtribuem, e que o dezejo mayor de quem governa, como cantou o Venuzino em louvor do Grande Auguſto, deve ſer: *Non ut ditetur*, mas *ut amet dici Princeps, & pater.* Eſtas acções, òh piedozo Duque, dilatàraõ voſſa fama, naõ ſó com eſtimações de grande Principe, mas com acclamações de piedozo Pay! Parece-me que ainda hoje ouço as enternecidas vozes da dezamparada pobreza no dia de voſſo falecimento. Já morreu noſſo Pay, jà morreu noſſo Pay, morreu o Pay da Pobreza: *Mortuus eſt Pater ejus.*

Mas ſe lamentamos a falta de hum Duque, que para todos era Pay, naõ menos devemos neſta occaziaõ ſentir a morte de hum Principe, que ſobre a razaõ de caritativo Pay gozava da prerogativa de diſcreto! Bem ſe vio na inteireza, com que nos Concelhos de Eſtado deliberado votava, diſcreto propunha, amorozo ſe oppunha, e forte reziſtia, ſupprindo já na liçaõ a experiencia, no juizo a pratica, fez revogar Aſſentos, riſcar Decretos pelos julgar ou menos favoraveis, ou menos ajuſtados. E que ſendo a ſabedoria, e diſcriçaõ das mayores prerogativas de hum Principe, que nos levaſſe a morte hum Duque taõ diſcreto? Oh Parca dura! Grande motivo para multiplicar o noſſo ſentimento! Parece que dos Poderozos deviaõ ſó viver eternamente os ſabios, porque hum Principe ignorante ſujeita-ſe aos dezares da fortuna, e ſabio emenda os deſconcertos da ignorancia. Em quanto Paris ignorava a fortuna de ſeu grande naſcimento, guardando nos campos do monte Ida as ovelhas do ſeu rebanho, dizem as hiſtorias humanas, que era objecto de ſeus cuidados Enone, huma formozura ruſtica daquelles valles; mas tanto que o encuberto Principe ſoube quem era, tanto que ſoube que era filho de Priamo Rey de Troya, como deixou o cajado, e o ſurraõ, trocou tambem de penſamento;

to; amava humildemente em quanto ſe teve por humilde, mas tanto que conheceu quem era, logo deſconheceu a quem amava. Como o amor ſe fundava na ignorancia de ſi, o meſmo conhecimento, que desfez a ignorancia, acabou o amor; logo dezamou Principe o que tinha amado Paſtor: eis aqui o meſmo Paris, em quanto neſcio, confiado amante; eis aqui o meſmo Paris em quanto ſabio, retirado Principe. Paſſemos à Eſcrittura. Amou Sichem à Dina filha de Jacob, e rendeu-ſe tanto aos imperios do ſeu amor, que ſendo Principe ſoberano, ſe ſojeitou a tais condições, e partidos, que poucos dias de deſpozado puderaõ tirarlhe a vida Simeaõ, e Levi irmãos de Dina. Vede agora. Amou Sichem, e morreu, mas a morte naõ foy trofeo de ſeu amor, foy caſtigo da ſua ignorancia; foy cazo, e naõ merecimento, porque naõ amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dinaõ amor, mas naõ lhe deveu a morte, antes por iſſo nem o amor lhe deveu, porque quem amou, porque naõ ſabia que havia de morrer, ſe o ſoubera, naõ amàra.

Eſtes dezares da fortuna occaziona nos Principes a ignorancia: muito neceſſaria he logo para o bom acerto a ſciencia. Mas òh, que ſendo taõ preciza ao governo, foy ſempre à vida muy oppoſta! Vida, e ſciencia nunca fizeraõ boa liga. No Parayzo plantou Deos huma arvore de vida: *Lignum etiam vitæ in medio Paradyſi*; e plantou tambem huma arvore de ſciencia: *Lignumque ſcientiæ*. Duas eraõ logo eſtas arvores; ſim, e com muita razaõ duas: aonde ſe dà a ſciencia naõ ſe colhe a vida; vida, e ſciencia naõ ſaõ garfos do meſmo trõco, nẽ fruttos da meſma vara, e ſe ſe naõ pódem unir na meſma vara, como ſe haõ de ajũtar no meſmo ſojeito? Daqui ſe colige q̃ o mayor inimigo da vida he o entendimento. Atè no meſmo Deos teve lugar eſta terrivel conſequencia. Houve de incarnar, e morrer huã das Peſſoas Divinas, e porq̃ mais o Filho, q̃ alguma das outras? A verdadeira razaõ ſabe-a Deos; eu ſó ſey que à Peſſoa do Filho ſe attribue o entendimento, e que a Peſſoa do Filho ſe unio á mortalidade: com o Verbo *ab æterno* procedeu por entendimento, *ab æterno* propendeu para mortal. Se iſto foy em Deos, que ſerá nos homens? David pedia a Deos entendimento para viver: *Dòmine, da mihi intellectum, & vivam.* Senhor daime entendimento, e viverey; mas naõ ſabia David o que pedia. Se David quer morrer, peça embora a Deos entẽdimento, mas ſe quer viver, há de pedirlhe lhe tire o entendimento, que lhe deu, que parece ſó para neſcios, e naõ para diſcretos a vida. Hum entendimẽto grande em

em hum ſojeito he huma tyzica, que o conſome, e huma febre lenta, que o acaba: vem a ſer o melhor remedio para viver muito entender pouco. Naõ há de vir a prova de muito longe. Depois que David pedio a Deos entendimento para viver, vay logo á Corte d'ElRey Achiz, tem noticia que o queriaõ matar, e faz-ſe doudo. Pois naõ ereis, David aquelle, que pedieis a Deos vos déſſe entendimento para viver, pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento, que tendes? Dantes governava-ſe David pelo diſcurſo, agora pela experiencia. Pelo diſcurſo parecialhe a David que naõ havia couza para viver como ſer entendido; mas a experiencia moſtrou a David que era neceſſario ſer dezentẽdido para viver; ſenaõ perguntaime a Achitofel, o mais entendido de todo o Reyno de Iſrael, de que lhe aproveitou o ſeu entendimento? De ſe matar por ſuas proprias mãos, por naõ querer ſeguir Abſalaõ a verdade dos ſeus conſelhos. De ſorte que he tal a oppoziçaõ, que tem entre ſi a vida, e o entendimento, (principalmente nos Principes) que ſe naõ conſervaõ ambos juntos; ou haveis de deixar o entendimento, ou haveis de deixar a vida, ou endoudecer, como David, ou matarvos como Achitofel: ſe amais mais a vida que o entendimento, como David, endoudeceis, ſe amais mais o entendimento que a vida, como Achitofel, mataiſvos. Oh ſemrazaõ da iniqua ſorte, naõ perdoar a morte a hum bom entendimento! Ser taõ oppoſto o entendimento à vida; ſer taõ vizinho da morte o Juizo! A morte ſegue-ſe o Juizo de Deos, e ao Juizo humano ſegue-ſe a morte.

Mas como a verdadeira ſabedoria naõ conſiſte tanto em ſaber viver, quanto em ſaber morrer, vio Deos que era tempo de moſtrar ao Mundo que era verdadeiramente ſabio quem taõ ſantamente morria, e que naõ teve ſó ſciencia na vida para ſaber dizer, mas que a teve na morte para ſaber acabar, porque atè a morte ninguem ſe póde chamar com certeza neſcio, ou diſcreto: o ultimo acerto, ou o ultimo erro he o q̃ dà nome ao juizo detoda a vida; por iſſo Deos no principio do Mũdo, approvãdo todas as creaturas, ſó a o homem naõ approvou, porq̃ a approvaçaõ do homem eſtà ſempre dependendo do fim: *Non in exordio, ſed in fine laudatur homo*, diſſe Santo Ambrozio. Naõ ſe pòde ſeguramente louvar o homem, nem quando começa, nem quando he, ſenaõ quando acaba de ſer. Em quanto naõ chegou o dia ultimo, eſtava a prudencia das dèz Virgens poſta em opiniões; aſſentou-ſe a morte na ſuprema cadeira, definio logo quaes eraõ as neſcias, e quaes as pruden-

prudentes, *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes*; sentou-se a morte na suprema cadeira, (que em huma cadeira naõ sem mysterio morreu este sabio Principe) e acabou de confirmar a muita discriçaõ do nosso Duque. Oh que bem o manifestou ao partir desta vida! No ardente dos dezejos, na ternura dos affectos, na piedade dos colloquios, no dezapego do Mundo, com que repetindo tres vezes com os olhos postos no Ceo as palavras, que Christo repetio da cadeira da Cruz, quando houve de espirar: *In manus tuas, Dòmine, commendo spiritum meum*, entregou a Deos Alma, e vida. Oh Alma ditoza!

Deixando em legado (e estamos no lenitivo da nossa màgoa) a seu Filho, e dignissimo successor as suas admiraveis prerogativas com tanta semelhança, que faz que o Excellentissimo Duque Pay quazi naõ seja morto: *Et quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.* Escrevem os que tem experimentado os principios do Governo do Excellentissimo Duque Dom Jayme, que he huma viva copia de seu Pay, em todos os talentos, e virtudes dignas de Principe. No valor, no sofrimento, na branda indole, no genio aureo, na aceitaçaõ para com todos, no conselho, na Religiaõ; e sobre tudo no amor, e piedade para com os seus vassalos, e amoroza affabilidade para com todos de modo, que faz parecer a todos que seu memoravel Pay naõ seja ainda morto, porque vive no Filho, que governa, como Pay de todos, a quem ama: *Similem enim reliquit sibi post se.* De Socrates escreve o Filozofo moral que nunca permittio que seu Pay Sofronisco morresse: *Sofroniscum Socrates expirare non patitur.* E porque? Porque os filhos, que exprimem em suas operações as virtudes de seus Paes, como foy Socrates, fazem que elles sempre vivaõ na memoria dos vindouros: *Et vivunt ob nullam aliam causam, quàm quòd illos liberorum eximia virtus tradidit posteris.* Tambem o Excellentissimo Duque Dom Jayme de tal sorte reprezenta em seus costumes a Alma de seu memoravel Pay, que estando, como piedozamente cremos, Dom Nuno Alvares Pereira de Mello no Ceo; parece que ainda hoje nos assiste na terra o seu espirito neste seu generozissimo Filho. No espirito deste deplora ainda hoje as calamidades de todos, e no espirito deste soccorre com sua primoroza providencia ainda hoje as cazas dos indigentes. Pay venturozo, que tal Filho nos deixastes! Filho felicissimo, que tal Pay em vossas acções nos reprezentais! Sorte foy deste Pay deixar hum novo retrato de si neste Filho, sorte tambem deste Filho

Senec. l. 3. de Benef. c. 31.

lho manifestar em seu procedimento as virtudes de seu Pay para lenitivo de tanta dor, para alivio de tanta saudade: *Quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.*

Com muita razaõ se pòde agora duvidar qual destas duas glorias serà mais avantejada, se a do Pay, se a do Filho? Se a do Pay, porque resplandece no Filho, se a do Filho, porque reprezenta seu Pay? Respondo que me parece mayor a gloria do Pay no Ceo, por ter hum Filho na terra, que o imita nas acções. Assim o disse, ou o cantou ao Emperador Theodozio Claudiano, taõ insigne na Filozofia, como na Poetica. Descreve copiozamente as virtudes Imperiaes, militares, e politicas, com que seu Filho Honorio se adiantava admiravelmente aos annos, e igualava a seu Pay, e fazendo huma Apostrofe a Theodozio, diz confiadamente: *Aspice nunc quacunque micas seu circulus Austri, Magne Parens, Gelidi seu te meruere Triones. Aspice completur votum jam, natus adæquat te meritis.* De là donde como Estrella de Marte illustrais com vossas vittorias o Mundo, ou seja no circulo do Austro, ou no frio Septentriaõ, olhay felicissimo Cesar para Honorio vosso filho, e se como Emperador tendes conseguido o nome de grande, chamando-vos a vòz publica Theodozio o Magno; ainda, diz Claudiano, naõ vos invoca com o nome de Grande Emperador, senaõ o de Grande Pay: *Magne Parens.* O que celebro mais entre todas as glorias de vossa felicidade, e o que tenho por mais digno do emprego da vossa vista, he que vejais, e torneis a ver: *Aspice, aspice,* que chegastes a ter hum Filho, q̃ imitando na terra vossas acções, vos augmenta no Ceo a vossa gloria. Ouçamos porèm a outro Filozofo, que melhor que Claudiano conheceu os affectos naturaes, e naõ só em mais harmoniozo estylo, mas com mais profunda especulaçaõ que todos penetrou a anatomia do coraçaõ humano. Faz parallelo Ovidio entre os dous primeiros Cesares Julio, e Augusto, aquelle Pay, e este Filho; e depois de assentar que a mayor obra de Julio Cesar foy ter hum tal Filho, como Augusto: *Nec enim de Cæsaris actis nullum maius opus, quàm quòd extitit hujus,* a suppõem com a commum opiniaõ de Roma que hum cometa, que na morte de Julio Cesar appareceu, era a Alma do mesmo Julio Cesar collocada entre os Deoses, como hum delles. E no meyo daquella imaginada bemaventurança qual vos parece seria a mayor gloria do homem, que tinha logrado na vida todas as que o Mundo pòde dar? Diz o mesmo Ovidio taõ falso na suppoziçaõ, como Poeta, mas taõ certo no discurso, como Filozofo,

zôfò, que o que fazia là de ſima Julio Ceſar; era olhar para ſeu filho Auguſto, e que conſiderando as grandezas do meſmo filho, e reconhecendo, e confeſſando que eraõ mayores que as ſuas, o ſeu mayor goſto, e a ſua mayor gloria era verſe vencido delle: *Natique videns benefacta fatetur eſſe ſuis maiora; et vinci gaudet ab illo?*

Mas entre as ſombras eſcuras, e falſas deſte fabulozo penſamento que conſideraçaõ haverà, ſoberano Principe, que naõ reconheça quaes ſaõ os mais intenſos affectos; e as mayores glorias do voſſo penſamento, vendo em voſſo Filho hum clariſſimo eſpelho do voſſo ajuſtado procedimento, hum admiravel retrato de voſſa Peſſoa: *Completur votum; jam natus adæquat te meritis?* E quem duvida, que là no Ceo; aonde piamente vos conſideramos, ſerà da voſſa gloria a mayor parte verdes que voſſo Filho, e ſucceſſor com os documentos, que como em legado lhe deixaſtes, de tal ſorte vos imita, que parece vos excede pelas voſſas direcçoẽs: *Natique videns benefacta fatetur eſſe ſuis maiora, et vinci gaudet ab illo?* Quem pudera imaginar que Julio Ceſar, vencedor de cipiaõ, e de Pompeo, e de outros tantos Capitães famozos, que junto a eſtes perdem o nome, na Africa; e da meſma Africa, no Egypto, e do meſmo Egypto, nas Gallias, e das meſmas Gallias, nas Heſpanhas, e das meſmas Heſpanhas, na Roma, e da meſma Roma; aquelle em fim de taõ altivo coraçaõ, q̃ ninguem ſofreu lhe foſſe ſuperior, ou igual no Mundo, quem pudera imaginar digo q̃ havia de goſtar, e gloriarſe de ſer vencido de outro. Mas como Auguſto, q̃ o vẽcia, era Filho ſeu, o ſer vencido delle era a ſua mayor vittoria, eſte o mayor triunfo de ſeus triunfos, eſta a mayor gloria de ſuas glorias: *Et vinci gaudet ab illo.*

Gozay benemerito Principe; de tantas felicidades no Ceo; pois que na terra deixaſtes, e felizmente eſtaveis vendo quem vos augmenta no Ceo a voſſa gloria: *Et vinci gaudet ab illo.* Quanto mais; que ſe empenharà Deos em avantejar no Ceo a gloria de hum Principe, que tambem diſtribuhio glorias, e felicidades aos vaſſallos em grào taõ ſuperior, que atè depois de morto manifeſtou; e confirmou eſta maravilhoza propenſaõ, pois morrendo em Lisboa foy a enterrar a Evora; parece acaſo, mas tem myſterio. Mandou o Senhor que ſubiſſe Moizès ao monte Nebo, e que alli morreſſe: *Aſcende in montem; et morere in monte.* Subio Moizès, e morreu: *Mortuuſque eſt ibi Moiſes.* Morto alli Moizès, diz o Texto que o veyo Deos enterrar em hum valle: *Sepelivit eum*

Deut. 32.49
Deut. 34.6.

in valle terræ Moab. Quem haverà, que naõ repare comigo! Se o manda morrer ao monte, paraque dalli o vem enterrar ao valle! E se o queria sepultar no valle, paraque o manda subir ao monte? Ou alli o sepulte Deos, aonde morre Moizès, ou alli morra Moizès aonde Deos o sepulta. Oh que estava assáz honrado o monte com a morte de Moizès, quiz authorizar o valle com a sepultura; nem tudo ao monte, nem tudo ao valle. O monte se fique com as preminencias da morte, com as utilidades da sepultura o valle. Quem subir àquelle monte, diga: Este he o famozo monte, aonde morreu Moizès, quem descer àquelle valle, diga: Este he o famozo valle, aonde Moizès se sepultou; a morte do Grande Profeta ennobreça ao monte, a sepultura enriqueça ao valle: contente-se o monte com o honrozo, que dalli partisse o espirito, ao valle fique o util de que alli ficasse o corpo. Este o nosso cazo. Quem tanto dezejava honrar, quem taõ liberalmente distribuhia as suas felicidades, quem taõ copiozamente repartia as suas honras, dar a huma só parte a gloria toda era muito alheyo da sua Real generozidade; pois honre-se o monte, e acredite-se o valle; morra em hum lugar, sepulte-se em outro. Possa dizer Lisboa jactanciosa naõ sem propriedade, que tambem està situada sobre montes: Este he o monte, aonde morreu o Duque; possa decantar Evora: Este he o valle, aonde foy o Duque sepultado. Acredite-se Lisboa com a morte, Evora se glorifique com as cinzas; mas saiba todo o Mundo que era tal a propensaõ de repartir felicidades a seus vassallos, que naõ contente só com dispender honras na vida, continuou com as suas cinzas as honras depois de morto, da mesma maneira que Moizès morto no monte, e sepultado no valle, o monte gloriozo com a morte, o valle acreditado com o Sepulchro: *Ascende in montem, & morere in monte... Mortuusque est ibi Moises... Sepelivit eum in valle terræ Moab.*

Daqui poderaõ inferir se houve mais que razaõ para se erigir taõ grande maquina, como a que estamos vendo diante dos olhos. Daime agora licença que jà que naõ podemos transferir para a Corte de Lisboa esta excellente maquina, ao menos que eu tome aquelle negro panno, que cobre a base deste tumulo do falecido Duque. E paraque? Ouvime primeiro brevemente, e depois volo direy. Alguns dias depois de morto o Emperador Justiniano tratàraõ os Grandes do Imperio de lhe levantar hum soberbo mauzoleo, e perguntando a Sofia sua consorte que epitafio mandariaõ entalhar sobre a pedra sepulchral de seu Augustissimo marido,

rido, refpondeu a difcreta Matrona que nenhum; mas que em vez de epitafio cubriffem aquelle amado depofito com huma colcha, que ella mefma tinha mandado bordar com peregrino artificio. Era efta como huma viva pintura de todas as heroicas façanhas, que o magnanimo Emperador no difcurfo de fua vida tinha felizmente obrado, affim na paz, como na guerra. Hum grande frizo de ouro corria ao redor defta riquiffima colcha, o qual entre juftos repartimentos oftentava divididas batalhas, efquadrões, montes de armas, cadaveres a montes, defpojos, trofeos, arcos, e triunfos. Aqui apparecia Africa conquiftada, alli vencida Italia, defta banda fahia a Perfia reftaurada, daquella a Sicilia novamente tirada à tyrannia dos Godos. Alem de tudo ifto brilhavaõ nefte Real tapete fabricas engenhozas levantadas para beneficio dos homens, e culto de Deos, como eraõ o Templo de Santa Sofia, novamente edificado, Igrejas edificadas à Rainha dos Anjos, Hofpitaes abertos aos peregrinos, e enfermos, e numerozos Mofteiros de Magdalenas arrependidas. Efte foy o merecido epitafio, que compoz mais com obras, que com palavras a feu defunto Efpozo, e Senhor.

Vamos ao noffo Heroe. Quizera eu tambem nos quatro cantos daquelle funebre panno, que cobre a bafe defta urna, copiar em hum a devoçaõ admiravel, que teve ao Santiffimo Sacramento, acompanhando-o fempre que fahia pelas ruas. No fegundo o affecto filial, que fempre teve à Virgem Noffa Senhora. E no terceiro o ardentiffimo zelo da converfaõ das Almas. No ultimo finalmente em breve campo huma recopilaçaõ do zelo do amor de Pay, da piedade de Principe. Depois pretendo eftender nelle hum amplo circulo, cujo fundo feja todo de finiffima purpura, fymbolo da fua ardente caridade, e no vaõ de hum tal circulo com bordados de ouro fe debuxem de huma parte Calices, Cruzes, Dalmaticas, e Cazulas preciozas, de que ornou tantas Igrejas para mayor culto do incruento Sacrificio; e de outra os hofpitaes, e carceres, que no tempo das mayores calamidades fuftentou. Forme-fe finalmente no meyo defte panno taõ lindamente hiftoriado, hum retrato do Excellentiffimo Duque Dom Nuno Alvares Pereira de Mello com huma efpada em huma maõ, e huma balança na outra, que mudamente explique o feu valor, e a fua rectidaõ. E aos lados delle os dous Anjos Tutelares, hum dos quaes nos offereça

 por

por Epigrafe do nosso sentimento nas suas mãos: *Mortuus est Pater ejus.* Outro por symbolo do nosso conforto: *Et quasi non est mortuus.* E deste panno taõ copiozamente enriquecido que faremos? Entregue se à Fama, paraque com grande pressa o leve a Lisboa para credito de Tentugal, e dahi o passe logo a Evora, paraque com elle cubra as veneraveis cinzas deste famozo Principe, escrevendo nas extremidades delles com caractères de immortal gloria: *Tegmine non potuit nobiliore tegi*; debaixo do qual estas memoraveis cinzas eternamente *Requiescant in pace.* Amen.

Finis Laus Deo, Virginique Matri.

A Camera do Cadaval respondeu ao Duque Dom Jayme na seguinte fórma.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

,, Entreguey aos Officiaes da Camera desta Villa ,, a carta de V. Excellencia de trinta e hum de Janeiro ,, em Meza na fórma, que V. Excellencia me orde- ,, nou, e nelles achey affectuozo dezejo de satisfazer ,, sua obrigaçaõ nas demonstrações de sentimento, e ,, saudade pela morte do Excellentissimo Senhor Du- ,, que dignissimo Pay de V. Excellencia, cujo amor ,, experimentou esta Villa em muitas occaziões, e de ,, que nos moradores della sera perpetua a lembrança: ,, a esta satisfizeraõ, fazendo celebrar as Exequias do ,, dito Senhor com a pompa, que permitte a peque- ,, nhez deste povo, e assistencia de todas as pessoas ,, principaes delle, dezejando igualmente gratificar a ,, V. Excellencia as honras, que recebem da sua gran- ,, deza, e esperaõ receber, reconhecendo em V. Ex- ,, cellencia verdadeiro imitador de hum Principe taõ ,, generozo, e amante de seus vassallos, suppondo-o ,, reproduzido na pessoa de V. Excellencia, que Deos ,, guarde muitos annos. Cadaval 29. de Março, de ,, 1727.

O Ouvidor Sebastiaõ Ribeiro de Faria.

Carta da Camera da mesma Villa.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

,, Nesta Meza da Camera entregou o Ouvidor ,, desta Villa huma carta de V. Excellencia com a no- ticia

„ noticia da morte do Excellentiſſimo Senhor Duque
„ Dom Nuno Pay de Voſſa Excellencia; e naõ menos
„ de todos os ſeus vaſſallos, de cuja falta tinha o ſenti-
„ mento occupado os corações, que fielmente o ama-
„ vaõ, reconhecendo o particular affecto, de que lhe
„ foraõ devedores ſempre. Nella nos manda Voſſa
„ Excellencia façamos as demonſtrações poſſiveis pe-
„ la ſua falta, o que temos dado à execuçaõ, ainda que
„ naõ pudeſſem eſtas igualar aos dezejos, ao menos
„ procurámos naõ faltar em parecer agradecidos, aſſim
„ às honras, de que taõ notoriamente nos reconhece-
„ mos devedores ao dito Senhor, como a eſta, que de
„ Voſſa Excellencia recebemos. Guarde Deos a peſſoa
„ de Voſſa Excellencia por muitos annos. Cadaval 5.
„ de Abril de 1727.

Jozè Vieira de Matos Eſcrivaõ da Camera a eſcrevi.
Pedro Fernando de Barbuda.
Diogo de Faria de Sà.
Manoel Nobre Henriques.
Manoel Nobre do Rego.
Manoel Cordeiro.

E para moſtrar com o Duque defunto a veneraçaõ, e o amor, que lhe teve vivo, determinou o dia 27. de Março do meſmo anno para lhe celebrar as Exequias, para o que mandou armar de luto toda a Igreja Matriz, cujo Orago he a Conceiçaõ da Senhora; junto ao Cruzeiro ſe levantou huma Eça de vinte palmos de alto cuberta de baeta guarnecida de galões de ouro, e prata; em ſima eſtava o ataude cuberto com hum panno rico, e logo abaixo huma coroa, e depois hum eſcudo das Armas do Duque. Alumiou-ſe a Eça com todas as lu-

zes,

zes, que podia levar, porque ſe naõ reparou em deſpeza; aſſiſtio às Exequias a Camera com todos os Officiaes em corpo de Senado, o Ouvidor, e peſſoas principaes aſſim da Villa, como do ſeu termo, e os Eccleſiaſticos veſtidos todos de luto: cantàraõ o Officio os Religiozos Recoletos de N.S. da Vizitaçaõ da Serra de Villa Verde. Acabado o Officio, e a Miſſa, ſubio ao Pulpito o Doutor Fernando de Abreu e Faria morador na meſma Villa, e Dezembargador que foy da Relaçaõ Eccleſiaſtica de Lisboa Oriental, e diſſe a Oraçaõ funebre com a particular elegancia, que della ſe verà.

SERMAÕ
NAS
EXEQUIAS,

QUE CELEBROU A VILLA DO CADAVAL

Em quinta feira 27. de Março 1727.

PELO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO,

PRIMEIRO DUQUE DELLA.

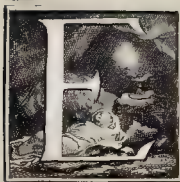
PREGOU-O

O DOUTOR FERNANDO DE ABREU E FARIA, Protonotario Apostolico de Sua Santidade, e Dezembargador que foy da Relaçaõ Ecclesiastica de Lisboa, natural da mesma Villa.

OFFERECIDO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DUQUE ESTRIBEIRO MOR.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

ESTA funebre Oraçaõ, que menos as forças, que as instancias, menos a capacidade, que o affecto me persuadiraõ a repetir nas Exequias, que a Villa do Cadaval minha patria dedicou à piedosa, e bem merecida lembrança do Ex-

 cellentissimo

cellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, Pay dignissimo de Vossa Excellencia, Senhor, e Duque primeiro da mesma Villa, prostrado aos pès de Vossa Excellencia offereço obediente, como subdito; por se me haver insinuado ser este o dezejo de Vossa Excellencia. Naõ ignoro quanto excede a grandeza do Assumpto a pequenhez do meu engenho: mas aceitey a empreza, seguindo o conselho de hum Santo Doutor, que affirma naõ ser licito deixar de dizer o que posso, porque naõ posso dizer tudo o que dezejo. Foraõ taõ conhecidas as heroicas virtudes do Excellentissimo Duque, e Senhor nosso, que necessitaõ de outro Panegyrista, e por esta razaõ me resolvia epilogar, mais que referir algumas das que exercitou este esclarecido Principe, e cujo conhecimento he efficaz para excitar ao sentimento da sua morte. E sendo aquelle taõ geral em todo este Reyno, com mayor razaõ o foy nesta Villa, que no mesmo Senhor experimentou os repetidos favores, e honras singulares, que publicaõ as vozes commũas, e pela tradiçaõ dos passados confessaõ todos os prezentes. Porèm como a Bondade Divina costuma muitas vezes anticipar o remedio ao dano, à necessidade o soccorro, e à tribulaçaõ o alivio, esta foy a occaziaõ, em que nos concedeu aquelle grande beneficio, substituindo em lugar do Excellentissimo Principe, que nos tirou, a Vossa Excellencia como vivo retrato de taõ insigne original, em quem vemos copiadas as virtudes, que o singularizàraõ entre muitos Principes; e assim podemos dizer ensinados pelo Espirito Santo que o nosso inclyto Principe quasi naõ he morto, porque vive na imitaçaõ de Vossa Excellencia para alivio da nossa saudade, e amparo de seus felicissimos subditos; agora especialmente cuidadozos de orar pelos augmentos, e felicidades de Vossa Excellencia como nelles taõ interessados. Guarde Deos a Vossa Excellencia. Cadaval 14. de Mayo de 1727.

Nec ideo tamen debeo inde tacére, quod valeo; quia dicere quantũ volo non valeo. S. Prosp. de vit. contemn. lib. 1. c. 26.

Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus, similem enim sibi reliquit post se. Eccles. n. 30. c. 4.

Fernando de Abreu e Faria.

Scindite

Scindite vestimenta vestra, & accingimini saccis, & plangite ante exequias Abner. Num ignoratis quoniam Princeps, & Maximus cecidit hodie in Israel? 2. Reg. 3. 31. 38.

HE a morte huma pensaõ irremissivel, com que o homem recebe os primeiros alentos da vida: he o censo, que infallivelmente hade pagar aó Autor della, como correyo do primeiro, e original peccado; assim o ensina a Fè, e o diz o sagrado Apostolo: *Sicut per unum hominem peccatum in Mundum intravit, & per peccatum mors, & ita in omnes homines mors pertransiit, in quo omnes peccaverunt.* Porèm entrando a morte no Mundo por castigo da culpa, foy igualmente beneficio do Divina Clemencia, como fim das mizerias, que no seculo padecemos, das continuas afflicções, que na vida experimentamos. Este beneficio reconhece o Profeta Rey, no sentir de Saõ Joaõ Chrysostomo, quando diz: *Convertere anima mea in requiem tuam, quia Dominus benefecit tibi. Deus* (diz Chrysostomo) *rem istam beneficium nuncupat, & tu luges?* Mas he precizo advertir, que naõ pertence a todos os viventes racionaes este beneficio, nem ainda a todos os Catholicos, mas aos que só se preparaõ, e esperaõ vigilantes a morte; naõ aos que considerando no Mundo a sua patria, se entregaõ ao esquecimento da Bemaventurança eterna, verificando em si mesmo a sentença de David: *Mors peccatorum pessima.* Supposta esta verdade solida, entremos no assumpto.

Rom. 5. 12.

Ps. 114. 7.

Ps. 33. 22.

Que vos parece, Catholicos, significa este melancolico apparato, esta pompa funebre, esta reprezentaçaõ triste? Nenhuma outra couza insinùa, e reprezenta, mais que o fim da vida, o golpe

pe inevitavel da morte, que padeceu o Excellentissimo Duque, e Senhor desta Villa por innumeraveis razões dignissimo de que naõ só nos moradores della, mas em todos os verdadeiros, e fieis Portuguezes seja perenne a sua esclarecida memoria. Com vozes, ainda que mudas, eloquentes, nos està dizendo aquella Eça, e este luto, que terminou o tempo da sua vida, que consummou a sua carreira: *Cursum consummavi*, o Atlante da Monarquia Portugueza, o Pay, e Propugnaculo da sua Patria, o exemplar de Varões prudentes, o Professor incontrastavel das mais heroicas virtudes. Isto he o que nos dizem o luto, e a Eça; vejamos agora o que nos dizem as palavras, que elegi para fundamento desta Oraçaõ na Sagrada Escrittura. Saõ ellas de David na morte do famozo Abner, Mestre de Campo General, e Governador das Armas junto à pessoa d'elRey Saul. E querendo David persuadir aos Israelitas as demonstrações de sentimento naquella morte, lhes disse: *Scindite vestimenta vestra*, rasgay as vestiduras, ou despojay vos das galas: *Et accingimini saccis*, vesti-vos de horrorozo luto: *Et plangite ante exequias Abner.* Assisti às Exequias de Abner com as mayores demonstrações de sentimento: *Num ignoratis quoniam Princeps, & Maximus cecidit hodie in Israel?* Serà possivel haver quem ignore que neste Varaõ insigne perdeu o Reyno hum Principe esclarecido, hum homem pelas suas virtudes mayor, que os Grandes, e que os Mayores?

O mesmo, que David persuadio ao seu Povo, nos persuade aquelle funebre apparato. E como na prezente occaziaõ me pertence o explicar as suas vozes, e persuadir pelas do Texto aos ouvintes, mostrarey naõ só iguaes, mas ainda superiores as razões, que concorrem nos Portuguezes, especialmente nos subditos do nosso inclyto Heroe, para sentir, às que tinhaõ os Israelitas para chorar. Saõ os Varões illustres pelo nascimento, e esclarecidos pelas virtudes, o ornato da Republica, o credito da Patria, o estimulo da honra, o descanço da Magestade, o terror dos inimigos, e a confiança dos domesticos. E todas as felicidades, que logra huma Republica em quanto os possúe, desfalecem ao mesmo tempo que os perde: e esta perda he acrédora do sentimento mais justificado, porque em perdas qualificadas se faz inexcuzavel o sentimento. O mesmo David, que nos deu as palavras para o Thema, nos ha de dar para o pensamento a prova, como quem no excesso, com que soube sentir, mostrou o quanto se distinguia de muitos no entender.

Morto

Morto Saul, e Jonathas seu filho nos montes de Gelboè, tanto que David teve a noticia desta infelicidade, prorompeu em hum pranto amorozo, chorando igualmente a morte do amigo, e a do inimigo: *Planxit autem David planctum hujuscemodi super Saul, & super Jonatham*; e logo mandou às filhas de Israel chorassem a morte de Saul: *Filiæ Israel, super Saul flete*; mas naõ vejo as mandasse chorar a morte de Jonathas, rezervando para si este pranto, como de amigo verdadeiro: *Doleo super te, frater mi Jonatha*. E que razaõ hà para huma tal differença? Jonathas era Principe dotado de muitas prendas, e pelas suas virtudes merecia ser sentida a sua falta com demonstrações publicas: que motivo pois obrigou a David a persuadir o sentimento na morte de Saul, e rezervar o da falta de seu mayor amigo para a sua pessoa? Ouçaõ a cauza, que deu o mesmo David: *Super Saul flete, qui vestiebat vos coccino in delicijs, qui præbebat ornamenta aurea cultui vestro.* Como dizendo: choray, filhas de Israel, a morte de Saul, em que perdestes hum Rey magnifico, e liberal, amantissimo do seu povo, e que concorria especialmente para o vosso ornato; e como esta perda para vòs he qualificada, se faz precizo o ser de vòs especialmente sentida. Eu chorarey a de Jonathas meu amigo, pois he pela mesma razaõ inexcusavel este sentimento: *Super Saul flete. Doleo super te, frater mi Jonatha.*

2.Reg.1.17.

Ibi 24.

Ib. 26.

Ibi 24.

Esta, Catholicos, he a razaõ, porque naõ sò as demonstrações funebres, que tendes à vista, mas as palavras do Rey Profeta nos estaõ persuadindo a sentir a falta do inclyto Heroe, que a morte nos tirou, do gloriozo Principe, que esta Villa, e todo este Reyno perdeu. Naõ recuperaõ facilmente as Respublicas Varões perfeitos, pois ainda que a Omnipotencia Divina os pòde crear, naõ costuma repetir em breve tempo estes favores, ou para que delles se faça mayor apreço quando se logaõ, ou para que os homens, que os naõ souberaõ venerar, conheçaõ por experiencia o thezouro, que possuhiaõ sem o conhecer. Assim o confessou David no pranto da morte de Abner, mostrando, que nelle adquirira hum Varaõ, em que concorriaõ ao mesmo tempo valor para o defender, prudencia para o aconselhar, fidelidade para o servir, nobreza, que o fazia respeitado, experiencias, que o constituhiaõ advertido, agrado para os subditos, e familiaridade para os estranhos; tudo comprehendeu nas ultimas palavras: *Ego delicatus, & unctus Rex*; como dizendo: Eu sou moço, e principìo a reinar, e perdi hum Homem perfeito, e que sò bastava para me asse-

gurar o amor dos vaſſallos; ſó elle era capaz de me defender das aſtucias dos inimigos. Singular deſgraça, exceſſiva perda, e que entre as mayores deve ſer chorada: *Plangite ante exequias Abner.*

Naõ ſe reſtringe porèm a perſuaſaõ das palavras do noſſo Thema, e deſte melancolico, e triſte apparato a elegante, ainda que muda Rhetorica, ſó aos moradores deſta Villa, mas a todos os que logràraõ a felicidade de ſubditos do noſſo heroico, e generozo Principe: e naõ menos aos que experimentàraõ os effeitos da ſua Catholica liberalidade; cuja grandeza naõ deixaremos em ſilencio, quando ponderarmos algumas virtudes deſte Varaõ ſingulariſſimo. Contribuaõ pois com demonſtrações do ſentimento à ſua illuſtre memoria os Profeſſores da eſcola de Marte, os Magiſtrados, em que o Regio poder gloriozamente ſe divide: os Illuſtres, os menores, e os infimos neceſſitados, porque neſte Heroe perdeu a Milicia piedozo pay, os Magiſtrados amantiſſimo protector, os Illuſtres o mais fiel amigo, os communs ſeguro, e utiliſſimo amparo, os infimos indubitavel ſoccorro, e fora ingratidaõ negar o ſentimento a huma tal perda, e a ſaudade a huma taõ neceſſaria vida; e parecera que com a morte do Benefico ſe extinguia a memoria do beneficio, ſendo eſta o mayor eſtimulo da beneficencia, como entendeu Saõ Joaõ Chryſoſtomo dizendo: *Optima beneficiorum cuſtos eſt ipſa memoria beneficiorum, & perpetua confeſſio gratiarum.*

Divus Chryſ. in Matth. Hom. 26. t. 2.

Porèm vejo me diraõ os eſpeculativos: O ſentimento, que ſe manifeſta exteriormente pelos mortos, naõ he mais que huma lizonja, com que ſe pretende agradar aos vivos; e por eſta cauza os Egypcios choràraõ a Jacob defuncto em obzequio de Jozè ſeu filho, e Governador daquelle Reyno: *Flevitque eum Ægyptus ſeptuaginta diebus.* E o meſmo Jozè morrendo no Egypto, naõ conſta ſe fizeſſe por elle algum pranto, ſendo lhe obrigados ſingularmente aquelles homens: logo parece deſneceſſario perſuadir o ſentimento, ou demonſtraçaõ exterior delle, quando o objecto, cuja falta ſente o amor, ou a obrigaçaõ, o naõ admitte, achandoſe deſpido dos affectos da mortalidade. A eſta objecçaõ reſpondo que antes para ſe qualificar verdadeiro o amor, e agradecimento dos que ficaõ, deve honrar com eſtes obzequios a memoria dos que acabaõ: porque aſſim como a maxima excellencia do beneficio he ſaber o benefico, que dà, e ignorar o favorecido, que recebe, como affirmou Seneca, dizendo: *Ille neſciat accepiſſe; ego ſciam me dediſſe*; aſſim a mayor ſingularidade do agradecimento

Gen. 50. 3.

lib. 1. cap. 10. Sen. de Benef.

mento confiſte em gratificar a quem naõ neceſſita; e eſta he a gratificaçaõ verdadeira, eſte o dezempenho mais generozo, e a prova de ſimpliciſſimo affecto, porque eſtà livre de parecer uſura, mas ſó confiſſaõ livre, ſingela, e voluntaria.

Quid retribuam Domino, pro omnibus, quæ retribuit mihi? Com que agradecerey, dizia David, a meu Deos todos os favores, que me tem concedido, e todos os beneficios, que de ſua liberaliſſima maõ tenho alcançado? E reſponde; *Calicem ſalutaris accipiam*, receberey o Caliz do Salvador. Eſte Caliz jà ſabem que foraõ os ſeus tormentos, e a ſua morte, como o diſſe o meſmo Chriſto: *Pater, ſi vis, transfer calicem iſtum à me.* Agora duvido. Se David quer dar a Deos alguma couza como agradecido aos beneficios, que recebeu: *Quid poſt tot beneficia reddam, reddereve poſſim Domino?* Lè Genebrardo; como duvidando o que hade dar, ſe reſolve em que hade receber? Mais; o Salvador quando recebeu eſte Caliz, foy paſſados muitos ſeculos, em tempo que de David ſó exiſtia huã antiquiſſima memoria: logo q̃ ſatisfaçaõ, ou dezẽpenho acha em receber o Caliz, que o Redemptor naõ havia recebido, ou em ſentir a morte, que naõ havia experimentado? Direy o que diſcorro. Achava-ſe David taõ cheyo de beneficios de Deos, que excediaõ incomparavelmente o ſeu dezejo, e eſperança; naõ tinha com que agradecer eſtes favores a hum Senhor, que de couza nenhuma neceſſita: *Deus meus es tu*, diſſe em outro lugar, *quoniam bonorum meorum non eges.* O dezejo pois de naõ parecer ingrato lhe deſcobrio o meyo, que julgou efficàz para o ſeu dezempenho, e foy acompanhar ao Salvador nas penas, que com eſpirito de preſciencia lhe via padecer; chorar, e ſentir a ſua morte; confeſſando neſtas demonſtrações de ſentimento os favores, que do meſmo Senhor havia recebido, ſacrificando-lhe as proprias penas, como ſatisfaçaõ, no modo poſſivel, de taõ generozas dividas: aſſim o inculca a leitura, ou verſaõ, que aponta o meſmo Genebrardo: *Levabo calicem, & confitebor illi ſuper eo in conſpectu multorum.*

Ps. 115. 4.

Genebr. ibi.

Ibidem.

Eſtà expoſta a cauza, porque ſe devem demonſtrações de ſentimento, e ſaudade à memoria do noſſo eſclarecido Principe, como na morte de Abner o cõſiderava David; e aſſim naõ ſaõ improprias as lagrymas, onde as razões para ſentir ſe fazem taõ juſtas: *Scindite veſtimenta, & cæt.* Reſta agora moſtrar com o meſmo David quanto ſe fez acrèdor o noſſo Heroe do publico ſentimento pelas qualidades da ſua peſſoa, e ſingularidade, com que ſoube

uzar

uzar da grandeza herdada, e adquirida em beneficio commum; que he a segunda parte desta funebre Oraçaõ, e das palavras do Thema: *Num ignoratis quoniam Princeps, & maximus cecidit hodie in Israel*? Haverà, diz David, quem ignore, que em Abner perdeu este Reyno hum esclarecido Principe, hum Governador, das Armas excellente, hum Varaõ por muitos titulos grande? Isto mesmo, que disse David a seus vassallos, digo eu a todos os Portuguezes verdadeiros. Haverà quem duvide que na pessoa do Excellentissimo Duque faltou a Portugal hum Principe amantissimo dos seus augmentos, hum Varaõ insigne por todos os titulos? Ouçaõ.

Principe foy pela origem de seus preclarissimos, e Regios Ascendentes, entre os quaes resplandece depois do primeiro fundador desta Monarquia seu sexto neto, e Restaurador insigne da liberdade Portugueza, ElRey Dom Joaõ, primeiro do nome, e decimo de Portugal de glorioza memoria: e naõ menos o grande Dom Nuno Alvares Pereira, Marte Lusitano, terror dos inimigos, assombro da valentia, e dignissimo emprego de todas as cem linguas da Fama. Deste com o nome herdou o nosso Heroe as virtudes, que o fizeraõ esclarecido, e agradavel, tanto aos Soberanos, de que foy vassallo, quanto aos vassallos, de que mereceu, e logrou amor, attençaõ, e respeito. Maximo chamou David ao Principe, que chorava morto, e val esta palavra tanto, como tres vezes grande, ou mais propriamente mayor que os Grandes, e que os Mayores. O mesmo digo do nosso inclyto Heroe, foy grande pelo nascimento como ramo dos troncos mais insignes, quaes foraõ os Senhores Reis de Portugal, e naõ menos os gloriozos fundadores da Serenissima Caza de Bragança, fecunda May dos mais generozos Principes, naõ só neste Reyno, mas em toda a Europa.

Foy mayor pelas bem merecidas attenções, que deveu aos mayores Monarcas, a que servio, o Senhor Rey Dom Pedro Segundo, que està na Gloria, e o nosso invictissimo Senhor Dom Joaõ Quinto, em cujo espirito Real se uniraõ as virtudes, e excellencias de seus mais gloriozos Progenitores: mas que muito, se reconhecemos ser concedido aos Portuguezes, por especial beneficio da liberalidade Divina, como o declarou o Oraculo supremo da Igreja Catholica: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes.* Estes Principes encheraõ ao nosso Heroe de todas as honras, militares, e politicas, constituindo-o superior das armas, e das le-

Joan. 1. Brev. de Clemẽt. 11. a Sua Magestade.

tras,

tras, porque se, como disse o Emperador Justiniano, o respeito da Magestade, e a segurança da Republica se estabelece em humas, e outras, sendo certo que pelas leis se defendem as armas, e por estas se observaõ as leis: *Istorum enim alterum alterius auxilio semper eguit, & tam militaris res legibus in tuto collocata est, quàm ipsæ leges armorum præsidio servatæ sunt*; justo era que presidisse hum animo igualmente bellico, e civil aos dous espiritos, de que vive a Republica; achando-se por este meyo o Reyno pacifico, e sem temor dos inimigos, e a justiça administrada sem paixões, ou respeitos.

Cod. de Justin. Codice Confirm. in princip.

Foy em concluzaõ o nosso Heroe Maximo pelas virtudes, que exercitou: *Maximus cecidit in Israel.* Estas o collocàraõ no summo da grandeza, porque o nascer grande he dadiva da fortuna, o conseguir honras, he felicidade inconstante; porèm o exercitar virtudes he generozidade do espirito mayor, que todo o encarecimento. Obrar bem, o que teve capacidade para viver mal, ser poderozo, sem opprimir aos fracos; ser rico, e naõ se mostrar soberbo: ser abundante, e olhar para o necessitado; verse adorado, e naõ ficar desvanecido: ser superior, e tratarse como igual, oh que só isto he ser maximo entre os grandes, ou exceder aos grandes, e aos mayores: *Maximus cecidit!* Assim o disse o Espirito Santo: *Qui potuit transgredi, & non est transgressus, facere mala, & non fecit, quis est hic, & laudabimus eum?* Estas virtudes exercitou o nosso preclarissimo Heroe, e ellas o constituiraõ na esfera de Maximo.

Eccles. 31. 9. 10.

Fala o Ecclesiastico de Josuè, e diz delle estas palavras: *Fortis in bello Jezus Nave.... qui fuit magnus secundum nomen suum; maximus in salutem electorum Dei*; querem dizer, foy Josuè grande segundo o seu nome, e maximo a respeito do Povo de Deos. Difficultozo Texto! Se Josuè tinha a grandeza no nome, que se lhe deu, e se interpreta Senhor, e Salvador: *Josuè idest Dominus Salvator*, diz Laureto; e a mayor gloria do Mundo consiste em ter hum nome grande, e por tal a lembrou o Senhor a David: *Fecique tibi nomen grande; juxta nomen magnorum, qui sunt in terra*; quem o logra, e corresponde às obrigações delle, que mayor grandeza pòde alcançar! Que mayor exaltaçaõ pòde conseguir? Como logo a respeito do seu nome se lhe dà o titulo de Grande, e a respeito da saude dos Hebreos se lhe accrescenta o titulo de Maximo? Direy: grande foy o esforço, com que Josuè defendeu, e salvou o Povo Israelitico, este o fez grande, porque dezempenhou as

Eccles. 46. 1. 2.

Lauret. in Allegor.

obriga-

obrigações de ſeu nome. Porèm naõ reſplandeceu tanto Joſuè a reſpeito dos Hebreos pelo inſigne valor, e conſtancia, com que os defendeu, como pelas virtudes, que em utilidade do meſmo Povo exercitou: porque, ſendo muitas as ingratidões daquelles homens contra Deos no dezerto, Joſuè ſe naõ contaminou com eſtas culpas; antes com ſeu exemplo os atalhou, com ſua diſciplina, e modeſtia as divertio, como diz o meſmo Eccleſiaſtico: *Prohibère gentem àpeccatis, & perfringere murmur malitiæ*; foy para os Soldados bom Capitaõ, para os ſubditos benigno ſuperior, para as culpas ſevero ſem tyrannia, obſervante da Ley de Deos, Zelador da ſua honra, amantiſſimo do ſeu Povo, ſofrido nas injurias, pois querendo perſuadirlhe que era fertiliſſima a terra de Promiſſaõ, que vira, e pizàra: *Terra, quam circuivimus, valde bona eſt*, o quizeraõ ingratamente apedrejar: *Cùmque clamaret omnis multitudo, & lapidibus eos vellet opprimere.* Ah ſim! E que muito ſeja ſó grande pelo nome, que logra, e Maximo pelas virtudes, que exercita, ſe com ellas teve a Deos propicio, ao Povo bem diſciplinado? Que muito paſſe da honra de Grande, pelo titulo de Mayor, e logre a prerogativa de Maximo: *Magnus ſecundùm nomen ſuum, &c.*

Ubi ſup. v. 9.

Num. 14. 7.

Ibi v. 10.

Imitou o noſſo generozo Heroe ao grande Joſuè nas virtudes, naõ ſó pelo que reſpeita ao ſeculo, mas pelo que pertence ao eſpirito, naõ ſó nas moraes, que tem por fim o honeſto, mas ainda nas Theologicas, que ſe dirigem aoſobre natural, e Divino. Quem mais que elle devoto do Sacroſanto Myſterio de Chriſto Sacramentado? Quem mais prompto, e liberal para diſpender no culto material deſte Sacramento Auguſtiſſimo? Quem mais humilde para aſſiſtencia da ſua adminiſtraçaõ? Vio-ſe muitas vezes na ſua Villa de Muja, aonde paſſou algumas hebdomadas mayores com aſſiſtencia perenne aos Officios Divinos, fazendo patente a ſua fé na devoçaõ, e reſpeito, com que ſe achava na prezença daquelle Senhor, e Deos occulto: *Verè tu es Deus abſconditus*; e olhando para a ſua caridade, quem mais promptamente ſe compadeceu das mizerias da pobreza? Quem as ſoccorreu com maõ mais liberal, e generoza? Diſpendendo, e applicando a eſta obra a mais pia, naõ ſó as rendas hereditarias, mas os emolumentos das dignidades adquiridas, cedendo à utilidade dos pobres o lucro, e rezervando para a ſua peſſoa o trabalho; ſacrificando a Deos em ſeus pobres o util das occupações publicas, e offerecendo-ſe gratuitamente ao onerozo dellas; iſto he ſer Deos dos pobres, como diz

Iſai. 45. 15.

Saõ

Saõ Gregorio Nazianzeno: *Fac calamitoso sis Deus, Dei misericordiam imitando.*

Divus Greg. Nazianz. Orat. 16. longè post med.

Aqui se me reprezenta ser o nosso compassivo, e generozo Duque, aquelle contratador do Evangelho, que buscando perolas boas: *Quærenti bonas margaritas*, achou huma de grande preço; e para a comprar, e adquirir vendeu o que tinha: *Inventa una pretiosa margaritâ, abiit, & vendidit omnia, quæ habuit, & emit eam.* Estas perolas saõ as virtudes, como diz o douto Pontevel: *Negotiator iste hominem Christianum designat, margaritas virtutum perquirentem.* Das virtudes a mais precioza he a Caridade: *Maior autem horum est charitas.* A filha mais nobre da Caridade he a Misericordia, como affirma o Doutor Angelico, que diz ser virtude maxima: *Secundùm se quidem misericordia maxima est.* Appliquemos a allegoria, ou semelhança: buscou o nosso Heroe na imitaçaõ dos Varões pios, e Catholicos virtudes, que o pudessem fazer agradavel a Deos no amor do proximo, e util ao proximo no amor de Deos; e entre as que encontrou, e em cujo exercicio resplandeceu, vio ser a de mayor preço a compaixaõ, e soccorro dos necessitados: esta se empenhou em haver, e procurou a todo o custo adquirir, dando com maõ generoza, naõ só os bens, que lograva, mas tudo o que por suas occupações, e dignidades lhe pertencia: *Vendidit omnia, quæ habuit, & emit eam.* Oh que lucro taõ copiozo tiraria o nosso Heroe deste contracto! Isto sim, que he saber christãamente negociar; pois naõ instituhio Deos a esmola, tanto pelo soccorro dos necessitados, quanto pelo interesse dos beneficos, e compassivos; disse-o Saõ Joaõ Chrysostomo: *Nescis quòd non tam propter pauperes eleemosynam Deus, quàm propter ipsos impendentes instituit?*

Matth. 13. 45.

Ibi 46.

Pontev. in Matth. sup. n. 239.

1. Corint. 13. 13.

Div. Th. 2. 2. q. 30. Art. 4. in corp.

Div. Chrysost. t. 5. Hom. 36. ad popul.

Dentro dos limites desta maxima virtude subio de ponto a prudencia admiravel do nosso piissimo Heroe, elegendo o emprego mais digno da sua liberalidade Catholica, que saõ os filhos do Serafim dos Patriarcas, o grande Francisco; por ver, que como nelles he patrimonio a pobreza, aqui se faz a esmola mais justa, e se tem ao mesmo Deos por fiador do soccorro de suas necessidades, quem nellas compassivamente os soccorre, dezempenha aquella fiansa, como dispenseiro da beneficencia Divina. Aos mizericordiozos com os necessitados tem Christo Senhor Nosso promettido a Bemaventurança: *Venite benedicti Patris mei... esurivi, & dedistis mihi manducare; sitivi, & dedistis mihi bibere*: porèm nesta promessa parece teraõ o primeiro lugar, os que exercitaõ a com-

Matth. 25. 35.

a compaixaõ Catholica em utilidade dos filhos de Francisco Santo, assim o persuadem as palavras seguintes: *Amen dico vobis, quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* O mesmo, que fizestes a meus irmãos pequeninos, me fizestes a mim. E quem saõ os irmãos mais verdadeiros de Christo, e os mais pequenos no Mundo? Responda Saõ Joaõ Chrysostomo: *Quid dicis? Fratres tui sunt, & eos minimos vocas?* E responde em nome do mesmo Senhor: *Propter hoc enim fratres sunt, quia minimi, quia abjecti.* Porque professaõ humildade, pobreza, e desprezo do Mundo, por isto mesmo saõ irmãos verdadeiros de Christo, e ainda que todos os pequenos, e abatidos no Mundo lograõ o mesmo privilegio, e os que os soccorrem estaõ comprehendidos no Texto; com tudo nos que voluntarios abracàraõ a pobreza, e humildade, se faz ao Senhor mais agradavel obzequio, mais meritorio sacrificio.

Ibi 40.

Div. Chrys. apud Hug. Cardin. ibid Pontev. ibi n. 171.

Da recta intençaõ, com que se repartiaõ estas esmolas, naõ pòde haver quem duvide com fundamento, conhecendo o nosso Heroe singular na modestia, e taõ alheyo de tudo o em que podia haver sombra de vaidade mundana: em cujo amplissimo coraçaõ se achavaõ unidos o respeito com o agrado, a sabedoria com a benevolencia; a grandeza com a affabilidadade; a justiça com a epikea; a ostentaçaõ com a temperança, a modestia com o luzimento. E quem taõ prudente se regia na moderaçaõ dos excessos, que as honras, e grandezas costumaõ introduzir na fragilidade dos humanos; como havia de exercitar huma tal virtude com animo de adquirir louvores caducos ao mesmo tempo, que desprezava generozamente os que se lhe deviaõ por outros titulos? Com justa razaõ logo podemos ter a bem fundada esperança, de que o nosso generozo Principe seria comprehendido na remuneraçaõ, que Christo prometteu aos compassivos: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.* Esta mizericordia principiou o mesmo Senhor a exercitar com elle na prezente vida, concedendo-lha dilatada, e fortalecendo-o, para que entre as abundancias temporaes, entre as honras enganosas, e entre as dignidades caducas conservasse os habitos das virtudes, e entre os affagos, e apparencias do Mundo naõ apartasse de si a memoria do eterno; coroando estas graças com a de huma morte esperada, e mostrando nella o Senhor quanto lhe foraõ agradaveis as acções da sua vida, e por este gloriozo titulo mereceu o nosso Heroe com mais propriedade o de Maximo: *Maximus cecidit*

Matth. 5. 7.

Que

Que seja bem fundada a nossa esperança, o persuade a singular rezoluçaõ, com que este Principe se despojou de tudo o que respeitava o governo economico; assim como entendeu no primeiro accidente, com que Deos o vizitou, ser presagio; e correyo da morte, preparando-se para a receber como Catholico, e morrendo anticipadamente para o Mundo: grande prudencia, singular vigilancia! No Apocalypse ouvio o Evangelista huma vòz que divia: *Beati mortui*, *qui in Dòmino moriuntur*; bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor: parece naõ muito propria esta locuçaõ, pudèra dizer, bem aventurados os vivos, que morrem, ou bem aventurados os que morrem no Senhor, a razaõ he porque a morte he a privaçaõ da vida, e esta izençaõ da morte: logo, se os mortos jà naõ podem morrer, e os vivos senaõ dizem mortos, como esta vòz dà aos vivos o titulo de mortos, quando suppõem que morrem estando vivos: *Beati mortui*, *qui moriuntur?* Direy, hà huns homens, que morrem na vida, e morrem na morte; hà outros, que morrem na morte, e naõ morrem na vida. Os primeiros morrem depois de mortos, os segundos morrem estando vivos: aquelles morrem para o Mundo antes de morrer para o corpo; estes morrem para o corpo, e para o Mundo. Agora se vè a energia da vòz do Apocalypse; chama bemaventurados aos que morrem depois de mortos, porque acabaõ em graça, e amizade de Deos, e naõ faz cazo dos que morrem estando vivos, porque nunca para o Mundo, e suas vaidades foraõ mortos: *Beati mortui*, *qui in Dòmino moriuntur*. Aquella he morte feliz, morte santa, e ainda que nos tome por assalto, naõ he subita, porque foy prevenida, como diz S. Gregorio Magno: *Subitò*, *& repente tolluntur qui finem suum cogitando prævidère nesciunt.*

Div. Greg. Magn.

Com naõ menor efficacia nos persuade à pia consideraçaõ de que o Senhor se agradava das acções do nosso inclyto Heroe, a constancia, e mais generoza paciencia, com que ouvimos tolerar os golpes das intempestivas mortes de seus amabilissimos filhos, e successores, cortados na flor da idade, murchando-se as esperanças, que alimentava naquellas vidas; entregando este resignado, e Catholico pay a Deos nellas os pedaços da sua Alma, e objectos taõ dignos de seu amor, sem que as lagrymas chegassem a ser testemunhas de sua pena: expondo-se a diminuir os creditos de amante, por naõ parecer aos Decretos Divinos menos obediente: e conhecendo serem depositos, que recebera, e pelo Senhor delles

lhe podiaõ ser pedidos em qualquer hora; fazendo Catholica a resposta do Grego Anaxagoras, que ouvindo ser morto hum filho delle particularmente amado, diante do mensageiro prorompeu nesta sentença: *Nihil mihi inspectatum, aut novum nuntias; ego enim illum ex me natum sciebam esse mortalem.* Naõ me dizes couza nova: porque quando o recebi nascido, conheci que havia de ser morto. Admiravel argumento do muito, que ao Senhor agradava o nosso Job Lusitano, aquelle Varaõ pacientissimo!

Refert. Val. Max. lib. 5. c. 10. n. fin.

He certo que os preferidos na estimaçaõ de Deos, saõ os a que vizita com tribulações; e nenhum sinal menos duvidozo acharaõ de preferidos, que o de se verem atribulados. Este genero de favor concedeu a seus mayores amigos. Assim a Abrahaõ mandandolhe tirar a vida ao filho unico, para provar a sua Fè, e obediencia. Assim a Jacob permittindo o engano de que era morto Jozè para exercitar a sua constancia. Assim a Tobias, dispondo que cego, e pobre mandasse peregrinar hum que tinha, e dilatandolhe a jornada, para q̃ resignado merecesse a restituiçaõ do filho, e da vista. Assim a David, tirandolhe o primeiro, q̃ houve de Bersabet, para que aquella perda o incitasse ao arrependimento da sua culpa. Porèm, assim como aos referidos vizitou com trabalhos, tambem os recreou com alivios; da mesma sorte o nosso Heroe, que depois de entregar resignado a Deos o que era de Deos, logrou a felicidade de deixar no Mundo copioza, e esclarecida descendencia, para que original taõ excellente ficasse copiado em muitos vivos retratos; cujas virtudes imitadas naõ consintaõ entregarem-se as do exemplar ao esquecimento. Esta reconhecemos ser bençaõ do Altissimo pela vòz do Espirito Santo: *Bonus relinquit haeredes, filios, & nepotes*; e naõ menos a imitaçaõ, porque pela regra da natureza de pais cheyos de virtude naõ costumaõ nascer filhos, em que se vejaõ os desconcertos da maldade, como diz Chrysostomo: *Naturae regula dicit, quia non potest fieri, ut de bonis parentibus mali nascantur; aut de malis boni; sed quales fuerunt parentes, tales erunt & nati.*

Proverb. 13. 22.

Div. Chrysost. t. 2. Hom 45. Op. Imperf. in Matth.

Outras virtudes exercitou o nosso inclyto Heroe, que naõ permitte o cõcizo desta Oraçaõ referir; e muitas, q̃ a sua Catholica modestia soube occultar. Por ellas se fez merecedor da eterna saudade. Os homens, que sò viveraõ para si, justamente se entregaõ ao esquecimento, porèm os Heroes, que viveraõ para o commum, para o amparo, e utilidade da Republica, naõ he justo se risquem da lembrança, tanto dos prezentes, como dos futuros, porque

hums,

huns, e outros lhes saõ devedores de amor, e utilidade. E do nosso Heroe cõ particularissimas razões o devem assim confessar os Portuguezes, lembrando-se da fidelissima, e valeroza constancia, com que expoz a sua vida aos mayores perigos, para atalhar os danos, indubitavelmente certos, que ameaçavaõ o Reyno victoriozo das armas inimigas, e opprimido das semrazões domesticas. E naõ menos do valor, com que procedeu no assedio, que nossas armas puzeraõ à Cidade de Badajòz o anno de 1658. derramou gloriozamente o sangue, e sahindo com duas feridas pela liberdade da Patria; e recebendo em satisfaçaõ deste amor o aggravo de ser desterrado para a Praça de Almeida, mostrou que nem as mayores ingratidões eraõ capazes de entibiar a sua fidelidade generoza, antes lhe serviraõ de estimulo ao dezejo de servir a quem o naõ sabia reconhecer; exercitando-se como Soldado particular o anno de 664. e offerecendo-se aos mayores perigos sem attençaõ a que na falta da sua vida poderia extinguirse a varonia da sua caza. Estas, e outras acções o fazem acredor do sentimento commum na prezente occaziaõ: *Scindite vestimenta vestra*; e o constituem na essera de Mayor entre os grandes, e de Maximo entre estes, e os mayores: *Num ignoratis quoniam Princeps, & maximus cecidit hodie in Israel?*

Portug. restaur. 2. p. lib. 2. an. 1658.

Ibid. lib. 9. ann. 664.

Tenho ponderado as razões, que me occorreraõ para persuadir o sentimento, e saudade na morte do Excellentissimo Duque, conforme as palvras da Sagrada Escrittura, que elegi para esta funebre Oraçaõ. A sua morte se nos reprezenta naquelle tristissimo apparato; e ainda que sejaõ honras, que se fazem a hum Principe defuncto, igualmente saõ estimulos ao nosso dezengano. Alli, Catholicos, aprendamos a mais proveitoza Filozofia, contemplando nas insignias da grandeza o em que paraõ as Magestades, os respeitos, as venerações, as grandezas, e vaidades do seculo. A pequenhez de hum tumulo se reduzem os cadaveres dos que vivos naõ cabiaõ em hum Reyno; as Magestades, a que parecia diminuta esfera huma só Monarchia, comprehende o breve receptaculo de huma sepultura: as pompas, a que naõ bastava todo o preciozo, todo o singular, e todo o excessivo, aõ golpe da morte se vem transformadas em horrorozo luto, e os inventores dellas em huma vilissima terra, corrupçaõ, e asco. Alli vereis o engano, em que vivemos, sendo este o fim, que espera aos mayores, e aos minimos, aos Reis, e aos vassallos, aos pobres, e aos ricos, aos desconhecidos, e aos famozos: tudo a morte sega, ou

corta igualmente com taõ pouca attençaõ ao Palacio do Rey, como à cabana do paſtor; ao mais robuſto, como ao mais fraco, ao mais ſoberbo, como ao mais humilde: ella he huma executora univerſal da pena do peccado, taõ inexoravel, e incorrupta, que a naõ acobardaõ reſpeitos, naõ a intimidaõ valentias, naõ a ſubornaõ riquezas, naõ a mollificaõ lagrymas, e ſendo indubitavel eſta verdade, tiremos por concluzaõ, que ſó a vida da virtude izenta da juriſdicçaõ damorte, e procuremos viver, como quem ha de acabar, imitando ao noſſo inclyto Heroe, cujas virtudes ouviſtes epilogadas, mais que referidas, e por ellas cremos piamente que o Senhor deferirà a eſtas Catholicas preces, collocando-o à ſua viſta, como lhe pedimos com a Igreja: *Requiem æternam dona ei, Dòmine, & lux perpetua luceat ei; requieſcat in pace.* Amen.

FINIS LAUS DEO,

Virginique Matri ejus, & SS. Jozeph ejuſdemmet Virginis Sponſo.

A 14. do dito Mez de Março os Religiozos Franciscanos do Convento de Santa Christina, que està na Villa da Povoa; de que o Duque era Donatario, cantaraõ hum Officio com muita solemnidade pela Alma de taõ antigo Bemfeitor.

A estes sinaes de Religiozo agradecimento haviaõ satisfeito jà os Reverendos Padres da Provincia da Arrabida de que o Duque tinha carta de confraternidade, e de que era Syndico Geral, porque depois de lhe haverem cantado em sua caza o Officio de Defuntos atè Laudes *exclusivè*, como jà se escreveu, demonstraçaõ naõ uzada com pessoa alguma por estes exemplarissimos Religiozos, avizou logo o Guardiaõ de Saõ Pedro de Alcantara o Padre Frey Nicolao de Santa Catharina ao seu Reverendissimo P. Ministro Provincial Frey Jozè da Esperança, que naquelle tempo se achava no Convento de Obidos, como era falecido o Duque, antigo, e singular Bemfeitor de toda a Provincia. Recebida esta noticia, e considerando o Provincial a muita fazenda, que o Duque havia dado a todos os Conventos da sua Provincia em trigos, legumes, cera, grandes sommas de dinheiro, e outras couzas particulares, e dezejando mostrarse agradecido a taõ copiozas, e repetidas esmolas; expedio a seguinte Patente, pela qual mandou encommendar a Deos a Alma do Duque, naõ sò com os suffragios, que lhe eraõ devidos como a Confrade, e como a Syndico, mas tambem como a taõ generozo Bemfeitor.

„Frey Jozè da Esperança, Prègador, Ministro „Provincial, e servo dos Frades Menores desta nossa „Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais estrei„ta, e regular Observancia do nosso Padre Saõ Fran„cisco, &c. A todos os Prelados nossos subditos,

 saude,

,, faude, e paz em noſſo Senhor Jeſu Chriſto, que de
,, todos he verdadeiro remedio, e ſalvaçaõ.
,, A todas voſſas Caridades he notoria a muito grã-
,, de devoçaõ, que o Excellentiſſimo Senhor Duque
,, do Cadaval teve a eſta Provincia, aſſiſtindo a to-
,, dos os Conventos taõ liberalmente com as ſuas eſ-
,, molas, e como Deos Senhor noſſo foy ſervido leval-
,, lo deſta prezente vida, nòs lembrados do muito
,, que lhe devemos, àlem da obrigaçaõ, que temos
,, de ſer Irmaõ de Confraternidade, a que ſomos obri-
,, gados cada Sacerdote a cinco Miſſas, e os Coriſtas
,, cinco Officios de Defuntos, e cada Frade Leigo a
,, reza do Officio Divino, e por ſer Syndico geral tem
,, mais de cada Sacerdote huma Miſſa, e os que naõ
,, forem Sacerdotes, hum Officio de Defuntos; àlem
,, deſta obrigaçaõ mandamos a todos os Irmãos Guar-
,, diães, e Prezidentes em ſua auzencia, que no pri-
,, meiro dia dezimpedido ſe lhe faça hum Officio de
,, nove Lições com toda a ſolemnidade, e neſſe meſmo
,, dia celebraraõ todos os Religiozos por ſua tençaõ,
,, e os Coriſtas diraõ hum Officio de Defuntos, e os
,, Frades Leigos diraõ a reza do Officio Divino, ſen-
,, dolhe tudo muito devido pelo ſeu amor, e devo-
,, çaõ. E para que venha à noticia de todos, ſerà lida
,, eſta Patente em plena Communidade, e remettida
,, pelos Conventos à margem apontados em termo de
,, ſeis horas, naõ intervindo noite, e do ultimo ſe nos
,, remetterá, dando os Prelados fé de como foy lida.
,, Dada neſte noſſo Convento de Obidos em trez de
,, Fevereiro de 1727. ſob noſſo ſinal, e ſello mayor de
,, noſſo officio, e referendada pelo noſſo Secretario
,, Frey Jozè da Eſperança, Miniſtro Provincial. *D.*
,, *M. D. N. C. Irm. M. Provincial Frey Joaõ de Santa*
Maria

,, *Maria Diffinidor , e Secretario.*

Mas parecendolhe depois ao mesmo Provincial que naõ estava bastantemente dezempenhada a sua obrigaçaõ, chegando ao Convento de Torres Novas, expedio segunda Patente, ordenando a cada hum dos seus subditos mayor numero de suffragios pela Alma do Duque, como della melhor consta.

,, Frey Jozè da Esperança, Prégador, Ministro Pro-
,, vincial, e servo dos Frades Menores desta nossa Pro-
,, vincia de Santa Maria da Arrabida da mais estreita,
,, e regular Observancia de nosso Santo Padre Saõ Fran-
,, cisco, &c. A todos os Religiozos da nossa jurisdic-
,, çaõ, assim Prelados, como subditos saude, e paz
,, em nosso Senhor Jezu Christo, que de todos he
,, verdadeiro remedio, e salvaçaõ. Logo que tivemos
,, a noticia da morte do Excellentissimo Senhor Du-
,, que do Cadaval Dom Nuno de todos universalmen-
,, te sentida, fizemos avizo a todas vossas Caridades
,, em como era Irmaõ de Confraternidade, e como to-
,, dos sentidos lamentaõ a falta de hum taõ grande Prin-
,, cipe, nòs mais que todos os filhos desta Provincia de-
,, vemos sentir, e lamentar taõ grande falta, pois he
,, notorio que este Principe como a filhos nos amava;
,, e se o sentimento se regùla pelo amor: *Dolor est sicut*
,, *amor*, bem conhecido està qual deve ser o nosso sen-
,, timento. Pelo que ordenamos, e mandamos a to-
,, das vossas Caridades, que àlem dos suffragios, que
,, na primeira Patente mandàmos, lhe diga cada Sa-
,, cerdote déz Missas, cada Corista déz Officios de
,, nove Lições, e cada Frade Leigo déz vezes a reza
,, do Officio Divino, tudo bem merecido pelas gran-
,, des esmolas, com que liberalmente favoreceu a to-
,, dos os nossos Conventos, e pelo grande amor, com

que

,, que ſempre amparou eſta noſſa, e ſua amada Provin-
,, cia, ſendo Syndico Geral, e Protector della. E pa-
,, ra que venha à noticia de todos eſta noſſa Patente, ſe-
,, rà lida em plena Communidade, e remettida em
,, termo de ſeis horas, naõ intervindo noite, pelos
,, Conventos à margem apontados, e do ultimo ſe nos
,, remetterà. Dada neſte Convento de Torres Novas
,, em 24. de Fevereiro de 1727.

Sob noſſo ſinal, e ſello mayor de noſſo officio, e referendada pelo noſſo Secretario

Fr. Jozè da Eſperança, Miniſtro Provincial D. M. D. N. C.
Irmaõ Miniſtro Provincial Frey Joaõ de Santa Maria Diffinidor, e Secretario.

Os Religiozos, que aſſiſtem no Hoſpicio do meſmo Duque, avizàraõ logo do ſeu falecimento aos ſeus Provinciaes Frey Franciſco de Caſtello de Vide, Provincial da Provincia da Piedade, e Frey Franciſco da Barca Provincial da Provincia da Soledade, os quaes mandàraõ Patentes pelos Conventos das ſuas Provincias para os Religiozos em Communidade celebrarem os Officios, e Miſſas cantadas, dizerem as Miſſas particulares, e fazerem os mais ſuffragios pela Alma do Duque como Irmaõ de Confraternidade, Syndico Geral, Protector, e Bemfeitor das duas Provincias, os quaes ſacrificios ſe fizeraõ em mayor numero do que regularmente ſe coſtuma pela ſua grande devoçaõ o merecer.

Naõ ſó nas terras, de que o Duque era Donatario, ſe fizeraõ as demonſtrações, que atè agora ſe tem referido, mas tambem em algumas Communidades deſta Corte

Corte de Lisboa Oriental, e Occidental se celebràraõ Exequias, em que mostràraõ o seu agradecimento para com o Duque defunto.

Quando o Duque faleceu, era Provedor da Irmandade da Cruz, e Passos sita no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa Oriental, onde se venera a portentos a Imagem do Senhor dos Passos. Na fórma do Compromisso daquella Irmandade se deu logo avizo ao Visconde de Villa Nova de Cerveira Dom Thomàz de Lima Brito e Nogueira para supprir a sua falta como Provedor immediato, que havia sido, o qual convocou logo a Meza, e nella propoz a dispoziçaõ do Compromisso, que manda fazer hum Officio com Missa cantada pela Alma do Provedor, que morrer servindo actualmente; mas attendendo-se á pessoa do Duque se assentou que houvesse Sermaõ, o qual se encommendou logo ao Padre Prior do mesmo Convento o Padre Frey Manoel de Figueiredo natural de Campo Mayor, que com o seu grande talento, engenho, e erudiçaõ fez o Panegyrico funebre, que se segue. Toda a Igreja se armou de baetas, e no Cruzeiro della se levantou huma magnifica Eça guarnecida de galões de prata, e ouro, a cujos pès estava huma coroa de Duque. Assistio a este Officio muita nobreza, grande numero de Religiozos, e de povo, e se cantou em 17. de Fevereiro do mesmo anno.

Fortis

Fortis in bello JESUS Nave... Magnus secundùm nomen suum, maximus in salutem electorum Eccles. 46.

AM assustas aos magoados, ainda que desenganes a todos; ò pavorozo tumulo; porque se para intimar os desenganos, trazes à memoria o inexoravel da Parca, e o inflexivel da Morte, para evitar o susto, representas as sombras de quem soube unir a grandeza com a affabilidade, o respeito com a communicaçaõ, o valor com a brandura, e a fortuna mais alta com o animo mais prompto, mais benigno, e mais caritativo, que reconheceraõ os seculos, e experimentàraõ as idades. Este he aquelle Heroe, que naõ lhe pulsando nas veas gotta de sangue, que naõ tingisse purpuras, naõ occorrendo em suas altas politicas idèa, que se naõ venerasse oraculo, nem resoluçaõ, que se naõ experimentasse acerto, pelos limites da affabilidade demarcou os respeitos da sua grandeza. Naõ ha mayor elogio, que o seu nome: o Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, VII. neto daquelle em todas as idades famoso, e sempre invicto Heroe o Condestavel Nuno Alvares Pereira, que com a sua espada segurou a Portugal no throno hum Rey, e com a sua descendencia deu muitos Reis ao throno de Portugal.

Assim, Excellentissimo Senhor, assim impaciente a minha màgoa inquieta o silencio, com que esse Mausoleò enlutando com tristes sombras mais os corações, que as paredes, nos representa as cinzas de hum verdadeiro pay da patria, firme columna do Reyno, primeiro movel do seu governo, de cujos influxos dependiaõ

pendiaõ os acertos, aſſim militares, como politicos, ſoccorro da pobreza, patrocinio da Milicia, amparo do Eſtado Eccleſiaſtico, gloria do Alem-tejo, honra de Portugal, e veneraçaõ de todo o Mundo. Aſſim ſuffocando com a expectaçaõ os ſuſpiros de todos, inquieto as venerandas cinzas de Voſſa Excellencia ſem ſuſto ou de tropeçar na lizonja, ou de deſcair do agrado. Naõ temo o primeiro, porque naõ fica lugar para os fingimentos da lizonja em hum Heroe taõ grande, aonde ſaem diminutas todas as confiſſões da verdade. Nem menos me aſſuſta o ſegundo, porque ainda que piamente eſperamos, que Voſſa Excellencia melhoraſſe de esfera, naõ tememos, que variaſſe de influxo. Ainda eſſas cinzas conſervàraõ o calor daquella affabilidade, com que em quanto animadas a ninguem negàraõ ouvidos. Ouça pois o inſenſivel das cinzas as vozes, em que ſentidos, e ſaudozos rompem os noſſos corações, que para deſculpar a ſua màgoa, querem explicar a ſua perda. Juſta vingança toma agora impaciente o noſſo amor; pois jà que Voſſa Excellencia em quanto vivo fugia ainda a huma ſombra de applauſo, agora o ſeguiràõ os applauſos como inſeparaveis ſombras. Deixou Voſſa Excellencia ſó as ſombras à Corte, por dar as cinzas ao Alem-tejo, porque ſe foy juſtiça, que reſtituiſſe os ultimos deſpojos da mortalidade àquella Provincia, aonde recebeu os primeiros alentos da vida, ſeria providencia naõ deixar à Corte de tantas luzes mais que as ſombras: porque ſe eſtas ſeguem a quem lhes foge, na Corte, aonde Voſſa Excellencia fugia aos applauſos, diſpoz a Providencia, que eſtes como ſombras o ſeguiſſem em perduraveis memorias, e em eternas ſaudades.

Fecundo o Alem-tejo na producçaõ de Heroes, ſó de Nunos moſtrou, que com tres ſabia produzir tantos, quantos ſaõ os numeros da perfeiçaõ: virtude, valor, e grandeza. Foy Elvas o berço do primeiro Nuno o Condeſtavel Nuno Alvares Pereira, que eſtabelecendo o Reyno lhe ſegurou a liberdade com muitas vittorias. Foy Evora a patria do ſegundo Nuno o Conde de Tentugal Nuno Alvares de Mello, que na batalha de Alcacer vendeu aos inimigos a ſua liberdade a troco de muitas vidas. Reſervou para tempo mais opportuno o ſer mãy do Nuno terceiro o Excellentiſſimo Duque do Cadaval, para que quando Villa-viçoſa dèſſe a Portugal no Senhor Rey Dom Joaõ o IV. hum Moiſés libertador do ſeu povo, offereceſſe Evora no terceiro Nuno hum Joſuè, que imitando nas acções os Nunos aſcendentes, que recordava no nome, foſſe ſucceſſor do ſeu eſpirito, e defenſor do

ſeu

ſeu throno. Deſcubramos o quadro, em que ſe pintàraõ as acções do Joſuè de Iſrael, e nos longes, com que a Profecia pinta, veremos como ſe lhe aſſemelha o Joſuè de Portugal.

Fortis in bello Jeſus Nave... Magnus ſecundùm nomen ſuum, maximus in ſalutem electorum. A tres cores reduzio o Eccleſiaſtico a pintura de Joſuè; ſer forte na guerra, grande no nome, e maximo na utilidade dos eſcolhidos. Lançou as primeiras linhas no esforço, introduzio as cores na grandeza, e poz a ultima maõ à pintura no influxo da bondade. Foy pintura para o Joſuè de Iſrael, e foy profecia para o Joſuè de Portugal. Foy maximo para a utilidade do Reyno, e dos ſeus eſcolhidos: *Maximus in ſalutem electorum:* porque às ſuas direcções ſe deviaõ os acertos, e às ſuas politicas os dezembaraços. Hum dos grandes Secretarios de Eſtado, que teve eſte Reyno, chegou a affirmar, que a falta do Excellentiſſimo Duque logo era conhecida em Palacio. Taõ anticipada foy eſta luz, e taõ intenſa nas primeiras auroras, que de vinte e hum annos foy eleito Conſelheiro de Eſtado.

Foy grande no nome: *Magnus ſecundùm nomen ſuum*, naõ ſó porque Nuno foy nome de tres grandes, mas tambem porque o vio enlaçado pelo ſangue com todos os Principes da Europa. Finalmente foy forte na guerra: *Fortis in bello*; porque de vinte annos aprendeu com ſangue os primeiros rudimentos da Milicia, recebendo duas feridas na eſcala do Forte de Saõ Miguel, quando na Era de 1658. ſitiàmos Badajòs. Atèqui eſtà ſómente debuxado o retrato, agora retocaremos a pintura.

Joſuè foy nomeado por Moiſés Duque de Iſrael: *Jeſus dum implevit verbum, factus eſt Dux in Iſrael*; e pelo ſeu Moiſés o Senhor Dom Joaõ o IV. foy tambem o noſſo Joſuè nomeado Duque do Cadaval. Explicou Moiſés o ſeu amor para com Joſuè, pondolhe a maõ ſobre a cabeça: *Impoſitis capiti ejus manibus*, dando a entender que quando o recebia por afilhado, o authorizava Duque: *Moiſés*, diz o Alapide, *imponens Joſuè manum eum authoravit Ducem populi.* Taes foraõ as honras, que do Senhor Rey D. Joaõ o IV. recebeu o Excellentiſſimo Duque. Tambem o ſeu Moiſés lhe poz a maõ na cabeça, porque foy ſeu Padrinho do Baptiſmo; tambem o ſeu Moiſés o authorizou no ſeu povo, porque o fez Duque do ſeu Reyno. Menino foy entregue Joſuè ao cuidado, e educaçaõ de Moiſés, para que na ſua companhia ſe inſtruiſſe em todos os bons coſtumes: *Joſuè adhuc puerum Moiſi à parentibus traditum optimis moribus informandum*, diſſe hum Expoſitor. E nos palaci-

1. Mac.2.45.

Num.27.23.

Alap.hic.

Nax.in Joſ.c.1. ſ.5.n.22.

O os

os de Villa-viçosa, e Lisboa educou o Padrinho ao seu Josuè com tal doutrina, que no exercicio da guerra nunca o uso do ferro lhe diminuhio a brandura para com os homens, ou a piedade para com Deos; e no governo da caza com tal economia, que nem os poucos annos lhe impediraõ na providencia os acertos. Apenas contava 15. quando mandado emancipar pela Excellentissima Marqueza sua mãy, lhe respondeu o Padrinho jà entaõ Rey que de boa vontade lhe entregaria a economia da sua Caza Real.

De sorte, que conferidas as acções do Duque de Israel, e do Duque de Portugal, saõ taõ semelhantes, que parece se riscava em humas a planta para as outras. Mas reduzindo-as às trez principaes, que louva o Ecclesiastico, será epitafio do segundo o que foy elogio do primeiro. Alli nos reprezentaõ aquellas sombras hum Josuè de Portugal, que para ser perfeito Duque, e Heroe grande, foy forte na guerra. Este serà o primeiro ponto. Foy grande no nome. E este serà o segundo ponto. Finalmente foy Maximo para a utilidade dos escolhidos. E este serà o terceiro, e ultimo ponto. Isto he sem glossa, nem commento o que diz o Ecclesiastico do Josuè de Israel; e isto mesmo sem fingimento, nem lizonja nos mostrou a experiencia no Josuè de Portugal: ***Fortis in bello Jesus Nave...Magnus secundùm nomen suum, maximus in salutem electorum.***

PRIMEIRO PONTO.

PEla fortaleza na guerra principia o Ecclesiastico o elogio de Josuè, e em vaticinio descreve o epitafio do Excellentissimo Duque. Deu Josuè provas do seu valor, quando, morto Moisés, foy mandado passar o rio Jordaõ, e combater a Cidade de Jericò: *Moisés mortuus est, surge, & transi Jordanem.* Naõ prejudicàraõ aos seus brios estes preceitos, que teve para emprender a conquista. E poupando preceitos, antes resistindo às dissuasões da Rainha Dona Luiza, tanto que morreu o seu Moisés, passou o Excellentissimo Duque o Tejo a militar no sitio de Badajòs. Excedia-o Josuè nos annos, naõ nos alentos, porque apenas contava vinte, e estes ainda naõ completos, quando no sitio de mais fortificada Jericò emprendeu a conquista de mais bellicosa Canaan. No Forte de Saõ Miguel aprendeu este Josuè Portuguez os rudimentos da Milicia, em que a primeira vittoria lhe custou duas feridas: porque se o Israelita teve o primeiro encontro com hum Saõ Miguel

Jos. 1. 2.

na

na campanha de Jericò: *Cùm esset Josuè in agro urbis Jericho, vidit virum stantem contra se evaginatum tenentem gladium.. Qui respondit: Sum princeps exercitûs Dòmini*, o Portuguez tivesse o primeiro combate com outro Saõ Miguel no sitio de Badajòs. Mas escalado o Forte, e rendido pelas nossas armas, parece que fez repartiçaõ dos seus titulos como de despojos entre o Excellentissimo Duque, e o nosso Reyno. Do Forte de Saõ Miguel ficou o Saõ Miguel para o nosso Reyno; porque, como muitos affirmaõ, este he o seu Anjo Custodio; e ficou o Forte para o Excellentissimo Duque, porque este foy o titulo, que entaõ mereceu o seu braço: *Fortis in bello.*

Jos.5.℣.13. & 14.

Agiol. Lusit. nas annot. ao dia 8 de Mayo.

Forte naõ menos, que trez vezes quiz Deos que fosse Josuè, quando havia de emprender a conquista de Jericò: *Confortare, & esto robustus, robustus, robustùs.* Mas para que tanta provisaõ de esforço, e tanta repetiçaõ de fortaleza? Porque na campanha de Jericò havia de ser o combate de Saõ Miguel a primeira prova do seu valor: *Contra se evaginatum tenentem gladium.* Deste combate havia de sair Josuè taõ vitoriozo, que havia de contar da sua parte ou como rendido, ou como aliado ao mesmo, que lhe tinha feito cara como inimigo. E era taõ arriscada a empreza, taõ perigozo o combate, que só o podia emprender quem tivesse taõ assinalado valor: *Robustus, robustus, robustus.*

Jos.1.℣.6.7. & 9.

Ao Josuè primeiro custou o triunfo de Saõ Miguel sustos, mas naõ feridas, e ao Josuè segundo custou duas feridas, porque o animo lhe poupou os sustos. Josuè depois de aceitar o Ducado de Israel, era obrigado à conquista, e com tudo teve preceitos para romper a guerra: *Surge*, e o Excellentissimo Duque sem esperar preceitos sahio à campanha, e sem ter obrigaçaõ se introdusio no combate. Nem as dissuasões da Rainha Dona Luiza, nem os conselhos do General Andrè de Albuquerque lhe reprimiraõ o ardor, com que em taõ tenra idade se expoz a taõ evidentes perigos.

Jos.5.℣.13. & 14.

Pudera o Excellentissimo Duque, sem offender os brios do seu animo, pouparse a huma empreza, a que se naõ destinaõ nem os primeiros Generaes, nem menos as pessoas da sua qualidade. Mas arrojando-se descuberto aos evidentes perigos, que tem a escala de hum Forte presidiado de Tropas veteranas bem disciplinadas, e advertidas dos nossos projectos, queria mostrar, que como Josuè Portuguez naõ se contentava com ser na guerra huma vez forte resistindo, mas forte trez vezes acometendo.

Atèqui reparey no titulo, com que Deos premiou o braço de

Joſuè, agora noto na trina repetiçaõ, com que encareceu o ſeu valor: *Robuſtus, robuſtus, robuſtus.* Querer Deos a Joſuè trez vezes forte era o meſmo, que dezejallo fortiſſimo. Mas era a empreza taõ arriſcada, que neceſſitava de huma fortaleza taõ encarecida. Previo Deos em Joſuè hum valor taõ intrepido, que enroſtando com Saõ Miguel na campanha de Jericò, quando ſe podia contentar com lhe reſiſtir, tratou de o atacar: *Perrexitque ad eum.* Pudera advertir, que ſendo huma taõ grande Perſonagem, e que ſendo hum tal Duque, pareceria temeridade acometer a hum Saõ Miguel, que eſtava armado, e jà contra elle prevenido: *Contra ſe evaginatum tenentem gladium.* Mas deſpreſando os perigos da vida, e os reſguardos da peſſoa, quiz ſer o primeiro na facçaõ, a que naõ era obrigado. Aſſim mereceu o titulo de fortiſſimo, porque ſe para outra qualquer empreza baſtava que foſſe forte como hum, para eſta neceſſitava de ſer forte como trez, ou trez vezes forte: *Perrexit ad eum: Robuſtus, robuſtus, robuſtus.*

Joſ. 5. 13.

Naõ applico, por naõ repetir o ditto; paſſo a adiantar o diſcurço. Aſſim conſeguia o Excellentiſſimo Duque os creditos de fortiſſimo, quando nos favores da Rainha Dona Luiza ſe davaõ aſſopros ao ſeu ardor. Mas mudando a fortuna a ſcena, ainda que os aſſopros foraõ contrarios, nem por iſſo lhe extinguiraõ os ardores. A mudança do governo no Reyno mudou tambem no Excellentiſſimo Duque o theatro do esforço. Degradou-o em fim para Almeida ou a oppoſiçaõ, ou a deſconfiança. Mas a Providencia, que ſem fins mais altos naõ vira a roda da fortuna, permittio eſte degredo, para que o Excellẽtiſſimo Duque naquella Praça defẽdeſſe muitas no noſſo Reyno, e cõquiſtaſſe naõ poucas no alheyo.

Em todo eſte tempo naõ houve occaſiaõ de perigo na noſſa Cavallaria, a que ſervindo voluntario ſe naõ expuſeſſe o primeiro. Naõ houve empreza, ſurtida, emboſcada, rebate, ou eſcaramuça, em que os inimigos naõ recebeſſem da ſua eſpada o danò, e os noſſos naõ admiraſſem no ſeu braço o esforço. Aſſim ſe deſaggravava das injurias do degredo; aſſim ſe deſpicava das inconſtancias da fortuna. Naõ fazendo impreſſaõ naquelle peito verdadeiramente Portuguez a falta daquelle carinho, com que fora criado em Palacio; nem menos ſer hum degredo o premio do ſeu valor, e do zelo, com que muitas vezes tinha expoſto a vida a perigos em beneficio da patria. Ainda milita, ainda ſerve, ainda buſca as occaſiões mais arriſcadas; ainda exercita o valor do ſeu leal coraçaõ nas emprezas mais perigoſas. Sobrava a reſignaçaõ para lhe canonizar

nizar o valor, porque se com este vencia aos inimigos, com aquella vencia-se a si proprio; vittoria mais gloriosa, por triunfar dos estimulos, inimigos, que ferem tanto do perto, que dentro das potencias fazem a guerra. Mas naõ satisfeito com ser quando resignado superior a si mesmo quando forte: *Melior est patiens viro forti*, sobia a nova esfera de superioridade, quando vencida a fortaleza pela resignaçaõ, vencia à mesma resignaçaõ com o laborioso, e util exercicio da mesma fortaleza. Aos outros incitàraõ os premios, ao Excellentissimo Duq affervoràraõ os mesmos desagrados. Prov. 17. 32.

Naõ se verificou no animo do Excellentissimo Duque a sentença de Cicero, que causa mais odios o que se tira, que amores o que se dà: *Nec tanta studia assequere eorum, quibus dederis, quanta odia eorum, quibus ademeris*, porque nem o negarselhe o agrado, e estimaçaõ, que tinha experimentado, lhe esfriou o amor da Patria, ou o zelo, com que a tinha servido. Poderia a fortuna mudarlhe a scena, mas naõ o animo; chegaria a desconfiança a negarlhe o agrado, mas nunca a extinguirlhe o zelo. Tull. de Offic.

O ultimo, em que o Excellentissimo Duque apurou os quilates à sua lealdade, e encheu todos os numeros à sua constancia, foy (mandando-selhe por trez occasiões tirar a vida) naõ declinar da defensa da patria as armas, que necessitava de virar para defender a propria pessoa. Naõ sem milagre lhe defendeu a vida a Providencia: naõ sem perigos a conservou a sua vigilancia. Foy a vez primeira, em que o Excellentissimo Duque mostrou, que a vida lhe levava cuidados, quando prodigo della a tinha exposto a tantos perigos: porque como a rezervava para beneficio do commum, recatava-a de ser victima de huma opposiçaõ particular. Aonde descobriremos exemplos para estimar nas semelhanças huma tal fortaleza, e huma tal lealdade? Sò hum homem talhado à medida do coraçaõ de Deos, como era David: *Inveni David virum secundum cor meum*, podia ser o exemplar, de quem expusesse a vida pela mesma patria, que repetidas vezes procurou darlhe morte. Mas pelo seu elogio se poderà de alguma sorte conhecer a sua fortaleza. Act. 13. 22.

Naõ cessa a Escrittura de encarecer o esforço de David, e a sua sciencia militar: *Fortissimum robore, & virum bellicosum.* Outros Soldados houve, que singularizando-se nas façanhas, naõ conseguiraõ semelhantes applausos. Valeroso foy David; mas tambem houve outros ou mais, ou igualmente valerosos: e com tudo naõ lemos por triunfo do seu braço tal encareci- 1. Reg. 16. 18.

 mento

mento do esforço. E aonde ficaõ os Sansões, os Judas Macabeos, os Joabs, os Calebs, e outros muitos, que com as suas proezas encheraõ o largo campo da fama? Todos estes, sendo de taõ conhecido valor, haõ de ficar excedidos por David? Sim; que militáraõ a tempo, em que a sua vida naõ tinha outro perigo, que o das armas dos contrarios, e David mais, que dos Filistheos inimigos, tinha que a defender dos Israelitas seus naturaes. Ao mesmo tempo, em que David estava vencendo a Goliath no desafio, e os Filistheos na batalha, encontrava na patria mais perigos, que applausos. Duas vezes se enristou, e arremeçou contra elle huma lança, e muitas vezes se mandáraõ assassinos para lhe tirarem a vida. Mas desterrado da Corte naõ cessava de vencer os inimigos na Raya: ameaçado de morte, naõ se negava aos perigos na guerra. Trocavaõ-selhe os premios em perigos, e em desterros; mas naõ se embotavaõ os fios á sua espada: oppunhaõ-selhe inimigos os da patria, e no mesmo tempo defendia, e exaltava a patria matandolhe os inimigos: *Dedit in dextera ejus tollere hominem fortem in bello, & exaltare cornu gentis suæ.* E Heroe, a quem nem os desterros da Corte, nem os perigos da vida esfriaõ o zelo da patria; Principe, a quem nem a morte trez vezes intentada diminue hum ponto no amor da sua naçaõ, ou serviço do bem commum, este merece ser venerado como mais sciente da guerra, e sem comparaçaõ fortissimo: *Fortissimum robore, & virum bellicosum.*

[illegible] 18 11. [illegible] &

Eccles. 47, 6.

Vinte e dous annos contava David, quando padeceu os desterros da Corte, e os perigos da vida, poucos mais contava o Excellentissimo Duque, quando a roda da fortuna lhe variou os agrados do Palacio, mas descontava no excesso dos perigos o adiantamento dos annos. Perseverando em beneficio da patria sempre o mesmo, se mostrava na guerra, quando ameaçado, e opprimido fortissimo como David, e quando intrepido forte como Josuè: *Fortis in bello Jesus Nave... Magnus secundùm nomen suum.*

SEGUNDO PONTO.

GRande no nome he a segunda parte do elogio, que o Ecclesiastico fez ao Josuè de Israel, e do epitafio, que vaticinou ao Josuè de Portugal. Ao nome de Josuè deu Deos naõ menor esfera, que o Mundo todo: *Nomen ejus divulgatum est in omni terra*, porque era justo premio, que em todo o Mundo tivesse veneraçaõ o nome de hum Heroe, que a todo o Mundo atroou com os

[illegible]

eccos

eccos do seu valor. Naõ foy o nome, que lhe deraõ; foy sim o que elle adquirio: *Magnum sibi nomen peperit*, porque o fazerse nas acções rayo lhe deu o ser trovaõ no nome. Menoch. hic.

Naõ menor esfera teve o nome do Excellentissimo Duque, extendendo as suas vozes a todos os limites, aonde seus antepassados chegàraõ com os eccos. Deveu attenções aos nossos Serenissimos Monarcas, que lhe pagàraõ a fidelidade da vassallagem naõ só com os titulos da sua caza, mas com a veneraçaõ do seu nome, e respeito da sua pessoa. Conseguio estimações dos mayores Monarcas da Europa, quando Portugal trasladou aos idiomas Estrangeiros este animado livro, que continha em si as mais altas politicas. Na jornada de Saboya o mandou visitar a Magestade de Luiz 14. por Antonomasia o Grande, ordenando a seus Ministros lhe dessem o tratamento de Alteza. Tanto respeitou a profunda comprehensaõ deste grande Monarca as altas prendas do Excellentissimo Duque, q̃ mostrou dezẽpenhava o nome de Grande em reconhecer hum Heroe, a quem as acções davaõ hum grande nome. Canonizàraõ ambos a sua grandeza; hum em dar o tratamento; outro em o merecer. Hum mostrando, que era Grande, porque o dava; o outro, porque o merecia.

O mesmo Anjo, que deu o titulo de grande ao Baptista: *Erit magnus*, o repetio tambem a Christo: *Hic erit magnus*. Antes que o Verbo Divino se fizesse homem, tiveraõ muitos o titulo de grandes. Grande foy Isaac: *Magnus vehementer effectus est*. Grande foy Moisés: *Fuit vir magnus valde*. Grande foy Exequias: *Magnus*. Mas depois de Deos se fazer homem, só ao Baptista lemos canonizado de grande pelo mesmo Ministro, que tambem deu a Christo semelhante tratamento. Unio-os ambos, porque hum era demostraçaõ do outro. Havia de ser grande o Baptista, porque hum Ministro, e Embaxador do Supremo Rey lhe deu este tratamento, e o mesmo Rey lho mandou dar mayor: *Non surrexit maior*. Havia de ser grande, porque o mesmo Rey o mandou visitar, e assistio na mesma visita, que lhe mandou fazer: *Intravit in domum Zachariæ*. E havia de ser Christo grande, porque conhecendo as prendas do Baptista, lhe mandou dar tal tratamento. De sorte, que esta embaxada authorizou a ambos no tratamento; ao Rey, porque o mandava dar; e ao vassallo, porque o sabia merecer. Em fim o mesmo Ministro, que de ordem de hum Grande hia dar o tratamento, no mesmo tratamento havia de canonizar a ambos de grandes: *Erit magnus*: *Erit magnus*.

Luc. 1. 15. & ℣. 32.
Gen. 26. 13.
Exod. 11. 3.
4. Reg. 18. 19.
Matth. 11. 11.
Luc. 1. 40.

Mas

Mas entaõ moſtrou o Excellentiſſimo Duque, que ſabia merecer o conceito daquelle tratamento, quando penetradas as maximas, que rebuçavaõ aquellas refinadas politicas, deu traça a deſvanecer o cazamento unico emprego da ſua viagem. Conſeguio a ſua induſtria a fortuna deconduzir a Portugal a Armada mais rica, do que a tinha levado, por naõ trazer o que hia buſcar; e por naõ deixar ſepultada em Reyno diverſo a varonia dos noſſos Reis Portuguezes. Correu as cortinas aos particulares intereſſes dos outros Principes, e penetrando os intentos ao Emperador, e as maximas ElRey Chriſtianiſſimo, colheu deſte conhecimento o frutto de huma cautela opportuna, e dezengano prudente, antes que chegaſſe a ſer arrependimento. E para extender a ſucceſſaõ da noſſa luz, fez parar o Sol em Turim, e veyo ſegurar o triunfo a Portugal. Se ſe permitte eſta allegoria, naõ era muito, que tiveſſe os poderes de Joſuè, ſuſpendendo o curſo do Sol de Turim para Lisboa, quem jà tinha impedido o regreſſo à Lua de Lisboa para Pariz. Aſſim conſeguio o Excellentiſſimo Duque ſuſpender o regreſſo, que a Rainha Dona Maria Franciſca Iſabel de Saboya intentava para a ſua patria, alcançando neſte outro beneficio para o Reyno: que era evitarlhe a reſtituiçaõ do dote, que com difficuldade lhe reporia, eſtando taõ exhauſto, e taõ attenuado.

Com a repetiçaõ dos acertos, que ſempre ſe recebiaõ das ſuas politicas, conſeguio o Excellentiſſimo Duque taõ alto conceito do ſeu nome, que naõ houve Conſelho, junta, embaxada, propoſta de paz,ou rompimento de guerra,em q̃ as ſuas razõesſe naõ ouviſſem como oraculo, baſtando o ſeu parecer para determinar aos duvidozos, e ſobrando a ſua prezença para ſocegar aos amotinados.

Evidente prova he deſta veneraçaõ do ſeu nome a confidencia, com que certo Miniſtro, a quem o temor tinha eſcondido, ſe lhe entregou em fé de ſua palavra, e o ſocego, com que o povo amotinado o deixou paſſar illeſo, ſó porque o Excellentiſſimo Duque levantou a vòz, dizendo que aquelle Miniſtro hia em ſua companhia. Dava-ſe o povo por offendido dos exceſſos daquelle Miniſtro; refugiado temia o Miniſtro no motim os exceſſos do povo: e vio-ſe aqui o prodigio, de que baſtou a preſença do Excellentiſſimo Duque, para ſocegar em hum os temores, e rebater no outro os impetos. Abriraõ todos os olhos;e vendo,q̃ acçaõq̃ obrava o Excellentiſſimo Duque havia de ceder em beneficio da patria, cederaõ dos impulſos da vingança.

Sendo

Sendo os Ifraelitas taõ melindrozos nos aggravos, admira-me que pufeffemos os lhos na ferpente de metal, q̃ fe fabricou por ordem de Moifés: *Cum percuffi afpicerent.* Eftavaõ feridos das ferpentes, de quem aquella era figura, e baftava fer figura de quem os tinha aggravado, para naõ fer bem vifta do povo. Mas moftrava-a hum Moifés taõ zelozo do bem commum, que convertida huma vara em ferpente, naõ recufou em beneficio do povo fer o unico, que lhe lançaffe as mãos. E como livrava a grandeza do feu nome na experiencia do feu zelo: *Vir magnus valde*, baftou arvorar elle a ferpente, para atar as mãos ao povo ainda que offendido, e levarlhe os olhos por focegado: *Percuffi afpicerent.* Num. 21. 9.

Se em Moifés foy veneraçaõ do nome, e refpeito da peffoa focegar hum povo offendido, offerecendo a feus olhos a figura de quem os tinha aggravado, a que esfera elevaremos o refpeito, e nome do Excellentiffimo Duque, rebatendo a furia, e impaciencia de hum povo com a vifta naõ da figura, fim da mefma peffoa, de quem o mefmo povo fe queixava opprimido? Mas ou foffem verdadeiros, ou imaginados os aggravos: *Percuffi*, em tal companhia ainda a cegueira de hum motim fabe abrir os olhos: *Afpicerent.*

Mas fe o Excellentiffimo Duque deu a conhecer a grandeza do feu nome em aplacar hum motim com o feu refpeito, fez foar o nome da fua grandeza, fazendo levantar outro tumulto com a fua caridade. He grande, porque aplaca hum; e he mayor, porque dà occafiaõ a fe levantar outro. He o fucceffo taõ plaufivel, que ainda aos que o prefenciàraõ, ou ouviraõ, naõ caufára enfado a fua relaçaõ. No penultimo affalto, que no anno paffado deu a morte ao Excellentiffimo Duque, quando fahio do feu palacio para os banhos das Caldas, fe vio o Rocio defta Corte cuberto de innumeraveis pobres; que chorando todos na falta do Excellentiffimo Duque a do foccorro para as fuas neceffidades, fe queixavaõ em laftimofas vozes, de lhe faltar o feu pay, o feu remedio, e o feu amparo. Oh que harmoniozo clamor para os ouvidos da Caridade! Oh que viftofo motim para os olhos da compaixaõ!

Mas efta foy a unica vez, em que os clamores dos pobres naõ foraõ bem ouvidos do Excellentiffimo Duque. Porque a pobreza abria para os applaufos aquellas bocas, a quem tantas vezes tinha morto a fome a fua caridade, fem aplacar o motim, que levantava aquelle agradecido clamor, por fugir à vaidade, fugio entaõ da pobreza. Affim lemos, que Chrifto fugira daquelle mefmo

mo motim, e tumulto de pobres, que tinha alimentado no dezerto: *Fugit in montem.* Levantàraõ entaõ os pobres as vozes, canonizãdo Profeta a quẽ tinhaõ experimentado caritativo: *Illi homines ...dicebant: Quia hic est verè Propheta.* E para Christo naõ ouvir o agradecimento, fugio para o monte. Podia no dezerto continuar na pobreza a mesma occasiaõ de necessidade; mas por naõ cobrar redditos de applausos, fugio entaõ dos seus clamores: *Fugit in montem.*

Joann.6.15.

V.14.

Naõ só hum dia do anno, mas por muitos annos, e todos os dias tinha o Excellentissimo Duque alimentado aquella turba de pobres. Por mais, que a sua cautela recatasse o conhecimento das esmolas, que fazia, sabemos, que gastava todos os seus soldos, e todos os seus ordenados, fazendo aos pobres herdeiros dos seus serviços; pois quanto merecia no serviço do Reyno, queria que se désse em beneficio da pobreza. Somma era taõ grande, que a naõ ser repartida com tanto acerto, pareceria prodigalidade. Mas como das suas esmolas naõ queria outro premio, que o do Ceo, fugio aos applausos da terra. Mas fuja muito embora Vossa Excellencia, fuja aos applausos, que se estes saõ sombras, que seguem a quem lhes foge, o fugir ao agradecimento serà dobrar o credito, e o fugir à fama, serà engrandecer o nome: *Magnus secundùm nomen suum, maximus in salutem electorum.*

TERCEIRO PONTO.

FInalmẽte o ser maximo para a utilidade dos escolhidos he o ultimo elogio dos dous Duques, da figura, e do figurado. Os escolhidos do Reyno saõ os illustres, e os Fidalgos, e destes foy tanta utilidade o Excellentissimo Duque, que parece queria fazer contagiosa a todos a sua grandeza. Em qualquer alteraçaõ sempre foy o Norte, por cujos influxos dirigiraõ todos os seus acertos. E para que cedesse em beneficio commum, o que era utilidade dos particulares, mostrou, sendo primeiro Plenipotenciario das pazes, que as Capitulaçoẽs, em que os particulares livravaõ as glorias, seguravaõ ao commum as conveniencias. Foy o Iris, que firmou os pactos, e estabeleceu as Escritturas, fazendo, que os mesmos Artigos de seguro para a terra, fossem de luzimento para o Ceo. Commetteraõ-lhe os nossos Serenissimos Monarcas o manejo dos mayores negocios, e na feliz conclusaõ de todos soube dezempenhar o titulo de Maximo para a utilidade dos

dos escolhidos. O mesmo Texto, que firma o conceito, individùa todas as acções.

A satisfaçaõ, com que David cubrio a indecencia da Magestade, quando rompeu em lagrymas o sentimento, que teve pela morte de Abner, foy este elogio do Heroe defunto: *Princeps, & maximus cecidit hodie in Israel.* Morreu hum Principe, que com as suas acções mereceu em Israel o titulo de Maximo. Era Maximo, por ser hum tal General dos exercitos junto à pessoa, era Maximo, por estar muito aparentado com o sangue Real: era Maximo, porque procurou o socego, e paz para todo Israel, era Maximo, porque segurou no seu throno a David, extendendolhe os dominios: era Maximo, porque fez dar a David huma tal esposa como Micol. Era Maximo, porque foy taõ fiel, e obediente ao seu Rey, que com o seu exemplo ensinava a todos os principaes a observarem seus preceitos, e determinações. E Heroe, de cujas acções, e politicas resultavaõ ao Rey, ao Reyno, e aos Grandes tantas conveniencias, bem merecia sobre os respeitos de Principe as venerações de Maximo: *Princeps, & maximus.*

2.Reg.3.38. Ib.v.1.3. C.3.18. V.21. V.16. V.17.

De pouc. applicaçaõ necessita o Texto; mas para o mostrar mais ajustado repetirey o Commento de Saliano: *Dolebat principem virum, Regio sanguini conjunctissimum, prudentiæ & fortitudinis laude clarissimum, regnoque suo utilissimum.* Parecendo indecencia nas Magestades as demonstrações de lagrymas, se calificàraõ as de David na morte de Abner, por ser hum Principe, aonde o sangue Real, a prudencia, a fortaleza, e a utilidade do bem commum deixavaõ na sua falta huma maxima perda, e desculpavaõ o chorar a perda de hum maximo: *Princeps, & maximus.*

Salian. in Epit. ad ann. 2989.

Applique o Texto a experiencia, e repita no Excellentissimo Duque o mesmo titulo a verdade, em quanto eu lhe descubro mais avantejados creditos de Maximo ou na promptidaõ, com que facilitava, e expedia as pretensões de todos, ou na synceridade, com que dirigia, e adiantava a todos as pretenções. Vede he esta, que podem testemunhar muitos dos que hoje existem premiados, e deveraõ o premio, à informaçaõ do Excellentissimo Duque, que fez os seus serviços conhecidos. No favor, e agrado dos nossos Serenissimos Reis teve a entrada devida a hum vassallo a todas as luzes grande; mas se conseguia a entrada, era para facilitar aos outros a porta. Seguro da propria grandeza, porque com ella enchia tudo, com ella queria accommodar a topos.

No

No Vacuo dizem os Filozofos que ſe naõ dà *Ubi*, e que ninguem pòde là ter lugar; e naõ he outra a razaõ mais, que o naõ ſer chea a ſua grandeza. O vaõ, e o deſvanecido naõ cabe com outrem, nem outrem pòde caber com elle. Aſſim ſe experimentou jà no irmaõ mais velho do Prodigo, que por ſaber eſtava o Prodigo accommodado, e bem aceito, naõ queria entrar em caza: *Indignatus nolebat introire.* Mas logo moſtrou a ſua vaidade, degenerando em jactanciozo dos ſeus merecimentos: *Ecce tot annis ſervio tibi, & nunquam mandatum tuum præterivi.* E como era vaõ, ou vacuo, nem havia de dar lugar a outrem; nem havia de conſeguir que outrem tiveſſe lugar: *Indignatus nolebat introire.*

Luc.15.28. V.29.

Na grandeza da Fidalguia corre filozofia diverſa, que na grandeza dos corpos; os corpos, quanto mayor quantidade tem, tanto mais apartaõ aos outros de ſi, e mais lhes impedem o lugar. Mas a Fidalguia, quanto mais creſce, quanto mais ſe exalta, a tantos mais accommoda. O certo he, que ſó dà lugar a todos, quem por Maximo enche todos os lugares.

Monte grande chama a Eſcrittura àquella pedra, que proſtrando a Eſtatua, encheu a terra toda com a ſua grandeza: *Factus eſt mons magnus, & implevit univerſam terram.* Mais, que na monſtruoſidade da ſua grandeza, reparo em que, dizendo-ſe, que a pedra enchia a terra toda, tudo o que tem a terra, coubeſſe com a pedra. E aonde cabiaõ as Villas, as Cidades, e os Reynos com todos os ſeus edificios, ſe a pedra correſpondia a todos os eſpaços? Aonde cabiaõ todos os homens com todos os mais viventes, ſe a pedra enchia todos lugares: *Replevit univerſam terram*? Anniquilaraõ-ſe por ventura todos os outros corpos, para darem o Mundo todo por lugar à pedra? Naõ. Pois cabem no meſmo Mundo, que a pedra enche todo? Sim; que iſſo he ſer a pedra chea de grandeza: *Magnus*, e ter huma tal grandeza, de que toda a terra poſſa ficar chea: *Implevit.* Se nella houveſſe vacuo, ninguem com ella poderia caber, e ninguem com ella teria lugar. Por iſſo meſmo, que era grande eſta pedra, era pedreira para accommodar a todos. Com ella couberaõ, e ſe accommodàraõ as Sylvas, e os Prados, os Rios, e as Fontes; as Torres, e as Atalayas; as Villas, e as Cidades; os Montes, e os Valles; os grandes, e os pequenos: *De plenitudine ejus accipiunt omnes*, diz aqui a Interlineal. E ficou ſendo evidente demonſtraçaõ da ſua grandeza: *Mons magnus*, o ter toda a terra lugar com ella, quando ella enchia todos os lugares da terra: *Implevit univerſam terram.*

Dan.2.35.

Neſta

Nesta pedra se havia de abrir o epitafio ao Excellentissimo Duque; pois conhecendo com a sua grandeza os ambitos da terra, se vem taõ altos edificios cabendo, e accommodando-se na sua grandeza, jà por se aparentarem com a sua caza, jà por lhe segurar os lugares o seu respeito. Ainda que os montes tenhaõ de si a exaltaçaõ, nesta pedra, que tudo encheu, se alargou o seu lugar: ainda que os valles sejaõ abatidos, com a grandeza desta pedra ficáraõ accommodados. Mas assim mostrou, que se para encher a toda a terra, havia de ser maxima a sua grandeza, para servir à utilidade de tanto era necessario, que a sua grandeza fosse maxima: *Maximus in salutem electorum.*

Mas jà que se me naõ permitte descreverlhe Epitafio, porque naõ he justo se tema que caya das memorias quem vivirà sempre nos corações, abrirey ao menos hum escudo, em cuja empreza dè a conhecer pelos effeitos da devoçaõ grande parte de tamanho Heroe. Abrirey nesta pedra hum escudo de Armas, em cujo campo roxo se descubra huma imagem do Senhor dos Passos. Assim quer meu Pay o grande Agostinho, que esta pedra, que vio Daniel, seja figura de Christo: *Lapis Dominus noster Jesus Christus.* E como allude à occasiaõ, em que a reprovàraõ os Judeos: *Ipse dictus est lapis, quem reprobaverunt ædificantes*, nos Passos, em que experimentou esta reprovaçaõ por obra, tem ajustada semelhança.

Div. Aug. in Psal. 98.

Esta imagem pois aberta na pedra, ou a pedra symbolizando esta imagem terà no escudo por timbre huma Cruz floreada. Assim a admittio Christo em figura, quando trouxe o Iris na cabeça: *Iris in capite ejus*, porque sendo o Iris o que influe nas flores, ou sendo todo de flores o Iris, e reprezentando se nelle a Cruz: *Crux in Iride repræsentatur*, disse o Alapide, viesse a ser floreada a Cruz, que Christo punha por timbre do escudo, em que apparecia a sua imagem. E se a Cruz floreada he o brazaõ dos Pereiras, venha este Pereira a gozar o premio de alcançar no Ceo hum throno pelo mesmo Senhor dos Passos, a quem consagrou os frutos da sua devoçaõ, e a sombra do seu zelo como cuidadozo Provedor.

Apoc. 10. 1.

Alapid. hic.

Por este escudo de Armas requereraõ execuçaõ daquelle Alvarà de lembrança, que entre os incendios da Çarça passou Deos a favor de Abrahaõ, Isaac, e Jacob, como primeiros, e devotos Irmãos, e Provedores dos Passos: *Hoc memoriale meum in generationem, & generationem.* Para que havendo espinhos, em

Exod. 1. 15.

 que

que o Purgatorio ſymbolizado nos incendios da Çarça ateaſſe as ſuas chammas, deixaſſe logo de aſſuſtar as folhas; e trocado o lugar pela terra Santa do Empyreo, foſſe gozar do premio de ſua ardente caridade, e devotos exercicios. E tambem pelos ſerviços, que na paz, e na guerra fez a eſte Reyno, a que Chriſto chama ſeu, và eternamente deſcançar em paz. Amen.

A Or-

A Ordem Terceira de Saõ Franciſco da Provincia de Portugal, attendendo a haver ſido o Duque tres vezes ſeu Miniſtro, e ultimamente Enfermeiro mór, e às grandes eſmolas, que lhe havia feito, e ao profundo reſpeito, que ſempre teve aos filhos de Saõ Franciſco, determinou fazerlhe humas Exequias. Elegeo para ellas o dia vinte de Fevereiro, em que a Igreja daquelle Convento ſe achava excellentemente armada para a feſta das Quarenta horas. No ſeu Cruzeiro, que he grande, ſe formou huma Eça de boa architectura, guarnecida de admiraveis télas de ouro, e prata com grande numero de luzes, e ao redor della ſe liaõ eſcritos em excellentes tarjas eſtes dous Sonetos, e eſtes quatro Epigrammas, obra elegante do feliciſſimo engenho do Padre Frey Franciſco Xavier de Santa Thereſa, Religioſo Obſervante de Saõ Franciſco.

SONETO

DE Cedros triſtes naõ, de haſtas quebradas,
De pedaços de Eſcudos horroroſos,
Em fórma de obeliſcos glorioſos,
Saõ deſta Pyra as partes fabricadas.
Pyramides de porfido lavradas,
Simulacros de jaſpe ſumptuoſos
O Feretro naõ ornaõ, bellicoſos
Eſcudos ſim ſe vèm, Elmos, e Eſpadas.
Alli gemido triſte naõ ſe admira,
O pranto eſtà ſuſpenſo em doce calma,
Mas o rouco Clarim no ar reſpira.
E como em honra deſta illuſtre Alma
Em lugar de Cipreſtes junto à Pyra
O louro reverdece, creſce a palma.

OUTRO.

OUve oh alma feliz, neste conflicto
Da dor geral, e do geral tormento
O que te diz por voz do sentimento
De Marte o povo, e o que te deixa escrito.
Vé com que magoa o Lusitano invicto,
Trocando em luto o seu contentamento,
Duas Urnas de lagrymas attento
Hoje te offerece, e te consagra afflicto.
Huma he do Mondego, que nas aguas,
Que aos olhos emprestou, faz com que sinta
O peito Portuguez mayores fragoas;
Outra do Tejo, que com voz succinta
Diz, nesta Pyra jaz de eternas magoas
Mais que em mil ruinas Lusitania extincta.

AD TUMULUM

EXCELLENTISSIMI D. D. NONII ALVARES PEREIRA Principis è Regio sanguine, Ducis do Cadaval, Marchionis de Ferreira, Comitis de Tentugal, &c.

EPIGRAMMA.

SI superis lacrymare foret fas, inclite Princeps,
Nunc etiam lacrymas hi tibi sponte darent.
Te tamen extincto, armipotens hastilia Mavors
Fregit, & impavidas nescit habere manus.
Sed quamvis homines, Divos que hæc funera tangant,
Nulli plus tristi, quàm mihi flere licet.

Aliud.

Felices animæ, quibus is Comes ipse per umbras,
Et datur Elysium sic habitare nemus.

Infelix

Infelix ego, cui tecum ſimul eſſe volenti
Vivere nec tecum, nec periiſſe datur.

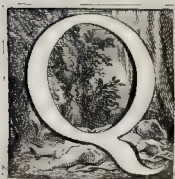
TERTII ORDINIS S. FRANCISCI QUERULUS PLANCTUS, utpote matris amantiſſimæ de Obitu dilectiſſimi filii ſui Excellentiſſimi Principis Nonii Alvares Pereira Ducis do Cadaval, &c.

NAtus hic extinctus, quẽ nunc quaſi mortua ploro
Lux miſeræ vivens unica Matris erat.
Natus erat vivens charæ genitricis ocellus
Unicus, hunc Lacheſis noxia ſubripuit.
Cur me Lætitiam reliquæ dixere parentes?
Triſtitiam nunc me dicere quæque poteſt.

Aliud.

Sunt mihi complures geniti; non unicus ortu
Hic erat, at lacrimis unicus iſte fuit.
Quis putet infandum dictis lenire dolorem,
Pignore tam grato deficiente mihi?
Heu! Niobes ſortem nunc exoptare ſecundam
Par erat; at Mater non lapis eſſe poteſt.

Cantado o Officio, e a Miſſa, a que aſſiſtio grande numero de Nobreza, Religioſos, e Povo, ſubio ao Pulpito o Padre Frey Antonio de Saõ Boaventura, Lente Jubilado, e Cuſtodio da Serafica Provincia de Portugal, e com grande ſatisfaçaõ dos Ouvintes diſſe o Sermaõ, que ſe ſegue.

Quando morietur, & peribit nomen ejus? Psalm. 4. n. 6.

QUE morra hum Heroe daquelles, que a fama collocou na esféra das mayores estimaçoẽs, e que haja tempo determinado, em que se acabe huma taõ gloriosa vida, he duvida, que teve na Escritura reposta; mas que morra, e acabe o nome, que lhe grangeou a mesma fama nas acçoẽs heroicas, que fez, e que haja tempo prefixo para a sua lembrança, naõ sey que tenha reposta, ainda que sey muito bem, que jà se excitou esta duvida. Perguntou David em certa occasiaõ a Deos quantos seriaõ os dias da sua vida: *Quot sunt dies servi tui?* Esta a pergunta de David em quanto à duraçaõ da vida; vejamos agora a reposta, que elle mesmo tinha dado antes a esta pergunta: *Dies annorum nostrorum septuaginta anni, si autem in potentatibus octoginta anni, & amplius eorum labor, & dolor.*

Psalm. 118. n. 84. Psalm. 89. n. 10.

O que eu posso viver, diz David, saõ setenta annos, e se as forças naturaes forem vigorosas, poderey chegar aos oitenta, que dahi para diante serà a velhice molesta, laboriosa, e enferma: *Postea verò erit in molesta, laboriosa, & infirma senectute*, diz Thomàz le Blanc commentando este lugar. Esta a pergunta, e a reposta do que hum grande Heroe pòde viver; vejamos agora se tem reposta a pergunta do quanto o seu nome póde durar. O nome deste Varaõ insigne, que na dilatada vida de setenta, ou oitenta annos fez taõ heroicas proezas, que com ellas adquirio hum

Thom. le Blãc. tom. 4. ibi. pag. 1629.

hum grande nome, quando acabarà para os applausos? Que tempo poderà durar para as veneraçoẽs: *Quando morietur, & peribit nomen ejus?* Ficou-lhe o nome depois da morte; mas quando se perderà este nome da memoria? Quando deixarà este nome de ser applaudido pela fama: *Nomen eius quoad famam?* Commenta Hugo.

Hug. tom. 2. ol. 107. col. 4.

No Texto sey que se naõ acha a reposta desta pergunta; mas como a fama vozeava este nome para os applausos, como a memoria retinha este nome para os creditos, serà este nome eterno, nunca acabarà este nome: *Bonum autem nomen permanebit in æternum*, accrescenta o mesmo Cardeal. Eternizou-o sem duvida a sua bondade, certamente o immortalizou a sua virtude, nunca acabarà este nome na lembrança dos mortaes: porque nome, que adquiriraõ as proezas de hum Heroe insigne, qualificado com as operaçoẽs de muitas virtudes heroicas, exercitadas em huma vida taõ louvavel, como preciosa, naõ se ha de perder com a mesma vida, hade passar muito àlem da sepultura, e por isso ainda se està perguntando quando morrerà este nome: *Quando morietur, & peribit nomen ejus?*

Morreo o Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, quinto Conde de Tentugal, quarto Marquez de Ferreira, e primeiro Duque do Cadaval; que sensivel perda de huma taõ desejada vida! Que fatal golpe da mais inexoravel Parca! Morreo o Pay da Patria, o zelador da justiça, e o protector da pobreza, em cujos olhos nunca se enxugaràõ as lagrymas, porque pela sua falta se representaõ irremediaveis as perdas. Morreo aquelle famoso Heroe, que na Corte teve sempre a primeira estimaçaõ dos Reys, na Guerra a mayor veneraçaõ dos Soldados, e na paz o commum applauso dos Povos. Aquellas heroicas virtudes participadas do illustre sangue, que por duas vezes, ou por dous principios se lhe derivou da Serenissima Casa de Bragança, lhe foraõ encadeando de sorte as principaes dignidades, assim militares, como politicas, que parece o buscavaõ mais para se honrarem a si, do que para o honrarem a elle.

Morreo cheyo de annos, e coroado de triunfos, porque ainda que passou alèm dos oitenta, que David assignalou à compreiçaõ mais robusta: *In potentatibus octoginta anni*, todos os mais passou em huma velhice molesta, laboriosa, e enferma: *Et amplius eorum labor, & dolor.* Morreo emfim, porque era mortal; mas jà que sabemos que acabou felizmente a vida, quando se perderà

derà o ſeu nome da lembrança: *Quando morietur, & peribit nomen ejus?* Perderſe-hà algum dia eſte nome da memoria, deixaràõ os mortaes em algum tempo de ſe lembrar deſte nome? Naõ por certo, porque como hum nome grande ſempre eſtà pedindo attençoẽs de lembrado, ſeria o eſquecimento hum grande aggravo deſte nome, e por iſſo a fama o eternizarà rubricado com caracteresd e huma perpetua lembrança nos meſmos annaes da fama: *Bonum autem nomen permanebit in æternum.*

A eſte Heroe, pois, cuja grandeza conſidera a noſſa veneraçaõ reduzida a huma breve Urna, ſendo para ella todo hum Mundo pequena esféra, dedica a Veneravel Ordem Terceira eſtes funebres obſequios, em que deſempenha agradecida os ſeus ſentimentos. Chora, e com muita razaõ chora eſta Veneravel Ordem a perda de hum filho o mais affectivo, de hum Miniſtro o mais zeloſo, de hum Enfermeiro o mais caritativo, em fim de hum Duque do Cadaval, que toda a ſua vida a ſervio, e honrou caritativo, zeloſo, e affectivo. Serà pois neſta funebre Oraçaõ o meu empenho enxugar, quanto me for poſſivel as lagrymas deſta amoroſa Mãy com a lembrança de huma morte ditoſa, e com o ſeguro de huma lembrança perpetua. A felicidade moſtrarey no quando da morte, e a perpetuidade no quando do nome; em huma morte ditoſa por eſperada, e em huma lembrança perpetua por merecida: *Quando morietur, & peribit nomen ejus?*

PRIMEIRO PONTO.

MOrreo o Excellentiſſimo Duque do Cadaval, porque he penſaõ da natureza humana o morrer: *Statutum eſt hominibus ſemel mori*; mas parece que morreo como os mais naõ morrem, porque os mais ordinariamente morrem, quando a morte os buſca, porèm elle morreo buſcando a morte. Aos mais buſca a morte, porque vivem em hum perpetuo deſcuido, elle para morrer buſcou a morte, porque ſempre trazia nella o cuidado. Aſſim vivia deſenganado, e aſſim trazia a lembrança na conta, que parece naõ era a ſua vida mais que eſta lembrança. Saõ os deſcuidos da morte muito proprios nos Soberanos, porque cegos, e quaſi dementados com a ſua vaidade, ou vivem como ſenaõ foſſem mortaes, ou ſe deſcuidaõ como ſe foſſem eternos; e daqui naſce, que ſe a morte lhes manda pelo caminho de huma enfermidade hum correyo, tudo ſaõ ſuſtos, porque ſe naõ lembravaõ da morte.

Ad Hebræos n.27.

Mandou

Mandou Deos noticiar a Ezechias, que fosse dispondo da sua casa, porque se lhe hia acabando a vida: *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives.* Isaias foy o que levou esta nova ao Rey, mas que se seguio a esta nova? O mesmo Profeta o disse: *Flevit Ezechias fletu magno.* Chorou inconsolavelmente assustado, temeroso, e confuso. Pois Ezechias naõ havia de morrer? Sim, mas naõ se lembrava da morte Ezechias. A morte buscava-o a elle, porque elle se naõ lembrava da morte, e por isso esta triste nova o deixou temeroso, porque o achou descuidado: *Flevit Ezechias fletu magno.* Era para o nosso Excellentissimo Duque hum só dia da sua morte todos os dias da sua vida, porque naõ houve dia, que naõ fosse de morto, por serem todos os dias de desenganado. Trazia a consideraçaõ no seu sepulchro, e reparando que nas mesmas cinzas dos seus progenitores haviaõ de ir parar as suas grandezas, morreo para o gosto, vivendo só para o desengano, porque foy cada dia da sua vida huma morte na sua lembrança.

Isai cap. 38. n. 10.

Chegoulhe o primeiro correyo da morte pela posta horrivel de hum accidente: *Dispone domui tuæ, quia morieris*; mas como jà a esperava de aviso, naõ lhe causou esta nova o minimo susto. Recebeo-a com grande conformidade, porque como trasia a morte na lembrança, naõ lhe fez horror a morte. Preparou-se com Confissoẽs mais repetidas, com esmolas mais copiosas, e com Oraçoẽs mais continuas, porque conheceo que todos os dias morria. Grande maravilha para hum Soberano, em que a morte tem pela muita vaidade da sua parte o descuido! Huma vez só se diz na Escritura por grande maravilha, que o Sol conhecera o seu Occaso: *Sol cognovit occasum suum.* E sey eu que na mesma Escritura se falla muitas vezes no Oriente, e no Occaso do Sol: *Oritur Sol, & occidit. A solis ortu usque ad occasum.* Pois hade repetir tantas vezes, que o Sol nasce, e que o Sol morre, e só huma, que conheceo o seu Occaso o Sol? Sim, que he o Sol emblema de hum sogeito Soberano, e a todas as luzes conhecido, e que este sugeito no Sol morra, e no Sol nasça, isso he pensaõ da mesma natureza. Ha de acabar, porque chegou a nascer: *Oritur Sol, & occidit.*

Psal. 103. n. 19. Ecclesiast. cap. 1. n. 5. Psal. 49. n. 1.

Mas que hum sogeito taõ luzido como o Sol, quando se vè no Zenith das estimaçoẽs, o naõ ceguem os mesmos resplandores, com que brilha, e que veja o occaso, onde hade morrer, que chegue a conhecer a Urna, aonde se hade sepultar, este conhecimento ha de ser unico, porque he huma rara maravilha este conhecimento: *Sol cognovit occasum suum.* Que hum Heroe taõ inclyto,

como

como o Excellentissimo Duque do Cadaval, morra, he estatuto, he ley, a que està sugeito quem nasce, ainda que nasça taõ luzido como o mesmo Sol: *Oritur Sol, & occidit*; mas que no auge das honras, cabal satisfaçaõ de tanto merecimento, conheça este Sol o seu occaso, traga este Sol os olhos no seu Sepulchro, he huma maravilha, que só huma vez no Sol se viò, e outra em hum Heroe taõ dezenganado, que soube imitar ao Sol: *Sol cognovit occasum suum.* Abrio os olhos ao Correyo, que huma vez lhe mandou a morte, e naõ houve depois dia, em que naõ trouxesse a morte diante dos olhos. O seu Sepulchro era toda a sua meditaçaõ, o seu occaso era toda a sua lembrança; mas que ditozo o que conhece que he mortal!

Eu, dizia o Santo Job, sey muito bem que as minhas miserias converteraõ a noute no dia do dezengano, e por isso depois das trevas da minha desgraça espero a luz da mayor fortuna: *Noctem verterunt in diem, & rursum post tenebras spero lucem.* O Cardeal Hugo commentando este lugar diz que Job firmemente esperava ser a luz da claridade eterna o logro da sua esperança: *Spero lucem claritatis aeternae.* Grande felicidade esperava Job; mas quem lhe seguraria esta felicidade? Seria por ventura aquella constancia de animo, com que permaneceu immovel em huma tempestade desfeita de desgraças, e infortunios? Naõ, mas foy o abrirlhe o toque da maõ de Deos os olhos para o dezengano, trazendo sempre a consideraçaõ no seu Sepulchro: *Solum mihi superest Sepulchrum.* Sim? Pois como naõ esperaria Job huma felicidade eterna, se trazia no Sepulchro huma consideraçaõ continua? Assim foy, morreu ditozo, porque a lembrança da morte o trouxe sempre dezenganado: *Post tenebras spero lucem claritatis, &c.*

Job. cap. 17. n. 12.

Hug. tom. 1. ibi. fol. 4. 19.

ibid n. 1.

Noto eu huma grande differença em conhecer cada hum que he mortal, e considerar cada hum na sua mortalidade. Para conhecermos que somos mortaes, basta vermos que os outros vaõ morrendo; porèm para conhecermos a nossa mortalidade, he necessario assentarmos com nosco, que havemos de morrer. Quem só conhece que he mortal, deixa a morte atraz, porque a vio nos outros. Quem considera a sua mortalidade, leva a morte diante, porque a vè em si. De sorte, que morre antes, para morrer bem depois. No mesmo Texto de Job temos a prova. Diz que lhe restava o Sepulchro, sem primeiro dizer que a morte lhe restava: *Solum mihi superest Sepulchrum.* Mas isto naõ pòde ser, porque o Sepulchro segue-se a hum homem morto, e naõ se segue a hum homem

homem vivo. Quem vive, primeiro hade morrer, e depois he que se hade sepultar. Pois porque naõ diz Job, quando ainda està vivo, que lhe resta a morte, e depois a sepultura; mas lembra se da sepultura sem primeiro passar pela morte?

Sim, e porque? Porque quem se lembra da sepultura, que he o que se segue à morte, jà com a consideraçaõ passou pela morte, para chegar à sepultura. Melhor. Quando se lembrou da sepultura vivo, jà na consideraçaõ se achava muito de antes morto: *Solum mihi superest Sepulchrum.* Duas mortes podemos considerar no nosso grande Heroe o Excellentissimo Duque do Cadaval, huma morte antes, e outra morte depois. A morte depois foy a que quiz Deos, e a morte de antes foy a que elle quiz. A morte de depois foy morte na realidade, a morte de antes foy morte na consideraçaõ, e porque primeiro morreu na consideraçaõ para si, por isso depois morreu na realidade para Deos. Bemaventurados saõ, diz o Evangelista Profeta no seu Apocalypse, os mortos, que morrem em Deos: *Beati mortui, qui in Dòmino moriuntur.* O Paradoxo desta sentença profetica bem claro està, porque os que morrem, naõ saõ os mortos, pois he certo que os que morrem saõ os vivos.

Apocal. cap. 14. n. 13.

Nasce o homem, vive o tempo, que vay entre o Oriente, e o Occaso, que muitas vezes naõ chega a ser tempo, e depois morre. Pois se isto he o que succede ordinariamente nos mortaes, morrerem os que estavaõ vivos, como diz o Evangelista que morreraõ os que estavaõ mortos: *Mortui moriuntur?* Disse bem, e disse o que havia de dizer. Falava o Evangelista dos que morriaõ em Deos: *In Dòmino.* E quem hade morrer na realidade em Deos, primeiro hade morrer na consideraçaõ em si. Quem morre, porque sempre viveu para si, morre para si, e poderà ser que tambem morra para Deos. Quem morre, porque primeiro morreu em si, morre em Deos, e em si morre. Segue-se a mayor felicidade a duas mortes, segue-se a hum morrer depois de outro morrer, e por isso morre em Deos quem assim morre: *Bea-i mortui, qui in Dòmino moriuntur.* A' huma hora depois da meya noute do dia vinte e nove de Janeiro deste prezente anno acabou esta mortal vida o Excellentissimo Duque do Cadaval, e conhecendo, que era chegada a hora, sem duvida que naquella ultima afflicçaõ se prepararia com fervorozos actos de contriçaõ para a conta.

Havia de morrer em Deos, e por isso mysteriosamente rompeu naquellas palavras, que disse o mesmo Christo quando morreu:

reu: *In manus tuas, Dòmine, commendo ſpiritum meum.* Senhor, nas voſſas mãos entrego eſta Alma, que me dèſtes, e proferidas com devota ternura eſtas palavras, eſpirou taõ placida, e ſocegadamente, que naõ perceberaõ os circunſtantes hum arranco, nem ainda hum leve ſuſpiro. Piamente podemos crer que morreu em Deos, porque muito antes ſe conſiderava jà morto em ſi. Andava eſte inclyto Heroe ſempre com a lembrança no ſeu Sepulchro. E quem aſſim ſabe antes morrer em ſi, tambem aſſim morre depois em Deos. Morre em Deos para a felicidade quem morre primeiro em ſi pela conſideraçaõ: *Beati mortui, qui in Dòmino moriuntur.* Mas ſe ſe acabou taõ ditoſamente a vida deſte famozo Heroe, quando ſe acabarà o ſeu nome? *Quando morietur, &c.*

Luc. cap. 23. n. 46.

SEGUNDO PONTO.

TEm a morte juriſdicçaõ na vida, mas naõ tem a morte juriſdiçao na fama. Tudo com a vida ſe acaba, mas hum bom nome nunca acaba com a vida. Por iſſo diſſe o Eſpirito Santo nos Proverbios que hum bom nome era melhor, do que muitas riquezas: *Melius eſt nomen bonum, quàm divitiæ multæ.* Sim; porque as riquezas, quando muito, duraõ em quanto o homem vive; porèm o bom nome dura muito àlem da vida do homem. As riquezas muitas vezes naõ chegaõ à ſepultura, porque ou na vida ſe gaſtàraõ, ou com a morte ſe perderaõ. Naõ porèm aſſim o bom nome, que ſe adquire na vida, porque dura em quanto o homem vive, e dura tambem depois que o homem morre. Mas reparo eu advirtir a Eſcrittura, que eſta felicidade da duraçaõ era ſó de hum nome bom: *Nomen bonum*, e qual ſerà eſte nome? Digo que naõ he aquelle, que eu a mim me ponho, ſenaõ aquelle, que he filho das heroicas obras, que faço.

Proverb. cap. 22. n. 1.

Depois de divididos os filhos de Noè pelo Mundo, ſe ajuntàraõ alguns, que na fabrica de huma torre quizeraõ que o ſeu nome foſſe celebre: *Celebremus nomen noſtrum.* Mas eſte nome, que duraçaõ teve? A meſma duraçaõ, que teve a fabrica. Veyo Deos, e confundio a ſua vaidade na variedade de linguas, que lhes infundio para ſenaõ entenderem; e como ceſſou a fabrica, ceſſou tambem com ella o nome: *Diviſit eos Dòminus ex illo loco*, e porque? Porque eſte nome naõ era filho das ſuas obras, era filho das ſuas vaidades. Era hum nome, que elles meſmos ſe puzeraõ, era hum nome, que elles meſmos celebràraõ: *Celebremus*

Genef. cap. 11. n. 4.

nomen nostrum. Como poderia acabar o nome, que o nosso inclyto Heroe mereceu pelas heroicas proezas, que obrou? Sem duvida, que viverà eternamente na nossa lembrança, porque aquella mesma virtude, com que as proezas se obraõ, lhes dà huma nova vida, com que depois da morte se eternizaõ. De muito pouca idade entrou o nosso Excellentissimo Duque nas Campanhas, e jà o Serenissimo Rey Dom Joaõ o Quarto de saudosa memoria fiava delle os empregos da mayor importancia, como se fosse hum Soldado de grande experiencia.

Foy em hum, e outro governo, militar, e politico Arbitro desta Monarquia, porque desde o principio atè o fim da sua vida se naõ obrou acçaõ, e se naõ intentou empreza sem o seu parecer. Ajudou nas mayores difficuldades aos Reis com o conselho, e juntamente com o esforço, achando-se em varios encontros, e batalhas nas Provincias do Alemtejo, e Beira. Deu à Patria cõ o esforço a vida na sua restauraçaõ; e com a vida lhe deu tambem o ser, como Pay da mesma Patria; de sorte, que foy Pay pelo esforço daquella mesma Patria, que lhe deu o nascimento, porque por meyo do seu valor lhe deu a vida, quando lhe deu a liberdade. Em duas occasiões entre muitas acho eu aos Israeliras favorecidos de Deos, huma assistindo-lhe com o titulo de Senhor, de que se fala no Capitulo nono do Exodo: *Hæc dicit Dòminus Deus Hebræorum*, e outra assistindo-lhe com o titulo de Pay, de que se trata no Capitulo trinta e hum de Jeremias: *Factus sum Israeli pater*. Pois se Deos de todos he Pay, e em toda a occasiaõ o he, porque lhes deu o ser, que razaõ haverà, para que falando dos mesmos Israelitas, que foraõ sempre os filhos do seu amor, em huma occasiaõ os trate como servos, e em outra os trate como filhos? Aqui Pay: *Pater*, e acolà Senhor, *Dòminus*?

Exod. cap. 9 n. 1.

Jerem. cap. 31. n. 9.

Sim; porque na primeira occasiaõ olhava Deos para os Israelitas, como homens, que creou, e deu o ser; e na segunda occasiaõ olhava Deos para os Israelitas, como cattivos, a quem remio, e deu a liberdade: *Redemit enim Jacob, & liberavit eos de manu potentioris*. E parece que he mais proprio o nome de Pay em Deos, quando dà a liberdade, do que quando dà o ser; e por isso na creaçaõ he Deos Senhor, e saõ os Israelitas servos: *Dòminus Hebræorum*; e na liberdade he Deos Pay, e saõ os Israelitas filhos: *Factus sum Israeli pater*. Nasceu a Patria nas mãos do nosso inclyto Heroe, porque na liberdade, para que concorreu, e que ajudou a conservar, lhe assentou bem o titulo de Pay da Patria. Naõ fo-

Ibid. n. 11.

ra

ra Pay, se a edificàra, e naõ a remira; naõ fora Pay, se lhe dera o ser, e naõ lhe dera a liberdade: *Liberavit eos de manu potentioris, factus sum pater.* Mas que vozes naõ estaõ dando tantas proezas heroicas na memoria dos homens para eternizarem o seu nome? Poderia a inexoravel Parca cortar lastimosamente os fios de huma taõ preciosa vida; mas nunca poderà tirar o nome da nossa lembrança. Nella terà huma vida perpetua, porque a liberdade, que deu à Patria, lhe farà com o nome eterna a vida.

De Judas, aquelle famozo Heroe, que entre os Macabeos foy grande defensor da Patria, diz a Escrittura, que tivera hum tal nome, que nenhum tempo o tiraria da memoria dos homens: *Et in sæculum memoria ejus in benedictione.* Mas que proezas seriaõ estas, que eternizàraõ o seu nome? Sempre os mortaes o haõ de trazer na memoria? Nunca os homens o haõ de perder da lembrança? Sempre immortal o seu nome? Sim; que foy o defensor da Patria, que se lhe naõ deu o ser, lhe deu com o valor a liberdade. Ouvi o Texto: *Et repulsi sunt inimici præ timore, & omnes operarij iniquitatis conturbati sunt, & directa est salus in manu ejus.* Pelo seu valor foraõ lançados fóra da Patria os inimigos; pela sua militar industria se desfizeraõ as maquinas, e idèas, com que os operarios da maldade solicitavaõ a sua ruina, e pela sua maõ se restituhio à mesma Patria a saude, porque o seu esforço lhe conservou a liberdade. E quem dà à Patria a vida, razaõ he que se eternize na fama. Conte seculos de lembrado hum nome taõ gloriozo, porque se a morte pode tirar a este Varaõ Illustre os alentos, naõ o pode privar dos applausos; naõ acabou com a vida o nome, porque durarà eternamente depois da vida: *Et in sæculum memoria ejus in benedictione.*

Lib. 1. Machab. cap. 3. n. 7.

Ibid. v. 6.

Se o nome do nosso Excellentissimo Duque se medira pela sua vida, duràra outenta annos, e se vivera mais, ou fora nome caduco, ou já naõ fora nome; mas como hum nome em taõ heroicas acções gloriozo merece privilegios de immortal, passa tanto álem da vida, que nunca se perde a sua lembrança. Sempre permanece na liberdade, que conservou á Patria, isto se chama viver eternamente na lembrança: *In sæculum memoria ejus.* Assim se immortalizou o seu nome nas operações militares, e tambem nas politicas naõ terá menos duraçaõ este gloriozo nome. Teve este Varaõ em tudo Illustre os principaes empregos na Caza Real, e na Republica, porque foy Mordomo Mòr de duas Rainhas, Presidente do Conselho Ultramarino, da Junta do Tabaco, d[illegible]

Tres Estados, e do Paço, em cujos empregos dezempenhou a rectidaõ de huma justiça incorrupta, e as maximas de hum juizo penetrativo das materias de mayor porte, assim no serviço do Rey, como nos interesses do Reyno.

E estas operações naõ preparàraõ ao seu nome hum assento indefectivel na mesma eternidade? Naõ lhe deraõ hum nome immortal? Naõ fizeraõ com que perdesse a morte a jurisdicçaõ no seu nome? Sim por certo. A vossa justiça, e o vosso juizo, dizia David falando com Deos, vos preparáraõ o throno: *Justitia, & judicium præparatio sedis tuæ.* E que throno? O mesmo Profeta o disse. Hum throno eterno, e em que permaneça por toda a eternidade o nome, que vos deu a justiça, e o juizo: *Sedes tua Deus in sæculum sæculi.* Pois só a justiça, e o juizo de Deos lhe hade enthronizar o nome de sorte, que hade ser indefectivel o throno, para que nunca tenha a lembrança deste nome termo: *In sæculum sæculi*? Sim; porque, ainda que todas as perfeições de Deos sejaõ infinitas, e lhe dem hum nome interminavel, com tudo isso naõ sey, que tem a justiça, com que se distribuem os premios a quem os merece; naõ sey que tem hum juizo penetrativo dos meyos mais proporcionados para a consecuçaõ dos fins, que com estes attributos parece que só o seu nome eternamente se exalta; só com estas virtudes parece que o seu nome perpetuamente se eterniza: *Justitia, & judicium, &c.*

Psal.88.n.15.

Psal.44.n.7.

Eu bem sey que a justiça, e juizo do nosso Excellentissimo Duque distou tanto da justiça, e juizo de Deos, quanto vay do infinito ao limitado; mas naquelle modo, em que pòde haver alguma semelhança, sendo muitas as virtudes, com que a natureza o ornou, cada huma capaz de fazer o seu nome na memoria dos homens eterno, só o seu juizo, e a sua justiça na distribuiçaõ dos lugares, e na expediçaõ dos negocios bastavaõ para a immortalidade deste nome: *Sedes tua in sæculum sæculi.* Fez eterno o seu nome a fortaleza no governo militar, a justiça no governo politico; e que me direis da sua misericordia em hum, e outro governo? Que me direis daquella profusaõ de esmolas verdadeiramente Regia, com que soccorria a pobreza desta Cidade, e ainda fóra della? Que me direis daquella innata piedade, com que attendia, e attendeu sempre ás Communidades dos pobres Conventos de meu Padre Saõ Francisco, cujos filhos tratava com a lhaneza de Irmaõ?

Mede-se hum nome grande pelas tres differenças de tempo, que

que em si comprehende a eternidade; foy, he, e serà. Foy porque ficou o seu nome nas esmolas, que fez. He, porque fica o seu nome nos pobres, que remediou. Serà, porque ficarà o seu nome na successaõ dos que deixou remediados. E se morrer nesses mesmos pobres, por jà naõ poder clamar; sempre ficarà na lembrança de Deos, onde sempre està clamando: *Venite, benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnum à constitutione Mundi.* Vinde abençoados de meu Pay, dirà o supremo Juiz na sentença, que der no final Juizo aos justos; vinde tomar posse do Reyno, que vos està destinado desde o principio do Mundo; e porque se lhes destinou este Reyno? O mesmo Juiz, que hade dar a sentença, dirà tambem a causa: *Esurivi enim, & dedistis mihi manducare, sitivi, & dedistis mihi bibere, hospes eram, & collegistis mé, nudus, & cooperuistis me, &c.* Porque tive fome, e me destes de comer, porque tive sede, e me destes de beber, porque sendo estrangeiro me recolhestes, e porque estando nù me vestistes. E quando, Senhor, vos podiaõ os homens ver com tantas necessidades?

Matth. cap. 25 n. 34.

Ibid. n. 37.

Quando! Quando me deraõ de comer em hum pobre faminto; quando me deraõ de beber em hum pobre sequiozo; quando me deraõ de vestir em hum pobre despido, e quando me puzeraõ à menza em hum pobre passageiro: *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* Eu naõ reparo em que o que se faz a hum pobre, se faça a Christo, porque já disse hum grande Orador Portuguez, que se costumava Christo sacramentar em hum pobre; reparo sim em que sendo muitas as virtudes, pue podiaõ ser attendidas para o premio dos justos, só á misericordia se haja de attender, e se haja de premiar. E as mais virtudes porque naõ! Porque todas parece perdem com a morte as vozes, e só a misericordia ainda clama depois da morte. Saõ Pedro Chrysologo o disse discretamente: *Clamat solum quod accepit pauper.* De sorte que vivem as Obras da piedade antes na lembrança dos homens, e depois vivem tambem na lembrança de Deos. Pois viva eternamente o nome de quem as faz, e por isso estaõ sempre clamando, para que Deos as esteja sempre ouvindo: *Venite benedicti Patris mei, clamat solum quod accepit pauper.* Todas as virtudes do Excellentissimo Duque do Cadaval foraõ heroicas, e capazes de fazerem o seu nome eterno, porèm a misericordia, de que usou liberalmente com os pobres, basta só para fazer immortal o seu nome, porque se o descuido o borrar da lembran-

Ibid. n. 40.

Div. Pet. Chrysolog. apud Labar. tom. 1. Verb. Eleemosyna.

ça dos homens, ſempre Deos o terá na ſua lembrança. E ſerá poſſivel que no clamor continuo deſtas eſmolas taõ profuſamente repartidas a tantos pobres, morra, e acabe o nome deſte inclyto Heroe? Naõ, e por iſſo ainda ſe pergunta quando morrerá eſte nome: *Quando morietur, & peribit nomen ejus?*

Eſte he, O' Veneravel Ordem Terceira, aquelle filho, que inconſolavelmente chorais morto, cuja memoria ſe reprezenta neſtes funebres aparatos, em que a voſſa piedade, amor, e obrigaçaõ dezempenhaõ o mais vivo ſentimento. Eſte he aquelle Heroe, que tiveſtes tres vezes por Miniſtro, em cuja direcçaõ, e governo teve grande augmento o voſſo luſtre. Eſte he aquelle piedoſo Enfermeiro, que o quiz ſer perpetuo, depois que os achaques o impoſſibilitáraõ para outras occupações. E ſendo eſte o principal emprego das voſſas lagrymas, porque eſtaveis prevendo faltáraõ aos voſſos pobres as eſmolas, todas juntas eſtas cauſas fazem inconſolavel huma pena, que ſempre ſerá viva na voſſa lembrança. De Jeruſalem diſſe o Profeta Jeremias, vendo-a afflicta, e deſconſolada, que naõ ſeria facil o admittir conſolaçaõ: *Non eſt qui conſoletur eam.* Mas qual ſeria a cauſa, para ſe ter por inconſolavel a ſua pena? Porque moſtravaõ as lagrymas na repitiçaõ que eraõ muitas as cauſas deſtas lagrymas: *Plorans, ploravit.*

Thenor. cap. 1. n. 2.

Repetiaõ-ſe as lagrymas para a demonſtraçaõ da pena, porque as provocavaõ os muitos motivos, que lhe deſpertavaõ a lembrança, e quando as cauſas do ſentimento ſaõ tantas como as lagrymas, naõ pòde haver conſolaçaõ para tanto ſentimento: *Non eſt qui conſoletur eam.* Perdeſtes, O' Veneravel Ordem, n a morte do noſſo Excellentiſſimo Duque hum dos melhores filhos, hum dos mais zelozos Miniſtros, e hum perpetuo Enfermeiro. Bem ſey que ſendo tantos os motivos para a repetiçaõ das voſſas lagrymas: *Plorans ploravit*, eſte ſó da falta de hum tal Enfermeiro baſtava para naõ admittirdes conſolaçaõ: *Non eſt qui conſoletur eam*; porque já ſe ouvem os clamores nas voſſas Enfermarias, e naõ ſey ſe haverá quem ſe compadeça de tantos clamores. Mas ſe naõ baſtarem para vos enxugarem as lagrymas a lembrança de huma morte ditoſa, e o ſeguro de huma memoria perpetua, ſabey que o voſſo Enfermeiro Mòr morreu, mas quaſi que naõ morreu: *Mortuus eſt, & quaſi non eſt mortuus.* Morreu, porque felizmente ſe lhe acabou a vida; e quaſi que naõ morreu, porque deixou hum filho para ſubſtituir a ſua falta: *Similem enim ſibi reliquit poſt ſe*: nelle tendes hum Miniſtro, que foy, e ſerá, quando vos

Eccleſ. cap. 3. n. 4.

fór

fór necessario, taõ semelhante ao Excellentissimo Pay, que perdestes, que vos naõ faltarà o amor de Pay, nem o zelo de Ministro. Quando acabarà para voz o seu nome. *Quando morietur, & peribit nomen ejus?* Nunca acabarà na vossa lembrança, nunca acabarà nas vossas Orações: *Ut requiescat in pace.*

Os Clerigos Regulares da Cidade de Lisboa Occidental agradecidos às esmolas, que recebiaõ da generoza caridade do Duque, lhe cantàraõ hum Officio na noute de 29. de Fevereiro, e no dia seguinte o primeide de Março, se cantou a Missa, em cujo fim subio ao Pulpito o Reverendissimo Padre Dom Manoel Caetano de Sousa, Pro-Comissario Geral Apostolico da Bulla da Cruzada, e do Conselho de Sua Magestade, e disse a Oraçaõ, que se segue, em que mostrou a sua grande erudiçaõ em humas, e outras Letras. Estava armada no cruzeiro huma decente Eça, a cujo pè se via huma Coroa Ducal; assistio a esta acçaõ o Duque Dom Jayme, e muita Nobreza da Corte.

SERMAÕ
FUNEBRE
NAS EXEQUIAS,

QUE NA SUA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA DIVINA PROVIDENCIA celebràraõ os Clerigos Regulares no primeiro de Março de 1727.

A SEU GRANDE BEMFEITOR

O EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO,

Primeiro Duque do Cadaval, &c.

PELO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. MANOEL CAETANO DE SOUSA

CLERIGO REGULAR, DO CONSELHO DE S. MAGESTADE, PRO-COMmissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada nestes Reinos, e Senhorios de Portugal, e suas Conquistas.

Dormivit igitur David cum patribus suis, & sepultus est in civitate David. 3. Reg. 2. 10.

UITO deve a Congregaçaõ dos Clerigos Regulares à Divina Providencia. (Excellentissimo Senhor) Muito deve a Congregaçaõ dos Clerigos Regulares à Divina Providencia: porque quando V. Excellencia acreditava com a sua vida este Reyno, fez que a sua generosa piedade honrasse, e soccorresse tanto a esta Caza, que se fez acredor a ella de hum immortal agradecimento; e agora que a tyrannia

tyrannia da morte privou ao Mundo da gloria de venerar a Voſſa Excellencia vivo, e nos deixou a obrigaçaõ de chorallo morto, conhecendo a meſma Providencia que naõ eraõ baſtantes as noſſas lagrymas, ainda que muito copioſas, para ſatisfazer às innumeraveis dividas, em que eſtamos à glorioſiſſima memoria de Voſſa Excellencia, nos acode do Ceo com os chuveiros, que agora inundaõ a terra naõ ſó em competencia, mas em ſoccorro das noſſas lagrymas para demonſtraçaõ de que ſaõ tantas as obrigações, em que Voſſa Excellencia nos tem poſto, que ſó o Ceo pòde tomar por ſua conta o agradecellas, porque tantos chuveiros de beneficios ſó ſe podem ſatisfazer com inundações de lagrymas.

2 Da noſſa Congregaçaõ, hoje mais que nunca afflicta neſta lamentavel perda, e deſtas celeſtes lagrymas parece que falou profeticamente David no Salmo 67. quando diſſe: *Pluviam voluntariam ſegregabis Deus hæreditàti tuæ, & infirmata eſt, tu verò perfeciſti eam.* Que Deos com huma voluntaria chuva havia ſoccorrer a huma Congregaçaõ opprimida de hum grande trabalho: *Congregationem laborantem erexiſti*, diz neſte lugar o Paraphraſte Caldeu. Veſtiraõ-ſe as lagrymas do Ceo da natureza das noſſas lagrymas, que ſaõ teſtimunho de huma vontade ſaudòſa, e agradecida, e por iſſo aquella chuva ſe chama tambem voluntaria: *Pluviam voluntariam.* He eſte noſſo voluntario chuveiro de lagrymas teſtimunho do agradecimento devidò a hum diluvio de munificencias do Principe, que choramos mortò, e por iſſo aonde a noſſa Vulgata diz *pluviam voluntariam*, traslada Pagnino *pluviam munificentiarum.*

Pſalm 67.10.

Paraphr. Chald. hìc.

Pagnin. hìc.

3 Oh quem tivera eloquencia digna de expor neſte funeral Panegyrico a menor parte da grandeza da juſta cauſa do noſſo ſentimento na morte de hum Principe taõ eſclarecido! Oh ſe aſſim como vemos hoje comprida a profecia de David no diluvio das celeſtes lagrymas unidas com as noſſas, viſſe eu hoje ſatisfeita em mim outra promeſſa do meſmo Profeta no meſmo Salmo: *Dòminus dabit verbum evangelizantibus virtute multa.* E que Deos dèſſe hoje o Sermaõ ao Prègador, como explica Saõ Jeronymo: *Dòminus dabit Sermonem*; e ainda que eu hoje pudeſſe orar *virtute multa*, iſto he com todo o esforço da eloquencia, como explica Heſero: *Quanta poſſunt vocis, & nervorum contentione*; he taõ grande o aſſumpto, de que venho a diſcorrer, que para elle hum largo Sermaõ, *Dòminus dabit Sermonem*, ſerà taõ diminuto, como

Pſ. 67. 12.

S. Hieronymus hic.

Georg. Heſerus hic.

como se fosse huma só palavra : *Dòminus dabit verbum.*

4 Mas jà que para prègar nestas funeraes honras do Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, Senhor de muitas Villas, dos Conselhos de Estado, e Guerra de Sua Magestade, Mestre de Campo General da Corte, e Provincia da Extremadura junto à pessoa de Sua Magestade, Capitaõ General da Cavallaria da mesma Corte, e Provincia, Governador das Armas de Setuval, e Cascaes, Presidente do Dezembargo do Paço, Mordomo mòr da Rainha Nossa Senhora, &c. naõ logrey o beneficio do Sermaõ promettido aos outros Prègadores por David vivo: *Dòminus dabit Sermonem*, basta-me ter achado para Thema do meu Sermaõ as palavras, que a Escrittura diz de David morto: *Dormivit igitur David cum patribus suis, & sepultus est in civitate David.* Saõ tiradas do segundo Capitulo do terceiro Livro dos Reis, que justo era que se tirasse dos Livros dos Reis o Thema para o Panegyrico de hum Principe descendente de tantos Reis de todas as Monarquias Christaãs.

5 Nestas palavras declara o Chronista Sagrado a vida, a morte, e a sepultura de David, a quem Deos tinha dado aquelle excelso titulo: *Tu eris Dux*, e nas mesmas palavras pretendo eu mostrar debuxada a vida, a morte, e a sepultura do nosso Excellentissimo Duque.

2.Re.5.2.

6 Naõ me serà possivel ponderar tudo o que fez heroica a sua vida, nem tudo o que fez piissima a sua morte, nem tudo o que fez memoravel a sua sepultura: porque se naõ pòde dizer no espaço de breve tempo o que ha de ser admiraçaõ de muitos seculos; mas como tudo quanto discorrer do meu grande assumpto, ha de ser dirigido à mayor gloria do Altissimo, a quem o Duque tanto servio, confiadamente espero os soccorros da Divina graça por intercessaõ da Virgem Santissima, de quem elle foy singular devoto.

AVE MARIA.

Dormi-

Dormivit igitur David cum patribus suis, & sepultus est in civitate David.

§. I.

Fé viva à imitaçaõ dos Reis seus avòs, que tiveraõ o titulo de Catholicos.

7 PArecia a alguns que sendo facil o discorrer sobre este Thema da morte, e sepultura de David, e accommodar huma, e outra à morte, e à sepultura do Excellentissimo Heroe, he difficil empreza o pretender achar no mesmo Thema a vida de David, que foy exemplar da vida do Duque; mas este reparo só o poderà fazer quem naõ advirtir que na mesma clausula, que exprime as circunstancias da morte, se insinuaõ as excellencias da vida, porque huma morte comparada ao sono he consequencia de huma vida toda vigilancia. Quando a Escrittura diz que adormeceu David: *Dormivit igitur David*, quando deixou de viver, quiz exprimir que elle vigiàra atè acabar. Quiz dizer que elle na vida fora amigo de Deos, que he o mayor elogio, que se póde dar a huma vida justificada.

8 Predisse Deos a Moisés a sua feliz morte, e naõ usou de outra frase se naõ da que significava o sono: *Ecce tu dormies*, e a razaõ he: porque a vida de Moisés tinha sido taõ justificada, que fora de hum homem amigo de Deos: *Loquebatur autem Deus ad Moisen facie ad faciem, sicut solet loqui homo ad amicum suum.* Morto Lazaro disse Christo que elle dormia, e logo insinuou a razaõ, porque chamou sono àquella morte, que era o ter sido Lazaro amigo de Deos humanado: *Lazarus amicus noster dormit. Sed vado ut à somno excitem eum.*

Deut. 31. 16.
Exod. 33. 11.
Joann. 11. 11.

9 Para que no meu Thema se achasse a heroica vida de David, como idèa da do nosso Heroe, bastava acharse nelle o nome de David, que significa homem valeroso, emprego do amor, e objecto da saudade: *David idest manu fortis*, diz Saõ Jeronymo, *id est dilectus* dizem outros, *id est desiderabilior* diz Santo Agostinho. O nome só de David està explicando as acções de hum, e outro Heroe, valeroso na vida, e valeroso na morte; de hum, e outro Heroe, emprego do amor de Deos, e dos homens na vida: de

S. Hieronymus in Isais 82.
Interpret. Namin Hebr. Chald. Græcor.
S. August. in Psal. 34.

de hum, e outro Heroe, objecto da ſaudade univerſal na morte: *David manu fortis, dilectus, deſiderabilis.*

10 Ainda que nos naõ ſoccorreſſem tanto as myſterioſas ſignificações do nome de David, baſtava dizer o noſſo Texto que aquelle Principe deſcançàra com os ſeus progenitores: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis*, para entendermos que fazia hum grande panegyrico das virtudes da ſua vida; pelas quaes hum, e outro Principe ſe fez ſemelhante aos ſeus progenitores; ouçamos o que diz a Gloſa ordinaria ſobre eſte lugar: *Intelligi datur quòd Patrum ſimilis fuerit fide; unde claret non ad ſepulturam corporis, ſed ad conſortium vitæ relatum.*

11 Tempo houve, em que eu entendia que ſe puſera ao Duque o myſteriozo nome de Nuno, que em Latim ſe diz *Nonius*, porque elle havia recopilar em ſi as mais illuſtres acções dos nove Heroes da fama, aſſinalando-ſe na valentia, e amor da patria, como Heytor, na grandeza de animo, como Alexandre, na conſtancia como Ceſar, na liberalidade como Artur, na Religiaõ como Carlos Magno, na modeſtia como Gofredo, como Joſuè em ſer a idèa do melhor General, do melhor Duque, e do melhor Principe: *Voluit enim Deus*(diz Alapide)*in Joſue dare exemplar optimi Imperatoris, Ducis, & Principis*; na piedade com os defuntos como Judas Macabeu, e em todas as virtudes como David. E como David na alta Aſcendencia, porque contaõ os Livros ao Duque trinta e quatro progenitores na Varonia deſde ſeu pay o Excellentiſſimo Senhor Dom Franciſco de Mello Marquez de Ferreira, atè Ferreolo I. Prefeito do Pretorio das Gallias; aſſim como em Saõ Lucas achamos trinta e quatro progenitores a David deſde ſeu pay Jeſſé atè Deos Pay univerſal de todo o genero humano.

12 Tempo houve, em que eu julgava que ao Duque ſe puſera aquelle myſteriozo nome por deſcender pela Varonia de nove Soberanos de Portugal, o Conde Dom Henrique, e os Senhores Reis Dom Affonſo Henriques, Dom Sancho I. Dom Affonſo II. Dom Affonſo III. Dom Diniz, Dom Affonſo IV. Dom Pedro o I. e Dom Joaõ tambem o I. ou por deſcender por varias Linhas de nove Reis de Portugal, accreſcentando aos outo, que acabo de repetir, o Senhor Rey Dom Duarte.

13 Mas agora que tenho conſiderado com mais attençaõ as glorioſas acções da vida, e morte do Duque, me perſuado que a eterna Providencia diſpoz que ſe lhe puzeſſe aquelle myſteriozo

Glof.ord.hic.

Vide Voſſium in Etymologico, Verbo *Novem.*

Guiliel.Onciac. in Numeralium locorum Decade cap. 9. Vide Portugal: Triunfo de los nueve de la Fama.

Homer. Illiad. lib.10. Virg. Æneid.lib.2. Curtius de Rebus geſtis Alexandri Suetonius lib.1.cap.62.

Hector Boethius Hiſt.Scotor. lib.9. fol. 159. lin.75. Eginard.in Vita Caroli Magni.

Schorleben in Anno Sancto Habſpurgo-Auſtriaco die 28.Januarij.

Vilhelmus Tyrius lib.9. Belli ſacri, cap.20.

Alapide Prolog Comment. in Joſue.

1.Machab. 12. 43.

Veja-ſe no fim a linha I.

Veja-ſe a meſma primeira linha.

Lucæ 3. 23. & ſeqq.

nome de *Nonius*, porque previo que elle havia ser na Fè singular imitador de nove Heroes da santidade, nove Principes Canonizados, que dando-lhe o Real sangue, lhe communicàraõ virtudes Christaãs, que testemunhaõ a Fè, e piamente cremos que lhe teraõ conseguido o haver de descançar com elles, sendo aquelle descanço consequencia daquella imitaçaõ, como insinùa a dicçaõ illativa *igitur*, para podermos dizer do Duque como de David: *Dormivit igitur cum patribus suis, quòd patrum similis fuerit fide.*

14 Os progenitores, a que foy semelhante David na Fè, foraõ Noè, Abrahaõ, Loth, Isaac, e Jacob. Os nove progenitores, cuja Fè imitou o Duque, foraõ S. ARNOLDO, ou ARNULFO Duque de Moselania seu vigesimo outavo Avo pela Varonia, S. CARLOS MAGNO Emperador de Alemanha seu vigesimo quarto AVO, S. MACOLMO Rey de Escocia seu vigesimo Avo S. LEOPOLDO Marquez de Austria seu decimo setimo Avo, S. DAVID Rey de Escocia seu decimo setimo Avo. S. GUILHELME Duque de Guiena seu XV. Avo S. FERNANDO Rey de Castella seu decimo quarto Avo. S. LUIZ Rey de França seu decimo terceiro Avo, e ultimamente S. FRANCISCO de BORJA Duque de Gandia seu quarto Avo, que entrando-lhe na arvore, lhe communicou de mais perto, e mais singularmente com o sangue as virtudes.

Vejaõ-se no fim as linhas destes nove Santos.

15 Estes nove Principes seus Santos Avòs foraõ os exemplares, de quem o Duque copiou aquellas heroicas virtudes, que costumaõ elevar os mortaes aos nove Còros de Anjos; e que foraõ as premissas, de que se colhe que piamente podemos crer que elle sahio das fadigas deste Mundo a descançar como David com seus Santos progenitores: *Dormivit igitur David cum patribus suis.*

16 Seria usar mal da paciencia do meu Excellentissimo Auditorio, e ainda offender a grandeza do meu elevado Assumpto, se eu pretendesse ponderar todas as circunstancias, em que o Duque se pareceu com David, ou aspirasse a explicar todas as virtudes, em que elle se fez semelhante àquelles seus nove Augustos, e sagrados progenitores na sua vida a fim de ir descançar com elles na eternidade: *Dormivit igitur David cum patribus suis, quòd patrum similis fuerit fide.* Naõ Direy que o Duque como David na adolescencia sahio ao campo em defensa da Patria, fazendo formozos theatros do seu valor às Campanhas da Beira, e de Alemtejo. Deixo q̃ foy taõ valerozo como nenhum outro, que he a expressaõ, com que Jozè celèbra a valentia de David: *Fortis erat ut nemo*

1. Regum 17. 40.

Josephus lib. 7. Antiq. cap. 12.

nemo alius. Podendo dizer da ſua prudencia nos conſelhos o meſmo, que Jozè diſſe da de David: *Idem in conſilijs prudentiſſimus, & egregia callens quid in præſens, quid in futurum conduceret.* Que era prudentiſſimo nos conſelhos, que comprehendia egregiamente tudo o que convinha à opportunidade dos tempos, porque deixo que publiquem eſta excellencia o Conſelho de Eſtado, o Conſelho de Guerra, em que ſempre foraõ admirados os ſeus votos; deixo que o manifeſtem o Conſelho Ultramarino, e o Dezembargo do Paço, nos quaes ſendo Preſidente, foraõ ſempre veneradas as ſuas reſoluções. Callo aquella uniaõ taõ admiravel, como difficil da Juſtiça, e da humanidade, que ſempre ſe vio no Duque, e Jozè celebrou em David, *juſtus, humanus.* Naõ direy o quanto, como David, foy eſtimado dos Principes eſtrangeiros, porque ha muito tempo que o contaõ as trombetas da fama por todas as Cortes de Europa. Paſſarey em ſilencio que David moſtrou a ſua fidelidade a hum ſó Rey, e o Duque ſe aſſinalou em ſervir valeroſa, conſtante, e fideliſſimamente a quatro Monarcas, que alcançou a ſua larga vida. Tudo iſto callarey, e à imitaçaõ de Saõ Paulo, que callando todas as acções de David, ſó fez mençaõ da ſua Fè, ſó direy da Fè, em que o Duque ſe fez tanto mais digno de memoria, quanto eſta virtude coſtuma ſer menos conhecida nos grandes Politicos.

Ibidem. Ibidem. I. Reg. 17. 12. Hebr. 11. v. 12. v. 13.

17 Entre todas as virtudes a em que o Duque foy mais eminente, foy a virtude da Fè, por ella moſtrou ſempre que deſcendia daquelles quatro Reis, a que ſe deu o gloriozo titulo de Catholicos, que foraõ Flavio Recaredo Rey de Heſpanha, Dom Affonſo o I. Rey das Aſturias, Dom Pedro o II. Rey de Aragaõ, e Dom Fernando o V. Rey de Caſtella. Sempre na Fè ſe moſtrou neto do Senhor Rey Dom Affonſo Henriques, aquelle Heroe Catholico, que com ſegurança piamente animoſa perguntou ao meſmo Chriſto quando lhe appareceu no Campo de Ourique, para que o vinha buſcar, ſe por ventura queria accreſcentar a Fè a hum homem, que naõ neceſſitava de tanta demonſtraçaõ para ſe conſervar firme nella: *Quid tu ad me, Dòmine? Credenti enim Fidem vis augere? Melius eſt ut te videant infideles, & credant.* Sempre na Fè ſe moſtrou neto do meſmo Rey, a quem Chriſto diſſe na meſma occaſiaõ que conhecia tanto a ſua Fè, que naõ viera a accreſcentalla: *Non ut tuam Fidem augerem hoc modo apparuit tibi.*

Veja-ſe no fim a Linha II. Veja-ſe a Linha I. Juramentum Regis Alphonſi Henriques apud Soſam de Macedo in Luſitania liberata, Procemio 2. §. 2. pag. 98. Ibidem.

18 Sempre na viveza da ſua Fè moſtrou o Duque que vivia

nas ſuas veas o Real ſangue daquelles Catholicos Principes, que pelo zelo da Fè foraõ taõ celebrados no Mundo. E ainda que a Fè he hum habito, que eſtà occulto no entendimento, manifeſta-ſe pelas obras. E ſuccede à Fè o meſmo, que do entendimento coſtumava dizer a prudentiſſima ponderaçaõ do Duque, que o entendimento naõ ſe ouvia, mas que ſe via, querendo com iſto explicar que o entendimento do homem naõ ſe conhecia pela diſcriçaõ das palavras, ſenaõ pelo acerto das obras. Naõ prova a ſua viva Fè quem diz que he Catholico, ſó a demonſtra quem faz obras de Catholico, porque as obras ſaõ as irrefragaveis teſtemunhas de Fè, de dõde diſſe Salviano: *Bonos actus eſſe teſtes Fidei Chriſtianæ.* Verdade, que tem hum fiador taõ abonado como o Eſpirito Santo pela boca de Saõ-Tiago Apoſtolo, que diſſe: *Ego oſtendam tibi ex operibus fidem meam.*

Salvian. lib. 3. Provident.

Jacobi 2. 18.

19 As obras, em que mais claramente ſe deu a conhecer a Fè viva, em que reſplandeceu o Duque, foraõ os actos da Religiaõ, e os da Piedade. Comecemos pela Religiaõ.

§. II.

Culto do Santiſſimo Sacramento à imitaçaõ de ſeu quarto Avo Saõ Franciſco de Borja Duque de Gandia.

20 MUitos, e grandes foraõ os exemplos da fervoroſa Religiaõ, com que o Duque edificou eſte Reino, jà com o culto do Auguſtiſſimo Sacramento, que he Myſterio da Fè, jà com a ternura da devoçaõ à Virgem Senhora Noſſa, que foy a melhor Meſtra da Fè, jà com a veneraçaõ, e reſpeito aos Miniſtros do Santo Officio, que ſaõ os defenſores da Fè.

21 Para ſe empregar em publico, e annual culto do Sacramento entrou naquella devota Cẽturia de illuſtres eſpiritos apoſtados a proteſtar a ſua Fè nos annuaes deſaggravos do Senhor Sacramentado, offendido pela barbaridade de duplicados ſacrilegios, honrando-ſe do humilde titulo de Eſcravos. Naquella Real Irmandade, que principiando no ſeculo paſſado na Igreja de Santa Engracia, parece ha muitos ſeculos figurada nos religiozos affectos de David.

22 Eſtendẽdo David a ſua viſta profetica aos ſeculos futuros, vio os ſacrilegos deſacatos, com que Deos havia de ſer offendido em dous Tẽplos, no de Salamaõ pela invazaõ de Nabuco, e no de Jeſu

Jesu pelas hostilidades de Antioco. E logo protestou devoto a sua Fè, dizendo: *Credidi propter quod locutus sum*, e propoz louvar do mayor modo possivel a Deos offendido: *Propterea loquar, & laudavi maiorem in modum*, diz o Paraphraste Caldeu. Logo se humilhou ao Altissimo, declarando a afflicçaõ, que lhe causavaõ aquelles sacrilegios: *Ego autem humiliatus sum nimis, ego afflictus sum nimis.* Le Saõ Jeronymo. Logo prometteu venerações ao Sacramento: *Calicem salutaris accipiam. Commodè transfertur ad calicem Eucharistiæ* disse sobre este lugar Genebrardo. Logo se dispoz a publicos obzequios: *Vota mea Dòmino reddam coram omni populo ejus.* E em satisfaçaõ do duplicado sacrilegio se protestou duas vezes escravo do Senhor: *O Dòmine, quia ego servus tuus, ego servus tuus*; escravo huma vez em satisfaçaõ da offensa feita no primeiro Templo, que foy o de Salamaõ: *O Dòmine, quia ego servus tuus*; e escravo outra vez em recompensa do desacato no segundo Templo, que foy o de Jesus filho de Josedech: *Ego servus tuus.* Logo prometteu a Deos novos sacrificios, novos louvores, e novas solemnidades administradas pelos Sacerdotes, e pelos Musicos: *Tibi sacrificabo hostiam laudis, scilicet per Sacerdotes hostias offerentes, & Cãtores in sacrificijs laudes Divinas dicentes* cõmenta Nicolao de Lyra. Logo votou a Deos hum Templo, que assim entende Genebrardo aquellas palavras: *Vota me i Dòmino reddam*; dizendo este grande Expositor de David com Rabbi Moisés *de donarijs, quæ afferuntur ad ædificationem ædis sacræ.*

Ps. 115. 1. / Paraph. Chald. hic. / Sanctus Hieronym. hic. / Ibidem versu 4. / Genebrard. hic. / Ibidem vers. 5. / Ibid. v. 6. / Ibid. v. 7. / Lyra hic. / Ibid. v. 8. / Genebrard. hic.

23 Naõ vos parece que està em ElRey David reprezentada a Real Irmandade do Senhor, sita na Igreja de Santa Engracia, protestando a sua Fè em obzequio do mysterio da Fè o seu sentimento nos aggravos do Senhor offendido, o fervor, com que se empregaõ em publicos obzequios a Christo Sacramentado, a humildade, com q̃ aquelles illustres espiritos se protestaõ duas vezes escravos, jà pelo sacrilegio executado no Templo de Santa Engracia em Lisboa, jà pelo desacato commetido na Igreja do Menino Jesu em Odivelas a devoçaõ, com que fazem offerecer novos sacrificios, e solemnizar novas festas. A generosidade, com que se animàraõ para a fabrica de novos templos? Pois para que naõ falte naquella figura a memoria do brazaõ, com que se daõ a conhecer aquelles escravos, que he trazendo a insignia do Sacramento, disse David, que traria comsigo hum Caliz da redempçaõ dos escravos: **Calicem redemptionis portabo**, como lè o Paraphraste Caldeu.

Paraphr. Chald. hic.

Entrou o Duque na Irmandade de Santa Engracia em 10. de Janeiro de 1661. o roubo do Santissimo da Igreja do Menino Jesu de Odivelas foi em 11. de Mayo de 1671.

24 Nesta Real, e devota Irmandade esteve o Duque protestando a sua Fè 66. annos na Igreja de Santa Engracia, e quasi 56. na Igreja do Menino Jesu de Odivelas, exercitando em ambas annual, e devotamente o culto de Christo Sacramentado.

25 Na sua Paroquia de Santa Justa foy o Duque Irmaõ perpetuo da Irmandade do Santissimo Sacramento, com o que assim como se fez immortal para a fama, podemos piamente esperar que se tenha feito eterno para a Gloria, dezempenhando o venerado nome de Nuno da Letra *Nun*, que he a decima quarta do Alfabeto Hebraico, e quer dizer sempiterno, como ensina Saõ Jeronymo.

Sanctus Hieronym. tom. 3 in Epist. ad Paul. Urbic.

26 Mas o que he mais para admirar, he que tendo naquella Irmandade o primeiro lugar como Juiz, escolhia o ultimo quando hia pelas ruas acompanhando ao Senhor quando era levado aos enfermos; naõ aceitando a vara, mas tomando a campainha, porque a vara só lhe servia de significar a presidencia, e a campainha conciliava ao Sacramento a reverencia alhea. Com a vara venerava elle só o Sacramento, com a campainha excitava a que o venerassem todos. E assim tendo hum só coraçaõ para os affectos, e hum só corpo para as adorações, amava a Christo com tantos corações, e o adorava com tantos joelhos, quantos eraõ os homens, que ouviaõ os golpes daquelle sonoro metal, que publicava a vinda do seu Creador.

Veja-se no fim a linha XII. Eminentissimus Cienfuegos in vita Sanct. Francisci Borgæ lib. 6 cap. 4. §. 3.

27 Imitava o Duque neste culto do Sacramento a seu gloriozo quarto Avou Saõ Francisco de Borja, o qual, sendo Duque de Gandia, dispoz que todas as vezes que houvesse de sair o Senhor para algum enfermo, se tocasse o sino huma hora antes, para que todos os Cidadãos se pudessem prevenir para ir acompanhar o Senhor, como elle sempre hia. E recebia de Deos o favor de ouvir aquelle sinal, andando no divertimento da caça em duas leguas de distãcia (como cõtaõ os Escritores da sua vida) porèm o sino de Gãdia tocavaõ-no os ministros da Paroquia, e a campainha de Santa Justa hia tocando pelas ruas o mayor Ministro de Portugal. A voz daquelle sino ouvia o S. milagrosamente, estando duas leguas distante, e os toques daquella campainha soavaõ, e estaraõ sempre soando por todo Portugal, admirãdo todos como milagrozo aquelle humilde acto do religiozo culto, com que o fervorozo Duque venerava o Augustissimo Sacramento.

28 A todos està lembrando David, quando diante da Arca do Testamento, que encerrava a Urna do Mannà figura expressa do

do Sacramento do Altar, dando a conhecer pelos vigorozos saltos a vehemencia dos seus affectos: *Saltabat totis viribus ante Dominum*, hia tocando a cithara, como diz Jozè: *Rege ipso interim pulsante, & plaudente.* Mas eu reparo em que entre a cithara, que tocava David diante da Arca, e a campainha, que tocava o Duque diante da sagrada Eucaristia, hà huma notavel differença, e he, que a Cithara de David, que fora o instrumento de expellir o demonio do corpo de Saul, foy occasiaõ de se introduzir na Alma de Michol filha de Saul outro peyor demonio, que he o da soberba, com que desprezou a David: *Despexit eum in corde suo.* Porèm aquella campainha, que antes de a tocar o Duque era o desprezo da vaidade, depois que se vio na maõ daquelle Principe, (como se este convertesse aquelle bronze em ouro)he toda a estimaçaõ da nobreza; porque em virtuosa contenda pretendem sempre levalla hoje as mais principaes pessoas da Irmandade.

2.Reg.6.14. Josephus lib. 7. Antiquitatum, cap.4. 2.Reg.6.16.

29 Novo modo de fazer eterno o seu nome achou a generosa devoçaõ do Duque em obzequio de Christo Sacramentado. Tinha-lhe dado ElRey Catholico Carlos III. (hoje Emperador Carlos VI.)huma vistosa maquina de prata, em que o primor da obra excede o preço da materia, como fabricada nas famosas officinas de Alemanha para ser dadiva digna do Monarca, que a havia dar em perpetuo penhor, e testimunho da sua estimaçaõ, e digna do Principe, que a havia receber para eterno monumento da merecida honra. He hum arco triunfal de outo lados, formado de outo arcos, firmados sobre outo columnas, para que este numero outavo tres vezes multiplicado igualasse o das vinte e quatro horas, em que o Sol rodea a Esfera do Mundo, e fosse ornamento proporcionado ao admiravel relogio, que sustentava. Estimou o Duque este prodigio da arte naõ tanto porque o tinha recebido do Rey da terra, quanto porque o havia consagrar ao Rey do Ceo. Deu novo uso àquelle arco triunfal. Fez que fosse hum novo Iris, debaixo do qual se adorasse Christo Sacramentado cuberto com a candida nuvem dos accidentes na sua Igreja de Saõ Joaõ Evangelista de Evora, que foy a primeira Cidade de Hespanha, em que se erigio Altar a Christo Sacramentado pela prègaçaõ de Saõ Mancio, que foy o sagrado Bosforo, que na antemanhaã da Fè precedeu ao Sol de Hespanha Saõ Tiago Mayor, dando ao Occidente as primeiras luzes do Evangelho. Nesta religiosa acçaõ se mostrou o Duque naõ menos Cortesaõ, do que devoto; houve-se como Cortesaõ, porq naõ podia fazer mais virtuosa

Rezende de Antiquit. Eboræ, cap.9. Illustrissimus Cunha Historia Ecclesi. Ulysipon. part. 1. cap.9. numer.5.

De Religione Austriacorum Principum erga sacram Eucharistiam vide Josephum Solimenum in Corteggio Eucharistico, lib. 2. cap. 3. §. 4.

tuosa lizonja a hum Emperador Austriaco, que consagrar a sua dadiva ao Sacramento, nem podia fazer neste genero obzequio mais grato ao Sacramento, que offerecer a dadiva, que recebera do Monarca Austriaco.

Vide Aboulensem in librum 4. Regum cap. 20. quæst. 22.

30 Com esta acçaõ de offerecer ao Altar a maquina, que dantes servia para o relogio, condenou o sacrilego atrevimento d'El-Rey Acàs, de quem se diz que converteu em relogio do seu palacio o sagrado bronze do Altar do Holocausto, que estava no Templo. Mas, se o relogio tirado do bronze do Altar annunciou quinze annos de mais dilatada vida ao piedozo Rey Ezequias, esta prata tirada ao relogio, e dada ao Altar annuncia ao Duque muitos seculos de fama, e eternidades de gloria.

Eccl. 43. 12.

31 Jà este arco triunfal pela sua admiravel obra convidava a celebrar a pericia do seu artifice, e jà era semelhante ao arco celeste, de quem diz Jesu Syrach: *Vide arcum, & benedic eum, qui fecit illum: valde speciosus est in splendore suo.* Mas depois que na Igreja de Saõ Joaõ Evangelista se adora debaixo delle Christo cuberto com a sagrada nuvem dos accidentes Eucaristicos, parece aquelle Iris, que profeticamente vio Saõ Joaõ Evangelista no Capitulo decimo do seu Apocalypse sobre Christo, que Sacramentado he Paõ, que desceu do Ceo, como escreve o mesmo Saõ Joaõ no Evangelho: *Hic est panis de Cælo descendens* Christo, do qual diz no Apocalypse: *Descendentem de Cælo amictum nube, & Iris in capite ejus.*

Joannis 6. 50.
Apocalyps. 10. 1.

32 He agora aquelle arco triunfal posto em Evora (terra, em que se erigio o primeiro Altar) testimunho de hum pacto sempiterno entre o Duqne, e Deos, pelo qual o Duque eternizou o obzequio, e Deos perpetuarà os beneficios.

Genes. 8. 20.
Rupertus Abbas lib. 6 in Genes. c. 32.

33 Erigio Noè o primeiro Altar, de que achamos memoria expressa na Escrittura, no qual offereceu aquelle sacrificio, q̃ era figura do Sacramento: *Obtulit holocaustum super altare. Altare ædificat, in quo idem Salvator ipsius adoretur*: commenta Ruperto Abbade, e accrescenta: *In hoc Mysterium Domini nostri Jesu Christi præfulsit.* Levantado aquelle Altar, disse Deos a Noè que faria hum pacto com elle, e com toda a sua posteridade: *Ecce ego statuam pactum meum vobiscum, & cum semine vestro post vos*, disse que este pacto seria eterno: *In generationes sempiternas*, e que o final deste pacto seria o arco celeste: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram.*

Genes. 9. 9.
Genes. 9. 11.
Genes. 9. 13.

34 He o Iris o arco Celeste, com que Deos confirmou o seu pacto

pacto com o Patriarca Noè, e tambem he Iris o arco triunfal, com que o Duque teſtemunhou o ſeu pacto com Deos: porque ſe o Iris tem a propriedade de ſignificar chuveiros, pela qual razaõ Seneca chamou àquella maravilha *Imbrifera*, eſte arco triunfal do Duque, ou eſte Iris offerecido a Deos, tambem eſtà annunciando à ſua Excellentiſſima Caza hum chuveiro de beneficios, e piamente ſe pòde crer que delle tem corrido para a Alma do Duque copioſa chuva de miſericordias, para que acabando com a graça final a vida para ir deſcançar com S. FRANCISCO de BORJA ſeu Progenitor ao qual foy ſemelhante na Fè demonſtrada pelo culto do Sacramento, aſſim como David deſcançou com ſeus progenitores por ſer a elles ſemelhante na Fè: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis, quòd patrum ſimilis fuerit fide.*

Senec. in Oedipo. Act. 2. Scena 1. ver. 315.

§. III.

Devoçaõ a noſſa Senhora à imitaçaõ de ſeu decimo Avo Saõ Leopoldo Marquez de Auſtria.

35 NAõ ſó venerou David em eſpirito ao Santiſſimo Sacramento à imitaçaõ do ſeu progenitor Noè, mas tambem venerou profeticamente a Virgem Santiſſima à imitaçaõ de ſeu progenitor Jacob. Venerou Jacob a Senhora figurada na myſterioſa eſcada, que vio nos campos de Luſa, a qual foy figura expreſſa da Virgem Senhora Noſſa: *Maria eſt ſcala Jacob* diſſe Ricardo de Saõ Lourenço. Venerou David profeticamente a meſma Senhora em diverſos lugares dos ſeus Salmos, e comprehendeu todos os louvores da Virgem Santiſſima naquellas palavras do Salmo 44. aonde diſſe: *Aſtitit Regina à dextris tuis in veſtitu deaurato, circundata varietate*; e no Salmo 86. dizendo em eſpirito à meſma Senhora: *Glorioſa dicta ſunt de te, civitas Dei.*

Geneſ. 8. 20. vide Benedictum Fernandes hic ſect. 7. n. 6.

Geneſ. 28. 12.

Richard. à Sancto Laurent. lib. 10. de Laudib. Virginis.

Pſ. 44. v. 10.

Pſ. 86. v. 3.

36 Tambem a Religiaõ do Duque accreſcentou ao culto do Santiſſimo Sacramento a devoçaõ à Virgem Santiſſima. Digaõ outros a fidelidade, o zelo, e a authoridade, com que elle pelo eſpaço de quaſi ſettenta annos ſervio a quatro Rainhas da terra, ſendo Miniſtro do deſpacho de huma, e Mordomo Mòr de tres, que eu ſó celebrarey a devoçaõ, com que elle ſervio por toda a vida a Rainha do Ceo à imitaçaõ de ſeu decimo ſetimo Avo S. LEOPOLDO o Pio, Marquez de Auſtria. Todos os dias reſava o Duque o Officio de Noſſa Senhora, repartido nas ſette horas, com

Vejaſe no fim a linha VI.

com que podia dizer a Deos, e à May de Deos o que David dizia: *Septies indie laudem dixi tibi.* No Sabbado, que he o settimo dia da femana, e efpecialmente dedicado a Maria Santiffima, mandava dar efmolas a innumeravel numero de pobres.

Pf. 118. v. 164.

37 A S. LEOPOLDO moftrou o arco agitado o lugar, em que a Senhora queria fer por elle venerada com a fundaçaõ de hum Templo, levando o vento a hum bofque o veo da cabeça da Marqueza fua efpofa. Ao Duque trouxe a agitaçaõ do Mar a melhor parte da Imagem, em que a Senhora queria receber as demonftrações da fua devoçaõ na fua Capella; que foy aquella cabeça da melhor efpofa, cujo rofto he de extremofa formofura, a qual pofta em proporcionado corpo collocou o Duque na fua Capella de Pedrouços, dando-lhe o titulo da Conceiçaõ, ou foffe porque a Virgem Santiffima com aquella invocaçaõ he Padroeira defte Reyno, ou por obfervar que a Augufta face daquella cabeça fahira illefa fem lhe fazer o menor dano a violencia do Mar, que he fymbolo do peccado original, em que fez laftimozo naufragio toda a mais pofteridade de Adaõ; ou porq aquella Santa cabeça fahio nas prayas de Peniche, aonde antes tinha fahido morto hum monftro marinho, a quem a cor negra, a grandeza disforme, e a boca horrivel faziaõ retrato do demonio, o que introdufio o peccado original no Mundo; e Imagem de Senhora nas prayas, em que fe vê o retrato do demonio vencido, naõ deve ter outro titulo diverfo do da Conceiçaõ, porque no primeiro inftante da fua Conceiçaõ venceu a Senhora ao demonio. Para aquelle inftante lhe tinha Deos decretado o primeiro triunfo, quando diffe que a Senhora lhe opprimiria a cabeça: *Ipfa conteret caput tuum.*

Antonius de Macedo in Divis Tutelaribus, pag.296.
Nadali in Anno Cælefti ad diem 15. Novembris.
Marculus in Encomiis Sanctorum eodem die.
Schôneben in Anno Sancto. Habfpurgo-Auftriaco eodem die.

O Ven. P. Fr. Luiz de Granada no Symbolo da Fè, parte 1. cap.21.

Genef 3.15.

38 Naõ fe fatisfazia a fervorofa devoçaõ do Duque com venerar a Virgem Senhora Noffa em huma fó Imagem, nem com hum fó titulo; naõ fó dedicava o feu culto a Noffa Senhora com o gloriofiffimo titulo da Conceiçaõ immaculada, mas tambem com o titulo da Piedade, de que a Virgem Santiffima tanto fe preza, na qual continuamente fe exercita. Com efte titulo a venerava o Duque na Ermida da fua quinta de Cintra, fazendo-lhe todos os annos huma fumptuofa fefta, a que fempre hia affiftir ainda na fua taõ adiantada, e ultima idade. Verdadeiro imitador de feu decimo fettimo Avo S. LEOPOLDO Marquez de Auftria, que fundou dous Mofteiros à honra da Virgem Sacratiffima, dos quaes o primeiro foy no lugar, a que o vento levou milagrofamente o veo, e o fegundo dedicado a Noffa Senhora com o titulo

Frater Auguftinus à Sancta Maria in Santuario Mariano tomo 7. lib. 2. titulo 42. pag.316.

da

da Santa Cruz: *Monaſterium Beatæ Virgini ſacrum ſub titulo Victorioſiſſimæ Crucis conſtruxit, anniſq; redditibus locupletavit.* Lemos nos Annaes Ciſtercienſes. E todos vem que a Ermida de Cintra, ſendo dedicada a Noſſa Senhora da Piedade, tambem merece o titulo da Cruz, porque a Senhora da Piedade ſe reprezenta ao pè da Cruz na prezença de ſeu ſacratiſſimo Filho morto, e lavando o Divino cadaver com hum chuveiro de lagrymas.

Manrique in Annalib. Ciſtercienſ. tom. 1. ad Ann. Chriſt. 1133. cap. 4. n. 6.

Myſtica Cidade de Deos tom 2. liv. 6. cap. 24 n. 1446.

39 Ou eu me engano, ou vejo eſta devoçaõ do Duque com a Virgem Senhora N. e o culto das ſuas duas Imagens, da Conceiçaõ, e da Piedade, no meſmo terceiro livro dos Reis, de que tirey o Thema, que nos deſcreve a ſua vida no exemplar de David, porque no Capitulo 18. do terceiro livro dos Reis acho ao mais valerozo Heroe do ſeu tempo no Monte Carmelo, monte dedicado à Virgem Noſſa Senhora, orando ſette vezes, como diz o Abulenſe. E quem naõ vè naquelle Heroe o valor, em que tanto ſe aſſinalou o Duque? Quem naõ vè naquella Oraçaõ ſette vezes repetida no Carmelo, monte conſagrado à Virgem Santiſſima, as ſette horas do Officio de Noſſa Senhora, que o Duque reſava todos os dias?

Abulenſ. in 3. Reg. cap. 18. quæſt. 37.

40 Alli vejo que ſe levantou do Mar huma pequena nuvem: *Ecce nubecula parva quaſi veſtigium hominis aſcendebat de Mari.* Que eſta nuvem era huma inſigne figura da Virgem Maria, diz a Igreja: *Ubi Elias olim aſcendentem nubeculam, Virginis typo inſignem conſpexerat.* Que reprezentava a Senhora no Myſterio da ſua immaculada Conceiçaõ, dizem os Expoſitores com Joaõ Patriarca Jeroſolymitano; pelo que fica a accommodaçaõ muito natural, e muito propria a daquella nuvem ſahida do Mar à Imagem ſahida tambem do Mar, que o Duque venerou com o titulo de Conceiçaõ.

3. Reg. 18. 44.

Breviar. Rom. in Officio B. Mariæ de Mõte Carmelo, lect. 4.

Joannes Hieroſolymitanus libro de Inſtitutione Monachorum, cap. 32. Extat tom. 5. Maximæ Bibliothecæ veterum Patrum.

41 Naõ ſó foy aquella nuvem Imagem de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, ſenaõ tambem a de Noſſa Senhora da Piedade quando lavava o corpo morto de ſeu Unigenito Filho com chuveiros de lagrymas, porque conſta que aquella nuvem ſe converteu em hum grande chuveiro: *Facta eſt pluvia grandis.*

3. Reg. 18. 45.

42 Bem ſey q̃ o ſentido literal daquelle Texto falla da chuva, que Elias impetrou na ſua ſettima Oraçaõ para livrar aos povos da fome, a que os tinha reduſido a ſeccura de tres annos, em que tinhaõ eſtado fechados os Ceos; mas por iſſo meſmo ſe pòde accommodar ao chuveiro de eſmolas, que em obzequio de Noſſa Senhora mandava repartir o Duque no ſettimo dia, que he o Sabbado,

bado, para livrar aos pobres da fome, com que os opprime a falta de tudo, por acharem fechadas as entranhas dos avarentos.

43 E se o Duque na devoçaõ de Nossa Senhora se fez semelhante a seu decimo settimo Avo S. LEOPOLDO Marquez de Austria, como naõ devemos esperar que descance com elle, como David foy a descançar com seus progenitores: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide?*

§. IV.

Obzequio ao Santo Officio à imitaçaõ de seu decimo quarto Avo São Fernando III. Rey de Castella.

44 GRandes provas deu David da sua Fè, e da sua Religiaõ à imitaçaõ de Abraõ, cuja Fè, e cujo zelo da Religiaõ celebraõ as Escrituras de hum, e outro Testamento. Reprehendeu a idolatria dos Caldeos, que adoravaõ por Deos ao fogo, como diz o Abbade Ruperto, e procurou servir àquelles espiritos, que Deos nomeou Inquisidores para inquirir, e castigar os intoleraveis erros, e as nefãdas culpas dos detestaveis habitadores das cinco Cidades infames, como lemos no Cap. 18. do Genesis. Porq̃ a esta imitaçaõ David perseguio aos Filistheos, e mãdou queimar os seus idolos, como se lè no Capitulo 14. do livro 1. dos Paralipomenos. E teve particular attençaõ aos que eraõ Ministros, e Juises da Fè, que isso nos quiz significar no verso 6. do Psalmo centesimo quando disse: *Oculi mei ad fideles terræ, ut sedeant mecum*, porque Santo Agostinho sobre este lugar entende por estes fieis da terra aos Varões Apostolicos, que julgaõ aos filhos de Israel, que julgaõ as materias de Fè, que julgaõ as obras dos Anjos màos, ou conhecidos por màos para os sortilegios, ou transfigurados em Anjos de luz para as hypocrisias: *Judicantes duodecim tribus Israel. Judicant fideles terræ, quibus dicitur: Nescitis quia Angelos judicabimus.*

Eccles. 44. 21. Hebr. 11. 8. Rupertus Abbas in Genes. in lib. 5. cap. 2. Genes. 18. 1. Paralipom. 14. 12. Ps. 100. v. 6. Sanctus Aug. enarratione in Ps. 100. v. 6.

45 Foy singular no Duque o zelo da Fè, e o respeito, com que venerou, servio, e defendeu aos Ministros Apostolicos do Tribunal do Santo Officio, fazendo-se nestas virtudes semelhante a seu Augusto XIV. Avo S. FERNANDO III. Rey de Castella, cujo nome Gothico significa *Defensor da Religiaõ*; Principe, de quem canta a Igreja que resplandecendo nelle as virtudes Regias da Magnanimidade, da Clemencia, e da Justiça, excedia a todas

Veja-se no fim a linha IX. Sylva Cathal. Real de Hespanha §. 57.

o zelo de defender a Fè Catholica, e o culto da Religiaõ: *In eo .... Regiæ virtutes emicuere, Magnanimitas, Clementia, Justitia, & præ cæteris Catholicæ Fidei zelus, ejusque religiosi cultûs tuendi, ac propagandi ardens studium.* Exercitava o Santo Rey o seu zelo em exterminar os hereges, naõ permittindo que elles vivessem nos seus Reynos: *Id præstitit in primis hæreticos insectando, quos nullibi Regnorum suorũ consistere passus.* E cedẽdo ao ardor do seu zelo o esplẽdor da Magestade em obzequio do Santo Officio da Inquisiçaõ, trazia com as suas Reaes mãos a lenha, com que se haviaõ de queimar os hereges relaxados à Justiça secular para serem entregues às chammas, trocando o Catholico zelo cada hum daquelles troncos em Real Cetro, que conciliasse veneraçaõ à Magestade da Fè, e da Religiaõ: *Proprijs ipse manibus ligna comburendis damnatis ad rogum advehebat.*

In Officio Sãcti Ferdinandi Lect. 4.

Ibidem.

Ibidem.

46 A este seu XIV. Avo imitava o Duque no zelo da Fè, e obzequio ao Santo Officio. Fez-se Familiar para prender os Reos da Fè offendida, e havia muitos annos que era o mais antigo de todos os Familiares. E presava-se mais de ser Soldado da Fè, que Mestre de Campo General das Armas; mais de servir ao Tribunal do Santo Officio, do que de presidir nos Tribunaes supremos. Sendo dos Conselhos de Estado, e de Guerra, observava as ordens do Conselho Geral, e da Meza do Santo Officio com pontualississima exacçaõ, attendendo sempre ainda aos seus acenos: *Oculi mei ad fideles terræ.*

47 Assistia com grande pontualidade a todos os Actos da Fè assim publicos, como particulares, authorizando huns, e outros com a sua prezença. Nos publicos se lhe dava a chave da porta principal, para que o respeito da sua pessoa impedisse as desordens, que costumaõ succeder nos grandes concursos; e estimava tanto esta occasiaõ de fazer aquelle grande obzequio ao Santo Officio, que naõ quiz faltar a elle nem ainda no anno 1713. fazendo-se o Acto publico da Fè em Lisboa a 9. de Julho muito poucos dias depois da morte de seu filho o Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo de Mello succedida no 1. do mesmo Mez, e que foy hum terribel golpe, com que toda a sua Excellentissima Caza estava summamente afflicta.

48 E conheceu tanto o Santo Tribunal o zelo do Duque, que muitas vezes tratou com elle negocios de summo segredo, e de summa consideraçaõ, que só se fiavaõ de Ministros do Santo Officio; pelo que podia elle dizer com David: *Oculi mei super fi-*

deles terræ, ut confiderent hi mecum, como lè aquelle lugar Santo Agoftinho.

Sanctus Aug. ferm. 4. enarrat. in Pf. 100. v. 6.

49 Haviaõ-fe os Inquifidores Apoftolicos algumas vezes com o Duque, como os Inquifidores Angelicos fe houveraõ huma vez com Abrahaõ. Denunciados no Ceo pelos clamores da terra os erros, e os peccados das cinco Cidades infames, mandou Deos à terra tres Anjos Inquifidores a examinar a caufa daquelles delinquentes, e o Prefidente delles diffe: *Defcendam, & videbo utrùm clamorem, qui venit ad me, opere compleverint, an non eft ita, ut fciam.* E antes difto tinha dito: Por ventura poderey eu encobrir a Abrahaõ o que tenho determinado fazer: *Num celare potero Abraham quæ gefturus fum?* Sendo Abrahaõ hum taõ infigne Familiar, meu, e hum taõ grande meu amigo, e que eu tanto amo, naõ foffrem eftas razões que eu lhe recate os meus fegredos. Admiravelmente Alapide, commentando eftas palavras daquelle Inquifidor Prefidente: *Amor, & familiaritas mea non fert ut amicum meum Abrahamum ita mihi charum celem hæc fecreta mea.*

Genef. 18. 21.

Genefis 18. 17.

Alapide hic.

50 Juftiffima era a confiança, que fazia do Duque o Santo Officio, porque era o mais efclarecido Familiar do feu tempo, era o mais amante, e o mais amado daquelle Santo Tribunal, que na fua prudencia achava o mais acertado arbitrio, e na fua authoridade a mais fegura defenfa.

51 Bem fe vio ifto na tempeftade, que fe levantou contra o Tribunal do Santo Officio no feculo paffado, e que durou fette annos continuos defde o anno de 1674. atè o de 1681. na qual fempre a Inquifiçaõ achou a feu favor o religiozo voto do Duque com tanta felicidade, que fe vio reftituida ao feu antigo efplendor com alegria univerfal defte Reyno.

52 No obzequio da Inquifiçaõ fe moftrou o Duque naõ fó defenfor da Fè, mas tambem defenfor do Reyno, porque efte Reyno he Reyno de Deos, Reyno puro na Fè, fegundo o Oraculo do Campo de Ourique: *Erit mihi Regnum fanctificatum, fide purum.* E os Inquifidores para o Reyno de Deos faõ os Paes da Patria, porque faõ os que os livraõ do poder dos mayores inimigos, e faõ o feu mayor prefidio, e as fuas mayores forças. Foy Marco Furio Camillo pelos Romanos chamado Pay da Patria, porque livrou Roma das armas inimigas; e Cicero tambem foy chamado Pay da Patria, porque opprimio a conjuraçaõ de Catilina, e naõ direy eu que faõ Paes da Patria aquelles Varões, que livraõ a efte Reyno de taõ formidaveis inimigos, como faõ os erros hereticos?

Juramentum Regis Alphonfi apud Soufam de Macedo in Lufitania liberata, ubi fuprà.

Livius lib. 5. cap. 49.

Plin. Hift. Nat. lib. 7. cap. 30.

cos? Mas tenho mayor fundamento que nas letras humanas, nas Sagradas Efcritturas.

53 Levado pelos ares fe aufentava Elias de Elifeu, quando efte começou a acclamallo duas vezes Pay, Carroça, e Cavallaria de Ifrael: *Pater mi, pater mi, currus Ifrael, & auriga ejus*; ou como traslada Pagnino: *Equites ejus.* Que Elifeu chame a Elias huma vez Pay, bem eftà, porque Elifeu era filho de Elias pelo eftado, que profeffava; porèm qual pòde fer a razaõ de lhe chamar duas vezes Pay? Mais, porque lhe chama Carroça, e tropas de Ifrael? Eftas duas duvidas nos foltarà huma fó noticia. Tinha Elias o officio de Inquifidor acerrimo, tinha livrado o Reyno de Ifrael de muitos hereges, de muitos idolatras, de muitos Magos feiticeiros, e de muitos falfos Profetas, que de outros coftumaõ fer idolos: *Elias Inquifitorem agit acerrimum*, diz o doutiffimo Paramo, e ifto nos tira a primeira duvida, porque Elias era duas vezes Pay, era Pay de Elifeu pelo Magifterio, e era Pay da Patria pelo officio. Tinha o Officio de Inquifidor e por elle fe tinha feito Pay da Patria, livrando-a dos mayores inimigos, que faõ os erros hereticos.

4. Reg. 2. 12.

Paramo de Origine Officii fanctæ Inquifit. lib. 1 cap. 3. tit. 3. n 14.

54 Pela mefma razaõ foy Elias juftiffimamẽte chamado Carroça, e Cavallaria de Ifrael, porque affim como naquelle tempo as Carroças falcatas, e em todo as tropas eraõ, e faõ a mayor força dos Exercitos, affim aquelle zelante Inquifidor era toda a força, e toda a defenfa do Rey de Ifrael. Admiravelmente o Cardeal Caetano: *Laudam Eliam, quòd eminenter habuerit officium curruum, & equitum in Ifrael: hoc eft quòd eminenter fuerit robur Ifraelis.*

Cardin. Caietan. hic.

55 Bem conhecia efta verdade o Duque, e naõ fó venerava a Inquifiçaõ como Catholico, mas tambem como Politico. Como Catholico via que a Inquifiçaõ he o baluarte da Fè; e como Politico reconhecia que as Inquifiçōes faõ as melhores fortalezas do Reyno; e que cada Inquifidor he hum novo Pay da Patria.

56 E por efte mefmo refpeito aos Inquifidores, por efte mefmo obzequio à Inquifiçaõ mereceu o mefmo Duque o fer acclamado Pay da Patria, e a mais inexpugnavel força do Reyno. Ainda nos naõ apartàmos de Elifeu.

57 Opprimido dos annos, e da doença chegou Elifeu ao fim da vida, o foy vizitar ElRey Joàs, e chorou vendo-o naquelle eftado: *Defcenditque ad eum Joas Rex Ifrael, & flebat coram eo.* Naõ me admiro da Real vizita, porque he acçaõ muito digna de

4. Reg. 13. 14.

 hum

hum grande Rey vizitar a hum vassallo taõ benemerito, quando se acha moribundo. Nem estranho em tal occasiaõ as Reaes lagrymas, porque he muito digna dellas a perda de hum tal vassallo; mas reparo muito nas palavras, que alli disse Joàs a Eliseu quando se achava moribundo, que foraõ as mesmas, que Eliseu tinha dito a Elias quando este se ausentou arrebatado: *Pater mi, Pater mi, currus Israel, & Auriga ejus.* Chama Joàs a Eliseu duas vezes Pay, *Pater, Pater*, como lem os Settenta. Chamalhe toda a força militar de Israel: *Currus Israel, & equites ejus*, como lè Pagnino, que saõ os mesmos titulos, que Eliseu tinha dado a Elias. Que Joàs Rey moço chamasse Pay a Elias seu Profeta velho, naõ o estranho, porque Eliseu se tinha feito segundo Pay de Joàs pela educaçaõ, assim como Elias era segundo Pay de Eliseu pelo Magisterio. Mas qual serà a razaõ, porque lhe chama segunda vez Pay? Como Eliseu a Elias, e porque causa (como Eliseu a Elias) chama Joàs a Eliseu toda a força militar de Israel? Porque assim como Elias mereceu aquelles honrozos titulos de Pay da Patria, e toda a força militar de Israel, por ser o Inquisidor de mayor zelo, assim Eliseu se fez digno daquelles titulos, por ser Familiar de Elias, por estar às suas ordens, por seguir sempre as suas partes, por saber parte dos seus segredos, e por preferir a tudo o seu obzequio. Que tudo isto se exprime naquellas palavras do Texto Sagrado: *Sequutus est Eliam, & ministrabat ei. Serviebat Eliæ in omnibus*, diz sobre este lugar o Abulense. Logo, se Eliseu foy Varaõ, que poz tanto cuidado em honrar aquelle Inquisidor, digase que Eliseu foy Pay da Patria, que foy defensor do Reyno, e que foy a mais inexpugnavel força para a sua conservaçaõ: *Pater mi, Pater mi: currus Israel, & equites ejus.* Parece que se naõ pòde dizer mais de hum homem Familiar, amigo, e defensor do Santo Officio, mas ainda disse mais o Espirito Santo no elogio, que faz a Elias no Capitulo 48. do Ecclesiastico.

Ibidem. | 3.Reg.19.21. Abulens. in 3. Reg. cap. 19. quæst. 26.

58 Depois que o Ecclesiastico tinha celebrado a Elias pelo mayor Inquisidor, e tinha dito que elle ao mesmo tempo que julgava, defendia; julgava as culpas dos Reos, e defendia dos erros a Patria; sendo os mesmos actos do juizo os meyos para a defensa: *Qui audis in Sina judicium, & in Horeb judicia defensionis*, accrescenta que Saõ Bem-aventurados os que lhe assistiraõ, os que foraõ seus Familiares, e os que se honràraõ da sua amisade: *Beati sunt qui te viderunt, & in amicitia tua decorati sunt. Illi felices prædicantur, qui familiaritate tanti viri usi sunt*, commenta Bonarcio.

Ecclef.48.7. | Ecclef.48.11. | Bonartius hic.

59 Bem

59 Bem se vio a infallivel verdade desta sentença em hum XIV. Avo do Duque em S. FERNANDO III. Rey de Castella chamado Atlante da Religiaõ, e progagador da Fè: em S. FERNANDO que no zelo da Fè, e na honra dos Ministros della, como canta a Igreja, e eu jà tenho dito, se assinalou tanto, que por estas virtudes he hoje Bem-aventurado no Ceo, e adorado por Santo na terra; e se o Duque no zelo da Fè, e na estimaçaõ dos Inquisidores imitou a este seu XIV. Avo, assim como David tinha imitado a Abrahaõ nas mesmas virtudes, muita razaõ temos para piamente entender que foy a descançar com o progenitor, a que se fez taõ semelhante: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

Acta Sancti Ferdinandi cum Notis Papebrocij pag. 200. n. 215. Schôleben in Anno Sancto Habspurgo-Austriaco die 30. Maij.

§. V.

Piedade com os pobres à imitaçaõ de seu vigesimo Avo S. Macolmo 3. Rey de Escocia.

60 TEmos visto huma pequena parte dos Actos de Religiaõ, com que o Duque deu abundantes provas do quanto era viva a sua constantissima Fè. Vejamos agora como o testemunha a mesma Fè com heroicos actos de piedade.

61 Era a piedade do Duque como aquelle rio do Paraiso, de que diz a Escrittura que se dividia em quatro rios, porque da piedade do Duque sahiaõ quatro copiozos rios de beneficencia; hum rio de esmolas quotidianas para soccorrer os pobres vivos; hum rio de medicamentos continuos para curar os enfermos; hum rio copiozo de suffragios para alliviar os defuntos; hum rio perenne para favorecer os Religiozos. Eraõ estes quatro rios semelhantes aos quatro rios, que sahiaõ do Paraiso, dos quaes se diz que correm encubertos, sahindo a descobrirse em partes muito remotas; pela qual razaõ se naõ sabe a sua origem, porque os quatro rios da piedade do Duque tambem corriaõ muitas vezes occultos, porque elle queria encobrir naõ menos a sua liberalidade, que a pobreza daquelles, a quem fazia o beneficio, por isso naõ direy tudo o que se póde dizer daquella piedade, pela qual o Duque se fez semelhante aos seus Santos Avòs em ordem a descançar com elles, assim como David descançou com seus progenitores, por se fazer a elles semelhante: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

Genes. 2. 10.

Vide Pererium lib 3. in Genes. ad versum. 10. cap. 2. n. 97. & 98.

 62 Hu-

62 Huma das virtudes, pelas quaes David moſtrou a ſua Fè e ſe fez ſemelhante aos ſeus progenitores para deſcançar com elles, foy a ſua piedade; aquella piedade, que tanto lhe celebrou Mathatias no Capitulo 2. do primeiro livro dos Macabeus, dizendo que por ella conſeguira David o Reyno eterno: *David in ſua miſericordia conſequutus eſt ſedem regni in ſæcula*; aquella piedade, em que imitou a ſeus progenitores Abrahaõ, e Lot coſtumados a ſoccorrer os pobres, e que por iſſo merecerão hoſpedar os Anjos, como notou Hildeberto Cenomanenſe: *Lot, & Abraham (quia conſueverant homines) Angelos etiam hoſpitari meruerunt.* Aquella piedade, que lhe granjeou o eterno deſcanço: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis. Quòd patrum ſimilis fuerit fide.*

1. Machab. 2. 57.

Heribertus Cenomanenſ. Epiſt.77. apud. Bibliot. Patrum. 21. pag. 156. G.

63 Celebre outra mayor eloquencia as proezas da lança, e do eſcudo, com que o incomparavel valor do Duque aſſombrou os inimigos nas Campanhas, ſendo o ferro daquella lança inevitavel: porque o terribel eſplendor do eſcudo, melhor que o fabulozo de Perſeu, deixava immoveis aos inimigos primeiro proſtrados pelo temor, que pelo golpe; que eu ſó farey memoria da mais inevitavel lança, e do mais inexpugnavel eſcudo, com que o Duque ſempre andou armado, e ſempre triunfou vittoriozo, que forão as continuas eſmolas, que eſcondeu nas mãos dos pobres.

64 *Conclude eleemoſynam in corde pauperis*, diz o Eſpirito Santo, *& hæc pro te exorabit ab omni malo.* Fazey eſmola ao pobre, e eſta vòz livrarà de todo o mal. E he admiravel a expreſſão, com q̃ a Divina Eſcrittura continùa em engrandecer as forças da eſmola: *Super ſcutum potentis, & ſuper lanceam adverſùs inimicum tuum pugnabit.* A eſmola peleijarà contra voſſos inimigos melhor, que o melhor eſcudo, melhor que a melhor lança.

Eccleſ.29.15.

Ibidem.

65 Inſigne foy o Duque na piedade para com os pobres à imitação de ſeu XX. Avo S. MACOLMO III. Rey de Eſcocia, aquelle Monarca, que em companhia de ſua Real Eſpoſa Santa Margarida dava todos os dias de comer a trezentos pobres, tocando-lhe à ſua parte cento e ſincoenta. Se ſe fizer a conta ao que o Duque gaſtava em cada hum anno em eſmolas, ha ſe de achar que excede muito ao que baſte para ſuſtentar cada dia a cento e ſincoenta pobres, e ſe compararmos as rendas de hum Duque do Cadaval com as de hum Rey de Eſcocia, veremos o quanto excedião as eſmolas do Duque às de S. MACOLMO.

Veja-ſe no fim a linha X.

Zecharias Lipeloo in Vitis Sanctor. die 10. Junij, in Vita Sanctæ Margaritæ Reginæ Scotiæ.

66 Jà vimos que em cada Sabbado ſe repartião publicamente

por ordem do Duque esmolas por innumeravel numero de pobres dos que andaõ pelas ruas pedindo; mas ainda naõ disse das esmolas, que o Duque repartia particularmente pela sua maõ. Nestas esmolas particulares gastava tudo o que lhe rendiaõ as suas altas occupações, o Assẽtamento de Duque, o Soldo de Mestre de Campo General, e Governador das Armas junto à Pessoa, o Ordenado de Mordomo Mòr das Rainhas, os ordenados, e propinas das Presidencias.

67 Estas especialmente foraõ às esmolas, que com duplicada milagrosa transformaçaõ se converteraõ em escudos, e lanças, porque foraõ esmolas occultas: *Conclude eleemosynam in corde pauperis*, e converteraõ os salarios publicos nos melhores gastos secretos.

68 Quem dissera quando via ao Duque andar governando as Tropas, que elle andava merecendo os soldos para os pobres, que o haviaõ de ajudar na Conquista do Ceo? Quem crera, quando o via andar servindo às Soberanas Rainhas como Mordomo mòr no Paço, que elle andava servindo às pobres viuvas, às donzellas recolhidas, e às orfaãs desamparadas? Quem imaginàra, quando o via Presidente da Justiça, que naquelle mesmo officio era Procurador da Misericordia? Pois tudo isto conheceria quem soubesse que tudo quanto lucrava naquelles lugares, era em beneficio dos pobres, para que elles depois da sua morte o recebessem na Bem-aventurança, como Christo prometteu: *Ut cùm defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.* Lucæ 16.9.

69 Estas esmolas do Duque eraõ com grandeza de Principe, mas com merecimento de Apostolo; eraõ com grandeza de Principe pela copia, mas com merecimento de Apostolo pela circunstancia. A copia as fazia de Principe, que nellas despendia thesouros, a circunstancia as fazia de Apostolo, porque nasciaõ do proprio trabalho.

70 Gloriava-se o Apostolo Saõ Paulo de que sustentava os pobres com o trabalho das suas mãos: *His, qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ.* Act.20.34. E diz Cornelio Alapide que esta excellencia, e esta gloria he quasi propria do Apostolo Saõ Paulo: *Hæc excellentia, hæc gloria Paulo pene propria.* Alapide hic. Advirtidamente poz o prudentissimo Expositor aquelle *pene*, aquelle *quasi*, como se previra que havia de haver neste Reyno hum Duque do Cadaval, que tambem lograsse a gloria, e a excellencia de agenciar esmolas para os pobres com o trabalho das suas mãos. Punha as mãos o Duque

Duque nos Santos Evangelhos para jurar, como he costume, na entrada dos lugares, e dos officios; e trabalhavaõ para os pobres aquellas mãos: *Ministraverunt manus istæ.* Aquella maõ quando empunhava o bastaõ, ou de Mestre de Campo General, ou de Mordomo Mòr, trabalhava para os pobres: *Ministraverunt manus istæ.* Aquella maõ quando pegava na penna como Presidente para rubricar os despachos, para escrever os votos, para assinar as consultas, trabalhava para os pobres: *Ministraverunt manus istæ.*

71 Oh dignissimo vigesimo Neto de S. MACOLMO Rey de Escocia, que por imitar a tal ascendente na piedade com os pobres, com a qual provou a sua Fè, deixou à nossa piedade a esperança de que iria a descançar com elle, assim como David descançou com Abrahaõ, e Lot seus progenitores, aos quaes pela piedade com os pobres se fez semelhante: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

§. VI.

Caridade com os enfermos à imitaçaõ de seu vigesimo outavo Avo Saõ Arnulfo Duque de Moselania.

72 SAõ as doenças agudas settas de Deos, que penetraõ os corpos humanos, por isso o Santo Job afflicto com varias enfirmidades dizia, segundo a versaõ dos Settenta: *Sagittæ Dòmini in corpore meo sunt*; e diz o seu grande Commentador Pineda: *Non dubium quin sagittæ ægritudines, ac dolores sint.* Saõ a calamidade mayor, que na vida padecem os mortaes, e por isso o mesmo Job no mesmo lugar chama calamidade às doenças, que padecia: *Calamitas, quam patior.* Os Settenta trasladaõ *dolores*; e assim os enfermos saõ os mais calamitozos.

Job.6.2.

Pineda hic.

Septuginta hic.

73 E porque David teve grande piedade com os enfermos, por isso a celebrou Josefo, dizendo que David fora pio com os calamitozos: *Benignus erga calamitosos.* Bem mostrou David esta piedade com os enfermos, quando com Orações, com esmolas, e com sacrificios procurou, e conseguio extinguir a peste, que affligia o seu povo, como lemos no segundo livro dos Reis. Nos actos desta virtude imitou David a seu progenitor Abrahaõ, de quem sabemos que procurou, e conseguio a saude naõ só d'ElRey Abimelech, e da Rainha sua esposa, mas tambem da sua familia: *Orante autem Abraham sanavit Deus Abimelech, & uxorem, ancillasque*

Josephus lib. 7. Antiquitat. cap. 12.

2. Regum 24. 17.24.& 25.

Genesis 11.17.

cillasque ejus. E porque David mostrando a sua Fè na piedade com os enfermos se fez na vida semelhante a Abrahaõ seu progenitor, e pay dos crentes, por isso foy a descançar com elle na morte: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

74 Mayor que a piedade de David, e que a de Abrahaõ foy a piedade do Duque com os enfermos, porque naõ só procurou, e applicou remedios às doenças de hum Rey, e de huma Rainha, mas tambem à de todas as pessoas Reaes, que no seu tempo padeceraõ as perigosas doenças, que sabemos; mas deu medicamentos a todos os pobres, que os buscavaõ na sua caza, que era huma armeria medica chea dos mais exquizitos, dos mais preciozos e mais activos remedios contra a violencia dos achaques, inimigos mortaes da vida humana.

75 Era o Duque verdadeiro Principe, porque na sua caza achavaõ paõ os pobres famintos, e achavaõ vestidos os pobres nùs, como temos visto, e na sua pessoa achavaõ Medico os pobres enfermos, que saõ as partes, de que se fórma o verdadeiro caracter de hum Principe, porque naõ se póde chamar Principe quem naõ tem estas prerogativas. Bem entendia esta piedosa politica aquelle Varaõ, de q̃ escreveu o Profeta Izaias, que querẽdo o povo cõstituillo Principe, lhe respõdeu generosa, e desinteressadamente que lhe naõ chamassem Principe, porque naõ era Medico para os enfermos, naõ tinha paõ para os famintos, e naõ tinha vestidos para os nùs: *Non sum Medicus, & in domo mea non est panis, neque vestimentum; nolite me constituere Principem populi.* Porèm ao Duque, ainda que Deos o naõ tivera feito taõ grande Principe pelo Real sangue da sua varonia, bastava para fazello Principe a sua piedade com os pobres famintos, com os pobres nùs, e com os pobres enfermos.

Isaiæ 3.7.

76 Pela varonia veyo ao Duque o Real Augusto sangue dos Monarcas de França, e de Portugal, que o fez Principe entre os Senhores; e pela varonia lhe veyo tambem o santificado sangue, que o fez Principe entre os piedozos com os pobres, e principalmente com os enfermos, porque pela varonia era XXVIII. Neto de S. ARNOLDO, ou ARNULFO Duque de Moselania, que depois de ser Mordomo Mòr no Palacio de França, depois de sustentar, e vestir muitos pobres, se applicou todo à cura dos enfermos, tomando a occupaçaõ de Enfermeiro, como lemos na sua vida.

Veja-se no fim a linha IV.

77 A imi-

Benedict. Gononus in vitis Patrum Occidentis, lib. 2. pag. 92.

77 A imitaçaõ defte feu grande XXVIII. Avo naõ fó deu o Duque tantas efmolas aos pobres, como fabe o Mundo, mas tomou o officio de Enfermeiro Mòr perpetuo no Hofpital dos Terceiros de Saõ Francifco defta Cidade. Mais fe prefava de fer Enfermeiro, como S. ARNULFO, que de fer como elle Duque, que de fer como elle Mordomo Mòr. Naõ fe viaõ nas Armas do Duque a coroa de ouro com os feus outo florões, nem a pedraria precioſa interpolada com perolas, infignias proprias dos Duques; naõ fe viaõ no efcudo das fuas Armas a afpa formada de baftões, que he o diftinctivo do officio de Mordomo Mòr, mas via-fe em huma das mais publicas falas do feu Palacio o final, que melhor o dava a conhecer por Enfermeiro Mòr, por fer o officio, de que mais fe prefava. O que mais arrebatava os olhos dos que entravaõ naquella fala era huma maquina primorofamente fabricada em fórma de hum Templo outavado, a quem fe podia dar o nome de algum dos tres Templos, que houve na antiga Roma, ou o de todos tres juntamente, porque fe lhe podia chamar Templo da Piedade, Templo da faude, e Templo de Minerva Medica, porque era aquella maquina hum thefouro dos mais raros, mais preciozos, e mais uteis medicamentos, que a piedade do Duque tinha juntos para a faude dos enfermos; alli eftavaõ os diligentes trabalhos de toda a Minerva, ou Sciencia Medica. E efte era o adorno mais proprio do Palacio de hum Duque Enfermeiro Mòr.

Vide Colombere la fcience Heroique c. 37. n. 5. & cap. 47. n. 13.

Livius lib. 40. cap. 34. Plinius Hift. Nat. lib. 35. cap. 4. Fabric. in Defcriptione Urbis Romanæ capit. 10.

78 Jà me peza de ter dito que naõ fe viaõ no Palacio do Duque os Baftões de Mordomo Mòr, que fe naõ via a Coroa com as grandes flores, que fe naõ viaõ as pedras preciofas, que naõ fe viaõ as perolas, porque naquelle Templo, ou naquelle thefouro eftavaõ as perolas, e as pedras preciofas desfeitas em antidotos, as flores diftilladas em liquores, o ouro redufido a medicamentos, que todos eraõ baftões para fe fuftentar nelles a vida dos enfermos, e todos diademas para coroar a piedade do Duque, que foube transformar em inftrumentos da piedade de Enfermeiro Mòr as mefmas infignias de Duque, e de Mordomo Mòr.

79 Affim fe fez o Duque pela Fè, que moftrou nas obras de piedade com os enfermos, femelhante ao feu XXVIII. Avo S. ARNULFO Duque de Mofelania, procurardo com efta virtuofa diligencia na vida ir a defcançar com elle na morte, affim como David foy defcançar com Abrahaõ feu progenitor, a quem fe tinha feito femelhante, por moftrar a fua Fè nas obras de piedade com os enfermos: *Dormivit igitur David cum patribus fuis.*

Quòd

Quòd patrum similis fuerit in fide.

§. VII.

Piedade para com as Almas do Purgatorio à imitaçaõ de seu vigesimo quarto Avo o Emperador Saõ Carlos Magno.

80 TEstemunhou David a sua Fè com as obras de piedade, que exercitou com as Almas dos defuntos à imitaçaõ de seus progenitores Abrahaõ, e Isaac, e principalmente Jacob, porq assim como Abrahaõ fez Officios funeraes a Sara sua esposa: *Venitque Abraham ut plangeret, & fleret eam, cùmque surrexitsset ab officio funeris*; assim como Isaac fez exequias a seu pay Abrahaõ, assim como Jacob fez exequias naõ só a seu pay Isaac, e a sua esposa Raquel, mas tambem a seu filho Josè, quando o julgava morto, assim David procurou com rios de lagrymas apagar as chammas do Purgatorio, em que estivessem Jonathas, e os que com elle foraõ mortos na batalha dos montes de Gelboè; pela Alma de Abner offereceu a Deos as suas lagrymas, e as suas penitencias, e mandou que todo o povo seguisse o seu exemplo: *Scindite vestimenta vestra, & accingimini saccis, & plangite ante exequias Abner*. Celebra a Escrittura as suas lagrymas: *Levavit Rex vocem suam, & flevit super tumulum Abner*; a sua penitencia declara o juramento, que o mesmo David fez de jejuar atè o pòr do Sol: *Hæc faciat mihi Deus, & hæc addat, si ante occasum Solis gustavero panem, vel aliud quidquam.*

Genes. 23. 2. 3. Gener. 25. 8. Genes. 35. 29. Genes. 35. 20. Genes. 37. 34. 2. Reg. 3. 31. 2. Reg. 3. 32. Ibidem v. 35.

81 E como David testemunhando a sua Fè pelas obras de piedade com os defuntos se fez semelhante a seus progenitores Abrahaõ, Isaac, e Jacob, justo era que fosse a descançar com elles: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

82 Naõ se contentava o Duque de que a sua piedade fosse util aos homens só no estreito campo da vida, estendia-a pelas vastas Regiões da morte. Naõ se satisfazia com que só este Mundo experimentasse a sua beneficencia, estendia-a tambem pelo outro Mundo. Chorou Alexandre, hum dos nove Heroes da fama, ouvindo ao Filozofo Anaxarco, que havia mais Mundos, por ver que ainda naõ tinha chegado a dominar hum; porèm alegrava-se o Duque de que o ensinasse a Fè que havia mais Mundos do que este, em que vivemos, porque com esta noticia se animava a conquistar

Valerius Maxim. lib. 8. cap. 14. n. 2.

quistar o Mundo Celeste por meyo das obras, com que edificava, e utilizava o Mundo terrestre; por meyo das acções, com que soccorria a melhor parte do Mundo subterraneo, fazendo resplandecer là no coração da terra os seus beneficios pelo alivio das Almas do Purgatorio, de cujas profundas minas tirava copiosissimos thesouros de merecimentos.

83 Não sey se o Duque fazia penitencias pelas Almas como David, mas consta-me que todos os dias resava por ellas os sette Psalmos Penitenciaes do mesmo David.

84 Sabia eleição de Orações pelas Almas do Purgatorio foy a q̃ o Duq̃ fez dos sette Psalmos Penitenciaes, assim pelo numero, como pelo argumẽto porque o numero de sette he proprio para os suffragios; por isso os Israelitas choràrão sette dias a Jacob morto, sette dias a Judith defunta, e por isso diz o Espirito Santo no Capitulo 22. do Ecclesiastico: *Luctus mortui septem dies.* Pelo argumento, porque o argumento daquelles sette Psalmos são Orações pelas Almas, que padecem, e Orações acompanhadas de actos de contrição, e de amor de Deos, que tem por effeito o santificar a Alma de quẽ ora, e solicitar o alivio das Almas, pelas quaes se ora.

Genes. 50. 10. Judith 16. 29. Eccles. 22. 13.

85 Da Oração, que se faz pelas Almas com os sette Psalmos Penitenciaes, se pòde especialmente dizer o que o Espirito Santo disse da Oração pelas Almas do Purgatorio no livro 2. dos Macabeos: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur.* Que he Santa, e salutifera attenção o fazer Oração pelos defuntos, para que fiquem livres das penas, que merecerão pelos peccados. Porque he Santa a Oração, que he acompanhada de actos de contrição, e de amor de Deos, que fazem a huma Alma Santa, e he salutifera para impetrar o alivio das penas, que os defuntos merecerão pelos sette peccados capitaes, são muito proprios os sette Psalmos Penitenciaes: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur.*

Lib. 2. Machab. c. 12. n. 46.

86 Eu não sey se o Duque algumas vezes em beneficio das Almas imitou aquelle jejum de David quando jurou que atè o pòr do Sol não comeria o pão, nem isto he facil de saber de tal Principe como o Duque, porque se elle muitas vezes occultava as esmolas, que dava, como não occultaria as penitencias, que fizesse? O que sey he que elle, ainda que nunca deixasse o pão usual por amor das Almas, muitas vezes fez offerecer por ellas o Pão Sacramental, porque costumava mandar dizer grande numero de Missas pelos defuntos.

87 Naõ ſó mandava o Duque fazer muitos ſuffragios pelas Almas, mas procurou tambem que lhes déſſe eſte ſoccorro a Real beneficencia.

88 Em 28. de Novembro de 1726. dous mezes antes da morte do Duque ſe publicou neſta Corte a infauſta noticia de que a Nào Santa Roſa, que vinha por Capitanea da frota da Bahia, perecera laſtimoſamente com hum incendio, que tirou a vida a ſette centos homens, que vinhaõ nella. Naõ pode o Duque naquella manhaã ir ao Paço, porque lho impedia a delibidade em que o tinha deixado o ſeu terribel accidente; mas naõ pode ſofrer a ſua piedade que ſe differiſſe o ſolicitar ſoccorro para as Almas dos que dos incendio da Nào tiveſſem paſſado para o fogo do Purgatorio. Eſcreveu logo a Sua Mageſtade, pedindo-lhe que foſſe ſervido de mandar fazer ſuffragios pelas Almas de todos aquelles ſette centos homens mortos no ſeu Real ſerviço.

89 Naõ me admira eſta piedade do Duque em beneficio dos Soldados mortos, porque todos ſabemos o quanto eſte General era coſtumado a favorecer os Soldados vivos. Reparo em que chriſtaãmente politico com o ſoccorro do Purgatorio procurava defender melhor o Reyno, porque quanto fogo os ſuffragios apagavaõ nas Almas dos Soldados mortos, tanto acenderiaõ no peito dos Soldados vivos, para ſervirem com mais valor a hum Monarca, que ſe naõ eſquecia nem ainda dos Soldados mortos. As meſmas obras pias, que para os Soldados mortos eraõ ſuffragios, para os Soldados vivos eraõ eſtimulos.

90 Achou a piedade daquelle grande General hum novo modo de reclutar os exercitos Portuguezes com Soldados immortaes, porque todos os mortos, a quem a piedade dos Reys livra do Purgatorio, lhes ficaõ os eſtipendiarios no Empyreo. No Ceo defendem melhor o Reyno com as ſuas Orações, do que o poderiaõ fazer no campo com as ſuas eſpadas, e fazem mais no Ceo com o ſeu agradecimento, do que podiaõ obrar no Mundo com a ſua fidelidade, porque os Soldados na terra nem ſempre vencem, e os Soldados no Ceo ſempre triunfaõ.

91 Aprendeu o Duque eſta piedoſa politica de ſeu XXIV. Avo S. CARLOS MAGNO Rey de Frãça, e Emperador de Alemanha, o qual, ſẽdo muito dado a ſoccorrer as Almas do Purgatorio, ſe aſſinalou ẽ procurar ſuffragios para os Soldados, q̃ morreraõ em ſerviço da Patria, porq̃ procurou que ſe fizeſſem copioſos ſuffragios pelas Almas de quaſi trinta mil Soldados Chriſtãos, que fo-

Veja-ſe no fim a linha V.

Vide Baron. ad annum Christi 768. & 812. Et Eginardum in vita Caroli Magni. Vide Garivay Illustraciones Genealogicas à pag. 60.

raõ mortos na famosa batalha de Roncesvalhes.

92 Por meyo desta semelhança com Saõ CARLOS MAGNO na piedade com as Almas do Purgatorio trabalhou o Duque por ir a descançar com este seu Santo XXIV. Avo, assim como David pela piedade com os defuntos se fez semelhante a seus Avòs Abrahaõ, Isaac, e Jacob; e foy a descançar eternamente com elles: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

§. VIII.

Beneficencia para com os Religiozos à imitaçaõ de seu decimo terceiro Avò Saõ Luiz Rey de França

93 NAõ só testemunhou David a sua Fè com obras de piedade em beneficio dos que morreraõ por decreto da naturesa, mas tambem a favor dos que morreraõ por impulso da graça. Naõ só ensinou a ser pio com os que jà tinhaõ acabado, mas tambem com os que naõ tinhaõ ainda nascido, porque ensinou a usar de piedade com os Religiozos, os quaes, sendo vivos para a duraçaõ, saõ mortos para o Mundo, e jà estaõ sepultados nos claustros. Aos Religiozos se applica com toda a propriedade o que Saõ Paulo escreveu aos Colossenses: *Mortui enim estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo.* Ainda no tempo de David naõ havia Religiozos formados, e jà David ensinava o extremo da piedade com os Religiozos mais reformados, porque como Profeta os estava vendo, ainda quando eraõ só futuros; para com estes ensinava a piedade, exercitando a com aquelles, que eraõ suas figuras. Naõ tinha David no seu seculo absolutamente verdadeiros Religiozos, mas tinha Religiozos figurados. Os Profetas daquelle tempo eraõ as mais expressas figuras dos Religiozos dos nossos tempos, como consta dos Santos Padres, e David favorecendo, e venerando aquelles Profetas, ensinou a favorecer, e a venerar estes Religiozos. Bem mostrou David esta piedade com o Profeta Nathan, aquelle Embaixador de Deos: *Misit ergo Dòminus Nathan ad David*, com o Profeta Nathan, a quem honrava, e venerava tanto, como diz Santo Epifanio: *Sentiebatque David Rex Spiritu Dei Sancto Nathan afflatum esse Prophetam, honorabatque, & venerabatur hominem tanquam Numen, aut Sanctum Dei.* E honrando, e venerando com esta piedade a Nathan,

Coloss. 3. 3.

Vide Suarium tomo 3. de Religione, lib. 3. capite 1. n. 1.

2. Reg. 12. 1.

Sanctus Epiphanius in vitis Prophetarum §. 1.

Nathan, honrava, e venerava na ſua peſſoa a toda a Ordem dos Profetas, porque diz Saõ Jeronymo que toda a Sagrada Ordem dos Profetas ſe via debuxada em Nathan: *In Nathan Prophetalis Ordo deſcribitur.* Por iſſo o Eſpirito Santo, querendo no Capitulo 47. do Eccleſiaſtico tecer o elogio de David, lhe fez o prologo com a memoria de Nathan: *Poſt hæc ſurrexit Nathan Propheta in diebus David.* Que depois do que tinha dito ſe levantou, ou reſurgio o Profeta Nathan nos dias de David. Naõ tem eſta clauſula palavra, que naõ tenha myſterio. Acabava o Eccleſiaſtico de deſcrever no Capitulo antecedente o fim de Samuel Profeta, morto em tempo de Saul Rey impio; e com muita razaõ paſſou immediatamente a referir a exaltaçaõ do Profeta Nathan nos dias de David Principe piedozo: *Poſt hæc ſurrexit Nathan Propheta in diebus David:* porque quando para os impios os Profetas eſtaõ cahidos, e mortos, os pios com a honra, e com a veneraçaõ fazem que ſe exaltem os Profetas, e que reſuſcitem os Religiozos. Diz que eſta exaltaçaõ de Nathan foy nos dias de David: *In diebus David,* porque a piedade de David naõ contava por dias ſeus ſe naõ os em que ſe exaltava Nathan, os em que Nathan ſe via reſuſcitado. E porque ſe havia de chamar Nathan hum homem, a quem David honrava como a pay, ſe Nathan era tambem o nome de hum filho de David, como lemos no 1. livro do Paralipomenon, foy diſpoſiçaõ Divina, para que entendeſſem os Grandes que os Religiozos ſe haviaõ de honrar como Paes, e ſe haviaõ de alimentar como filhos.

Sanctus Hieronym. in Zachariæ cap. 12.

Eccleſ. 47. 1.

Lib. 1. Paralipomenon c. 3. n. 5.

94 Por eſta piedade uſada com Nathan, e na ſua peſſoa com toda a Ordem dos Profetas, ſe fez David ſemelhante a ſeu progenitor Abrahaõ, que tambem foy pio com aquelles, que no ſeu tempo figuravaõ os Regulares do noſſo; com Melchiſedech, a quem deu frutos, como diz a Eſcritura, e com os Cineos, a quem edificou muitos Moſteiros, ſegundo diz Bolduc Pariſienſe falando de Abrahaõ: *Omnia, per quæ tranſit loca, ſuis replet cœnobijs;* e tendo David conſeguido a ſemelhança de Abrahaõ por teſtemunhar a ſua Fè com as obras de piedade em beneficio dos Religiozos do ſeu tempo, como naõ havia de ir a deſcançar com elle? *Dormivit igitur David cum patribus ſuis. Quòd patrum ſimilis fuerit fide.*

Geneſ. 14. 20.
Hebr. 7. 2.

Bolduc in Eccleſ. ante legem lib. 3. cap. 1.

95 Celèbre Portugal, admire o Piamonte, e publique todo o Mundo a Mageſtoſa pompa, com que o Duque entrou na Corte de Turim no anno de 1682. como o mayor Embaixador de to-

dos quantos tem ſahido deſte Reyno; e aſſombrem-ſe todos do ſeu generozo deſintereſſe, pelo qual naõ admittio ajuda de cuſto, fazendo toda a deſpeza da Embaixada à cuſta da ſua fazenda; que eu hoje ſó hey de fazer memoria do muito, que o Duque cada anno deſpendia com aquelles, que como Nathan ſaõ Embaixadores de Deos, que ſaõ os Religiozos, cujos Apoſtolicos eſpiritos podem dizer com Saõ Paulo: *Pro Chriſto ergo legatione fungimur tanquam Deo exhortante per nos.*

2. Corinth. 6. 20.

96 Em nenhum genero de acções deu o Duque taõ evidentes, e taõ continuas provas da ſua viva Fè, como nas obras de piedade com os Religiozos, aos quaes ſoccorria, honrava, e venerava, imitando neſtes piedozos actos a ſeu XIII. Avo Saõ LUIZ Rey de França, em cuja vida lemos que era taõ benefico com as Sagradas Religiões, que naõ ſó as ſoccorria com eſmolas, naõ ſó as honrava com os favores, naõ ſó as venerava com os obzequios, mas perſuadia aos ſeus vaſſallos que fizeſſem o meſmo, dizendo que para fazerlhes eſmolas naõ ſe devia eſperar que os Religiozos as pediſſem. Que eſtes deviaõ ſer mais eſtimados, que os Medicos dos corpos, porque o eraõ das Almas, mais favorecidos que os Soldados, porque eſtes ſó livravaõ os corpos, e os Religiozos livravaõ os corpos, e as Almas dos eternos incendios. Que deviaõ ſer mais venerados que os grandes Miniſtros dos Reys da terra, porque ſaõ Miniſtros do Rey do Ceo; e por eſtas razões apadrinhava Saõ LUIZ aos Religiozos naõ ſó com os Biſpos do ſeu Reyno, mas com os Summos Pontifices, impetrando delles muitas Bullas a favor das izenções, e privilegios dos Regulares.

Veja-ſe no fim a linha VII.

Guzman. vida de S. Luiz livro 3. cap. 3. num. 1098. 1099. e 1100.

97 E que bem imitou o Duque a eſte ſeu Santo, e Auguſto XIII. Avo! Naõ eſperava o Duque que os Religiozos lhe pediſſem eſmola, elle eſpontaneamente lhes mandava copiozos ſoccorros, elle os honrava com o favor, elle os venerava com a eſtimaçaõ, elle os defendia com a protecçaõ.

98 Para o Duque eraõ os Religiozos como para David os Profetas, e amigos de Deos, que eraõ os Religiozos do ſeu tempo. Dizia David que para elle, ou por elle eraõ os amigos de Deos ſummamente honrados: *Mihi autem nimis honorificati ſunt amici tui, Deus, nimis confortatus eſt Principatus eorum.* Duas principaes ſignificações entre outras tem na Sagrada Eſcrittura eſte Verbo *honorare*, porque ſignifica venerar, e ſignifica ſoccorrer. Na primeira ſe entende o preceito do Levitico, que manda venerar a ancianidade dos velhos: *Honora perſonam ſenis.* Na ſegunda

Pſ. 138. 17.

Levit. 19. 32.

da se entende o preceito de São Paulo, que manda soccorrer a honesta pobreza das viuvas: *Honora viduas, quæ verè viduæ sunt*; e em ambas estas significações se entẽde o quarto preceito do Decalogo, taõ recommendado em hum, e outro Testamento: *Honora patrem tuum, & matrem tuam*; no qual se manda honrar aos paes, e diz Saõ Jeronymo que esta honra naõ se experimenta tanto no respeito, como no soccorro: *Honor in Scripturis non tantùm in salutationibus, & officijs deferendis, quantùm in eleemosynis, ac monerum oblatione sentitur.* Em ambos estes sentidos eraõ sũmamente hõrados pelo Duq́ os Religiozos, sũmamẽte hõrados cõ o respeito, summamente hõrados cõ o soccorro: *Mihi autẽ nimis honorificati sũt amici tui, Deus.* Com o respeito se humilhava aos Religiozos como a Principes, cõ o soccorro fazia q́ fossẽ Principes fortificados: *Nimis cõfortatus est Principatus eorũ.* Aonde a nossa Vulgata diz *nimis confortatus est Principatus eorum*, traslada S. Jeronymo do Hebreu: *Quàm fortes pauperes eorum.* Quanto saõ fortes os seus pobres! Aonde Saõ Jeronymo diz a pobreza *pauperes eorum*, diz a Vulgata Principado *Principatus eorum.* E com muita razaõ, porque para os Religiozos a pobreza he o seu Principado, porque os faz superiores às grandezas do Mundo, mas este Principado he debil, e fraco, se naõ he soccorrido; mas se he soccorrido, he poderozo, e forte, porque os pobres, e necessitados o soccorro he a sua fortaleza, segũdo o Oraculo de Isaias: *Factus es fortitudo pauperi, fortitudo egeno in tribulatione sua*; e porque o Duque soccorria com esmolas a Religiosa pobreza como David, e como Saõ LUIZ seu XIII. Avo, por isso deixava muito robustos aquelles pobres, e muito forte aquelle Principado: *Quàm fortes pauperes eorum, nimis confortatus est Principatus eorum.*

1. Timoth. 5. 3.
Exod. 20. 12. Deuteron. 5. 16. Matth. 15. 4. Ephes. 6. 2.
Sanctus Hieronym. in Matth. 15. ad illud *Honora patrem, & matrem.*
Sanctus Hyeronymus ex Hebræo hic.
Isaiæ 25. 4.

99 Ainda encerra mais alma a differença deste lugar entre a Vulgata, e a versaõ de Saõ Jeronymo, porque esta diz: *Mihi autem quàm honorabiles facti sunt amici tui, Deus.* Quanto saõ dignos de honra os amigos de Deos. E a Vulgata diz: *Mihi autem nimis honorati sunt amici tui, Deus.* Summamente estaõ os amigos de Deos cheyos de honras. Todos vem a difficuldade, porque todos sabem que naõ he o mesmo merecer as honras, merecer os favores, merecer os soccorros, que possuillos: pois logo como diz S. Jeronymo q́ os amigos de Deos saõ dignos de hõra: *Quã honorabiles*, se a Vulgata diz q́ os amigos de Deos estaõ muito cheyos de honras, de favores, de soccorros? Entende-se este Texto dos Religiozos, dando-lhes o gloriozo titulo de amigos de Deos, co-

Versio Sancti Hieronymi ex Hebræo hic.

...rinus hic. mo diz Lorino, e outros Expoſitores. Fala nelle David, falaõ com as ſuas palavras Saõ LUIZ, e o Duque, ambos pios com os Religiozos, e para quem quer honrar, favorecer, e ſoccorrer aos Religiozos, o meſmo he vellos dignos deſtes beneficios, que deixallos logo cheyos de todos elles, ſem eſperar pelos rogos, anticipando-ſe tanto a eſtes o beneficio, que o merecimento ſe equivoca com o ſoccorro: *Quàm honorabiles: nimis honorificati ſunt.*

100 Aſſim como David honrava, e favorecia a todos os Religiozos do ſeu ſeculo, aſſim Saõ LUIZ, e à ſua imitaçaõ o ſeu XIII. Neto o Duque honràraõ, e ſoccorreraõ a todos os Religiozos do ſeu tempo. Porèm ſabemos que David fez favores mais eſpeciaes a alguns daquelles Profetas; ſabemos que Saõ LUIZ foy mais ſingularmente benefico com algumas Sagradas Religiões; ſabemos que o Duque foy mais eſpecial bem-feitor de algumas Sagradas familias.

101 David àlem do muito que eſtimou ao Profeta Nathan, no qual, como vimos com Saõ Jeronymo, ſe reprezentava toda a ordem dos Profetas: *In Nathan Prophetalis ordo deſcribitur*, fez eſpeciaes favores aos Profetas, ou Religiozos, cujos nomes ſe perpetuaõ nos titulos dos alguns de ſeus Pſalmos. Eſtes eraõ ſingularmente favorecidos entre os Profetas daquelle tempo, dos quaes diz Cornelio Alapide que eraõ os primeiros Religiozos, que ſe achaõ na Eſcrittura: *Hi igitur ſunt quaſi primi Religioſi, quos in ſacra Scriptura invenimus, pro quibus poſtea David Pſalmos compoſuit.* E obſervo que daquelles Profetas ſaõ ſeis as peſſoas, ou ſeis as ordens, de que os titulos dos Pſalmos eternizaõ os nomes. A ſaber, os filhos de Corè em muitos Pſalmos. Eman no Pſalmo 87. os filhos de Jonadab no Pſalmo 70. Aſaph no Pſalmo 72. e em alguns outros. Ethan na Pſalmo 88. e Idithun no Pſalmo 38. e em outros.

Alapide in 1 Reg. 10. 5.

102 Saõ LUIZ eſtimava, e favorecia eſpecialmente tres Ordens de Religiozos, que eraõ a de Saõ Domingos, a de Saõ Franciſco, e a da Santiſſima Trindade.

Guzman ubi ſupra n. 1099.

103 O Duque imitava a ſeu XIII. Avo Saõ LUIZ em moſtrar mais eſpecial favor a algumas Religiões; mas imitava a David em ſerem ſeis as Sagradas Familias, com quem exercitava mais a ſua veneraçaõ, e a ſua piedade; que eraõ a Religiaõ de Saõ Franciſco, a ſua Ordem Terceira, os Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangeliſta, os Padres da Congregaçaõ do Oratorio, os Padres da Companhia de Jeſu, e os Clerigos Regulares filhos de meu P. S. Caetano.

no. E ſe menaõ engana a minha imaginaçaõ, eſtas ſeis Sagradas Familias eſtavaõ todas reprezentadas naquelles ſeis nomes das familias, e dos Profetas, a que David honrou, pondo-as nos titulos dos ſeus Pſalmos: *Pro quibus poſtea David Pſalmos compoſuit.* A etymologia daquelles nomes nos darà a prova, porque na interpretaçaõ de cada hum delles havemos de inveſtigar a intelligencia da verdade, como diz Santo Agoſtinho: *In ipſa interpretatione nominis quæremus intelligentiam veritatis.*

Sanctus Auguſt. enarrat. in Pſ. 38.

104 A Santiſſima, doutiſſima, e vaſtiſſima familia de S. Franciſco eſtà reprezentada nos filhos de Corè, porque os filhos de Corè, ſegundo Santo Agoſtinho, ſaõ os filhos de Chriſto Crucificado no monte Calvario: *Filijs Core, quos noſtis eſſe filios Sponſi Crucifixi in Calvariæ loco.* E quem com mayor propriedade ſe pòde chamar filho de Chriſto Crucificado no monte Calvario, que Saõ Franciſco Crucificado no monte Alverne? Naõ he eſta accommodaçaõ minha, deve-ſe ao doutiſſimo Padre Diogo de Avendanho no vaſtiſſimo volume, que eſcreveu ſobre o titulo do Pſalmo 44. aonde prova em hum largo diſcurſo que Saõ Franciſco he filho de Chriſto Crucificado no monte Calvario, e aſſim os filhos de Corè com ſumma propriedade reprezentaõ aos filhos de hum, e outro Crucificado; os filhos de Saõ Franciſco Crucificado, e tambem elles crucificados com os tres cravos dos tres votos ſolemnes na Cruz Serafica.

Sanctus Auguſt. enarrat. in Pſ. 47.

Avendaño in ſacro Epithalamio part. 3 ſect. 5. §. 4. n. 758. & ſeqq.

105 E quanta foy a piedade do Duque com eſtes filhos de Saõ Franciſco, quanto o amor, que teve à Religiaõ Serafica! Naõ falarey das copioſiſſimas eſmolas, que mandou aos Conventos dos Religiozos, e aos Moſteiros das Religioſas. Naõ direy o quãto eſtimou que tres amadas filhas ſuas foſſem filhas de Saõ Franciſco; o jubilo, com que aſſiſtio às Profiſſões de todas, principalmente da ultima no naſcimento, e em tudo o mais primeira, que com generoſa reſoluçaõ deixou o governo de huma grandiſſima caza, deixou a grandeza de Condeſſa de Saõ Joaõ, e o que he mais que tudo, deixou a ſeus Excellentiſſimos Paes, e deixou a ſua Excellentiſſima filha, para ir para a Religiaõ Serafica a ſer filha de Saõ Franciſco, e de Santa Clara, ſepultando-ſe viva na eſtreitiſſima clauſura da Madre de Deos. Mas naõ poderey callar que foy tanta a devoçaõ do Duque com a Religiaõ de Saõ Franciſco, que dentro do ſeu jardim tinha huma Ermida para hum Capucho da Santa Provincia de Arrabida, com quem muitas vezes ſe confeſſava, dizendo-lhe:(como David ao Profeta Nathan) *Peccavi.*

2. Regum 12. 13.

Naõ

Naõ poderey paſſar em ſilencio que o Duque foy taõ obzequiozo àquella Santa Provincia, que foy Syndico de toda ella. Naõ poderey deixar de dizer que foy tanta a generoſa piedade do Duque, que tinha dentro do recinto do ſeu Palacio hum Hoſpicio, em que ſuſtentava continuamente Religiozos de outras duas Santas Provincias Capuchas, a da Piedade, e a da Soledade. Como quem conhecia o quanto os Religiozos deſtas tres auſteriſſimas Provincias merecem a eſtimaçaõ, que logràraõ os antigos Profetas, aos quaes imitaõ naõ ſó na verdade da doutrina, e no deſpreſo do Mundo, mas atè na aſpereza do habito, porque diz Cornelio Alapide, que os Profetas uſavaõ de habitos ſemelhantes aos dos Padres Capuchos: *Incedebant ergo Prophetæ tali, vel ſimili habitu, quali jam Patres Capucini quaſi contemptores Mundi, & Prædicatores Regni, vitæque Cæleſtis.*

Alap. in Proœmio Commentariorum in Prophetas minores.

106 O Veneravel Inſtituto dos Terceiros de Saõ Franciſco, que o Duque profeſſou à imitaçaõ de ſeu XIII. Avo Saõ LUIZ Rey de França, ſe jacta juſtamente de que teve ao Duque por Irmaõ, quanto elle ſe prezava de o ſer. E por iſſo ſe reprezenta bem eſte Inſtitulo em Eman Ezraita Profeta favorecido por David, porque Eman ſignifica *Irmaõ ſeu*, como diz Caſſiodoro: *Eman interpretatur frater ejus.* E que admiravel Irmaõ foy o Duque deſta Veneravel Ordem! Sendo, como Jozè, Principe deſtes Irmãos: *Princeps fratrum*, tratava-os como ſe foſſe elle o menor de todos, era Irmaõ com amor, e beneficencia de Pay, era Irmaõ com humildade de ſervo, e por iſſo quiz ſer perpetuo Enfermeiro, como jà tenho obſervado. Naõ falo na exacta obediencia, que ſempre teve aos Padres Commiſſarios daquella Ordem, venerando atè os ſeus acenos, como ſe vio quando o Veneravel Padre Frey Domingos da Cruz deu a entender que dezejava que os Fidalgos, que eraõ Terceiros, foſſem na ſua Prociſſaõ veſtidos de pardo, para darem bom exemplo aos que naõ tinhaõ outra nobreza ſenaõ a de filhos de Saõ Franciſco, que ſendo ſumma, era razaõ que os grandes ſe prezaſſem della, moſtrando-o no habito. Porque logo o Duque mandou fazer veſtido talar, e pardo; e havendo quem pretendeu diſſuadirlhe com as palavras, e com o exemplo o uſo daquelle habito, elle lhe reſpondeu: *Iſſo naõ; que naõ hà zombar do que manda o Padre Frey Domingos.* Tinha o Duque trinta e ſette annos, quando ſahio em publico envolto na quella mortalha Franciſcana, mas premiou Deos a ſua obediencia, dando-lhe depois diſſo mais de ſincoenta annos de vida, e huma morte

Arturus à Monaſterio in Martyrologio Franciſcano die 25. Auguſti, ubi latiſſimè de Sancto Ludovico Rege Galliæ.

Caſſiodorus in Pſ. 87.

Eccleſiaſ. 49. 17.

Veja-ſe o P. Fr. Fernando da da Soledade da Hiſtoria Serafica, parte 5. liv. 4. cap. 4. & ſeqq.

morte taõ feliz,como logo veremos;e o que naõ ſeguio o ſeu exemplo, e que pretendera diſſuadillo, naõ ſobreviveu quinze dias, morrendo taõ apreſſadamente, que ſe naõ pode confeſſar. Naõ falo na pontualidade, com que exercitava os actos de humildade, e penitencia, que ſe fazem naquella Veneravel Ordem, porque perigarà a reputaçaõ da verdade para quem naõ tiver conhecido o eſpirito do Duque.

107 A Sagrada familia dos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangeliſta, que ſem o vinculo dos tres votos obſervaõ livre, e eſpontaneamente a mayor perfeiçaõ Religioſa, ſe reprezenta ſingularmente nos filhos de Jonadab favorecidos por David, dos quaes ſe faz memoria no titulo do Pſalmo 70. porque ſegundo Santo Agoſtinho, o nome de Jonadab ſignifica eſpontaneo do Senhor: *Jonadab interpretatur Dòmini Spontaneus. Quid eſt hoc Dòmini Spontaneus? Deo voluntate libenter ſervitus.* E que direy da devoçaõ do Duque para com aquelles eſpontaneos ſervos do Senhor, que ſem a obrigaçaõ dos votos o ſeguem, naõ com paſſos, mas com voos como Filhos daquellas duas Aguias Saõ Joaõ Evangeliſta, e Saõ Lourenço Juſtiniano? (Bem ſabem que Saõ Joaõ he chamado Aguia, e que os Juſtinianos trazem huma Aguia no ſeu Eſcudo.) Naõ poderey explicar bem eſta devoçaõ do Duque, ſe naõ dizendo que foy herdeiro univerſal de devoçaõ, que ſeus Excellentiſſimos Avòs tiveraõ a eſtes Religioſiſſimos Padres,(e elles publicaõ na ſua elegantiſſima Chronica) a eſta Sagrada familia, a quem fundàraõ o Moſteiro de Saõ Joaõ Evangeliſta na Cidade de Evora, de que tem o Padroado, e que he o mageſtozo Pantheon dos Senhores da ſua grande Caza. E a eſte Moſteiro deu ultimamente o Duque para eterno padraõ da ſua piedade aquelle preciozo arco triunfal, em que ſe expõem o Corpo de Chriſto Sacramentado, como jà diſſemos, e que a eſte Moſteiro deixou o ineſtimavel theſouro das ſuas cinzas, como logo veremos.

O P. Franciſco de S. Maria no Ceo aberto, liv. 1. cap. 14. pag. 243.

Sanctus Augi. enarrat. in Pſ. 70. Sermon. 1. n. 2.

O Padre Franciſco de Santa Maria no Ceo aberto, livro 2. cap. 32.

108 A Santiſſima, doutiſſima, e utiliſſima Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri eſtà claramente viſta em Aſaph Profeta taõ favorecido de David, que tem o ſeu nome nos titulos de muitos Pſalmos. Em Aſaph, cujo nome em dictame de Saõ Jeronymo ſe interpreta Congregaçaõ: *Aſaph interpretatur Congregatio.* O quanto o Duque eſtimou, venerou, e favoreceu os Padres deſta illuſtriſſima Congregaçaõ, e ao Veneravel Fundador o Grãde Padre Bartholomeu do Quental, viraõ os noſſos olhos, teſtemunhaõ os noſſos ouvidos, publicàraõ, e publicaõ continuamente

Sanctus Hieronym. in Pſ. 49.

te as ſuas vozes naõ menos agradecidas, do que eloquentes.

109 A valeroſa, ſabia, e Apoſtolica Religiaõ da Companhia de Jeſus fortiſſimo Preſidio da Igreja, inexpugnavel Fortaleza da Fè, Ordem naſcida para enſinar a todos, e para illuſtrar o Mundo, e para dar em Saõ Franciſco Xavier hum novo Sol ao Oriente, eſtà naturalmente retratada em Ethan Ezraita Profeta ſummamente favorecido de David, e que no titulo do Pſalmo 84. tem o ſeu nome, o qual ſegundo Galatino ſe interpreta forte, ou robuſto, natural illuſtrativo, e Oriental: *Intellectus forti, vel venturo, indigenæ, vel illuſtrativo, vel Orientali.*

Galatin. de Arcan. Catholic. veritatis, lib. 6. cap. 12.

110 Com eſta Sagrada Companhia, ou com eſte valeroſiſſimo exercito de Soldados de Chriſto, e com os ſeus deſtacamentos para o Oriente, moſtrou ſempre o Duque a ſua ſingular piedade, e alta eſtimaçaõ, ou os ſeus Apoſtolicos Soldados ſerviſſem na Patria como naturaes *indigenæ*, ou nas Miſſões do Oriente *Orientali*, ſoccorria-os em Portugal com as frequentes eſmolas à Caza Profeſſa, favorecia-os no Oriente com os votos quando era Preſidente do Conſelho Ultramarino, e em toda a parte os eſtimava, e honrava, conforme o inexplicavel merecimento da Companhia de Jeſus, porque em cada hum dos ſeus filhos venerava huma Imagem do terceiro Geral da Companhia Saõ FRANCISCO de BORJA ſeu quarto Avo.

111 A Ordem dos Clerigos Regulares Filhos de meu Padre Saõ Caetano, ſendo a minima entre todas as familias Sagradas, eſtà duplicadamente expreſſa em Idithum, q̃ foy o Profeta mais que todos favorecido de David, porque eſtà reprezentada no nome de Idithum, (como depois veremos) e em muitas clauſulas das que cantou Idithum nos tres Pſalmos, em cujos titulos ſe acha, dos quaes ſó repetirey o verſo 8. do Pſalmo 38. no qual falando com Deos, exprime a Eſperança Theatina nos ſoccorros da Divina Providencia, que dà o titulo a eſta Caza: *Quæ eſt expectatio mea, non nè Dòminus? Et ſubſtantia mea apud te eſt*; em quem eſtà poſta a minha eſperança, ſe naõ em vòs, Senhor? Na voſſa maõ eſtaõ as minhas riquezas. E ſe Idithum declarou o mais ſingular diſtinctivo do noſſo Inſtituto, como naõ eſtarà a noſſa Religiaõ, que foy favorecida ſingularmente do Duque, reprezentada em Idithum Profeta taõ favorecido de David?

Pſ. 38. 8.

112 Saõ innumeraveis os beneficios, de que o Duque nos conſtituhio devedores. Foraõ muitas, e grandes as eſmolas, com que nos ſoccorreu, mas foraõ muito mais numerozos, e muito mais

mais exceſſivos os favores, com que nos honrou. Com as eſmolas nos livrava da oppreſſaõ da fome, e com os favores nos fazia cair nos perigos da vaidade, ſe o noſſo proprio conhecimento nos naõ diſſera, que quanto mais o Duque nos honrava, tanto mais nos confundia. Eraõ taes aquelles favores, que quanto mais o devido agradecimento forceja por publicallos, tanto mais a humildade religioſa nos prohibe o referirlos, como a que ainda teme deſvanecimento em ſabellos. E eſta he mais huma circumſtancia, pela qual a minha Religiaõ extremoſamente favorecida do Duque ſe reprezenta melhor no Profeta mais favorecido de David o Grande Idithum, ſendo, como diz Santo Thomàz, huma das ſignificações deſte nome, Homem, que tem ciencia occulta de Materias, que naõ publica: *Idithum, quod interpretatur intus vir ſciens.* E eſta noſſa Caza tem recebido do Duque taõ grandes honras, que conſervando-ſe immortaes na memoria, e no intimo do coraçaõ, naõ podem paſſar à lingua, e ficaõ impreſſas no interior da Alma, *intus vir ſciens.*

Sanctus Thomas In Pſal. 38. tomo 15.

113 Tendo o Duque dado taõ evidentes provas da ſua viva Fè com tantos actos de piedade em beneficio dos Religiozos, pelos quaes ſe fez taõ ſemelhãte a ſeu XIII. Avo S. LUIZ Rey de França, grande fundamento temos para piamente crer que ſahiria deſte Mundo para deſcançar com elle no outro, aſſim como David, que por igual piedade ſe fez na Fè ſemelhante a Abrahaõ ſeu progenitor, e por iſſo foy a deſcançar com elle: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis. Quòd Patrum ſimilis fuerit fide.*

§. IX.

Morte pia à imitaçaõ de ſeu decimo ſettimo Avo Saõ David Rey de Eſcocia, e de ſeu XVII. Avo Saõ Guilhelme Duque de Guienna.

114 ATè gora caminhou o diſcurſo com paſſo vagarozo pela larga carreira da vida do Duque heroicamente Chriſtaã, detendo-ſe muitas vezes com o juſto receyo de chegar a verſe obrigado a tocar a ultima temida meta daquella glorioſa carreira, e a ponderar o fim da vida de hum Heroe, que em quanto durou ſe fez digno da immortalidade. Mas ha muito que as vozes do Mauſoleo me eſtaõ executando, para que diga como ſe extinguiraõ aquellas chammas, que reſplandeceraõ em todo o Mundo,

como

e como se sepultàraõ aquellas cinzas, de que estaõ renascendo as saudades de todo o Reyno.

115 Chegou finalmente o ultimo prazo, que a eterna Providencia tinha decretado para tirar do Mundo huma vida Christaãmente heroica, e para lhe mostrar o mais vivo retrato de huma morte heroicamente Christaã; teve hũ, e outro effeito o Divino decreto no dia, em que deixou de ser mortal o Excellentissimo S. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, que passou desta a melhor vida por meyo da melhor morte, por meyo de huma morte, que assim como foy de todos muito sentida, assim pòde ser de todos muito invejada, porque se pòde dizer do Duque o mesmo, que a Escrittura Sagrada disse de David no Capitulo ultimo do livro 1. do Paralipomenon: *Mortuus est in senectute bona, plenus dierum, & diviti s, & gloriâ*; que morreu em velhice louvavel, cheyo de annos, rico de virtudes, e esclarecido em gloria.

Lib. 1. Paralipomenon c. 29. n. 28.

116 Tinha David imitado a Fè daquelle seu grande progenitor Abrahaõ, e a tinha mostrado nas obras de Religiaõ, e piedade, como temos visto; por isso teve huma morte taõ semelhante à de Abrahaõ, que diz a Escrittura da morte de David o mesmo, que tinha dito da morte daquelle Patriarca: *Deficiens mortuus est in senectute bona, provectæ que ætatis, & plenus dierum.* Tinhase David preparado para a morte cõ as virtudes de Abrahaõ, por isso teve huma morte invejavel, huma morte, que pareceu sono, e certamente foy descanço: *Dormivit igitur David cum patribus suis. Quòd patrum similis fuerit fide.*

Genes. 25. 8.

117 Grandes he preciso que fossem as preparações, que o Duque tinha feito para a morte, visto que esta foy taõ feliz, que passou a ser digna de virtuosa inveja. E era necessaria para huma tal morte mais preparaçaõ, que aquelle grande numero de actos virtuozos, com que o Duque à imitaçaõ de outo Santos seus progenitores tinha provado a sua Fè viva em tantos exercicios de Religiaõ, e de piedade, como atèqui temos visto? Grandes armas eraõ estas para entrar naquelle ultimo conflicto com valor heroico, mas ainda o Duq entrou nelle mais armado à imitaçaõ de seu XVII. Avo Saõ David Rey de Escocia; armado de constancia, armado de pureza de consciencia, e armado da graça dos Sacramentos.

Veja-se no fim a linha VIII.

118 Entrou o Duque a combater com a morte armado de constancia, e por isso com mayor esperança da victoria. Naõ foy para o Duque a morte horrivel, porque ordinariamente sò teme

a morte

a morte quem morre huma ſó vez; porèm quem morre muitas vezes, taõ longe eſtà de temer a morte, que chega a dezejalla. Dezejava a morte Saõ Paulo: *Deſiderium habens diſſolvi*, mas S. Paulo era hum homem, que morria muitas vezes; cada dia para Saõ Paulo era huma morte: *Quotidie morior.* Eſperou o Duque com valor a morte, porque de antes jà morrera dez vezes em dez filhos, a que tinha viſto acabar a vida. Aquellas dez mortes toleradas com heroica conſtancia foraõ as primeiras preparações para a morte, que agora ſentimos.

Ad Philippenſes 1.23.

1.Corinth. 15. 1.

119 Vio David a morte do ſeu filho primogenito, e tolerou-a com tanta conſtancia, que parecendo eſquecido della, ſe preparou ſó para a ſua, dizendo que na morte daquelle filho naõ tinha razaõ para fazer demonſtrações de ſentimento: *Nunc autem quia mortuus eſt quare jejunem?* Que ſó tinha que cuidar na propria morte, pela qual devia de ir para a companhia do filho: *Ego vadam magis ad eum.*

2.Reg. 12. 23

Ibidem.

120 Paſſemos de hum David a outro David, de David Rey de Iſrael a Saõ DAVID, Rey de Eſcocia, e XVII. Avo do Duque, do qual diz Heitor Boethio, que morreu felizmente: *Feliciterque migravit.* Mas como naõ havia de morrer feliz, e ſocegadamente hum Heroe, que tinha tolerado a morte do Principe Henrique ſeu filho primogenito com tanta conſtancia, que naõ deu ſinal algum de ſentimento, como diz o meſmo Author: *Nullum præ ſe luctum ferens.*

Hector Boethius in Hiſt. Scotorum, lib. 12.pag....

Idem ibidem fol.266.

121 Neſta conſtancia na morte do filho primogenito imitou bem a Saõ DAVID o Duque ſeu XVII. Neto, porque tendo duas occaſiões de moſtrar a dor, com que ſe coſtuma ſentir a morte de hum primogenito, taõ encarecida pelo Profeta Zacharias: *Et dolebunt ſuper eum, ut doleri ſolet in morte primogeniti*, e a ſegunda tanto mais para ſentir que a primeira, elle em ambas ſe houve com huma conſtancia admiravel, naſcida naõ da apathia Eſtoica, mas da conformidade Chriſtaã, como o meſmo Saõ DAVID tinha moſtrado na morte do ſeu primogenito. Com a viſta da morte do ſeu primeiro filho no berço começou o Duque a diſporſe para entrar no Sepulchro, como Saõ DAVID, que viſta a morte do ſeu primogenito, logo cuidou na ſua morte, como ſe a tivera muito vizinha, aſſim diſſe com repetidas expreſſões que cedo eſperava morrer: *Brevi enim me illius ſupremi Regis imperio evocatum iri confido.*

Zacharias 12. 10.

Hect.Boeth ſuprà fol. 266.v.

122 E ſe he para admirar a conſtancia na morte de hum primogenito no berço, que diremos da conformidade, que o Du-

que teve, vendo a feu filho o Duque Dom Luiz, que jà tinha o lugar de primogenito, e que a morte o arrebatava do Real thalamo para o funefto Tumulo? Mas para que falo na conftancia na morte de fó dous filhos; fe o Duque fe preparou para a fua morte, e fe difpoz para ella, tolerando refignado os dez golpes mortaes, que na morte de dez filhos lhe feriraõ a Alma, fem deixar nella outro final mais que o mayor cuidado de purificar a confciencia, como a melhor difpofiçaõ para a morte. Valentia, que naõ tem exemplo, fe naõ naquelle valentaõ de Deos, naquella roncà do Paraifo; affim chamou o Sagrado Demofthenes Portuguez ao Santo Job.

Vieira Xavier dormindo, fonho 3. pag. 119. col. 1.

123 Chegou a Job a funefta noticia da morte de feus dez filhos, e que faria Job nefte laftimozo cafo? Diz a Efcrittura que fe levantou: *Tunc furrexit Job*; que rafgou os feus veftidos, *fcidit veftimenta fua*; que cortou os feus cabellos, *& tonfo capite*; que fe proftou por terra, *corruens in terram*; que adorou, *adoravit*; e logo diffe que defpido de tudo iria para a fepultura, *nudus revertar illuc.*

Job 1. 2. & 19. Ibid. v. 20.

124 Parece-me que eftou vendo retratadas em Job as piedofas acções, com que o Duque fe prepara para morrer, confiderando na morte dos feus dez filhos. Eftou vendo o valor da conftancia, *tunc furrexit Job.* Eftou vendo o como abria ao confeffor o feu peito, rafgando os embaraços do fegredo, *fcidit veftimenta ufa*, fendo fifcal atè dos mais leves penfamentos fymbolizados nos cabellos, *tonfo capite*. Alli o vejo proftrado aos pès dos Confeffores quafi todos os dias; que iffo nos infinùa aquelle Verbo do prezente *corruens in terram.* Alli admiro aquella profunda adoraçaõ, *adoravit*, e tudo ifto dirigido a caminhar para a fepultura: *Nudus revertar illuc.*

Vide Pinedam hic.

125 Naquella reverente adoraçaõ de Job em hum dia, em que tinha celebrado hum Sacrificio, em q̃ como todos os da Ley da naturefa era figurado o Auguftiffimo Sacramento, eftou vendo a profunda reverencia, e fervorofa devoçaõ, com que o Duque recebeu por Viatico o Santiffimo Sacramento à imitaçaõ de feu XVII. Avo Saõ DAVID Rey de Efcocia. Confta que aquelle Monarca, vendo chegado o tempo de caminhar para a eternidade, quiz ir à Igreja receber o Santo Viatico, e pode ir encoftado em dous Sacerdotes; o mefmo quiz fazer o Duque feu XVII. neto, mas naõ pode, porque os Sacerdotes lhe impediraõ o ir à Igreja, e ainda affim tomada a vefte de Irmaõ do Santiffimo Sacramento,

Sanctus Thomas Opufculo 57.

Leslæus de Rebus Geftis Scotorum lib. 6. Rege 91. ad annum Chrifti 1151. pag. 223.

mento, de que se presava tanto, como temos visto, com huma tocha aceza na maõ foy este fiel, e prudente servo à porta esperar o seu Senhor, o qual recebeu com summa ternura, e profunda adoraçaõ, *adoravit*, e depois foy acompanhando o Senhor atè a porta, e o fizera atè a Paroquia, se o Confessor lho naõ prohibira.

Lucæ 12. 35. 36.

126 Todo aquelle dia continuou em augmentar-se a graça, e em ganhar Indulgencias. Verdadeiro imitador de seu decimo quinto Avo Saõ GUILHELME, porque assim como este Santo Duque de Guienna preparando-se para a morte, procurou ganhar as Indulgencias concedidas aos que vizitaõ o Sepulchro de Saõ-Tiago primeiro Apostolo de Hespanha; aos que vizitaõ a Santa Cidade de Roma, e os Santos Lugares de Jerusalem, foy duas vezes a Compostella, duas a Jerusalem, e huma a Roma; assim o nosso piissimo Duque procurou ganhar as Indulgencias de Compostella, de Roma, e de Jerusalem, porque chegando eu a vello, me pedio logo que o absolvesse, e lhe applicasse a Indulgencia da Bulla da Santa Cruzada, da qual disse o Grande Padre Antonio Vieira: *Tomay a Bulla da Santa Cruzada, e sem sair de Lisboa fostes a Compostella, fostes a Roma, fostes a Jerusalem: porque as graças, que là haveis de ir buscar, aqui se vos concedem, naõ diversas, nem menores, se naõ as mesmas.* E dada a materia sufficiente, e recebida a absolviçaõ, e ouvida a applicaçaõ da Indulgencia, que eu proferi entre as lagrymas, que fazia derramar o sentimento de ver ao Duque taõ prostrado, elle nos admirou a todos, dizendo-nos que lhe dessemos licença para ir receber a Santa Unçaõ; e foy caminhando para o leito com tanto valor, com quanto no tempo da guerra partia para o Campo.

Veja-se no fim a linha XI.

Rogerius Givard. in vita Sancti Guilhelmi cap. 16. & 20. 22. 26. 27.

P. Vieira tom. 1. col. 1015.

127 Ainda q̃ a violencia do accidente cedeu em parte aos remedios, naõ interrompeu o Duque as preparações para a morte. Indo para os banhos das Caldas, encomẽdou q̃ se levasse o seu manto de Cavalleiro da Ordem de Christo, de que era Commendador, para com elle ser amortalhado. Fez q̃ fossem com elle Religiozos filhos de Saõ Francisco, e de meu Padre Saõ Caetano, para que assistissem atè a ultima hora, se là o colhesse a morte. Antes de sair do seu palacio esteve no Hospicio dos seus Capuchos das Provincias da Piedade, e da Soledade, das quaes tinha cartas de Irmandade, pedindo àquelles Padres que o encomendassem a Deos, e tomando-lhes a bençaõ para ganhar as Indulgencias, se meteu na carruagem, e tendo protestado a Fè pela piedade com os Religiozos, quiz tambem mostralla pelo respeito ao Tribunal do Santo

Officio, e para isso se foy despedir do Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral destes Reynos.

128 Nas Caldas continuou a frequencia das confissões, tendo muito mais cuidado em purificar a consciencia com os remedios da Alma, que em prorogar a vida com os do corpo. Alli deu quotidianas, e copiosissimas esmolas aos pobres, que de lugares vizinhos, e distantes vinhaõ todos os dias naõ a pedillas, mas a buscallas. Imitava tambem nesta caridade a Saõ DAVID Rey de Escocia summamente celebrado por favorecedor dos pobres: *In egenos tam propenso fuit animo*, diz delle o Bispo Rossense.

Leslæus de Rebus Scotorum lib. 6. pag. 221.

129 Restituido a Lisboa continuou em prepararse para a morte com a frequencia de Communhões, e com as confissões de todos os dias, até que na noite de 29. de Janeiro deste anno de 1727. sentindo-se já desfalecido disse: *Isto está acabado*: por ventura lembrado de que Christo estando para morrer disse: *Consummatum est*. Chamou-se o Confessor, para que o absolvesse, e sendo absolto repetidas vezes, e levantando o Duque as mãos juntas disse assim como Christo na Cruz: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.*

Joannis 19. 30.

Ps. 30. 6. Lucæ 23. 46.

130 Bem parece esta felicissima morte de hum Heroe, que se tinha preparado para ella como seu Avo Saõ DAVID Rey de Escocia, e como seu Avo Saõ GUILHELME Duque de Guienna, porq̃ foy muito semelhante às mortes daquelles dous Principes, Avòs do Duque, porq̃ de Saõ DAVID diz a Historia q̃ tendo encomendado a Deos a sua Alma, logo se callou, e felizmente passou desta à melhor vida: *Commendatâ Deo animâ suâ, mox obticuit, feliciterque migravit*; e de Saõ Guilhelme lemos na sua vida que chegada a ultima hora levantou os olhos ao Ceo, e com as mãos juntas disse as mesmas palavras: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*, e espirou placidissimamente.

Hector Boetius ubi suprà fol. 267. Rogerius Givard in vita Sancti Guilhelmi, cap. 39.

131 Assim acabou de ser mortal aquelle Heroe, que parece formou para si o nome de *Nonius*, por se ter feito semelhante na Fè a nove Heroes Sagrados, seus progenitores, dando continuas demonstrações della nos actos da Religiaõ, e da piedade. Nos actos da Religiaõ, no culto do Santissimo Sacramento, como Saõ FRANCISCO de BORJA Duque de Gandia, na devoçaõ da Virgem Santissima, como Saõ LEOPOLDO Marquez de Austria; na attençaõ aos Ministros da Fè, como Saõ FERNANDO III. Rey de Castella; nos actos da Piedade, mostrando-a com os pobres, como Saõ MACOLMO III. Rey de Escocia; com os enfermos

fermos, como Saõ ARNULFO Duque de Moſelania; com as Almas do Purgatorio, como Saõ CARLOS Magno Emperador; com os Religiozos, como Saõ LUIZ Rey de França; e na preparaçaõ para a morte, como Saõ DAVID Rey de Eſcocia, e Saõ GUILHERME Duque de Guienna. Deixando-nos eſte Principe a pia crença de que aſſim como na Fè foy ſemelhante àquelles nove Principes ſeus Progenitores, aſſim deſcançarà com elles na morte em conſequencia de huma tal vida: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis. Quòd patrum ſimilis fuerit fide.*

132 O falar o meu Thema em progenitores no numero plurar me fez obſervar que o Duque formàra o ſeu nome NONIUS da ſemelhança daquelles nove Santos progenitores; que ſe o Thema falaſſe de hum ſó progenitor, com muito menos trabalho meu, e do meu Excellentiſſimo Auditorio tivera dito que o Duque teve aquelle veneravel nome, porque na Fè demonſtrada com actos de Religiaõ, e piedade, na vida, e nas preparações para a morte, ſe fizera ſemelhante àquelle grande Heroe Portuguez ſeu progenitor, de quem o Duque naõ imitou menos as acções pias, que as valeroſas, e de quem com o ſangue herdou juntamente a fama, e o nome. Todos eſtaõ vendo que falo do VII. Avo do Duque o Santo Condeſtavel de Portugal Dom NUNO ALVARES PEREIRA, que pareceu reſuſcitado no Duque. Tal foy de hum, e outro a vida, tal foy de hum, e outro a morte.

Veja-ſe no fim a linha III.

§. X.

Sepultura na Patria.

133 CHegàmos ao ultimo fim da larga navegaçaõ, que fizemos ſeguindo o norte do noſſo Thema pelo vaſto, e alto mar das glorioſas acções, com que o Duque na vida, e na morte ſe fez ſemelhante aos ſeus ſacros Reaes progenitores, aſſim como David ſe tinha feito ſemelhante aos ſeus na vida, e na morte: *Dormivit igitur David cum patribus ſuis. Quòd patrum ſimilis fuerit fide*: porque jà a obſervaçaõ do meſmo norte conduſio o baixel do meu diſcurſo a tomar terra na ſepultura daquelle Heroe: *Et ſepultus eſt in civitate David.*

134 Diz Joſefo que Salamaõ ſepultou a ſeu pay David com tal magnificencia, que excedeu aos funeraes, que ſe coſtumaõ fazer aos Reys: *Sepelivit autem eum Salomon Hieroſolymis magnificè*

Josephus lib. 7. Antiquit. cap. 12.

præter solennia in Regum funeribus. Excedeu à generosa piedade, e magnificencia, com que Salamaõ sepultou a David, a magnificencia, e generosidade, com que o Excellentissimo Senhor Duque Dom Jayme sepultou a seu Excellentissimo pay. Salamaõ deu ao pay huma só sepultura, e o Duque Dom Jayme collocou em duplicado Mausolèo as cinzas paternas, porque primeiro lhe mandou sepultar o coraçaõ, metido em hum preciozo cofre, na sua Parochia de Santa Justa, para que o coraçaõ daquelle Heroe ficasse no mesmo Templo, em que estava o seu thesouro, que era aquelle Augustissimo Sacramento, a que com tanta fineza, e tanta generosidade tinha servido; e mandou sepultar o corpo na Cidade de Evora no Sepulchro dos seus Mayores.

Lucæ 12 34.

135 Salamaõ fez honras funeraes a David só em Jerusalem, e o Duque Dom Jayme multiplicou as honras paternas pelo numero das Villas, de que he Donatario.

136 A pompa funeral de David morto em Jerusalẽ naõ passou de Jerusalẽ: *Sepelivit eum Salomon Hierosolymis.* A pompa funeral do Duque morto em Lisboa Cabeça da Provincia da Estremadura, fez o dilatado caminho atè Evora, Cabeça da Provincia do Alentejo.

137 A multiplicaçaõ destas honras funebres, e a extensaõ daquella pompa, com que foy levado a sepultar aquelle grande Principe, aquelle grande General, me traz à memoria as exequias de Druso, de quem Seneca diz que havia de ser grande Principe, e que jà era grande General, ou grande Duque: *Livia amiserat filium Drusum, magnum futurum Principem, jam magnum Ducem.* Repetiraõ-se a Druso as funeraes hõras em muitos lugares de Italia, como se outras tãtas vezes morresse Druso para se renovar o sentimento: *Tot per omnem Italiam ardentibus rogis quasi toties illum amitteret.* E era aquella pompa funebre muito semelhante a hum triunfo: *Ductum erat funus triumpho simillimum.*

Seneca de Consolat. ad Marciam, cap 2.

Idem ibidem.

Idem ibidem.

138 Da mesma sorte que a Druso em Italia se fizeraõ ao Duque multiplicadas exequias em diversas partes de Portugal, repetindo-se em cada huma as demonstrações do sentimento, como se se lhe tivessem multiplicado as mortes: *Quasi toties illum amitteret.* Foy o seu magnifico enterro muito semelhante a hum Magestozo triunfo, porque com grandesa igual à sua pessoa, e à de seu Excellentissimo filho, que lhe ordenou a pompa, foy levado o seu cadaver para ser sepultado na Cidade de Evora, Cidade jà sua pelo nascimento, e agora outra vez sua pelo Sepulchro, *& sepultus est in Civitate David.*

139 Duas

139 Duas Cidades acho na Efcrittura com o gloriozo nome de Cidades de David, huma em que David nafceu, e he Belem, que fe interpreta caza do paõ: *Betlhem Domus panis*, e outra, em que David fepultado defcançou em paz, e he Jerufalem, que fe interpreta vifaõ de paz: *Hierufalem vifio pacis.* A ambas eftas Cidades he femelhante Evora, a Belem caza do paõ, porque Evora fe interpreta Fertilidade de paõ, a Jerufalem vifaõ de paz, porque nella defcança em paz o Duque bellicozo David Portuguez: *Et fepultus eft in Civitate David.*

D. Francifco Xavier de Menezes Conde da Ericeira, Cenfor da Academia Real nas Memorias Ecclefiafticas de Evora, titulo 1. cap. 1. n. 2.

140 Naõ fó eftà fignificada neftas ultimas palavras do meu Thema a Cidade de Evora, para onde foy levado o corpo do Duque, mas ainda a mefma Igreja de Saõ Joaõ Evangelifta, em que fe lhe deu fepultura.

141 Sendo David o mefmo, que Amado, fegundo huma das fignificações do feu nome: *David id eft Dilectus*, quem negarà que a Cidade de David he a Cidade do Amado, aquella Santa Cidade do Difcipulo Amado, aquella Igreja dos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangelifta, e que tem o titulo do mefmo Amado: *Sepultus eft in Civitate David. David id eft Dilectus.*

142 Porèm fe o Duque eftà fepultado na fua Patria, naõ fe jacte Evora de fer fó a Cidade, que tem a fua fepultura, porque a hum Heroe taõ valerozo como o Duque todo o Mundo he fua Patria: *Omne folum forti patria eft*; e todo o Mundo he a fua fepultura. Nem hum Principe taõ grande cabia em huma fó Cidade. Sendo para elle eftreita toda a redondeza da terra, como podia ficar encerrado nos arcos de hum Pantheon, nem nas paredes de hum Templo, nem dentro dos muros de huma Cidade?

Ovidius lib. 1. Faftor. v. 493.

143 Alem de que he de notar que o noffo Texto naõ diz *fepultus eft in urbe David*, fe naõ *fepultus eft in Civitate David.* E todos fabem a differença, que hà entre *Urbs*, e *Civitas.* Todos fabem que *Urbs* fignifica a uniaõ de infenfiveis edificios habitados; e *Civitas* huma collecçaõ de habitadores vivos: *Urbs eft ædificia, Civitas incolæ*; diz Nonio Marcello. Naõ eftà o Duque fepultado nos marmores, nem nos bronzes infenfiveis, eftà fepultado em tumulos racionaes, e faudozos, dos quaes cada coraçaõ he hum Obelifco, cada peito he hum Maufoleo, porque o Duque mereceu o nome de David, e he objecto da faudade univerfal: *David id eft defiderabilis.*

Nonius Marcellus de proprietate Sermonem, cap. 5. n. 27.

144 Saõ Maufoleos do Duque os peitos dos Politicos, os peitos dos Militares, os peitos dos Ecclefiafticos, os peitos dos

Pobres,

Pobres, os peitos dos Neceſſitados, os peitos dos Religiozos, e ſingularmente entre todos ſaõ Mauſoleos do Duque os peitos dos Theatinos, por excederem a todos na ſaudade: *David id eſt deſiderabilis*, aſſim como excedem a todos em confeſſar os beneficios, e dezejaõ exceder a todos em eternizar a memoria do ſeu Bemfeitor, e as demonſtrações do ſeu agradecimento.

145 Niſto ſe moſtra a minha Sagrada Religiaõ bem reprezentada em Idithum aquelle Profeta mais favorecido de David, cujo nome ſignifica tambem o que faz confiſſões: *Idithum confeſſionem dans*; e eſta Religioſa familia he a que mais confeſſa os beneficios, que deve ao Duque com grande ſentimento de que o numero das confiſſões naõ poſſa igualar o dos beneficios.

Vide Leblanc in Pſ. 38.

146 Tambem Idithum ſignifica o que dà louvores, *laudem dans*, e a noſſa Religiaõ para louvar o Duque dezeja ter tantas linguas, quantas teve, e hade ter toda a poſteridade de Adaõ, e converter em louvores do Duque todas as humanas vozes, *laudem dans.*

Vide Leblanc ibidem.

147 Ultimamente, ſegundo Santo Agoſtinho, ſignifica Idithum o que tranſcende, e paſſa àlem de todos: *Idithum tranſiliens eos.* E aqui ſe vè maravilhoſamente reprezentada em Idithum a noſſa Religiaõ. Digo maravilhoſamente, porque com maravilha nova excede a todas, e a todos huma Religiaõ, que ingenuamente confeſſa que cede a todas, porque cedendo a todas nas letras, a todas nas virtudes, a todas no eſplendor, e a todas nas dignidades, a ninguem cede nas expreſſões do agradecimento: *Tranſiliens eos.*

Sanctus Auguſtin. in Pſalm. 38.

148 Todos os que receberaõ beneficios do Duque podem dezejar publicallos, mas na vehemencia deſtes dezejos excedemos os Theatinos a todos: *Tranſiliens eos.*

149 Todos podem ter ambiçaõ de louvar a immortal memoria do Duque, mas neſta louvavel ambiçaõ excedemos os Theatinos a todos: *Tranſiliens eos.*

150 Todos podem ſentir a morte deſte commum pay de todas as Religiões, mas neſte ſentimento os filhos de Saõ Caetano excedemos a todos: *Tranſiliens eos.*

151 Todos podem, e devem ter ſaudades de hum taõ amavel, e taõ benefico Principe, mas neſtas ſaudades os Theatinos excedem a todos: *Tranſiliens eos.*

152 Nem tenha confiança a groſſaria daquelles paes do eſquecimento, que ſaõ o progreſſo dos annos, e a duraçaõ da auſencia

zencia para aſpirar a ir diminuindo eſte ſentimento, e eſta ſaudade nos corações Theatinos, nem preſuma de poder tanto, que enxugue as lagrymas dos noſſos olhos, porque como cada dia vay creſcendo mais a duraçaõ da auſencia, cada inſtante ſe vay augmentando mais a razaõ do noſſo ſentimento, a cauſa da noſſa ſaudade, e o motivo das noſſas lagrymas. Cada dia havemos de ir conhecendo mais a falta, que o Duque faz no Mundo, e cada dia ſe nos ha de ir fazendo mayor o Duque para o ſentimento, para as lagrymas, e para a ſaudade.

153 Nunca poderà ter a noſſa dor outro alivio, ſenaõ os dous, que jà tem, e que já fazem ſuſpender as lagrymas de todos. O primeiro alivio he ver que o Duque já eſtà renaſcido, ou reſuſcitado em ſeu Excellentiſſimo filho, e para quem nos deixou hum tal filho, he genero de ingratidaõ o continuar em chorallo.

154 E eſta a meu ver he a razaõ, porque a Eſcrittura naõ diz que houve lagrymas na morte de David, porque a meſma Eſcrittura nos declara que David deixou por ſucceſſor a hum Principe prudente, valerozo, e ſocegado: *Poſt ipſum ſurrexit filius ſenſatus, fortis, habitans in quiete*, diz a verſaõ Syriaca. E hum taõ grande filho impede, ou pelo menos enxuga todas as lagrymas, que ſe deviaõ chorar por hum taõ grande pay, e por eſta meſma razaõ dizia eu q̃ tem alivio as Theatinas lagrymas na morte do Duque, porque lhe ſuccedeu como a David hum filho Principe prudente, valerozo, e ſocegado: *Poſt ipſum ſurrexit filius ſenſatus, fortis, habitans in quiete.*

Eccleſ. 47. 14. Verſio Syriac. hic.

155 Ainda temos mais que ponderar neſte Texto, porque aonde a noſſa Vulgata diz que ſe levantou depois de David aquelle filho prudente: *Poſt ipſum ſurrexit filius ſenſatus*, diz outra verſaõ do Texto Grego: *Cum ipſo ſurrexit filius*; que o filho reſuſcitou com o pay, o que naõ pòde ſer ſem que o pay reſuſcitaſſe com o filho. E jà Deos pelo Profeta Ezequiel tinha dito que David havia de reſuſcitar: *Suſcitabo..... ſervum meum David.* E diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo que eſta, e ſemelhantes profecias de reſurreiçaõ de David ſe haõ de entender dos que haviaõ de ſer ſemelhantes a David nas virtudes: *Ezechiel, & alii Prophetæ dicunt David ſurrecturum eſſe eis, atque venturum non de illo utique mortuo jam loquentes, ſed de ijs, qui illius virtutem erant imitaturi.* E verdadeiramente o Excellentiſſimo filho, e ſucceſſor do Duque he taõ ſemelhante a ſeu Excellentiſſimo pay, que parece que o pay reſuſcitou no filho. E ſe jà temos ao pay reſuſcitado no filho, para que he

Verſio ex Græco apud Alapide hic.

Sanctus Joannes Chryſoſtomus Homil. 2. in S. Matthæum.

he derramar lagrymas pelo pay, como se ainda estivesse morto?

Ezechiel 34.23

156 O segundo, e ainda mais poderozo motivo para suspendermos Christaãmente as lagrymas, he a consideraçaõ de que o Duque por se ter feito na viva Fè semelhante a seus Santos progenitores Saõ FRANCISCO de BORJA, Saõ LEOPOLDO, Saõ FERNANDO, Saõ MACOLMO, Saõ ARNULFO, Saõ CARLOS MAGNO, Saõ LUIZ Rey de França, Saõ DAVID Rey de Escocia, e Saõ GUILHELME Duque de Guienna, deixou à nossa piedade bem fundadas esperanças de que apartando-se de nòs, iria para descançar com elles, como David com seus progenitores: *Dormivit igitur David cum patribus suis, & sepultus est in Civitate David*; e que ha de estar eternamente na Celestial Jerusalem, que he a clara vista de Deos, e a visaõ da paz.

Requiescat in pace.

DOZE

DOZE LINHAS GENEALOGICAS

COM AS QUAES SE TECE O PRECEDENTE

ELOGIO FUNEBRE

OU DOZE COLUMNAS,

Sobre que ſe erige o Mauſoleo Encomiaſtico

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO;

Primeiro Duque do Cadaval, &c.

DEDUSIDAS, E FORMADAS

PELO AUTHOR DO MESMO ELOGIO.

SUſpice Regales tangentes aſtra columnas;
Celſa columna manet Linea quæque ſacra.
Ornat, & ornatur duodena columna, triumpho,
Quo Ducis invicti Fama tropæa vovet.
His Regale genus, virtuſque inciſa columnis
Perpetuò ſtabunt, mors ubi victa jacet.

LINHA I.
DA VARONIA REAL.

1. Marcomiro, ou Meroveo Duque dos Francos
N. . . . .
|
2. Faramundo I. Rey de França
A Rainha Argota
|
3. Clodio Capello Rey de França
A Rainha Basina de Turingia
|
4. Albero Senhor de Moselania, e Ardenha
Argota de Hespanha
|
5. Wamberto Senhor de Ardenha, e Alsacia
Lucilla de Constantinopla
|
6. Ansberto Senhor de Moselania
Blitilde de França
|
7. Arnoldo Senhor de Moselana, e Bulhon.
Santa Oda de Suevia
|
8. Santo Arnulfo Duque de Moselania
Santa Doda
|
9. Ansegiso
Santa Beggha
|
10. Pipino Heristallo, o Grosso
Alpaida segunda mulher
|
X

11. Chil-

11. Childebrando Duque
N. . . . .
|
12. Nebelongo Conde
N. . . . .
|
13. Thieberto Conde de Matriè
N. . . . .
|
14. Roberto I. de Saxonia Conde de Matriè
Agnac de Berry filha de Wicfredo Conde de Berry
|
15. Roberto o Forte Duque de França
Adelaida filha do Emperador Luiz
|
16. Roberto III. Rey de França
Beatriz de Vermondois
|
17. Hugo o Grande, Duque dos Francos
Aduvida de Saxonia
|
18. Hugo Capeto o I. Rey de França
Adelaide de Guienna
|
19. Roberto o Pio Rey de França
Conſtança de Arles
|
20. Roberto de França Duque de Borgonha
Helia de Semur
|
21. Henrique de Borgonha
Sibylla de Borgonha

22. O Con-

|

22. O Conde Dom Henrique
A Rainha Dona Teresa de Castella
|
23. Dom Affonso I. Rey de Portugal
A Rainha Dona Mafalda de Saboya
|
24. Dom Sancho I. Rey de Portugal
A Rainha Dona Dulce de Barcelona
|
25. Dom Affonso II. Rey de Portugal
A Rainha Dona Urraca de Castella
|
26. Dom Affonso III. Rey de Portugal
A Rainha Dona Brites de Castella
|
27. Dom Diniz Rey de Portugal
Santa Isabel Rainha de Portugal
|
28. Dom Affonso IV. Rey de Portugal, o Bravo
A Rainha Dona Brites de Castella
|
29. Dom Pedro Rey de Portugal
N. . . . .
|
30. Dom João o I. Rey de Portugal
N. . . . .
|
31. Dom Affonso I. Duque de Bragança
A Condessa Dona Brites I. mulher
|
32. Dom Fernando II. Duque de Bragança
A Duqueza Dona Joanna de Castro

|

33. O Senhor Dom Alvaro de Portugal
Dona Filippa de Mello S. da Caza de Olivença

|

34. D. Rodrigo de Mello. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Leonor de Almeida

|

35. Dom Francisco de Mello II. Marquez de Ferreira
A Senhora Dona Eugenia de Bragança

|

36. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello III. Conde de Tentugal
A Condessa Dona Mariaanna de Castro

|

37. D. Francisco de Mello III. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel II. mulher

|

38. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA II.

CATHOLICA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de todos os Reys, que merecerão, e alcançàrão o Antonomastico titulo de Catholicos pela Fè, em que resplandecerão, na qual elle os imitou. *He esta Linha pela mayor parte tirada do Catalogo Real de Hespanha escrito por Rodrigo Mendes da Sylva.*

1. RECAREDO I. Rey de Hespanha o CATHOLICO
Bada filha de Artur Rey de Inglaterra hum dos nove da Fama
I
2. Liuba 2. Rey de Hespanha
N. . . . .
I
3. Pedro
N. . . . .
I
4. Recaredo 2.
N. . . . .
I
5. Pedro Duque de Cantabria
N. . . . .
I
6. Dom Affonso 1. o CATHOLICO Rey de Asturias
Dona Ermezenda filha d'ElRey D. Pelayo
I
7. O Infante Vimarano
N. . . . .

|

8. Dom Bermudo 1.
A Rainha Imilona

|

9. Dom Ramiro 1. Rey de Afturias, e Galliza
Dona Urraca Paterna

|

10. Dom Ordonho 1. Rey de Leaõ
Dona Munia

|

11. Dom Affonfo 3. o Magno Rey de Leaõ
Dona Ximena

|

12. Dom Ordonho 2. Rey de Leaõ
Dona Elvira 1. mulher

|

13. Dom Ramiro 2. Rey de Leaõ
Dona Urraca 1. mulher

|

14. Dom Ordonho 3. Rey de Leaõ
Dona Elvira 2. mulher

|

15. Dom Bermudo 2. Rey de Leaõ
Dona Elvira 2. mulher

|

16. Dom Affonfo V. Rey de Leaõ
Dona Elvira Mendes

|

17. A Rainha Dona Sancha
Dom Fernando 1. o Magno

|

18. Dom Affonfo 6. Rey de Caftella, e Leaõ
Dona Conftança de Borgonha 3. mulher

|

19. A Rai-

|

19. A Rainha Dona Urraca
O Conde Dom Ramon 1. marido
|
20. Dom Affonſo 8. Emperador
Dona Rica de Polonia 2. mulher
|
21. A Rainha Dona Sancha de Caſtella
Dom Affonſo Rey de Aragaõ
|
22. D. Pedro 2. Rey de Aragaõ o CATHOLICO
A Rainha Dona Maria de Mompelher
|
23. Dom Jayme o Conquiſtador Rey de Aragaõ
A Rainha Dona Violante de Hungria
|
24. Dom Pedro 3. Rey de Aragaõ o Grande
A Rainha Dona Conſtança de Napoles
|
25. Santa ISABEL Rainha de Portugal
Dom Diniz Rey de Portugal
|
26. Dom Affonſo 4. Rey de Portugal
A Rainha Dona Brites de Caſtella
|
27. Dom Pedro 1. Rey de Portugal
A Rainha Dona Ignez de Caſtro
|
28. A Rainha Dona Brites de Portugal
Dom Sancho Conde de Albuquerque
|
29. Dona Leonor de Albuquerque
Dom Fernando 1. Rey de Aragaõ

30. Dom

|

30. Dom Joaõ 2. Rey de Aragaõ
A Rainha Dona Joanna Henriques
|
31. Dom Fernando V. o CATHOLICO Rey de Aragaõ, e Castella
N. . . . .
|
32. Dom Affonso de Aragaõ
N. . . . .
|
33. A Duqueza Dona Joanna de Aragaõ
Dom Joaõ de Borja 3. Duque de Gandia
|
34. Saõ FRANCISCO de BORJA Duque de Gandia
A Duqueza Dona Leonor de Castro e Menezes
|
35. A Marqueza Dona Isabel de Borja
Dom Francisco de Sandoval e Roxas Marquez de Denia
|
36. A Condessa Dona Leonor de Sandoval
Dom Lopo de Moscozo Conde de Altamira
|
37. A Marqueza Dona Isabel de Moscozo
Dom Antonio Pimentel 4. Marqueza de Tavara
|
38. A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher
Dom Frãcisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
|
39. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA III.

HEROICA,

NA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque foy settimo neto do Grande Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, de quem herdou o nome, e todas as virtudes.

1. D. NUNO ALVARES PEREIRA Condestavel de Portugal
   Dona Leonor de Alvim
   |
2. Dona Brites Pereira
   Dom Affonso 1. Duque de Bragança
   |
3. Dom Fernando 2. Duque de Bragança
   A Duqueza Dona Joanna de Castro
   |
4. O Senhor Dom Alvaro de Portugal
   Dona Filippa de Mello Senhora da Caza de Olivença
   |
5. D. Rodrigo de Mello 1. Marquez de Ferreira
   A Marqueza Dona Leonor de Almeida
   |
6. Dom Francisco de Mello 2. Marquez de Ferreira
   A Senhora Dona Eugenia de Bragança
   |
7. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello 3. Conde de Tentugal
   A Condessa Dona Mariaanna de Castro

8. Dom

1

8. Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher

1

9. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO 1. Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA IV.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque defcende de Santo Arnulfo Duque de Mofelania, a quem imitou na caridade com os enfermos.

1. Santo ARNULFO Duque de Mofelania
Santa Doda
|
2. Anfegifo
Santa Begha
|
3. Pipino Heriftallo
Alpaida
|
4. Childebrando Duque
N. . . . .
|
5. Nebelongo Conde
N. . . . .
|
6. Thieberto Conde de Matriè
N. . . . .
|
7. Roberto 1. de Saxonia Conde de Matriè
Agnac de Berry
|
8. Roberto 2. o Forte Duque de França
A Rainha Adelaide
|

9. Ro-

9. Roberto 3. Rey
A Rainha Beatriz de Vermandois
|
10. Hugo o GRANDE Duque de
Aduvida de Saxonia
|
11. Hugo Capeto 1. Rey de França o Deffenſor da Igreja
Adelaide de Italia
|
12. Roberto o Devoto Rey de França
Conſtança de Arles
|
13. Roberto de França Duque de Borgonha
A Duqueza Helia de Semur
|
14. Henrique de Borgonha
Sibilla de Borgonha
|
15. Dom Henrique Conde de Portugal
A Rainha Dona Thereſa de Caſtela
|
16. Dom Affonſo Rey de Portugal
A Rainha Dona Mafalda de Saboya
|
17. Dom Sancho 1. Rey de Portugal
A Rainha Dona Dulce de Barcellona
|
18. Dom Affonſo 2. de Portugal
A Rainha Dona Urraca de Caſtella
|
19. Dom Affonſo 3. Rey de Portugal
A Rainha Dona Brites de Caſtella

20. Dom

|

20. Dom Diniz Rey de Portugal
A Rainha Santa Iſabel de Aragaõ

|

21. Dom Affonſo 4. Rey de Portugal
A Rainha Dona Brites de Caſtella

|

22. Dom Pedro 1. Rey de Portugal
N. . . . .

|

23. Dom Joaõ 1. Rey de Portugal
N. . . . .

|

24. Dom Affonſo 1. Duque de Bragança
A Condeſſa Dona Brites Pereira 1. mulher

|

25. Dom Fernando 2. Duque de Bragança
A Duqueza Dona Joanna de Caſtro

|

26. O Senhor Dom Alvaro de Portugal
Dona Felippa de Mello Senhora da Caza de Olivença

|

27. Dom Rodrigo de Mello 1. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Leonor de Almeida

|

28. Dom Franciſco de Mello 2. Marquez de Ferreira
A Senhora Dona Eugenia de Bragança

|

29. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello 3. Conde de Tentugal
A Condessa Dona Marianna de Castro
|
30. Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher
|
31. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA V.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de Saõ Carlos Magno, a quem imitou na piedade com as Almas do Purgatorio.

1. Saõ CARLOS MAGNO Emperador de Alemanha, *de cuja Canonizaçaõ se veja Garibay nas Illustrações Genealogicas dos Catholicos Reys das Hespanhas, pag. 61. e seguintes*
Hildegarda Emperatriz
|
2. Luiz 1. o Pio, Emperador, e Rey de França
Hermingarda de Saxonia
|
3. Luiz Rey de Alemanha, e Duque de Baviera
A Rainha Emma de Hespanha
|
4. Carolomanno Duque de França, e Rey de Baviera
Lithovinda
|
5. Arnulfo Unico Emperador de Alemanha
A Emperatriz Luçarda
|
6. Lucarda Duqueza de Saxonia
Othon Principe do Imperio
|
7. Henrique 1. Emperador o CAÇADOR
A Emperatriz Mathilde de Saxonia
|

8. Othon 1. Emperador
A Emperatriz Adelaide de Borgonha
|
9. Adelaide Rainha de França
Hugo Capeto
|
10. Roberto Rey de França
Conſtança de Arles
|
11. Henrique 1. Rey de França
A Rainha Anna de Ruthelois
|
12. Filippe 1. Rey de França
A Rainha Berta de Hollanda
|
13. Luiz 6. Rey de França
A Rainha Aliſa de Saboya
|
14. Luiz 7. Rey de França
A Rainha Aliſa de Champanha
|
15. Filippe 2. Rey de França o AUGUSTO
A Rainha Iſabel de Arthoes
|
16. Luiz 8. Rey de França
A Rainha Dona Branca de Heſpanha
|
17. Roberto 1. Conde de Arthoes
Mafalda de Brabante
|
18. Branca de Arthoes
Edmundo Conde de Lancaſtro o da ROSA VERMELHA

19. Hen-

|

19. Henrique de Lancaſtro Baraõ de Moumuth, e Conde de Leiceſtro
    Mathilde de Kivvely

|

20. Henrique o TORTO 1. Duque de Lancaſtro
    Iſabel de Belmonte

|

21. Dona Branca de Lancaſtro 2. mulher
    Joaõ de Gante Duque de Lancaſtro

|

22. A Rainha Dona Filippa de Lancaſtro
    Dom Joaõ 1. Rey de Portugal

|

23. Dom Duarte 1. Rey de Portugal
    A Rainha Dona Leonor de Aragaõ

|

24. Dom Fernando Infante de Portugal
    A Infanta Dona Brites de Portugal

|

25. A Senhora Dona Iſabel Duqueza de Bragança
    Dom Fernando 3. Duque de Bragança

|

26. Dom Jayme 4. Duque de Bragança
    A Duqueza Dona Joanna de Mendoça 2. mulher

|

27. A Senhora Dona Eugenia de Bragança 2. mulher
    Dom Franciſco de Mello 3. Marquez de Ferreira

|

28. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello Conde de Tentugal
A Condeſſa Dona Marianna de Caſtro
|
29. Dom Franciſco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher
|
30. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA VI.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de Saõ Leopoldo Marquez de Austria, ao qual imitou na devoçaõ à Virgem Senhora Nossa. *O principio desta Linha he conforme ao Padre Radero na Bavaria Santa tom.* 3.

1. Saõ LEOPOLDO Marquez de Austria
   Ignez Duqueza de Franconia 1. mulher filha de Henrique 3. Emperador

2. Berta de Austria
   Ladislao Duque de Polonia

3. Rica de Polonia 2. mulher
   Dom Affonso 7. Emperador, Rey de Castella e Leaõ

4. Dona Sancha de Castella Rainha de Aragaõ
   Dom Affonso 2. Rey de Aragaõ

5. Dom Pedro o CATHOLICO Rey de Aragaõ
   A Rainha Dona Maria de Mompelher

6. Dom Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador
   A Rainha Dona Violante de Hungria

7. Dona Violante Rainha de Castella
   Dom Affonso X. o Sabio Rey de Castella

8. Dom

l

8. Dom Sancho 4. Rey de Caſtella o Bravo
A Rainha Dona Maria de Molina

l

9. A Rainha Dona Brites de Caſtella
ElRey Dom Affonſo 4. de Portugal o Bravo

l

10. Dom Pedro 1. Rey de Portugal
N. . . . .

l

11. Dom Joaõ 1. Rey de Portugal
A Rainha Felippa de Lancaſtro

l

12. O Infante Meſtre de Saõ-Tiago
A Infanta Dona Iſabel de Bragança

l

13. A Infanta Dona Brites
O Infante Dom Fernando

l

14. A Senhora Dona Iſabel Duqueza de Bragança
Dom Fernando 3. Duque de Bragança

l

15. Dom Jayme 4. Duque de Bragança
A Duqueza Dona Joanna de Mendoça 2. mulher

l

16. A Senhora Dona Eugenia de Bragança 2. mulher
Dom Franciſco de Mello 3. Marquez de Ferreira

l

17. Dom

17. Dom Nuno Alvares Pereira de Mello Conde de Tentugal
A Condessa Dona Marianna de Castro

I

18. Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher

I

19. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA VII.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque deſcende de Saõ Luiz Rey de França, ao qual imitou na eſtimaçaõ, e beneficencia para com os Religiozos

1. Saõ LUIZ Rey de França
A Rainha Dona Margarida de Provença
|
2. Dona Branca de França
O Infante Dom Fernando de la Cerda
|
3. Dona Mafalda de França
Dom Affonſo de la Cerda
|
4. Dona Ignez de la Cerda
Dom Fernando Rodrigues de Villalobos
|
5. Dona Maria Fernandes de Villalobos Senhora da Caza de Villalobos
Dom Pedro Alvares Ozorio Conde de Villalobos
|
6. Dom Alvaro Peres Ozorio Conde de Villalobos, Duque de Aguiar
Dona Conſtança de Haro 1. mulher
|
7. Dom Joaõ Ozorio Conde de Villalobos
Dona Aldonça de Guſmaõ
|

8. Dom

8. Dom Pedro Alvares Ozorio Conde de Trastamara
Dona Isabel de Roxas 1. mulher
|
9. Dom Pedro Alvares Ozorio
Dona Urraca de Moscozo 2. Condessa de Altamira
|
10. Dom Rodrigo Ozorio de Moscozo 3. Conde de Altamira
A Condessa Dona Teresa de Andrade
|
11. Dom Lopo de Moscozo 4. Conde de Altamira
A Condessa Dona Anna de Toledo
|
12. Dom Rodrigo de Moscozo Ozorio 4. Conde de Altamira
A Condessa Dona Isabel de Castro
|
13. Dona Marianna de Castro Condessa de Tentugal
Dom Nuno Alvares Pereira de Mello Conde de Tentugal
|
14. Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher
|
15. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA VIII.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de Saõ David Rey de Escocia, a quem imitou na devoçaõ, com que recebeu o Santo Viatico S. David Rey de Escocia morreu em Edimburg, em 24. de Mayo pelos annos de 1103. *Fala delle Heitor Boethio. Ferrario in Catalogo Generali SS. qui in Martyrologio Romano non sunt die 24. Maij*

1. Saõ DAVID Rey de Escocia
Mathilde de Northumbria
|
2. Henrique Conde de Northumbria
Adama ou Maria de Vevain
|
3. Adama de Northumbria
Florencio 3. Conde de Hollanda
|
4. Guilherme 1. Conde de Hollanda
Adelaide de Gueldria 1. mulher
|
5. Florencio 4. Conde de Hollanda
Mathilde de Brabante
|
6. Adelaide ou Alix de Hollanda Condessa de Avenes 2. mulher
Joaõ Conde de Henao
|
7. Joaõ de Avennes Conde de Henao e Hollanda
Filippa de Luxemburg

8. Gui-

|

8. Guilherme 3. o BOM Conde de Hollanda
Joanna de Valois
|
9. Filippa de Hollanda Rainha de Inglaterra
Duarte 3. Rey de Inglaterra
|
10. João Duque de Lancaſtro
Dona Branca Duqueza de Lancaſtro
|
11. Dona Filippa de Lancaſtro Rainha de Portugal
Dom João 1. Rey de Portugal
|
12. Dom Duarte Rey de Portugal
A Rainha Dona Leonor de Aragaõ
|
13. O Infante Dom Fernando de Portugal
A Infanta Dona Beatriz
|
14. A Senhora Dona Iſabel Duqueza de Bragança
Dom Fernando 3. Duque de Bragança
|
15. Dom Diniz de Portugal
Dona Brites de Caſtro 3. Condeſſa de Lemos
|
16. Dom Fernando Rodrigues de Caſtro 4. Conde de Lemos
Dona Tereſa de Andrade e Ulhoa Condeſſa de Vilhalva e Andrade
|

17. A Condessa Dona Isabel de Castro
Dom Rodrigo de Moscozo Ozorio Conde de Altamira

I

18. Dona Marianna de Castro Condessa de Tentugal
Dom Nuno Alvares Pereira de Mello 3. Conde de Tentugal

I

19. Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira
A Marqueza Dona Joanna Pimentel 2. mulher

I

20. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA IX.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de Saõ Fernando 3. Rey de Castella, ao qual imitou na defensa, e honra dos Ministros do Santo Officio

1. Saõ FERNANDO 3. Rey de Castella
   A Rainha Dona Brites
   |
2. Dom Affonso X. o Sabio Rey de Castella
   A Rainha Dona Violante de Aragaõ
   |
3. Dom Sancho 4. Rey de Castella o Bravo
   A Rainha Dona Maria de Molina
   |
4. Dom Fernando .. Rey de Castella o Emprazado
   A Rainha Dona Constança de Portugal
   |
5. Dom Affonso XI. Rey de Castella
   N. . . . .
   |
6. Dom Fradique de Castella Mestre de Saõ-Tiago
   N. . . . .
   |
7. Dom Affonso Henriques Almirante de Castella
   Dona Joanna de Mendoça a RICA HEMBRA

|

8. Dom Henrique Henriques 1. Conde de Alva de Lifte
Dona Terefa de Gufmaõ
|
9. Dom Affonfo Henriques 2. Conde de Alva de Lifte
Dona Joanna de Velafco
|
10. D. Diogo Henriques 3. Cõde de Alva de Lifte
Dona Catharina de Toledo 2. mulher
|
11. Dom Henrique Henriques de Gufmaõ 4. Conde de Alva de Lifte
Dona Leonor de Toledo
|
12. Dona Leonor Henriques
Dom Pedro Pimentel Marquez de Tavara
|
13. Dom Bernardino Pimentel 3. Marquez de Tavara
Dona Joanna de Toledo
|
14. Dom Antonio Pimentel 4. Marquez de Tavara
A Marqueza Dona Ifabel de Mofcozo
|
15. Dona Joanna Pimentel Marqueza de Ferreira
Dom Francifco de Mello 3. Marquez de Ferreira
|
16. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA X.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque descende de Saõ Macolmo 3. Rey de Escocia, ao qual imitou na caridade com os pobres. *Saõ Macolmo Rey de Escocia morreu no anno 1902. em 2. de Junho (outros dizem em 15. de Outubro.) Trata delle Heitor Boethio lib. 12. Historia Scotorum. Joaõ Lesleu de Rebus Scotorum. Ferrarius in Catalogo SS. qui in Martyrologio Romano non sunt die 2. Junij, & 15. Octobris*

1. Saõ MACOLMO III. Rey de Escocia
Santa Margarida de Inglaterra
|
2. Mathilde de Escocia a BOA Rainha de Inglaterra
Henrique 1. Rey de Inglaterra
|
3. Mathilde de Inglaterra
Gofredo o BARBADO Conde de Anjou
|
4. Henrique 2. Rey de Inglaterra
A Rainha Dona Leonor de Guienna
|
5. Joaõ Sem terra Rey de Inglaterra
Isabel Condessa de Anguleima
|
6. Leonor de Inglaterra
Simaõ Conde de Monforte
|

7. Guido de Monforte
N. . . . .
|
8. Anaſtaſia de Monforte Condeſſa de Nola
Romano Urſino Conde de Nola
|
9. Roberto Urſino
Jacoba de la Marra
|
10. Nicolao Urſino
Roberta de Saõ Georgio
|
11. Roberto Urſino Conde de Nola
N. . . . .
|
12. Pedro Urſino
N. . . . .
|
13. Joanna Urſina Condeſſa de Nola
Jacobo Gaetano
|
14. Joannella Gaetano
Pedro Luiz Farneſe
|
15. Barbora Farneſe
Duarte Colonna
|
16. Fabricio Colonna
Ignez de Montefeltrio
|
17. Aſcanio Colonna
Dona Joanna de Aragaõ
|

18. Dona

18. Dona Victoria Colonna
Dona Garcia de Toledo Marquez de Villafranca

|

19. Dona Joanna de Toledo Marqueza de Tavara
Dom Bernardino Pimentel 3. Marquez de Tavara

20. Dom Antonio Pimentel 4. Marquez de Tavara
A Marqueza Dona Isabel de Moscozo

|

21. Dona Joanna Pimentel Marqueza de Ferreira 2. mulher
Dom Francisco de Mello 3. Marquez de Ferreira

|

22. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA XI.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque deſcende de Saõ Guilherme Duque de Guienna, a quem imitou na fervoroza preparaçaõ para a morte

1. Saõ GUILHERME Duque de Guienna
A Duqueza Leonor de Chaſtelleraud
|
2. Dona Leonor de Guienna
Henrique 2. Rey de Inglaterra
|
3. Joaõ Semterra Rey de Inglaterra
Iſabel Condeſſa de Anguleima
|
4. Henrique 3. Rey de Inglaterra
A Rainha Dona Leonor de Provença
|
5. Duarte 1. Rey de Inglaterra
A Rainha Dona Leonor de Caſtella
|
6. Duarte 2. Rey de Inglaterra
A Rainha Iſabel de França
|
7. Duarte 3. Rey de Inglaterra
A Rainha Filippa de Hollanda
|
8. Joaõ de Gante Duque de Lancaſtro
Dona Branca Duqueza de Lancaſtro
|

9. A Rai

9. A Rainha Dona Filippa de Lancaſtro
Dom Joaõ 1. Rey de Portugal
|
10. Dom Duarte Rey de Portugal
A Rainha Dona Leonor de Aragaõ
|
11. Dom Fernando Infante de Portugal
A Infanta Dona Brites
|
12. A Senhora Dona Iſabel Duqueza de Bragança
Dom Fernando 3. Duque de Bragança
|
13. Dom Diniz de Portugal
Dona Brites de Caſtro 3. Condeſſa de Lemos
|
14. Dom Fernando Rodrigues de Caſtro 4. Conde de Lemos
Dona Tereſa de Andrade e Ulhoa Condeſſa de Vilhalva, e Andrade
|
15. Dona Iſabel de Caſtro Condeſſa de Altamira
Dom Rodrigo de Moſcozo Ozorio Conde de Altamira
|
16. Dom Lopo de Moſcozo Conde de Altamira
A Condeſſa Dona Leonor de Sandoval
|
17. A Marqueza Dona Iſabel de Moſcozo
Dom Antonio Pimentel 4. Marquez de Tavara

18. Dom

|

18. Dona Joanna Pimentel Marqueza de Ferreira 2. mulher
Dom Francifco de Mello 3. Marquez de Ferreira

|

19. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

LINHA

LINHA XII.

SACRA,

PELA QUAL SE MOSTRA QUE O DUque foy quarto neto de Saõ Francifco de Borja, ao qual imitou no culto, e obzequio do Santiffimo Sacramento

1. Saõ FRANCISCO de BORJA Duque de Gandia
   A Duqueza Dona Leonor de Caftro

   I
2. Dona Ifabel de Borja Marqueza de Denia
   Dom Francifco de Sandoval e Roxas Marquez de Denia

   I
3. Dona Leonor de Sandoval Condeffa de Altamira
   Dom Lopo de Mofcozo Conde de Altamira

   I
4. Dona Ifabel de Mofcozo Marqueza de Tavara
   Dom Antonio Pimentel 4. Marquez de Tavara

   I
5. Dona Joanna Pimentel Marqueza de Ferreira 2. mulher
   Dom Francifco de Mello 3. Marquez de Ferreira

   I
6. Dom NUNO ALVARES PEREIRA de MELLO primeiro Duque do Cadaval.

A Fre-

A Freguezia de Santa Justa de Lisboa Occidental agradecida às grandes esmolas, que o Duque lhe havia feito para a fabrica da Igreja, que importàraõ consideraveis sommas de dinheiro, e a haver sido seu Juiz perpetuo da Irmandade do Santissimo Sacramento por mais de sessenta annos, em que costumava levar a campainha quando sahia a administrar-se aos enfermos aquelle Divino Viatico, atè que o achaque da gotta lhe impedio este devoto exercicio, determinou fazerlhe humas Exequias, que fossem o publico dezempenho da sua obrigaçaõ. Para este fim encommendou a Joaõ Baptista Barros, hum dos Architectos de Sua Magestade, que delineasse huma Eça, que reprezentasse a grandeza daquella Irmandade, e ao mesmo tempo entrou no cuidado de como se havia de ornar para aquelle acto o corpo da Igreja.

A Igreja de Santa Justa he de figura rectangula tanto no corpo, como na Capella Mòr: tem de comprimento desde o arco da Capella Mòr atè a porta principal cento e dezasete palmos, e dous terços, e settenta e meyo de largura; na superficie deste corpo correm duas coxias com balaustradas, que fechaõ as Capellas dos lados, e do Cruzeiro, de altura taõ proporcionada, que encostados a ellas commungaõ os Fieis.

Saõ ornados os lados com a ordem Dorica executada em Marmores de varias cores, e cada hum se compõem de dous Portados, hum Pulpito, e quatro Capellas com retabolos entalhados, e dourados, e sobre os simicirculos dellas corre huma Cornija, que vay fechar nos capiteis do Cruzeiro. Sobre esta Cornija nos prumos dos vãos das Capellas se abrem qua-

tro

tro Tribunas, que pelas ſuas janellas daõ luz a todo o corpo da Igreja, e os eſpaços, que hà entre as Tribunas, eſtaõ veſtidos de excellentes paineis, obra do inſigne pincel do famozo Bento Coelho.

Por ſima deſtas Tribunas corre huma grande cornija ornada com reprezas clauſteadas, que ſervindo de coroa a toda a fabrica, ſerve de Empoſta ao tecto, que he feito com porçaõ de circulo apainelado com boa pintura. A Capella mòr he ornada da meſma ordem Dorica com abobada de pedraria executada com todo o primor da arte, e neſta Capella eſtà hum retabolo entalhado, e dourado com pedeſtaes de pedraria embutidos, que he hum dos melhores das Igrejas deſta Corte, feito pelo celebrado Eſculptor Mathias Rodrigues de Carvalho.

No meyo do corpo da Igreja ſe levantou hum Mauſoleo (dezenho do ſobredito Architecto Joaõ Baptiſta de Barros) de figura octogona de quarenta e quatro palmos com quatro entradas, a que ſe ſubia por quatro degràos ao pavimento, em que ſe ſentou a Urna, como ſe vè na *figura* 1. A altura, que fazia dos quatro degràos, e ſervia de ſoco aos pedeſtaes de outo columnas da Ordem Compozita architravadas com architrave, frizo, e cornija, e ſobre eſta, como ſervindo de remates às columnas, ſe puzeraõ as figuras de doze Virtudes, que com mais ſingularidade ſe viraõ praticadas pelo Duque, as qnaes eraõ a Manſidaõ, a Juſtiça, o Culto do Sacramento, a Fé, a Liberalidade, a Prudencia, a Eſmolla, a Fortaleza bellica, a Promptidaõ, a Clemencia, a Conſtancia, e a Devoçaõ com as Almas do Purgatorio. Sobre a Cornija ſe levantou hum Atico bem ornado, em cuja face principal ſe viaõ as Ar-

mas do Duque aſſentadas em trofeos militares, a que acompanhavaõ dous Genios chorando, e acabava o Atico com a figura da Fama firmada ſobre as figuras proſtradas do Tempo, e da Morte, como ſe vè tudo na *figura* 2.

Nos entrecolunios ſe puzeraõ outo eſqueletos, em que moſtrou a arte toda a ſua valentia, ſuſtentando cada hum nas mãos grandes haſtes, em que ſe viaõ em bandeiras quadradas as Armas do Duque. Occupavaõ os pedeſtaes outo tarjes de excellente artificio, em que ſe liaõ algumas letras da Eſcrittura Sagrada, que declaravaõ a fragil duraçaõ da vida humana, e ſaõ as que moſtraõ as *figuras* 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. e 10.

Sobre o pavimento, em que aſſentavaõ os pedeſtaes, ſe fabricou huma Urna cuberta com hum pavilhaõ de lò preto, que fazia frente a todos os quatro lados, como ſe vè na *figura* 2. Era a Urna compoſta de tres corpos, o primeiro ſe formava de quartões reveſtidos nos cantos de folhas, e no meyo de cada face havia huma arrogante tarje adornada de folhajens, e dous Genios, que moſtravaõ o ſentimento, que merecia a morte de taõ grande Heroe. A que ficava para a porta principal dizia deſte modo.

REGIO
E SANGUINE
LUCEM HAUSIT
EBORÆ
PRID. NON. NOV.
M. D.C. XXXVIII.

Em vulgar: a quatro de Novembro de 1638. naſceu em Evora o Duque deſcendente do ſangue Real de Portugal. *Fig.* 11.

A da

A da Capella Mor.

PATRIÆ
PATER
OMNIUM LACRYMIS
OBJIT
IV. KAL. FEBRUARII.
M. DCC. XXVII.

Quer dizer que aos vinte e nove de Janeiro de 1727. faleceu o pay da Patria, qual foy o Duque, com ſentimento geral. *Fig.* 12.

A da parte do Evangelho.

QUEM
DIU VIVERE
FATA NOLUERUNT,
FAMA
VIVENTEM
SERVABIT.

Como dizendo que a Fama conſervaria ſempre vivo ao Duque, a quem os Fados naõ quizeraõ conceder mais dilatada vida. *Fig.* 13.

DIVÆ JUSTÆ
PARÆCIA
TANTI PRINCIPIS
MEMOR
MOESTISSIMA
POSUIT.

Em Portuguez; a Parochia de Santa Juſta lembrada dos beneficios, que lhe fez hum Principe, qual foy o Duque, ſentida da ſua morte lhe levantou eſte Mauſoleo. *Fig.* 14.

Sobre eſte primeiro corpo eſtavaõ dous Genios de joelhos ſuſtentando com as mãos huma precioſa al-

 mofada,

mofada, e fobre ella huma grande Coroa Ducal.

Seguia-fe o fegundo corpo formado de hum Nacelão reveffo acompanhado de molduras na parte inferior, que lhe ferviaõ de recebimento, e na fuperior de hum filete com hum Bocelaõ grande reveftido de folhas nos cantos, que nas faces tinhaõ os feguintes Emblemas. O da parte da Igreja era o Sol pondo-fe no feu occafo com a letra *Occidit*, morre. *Fig.* 15. O da Capella Mòr era huma coroa com a letra *Optimè certanti*, que era devida ao Duque, porque ninguem melhor a mereceu. *Fig.* 16. O da parte do Evangelho era huma Arvore quebrada com a letra *Annorum pondere*, que os muitos annos fizeraõ aquelle eftrago. *Fig.* 17. O da parte da Epiftola era huma Palma com a letra *Victoria*, porque o Duque a foube alcançar do Mundo. *Fig.* 18.

O terceiro corpo finalmente era formado de outro Nacelàõ direito, e fobre elle eftava o Tumulo cuberto com hum preciozo panno de borcado preto, como melhor o declara a *Fig.* 19.

As Capellas da Igreja, e a Mayor eftavaõ adornadas, como fe vè das *Fig.* 20. *e* 21. porque tinhaõ fitiaes pretos, e nos entrecolunios havia caveiras, de que pendiaõ feftões de fumo, que paffavaõ a fazer o mefmo ornato funebre aos medalhões de cada Capella. Neftes medalhões, que eraõ feis de cada lado da Igreja, huns affentados fobre caveiras, e outros fobre trofeos militares, fe reprezentàraõ em ouro fofco algumas acções do Duque animadas com letras, e fobre cada huma havia hum Diftico, que em proporcionada tarja declarava o efpirito da pintura, que foy obra de Victorino Jozè da Serra, de cuja maõ faõ os dezenhos de todas eftas eftampas.

No

No primeiro medalhaõ, que occupava o vaõ da Capella mais chegada à porta principal da Igreja, ſe via pintada huma Coroa Ducal ſobre huma almofada com eſta letra *Collatus honor*, honra dada ao Duque *Fig.* 22.

Dizia o Diſtico.

Nonius excelſo ſplendet Ducis auctus honore;
Reſpondent tanto præmia digna viro.

Ve-ſe a peſſoa do Marquez de Ferreira Dom Nuno elevada à dignidade de Duque, porque ſó eſte premio era digno de hum homem taõ grande, como elle.

No medalhaõ ſegundo eſtava pintado hum bofete, e nelle o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, e dous Miniſtros, que eraõ o Duque, e o Conde de Odemira, a quem preſidia a Rainha Regente Dona Luiza, no que ſe reprezentava a Junta Nocturna, que a ditta Senhora formou para o deſpacho de toda a ſorte de negocios, com eſta letra *Virtus, non ætas*, que ſe attendeu ao merecimento, e naõ à idade, porque o Duque foy feito Miniſtro daquella Junta, naõ tendo ainda vinte e hum annos de idade *Fig.* 23.

Dizia o Diſtico.

Aſſidet à teneris, tractat dum munia Regni
Nonius Auguſtæ, dicito jure ſenem.

Que ao Duque, pela tenrra idade, em que ſe applicou aos deſpachos dos negocios do Reyno com a Rainha Regente, ſe lhe podia dar com razaõ o nome de velho merecido pela ſua anticipada prudencia.

No terceiro medalhaõ ſe via pintada a Praça de Badajòs ſitiada pelo Exercito de Portugal, e no For-

te de Saõ Miguel huma bem ferida Batalha, na qual ſervindo o Duque voluntario por moſtrar que naõ degenerava do valor de ſeus Avòs os Duques de Bragança, recebeu tres feridas, e ſahio com o hombro eſquerdo deſpedaçado por huma bala, de q̃ ſempre ſe lhe renovavaõ as dores em certos tempos pelo eſpaço de toda a vida, com eſta letra *Ardor bellicus* o dezejo de ſervir na guerra *Fig.* 24.
Dizia o Diſtico.

Nonius Hiſpani quærit diſcrimina belli,
Vulneris ut triplicis ſanguine clarus ovet.

Que o Duque buſcou os perigos da guerra de Portugal com Caſtella, para triunfar illuſtremente com o derramado ſangue de tres feridas.

No quarto medalhaõ ſe pintou hum bofete, em que eſtava hum ſcetro, e huma eſpada figuras da paz, e da guerra, em que ſe ſymbolizava a merce, que ſe fez ao Duque de Conſelheiro de Eſtado, e Guerra com a letra *Salus Reipublicæ* ſaude, e remedio da Republica *Fig.* 25.
Dizia o Diſtico.

Conſiliis valuit caſus avertere Regni
Nonius: hinc Patriæ quis negat eſſe patrem?

Que o Duque pelo acerto, e prudencia dos ſeus conſelhos ſalvou ao Reyno dos infortunios, e deſgraças, que lhe podiaõ ſucceder, e daqui ſe vè que ſe lhe naõ deve negar o nome de Pay da Patria.

No quinto medalhaõ ſe eſtava vendo a Praça de Serralvo aſſaltada pelos Portuguezes, e em toda eſta Campanha fez o Duque accões dignas da ſua peſſoa, pois achando-ſe deſterrado por decreto da Corte em Almeida, e tendo os Generaes ordem para

ra que o naõ deixassem empenhar nas occasiões da Guerra, elle attendendo a si, e à sua honra, era o primeiro nos combates, e chegou a governar huma grande parte da Cavallaria; tinha esta letra *Iterum Victor* outra vez vencedor *Figur.* 26.

Dizia o Distico.

Exul (ad Almeidam) Patriæ exardescit amore
Nonius; & rursus Martia Castra petit.

Que ainda que o Duque estava desterrado em Almeida, era tanto o amor, que tinha à sua Patria, que naõ tendo obrigaçaõ, sempre seguio a guerra.

No sexto medalhaõ lhe occupava o vaõ huma figura do Iris symbolo da paz, e se via o Duque primeiro Plenipotenciario de Portugal, e o Marquez del Carpio Plenipotenciario de Castella com a letra *Pax Lusitanico-Hispana* paz de Portugal com Castella *Fig.* 27.

Dizia o Distico.

Nonius optata Lysiam jam pace coronat,
Et Lusum firmant fœdera amica Jovem.

O Duque Dom Nuno coroa a Portugal com a paz dezejada por todos, e os tratados reciprocos de amisade, e aliança seguraõ no throno ao Jupiter Portuguez.

No settimo medalhaõ havia huma lança de enriste, e nella huma bandeira quadrada franjada por todas as partes, e no meyo as Armas do Duque, o que significava o lugar de General da Cavallaria da Corte com a letra *Virtutis præmium* premio do valor *Fig.* 28.

Dizia o Distico.

Dux equitum turmis Aulæ dat jura Magister
Nonius, & meritis justa corona datur.

O Du-

O Duque Dom Nuno governa a Cavallaria da Corte como ſeu General, e eſta he a coroa propria dos ſeus merecimentos.

No oitavo medalhaõ ſe via pintado hum Caduceo, que he o jeroglyfico de hum Embaixador, e ao longe navegava a Armada Portugueza, em que o Duque hia buſcar o Duque de Saboya para Eſpozo da Princeza Dona Iſabel Joſefa herdeira jurada de Portugal, com a letra *Imago Principis* Imagem do Principe *Fig.* 29.

Dizia o Diſtico.

Mittitur Allobrogum Legatus Nonius Aulam ;
Solus Perſonam Principis ipſe refert.

O Duque Dom Nuno he mandado por Embaixador à Corte de Saboya, e ſó elle em taõ grande occaſiaõ reprezentava dignamente a Peſſoa do Principe, que o mandava.

O nono medalhaõ moſtrava no centro huma eſpada levantada ao alto, em que ſe declarava a grande dignidade, que teve o Duque de ſer duas vezes Condeſtavel deſte Reyno, huma quando o Infante Dom Pedro foy jurado Principe Regente da Monarchia Portugueza, e a outra quando a Infanta Dona Iſabel Joſefa foy jurada Princeza de Portugal, com a letra *Stirpe ab una* de hum ſó tronco, *Fig.* 30. porque eſte lugar ſempre foy dos Principes da Caza Real, ou na ſua falta dos ſeus ramos.

Dizia o Diſtico.

Inclytus ecce Comeſtabilis dignoſcitur Heros
Nonius : á Regum ſanguine venit honor.

O Duque Dom Nuno he Condeſtavel do Reyno, porque eſta honra lhe proveyo do ſangue Real da ſua Origem.

No

No decimo medalhaõ ſe via o Baſtaõ coroado de Mordomo Mòr de tres Rainhas de Portugal, com a letra *Aulæ Splendor* o Eſplendor de Palacio. *Figura* 31. Dizia o Diſtico.

OEconomi, Reginæ, tui præfulget honore
Nonius: hiſce humeris nobile ſtabat onus.

O Duque Dom Nuno reſplandecia com a honra de Mordomo Mòr das Rainhas, e na ſua Peſſoa eſtava dignamente aquella illuſtre occupaçaõ.

No undecimo medalhaõ ſe via pintado o Baſtaõ de Meſtre de Campo General junto à Peſſoa com a letra *Ubique primus* em toda parte o primeiro, porque em virtude daquella Patente precedia a todos os Generaes. *Fig.* 32.
Dizia o Diſtico.

Militiæ Princeps turmas moderatur ubique
Nonius; & Regi proximus arma regit.

O Duque Dom Nuno como Principe dos exercitos em toda a parte os mandava, porque eſte privilegio lhe dava o titulo de Meſtre de Campo General junto à peſſoa d'ElRey.

No duodecimo medalhaõ appareciaõ tres Palacios, que reprezentavaõ o Conſelho Ultramarino, a Junta do Tabaco, e o Dezembargo do Paço, de que o Duque foy Preſidente, com a letra *Legum cura* o cuidado, e obſervancia das Leis. *Fig.* 33.
Dizia o Diſtico.

Nonius eximia triplicem regit arte Senatum,
Cuilibet á tanto Principe creſcit honos.

Que o Duque governou, e regeu eſtes tres Tribunaes com grande prudencia, e que cada hum ſubio na eſtimaçaõ, tendo-o por ſeu Preſidente.

No arco da Capella Mòr ſobre hum ſoberbo pavelhaõ

velhaõ de tela preta ſe via pendente o retrato do Duque feito pelo inſigne Pintor Mr du Prá taõ vivamente reprezentado, que era hum milagre da arte. Eſtava cercado de palmas, e trofeos militares, e lhe ſerviaõ de Tenentes dous Genios, como ſe vè da *Fig.* 34.

Dizia o Diſtico deſte modo.

Nonius eſt : tanti menſuram nominis implet ,
Tam virtute potens , quàm pietate vigens.

Eſte he o Duque Dom Nuno, que ſatisfez às obrigaçóes do ſeu nome, e tanto floreceu no valor, como na piedade.

Determinou-ſe para ſe celebrarem eſtas Exequias o dia dez de Março de 1727. e a Irmandade tomou por ſua conta convidar a Nobreza, e Religióes da Corte, que huma, e outras concorreraõ em grande numero, àlem de infinita gente de menor condiçaõ, que naõ puderaõ impedir as guardas de Soldados, que ſe tinhaõ poſto às portas. Neſte dia ſuccedeu hum acaſo, que bem ſe podia ter por myſterio, attendendo à extraordinaria devoçaõ, que o Duque teve ao Santiſſimo Sacramento do Altar, porque tres vezes ſahio o Senhor fóra naquella manhaã, a primeira pelas oito horas, a ſegunda quando ſe cantava o ſegundo Nocturno do Officio dos Defuntos, e a terceira quando ſe acabou o Sermaõ. Cantou os Salmos do Officio a Communidade dos Religiozos de Saõ Franciſco de Xabregas, e as Liçóes, e Miſſa a melhor, e a mais eſcolhida Muſica de Lisboa. Acabada a Miſſa ſubio ao Pulpito Dom Jozè Barboza Clerigo Regular, Chroniſta da Sereniſſima Caza de Bragança, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico Real, e diſſe a ſeguinte Oraçaõ.

AVE

AVE MARIA.

Oritur Sol, & occidit, & ad locum ſuum revertitur.
O Eccleſiaſtes no cap. 1.

OZ-SE finalmente nas ſombras do Occaſo o Sol de Portugal. Depois da dilatada carreira de oitenta e oito annos pagou à morte o inevitavel tributo de naſcido o Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, a quem pela coroa da Baronia de ſeus Auguſtos Aſcendentes fez Principe a natureza, e a quem a Graça fez grande pelas piiſſimas acções de ſua vida. Eſta, Excellentiſſimo Senhor, he a fatal condiçaõ da fragilidade humana naõ lhe ſervirem de inſtrumento da conſervaçaõ da vida as grandezas do Mundo, porque a pezar dos titulos de Conde, de Marquez, e de Duque, das occupações politicas de Mordomo Mòr de tres Rainhas, de muitas Preſidencias, de Conſelheiro de Eſtado, e Guerra, de Condeſtavel do Reyno, de General da Cavallaría da Corte, de Meſtre de Campo General junto à Peſſoa, e o que he mais, que todos eſtes accidentes, ſem que vos baſtaſſe o reſpeitado terror do voſſo nome, nem a alta qualidade de voſſo ſangue, com ſentimento univerſal de todo eſte Reyno vejo que jaz no ſilencio da ſepultura a mayor gloria da Monarchia Portugueza. Todos aquelles homens, a quem a natureza, e a fortuna com venturoſa uniaõ fizeraõ grandes, ſacrificàraõ toda eſſa grandeza nas mãos da morte, porque eſte he o irrevogavel decreto, com que foy caſtigada a deſobediencia ſacrilega de Adaõ. Grandes foraõ as acções, com que mereceu a fama hum Alexandre de Macedonia, porque como hum rayo, que à força de ruinas faz caminho por toda

da a parte, excedeu o numero dos annos com o numero dos triunfos, e poz o termo da sua felicidade aonde o põem o Mundo à dilatada circumferencia do seu corpo; mas sem que o pudessem salvar da morte tantas maravilhas de valor, pagou o tributo, que imaginava, que naõ havia de pagar como fantasticamente divino. Justamente alcançou a fama o Alexandre de Roma, o grande Pompeo, porque coroou as tres partes do Mundo com a magestade dos seus triunfos, e porque unio com as suas victorias dous extremos taõ distantes, como o Oriente, e o Occidente. Com victoriosas armas primeiro General, do que Soldado passou de Italia a Africa, de Africa a Sicilia, de Sicilia a Sardenha, e de Sardenha a Hespanha; e como se todos estes trabalhos militares naõ fossem bastantes para fazer hum Marte humano, depois de ter assombrado a Asia com repetidas victorias, depois de ter restituido a paz ao Mar, e triunfado do Oceano, depois de no espaço de trinta annos ter affugentados, mortos, ou cativos dous milhões, e oitenta e tres mil homens; depois de ter rendido, ou lançado a pique setecentas e quarenta e seis embarcações, e depois finalmente de ter tomado mil e quinhentas e trinta e sete Fortalezas, morreu nas areas barbaras do Nilo, faltando terra para a sepultura a quem faltou a terra para vencer. Reduſio Cesar a liberdade de Roma à grandeza de Monarchia, deixando aos successores o seu nome como titulo da sua gloria, e sendo hum homem, que pelo valor, que pela elegancia, e que pela clemencia merecia a immortalidade da vida, naõ bastou para o preservar da tyrannia da morte nem toda França conquistada, nem Hespanha vencida, nem Africa castigada, nem o Ponto triunfado, nem ter penetrado com a fortuna das suas armas aquelle Mundo separado do nosso Mundo a Ilha de Inglaterra. Para remedio deste dano entrou a ambiçaõ, e a lizonja dos homens a vencer o Imperio da morte com a arrogancia das suas idèas. Em beneficio da memoria dos mortos fizeraõ eloquentes os marmores, e se valeraõ da sua dureza para os conservar eternos da precipitada corrente dos annos. Acenderaõ as fornalhas para lhes darem vida nas estatutas com arterias de bronze, imaginando, que a constancia da materia pudesse ter maõ na imperceptivel força do tempo. Grande idèa para injuria da natureza, pois formando ella aos homens de barro, quiz a arte temerariamente presumida gerallos segunda vez com temperamento de metal, e que tendo a fragilidade dos humanos por decreto de huma a resoluçaõ em pó, pretendeu a outra fazellos herdeiros da eterni-

Plin. lib. 7. cap. 26.

eternidade com a valentia das imagens! Para impedirem as costumadas injustiças, com que o esquecimento desterra da memoria dos homens a fama daquelles Varões, que regàraõ com rios de sangue os troncos dos seus trofeos, gravàraõ nas sepulturas inscripções, e elogios, para que o domicilio da morte fosse o Oriente da sua gloria. Para o mesmo fim abriraõ as entranhas dos montes, de que tiràraõ pedras, que formadas em pyramides introduziraõ os nomes dos Varões claros na Regiaõ das Estrellas, ep ara q̃ o tempo naõ consumisse as memorias benemeritas da eternidade, as entalhàraõ nos Cedros para reverdecer a fama das suas emprezas. Assim discorreu a industria dos homens cuidadosa da conservaçaõ dos outros homens, mas nem ainda com todos estes artificios chegou a conseguir o que dezejava, porque os Cedros naõ podem resistir à continuaçaõ dos annos, e contra a firmeza das pedras, e dos bronzes se conjura a violencia dos rayos. Mas a todas estas desgraças, a que està sujeita a natureza, serà superior a memoria do Senhor Dom Nuno, porque se conservarà sempre no Sol, de que foy imagem, como dizem as palavras, que tomey do Ecclesiastes para Thema do seu Panegyrico Funeral. Nasce o Sol *oritur Sol*, e depois de haver discorrido pela Ecliptica, chega ao Occaso, *& occidit*, e volta para o mesmo lugar, que lhe deu o nascimento, *& ad locum suum revertitur.* Reparay na vida do Senhor Dom Nuno, e vereis, que nasceu em Evora cabeça da bellicosa Provincia do Alentejo, e Corte muitas vezes dos Senhores Reys de Portugal *oritur Sol*; vede como encheu esta Corte de admiraveis documentos da sua prudencia, da sua constancia, e de todas as mais virtudes, com que se fez hum Heroe, e vede como chegando o termo de todas as felicidades, que he a morte, fechou o circulo da sua vida, *& occidit*, e voltou para a mesma parte, em que começou a resplandecer, porque voltou cadaver para a mesma terra, em que nasceu homem; *& ad locum suum revertitur.* Esta he a semelhança do Senhor Dom Nuno com o Sol, porque nasceu como elle em huma parte, e morreu como elle em outra; mas vejamos agora para o assumpto as maravilhas, que faz o Sol no espaço da sua vida *gyrat per meridiem.* He o Sol taõ grande, que em toda a parte, e em todo o tempo o fazem grande as suas luzes; e he taõ grande o Sol, que sabe fazer grande ao mesmo Creador da sua grandeza. Fez a natureza taõ grande ao Sol de Portugal o Senhor Dom Nuno, que foy respeitada a sua grandeza em todo o tempo, e em toda a parte; esta serà a Primeira Parte.

 Foy

Foy taõ grande o Sol de Portugal o Senhor Dom Nuno, que soube fazer grande ao mesmo Deos; esta serà a Segunda Parte.

PRIMEIRA PARTE.

NAsceu taõ grande o Sol de Portugal o Senhor Dom Nuno, que foy respeitada a sua grandeza em todo o tempo, e em toda a parte: *Oritur Sol.* Naõ pòde haver mais alto nascimento que o do Sol, porque teve o berço na boca Divina *fiat lux*. Este mesmo beneficio se cõcedeu ao primeiro homẽ Adaõ, porq̃ foy organizado pela maõ de Deos: *Formavit Deus hominem*, para que desta fonte da vida natural se derivassem, e deduzissem todas as especies de grandeza, que vemos no Mundo. Nasceu o Senhor Dom Nuno descendente legitimo de huma Caza taõ grande, que bastava o seu sangue para satisfazer a ambiçaõ da mayor grandeza. Era setimo neto por baronia daquelle generozo libertador de Portugal o Senhor Rey Dom Joaõ o I. de gloriosa memoria, por ser quinto neto do Senhor Dom Fernando o I. segundo Duque de Bragança, pay do Senhor Dom Alvaro Tronco illustre da Caza do Cadaval. Como se fosse pouca esta soberana torrente de coroado sangue, contrahio o Senhor Dom Francisco de Mello segundo Marquez de Ferreira Bisavò do Senhor Dom Nuno o seu matrimonio com a Senhora Dona Eugenia de Bragança filha legitima daquelle rayo de Africa o Duque de Bragança Dom Jayme, de que lhe resultou tanta grandeza, e tanta magestade, que introduzindo-lhe nas veas todo o Real sangue do Senhor Dom Duarte Rey de Portugal pelo cazamento de sua mãy a Senhora Dona Isabel irmãa do felicissimo Rey Dom Manoel, netos ambos daquelle Principe, com seu pay o Senhor Dom Fernando II. terceiro Duque de Bragança, fez ao S. Dom Nunoprimo terceiro do glorioso restaurador desta afflicta Monarchia o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. e tio pela differença dos annos do Senhor Rey Dom Pedro II. de saudosa memoria, de cuja Augustissima, e valerosa mãy a Senhora Dona Luisa Francisca de Gusmaõ era sobrinho o Senhor Dom Nuno pelos parentescos reciprocos da Caza de Lerma, em que àlem do nobilissimo sangue lhe deu por Avò a Dom Francisco de Borja, em outro tempo Duque de Gandia, e depois de terceiro Geral da Companhia, Varaõ de taõ raras virtudes, que o Vigario de Christo o declarou Santo; de sorte, que attendendo ao sangue do Senhor Rey D. Joaõ o I. por tantas linhas re-

Gen. 1. 2.

Gen. 2. 8.

petido

petido, e reparando no que diſpoz o Ceo, ſe o Senhor Rey Dom Pedro II. continuàra na perniciofa reſoluçaõ de naõ paſſar a ſegundas bodas, o Senhor Dom Nuno era o herdeiro da Monarchia Portugueza, como unico deſcendente Portuguez do Duque Dom Jayme, que àlem da Baronia Real foy declarado ſucceſſor deſte Reyno com o tratamento de Infante por ElRey Dom Manoel ſeu tio, quando foy a ſer jurado em Toledo futuro Monarcha dos grandes Eſtados de Caſtella. Com toda eſta felicidade de ſoberano ſangue naſceu o Senhor Dom Nuno em quatro de Novembro de 1638. na Cidade de Evora, que gozando de todos os privilegios de antiquiſſima nobreza, ainda ſe illuſtrou mais com taõ alto naſcimento, porque naſcendo nella, começou a reſplandecer com a benignidade de hum Sol, que amanhecia ao Mundo para utilidade de toda a Portugueza Monarchia: *Antiquiſſimæ nobilitatis civitas eſt Patria. Hic primùm, hîc quaſi quoddam ſalutare humano generi ſidus exortus*, diſſe Mamertino levantando figura ao naſcimento deſte Heroe. Hia chegando aquelle feliz tempo, em que Portugal havia de reſpirar da oppreſſaõ de tantos annos, e em que os Principes naturaes ſe haviaõ de ver reſtituidos ao uzurpado throno de ſeus Avòs, e era juſto, que quem havia de ter a melhor parte no progreſſo deſta reſtauraçaõ, naſceſſe nas veſperas immediatas da ſua liberdade. Por eſta razaõ deu hum diſcreto Panegyriſta a primaſia de todos os dias àquelle dia, em que naſceu o Senhor Dom Nuno, porque o julgava pelo mais illuſtre, e pelo mais digno de ſer eternamente celebrado, pois nelle naſceu hum Sol, que prognoſticava a Portugal a ſuſpirada redempçaõ: *Hic mihi dies videtur illuſtrior, magiſque celebrandus, qui Te primus protulit in lucem.* Por iſſo prognoſticando Malachias a liberdade da geraçaõ humana pelo Naſcimento do Verbo, lhe deu o nome de Sol: *Orietur vobis Sol*; como quem dizia, que romper as cadeas de huma eſcravidaõ antigua havia de ſer effeito de hum Sol: *Orietur vobis Sol.*

Mamert. Grat act. de Conſulat. ſuo Julian. Imper.

Mamert Genethiac. Maximian.

Malach. 4. 2.

Chegou finalmente o dezejado dia primeiro de Dezembro de 640. em que a razaõ triunfou da injuſtiça, e em que o Senhor D. Joaõ o II. do nome, e Oitavo entre os Duques de Bragança paſſou a ſer o Quarto entre os Reys de Portugal, e naquella occaſiaõ veyo o Senhor Dom Franciſco de Mello Pay do Senhor Dom Nuno exercitando o officio de Eſtribeiro mòr. Muito pudera dizer de quanto ſerviraõ a eſta Monarchia, que entaõ começava ſegunda vez a naſcer, o Pay, e o Tio do Senhor Dom Nuno, o Senhor D.

Rodrigo de Mello, hum como Conselheiro de Estado, e Guerra, e o outro como Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens. Muito pudera dizer dos seus altos merecimentos, mas ainda que os pudera repetir, como os naõ posso dignamente ponderar: *Quanvis enim prima tunc in renascentem rempublicam Patris, ac Patrui Tui merita* [direy com Eumenio] *licèt æquare non possem, possem tamen censere numerando*; vede ao Senhor Dom Nuno criando-se no Palacio de Lisboa pelo cuidado de ambos os Soberanos com amor de parente, e respeito de Principe de todos os Vassallos Portuguezes. Que respeitado se via naquelle tempo o Throno de Portugal com taõ grande Vassallo, como o Senhor Dom Nuno! Esta, Senhores, he huma das grandes felicidades de hum Monarcha, ter por Vassallo a hum Principe, que naõ se distinguindo no sangue, só se distinguia na Magestade. Rey de Imperio deserto, naõ se lhe deve dar o nome de Rey, porque lhe falta o obzequio dos Vassallos: Rey de Vassallos indignos, naõ se lhe deve dar o nome de Rey, porque lhe falta a grandeza, e a razaõ he: porque quanto mais illustres forem os Vassallos, que lhe obedecem, tanto mais respeitado serà o seu dominio; e quanto mayores forem os que elle governa, tanto serà mais altamente venerado o seu throno, porque como disse o eloquente Cassiodoro, da grandeza de huns se infere, e argumenta a grandeza dos outros: *De magnitudine servorum crescit fama dominorum.* Ao Sol chamou o Ecclesiastico obra de hum Principe grande, sublime, elevado, e magestozo: *Opus Excelsi.* Sem duvida, que lhe deu o nome, que de justiça lhe devia dar, porque sabendo que o Sol era o Planeta Principe de todos os Astros: *Luminare maius*, e que nelle fórmàra Deos a magestade do seu throno: *In Sole posuit tabernaculum suum*, profundamente julgou, que quem era servido, e venerado por hum Vassallo taõ grande, e taõ illustre, necessariamente havia de ser grande, sublime, elevado, e magestozo: *Opus Excelsi.* Por esta razaõ falando David com Deos, lhe dizia, que fizera Principes aos seus Apostolos para serem venerados em todo o Mundo com esta soberana prerogativa: *Constitues eos Principes super omnem terram*, porque como falava com Deos na reprezentaçaõ de Principe: *Dico ego opera mea Regi*, para lhe engrandecer a magestade, exaggerava a grandeza dos seus Vassallos.

Eumen. Panegyr Cæsar. Augusto.

Ecclef. 43. 2.

Gen. 1. 16.

Psalm. 18. 6.

Psalm. 44. 17.

Era o Senhor Dom Nuno hum Vassallo, que fazia grande aos Reys pela alta qualidade da sua Pessoa, e pela veneravel ancianidade da sua Caza, pois os seus Avòs, e os dos Senhores Reys de Portu-

Portugal hoje reinantes eraõ communs, porque eraõ os mesmos: *Communem sortitur Avum*; e por essa causa duas vezes Condestavel do Reyno, huma no Juramento do Senhor Principe Dom Pedro, e outra no Juramento da Senhora Princeza Dona Isabel. Sim, mas aqui he que se admirava qual era a sua grandeza, porque se via quem elle era, sem que se diminuisse, ou abatesse a grandeza dos outros Grandes, como disse Plinio falando do seu Trajano: *Tu tamen maior omnibus quidem eras, sed sine ullius diminutione maior*, porque naõ seria verdadeiramente grande, se lhe faltasse a comparaçaõ para gloria do excesso. Porèm aquelle grande Rey o Senhor Dom Joaõ o IV. que desde a sua restituiçaõ ao throno criàra sempre no seu Palacio com amor de filho ao Senhor Dom Nuno, naõ satisfeito com os Titulos, que jà tinha de Conde de Tentugal, e de Marquez de Ferreira, lhe quiz dar outro, que declarasse dignamente a sua grandeza. Este foy o de Duque do Cadaval, porque como todos sabem, a dignidade de Duque he a primeira na jerarchia das Cortes; mas ainda por outra razaõ se devia dar este Titulo ao Senhor Dom Nuno, porque como era Sol de Portugal, sendo Principe, havia de ser Duque, porque este foy o nome, que o Pay da Eloquencia Romana deu ao Sol: *Sol dux, & Princeps*, como quem confessava, que havia de ser o primeiro na dignidade o que pela excellencia do sangue de tal modo fazia patente em toda a parte a sua grandeza, que aquelle novo Titulo naõ lhe deu algum genero de preeminencia, porque era tanto o esplendor da sua origem, que na consideraçaõ de Eumenio naõ se lhe accrescentou nada com aquella honra, nem podia attribuir a fortuna a generosidade sua, o que intrinsecamente era do Duque: *Tanta est nobilitas originis tuæ, ut nihil tibi addiderit honoris imperium, nec possit Fortuna Numini suo imputare quod tuum est.*

Claudian.

Plin. Panegyr. Trajan.

Cicer in Somn. Scipion.

Eumen. Panegyr. Constant. Constantii filio.

Entrava nos dezanove annos da sua idade quando o immortal Restaurador deste Reyno deixou o throno da terra pelo do Ceo na tarde de seis de Novembro de 1656. e como os Ministros da Corte Castelhana se persuadiaõ que com a morte do Senhor Rey Dom Joaõ o IV. podia caducar a estabilidade da Coroa Portugueza, entrou a Rainha Regente a Senhora Dona Luisa, Matrona verdadeiramente digna da sua fama, no pensamento de mostrar a Castella, que se achava com forças para a offender. Por ordem sua marchou o Exercito Portuguez a sitiar a Praça de Badajòs, e nelle foy servir voluntario o Senhor Dom Nuno, porque era ne-

ceſſario, que moſtraſſe na Campanha, que de ſeus Avòs herdàra a meſma grandeza do ſangue, que dos eſpiritos marciaes. Aos Generaes do exercito Joanne Mendes de Vaſconcellos, e Andrè de Albuquerque deſpachou a Rainha Regente hum correyo ſem mais fim, que de lhes dar hum Real teſtimunho da grandeza da Peſſoa do Senhor Dom Nuno, porque lhes dizia, que o Duque a hia ſervir naquelle exercito, e que o parenteſco, que tinha com ella, e a criaçaõ, que lhe fizera, e as grandes qualidades da ſua Caza, e Peſſoa a obrigavaõ a lembrar-lhes o reſpeito, que ſe lhe devia, de que lhes naõ fazia mayor individuaçaõ, porque fiava da ſua experiencia, que o ſoubeſſem. Appareceu ſobre Badajòs eſte Sol de Portugal para derrotar com a ſua prezença os inimigos da Coroa do ſeu Rey, como jà o havia feito o Sol na Campanha de Gabaon em beneficio de Joſuè: *Stetit Sol donec ulciſceretur ſe gens de inimicis ſuis.* Sobre o Forte de Saõ Miguel ſe atacou huma batalha taõ ferozmente peleijada, que cada huma das Nações Portugueza, e Caſtelhana deu do ſeu valor as ultimas provas. Venceraõ os Portuguezes, mas ninguem ſe acclamou victoriozo com mayor perigo, do que o Duque, porque depois de ter ſatisfeito às obrigações altiſſimas do ſangue, e da Peſſoa, e à expectaçaõ de todo aquelle exercito, recebidas jà duas feridas, lhe deſpedaçou huma bala o hombro eſquerdo com tanto eſtrago, que por ſeſſenta e outo annos lhe duràraõ os effeitos. Agora ſim que vendo-ſe aquelle campo fecundo com taõ alto ſangue, podia produſir Palmas, e Cedros; Palmas para coroa das victorias do Duque, e Cedros para nelles ſe immortalizar a valeroſa fama de ſeu nome; porque ſe Plinio diſſe, que ſe alegrava a terra, ſentindo-ſe cultivada por hum arado victoriozo, e hum Lavrador triunfal: *Gaudente terrâ vomere laureato, & triumphali aratore*; quanto excedia na grandeza o ſangue do Duque ao ſangue daquelles illuſtres Romanos, que depois de terem honrado a Patria com os ſeus triunfos, ennobreciaõ a terra com o ſeu trabalho! Mas devendo eu louvar as acções, que neſta batalha obrou o Duque, me vejo obrigado a queixarme com o Panegyriſta de Conſtantino. Se tudo tinha viſto, ſe tudo tinha diſpoſto, ſe tinha ſatisfeito às obrigações de hum grande General, para que era neceſſario que elle pelejaſſe? Para que era arriſcar em tantos perigos hum homem, que era a ſalvaçaõ da Republica: *Laudare me exiſtimas cuncta, quæ in prælio feceris? Ego verò iterum queror: proſpexeras omnia; diſpoſueras univerſa; ſummi Imperatoris officia compleveras, cur ipſe pugnaſti? Cur Te denſiſſimis*

Menezes Portug. Reſtaurad. Part. 2. Liv. 2. pag. 90.

Joſ. 10. 13.

Plin. Nat. Hiſt. lib. 18. cap. 3.

Panegyr. Conſtantin. Auguſt. Conſtantii filio.

ſimis hoſtium globis miſcuiſti? Cur ſalutem Reipublicæ in pericula tanta miſiſti?

Naõ era juſto, que ſe arriſcaſſe tanto o Duque, quando na ſua Peſſoa conſiſtia a ſaude de toda a Monarchia, que eſtava pendente da ſua vida. Aſſim o conſiderou aquella Auguſtiſſima Heroina Regente, nomeando o Conſelheiro de Eſta do, e Miniſtro do deſpacho da Junta nocturna, em que ſe examinavaõ os intereſſes mais importantes de Portugal. Ainda naõ contava vinte e hum annos de idade, e jà ſe achava naquellas occupações, a que coſtumaõ ſubir os annos, e os muitos annos. Que he iſto? Pergunta Pacato juſtamente admirado. Eu vejo que foy neſta materia taõ eſcrupulozo o cuidado dos noſſos antigos, que naõ ſó para darem os mayores Magiſtrados, mas ainda para os menores, ſe reparava com grande attençaõ na idade dos pretendentes, e naõ houve algum, ou taõ illuſtre, ou taõ valido, ou taõ rico, que com as honras anticipadas ao tempo atropelaſſe o que diſpuſeraõ as leys: *Cujus quidem rei tanta fuit cura maioribus, ut non ſolùm in ampliſſimus Magiſtratibus adipiſcendis, ſed in Præturis quoque, aut Ædilitatibus capeſſendis ætas ſpectata ſit petitorum, nec quiſquam tantùm valuerit nobilitate, vel grâtia, vel pecuniâ, qui annos comitiali lege præſcriptos feſtinatis honoribus occuparit.* Mas com licença de Pacato naõ tem lugar a ſua admiraçaõ nas occupações do Duque tanto antes do tempo, porque tudo ſuppria a ſua grandeza, que como Sol de Portugal à imitaçaõ do ſeu exemplar logo em naſcendo dà a ver a todos a ſua mageſtade como Principe das luzes: *Sicut Sol in ortu ſuo ſplendet.* Aqui ſe começàraõ a venerar as prudentiſſimas reſoluções dos ſeus conſelhos, que bem pareciaõ dirigidas pelas dilatadas idèas da ſua comprehenſaõ. Era hum Miniſtro igual para todos, porque tambem o Sol, que naſce para todos: *Qui Solem ſuum oriri facit ſuper bonos, & malos*, reprezenta hum Miniſtro vigilante na lingua Santa, e na Caldaica *Miniſter*. Em todo o largo tempo da ſua vida conſervou ſempre em grào heroico aquellas virtudes, que ſaõ proprias do miniſterio. Perpetuamente gyra o Ceo, perpetuamente ſe movem as aguas, perpetuamente corre o Sol; e o Duque perpetuamente ſe occupava no ſerviço da Republica. Digaõ-no aquellas continuas audiencias, que dava. Digaõ-no aquelles ouvidos pacientiſſimos em ouvir. Diga-o a benignidade das ſuas reſpoſtas, e diga-o finalmente o ſeu roſto, em que ſe via a gravidade de huma preſença auguſta unida com a alegria. Mas quem pode-

Pacat. Panegyr. Theodoſ.

Jud. 5. 31.

Matth. 5. 45.

Vid. Alapid.

poderà, ouço que me diz Nazario; explicar com as palavras hum todo igualmente digno de respeito, e deamor: *Quid? faciles aditus, quid? patientissimas aures, quid? benigna responsa, quid? vultum ipsum augusti decoris gravitate hilaritate permista venerandum quiddam, & amabile renidentem quis dignè exequi possit?* Que direy daquella grande virtude da affabilidade, que como observou Pacato, he taõ illustre, como rara na pessoa de hum General: *Humanitas, quæ tam clara in imperatore, quàm rara est*, e que taõ praticada se vio no Senhor Dom Nuno. He rara esta virtude nas pessoas, a que fizeraõ felices as dignidades, por ser a soberba imprudentissima companheira da fortuna, porque raramente succedeu ver o Mundo hum venturozo, que o naõ visse soberbo, e elevado. Tanto se abominou este vicio nos Grandes, que os povos avaliàraõ por mais intoleravel o desprezo, do que a escravidaõ, e pello naõ poderem soffrer, se viraõ obrigados os Romanos, depois dos bellicosos Servios, dos pacificos Numas, e dos Romulos fundadores da Cidade dominante a detestarem atè o nome de Reyno; e sendo Tarquinio hum homem escravo dos seus appetites, cego de avareza, feroz pela crueldade, e louco pelo furor, lhe chamàraõ Soberbo, entendendo que esta só injuria era a que bastava para o fazer em todo o tempo aborrecido, e abominavel: *Vocaverunt Superbum, & putaverunt sufficere convitium.* Porèm, se este vicio se abominou em alguns com escandalo, porque esquecidos de quem eraõ, se elevàraõ como monstros da fortuna, na sua affabilidade mostrava o Duque qual era a grandeza da sua Pessoa, porque os Principes devem ser affaveis, e naõ soberbos, que por isso Christo, que he o Sol da Igreja, veyo ao Mundo com affabilidade de Cordeiro: *Emitte Agnum, Dòmine, dominatorem terræ.*

Nazar. Panegyr. Constantin.

Pacat. Panegyr. Theodos.

Pacat. ibid.

Isai. 16. 1.

Que direy daquella virtude taõ encarecida, e taõ pouco achada, o desinteresse, e a izençaõ? Só de taõ grande Ministro, taõ izento, e taõ desinteressado se pòde descobrir o exemplar em hum Ministro taõ illustre, como foy Samuel. Achava-se jà velho: *Ego autem senui*, e falando a todo o povo, com que desde moço vivera atè aquelle tempo, *Conversatus coram vobis ab adolescentia mea usque ad hanc diem*, lhes pedia, que com toda a liberdade dissecem se recebera algum genero de dadiva da maõ de alguem: *Si de manu cujusquam munus accepi.* Mas ah Senhor! Que tanto a vòs, como a Samuel responde o povo, que nunca as vossas mãos se contaminàraõ com dadivas, porque fostes ambos os milagres animados do desinteresse, e da isençaõ: *Et dixerunt... Neque tulisti de manu*

1. Reg. 12. 2.

manu alicujus quidpiam. Mas que digo eu das virtudes desta idèa de hum perfeito Ministro? Como louvo o seu disenteresse, senaõ conheci coraçaõ mais escravo do interesse, que o do Duque? E qual era este interesse? Era o que só podia render hum coraçaõ taõ grande, como o seu. Era o amor do povo, porque ser seu Pay foy o seu mayor, e mais antigo interesse, como do seu Trajano disse Plinio: *Nihil tibi amore civium antiquius.* A todos favorecia, porque de todos era o Pay, e por esta causa mereceu de justiça o amorozo nome de Pay da Patria. E se naõ reparay no que vimos hà poucos annos. Adoeceu o Duque de huma enfermidade, que em breves dias deu funestos indicios de mortal. Começàraõ tantos filhos, quantos eraõ os moradores de Lisboa, a sentir a morte de hum Pay commum; e tanto penetrou esta dor os corações de todos, que o Juiz, e o Escrivaõ do Povo o vieraõ visitar em nome da Cidade. Recebeu-os o Duque com aquellas demonstrações, que merecia taõ grande, e naõ visto amor. Por entre hum diluvio de lagrymas lhe reprezentàraõ o excessivo sentimento, com que estavaõ do seu perigo, que pela sua saude se tinhaõ mandado fazer fervorosas orações, e que da sua efficacia esperavaõ, que Deos lhe dilatasse a vida para beneficio geral de todo o povo, de que era amado como Pay. Estas lagrymas sim, que saõ mais irrefragaveis argumentos do amor dos homens, do que as Estatuas de prata, ou de ouro, porque humas saõ forjadas muitas vezes nas officinas da lizonja, e as outras saõ nascidas da synceridade dos corações, que com pura elegancia declaraõ fielmente os pensamentos das Almas. Semelhante prodigio de amor se vio naquelle dia onze de Setembro de 1725. em q lhe deu o accidente de ar, porque senaõ via mais, que hum concurso perpetuo, a saber o como se achava; de sorte que quando voltou das Caldas, reparou Eumenio, vieraõ pessoas de todas as idades a ver de algum modo restituido o que para beneficio seu dezejavaõ vivo: *Omnium ætatum homines convolaverunt, ut viderent quem superstitem sibi libenter optabant.* Em todos os lugares finalmente, que authorizou com a grandeza da sua Pessoa, como foraõ a Junta dos Tres Estados, a Presidencia do Ultramar, a do Tabaco, e a do Paço, deu taõ portentozos exemplos de bondade, e de valor, que a posteridade os dezejarà imitar, e se a ordem natural o permittisse, a mesma antiguidade os quereria ver praticados no seu tempo, digo com a verdade de Ausonio: *Abundant in Te ea bonitatis, & virtutis exempla, quæ sequi cupiat ventura posteritas, & si rerum natura*

Plin. Panegyr Trajan.

Eumen. Panegyr. Flaviensium nomine Constantin.

Auson. Gratiar. act. ad Gratian.

ra pateretur, adſcribi ſibi voluiſſet antiquitas.

Com eſtas heroicas virtudes de hum grande Miniſtro começadas logo a praticar na primeira idade, venerou Portugal a grandeza do Duque; mas como muitas vezes ſe oppõem nuvens, que nos impedem os rayos do Sol, experimentou o Duque o que naõ merecia nem pela Peſſoa, nem pelos ſerviços. Por ordem da Corte appareceu em Almeida, e ſuppoſto, que ſe havia mandado aos Generaes, que o naõ deixaſſem ſair à Campanha, com tudo interpretando o Duque as ordens a favor do brio, achou-ſe na Conquiſta de Serralvo, e na de Freixeneda, em que governou o lado direito do Exercito Portuguez. Neſta occaſiaõ fez acções dignas de immortal memoria pela piedade, de que fez uſar com a Igreja, e com os rendidos. Perdiaõ muitos a honra da morte, porque naõ ſabiaõ quem era o que os matava, mas era taõ grande o ſeu valor, que elle era o que o dava a conhecer. Em toda a parte ſe via, porque deſpreſava o temerozo clamor dos Soldados, os laſtimozos gemidos dos moribundos, as armas, que com os golpes ſoavaõ, e a confuſaõ medonha, que deſtes eſtrondos ſe formava, porque tudo iſto ou o deſpreſa o valor, ou o naõ ſente a ira: *Mortis decus perdunt, quos ignoratus affligis*, diz Nazario, *niſi, quòd Te ipſa vis tua cogit agnoſci. Nihil enim Te permovent tubarum fractæ voces, horrendus militum clamor, cadentium graves gemitus, arma latè ſtrepentia, & in unum quemdam ſonitum diverſi fragoris acta confuſio, quòd hæc omnia aut virtus negligit, aut ira non ſentit.* Coroado o Duque com taõ illuſtres victorias ſe reſtituhio à Corte, porque entaõ he, que ſe havia de acabar de conhecer a ſua grandeza. Eſtava taõ perturbada a ordem politica do Reyno, que o remedio parecia taõ violento, como a cauſa, que o pedia. Todos dezejavaõ acodir às deſordens, que cada dia ſe temiaõ mayores, atè que recorrendo a vacillante republica à Peſſoa do Duque, achou na ſua grandeza a medicina, que dezejava: *Confugit in ſignum tuum confuſa Reſpublica*, diſſe Plinio aſſombrado, e agradecido; aſſombrado da acçaõ, agradecido à liberdade. Com o novo Regente ſe aplacou a tormenta da Republica, naõ ſó a politica, ſenaõ tambem a militar, porque o Duque como activo Sol desfez os nublados, e deu a todo o Reyno a paz dezejada com Caſtella, de que foy Plenipotenciario illuſtre.

Nazar Panegyr. Conſtantin.

Plin. Panegyr. Trajan.

Era o Duque Sol de Portugal, e era preciſo, que foſſe illuſtrar outro Hemisferio com a grandeza dos ſeus rayos. Havia de paſſar para eſte Reyno o Duque de Saboya deſtinado Eſpozo da Senhora

Prince-

Princeza Dona Isabel filha unica do Senhor Principe Dom Pedro, e para a mayor occasiaõ he cerro, que se havia de procurar o mayor homem de Portugal. Foy o Duque declarado por Embaxador, e Conductor de Sua Alteza Real, o que jà prognosticava o dia do seu nascimento consagrado a Mercurio Embaxador dos Deoses; e para este fim se preparou huma Armada digna de quem a mandava, e naõ menos digna da soberana Pessoa, que havia de conduzir. E quem pòde descrever a pompa, com que navegou aquella Armada, pergunta hum discreto Panegyrista de Juliano: *Quæ navigationis illius fuit pompa?* He certo, que ninguem, porque me lembra, que disse Eumenio, que teve taõ favoravel tempo, que admirado o mesmo mar da grande Pessoa, que sobre si levava, parece que cheyo ou de temor, ou de respeito naõ fez os costumados effeitos da sua inconstancia: *Ita quieto mari navigavit, ut Oceanus ille tanto vectore stupefactus caruisse suis motibus videretur.* Quando passou por Pinherol fazendo a jornada para Turim, em obzequio do Duque deu a ver aquelle milagre dos Principes Luiz verdadeiramente o Grande o como sabia conhecer a grandeza de tal Conductor. Ordenou ao Marquez de Erville Governador daquella Praça, que disse ao Duque tratamento de Alteza, e que lhe fizesse as mesmas honras, que era obrigado a fazer à sua Real Pessoa, se estivera prezente. Veyo esperar o Duque o Marquez Governador com tres mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, fez-lhe todas as honras, que inventou a vaidade da guerra para differença das Pessoas, entregou-lhe as chaves da Praça, e da Cidadella, e agradecendo-lhe o Senhor Dom Nuno toda aquella attençaõ, e recusando aceitalla, lhe respondeu o Governador, que tinha ordem do seu Soberano para assim o fazer, e que naõ permitisse Sua Alteza, que se avaliasse no Palacio de França a sua desobediencia por menos fiel na falta da execuçaõ das suas Reaes ordens. Cedeu o Duque mais attento aos interesses do Governador, do que aos seus obzequios, como quem sabia, que os accidentes naõ fazem a substancia essencialmente mayor. Deu o Santo, e saindo de Pinherol com as mesmas honras, com que entràra, chegou a Turim, para cujas politicas dissimulações lhe foy necessaria humas vezes a arte, outra a prudencia. Mas como contra o que Deos dispõem naõ valem os artificios humanos, voltou o Duque para Lisboa, deixando em toda a parte generozos argumentos de quem era.

Mamertin. de Consulat. suo Julian. Imperat.

Eumen. Panegyr. Constantin. August. Constantii filio.

Continuou nos costumados exercicios do Ministerio, porque como

como Sol naõ devia parar com ſeus effeitos. Vede-o Mordomo Mòr de tres Rainhas deſte Reyno, lugar, que à elle como Sol lhe competia, pois aſſim como aquelle Planeta preſide às Eſtrellas do Ceo, ſó a eſte Principe lhe devia pertencer a preſidencia das Eſtrellas da Corte diſſe Cicero: *Sol Dux, & Princeps, & moderator luminum reliquorum.* Vede-o General da Cavallaria da Corte; vede o Meſtre de Campo General junto à Peſſoa com taõ dilatado governo, como o do meſmo Soberano, que reprezentava. Vede-o Preſidente do Paço, e ao meſmo tempo Governador das Armas da Provincia da Eſtremadura; mas vede agora huma das grandes acções, que ſe pòdem ouvir. Reſolveu a Mageſtade ſempre ſaudoſa do Senhor Dom Pedro II. entrar na grande linha de Alemanha, Inglaterra, e Hollanda contra França, e Caſtella. Determinou-ſe que foſſe a Beira o theatro da guerra, e diſpoſtas as preparações para taõ ardua empreza, marchou o exercito para o rio Agueda, que havia de ſer o principio da determinada conquiſta. Eſta foy a maravilha de ver ao Duq no meſmo dia pacifico, e militar; deixou a toga do miniſterio politico para veſtir as armas; largou a inſignia da Preſidencia para empunhar a eſpada; ſahio do Tribunal para a campanha, e da cadeira de Preſidente montou a cavallo. Parece que o eſtava vendo Mamertino quando diſſe: *Vidimus Te eodem die, & in clariſſimo pacis habitu, & in pulcherrimo virtutis ornatu. Togam prætextam ſumpto thorace mutaſti, haſtam poſito ſcipione rapuiſti, à tribunali veniſti in campum, à curuli in equum tranſtuliſti.* Partio para a campanha acompanhado de ſeus filhos o Duque Dom Jayme, e o Senhor Dom Rodrigo, e naõ permittindo a Real providencia daquelle grande Monarcha, que ſe expuzeſſe a vida de ſeu genro às fatalidades da guerra, lhe mandou, que de Santarem voltaſſe para Lisboa, attendendo à ſucceſſaõ da ſua grande Caza. Continuou-ſe a jornada ſem o effeito, que ſe eſperava, mas naõ ſem perigo da Peſſoa do Duque, porque a terra, que as balas inimigas levantavaõ, o chegou a offender ſem que o ſoubeſſe nem o valor, nem a conſtancia do ſeu animo. Quem naõ ſabe o raro valor, de que foy dotado o Duque? Quem naõ ſabe, que baſtou a ſua companhia para defender, e ſegurar a vida de hum Miniſtro poderoſamente ameaçada? Quem naõ ſabe a conſtancia, com que eſperou a morte na occaſiaõ, em que lhe ſobreveyo aquelle perigozo accidente? Foy tanta, que afflicta a natureza com a violencia do achaque moſtravaõ as palavras hum valor, e huma authoridade ſoberana, ſem que ſe enfraqueceſſe a ſua conſtan-

Cicer in Somn Scipion.

Mamert. Panegyr. Maximian.

constancia com o susto da morte, observou Santo Ambrosio: *In quo plenum virtutis, & authoritatis Regalis esset alloquium, nec inflexa aliquo mortis terrore constantia.* Quem naõ sabe, que visitando-o naquella occasiaõ sua Magestade, que Deos guarde, com seu irmaõ o Serenissimo Senhor Infante Dom Antonio, disse este admirado de taõ rara constancia: *Notavel valor! Singular constancia! O Duque foy homem na vida, e morre com o mesmo valor.* Quem naõ sabe a constancia, com que sentio sem testemunhas da sua dor a morte de tantos filhos, e de tantas filhas? Mas assim devia de ser, porque tambem naõ sabemos, que chorasse Adaõ a morte de seu filho Abel. Era o Duque o primeiro homem de Portugal, e naõ se devia perturbar a sua constancia com os accidentes da fortuna.

Ambros. de Obit. Valentinian.

Taõ constante foy o Duque, que em todo o tempo foy o mesmo sem differença. Nunca mostrou alvoroço nos succesos prosperos, nem tristeza nos adversos, de sorte, que podemos dizer, que se vio obrigada a felicidade ao naõ desamparar em tempo algum com a torrente dos seus beneficios. Foy taõ feliz, que o vimos igualmente grande na paz, e na guerra, porque nunca deu passo, em que como sombra o naõ acompanhasse a gloria: *Domi, militiæque juxta bonus nusquam gradum extulisti, quin ubique te gloria quasi umbra comitata sit*, escreveu Nazario. Alguns houve, (diz Plinio o moço) que foraõ eminentes na guerra, mas descuidaraõ-se feamente na paz: *Emicuit aliquis in bello, sed obsolevit in pace*; huns fizeraõ-se grandes pelos governos politicos, mas naõ se illustràraõ com as armas: *Alium toga, sed non arma honestarunt.* Huns alcançàraõ o respeito com o terror, e outros mereceraõ o amor com a civilidade: *Reverentiam ille terrore, alius amorem humilitate captavit.* Hũs perderaõ na guerra a gloria, que adquiriraõ na paz, e outros perderaõ na paz a gloria, que adquiriraõ na guerra: *Ille quæsitam domi gloriam in publico, hic in publico domi partam perdidit*; porque ninguem houve, que tivesse virtudes taõ heroicas, que naõ fossem inficionadas com alguma sombra de vicio: *Postremò adhuc nemo extitit, cujus virtutes nullo vitiorum confinio læderentur.* Mas vede qual he a concordia, e qual he a harmonia de todos os louvores, e de toda a gloria na Pessoa do nosso Duque: *At Principi nostro quanta concordia, quantusque consensus omnium laudum, omnisque gloriæ contigit.* Foy taõ feliz, que como a Caleb se lhe conservou o vigor atè a ultima velhicè *usque in senectutem permansit illi virtus*, porque a robustez, a grandeza da estatu-

Nazar. Panegyr. Constantin.

Plin. Panegyr. Trajan.

Plin. Panegyr. Trajan.

ra, a proporçaõ do rosto, a madureza sempre firme da idade, e o cabello dilatado, a que por favor do Ceo para augmento do respeito adornavaõ as caãs, como authorizadas insignias da velhice, tudo eraõ circunstancias, que largamente concorriaõ para se ver, que o Duque era taõ grande, que parecia Principe. Retratou-o Plinio nestas elegantes palavras: *Jam firmitas, jam proceritas corporis, jam dignitas oris, ad hoc ætatis indeflexa maturitas; nec sine quodam munere Deûm festinatis senectutis insignibus ad augendam maiestatem ornata cæsaries, non ne longè, latèque Principem ostentant?* Foy taõ feliz, que atè o ultimo dia se lhe conservou a memoria taõ prompta, que tendo a excellente Hortensio, Lucullo, e Cesar, eraõ esquecidos cõparados cõ o Duq, porq ẽ todo o lugar, e em todo o tempo se lembrava como queria: *At ego miror etiam memoriam*, diz suspenso Pacato, *nam cui Hortensio, Lucullo ve, vel Cæsari tam parata fuit unquam recordatio, quàm tibi sacra mens tua loco, momentoque, quò jusseris, reddit omne depositum.* Porèm se o Senhor Dom Nuno como imagem do Sol soube mostrar em toda a parte a sua grandeza, jà he tempo, que vejamos o como fez grande a Deos no piedozo espaço da sua vida. *Oritur Sol, gyrat per meridiem.*

Plin. Panegyr. Trajan.

Pacat. Panegyr. Theodos.

SEGUNDA PARTE.

SEndo admiravel a grandeza, com que o Duque como Sol de Portugal resplandeceu em todo o tempo, e em toda a parte, ainda he mais admiravel a grandeza, com que soube fazer grande ao mesmo Deos. Este sim, que he hum privilegio taõ alto, que só o pode ter o Duque como imagem do Sol. Do Sol diz o Ecclesiastico, que de tal sorte he grande, que por elle se conhece a grandeza Divina: *Magnus Dominus, qui fecit illum.* E como he possivel, que haja creatura, que faça grande a Deos? Pelo que essa creatura reprezenta. Faz o Sol grande a Deos, porque he o exemplar do Duque no dezempenho do que elle significa. Significa o Sol aos justos: *Justi fulgebunt sicut Sol*, e quem naõ sabe, que a vida dos Justos he a Fè: *Justus ex fide vivit?* Podemos dizer, que a Fè era a Alma do Duque pela veneraçaõ, que tinha ao seu mayor Mysterio, e pelo zelo, com que a defendia nos seus Ministros. Testemunha desta verdade he o sagrado Tribunal do Santo Officio, de cuja incorrupta inteireza foy acerrimo defensor, e protector. Testemunha desta verdade he, e serà eternamente esta

Eccles 43.5.

Matth. 13. 43.
Rom. 1. 17.

Paro-

Parochia de Santa Justa, em que naõ só foy Juiz da Irmandade do Senhor por muitos annos com larga despeza da sua fazenda, mas ainda passou a mais em obzequio do mesmo Deos Sacramentado: porque sabendo, que alguns Irmãos se dedignavaõ de levar a campainha, quando aquella sagrada Medicina se hia administrar aos enfermos, elle mesmo a veyo tomar, para que aos golpes daquelle metal soasse por toda a parte a grandeza da sua Fé, e vissem os mais, que naõ era desprezo, mas que era gloria servir a Deos occulto no soberano Mysterio do seu amor. Testemunha desta verdade he a grande devoçaõ, com que venerava a purissima Advogada dos peccadores, especialmente com o titulo da Piedade na sua quinta de Cintra, pois ainda que jà entrado na ultima velhice, nunca esta lhe servio de impedimento, para que todos os annos a naõ fosse celebrar com Missa cantada, porque a Senhora da Piedade lhe aliviava o trabalho: *Nulla sensit impedimenta fessæ sunectutis cùm pergeret, Pietas enim levabat laborem* disse Santo Ambrosio profeticamente do Duque. Testemunha desta verdade foy o grande alvoroço, que teve quando se lhe mandou de Peniche huma cabeça da Senhora digna de toda a estimaçaõ pela excellencia da obra, que veyo a terra segura do naufragio. Reparou no successo, e considerando, que a naõ offenderaõ as ondas, ordenou que se acabasse a Imagem com o titulo da Purissima Conceiçaõ, porque nella se salvou do naufragio indispensavel a todos os filhos de Adaõ, e a collocou na sua Capella de Pedrouços com huma taõ estrondosa solemnidade, que na tarde daquelle dia a foraõ coroar com a sua Real assistencia as Magestades Reynantes. Testemunha desta verdade foy aquella excessiva piedade, com que se compadecia perpetuamente das Almas do Purgatorio com grande numero de Missas, que pela sua liberdade mandava celebrar. Sem duvida, que a dilatada vida do Duque teve o fundamento na grandeza da sua Fè, como escreveu o grande Arcebispo de Milaõ: *Fides auget ætatem.*

D. Amb. de Jacob. lib. 2. cap. 8.

Ambros. de Obit. Theodos.

Da Fè nascem as mais virtudes, assim como todas as luzes procedem do Sol. Que direy da profunda humildade, com que tres vezes foy Ministro da Veneravel Ordem Terceira do Patriarcha dos Pobres, satisfazendo com alegria, e com admiraçaõ aos abatidos exercicios, que nella se praticaõ? Direy vendo a grandeza do Duque cuberto com as cinzas Seraficas, que tambem o Sol se vio envolto em hum sacco penitente: *Sol factus est tanquam saccus cilicinus.* Que direy da sua ardente Caridade para com os pobres?

Apoc. 6. 12.

Que direy da portentosa continuaçaõ das suas esmolas? Mas quem pòde reduzir a numero os rayos do Sol? Só direy, que eraõ as suas mãos huma torrente de misericordia em serviço dos pobres. Falem todas as Cazas Religiosas desta Corte; falem todos os Conventos dos Filhos Observantes, e Reformados de Francisco, especialmente os asperrimos Oratorios da Provincia da Arrabida. Falem as Viuvas, falem os Orfãos, falem as enfermas do Hospital de Saõ Francisco, para cuja despeza o fez Enfermeiro mòr perpetuo o seu amor, e a sua caridade. Falem os seus celleiros, de que só em hum anno sahiraõ outenta moyos de trigo em esmolas a pobres. Donde vinhaõ todos estes thesouros? A mayor questaõ, que se pòde tratar, diz Mamertino, he saber de quem recebia o Duque o que taõ prodigamente dispendia: *Ut in maxima quæstione sit à quo accipas qui sic omnibus largiaris?* Mas elle mesmo satisfaz à sua admiraçaõ, porque quem quizer penetrar este segredo, considere a vida do Duque, e logo descobrirà a fonte desta caridade, porque a sua moderaçaõ, e a sua parcimonia comsigo o faziaõ abundante com os pobres: *Maximum præbet tibi parcimonia vectigal.* Esta moderaçaõ do Duque com a sua Pessoa entendeu Santo Ambrosio, que era taõ alta, e taõ heroica, que igualou no seu juizo a gloria dos mayores triunfos: *Moderatio magnorum æquavit insignia triumphorum*, porque naõ pòde haver mais difficil victoria, que naõ despender comsigo em gastos superfluos para despender com os pobres em usos necessarios.

Mamertin. de Consular. suo Julian.

Ambros. de Obit. Valentinian.

Mas vede agora o como disfarçava o Duque esta profusaõ piedosa. Muitos daõ esmolas por vaidade, outros daõ esmolas, que saõ furtos, porque roubaõ aos acredores o que lhes devem, para darem aos pobres. Porèm o Duque dava as esmolas de sorte, que parece que as dava por necessidade, e por obrigaçaõ: porque dizia que naõ podia negar a hum pobre a esmola, que lhe pedia, com a resposta commua de que naõ tinha, porque deste modo entrava na pretensaõ de enganar a Deos, que bem sabia, que lhe dera com que remediasse a fome alhea. Oh palavras de hum coraçaõ taõ compassivo, e taõ generozo, que dava o mesmo, que recebia! Recebia de Deos a fazenda, e dando-a aos pobres, a restituhia a Christo, porque o que a nòs nos parece, que recebe o pobre com a sua maõ, com maõ invisivel o aceita Christo para a multiplicaçaõ, e para o agradecimento de quem o soccorre na miseria dos seus pobres. Vio-se esta abundancia na continuada fertilidades dos frutos, para que senaõ suspendesse o remedio dos pobres, e vio-

vio-se o agradecimento no amorozo aviso, que lhe mandou pelo accidente do ar, que foy o eclipse deste Sol. Em quando duràraõ as mais volentas impressões da enfermidade vio toda esta Cidade effeitos admiraveis da piedade do Duque, e preparando-se desde aquelle tempo para a morte com mayor cuidado, do que antes, porque hum dia de mais era hum novo passo para a sepultura, podemos dizer, que tambem como o Sol conheceu a sua morte: *Sol cognovit occasum suum.* Eu naõ digo, que este conhecimento foy sobrenatural, mas digo, que pareceu muito mais, que natural. E se naõ vede. Dous dias antes da sua morte tendo falado com sua Magestade, que Deos guarde, a o despedir-se lhe beijou enternecidamente a maõ, dizendo-lhe estas notaveis palavras: *Senhor, fique-se Vossa Magestade embora, tenha muita saude, viva, e reyne em paz.* Na mesma noite, em que este Sol se poz no seu Occaso, se despedio dos seus domesticos com palavras, que bem diziaõ, que teve conhecimento moral da sua morte. Finalmente havendo mais de hum anno, que quasi todos os dias purificava a consciencia pela confissaõ, jà depois da meya noite sentio, que descubertamente o acometia a morte. Esperou a com o costumado valor dizendo: *Està isto acabado*, e conformando-se christaãmente resoluto com a vontade Divina, levantando às mãos proferio aquellas palavras, com que Christo entregou a Alma nas mãos de seu Eterno Pay, para que nellas, como diz Saõ Cyrillo, tivessemos todos os Fieis huma viva esperança de reynarmos com elle depois da morte: *In manus tuas commendo Spiritum meum, certam hujus rei spem habeamus, firmiter credentes in manibus Dei nos post mortem futuros.* Entre os braços do que mais estimavà para o Mundo, que era seu filho, e entre os braços do que mais estimava para o Ceo, que era o seu Confessor, se poz no Occaso o Sol de Portugal, *& occidit*, mas de sorte, que apartando-se a Alma do corpo, diz Santo Ambrosio, que lhe pareceu mysterio o ser de noite, para que dissipadas as suas trevas naturaes as convertesse nas luzes de hum Sol, que buscava a Deos: *Videre igitur videor te tanquam de corpore recedentem, & repulsa noctis caligine surgentem diluculo, & sicut Solem appropinquantem Deo.* Se o dia vinte e nove de Janeiro era nefasto, para os Romanos, com quanto mais razaõ o serà eternamente para Portugal, pois nelle se poz no Occaso o seu Sol, *& occidit?*

Psalm. 103. 29.

Cyril. lib. 11. in Joann. cap. 36.

Ambros. de Obitu. Valentian.

Assim o promette o profundo sentimento, que se vio em Lisboa pela morte do bom Duque. Todos em publico, e em parti-

cular o choràraõ com publicas, e particulares lagrymas, porque todos choravaõ a morte de hum Pay commum: *Parentem publicum obiisse domestico fletu doloris omnes illacrymant, suaque omnes funera dolent*, diz magoado o Arcebispo Minalez. Foy taõ geral o sentimento, que causou a morte do Duque, que o declarou o mesmo bronze, tocando-se repetidas vezes todos os sinos das Communidades Religiosas para introduzirem lastimosamente pelos ouvidos a pena dos corações. Atè a mesma Estaçaõ nos estava prognosticando esta grande fatalidade; isto nos ameaçavaõ as continuas aguas, e a cerraçaõ do tempo mais tenebrosa do costumado nos estava dizendo, que se havia de apartar deste Mundo o nosso piissimo General. Os mesmos Elementos se entristeciaõ com a sua morte, porque o Ceo estava envolto em trevas, o ar cuberto de nuvens, e chea a terra de inundações de agua: *Hoc nobis juges pluviæ minabantur, & ultra solitum caligo tenebrosior denuntiabat, quòd clementissimus Imperator recessurus esset é terris. Ipsa ejus excessum Elementa mœrebant. Cælum tenebris obductum, aer perpeti horrens caligine, terra replebatur aquarum alluvionibus.* Com todo este sentimento, e com todas as honras militares devidas aos seus Postos foy levado o defunto Sol de Portugal para o mesmo lugar, em que nasceu, *& ad locum suum revertitur.* Nasceu em Evora, *oritur Sol*, illustrou Lisboa, e todo o Reyno com a grandeza das suas luzes, *gyrat per meridiem*, e depois de entrar no Occaso, *& occidit*, voltou para a mesma parte, em què nasceu, *& ad locum suum revertitur.* Na Igreja dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista Padroado da sua grande Caza, a quem como cuidadozo da morte havia muitos annos satisfeito a offerta do seu enterro com caprichosa magnificencia, descança o Duque esperando o ultimo dia para renascer nelle como Sol. Mas em quanto naõ renasce, espero eu, que por beneficio de muitas mil Missas, que pela sua Alma devota, e agradecidamente celebràraõ muitos Filhos de Saõ Francisco, se veja hoje resplandecendo como Sol na vista de Deos, *sicut Sol in conspectu meo.* Assim o esperamos das esmolas do Duque, e assim o cremos do agradecimento de Christo, pois a elle se offerece, o que se dà aos seus pobres, e naõ he possivel, que se esqueça do que recebeu. Isto dizem as muitas, e solemnes Exequias, que se celebràraõ pela Alma do Duque. Isto diz esta arrogante pompa, com que a generosa Irmandade do Senhor desta Illustrissima Parochia lhe agradece a honra de ter sido muitos annos seu perpetuo Juiz. Este he o feliz agradecimento da piedade do Duque,

Ambros. de Obit. Valentinian. 2.

Idem de Obit. Theodos.

Psalm. 88. 38.

Duque, eſta he a demonſtraçaõ da generoſidade deſta antiquiſſima Parochia. Hum naõ merecia menos, a outra tudo eſtima em pouco para declarar a ſua obrigaçaõ, e o ſeu amor.

Eternamente, Senhor, merecereis a memoria de Juſto, porque os theſouros, que recebeſtes de Deos, os dèſtes aos pobres: *In memoria æterna erit juſtus, diſperſit, dedit pauperibus.* Eternamente vereis quaes ſaõ as conſequencias da miſericordia, e da compaixaõ, pois no ſoccorro dos miſeraveis attendeſtes a vòs, e com a piedade, de que uſaſtes com os afflictos, e neceſſitados, curaſtes as feridas, que abriraõ as culpas. Agora tereis viſto, e eternamente vereis o portentozo fruto das heroicas virtudes, que praticaſtes na vida. Agora tereis viſto, e eternamente vereis quanto he melhor o dia da morte, que o dia do naſcimento: *Melior eſt dies mortis, die nativitatis.* Em hum vieſtes para ſer herdeiro da mayor grandeza do Mundo, mas caduca, como ſentimos, e choramos; em outro ſubiſtes para ſer herdeiro da mayor grandeza do Ceo, mas eterna. Em hum vieſtes para ſer grande, em outro ſubiſtes para ſer mayor. Em hum vieſtes para acabar como mortal, em outro ſubiſtes para viver immortal; em hum finalmente vieſtes para combater, em outro ſubiſtes para triunfar no deſcanço da eterna paz.

Pſalm. 111. 7

Eccleſ. 7. 2.

Requieſcat in pace.

EPI-

EPITAPHIUM

EXCELLENTISSIMI DOMINI DUCIS DO CADAVAL.

CAra Deûm sobo'es genus alto è sanguine Regum,
  Mole sepulchrali NONIUS hâcce jacet.
Munera quæque domi, bello que amplissima gessit,
  Plenus consilii, fortis ubique manu.
Quem Patriæ vindex animum Cælo hauserat alto,
  Hâc sartâ, & tectâ reddidit ille Deo.

Ludovicus Caietanns Lima Clericus Regularis.

IN OBITU DUCIS.

EPIGRAMMA.

QUantus, qualis eras tua, Dux, post funera cerno,
  Tristitiæ id monstrant publica signa mihi:
Verus amor populi meritò tua fata gementis
  Te Patriæ verum comprobat esse Patrem.

De ejusdem in pauperes
Liberalitate.

EPIGRAMMA.

MUnificus Dux hîc inopes miseratus alebat;
  Hæc virtus rectà duxit ad astra Ducem.

EJUS-

EJUSDEM
EPITAPHIUM

CLausus in hoc tumulo Dux Nonius inclytus ille
    Heroum, & Regum nota propago jacet.
Hic Marte insignis fuerat florentibus annis,
    Prudens ante annos cœpit & esse simul;
Regi à consilijs belli, pacisque virili
    Curâ nunc juvenis cuncta gerenda regens;
Augustæque domûs Reginæ jure Magister
    Est factus, tanto fulsit honore magis.
Ille Palatini Rector cum laude Senatûs,
    Præpositusque armis extitit ille diu.
Publica Dux vivens implevit munera mille,
    Nam pro mille viris Nonius unus erat.
Non hunc deseruit virtus, veniente senectâ,
    Norma senex Ducibus, militibusque fuit.
Heros magnanimus, justus, pius, atque benignus,
    Promptus opem miseris semper ubique tulit.
Oh quanto populi gemitu Dux Maximus iste
    Occubuit Patriæ dignus amore Pater!
Corde sed in nostro vivit post fata superstes,
    Vivit apud Superos, quod pia facta probant.

Aliud.

Nonius hic situs est pietate insignis, & armis,
    Dux Magnus, Patriæ luxque, decusque suæ.
Hic virtute viros ducens ad prælia Martis
    Nos pietate simul ducit ad astra Poli.

Cælestinus Seguineau Clericus Regularis.

COR PIISSIMI DUCIS SEPELITUR AD ARAM venerabilis Sacramenti.

EPIGRAMMA.

SPiret ut æternâ Nonî cor luce, sepultum est
    Hic ubi bis tecti Numinis ara nitet.

Illi

Illi Christus erat thesaurus; debuit ergo
Dilectus claudi cor ubi Christus erat.

Emmanuel Tojalius Sylvius Clericus Regularis.

IN FUNERE EXCELLENTISSIMI D.D. NONII ALVARES Pereira Ducis do Cadaval; alludit ad illius fractum humerum bello Hispano in prælio vulgò dicto de S. Miguel,

EPIGRAMMA.

MAgnus ab Hispano Lysiam dum Nonius hoste
Vindicat, & fulcit, Mars erat ipse, & Atlas.
Molitura novam rabies inimica ruinam
Mox humeros Noni sternere tentat atrox:
Unus sulfureo cadit igne, ast sufficit alter,
Perpetuò firmam fulciat ut Patriam.
Sed nè Marte suo ruat, atque Atlante sepulto,
Quod Lusis humerus fecerat, Urna facit.

Emmanuel Tojalius Sylvius Clericus Regularis.

D.D. NONIO ALVARES PEREIRA EX ACCEPTO vulnere in obsidione Pacis Augustæ quotannis dolor in humero recrudescebat.

EPIGRAMMA.

PRoximus Hesperiæ quateret cùm Nonius arces,
Unaque perficeret dextera mille neces;
Quæ tulit, hæc humeris etiam pia vulnera servat,
Et dolor hic anno cum redeunte redit.
Lysia, nosce tuum ex humero patientis Atlantem,
Quàm validè imperii sustinuisset onus.
Te quoque jam Patriæ, Dux maxime, nosce Parentem;
Hoc Te pugnantem stigmate signat amor.

AD

AD IDEM

EPIGRAMMA.

MAgnus Alexander natus Jove creditus olim,
Tunc ſe mentitum comperit eſſe Deum;
Cùm virides inter lauros, palmaſque recentes
Non expectato vulnus ab hoſte tulit.
Sic Nonium poſt acta diu tot bella trophæis
Signari hac plagâ nobiliore decet.
Qui Divina adeò peragit, ſe vulnere ſolùm
Prodidit, atque hominem ſaucius eſſe probat.

P. D. J. e S. J.

IN PROGRESSU SANTISSIMI VIATICI INFIRMIS SUPpedidati Dux Excelſus Pietatis cauſâ tintinnabulum apprehendebat.

EPIGRAMMA.

ILlius Adventum, qui crimina noſtra piavit,
Baptiſtæ, monſtrans Dux imitator erat.
Ære ciens animos pulſato firmus amore
Anteit, atque hominum turgida corda quatit.
Sic præiens fulget nulli Pietate ſecundus,
Sic Dòmini callet rite parare vias. Luc. 1. 76.

Doctor Joannes de Souſa Carîa.

AD EXCELLENTISSIMUM, ET PRÆCLARISSIMUM Dòminum D. Nonium Alvareſium Pereriam, Ducem do Cadaval, morte peremptum.

EPIGRAMMA.

COncidit heu magnus, genus alto à ſanguine Regum,
Dux! Pater & patriæ gloria, fama, decus.
Tuta diu ſub corde ſuo bene fiſa quievit
Patria, cor œquum eſt arcis habêre fidem.

Incre-

Incrementa dedit Patriæ moderamine pacis,
Et dum caſtra regit, clara trophæa tulit.
Belli, & pacis amans Regnum virtute tuetur,
Pacem conſilio, viribus arma fovens.
Concidit heu Princeps tantos pòſt functus honores!
Unum illi deerat, ſe ſuperare nece.

Hieronymus Godinius Niſius.

IMMORTALIBUS ARIS

EXcellentiſſimi, ac Nobiliſſimi Herois, & Dòmini
D. Nonii Alvareſii Pererii de Mello,
I. Ducis Cadavalenſis, IV. Marchionis Ferrerii,
V. Comitis Tentugalenſis,
Nulli ætatis ſuæ virtutibus, & meritis ſecundi,
Potentiſſimorum Luſitaniæ Regum
A' Conſiliis ſupremis, & Militum ſummi Præfecti,
In bona ſenectute fato functi,
Et in hoc æterni ſui nominis Mauſolæo collocati.

QUis, Qualis, Quantus Vir Sacra hac conditur Urnâ
Nomen, Virtutes, & ſua Facta ſonant.
Magnanimus, Sapiens, Felix, Pius, integer Heros
Dux, Pater innumeris Primus, & Unus erat.
Res, Reges, Populos defendit, amavit, & auxit,
Conſilio, imperiò, pectore, corde, manu.
Non hunc Terrarum curæ, non Arma fatigant;
Nonius æternæ præmia pacis habet.

Obiit die 29. menſis Januarii 1727.

Fecit Andreas de Cruce.

AD EFFIGIEM DUCIS.

EPIGRAMMA.

ARbiter ille fuit belli, pacis que ſupremus,
Semper & ad Lyſios fata ſecunda tulit.

In

In Divos pietas, in egenos prodiga dextra
Extitit: at laudis quid mage? NONIUS est.

Claudius Tonnelet.

DUM EXCELLENTISSIMI DUCIS FUNERI JUSTA persolvuntur in templo, festivos inter cymbalorum tinnitus per plateas Eucharistia ferebatur.

EPIGRAMMA.

NEu mirere, sonos referant haud cymbala tristes,
Cùm Ducis ad tumulum dat pia sacra chorus.
Cerne, quòd in niveo latitans Deus orbe peragrat
Compita, & in festis plausibus æra gemunt.
Scilicet hos plausus meruit Dux funere; nanque
Numinis in tumulo signa latentis habet.
Mortuus aspectu Deus est sub tegmine Panis,
At vivus speciem nil nisi mortis habet.
Mortuus in tumulo Dux est, & vivus eodem;
Mortuus in factis vivit, ut ante, suis.
Debuit ergo pari celebrari in funere plausu:
Cùm sit in ambobus vitaque, morsque simul.

P. Antonius de Almeida.

CUM IN TEMPLO DIVÆ JUSTÆ CELEBRARENTUR Exequiæ Serenissimi Ducis de Cadaval, festiva cymbalorum pulsatio perpetuò insonuit.

DUm Justæ in Templo solito de more parentant,
Lusiadæque Duci funera sacra ferunt;
Res nova! Prodigiis cælestibus acta probavit,
Quàm justus famulo tunc Deus ipse foret.
Nam, quæ funereis indicere tempora sacris
Æra solent, verso munere læta sonant:
Festivosque cient ad murmura blanda tumultus,
Queis sub Pane Deum turba vocata colit.
Fortè ægrotantes candenti in veste salutat,
Visurusque adytis nobilis Hospes abit.

 Ecce

Ecce autem quæ justa forent funebria mortis
 Signa, exultantes visa dedisse sonos.
Sic decuit; nè quam luctus jam immerserat, Urbem,
 Hoc quoque dum repetunt, tota sepulta foret.
Vel quia communem superat dolor iste dolorem,
 Effectum oppositum, versaque signa ferat.
At puto; cùm videam subitos erumpere plausus,
 Atque triumphantis more venire Deum;
Non Ducis inferias jam cymbala mœsta decebant;
 Ad Cælum é terris ille triumphus erat.

H. M. e S. J.

LYSIA AD FERETRUM PROSTERNITUR Excellentissimi Ducis, tanquam Patris sui desideratissimi, manumque officioso dolore osculanda sic fatur lacrymans:

HEi mihi, quid dicam feretro submissa Parentis,
 Cùm mea tot lacrymis irriget ora dolor!
Ecquid in hoc fato faciendum? Orbata recedam
 Filia, qua nunquam charior ulla patri?
Quo duce? Dux periit: lugens hîc Lysia sistam,
 Quæque Patri liceant, oscula, Dextra, feres.
Amissi nunc gnara boni tibi grata precabor
 Pro meritis Cælum, sydera, Cælicolas.
Pro Patria tibi dulce mori, tibi tela decorum
 Ferre, tuo testis pectore vulnus erat.
Non tibi plura simul minuére ad singula sensus:
 Idcirco intêgris sensibus emoreris.
Armis, consiliis, decreto, ac pondere mentis
 Mars, Sol, Mercurius, Juppiter unus eras.
Numen: at é terris fugiant cum Numina, Cæli
 Ocyor ut quæras sydera, tendis eques.
Sic Dux morte cadis CADAVALIS, ad astra resurgens,
 Quò tecum Natæ non licet ire tuæ.
Quid mihi jam restat? Converso nomine, dicent
 Hinc, etiam, Titulo judice, valle cadis.

Ne

Ne cadat obſcurum patiens tua Lyſia nomen,
Luce fruens Cæli, Dive, memento mei.

A. P. M. Aloyſio Baptiſta S. J.
Olim in Academia Eborenſi Philoſophiæ Profeſſore, nunc in Ulyſ-ſipone Orientalis Diœceſis Examinatore Synodali.

IN OBITU

EXCELLENTISSIMI DOMINI NUNI ALVARES Pereira de Mello Ducis do Cadaval

ELEGIA.

QUid lugûbre monent tormenta exploſa per arces:
Ingemit horrifico cur tuba rauca ſono?
Per terram tractis armis it miles, & Urbem
Confuſam mæſtus clamor ubique premit.
Heu! Dux occubuit primus Cadavalis, & ingens
Marchio Ferreiræ, Tentugalis que Comes.
Maximus Armôrum Præfectus vincitur armis,
Impia, funeſtis jam, Libitina, tuis.
Vincitur, invictus qui ſemper bella perêgit,
Et Patriæ peperit tanta trophęa ſuæ.
Ille quidem Luſâ pepulit cervice Leones,
Sceptra que Joanni debita jure dedit.
Labentem tenuit Lyſiam, primuſque ſuorum,
Libertatis amans pulvere tela vibrat.
Ut Patriam aſſereret, diſcrimina quanta ſubivit!
Sæpe ſuo tellus tincta cruore fuit.
Scipio Lyſiacus Badajoſia mænia terret,
Hiſpanoque rubrum ſanguine reddit Anam.
Certamen primus, poſtremus caſtra petebat:
Militibus ſemper dux fuit, atque pater.
Jure igitur mæret, Duce rapto, exercitus omnis:
Jure ſuum plorat Lyſia mæſta Ducem:
Plorat, namque illam ſolitus defendere Nunus,
Dum juvenis gladio, conſilio que ſenex.
Supremi Præſes ſic adſtitit ille Senatûs,
Ut ſedem Aſtrææ rurſus in orbe daret.

Hactenus ambiguum nobis, quo maximus Heros,
Num belli, aut pacis tempore, maior erat?
Gloria, quam meruit thoraca indutus ahenum,
Se duplicat, celsis dum caput ille Togis.
Quatuor in solio Reges agnovit, eisdem
Ut genere, eximio junctus amore fuit.
Exemplum fidei stetit ingens: norma clientum
In tanto effulsit conspicienda Viro.
Quid memorem dotes animi? Non gratia Regum,
Non sublime Genus reddidit ore trucem
Pectore constanti Natorum funera vidit,
Et facta in lacrymas saxea corda Ducis.
Vidimus à Nuno superatum mente Catonem:
Consilio florent Lysia Regna suo.
Respuit argento chlamydes, auroque superbas:
Veste licèt modicâ, Dux Cadavalis erat.
Respuit auratos currus, pompamque sequentûm;
Namque sibi ad pompam Regia Origo satis.
Respuit in Patriæ vanum deflectere luxum,
Ut sic externo tutus ab hoste foret.
Ingentes cumularet opes, ni prorsus egenis
Nocte, die que foret tam generosa manus.
Jam senior moritur; namque illi in flore juventæ
Nequaquàm injiceret territa Parca manum.
Sed quanvis longos vitam protraxit in annos,
Æternos quidem vivere dignus erat.
Mole sepulchrali jam condita membra quiescunt;
Sed Famæ haud parcus surgit in orbe labor:
Surgit in orbe labor, cùm debeat ipsa per omnes
Inclyta facta Ducis commemorare plagas.
Post laudes pandet luctus, mergetque dolore
Quidquid flammivomo Phæbus ab axe videt.
Vivere plus autem renuit Cadavalius Heros,
Ut felix tantos clauderet hora dies.
Jam pridem Cælo dignus nunc astra petivit,
Ut sibi virtutum præmia danda forent.
Nos Ducis interitum tristes deflemus; at ille
Fungitur æthereo gaudia summa polo.
Mortalem vitam pro æternâ mutat Olympo,
Et sese Immensi Numinis ore beat.

Si tamen inde poteſt defixam avertere mentem,
Cernat, ut in gemitus Lyſia tota ruit.
Cernat, ut in lacrymas populus diſſolvitur omnis:
Illa ſuum clypeum perdidit, ille patrem.
Illuſtres Generi circa venerabile buſtum
Dant liquidum flentes intumuiſſe Tagum.
Cùm que Brigantinâ Dux eſſet ab Arbore Ramus,
Hic dolor Europæ fulgida ſceptra quatit.
Lilia, quæ Nuno junxit Lotharingia Conjux,
Cognati aſpicies pallida morte Ducis.
Hoc ſolamen adeſt, quòd, quanvìs Nunus obivit,
Jamius egregii Patris Imago micat.

Doctor Joſephus de Matos da Rocha:

ELEGIA:

SOlve tuos Elegia modos, da flebile Carmen,
Aptaque triſtitiæ ſuffice verba meæ.
Ludicra non quæro. Satis eſt jam carmine luſum;
Flectitur ad planctus nunc mea læta Chelis.
Æquum erit ergo ſemel mærenti ignoſcere Vati,
Si nec feſtivè, ſi nec ut ante, canit.
Pectore vulnus alo, curis afflictor acerbis;
Triſtia ſunt igitur verba canenda diu.
Triſtitiam interdum, querulas ac diligo voces,
Nam mala quid gratum, dum memorantur, habent.
Nonnunquam longo ſatiantur lumina fletu,
Nonnunquam lacrymas imbibit ipſe dolor.
Jam notum, quæ magna mihi ſit cauſa doloris,
Quæ mihi ſupremi ſit quoque cauſa mali;
NONIUS occubuit. Lyſii pars inclyta cœtus,
Nonius ille domi, militiæquæ potens.
Occubuit qui nuper erat ſpes unica Regni,
Deliciæ noſtræ qui modò gentis erat.
Qui fuit ille prior Luſorum gloria Regum,
Ille parens inopum, nobiliumque decus,
Nonius occubuit: mors improba funere in uno
Funera tot cumulas, quot pia corda feris.
Infelix Lyſia! Heu quantis ſis orba triumphis!

Heu quali infelix ſis viduata viro!
Olim jura dabas bello notiſſima; ſed nunc
Nota tuis damnis incipis eſſe magis.
Urna capit Martem, Lyſium capit urna Catonem,
Urbs Cenſore carens, Urbs ſine Marte ruet.
Omnia rapta doles, ſublato Principe; ſaxo
Quot bona in anguſto ſemiſepulta jacent!
Quid Lyſia ah ſupereſt? Poſtremum adjungito carmen
Funereum tumulo, qui tegit oſſa, Ducis.
Nonius hîc atro conſumptus funere dormit,
Verùm ad noſtra vigil commoda ſemper erit.

Fr. Franciſcus Xaverius a Sancta Tereſiâ.
Min. Regul. Obſervant.

ELREY DOM JOAM O IV. O FEZ PRIMEIRO DUQUE do Cadaval.

HOMONOMIA.

QUem voces VeterumRegno huic cecinere futurum,
Quemque dabat ſcriptis hicce, vel ille ſuis;
Anxia quem multis ſperabat Lyſia curis,
Libera ut á tanto ſic foret illa jugo;
Quem Deus ipſe dedit, Solio firmavit, & auxit,
Augmentum & longâ poſteritate dabit;
Hic Cadavalenſem ductus ratione Ducatum
Erexit primum; Nonio & ipſe dedit.
Quis verùm fuit ipſe dator? Fuit ille Joannes
Quartus, cui Regnum hoc præbuit anté Deus.
Nonius hicce fuit quis & inſignitus ab illo
Rege Ducis titulo? Jám tibi dico brevis.
Nonius iſte fuit, fuit ut jam Nonius alter:
Idem ſanguis erat, vis quoque, robur idem.
Ambo ſuo virtute pares ſunt tempore; & ambo
Heſperios contrá Martis ad arma pares.
Radix alter erat geneſis; ſtat ramus & alter;
Ramus & in fructus ibit, ut arbor eat.

FOY

FOY FEITO MINISTRO DE ESTADO DE IDADE DE 20. annos.

PROLEPSIS.

HIc a Consiliis fit nostro á Rege Minister,
　Annos cùm potuitbis numerare decem.
Miraris juvenem! Juvenis; respexeris annos
　Si tu: si mentem; tunc erat ille senex.

ACHOU-SE NA BATALHA DE S. MIGUEL EM BADAIOS, na qual recebeu tres feridas; e ultimamente lhe levou quasi hum hombro huma bala.

RIPHE.

PAx Augusta olim stricta obsidione tenetur
　A' Lusis: pugnam hic agmen utrumque movet.
Hoc Cadavalensis, tanquàm fortissimus Heros,
　Certamen penetrans agmina rumpit ovans.
Utraque rupta phalanx inimica: sed illius artus
　Hac pugnâ rupti vulnere sunt triplici.
Vulnera trina dedit propiús Mavortius ensis
　Hujus, & alterius: fortis uterque fuit.
Saucius ille licét foret, impunitus uterque
　Haud fuit: actutum cæsus uterque cadit.
Post hæc accepta, & post hæc jam facta vicissim
　Vulnera, quid venit? Nunc mihi terror adest.
Ignea pila volans rigido confecta metallo
　Venit: adempta humeri pars fuit hacce sui.
Próh dolor! Ad Medicos properat certamina linquens;
　Linqueret haud, vulnus ni globus igne daret.
Accedunt Medici; mulcent medicando dolores;
　Componunt laceros vulnere, & igne locos.
Vulnera, quæ fecit Mavors, curavit Apollo:
　Sic Martem, & mortem vicit Apollo simul.

ES-

ESTANDO DESTERRADO EM ALMEIDA, SE ACHOU pelejando em Serralvo.

EPELEUSTICE.

SOrte relegatus (quâ nescio dicere) vitam
Sollicitus paulùm traxerat ille suam.
Longiús á Regis sors illum destinat Aulâ
Exilio: sed non longiùs arma sonant:
Nanque loco exilii Mars illi exasperat iram,
Cogit, & accensus Mars ubi, ferre pedem.
Rex illum exilio dederat: Mars abstulit illum,
Dum mutare locum cogit, ab exilio.
Quis magé, quæro, potens? Rex an, dum lege relègat,
An Mars, dum belli cogit adire locum?

FEZ A PAZ DE PORTUGAL COM CASTELLA.

ARMISTITIUM.

HEsperios postquam tutudit Bellona flagello,
Victricisque tulit non sine laude decus.
Et postquam populis stragem dedit, atque ruinam
Lusiadûm forti consociata manu.
A' Luso Hesperius pacem petit: arma reponunt
Ambo, ut componat fœdus uterque suum.
Sed quis erat Regno tunc, ista negotia pacis
Qui faceret? Solus Cadavalensis erat.
Nam qui scit bellum populis inferre cruentum;
Hic solus populos pacificare sciet.

FOY EMBAIXADOR A SABOYA.

EPIGRAPHE.

LYsia nostra sibi socialia vincla petebat,
Quêis daret assensum Pronuba Juno suum.
Hæc inter se se generosa Sabaudia tractant,
Lysia, & ista citó pinea tecta parat;

Martia

Martia fit claffis. Sed quis legatus adibit?
Quis? Cadavalenfis, qui bene cuncta gerit.

FOY DUAS VEZES CONDE-STAVEL DO REYNO.

PHRASIS.

QUolibet in Regno poterit quifquam effe (fatemur)
Forte Comef-Stabilis: mos, ratioque petunt.
Dupliciter tamen hocce decus ratione potiri
Solus, & ex merito Cadavalenfis habet.

FOY GOVERNADOR DAS ARMAS, E MESTRE DE Campo General junto à Peffoa.

HOMOTIMIA.

ARma gubernavit femper, poftquam oftia templi
Clauferat ille Deus, qui fua terga videt.
Et meritó; bello femper nam qui arma fequutus,
Tempore pacifico, fas erit, illa regat.
Sic prope perfonam Regis Præfectus habetur
Caftrorum: decus hoc eft quoque grande decus.
Non nifi, qui fuerit, fuit ut Dux, maximus Heros
Ullo præbetur tempore talis honor.

FOY PRESIDENTE DO TRIBUNAL DO TABACO, DO Tribunal do Ultra-Mar, e do Tribunal do Paço.

EPISTASIA.

PErvigil ille triplex rexit fublime Tribunal:
Res diverfa equidem quolibet acta fuit.
Juridicum hoc folium rexit Dux nofter ad annos
Non paucos: laude & non fine Præfes erat.

Inde aliud conceffum illi eft á Rege Tribunal
Scandere, ut exacté fedulus ille regat.
Ille fed ut prudens, fatis & verfatus, ad unguem
Illico cenfebat quæ facienda forent.

Tandem

Tandem Præpositum tenuit Regale Tribunal
Illum: supremum tale Tribunal adest.
Hic solus nostri diversa negotia Regni
Volverat; hic solus dignus, & aptus erat.
Hic solus prudens, longoque edoctus ab usu;
Maturo hic solus consilio que potens:
Temporibus semper rectus fuit ille secundis;
Temporibus semper rectus & in dubiis.
Omnia prospiciens, præstanti ac omnia solvens
Ingenio; constans mente, animoque simul.
Certè equidem (verax nostrum hæc est fama per œvum)
Alter & ille Cato, Nestor & alter erat.
Sed mortalis erat: parcit non Atropos illi;
Stamen &, hoc folium dum regit, illa secat.
Ponit & in tumulo, cineres in vertit, & umbram:
Incipit Umbra loqui, sed tamen & cineres.

UMBRA, ET CINERES SUB PERSONA Cadavalensis Ducis é monumento alloquentes.

VERITATIS SYMBOLUM.

MArmoreum quicunque vides, sed triste, sepulchrum,
Siste gradum: nec te terreat iste locus.
Et licèt horrorem pariat tibi, siste parumper:
Dicam, quis tanto sarcophago jaceat.
Audi; nè timeas: cineres tibi finge loquentes,
Finge Umbram, é tumulo quæ tibi verba refert.
Sæpe tuas (sic ipse puto) pervenit ad aures
Cadavalensis maxima fama Ducis.
Quem titulum dederat notus super astra Joannes
Quartus; & huic Regno missus ab Empyreo:
Stemmata cui Titulo duo sunt annexa Parentum;
Marchio Ferreriæ, Tentugalis que Comes.
His insignitum Titulis mea Lysia primó
Novit; & hi Tituli post abiére procul:
Nam solers Gallus; divisus ab Orbe Britannus;
Et concreta suo Belgica terra gelu.
Et sitiens Afer; Latius quoque nobilis, omnes

Agno-

Agnovére meum nomen in his Titulis.
Ipse fui notus, Titan ubi mergitur undis,
Atque ubi Sol oritur, nomine notus ego.
Ast mage me novit sub Marte superbus Ibérus,
Quo cum pugnavit sæpiús ista manus.
Dextra manus: quando ista ensem per castra rotabat
Ceu radium: ensis enim fulminis instar erat;
Cominús hinc equites, accenso Marte, trucidans;
Cominús hinc pedites insimúl ipse necans.
Quando & læva manus laxis mandabat habenis
Quadrupedem; pernix qui velut Eurus erat.
Et quando virtus bello generosa vigebat,
Invictum & toto corpore robur erat.
Sic quoque me novit triplex in pace Tribunal;
Præses cuique fui, consiliumque dedi.
Ast nunc si quæras ubi sunt mea stemmata, nomen,
Res gestæ, robur, dextera fortis ubi?
Aspicito hunc tumulum: tumulus tenet omnia: Mavors
Quem nunquam potuit vincere, Mors potuit.
Et quem victorem tentoria magna tenebant,
Hoc parvo victrix nunc tenet illa loco.
Nomen, Fama volans magnas quod sparsit in Urbes,
Hoc tumulo claudit Mors & acerba meum.
Stemma meum, quodcunque fuit, tenet illa sepultum:
Quas habui, vires abstulit illa meas.
Quas bello feci, res gestæ marmore clausæ
Hoc sunt: hoc fortis dextera clausa jacet;
Dextera, quæ gladium semper metuenda gerebat:
Quæque regebat equum læva, sepulta jacet.
Læva; per armatos quæ cùm laxabat habenas
Quadrupedi, cunctis pallor, & horror erat.
Sique iterum quæras, ubi sunt prudentia, votum,
Consilium, eloquio, mens quoque, lingua potens?
Queis ego juridicum rexi quodcunque Tribunal,
In quo pura mihi semper amata fides?
Hic tumulus (tibi dico iterum) tenet omnia. Verùm
Qualiter hæc teneat, jam dabit Umbra loquens.
Stemmata (fama etiam, nomen, roburque) decora
Præterit ut tenuis, præteriere, vapor.
Sic tu terribilem sedem properabis in istam,

Atque,

Atque, animâ exceptâ , nil niſi pulvis eris.
Quare animam curato tuam : mundana relinque :
Diſpliceant faſtus, vanaque pompa ſimul.
Diſpliceant laus, fama, decus, nomenque : labaſcunt
Hæc; in ſarcophagum tendit utrumque ſimul.
Tu tibi diſpliceas hujus ſi gloria Mundi
Tentet ; vel , currit qui citó , tentet honor.
Nec, ſi te poſcant humana negotia , cures
Illa ſequi : proſunt qualiacunque parum.
Solùm cura tibi captare negotia Cæli ;
Vivitur æternùm hoc : cætera vita brevis.
Si tamen æternâ cupis hac requieſcere vitâ,
Vivere diſce, mori ſic bene diſce, bene.
Da tua pauperibus : Regno , Regique fidelis
Sis ſemper : ſemper Religionis amans.
Dilige ſacra : tuo diſtent à corde profana :
Non unquam placeant flagitioſa tibi.
Quæ Dominus tandem jubet obſervare, teneto :
Si teneas, tumulus non metuendus erit.
Miraris cineres iſtos, umbramque loquentes ?
Ah! Nec voce cinis, voce nec umbra caret.
Alloquitur corpus, liquidâ dum veſcitur aurâ;
Cùm tumulatur, ait tunc cinis, umbra quóque.
Sæpe refert corpus, dum vivit, falſa : ſed iſto
E' tumulo verum (ſic cinis) umbra refert.
Sunt etenim cinis, Umbra Ducis, cui neſcia fraudum
Complacuit ſemper, candida & æqua fides.
Jam cineres, jamque Umbra tacent : ſat dicere *Triſtis*
Hæc Cadavalenſem continet Urna Ducem.

Doctor Cyprianus de Pinna.

EXCELLENTISSIMI DUCIS DO CADAVAL

EPITAPHIUM.

ILle, ſub impoſitâ tandem qui mole quieſco,
Ut quis ſim noſcas, te rogo, ſiſte gradum.
Elbora me genitrix Mundo dedit inclyta, Græci
Urbe ſenis tantùm nobilitate minor :

Vix

Vix puerum Quartus Joannes auxit honore,
Dum ſibi rapta capit regia ſceptra, Ducis:
Nondum bis denos Phœbus mihi fecerat orbes,
Cùm Rex conſiliis juſſit adeſſe ſuis:
Allobrogum Petrus Legatum miſit ad oras,
Imperio ſatagens conſuluiſſe ſuo:
Tot inter Regni Proceres à Principe juſſus
Bis Comitiſ-Stabilis munus obire fui:
Terna ſuæ pariter voluit Regina Magiſtrum,
Cui demandaret munia cuncta Domûs:
Reximus æquatâ nunquam non lance Tribunal,
Cui me Regnantes præpoſuere, triplex:
Hiſpanos Lyſiis diſcordes tempore longo
Fœdus in æternum fecimus ire ſimul:
Dux equitum ſummus generoſo in pulvere vidi
Bella cruentatus, Marte furente, geri:
Haud ſemel armatos cuneos penetravimus, amplam
Enſe per obſtantes vi faciente viam:
Ferrea glans humerum tormento exploſa revulſit,
Terque ſimul pugnans vulnera ſæva tuli:
Robore quo fuerim prope Badajocia tecta,
Infixa ad valvas ſica relicta docet:
Horrida ſulphureas vomeret cùm machina cædes,
Impavidâ tetros hauſimus aure ſonos:
Exul ad Almeydam Serralvia rura replevi
Sanguine, quem fudit vulnere ſectus Iber.
Invida Parca tamen cùm vellet rumpere feſſa
Tempore jam longo ſtamina ducta colo;
Me ſubito petiit morbo, ſed pulſa receſſit,
Non niſi poſt multos auſa venire dies.
Adſpice quantus erat, cui mors vel cæca furore,
Uno non potuit vulnere ferre necem?

Aliud.

VIVO, QUI FUIT MORTUUS

S.

NONIUS ALVARES PEREIRA DE MELLO, DUX
do Cadaval, Marchio de Ferreira, Comes de Tentugal,
Joanni IV. Alphonſo VI. Petro II. Joanni V.
Ab intimis Conſiliis:
Trium Reginarum Oeconomus Maior,
Ad Sabaudiæ Ducem Legatus,
Trium Tribunalium Præſes,
Regni bis Comeſ-Stabilis,
Poſt accepta, & inflicta vulnera
Armorum Præfectus Maximus,
Ut Miles Strenuiſſimus,
Nonniſi ad tubæ ſonitum ſurrecturus,
Hîc jacet.

P. Antonius dos Reys.
Congregationis Oratorij.

EBORÆ PLANCTUS IN MORTE OPTIMI, ET deſideratiſſimi Civis

Excellentiſſimi D.D. Nonii Alvares Pereira de Mello Ducis do Cadaval.

ELEGIA.

Occubuit tandem factis ter maximus Heros
  Nonius, & Lyſiæ gloria prima jacet
Occubuit columen Regni, Patriæque Parenti
  Inferias ſolvit flebilis unda pias.
Occidit heu! ductum genus alto à ſanguine Regum,
  Queis communis erat munere fortis avus.
Debuit oh! quantis Lyſia incuſare furorem
  Fletibus, arripuit cùm Libitina Ducem?

Omnes

Omnes una premit violenti causa doloris,
Nam mea, quæ ploro, publica damna reor.
Ingemis, ò Noni, mortali pondere pressus,
Atque jugi dignus tempore facta subis.
Si dolet, extincto splendenti sidere, Regnum,
Cur mea non rumpit vita caduca moras?
Me tibi junxit amor, dum lux tua membra regebat,
Cur modò me tristem dividit atra dies?
Heu! Miseram cur fata sinunt me vivere? Luctu
Debueram tumulo mersa jacere tuo.
Te nato, agnovi rursus monumenta vetusta
Surgere, virtutis Regia quando fui.
Te nato, quæ gesta diu tumulata jacebant,
Jàm victâ extollunt oblivione caput.
Inclytus è tumulo Romanis cladibus ardor
Nunc modò consurgens clara trophæa tulit.
Illa ego, quæ fueram Lusæ nova gloria gentis,
Nunc video mœstas imbre cadente genas.
Illa ego, cui primum primus Viriatus honorem
Contulit, & celebrem me super astra tulit.
Hic Viriatus erat vultu metuendus, & armis,
Funere qui Latio nobile nomen habet.
A Lysiis vocat ille Ducem ferus Annibal oris,
Ut queat armatâ damna levare manu.
Cerne cruentatum Romano sanguine Regem.,
Et jugulo instantem, quæ caput Orbis erit
Romulidum letho sternuntur millia Cannis,
Frugifer & miserâ cæde madescit ager.
Obstupuit tanto victrix Urbs tacta dolore,
Duraque corripuit frigidus ossa pavor.
Exanimis timuit minitantia fata subire,
Si non deleret Punica castra Venus.
Ast ego quæ memoro? Promptâ quid mente revoluo
Quæ renovant luctûs tristia signa mei?
Prohdolor! Incipiam lacrymosam dicere causam,
Si poterit languens reddere lingua sonos.
Heu! veniam lacrymis facilem concedite nostris,
Dum refero tanti maxima gesta Viri.
Vix puer attigerat mortales optimus auras,
Gens cupit armatas Lusa movere manus.

Illa

Illa dies venit totum memoranda per ævum,
Quâ Lysia impatiens pulsit Ibera juga.
Illa dies venit, Quarto quæ sceptra Joanni
Sanguinis antiquo jure paterna dedit.
Protinus augustas Princeps ut cepit habenas,
Pectoris exhibuit fervida signa sui.
Te Ducis egregio puerum cumulavit honore,
Extunc jam meditans grandia facta viri.
Præmia te decorant, decorant quoque præmia Regem,
Tu meritum cumulas illius, ille tuum.
Quæ dat sors aliis, tibi dat Regalis origo,
Regia nam soboles te facit esse Ducem.
Ante annos curas que gerens, animosque viriles
Jam Patriæ deditus Martia castra petis.
Otia blanda fugis, segnem contemnis & Aulam,
Nonij ut exæques nomen, & omen Avi.
Scilicet ardebat juvenili in pectore virtus,
Et tibi sola placent prælia, bella, tubæ.
Pungebant Jamij clarissima gesta nepotem,
Ille Arabis terror nomine, & ense pavor.
Nonius ergo petit Badajocia mœnia, cincta
Quæ tenet armato milite Lusa manus.
Undique contorquet globulos Catapulta minaces,
Undique terrifico mors volat atra sonu.
Explicat armigeras gens Lusa, & Ibera phalanges,
Belligerumque cient tympana rauca sonum.
Fit clamor, resonat que solum, sonat ictibus eccho,
Quæque oculi spectant, tristis imago necis.
In medias acies furibundo Marte ruebat,
Ambiguę sortis nulla pericla timens.
Oh! Pretio Lusis stetit hæc victoria quanto,
Cùm triplici cæsum vulnere cerno Ducem!
Irrigat ignotam generoso sanguine terram,
Quæ modò conspicuo flumine nota manet.
Insuper ignimovo volitat glans jacta furore,
Inque humeri lævi damna cruenta volat.
Compagem lacerat, validum dilaniat armum,
Dux tamen invicto robore firmus adest.
Noverat Hispanus Lysii quòd Nonius Orbis
Viribus infractis maximus esset Atlas.

Cædere

Cædere quapropter Lusum tentavit Atlantem;
Ut rueret præceps Lysia tota simul.
Vulneris at tanti (tanta est violentia) stragem
Nonius extremam sensit ad usque diem.
Effectum non ille dolor renovabat acerbum,
Inclyta virtutis sed monimenta suæ.
Plausibus excepit redeuntem Regia quantis,
Cùm vidit Patriæ læta venire Patrem?
Lætitiæ sua signa dedit plebs anxia, nanque
Res est soliciti plena timoris amor.
Nè timeas Regina dolos, Aloisia, bellum
Despice, consiliis assidet ille tibi.
Aspice quàm vigili vitet discrimina curâ!
Quàm vigil & Patriæ sedulus ipse suæ!
Non juvenem dicas, seniorem dicere debes,
Provida cui virtus contigit ante diem.
Nonius ipse tamen summo jam dignus honore
Sortis in adversæ damna severa cadit.
Protinus Almeydam petiturus deserit Aulam,
Et quò jussa trahunt, arripit ille viam.
Principe quantus erat Lysiæ qui pulsus ab Urbe
Exilio meriti culmen honoris habet?
Mandatum Regale quidem præcessit euntem,
Agmina nè ducat, nec fera bella gerat.
Lex vitam servare jubet, servare licebat,
Sed pretii famâ vita minoris erat.
Illius in Patriam tanta est in pectore flamma,
Ut sibi non credat vivere, sed Patriæ.
Hîc ubi Lusiadæ Mavortia castra sequuntur,
Adfuit invicto Nonius ense ferox.
Intrepidus ridet sonitu, quo bella cientur,
Et conferre manus gaudia sola putat.
Freyxeneda jacet, jacet & præclara Serralvus,
Utraque Lusiadûm depopulata manu.
Utraque cervicem tollebat in astra superbam,
Nonius edocuit subdere colla jugo.
Sed jam fata suum tenuerunt invida cursum,
Occidit infelix, prospera stella micat.
Clarior effulget veluti post nubila Phœbus,
Sic post ærumnas inclyta fama Ducis.

 Maior

Maior ab exilio, si fas est dicere, venit,
  Nonius in quovis tempore magnus erat.
Temporis Alphonsus Rex tunc moderamen habebat,
  Solo qui Regis nomine clarus erat.
Quot mala! Quot culpæ! Quot crimina fœda! Modesta
  Dicere formidat mens, animusque fugit.
Publica res igitur vitam fatigata trahebat,
  Et miseri casûs ultima signa dabat.
Damna minabantur rapidam violenta ruinam,
  Atque erat assiduis Lysia pressa malis.
Mersa dolore gemit summo gens Lusa; gementi
  Non erat optatam qui dare posset opem.
Conspice vindicibus pacatam viribus Aulam,
  Et Ducis invictâ cuncta levata manu.
En Patriæ vindex patrio dicatus amori
  Tradidit Augusto Regia sceptra Petro.
Hinc plausus: hilares testantur gaudia voces,
  Hinc Regnum famâ personat omne Ducis.
En Comitis celso Stabilis splendescit honore,
  Quo nullum videas dignius Orbe decus.
Illo fulget honore manus, cui sanguinis ostrum
  Detulit Augusti Regibus esse parem.
Certarunt merita, & pulchro certamine dona,
  Infima pro meritis dona fuere suis.
Assiduis gens Lusa ruit lassata triumphis,
  Atque triumphali pondere pressa gemit.
Gens Hispana ruit tantis quassata triumphis,
  Atque lugûbre gemens damna suprema timet.
Utraque prata videt, camposque cruore rubentes,
  Utraque tranquillæ fœdera pacis amat.
Ecquis erit, bello finem qui ponere possit?
  Ecquis erit? Patriæ Nonius ille Pater.
Nonius ille meus patrio inflammatus amore
  Bætica concordi fœdere regna beat.
Principis Augustam cinxit diademate frontem;
  Ergo Patrem Patriæ quis negat esse Ducem?
Aurea jam videas evolvi secula, cornu
  Jam pax optatas divite fundit opes.
Allobrogum petitura Ducem jam litora Classis,
  Deserit, & pandit candida vela Noto.

En

En vehitur Lyſij Legatus Principis illâ
 Nonius, & merito Principis ora refert.
Spumea quàm celeres proſcindunt æquora puppes!
 Quàm liquidum nautis aura ſecundat iter!
Mens erat Eliſabeth ſociali jure Sabaudo
 Jungere, quæ Regni tunc erat una ſalus.
Excipit Aula Ducem ſummo ſplendore; refulget
 Nam Ducis in vultu Regius oris honos.
Conſilio clarus fraudes deludit, & aſtus,
 Re tamen infectâ clarior inde venit.
Noſcere ficta ſolet dubiæ ſolertia mentis,
 Fallaceſque animos mens generoſa capit.
Omine, quæ fauſto diſponunt Regia juſſa,
 Sortiri effectum provida fata negant.
Tempore, quo Petrus Lyſiam ditione tenebat,
 Paceque conſpicuus jura beata dabat.
Tempore, quo belli motus ſopor altus habebat,
 Et vacuus curis cultor arabat agros.
Carolus ille potens Regni moderator Iberi
 Intempeſtivæ mortis adivit iter.
Ecce Philippus adeſt ſolii ſucceſſor aviti
 Sanguinis Auguſti proximiore gradu.
Concitat Europam res hæc; nova bella parantur,
 Horribili Mavors excitat arma manu.
Omnia conclamant bellum; ſonat undique bellum;
 Bellicus auditur clangor ubique tubæ.
Germani, Batavi, Luſi ſociantur, & Angli,
 Oppugnaturi Regna, Philippe, tua.
Hiſpano Gallus ſociat ſua caſtra Leoni,
 Quêis tribuit vires nobile nomen Avi.
Ergo petit Petrus delecto milite flumen,
 Flumen, quod Luſis ultima meta datur.
Nonius ecce venit factis, & nomine magnus,
 Qui leges turmis ſolus ubique dabat.
Non illum effœtæ vires, non tarda ſenecta
 Detinet, aut valido pectore ſanguis hebet.
Arte vide quali longævo pondere ſpreto
 Bellipotens rapidi terga fatigat equi.
Aſpice quàm ſtrenuâ luſtrat virtute phalanges,
 Quàm vigil inſtructum Nonius agmen agit.

Consule Romanæ gentis monumenta; videbis
  Implentem eximii munera clara Ducis.
Missilis ecce globus celeri secat aera cursu,
  Exitiumque ferens mors jaculata volat.
Excitat undantem concusso pulvere nubem;
  Proh dolor! intrepidum contegit illa Ducem.
Anxia turba silet, gelidus timor occupat artus,
  Nam periisse Ducem glande volante putat.
Ast Heros Lysius tanti discriminis expers
  Despicit impavidus pallida signa necis.
Incolumem te fama vagum servabit in ævum,
  Incendetque animos semper amore tui.
Si fuit in bello nulli virtute secundus,
  Sic etiam nulli pace secundus erat.
Limina nota petunt, quos improba pressit egestas,
  Excipit, & largas dextera fundit opes.
Optima Franciscus Christi redimentis imago,
  Quæ bona sacravit, dicere jure potest.
Discite mortales miseros relevare; tributa
  Munera pauperibus, non sua, vestra puto.
Ergo triumphali redimitus tempora lauro,
  Et generis clarus posteritate sui:
Post triplicem, mirâ quos rexerat arte, Senatum
  Dexteritate potens, Religione pius;
Post data militibus socialis pignora amoris,
  Christiadæque datis purus ubique notis:
Octo post Decades nonus jam cœperat annus,
  Si prolixa tibi tempora, pauca mihi!
Illa dies venit, quâ nulla est tristior Orbi,
  Quâ posita est vitæ meta caduca tuæ.
Illa dies venit mensis vigesima nona,
  (A' Jani mensis Numine nomen habet.)
Nox erat, & terras densis contexerat umbris,
  Extremum quando novit adesse diem.
Nocte venit Libitina ferox, inopina, cruenta,
  Moreque prædonis surripit atra Ducem.
Scilicet erubuit jacere immedicabile telum,
  Atque ideo tenebris noctis operta jacit.
Ingemit, & lacrymis Patriæ cur justa parenti
  Plebs solvit? Lacrymæ pondera vocis habent.

Suf-

Suſpirant ſonitu vocalia cymbala mœſto,
Provocet ut lacrymas ærea lingua gemit:
Pauperies dat ſigna ſui confuſa doloris,
Et querulis triſtis vocibus aſtra petit.
Ingemit imbriferis obductus nubibus æther,
Perpetuò lugens ingemit imbre dies.
Regia te Lyſiæ claudentem tempora vidit,
Aſt ego, quod reſtat, ſedula ſervo, tui.
Me tumulo decoras, Aulam quid morte? Jacère
Uno nonpoterat tanta ruina loco.
Ceſſiſti tandem fatis, Dux optime, ceſſit
Et Lyſiæ noſtræ gloria, fama, decus.
Si Lyſia in tanto lacrymatur funere tota,
Solicitæ fletus qui genitricis erunt?
Quæ pars terrarum, quæ gens tam diſſita Mundo,
Cui non ſit luctûs cognita cauſa mei?
Proh dolor! Audivi quando tua fata, volebam
Pondere mœſtitiæ viva dolore premi.
Si foret immenſo luctus medicina dolori,
Vellem oculos lacrymis obtenebrare meos.
Si gemitus eſſent caſûs ſolamen acerbi,
Lucida concuterem vocibus aſtra meis.
Triſtia ſi lacrymis æquarent lumina cauſam,
Triſtibus augerem flumina fluminibus.
Fletibus ah! quoties volui lenire dolorem!
Fletibus at maior cauſa doloris erat.
Aſpera mœrentem quæ me infortunia vexant,
Triſtitiam cumulat ſi medicina meam?
Oh! Patriæ generoſe parens, Dux magne, perire
Heu! mihi quod nato non pereunte datur!
Infelix Mater, ſupereſt cui vita, perempto
Pignore, quod vitæ dulce levabat onus.
Horrida te rapuit noſtris mors invida rebus,
Cur ſociam fati non ſinit eſſe tui?
Mortua ſi tecum buſto tumulata jacerem,
Deficerent queſtus deficiente animo.
Sed quò longa ferunt ægram ſuſpiria mentem,
Quò rapit afflicti pectoris ima dolor?
Non moriar, ſed mœſta traham per ſecula vitam,
Mortis ut exæquet damna querela tuæ.

Dumque

Dumque ergo in tumuli tenebroſo pulvere dormis,
  Muſa tibi vitam non peritura dabit.
Nonius hîc dormit fato defunctusacerbo,
  Regali Patrum nobilitate ſatus.
Ebora mortales puero dedit inclyta cunas,
  Regia Luſiadûm fata ſuprema ſeni.
Aſpera flore rapit primæ Bellona juventæ,
  Jam Ducis at veteris ſtemmate clarus ovat.
Communem dixere Patrem, quos vexat egeſtas,
  Et quos mille modis ſors inimica premit.
Aſſertor Patriæ Regnum firmavit, & Aulam
  Sanguine, conſilio, viribus, enſe, manu.
Marchio, Duxque, Comes, Præſes, Legatus, & armis
  Præpoſitus; tandem pulvis, & umbra cadit.
Progeniem Patriæ ſimilem natura negabit,
  Nonius æterno nomine ſolus erit.

Joſephus Barboza Clericus Regularis.

IN OBITU PRÆCLARISSIMI HEROIS, AC DOMINI Domni Nonii Alvareſii Pirerii de Mello, Excellentiſſimi Ducis do Cadaval, Marchionis de Ferreyra, Comitis de Tentugal, &c.

E C H O.

Hanc feror in ſylvam mœrens, lacrymanſque, gemenſque:
  Magnus enim tenuit pectora noſtra dolor.
Finibus in Lybies, inter Garamantes, arenas
  Ex oculis noſtris fonte rigare decet:
Mortuus incerto eſt nam NONIUS omine. Non jus,
  Quis mihi reſpondet? Candida Nais? Ais.
Quis loquitur nobis inter Garamantes? Amantes.
  Te deus unde mihi traxit Apollo? Polo.
Multa rogare libet, quæ dicas Naias. Aias.
  Nonius ad ſuperos fortè ne vadit? Adit.
Amplius hoc nobis poteris memorare? Morare.
  Eſt quid, quo tegitur vir quoque ſummus? Humus.
Triſtis eras, triſtes cùm nos fueramus? Eramus.
  Quid ſtanti ad tumulum nunc quoque fiet? Hiet.

Itur

Itur at in ſuperos, à quo nunc flebitur? Itur.
At Muſam illius, qui ſibi pſallet? Alet.
Æger, an hunc vates quiſquam fleat integer? Æger.
Quis vates illum flebit? Homerus? Herus.
Filius, an-ne Gener triſti canet hunc fide? Fide.
Sylva poteſt ſylvis; aſt ita Mello? Melo.
Flentibus (heu!) Muſis accedes tu ſoror? Oror.
Lyſia num fecit, quæ ſibi debet? Hebet.
Lyſia quid faciet, num flens clamabit? Amabit.
Illam quæ teneant iſto in amore? Moræ.
Lyſia num rectè, ſi vultum contegit? Egit.
Caſſa viro ſcateat divitiis? Vitiis.
Divitiis in morte viri tantùm caret? Aret.
Illas, quid faceret, quo repararet? Aret.
Officium in cunctis implevit Neſtoris? Oris.
Illo quid faciam, dic quoque colle? Cole.
Invideatque viro telluſne aliena &? Hyena &.
Hæc-ne ſuum munus, ſi quoque vagit? Agit.
Ibimus in fletus, an ſuſtineamus? Eamus.
Ad tumulum veniam veſpere, mane? Mane.
Tellure aſſiſtat num in ſiccâ verna? Cavernâ.
Non-ne erat hic, qui nos ſorte replerat? Erat.
Num faciet ſoboles partes clamantis? Amantis.
Hinc ſolamen alo, tu niſi fallis. Alis.
Nos amor exuperans agitat; quid, ſi furet? Uret.
Vox tua, ſi taceam, num reſonabit? Abit.
Ad tumulum-ne viri vis ut coëamus? Eamus.
Quid faciam in curvâ, vis, tibi valle? Vale.

Scribebat
Joſephus Caietanus.

EXCELLENTISSIMI D.D. NUNII ALVARES PEREIRA de Mello Ducis do Cadaval Tumuli

INSCRIPTIO.

Abſoluta tandem vitæ meta
Ad Querciam coronam ſe extollens Dux Præclariſſimus
Hic jacet, Viator.

Siſte

Siſte parumper ,
Sidera conſidera totius Luſitaniæ
Uno ſub ſole , communi omnium caligine , extincta.
Qui
Ad incolumitatem Patriæ natus Fulmen ,
Ut pote Exhalatio è ſolo cælo fuit ereptus.
Quem
Numinis Luſitani ſolium virtutibus ſuſtinentem ,
Invida Fata intra flebilia murmura marmorea monumenta præpa-
Sed quanquam invida Ei ſubjacent irriſa ; (rarunt.
Suam enim fortitudinem ſub incredibili viro delent , & dolent.
E foraminibus Petræ adhuc animoſos ictus , victoriæ actus
Strenuè fulgurat ſua Dextera inconcuſſa ;
Quæ minimè exanimata omnes allicit , & elicit.
Ecce accedunt omnes.
Senatores clariſſimi , & ſuperilluſtres Dictatores
Tantum Licæi Palatini Præſidem concelebrant.
Conſcripti Patres , atque Conſulares
Inclytum ſupremi Concilii Moderatorem venerantur.
Provinciarum Adminiſtratores , ac Tribuni celerum
Maximum Militiæ Protoducem adorant.
Quid glorioſius ?
A Præfectis Urbium , & Magiſtratibus Militum
Accipit vota ,
A Prætoribus , & Quæſtoribus
Cingula ,
Ab Apparitoribus , & Exactoribus
Falces.
Proinde
Sacrarum largitionum , rerum privatarum Conſiſtoriani Comites,
Sacri Cubiculi Præpoſiti ,
Sacrorumque ſcriniorum Regi Proximi ,
Corda in ſuſpiriis effundentes ,
Pretioſioris thuris incendia Mauſoleo vovent.
Quid miraris ?
Inſignia in illo collocata ?
Marti Enſem , Aſtreæ Stateram ,
Mercurio Caduceum , Jovi Fulgura ,
Neptuno Tridentem , Jaſoni Vellocinum ,
Minervæ Olivam , Apollini Laurum

Meritò

Meritò consecravit Pietas Lusitana.
Omnibus enim omnia factus fuit Dux Egregius.
Perlustra denique totum funerale saxum
Si lacrymis lumina tua non caligant.
Quid plus?
Sceptrum Argos tanto Vigili restituere vides?
Certè quod injuriam inferret, si Ei non adicaret.
Cui intima Invicti Regis præcordia accuraté collustranti,
De Jure debebatur hoc Insigne Regale.
Et veré vigilantiæ Numini vigilantiâ antecelluit,
Quid inde?
Clypea ærea aureis coronis occupata?
Non mirum;
Si Lusitaniæ Propugnaculum, suo Augustissimo Antistiti,
Sibi Gloriæ Laureolam, coronam impavidè sustentavit.
Deinde quid?
Vexilla?
Incomparabilis utroque Cæsaris Labara vociferant.
Et cujus Memoriæ Templo Trophæa etulerat
Pheretro Memoria gratissima restituit.
Oh quanta
Suum Christianissimum Antesignanum signa incorruptæ Fidei
Per æthera evolant acclamantia!
Quanquam in cinerem redactus, in sui obsequium ardentius ea in-(flat.
Quare luge, Viator,
Curvatam Justitiæ Virgam,
Abiectum Fortitudinis Fustim,
Effractam spei Anchoram,
Diruptum Charitatis Indumentum.
Jis enim, & aliis quam plurimis dotibus ad Gloriam Patriæ,
Eum omnibus muneris absolutum Gratiæ efformarunt.
Ut
Quæ suorum Triumphis in Heroe Clarissimo optari solent,
Suo pectore magnopere potuit cumulare.
Supereminebat omnes, nunc supereminet,
Quippe, altiora petens,
Æternitatis sacra Capitolia Triumphator Eximius ascendit.
Oh quanti
In solitudinis vulnere punctim inflicto ingemiscunt!
Et forsitan tanti doloris remedio aliquod conditum fuit?

 Plura,

Plura, omnia.
Quanquam enim in nebulis omnium
Omnium ſplendorem eripuit cælum.
In ejus Factis incorruptæ Typi Sphæræ afflixis
Excelſæ magnitudinis ſtellas, omnium noſtrũ lumina indeficientia,
Manentes in ordine ſuo, aganactesi interrupta, dolore compreſſo
Officioſa Manus peculiariter affiguravit.
Hæ ſunt,
Quæ Heroem, in Perfectionis acumine, laureolis inſigniri avidum
Pié ductant, ditant, & dictant.
Et verùm Felix, imò Beatior
Illas completé, ſi valuiſſet, in ſequendo
Univerſali plauſu Quicunque redderetur.
Quis ergo inficiabitur
Reddendum Immortalem, tametſi excidioſum Ducem,
Tantam in ſuis Factis Luſitaniæ inaugurantem Pacem?
Nova fuit reſpirii adinventio
Nõ abſcõditur, ſed ad omnium venerationẽ in Tumulo aſſervatur
Et ſi veré jacet
Suarum poſtremarum Virtutum ſcaturigines
Æſtuantes Fatorum impetus de ſaxo exeunt frænaturæ.
Eas perlege, Viator; & erunt
In hujus Monumenti Inſcriptiones marmoribus æterniores
Et in tui devicti animi argumenta æribus perennia.

Doctor Joannes de Souſa Carîa.

INSCRIPÇAM SEPULCHRAL AO TUMULO DO DUQUE.

O Duque naõ morreu: Com melhor vida
Paſſou a triunfar na eterna Gloria;
Que abdicando a do Mundo tranzitoria,
Jà tratava com Deos eſta partida.
Nem o tranze temeu da deſpedida,
Que intrepido a arroſtava na memoria:
E para illuſtre enſayo da victoria
Primeiro a Heroicidade quiz vencida.
Batalhando comſigo, aqui procura,
Alcides de ſi meſmo, e Anthéo guerreyro,
Reveſtirſe em valor na terra dura.

Onde

Onde em fé do conflicto derradeiro
    Hè ſeu mayor Trofeo a ſepultura,
    Hè o ſeu Nome o ſeu mayor Letreiro.

O Beneficiado Franciſco Leytaõ Ferreira.

SONETO.

NEſte marmore a aſſombros conſagrado
    Da Prudencia, Valor, e alta Piedade
    Se enterra aquelle Heroe, que em toda a idade
    Ha de ſer fatalmente idolatrado.
Qual o primeiro Nuno, deſtinado
    A ſuſtentar do Luzo a Mageſtade
    Ao valor, que lhe herdou na qualidade
    O Cetro Portuguez ſe vè coroado.
Rayo foy das Campanhas, defendendo
    A Patria, heroicamente bellicozo,
    A quinta Esfera em ſombras convertendo:
De Mercurio triunfou ſempre glorioſo,
    Para ficar na Paz, na Guerra, ſendo
    Sem primeiro, a igualallo em ſer famozo.

Ignacio de Carvalho e Souza.

EN LA MUERTE DEL EXCELENTISSIMO Señor Don Nuño Alvares Pereira de Melo,

SONETO.

MOriſte, Hèroe famoſo? No moriſte;
    Oy por lo eterno lo mortal trocaſte,
    Porque la fama, que inmortal dexaſte,
    De nueva vida lo caduco viſte.
Aquel efecto pavoroſo, y triſte,
    Que hizo en tu ſer la Parca, no tocaſte
    Màs que en la parte que deſanimaſte,
    Y no en aquella, que en tu acuerdo exiſte.
En la guerra, y la paz fuiſte igualmente
    Tan hijo de Mavorte, y de Minerva,

 Que

Que eres honra a la Patria, al Mundo embidia.
Tu Regia ſangre a tu valor prudente
Nuevo eſplendor añade, ſi ſe obſerva
Tu juizio, y brazo, que aconſeja, y lidia.

Joſeph Suares de Sylva:

A' MORTE DO EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, &c.

GLOSA.

Da Oitava 32. do Canto 8. da Luſiada do Principe dos Poetas Luiz de Camões.

SE quem com tanto esforço em Deos ſe atreve
Ouvir quizeres como ſe nomea,
Portuguez Scipiaõ chamar-ſe deve,
Màs mais de Dom Nuno Alvares ſe arrea:
Ditoſa Patria, que tal filho teve!
Mas antes Pay, que em quanto o Sol rodea
Eſte globo de Ceres, e Neptuno
Sempre ſuſpirarà por tal aluno.

GLOSA.

NO monumento deſſa pedra dura
Hum Heroe jaz desfeito em cinza fria:
Màs que triunfo ò morte, te aſſegura,
Se eſtà vencendo a tua tyrannia?
Eſſe Epitafio he tua ſepultura,
Nelle veràs quem vence, ou quem vencia,
Se quem ſó do teu golpe o temor teve,
Se quem com tanto esforço em Deos ſe atreve?

Ver podes neſſe marmore eſculpido,
Ainda que es cega, o nome ſublimado
Deſſe Heroe, que julgas eſquecido,
Renaſcendo das cinzas mais lembrado:

Ainda

Ainda que es ſurda, podes repetido
Seu nome ouvir cem vezes no alto brado
Da Fama, ſe tambem por voz alhea
Ouvir quizeres como ſe nomea.

E ſe da Fama os brados eſcutando
Imaginas que ſaõ cinzas Romanas
As que eſtàs neſſe marmore encerrando
De algum rayo das guerras Africanas:
Melhor neſſe epitafio reparando,
Naõ o duvides, ainda que te enganas,
Porque o Heroe, que eſconde eſſa Urna breve,
Portuguez Scipiaõ chamarſe deve.

Foy Scipiaõ, e hum rayo foy da guerra,
Que acendeu Marte em bellicoſa chamma,
Com cuja força armada a Luſa terra
Desfaz o jugo, e a liberdade acclama:
Foy Scipiaõ, e ainda que naõ erra
Quando aſſim o apregôa a voz da Fama,
Com taõ grã nome naõ ſe liſongea,
Màs mais de Dom Nuno Alvares ſe arrea.

Do grande Nuno, o Portuguez guerreiro,
Tronco do Regio, Brigantino Eſtado,
Eſte do Cadaval Duque primeiro,
Com o ſangue teve o nome derivado:
Por iſſo a Luſa Patria verdadeiro
Pay neſte filho teve ſuſpirado:
Oh quanta gloria Portugal lhe deve!
Ditoſa Patria, que tal filho teve.

Ditozo Portugal, que aſſinalado
Na Fè, na Religiaõ, e na Ouſadia
Eſtende ſeu Imperio reſpeitado
De donde morre a donde naſce o dia:
Màs ainda que iguala dilatado
Com o gyro do Sol a Monarchia,
Mayor gloria em tal filho ſe grangèa,
(*Mais antes Pay*) *que em quanto o Sol rodea.*

Màs ay, que esta memoria à Patria amante
Mais lhe dobra a saudade, a màgoa aumenta,
Que assim quer ser igual, ou semelhante
A' gloria antigua a dor, que hoje a atormenta:
Por isso em mar de pranto naufragante
Inundar, e augmentar saudosa intenta,
(Chorando a falta desse amado Nuno)
Este Globo de Ceres, e Neptuno.

O patrio amor, que o tumulo venera
Deste Heroe, com os olhos nunca enxutos,
Quando em lagrimas nobres persevera
Honras lhe faz de liquidos tributos:
E em quanto o Sol alumiar a Esfera,
Em quanto a terra encher Ceres de frutos,
E em quanto o Mar for campo de Vertuno,
Sempre suspirarà por tal alumno.

D. M. d. T. d. S. C. R.

A' MORTE DO EXCELLENTISSIMO DUQUE DO Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello.

ROMANCE ENDICASYLLABO.

JA' despojo he fatal de Libitina
Por decreto de Jove, o grande Nuno
Venceu a morte (oh Lysia!) o fero Alcides
Da fria maõ trofeos saõ seus triunfos.
Sacrilego furor! Naõ respeitaste
Esse brilhante ardor do Marte Luso?
Que izenções contra ti espera o humano,
Quando o heroico tambem paga tributo?
Oh como prostras os mais altos Cedros
Violento rayo de vapor escuro!
Sem que possa deterte a fortaleza,
Em que examinas o feroz impulso.
Conjurou-se comtigo o duro Marte
Naõ sofreu envejozo o ver segundo,

Que

Que vinculando ao nome Nume eterno
Mais que Nuno era Nume para os cultos.
Quantas vezes temeu na ſua esfera
Que embraçando num braço o forte eſcudo,
E brandindo com outro a dura lança
Lhe roubaſſe da maõ o Sceptro Auguſto?
Do Sol peitada foſte (cruel morte !)
A quem tanto eſplendor cauſava ſuſto;
Quando fria gelaſte o illuſtre Sangue,
Que a tanta Coroa eſmaltes deu purpureos.
Chegou ao Occaſo o Sol, cubrioſe a Esfera
Por extremos da dor de triſtes lutos,
E os Aſtros em diluvios convertidos
Foraõ do morto Sol fatal ſepulchro.
Se funeſto, infallivel, temerozo,
De diſſolverſe a maquina do Mundo
Serà ſinal hum Sol eſcurecido,
De que ſerà ſinal hum Sol defunto?
Turvou a grande màgoa os claros rios,
Secou-ſe a terra, abrolhos deu por frutos,
Quebrou-ſe o duro marmore, que pode
Dar alma a pena ao marmore mais duro.
Tudo ſentio a dor da eterna auſencia,
Parando os ays, quebrando-ſe os ſoluços
Neſſe alto Mauſoleo, ſem que profanem
O ſagrado ſilencio ſempre mudo.
Porèm a Fama, que exaltava a gloria
Do que immortal julgou, e vè caduco,
Penetrando o mais intimo da pyra,
Quiz morrendo deixar o caſo occulto.
Mas de empenho mais alto eſtimulada
Render naõ quiz à Parca mais triunfos;
Porque poſſa izentar ſua memoria
Da maõ armada do voràz Saturno.
E là do eterno Templo, onde o colloca,
Animando o clarim, publíca ao Mundo
A hiſtoria, que em brilhante, e culto eſtylo
Gravou de eſtrellas no Zafir mais puro.
Canta do Heroe ſublime as acções grandes
A prudencia, o valor, o largo eſtudo,

Se

Se a piedade celebra, ſe o conſelho,
Deixa eſquecido os Titos, e os Mercurios.
Mas por mais que fatigue a Fama os eccos,
Naõ póde o numerozo ſom com tudo
Nem deixar ſuas obras decantadas,
Nem deixar noſſos olhos nunca enxutos.

Antonio Sanches de Noronha.

FAMA POSTHUMA DO EXCELLENTISSIMO DUQUE de Cadaval o Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello.

ROMANCE HEROYCO.

QUantos a voz exprime ſentimentos,
Saõ para o Duque excelſo encomios curtos;
Pois [illegible] ſómente a ſaudade de ſeu Nome
He mayor, que os exceſſos do diſcurſo.
Por mais, que artificiozos os conceitos
Enchaõ papel, que a fama eſpalhe ao Mundo,
Tudo he pouco louvor a Heroe taõ grande,
Pois ſeu merecimento he mais que tudo.
Elle he ſó de ſi meſmo o mais ſublime
Adequado louvor, igual ao aſſumpto
Digno exemplar, modèlo, copia, e eſpelho
De Principes prezentes, e futuros.
Imitou, e excedeu a ſeus Mayores
Quanto cabe no heroyco, e chega ao ſummo,
Sendo racional livro a ſua vida
Do militar, politico, e do juſto.
Nada ſe vio pueril na ſua infancia,
Venceu na adoleſcencia aquelles luſtros
Taõ criticos nas Cortes, e nos Grandes,
Que ſem querer declinaõ em deſcuidos.
Naõ pagou cenſo à incauta mocidade;
Entre as delicias foy Varaõ robuſto,
Que herdou do Condeſtavel do ſeu Nome
Sangue, Valor, Piedade, Armas, e Eſcudos.
Logo na Primavera de ſeus annos
Foy Mave Portuguez no campo Luſo,

Emulo

Emulo de Pompeo, e Marco-Antonio,
Alexandre em valor, em vencer Julio.
No proprio ſangue rubricando o Nome
Taõ reſpeitado foy ſeu forte pulſo,
Que rompendo eſquadrões, vibrando golpes,
Se achava entre os contrarios mais ſeguro.
Eſte esforço magnanimo, eſte invicto
Arrojo militar he o teſtimunho,
Que ainda vive no eſpirito de quantos
Se animaõ com ſeus bellicos influxos.
Depois, Iris da Paz, e Pay da Patria
Foy venerado Oraculo profundo,
Que ao lado das Auguſtas Mageſtades
Influhio ſabias leys, melhor Lycurgo,
Dotou-o o Ceo de taõ affavel genio,
Que à ſuave attracçaõ, à o brando impulſo
Se eſquèciaõ de ſi os alvedrios
A hum leve aceno de ſeus ſabios rumos.
Daqui veyo o ſympathico reſpeito
De naturaes, e eſtranhos, Corte, e Vulgo,
Pois ſem força levava apoz ſi todos,
Embaraçando eſcrupulos de culto.
Magnànimo a fortuna lhe vio ſempre
Mageſtozo o Semblante, alegre o Vulto;
Porque era o Duque outro elevado Olympo,
Onde naõ chegaõ nuvens, nem diſturbios.
Para formallo à viſta mageſtoſo
Foy tal da Natureza o empenho em tudo,
Que atè o fez de eſtatura agigantada,
Para ſer de ſi meſmo throno auguſto.
Na embaixada mayor, que vio Saboya,
Seu Coraçaõ com celeſtial concurſo
Preſago das venturas, que logramos,
Moſtrou naſcera em dia de Mercurio.
Porque ao ſuave enleyo da eloquencia,
Que acompanhava Regio immenſo cuſto,
Voltando mais airozo do que fora,
Sem Victor deu ao Reyno o mayor triunfo.
Ah quem diſſera entaõ: mas quem podia
Os ſegredos ſondar entaõ occultos,

Que

Que guardava a Divina Providencia
Para agora assombrar a todo o Mundo!
Cuidavaõ que chorava triste o Tejo,
Quebrando nos rochedos seu murmurèo,
E elle muito melhor do que era de antes
Alegre ria em placidos sussurros.
Foy o Tejo o primeiro pregoeiro
Do Duque, quando o vio nas prayas surto,
Lembrado de anteriores Vaticinios,
Que as historias nos contaõ sem rebuço.
Nereu, e Doris, e as Nereidas dèraõ
Os parabens a Tethis, e a Neptuno
De taõ f[illegible] arribo à nossa Barra,
De que algu[illegible] Anjo foy o Palinuro.
Chegou em fim o Duque esclarecido,
E deixando suspenso entre confuso
Todo o Conselho humano, teve os votos
Do Ceo, que só sabîa dos futuros.
Do Ceo, que rezervou só para o Duque
A harmonia fatal de seus rotundos
Orbes, que em fios de ouro vaõ dobando
Condicionaes Decretos, e absolutos.
Do Ceo, que jà de molde o tinha feito
Das virtudes epilogo, e resumo
De soberanas immortaes idèas
Capazes do governo de mil Mundos.
Por tal sempre presado, e venerado
Das Magestades foy com tanto estudo,
Que Atlante o Rey do Lusitano Imperio,
Como Hercules o teve por adjunto.
Quatro Monarcas nossos successivos
No espaço quasi de dezoito lustros,
Augmentàraõ a gloria em ser do Duque
Hum Padrinho, dous Socios, e outro alumno.
Parece incrivel que durasse tanto
Hum Valido, e he milagre sem segundo;
Mas quando o mesmo sangue se tempèra,
Alenta mais, e nunca altèra o pulso.
C[illegible]mo do Regio soberano tronco
Derivava os espiritos mais puros,

Tudo

Tudo era heroyco quanto o Duque obrava,
Pondo em ſer bemfeitor o mayor lucro.
Do Tribunal da Fè, de toda a Igreja,
Foy defenſor acerrimo, e incorrupto:
Dos Grandes o mayor, e o mais perfeito;
De todos Pay commum, piedozo, e juſto.
Verdades puras falo, que por grandes
Pareceriaõ fabulas a muitos;
Mas tudo o que he maxima grandeza
He ſó proprio da esfera de Dom Nuno.
Seu memoravel Nome nas idades
De eterno terà ſempre por tributo
Lagrimas ſaudoſas, que lhe reguem
As adoradas cinzas do ſepulchro.

Pedro Vaz Rego.

EGLOGA.

NA MORTE DO EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM Nuno Alvares Pereira de Mello, Primeiro Duque do Cadaval.

Interlocutores.

Sylvio. *Sileno.*

Sylv. ORa venhas com bem Sileno amigo,
Que me tiras do ſuſto com que eſtava
De teres jà voltado ao teu jazigo.

Silen. Sem razaõ teu diſcurſo o imaginava;
Que eu nunca ſer podia taõ groſſeiro
Que foſſe, ſem dizer que me auſentava.

Sylv. Porèm tu tens andado taõ ronceiro
Em vires à cabana, que podia
Sahirme o meu juizo verdadeiro.

Silen. Tu naõ vès a terrivel demaſia
Com que o tempo ſe porta, miſturando
Com a treva de noite a luz do dia?
Naõ vés o Mar ao longe eſtar roncando,
E o Ceo desfeito em chuva, o Ar em vento,

Que

Que vaõ troncos, e penhas arrancando?
A' vista deste horrivel movimento
Quem poderà sahir do seu aprisco,
Se inda nelle se assusta o pensamento?

Sylv. Certo que està o tempo taõ arisco,
Que parece que o Ceo tomou a empreza
De pòr o Mundo todo em grande risco.

Silen. Mas a tua experiencia, que se prèsa
De vér o mal, e o bem, que conjectura
Faz desta confusaõ da Natureza?

Sylv. Eu te digo, Sileno, que a figura,
Que pòde levantar o meu juizo,
Hè só digna de pranto, e de amargura.
Naõ sey que dentro n'alma profetizo,
Que quando deito os olhos ao presagio,
Me estremeço, confundo, e atemorizo.
Bem te lembra o miserrimo naufragio,
Que ha pouco nesta praya vio o Tejo,
Pois he digno de andar sempre em adagio;
Bem te lembras que desde aquelle ensejo
Andaõ por toda a costa os Maçaricos
Gemendo com solicito desejo;
Teràs visto tambem que os campos ricos
De boninas agora se guarnecem
De huns abrolhos crueis, e agudos bicos.
Os gados sem as relvas emmagrecem,
E atè os pescadores do alto pego
De botar os Chinchorros jà se esquecem:
As Garças em mortal desassocego
Andaõ grasnando em cima dos telhados,
E os Corvos vaõ seguindo o mesmo emprego.
Porèm aonde tem os duros Fados
Dado mayor indicio da ruina,
Hè na frondosa luz dos verdes prados.
No meyo dessa placida campina
Ao Ceo se levantava huma *Pereira*,
Cingida de huma serpe crystallina;
Porèm hum ar corrupto de maneira
A deixou, que o pavor das outras plantas
O que era tronco imaginou caveira.

Silen.

Silen. Com razaõ, Sylvio amado, te quebrantas;
Porque eſſas ſaõ as vozes, com que gritaõ
Dos deſaſtres as funebres gargantas.

Sylv. Tem ora maõ: Naõ ouves, que ſe imitaõ
Eſtes urros do Mar em outra parte,
E pouco a pouco em eccos reſſuſcitaõ?

Silen. Deixa ver ſe os percebo: Mal que ſarte,
Se naõ he ſom funeſto o que de novo
Por eſta longa area ſe reparte.

Sylv. Por certo que o que dizes naõ reprovo;
E eſtou taõ aſſuſtado, que de medo
Naõ acho o tino, nem as plantas movo.

Silen. Pois eſcuſa de porte agora quedo.
Paſſemos adiante, que o ſonido
Jà ſe hà de ouvir melhor neſſe arvoredo.
Ay amigo Paſtor! Se o meu ouvido
Naõ me engana, de bronze fatigado
He aquelle eſtrondo enrouquecido.

Silen. Tu atinas melhor; ſe bem que o bràdo
Do funeſto metal, com mais vehemencia
Se tem por eſtes campos eſpalhado.

Sylv. O' como com terrifica eloquencia
Deixa impreſſo o pavor dentro no peito,
Triſte o ſentido, afflicta a intelligencia!

Silen. Algum Paſtor de eſplendido reſpeito
Deixaria por ordem do deſtino
O eſtatuto da Parca ſatisfeito.

Sylv. Naõ pòde ſer, Paſtor; que o bronze fino,
Por taõ diverſas partes eloquente,
Denota Mayoral mais peregrino.

Silen. Naõ vès a burburinha, com que a gente
A huma, e outra parte anda vagando
Aſſuſtada, choroſa, e deſcontente?

Sylv. Pois que mayor ſinal pòde eſtar dando
De algum ſucceſſo infauſto a ſorte eſcura,
Que eſſe triſte rumor, que eſtàs notando?

Silen. Vamos là ter depreſſa, em quanto dura
Taõ grande confuſaõ, e eſcuſaremos
De eſtar affadigando a conjectura.

Sylv. Naõ ſeja ora eſte mal, que agora vemos,

Deſempenho dos funebres auſpicios,
Que là naquella praya diſcorremos.
Silen. Oh como dizes bem! que os frontiſpicios,
Com que vem taõ medonha novidade,
Daõ huns claros ſinaes deſſes indicios.
Sylv. Em parte eſtamos jà, onde a verdade
Podemos alcançar, ſem a fadiga
De andar alumiando a eſcuridade.
Silen. Em parte, aonde o eſpirito ſe obriga
A mayor confuſaõ, mayor eſpanto.
Sylv. Paſmado eſtou, Sileno, e que te diga
Naõ ſey de outro funeſto, e rouco canto,
Que pelos membros todos ſe apoſenta,
Cobrindo o coraçaõ de hum negro manto.
Silen. Baſtardo ſom, horriſona tormenta
Deſpede outro metal, e hum rudo couro
Outro eſtondo mais feyo reprezenta.
Sylv. Que quererà dizer taõ triſte agouro,
E huma voz, que em canoro labyrintho
Principia gemido, e acaba eſtouro?
Silen. Deita tu ora a viſta, que eu preſinto
Vir ao longe hum concurſo diſcorrendo,
Rebuçado em horor, em ſombra tinto.
Sylv. E a luz, que cerca o apparato horrendo,
Naõ ſó arde funeſta, mas preſumo
Que a cera eſtà em pranto convertendo.
Silen. E o vapor ſubtiliſſimo o mais ſummo
Rodeando da machina, imagina
Abafalla em pyramides de fumo.
Sylv. Jà apparece a luctifica ſurdina,
E os vultos enlutados dos tambores:
Triſte pregaõ da infauſta Lybitina.
Bandeiras, eſtandartes, vencedores
Barrendo o duro chaõ, do proprio Marte
Deſanimaõ os bellicos ardores.
Cahida a artelharia n'outra parte,
Que abalou a Campanha tantas vezes,
A muralha, o recinto, o baluarte.
Deſcingidas as armas, e os arnezes,
Morto o brio aos colericos cavallos,

E cobertos de funebres jaèzes.
Cheyos de pranto os miſeros Vaſſallos;
E os Soldados na laſtima embebidos,
Movendo o curſo em mudos intervallos.

Silen. Naõ appliques os olhos, e os ouvidos
Jà tanto a eſſa pompa, que outro objecto
Se eſtà vendo mais digno dos ſentidos.
Olha cà do ataude o eſcuro aſpecto
Preſumindo encobrir com negro fauſto
Ruinas de hum mortifero decreto.

Sylv. Oh aſtucia da Parca! Poem exhauſto
O merito do premio, e entaõ pertende
Dourar o eſtrago com adorno infauſto.
Mas ay caro Paſtor! Que aqui ſe rende
De todo o coraçaõ à crua magoa,
Quando o branco do golpe comprehende.
A alma ardendo na anſioſa fragoa
Deixa cheyo na auguſtia, que diſtilla,
O eſpirito de horror, os olhos de agoa.
Que mais fizera a morte, ſe anniquilla
Mayor Varaõ, que aquelle, que ha plantado
No Calpe huma columna, outra em Abylla?
Extincto fica jà o Principado
Do valor, da policia, da virtude;
E de hum animo pio, e ſublimado.
Mavorte, Apollo, Jupiter ſaude
O throno ſepulchral, que o Magiſterio
Da heroicidade encerra eſſe ataude.
Em ſoluços ſe affogue o Luſo Imperio,
Notando ſem alento a voz facunda,
Que animou as diſtancias do Hemisferio.
Eterna magoa, laſtima profunda
Lhe conſagre o dominio Luſitano,
Pondo a ſua lembrança vagabunda.
E vote cultos ſempre em cada hum anno
A eſſe rayo, cujo aço ardente
Se eſtendeo nas bigornas de Vulcano.
E para ſer o voto permanente,
Das ſagradas paredes da memoria
Fique por todo o ſeculo pendente.

A Chlamyde fatal, onde a vitoria
Unida ſempre andou, tambem conſiga
A meſma acclamaçaõ, a meſma gloria.
Com a placida toga, onde ſe abriga
Toda a razaõ de eſtado, e de governo,
A meſma ceremonia ſe proſiga.
A' porta do edificio ſempiterno
Aſſiſta a Paz, e a Guerra competindo
Em perenne clamor, em pranto eterno.

Silen. Porque eſtàs tantas vozes repetindo;
Sem dizerme primeiro a Perſonagem
Taõ digna deſſes ays, que eſtou ouvindo?

Sylv. Bem moſtras ſer Paſtor de outra paragem,
Que a naõ ſeres dos campos do Mondego,
Conheceras o vulto pela imagem.
Eſſe inſigne Varaõ, que no ſocego
Deſſa Urna caminha à eternidade,
Foy dos olhos da Europa o alto emprego.
Dynaſta da mais ampla authoridade,
Que teve Portugal, e conhecido
Por parente da Elyſia Mageſtade.
Foy o Duque primeirò, que o eſtampido
Da noſſa liberdade deu ao Mundo
Depois do jugo Hiſpano ſacudido.
Contra o valente Ibero o ſem ſegundo
Luzente eſtoque arranca, ſendo o alvo
Da colera de Marte furibundo.
O eſquadraõ Luſitano pondo em ſalvo,
Rega o campo com fontes ſanguinoſas,
E tanto em Badajoz, como em Serralvo.
Sem que a cauſa, que às terras bellicoſas
O tinha entaõ lançado, o detiveſſe
No impulſo das façanhas glorioſas.
E porque eternamente mereceſſe
Os applauſos da Patria, quiz a ſorte
Que eternamente o golpe lhe doeſſe.
Porèm de Badajoz chamado à Corte,
Com luſtros quatro ao throno do Conſelho
Pode ſervir de luſtre, e mais de norte.
Em annos juvenis talento velho

Planta

Planta a ſacra oliveira na Campanha,
Nella pendura o bellico aparelho.
   Enferrujou-ſe a horrifica gadanha
De Lacheſis cruel, e a Monarchia
Reſpirou na Cidade, e na montanha.
   E aquella meſma ardente Companhia,
Que Soldado o admirou, depois ſupremo
O vio da militar Cavallaria.
   Logo gemendo o mar ao duro remo,
Tirou das mãos o garfo ao Deos marinho,
Paſmando o Rhodope, aſſombrando o Hemo.
   Volante ſelva de breado pinho
Fatigou as eſpadoas de Neptuno,
De Eòlo os hombros tremolante linho.
   E do Salobre eſtimulo importuno
Sogeitando a aſpereza, de reſpeito
Enche o emporio mais grato de Vertuno.
   Volte embora eſſa Armada ſem effeito,
Mas nunca ha de negar a propria inveja
Que o merito naõ fica ſatisfeito.
   Nem menos negarà que ſempre eſteja
A gloria de hum Varaõ taõ luminoſo
Contra o Lethes em valida peleja.
   Empunhando o eſtoque mageſtoſo,
Duas vezes moſtrou no excelſo officio
Da Monarchia o eſtado vitorioſo.
   O mais illuſtre, e eſplendido exercicio
Em tres Reynados teve, e ao meſmo paſſo
Dava de ſeu talento hum claro indicio.
   Imitando hum, e outro agudo Craſſo,
Parecia jà n'hum, jà n'outro throno
Outro Apollo nos cumes do Parnaſſo.
   O bello Seminario, o Coro nono
Só pòde ſer applauſo ſufficiente
De tanto reſplandor, de tanto abono.
   E inda mais quando foy Lugartenente
Da Peſſoa Real, a cujo brio
Marte ajoelhava humilde, e reverente.
   Mas aonde o pompoſo deſvario
Com tanto circunloquio me arrebata,

 E do

E do ſeu grande nome me deſvio?
  Eſte pois, que entre laminas de prata,
Com letras de ouro em folhas de diamante
Toda a antiga memoria desbarata.
  Eſte, que com as forças de hum Atlante
Suſtentou outra machina celeſte
Com mãos de Alcides, e hombros de Gigante;
  Eſte que na Campanha mais agreſte,
Na mais doce tribuna deu hum grito,
Que ouvio o Norte, e retumbou no Leſte.
  Eſte, que eternamente no deſtrito
Da Fama vivirà, e as ſaudades
Conſtruiràõ a ſeu vulto eterno rito:
  Eſte, que ha de medir poſteridades,
Alentando-lhe a eſplendida carreira
O impulſo de taõ raras calidades;
  Mas melhor o direy deſta maneira:
Eſte he o Duque, em fim, Marquez, e Conde,
E o Graõ DOM NUNO ALVARES PEREIRA.

Silen. Por certo mal à gloria correſponde
De tanto Heroe o eſtranho ſentimento,
Que ainda dentro n'alma ſe te eſconde.
  A taõ grande Varaõ, a tal portento
Regar naõ deve o pranto a ſepultura,
Sim de luzes banharſe o monumento.
  Os liquidos effeitos da ternura
Naõ ſaõ dignos daquelles, que tem roto
A torpe jurdiçaõ da morte eſcura.
  Em canoro, rotundo terremoto
Seu nome vivirà na voz da Fama
Deſde o clima viſinho ao mais remoto.
  E no aſſopro, que o pifaro derrama,
Tanto alento hade dar à luz ſubida,
Que inextinguivel fique a ſua chamma.
  Deve eſtar a virtude agradecida
Do ſepulchro ao horror; que elle premea
Melhor que o reſplandor da propria vida.
  Que mais deſaffogada mede Aſtrea
Os premios no ſilencio da mortalha,
Que no eſtrondo, que o alento liſongea.

Do

Do louvor a magnifica medalha
Sò a morte colloca, onde naõ grita
Da emulaçaõ a horrifica batalha.
Pois ſe em azas do applauſo reſuſcita
Sua gloria, ſuffoquem-ſe as miſerias
Do lamento no ſom que a Fama incita.
O Epitafio ſe mude em Cariſterias,
E emfim corra huma luz taõ ſoberana
Ambas as Indias, ambas as Iberias.
Sylv. Sileno, a tua voz he mais que humana;
Pois foy à minha anguſtia tal mezinha,
Que conſolado vou para a cabana;
Silen. Pois eu tambem me aparto para a minha.

Franciſco de Pina de Mello.

RETRATO PATHETICO

NA MORTE DO EXCELLENTISSIMO SENHOR DOM Nuno Alvares Pereira de Mello, Primeiro Duque do Cadaval, Quarto Marquez de Ferreira, e Sexto Conde de Tentugal.

EMpunhou a Parca o affiado, e rigoroſo inſtrumento para romper aquella eſplendida contextura, que havia cuſtado hum ſeculo à ſua engenhoſa fadiga. Bateo finalmente a tiſoura, e retumbaraõ os eccos do golpe em todas as quatro partes do Mundo, a cujo ſom fielmente reſponderaõ as lagrimas, os ſuſpiros, as ſaudades.

Naõ ſerà pois improprio ajudar eſte circular eſtrondo, eſta univerſal ternura com eſte funebre grito.

O mayor homem, que tem venerado por todas as idades as Aulas de Minerva, e as Campanhas de Marte, acabou de diſſolver com o tributo da morte o eſcrupulo, q̃ tinha formado a admiraçaõ da ſua humanidade. Pelo bràdo da ſua geral acclamaçaõ pòde medirſe a corpulencia da ſua eſtatura, ainda melhor q̃ pelo dedo, com que o outro deu a conhecer a machina do gigante.

Morreo o Varaõ mais robuſto, que Hercules, depois de haver ſuſtentado em ſeus hombros toda a fabrica da Monarchia Portugueza. Morreo o Heroe mais magnanimo, que Jupiter, depois de ter fulminado riquezas, em vez de rayos. Morreo o Athleta mais vitorioſo, que Mavorte, depois de libertar a Patria

com o impulſo do ſeu braço. Morreo o Nuncio mais facundo, que Mercurio, depois de regar com os rios da ſua eloquencia as pacificas raizes da Oliveira. Morreo o prototypo das virtudes, o exemplar da heroicidade, o modello das façanhas; acabemos de dizello: O primeiro Duque do Cadaval, o quarto Marquez de Ferreira, e o ſexto Conde de Tentugal; o Supremo da Cavallaria, o Conſelheiro de Eſtado, o Mordomo môr de tres Rainhas, o Preſidente do Paço, e do Ultramar, o Meſtre de Campo General junto à Peſſoa, o Condeſtavel de Portugal; em fim o grande, o inſigne, o famoſo Dom Nuno Alvares Pereira de Mello.

Jà tem deſatado a lingua o do que andava fugindo a Rhetorica, temeroſa de ficar com o rompimento do ſeu nome mais requintada a ſaudade. Vejamos agora quem foy eſte prodigioſo Varaõ, porque pòde acontecer, que deſte Retrato funebre ſaya huma imagem, mais digna de gloria, que de ſentimento.

Aos 1638. annos da reparaçaõ humana, e aos 4. dias de Novembro naſceo em Evora eſte portentoſo Principe, Cidade igualmente conſagrada às ſuavidades do Pindo, que às aſperezas de Belona. Parece que o naſcimento foy menos acaſo, que eleiçaõ. Quem havia de encher os Areopagos de triunfos, e as Tribunas Conſulares de ſciencias, preciſamente devia ſer embalado no leito de Pallas, e no berço das Muſas. E aſſim com eſta generoſa muſica ſe foy arrebatando aquelle ſublimado, ainda que tenro eſpirito, infundindo-lhe pouco a pouco o magiſterio de huma, e outra profiſſaõ, e uniformando eſſa quaſi infinita diſtancia, que hà entre a doçura das letras, e a terribilidade das armas.

Se hum Achilles, por ſer filho de Thetis, e Peleo, ſe arremeçou para a empreza de Troya, metido entre os coxins affeminados das filhas de Lycomedes, para que empregos ſe lançaria hum Varaõ, naõ ſó com differente nutrimento na ſua puericia, mas animado de todo aquelle eſpirituoſo ſangue, que tem tingido as purpuras de tantas coroadas teſtas de Europa?

Tinha jà quatro luſtros eſte preclariſſimo Mancebo, e apenas ſalpicado o roſto daquella vegetavel tinta, com que debuxa a natureza o caracter da virilidade, quando fitando os olhos nas eſtatuas dos ſeus Mayores, ſe apoderou do ſeu heroico eſpirito aquella meſma ternura, com que Ceſar ficou ſuſpenſo no Templo de Alcides com o Simulacro de Alexandre.

Mas oh que diverſos effeitos de hum, e outro generoſo animo! Das lagrymas de Julio reſultou a tyrannia, com que meteo

debaixo das ſuas plantas a Republica Romana, da magoa do grande Nuno ſahio o ardẽtiſſimo deſejo de ſer libertador da ſua Patria.

Com eſte intento paſſou a Badajoz, e naõ com a aſtucia de Zopyro, entrando pelos muros de Babylonia, porèm abrindo caminho, com a eſpada em punho, pelos ferozes Leoẽs da ſoberba Heſpanha.

Por tres bocas purpureas repetio a Fama eſta memoravel reſoluçaõ. A noticia carregada com a felicidade ſe detinha, mas emplumada com as azas do perigo, tambem voava; chegou em fim velozmente ao throno da Mageſtade Portugueza; e como na ſaude deſte famoſo Antagoniſta ſe eſtribavaõ todas as eſperanças do Reyno, foy neceſſario hum decreto ſoberano para ſofrer, que com a ſua retirada ficaſſe deſaffogado o inimigo.

Aqui he que diffundio o ſeu talento todos os quilates do Magiſterio. Sacrificar a vontade contra o arrebatamento do eſpirito he façanha, aonde ſe acha menos a imitaçaõ, que o louvor.

Nem Joab, prototypo da milicia, pòde ſogeitar o furor militar ao preceito de David, tendo à viſta ſeu inimigo Abſalaõ.

Voltou à Corte, e com o meſmo alento, com que tinha traçado a Chlamyde na Campanha, arraſtou a Toga na Tribuna. Parecia de candidos arminhos no deſintereſſe, e ingenuidade, com que movia todos os orbes do Conſelho; e aſſim a candidez do venerando paludamento recordava a veſtidura dos Patricios Romanos, quando juſtificavaõ com a ſua pureza o merecimento, com que aſpiravaõ aos Magiſtrados.

Quem vio jà mais com vinte annos occupar o throno do governo com tanta ſatisfaçaõ da Monarchia, ſenaõ a eſte imitador daquelle ſublime Varaõ, a quem Roma concedeo o meſmo privilegio, e que por todos os ambitos da terra foy idolatrado o ſeu nome com a antonomaſia de Magno?

Juſto era, que a natureza paſſaſſe àlem dos annos, ſe nos primeiros raſgos da adoleſcencia ſe tinha tambem ao corpo adiantado o eſpirito.

Capacidade de Neſtor em idade de Aſcanio he hum milagre taõ regateado da Providencia, que deſde a origem do Evo ſó o diſpenſou a liberalidade Divina com o ſucceſſor de David, e com eſte Salamaõ de Portugal. Porèm que melhor objecto podia haver para a emulaçaõ, que o cume do merecimento, e o propugnaculo do premio? O meſmo Sabio de Iſrael a fez ſemelhante ao fogo do abyſmo; eu ſe a comparaſſe, havia de ſer ao incendio

dio do rayo. A chamma do Inferno queima no mais profundo ſeyo da terra; a labareda do coriſco abraza a garganta mais elevada da montanha, e iſſo he o que faz o odio, e o ciume; e aſſim ſenaõ pode mudar em cinza aquelle robuſto penhaſco, ſempre o arrancou para taõ deſmedida diſtancia, que nunca a inveja ha de ter acçaõ, em que deixe mais acreditada a ſua violencia.

Themiſtocles arrebatado para fóra de Athenas pelo barbaro impulſo do Oſtraciſmo, entaõ he que ſe imaginava glorioſo, tẽdo-ſe julgado por infeliciſſimo, quãdo a ſua vida no ſepulchro do ſocego ſervia mais de deſprezo, que de competencia aos invejoſos.

O mayor crime, que havia na Republica dos Athenienſes para diſtanciar os ſeus famoſos Cidadãos da doçura dos Penates, era terem dado ao clarim da Fama algum portentoſo aſſumpto para declamar eternamente a ſua memoria. Infamiſſima ley! Que na hypocrita lingua de Cliſthenes ſó podia animar a inveja, rebuçada com o zelo da liberdade.

Mas oh admiravel diſpoſiçaõ dos integerrimos Fados! O meſmo, que aconteceo a Perilo com o invento, experimenta Cliſthenes com o arbitrio.

Voltem os Politicos os olhos de Athenas para a noſſa Luſitania, e cotejando os ſucceſſos, uniformem as ſemelhanças.

Naquella fortiſſima Praça, que ſerve de robuſta chave à noſſa Monarchia, ſe achava eſte novo Ariſtides dando mayor corpo à ingratidaõ da Patria com a modeſtia da ſua obediencia.

Abalaraõ-ſe as Tropas do noſſo Exercito para opprimir o orgulho da emuladora Heſpanha; e a admiraçaõ foy a primeira, que o vio illuſtrar a vanguarda, entrar na peleja, atterrar o inimigo, e ſahir vitorioſo.

Fatiga-ſe o diſcurſo, inquirindo os dilatados Planiſpherios da hiſtoria, para achar hum prototypo, que podeſſe eſtimular taõ eſtupenda façanha, e à primeira viſta do penſamento ſe offerece hum Coriolano, hum Sertorio, hum Catalina, exemplares ſim do valor, e da milicia, porèm deſpicando com eſquadrões vingativos as injurias, com que havia vexado as ſuas prendas a Republica Romana.

Morrer pela Patria foy huma gloria taõ grande entre os antigos, que eſſa obrigou ao famoſo Curcio a encher com a corpulencia do ſeu eſpirito huma profundiſſima rotura, com que tinha rebentado o abyſmo em huma Praça de Roma; eſſa incitou a Horacio, vibrando hum rayo em cada cutilada, a fazer roſto a todo o Exercito

Exercito de Porſena, mas iſſo era gozando os applauſos, os favores, e os vivas da meſma Republica; porèm requeſtar o perigo com a meſma idèa, eſtando gravada a offenſa no mais intimo do coraçaõ, he prodigio, q̃ ſó tinha guardado a heroicidade para hum gigante, que no pelago das ſuas veas havia recebido as enchentes purpureas da Caſa de Bragança.

Naõ podia deixar de cahir a Corte na ſemrazaõ do deſterro, paſmada de ver hum animo taõ puro, que na meſma fragoa, aonde podia forjar a vingança, tinha acryſolado a fineza.

Reſtituhido à ſua devida esféra o meſmo, que deixou a Lisboa magoado, mais pela nota da Patria, que pelo diſcommodo do retiro, entrava por ella agora triunfante, applaudido, e elogiado.

Fique ſepultada a fortuna de Pericles com o meſmo ſucceſſo, e com o meſmo triunfo; e deſengane-ſe a turbulenta invectiva da inveja, que ſerà taõ poſſivel traſtornarem-ſe as Esferas, como eſcurecerem-ſe nos cadernos da equidade as ſatisfaçoẽs do merecimento. Confundaõ muito embora os homens os progreſſos da juſtiça, q̃ ſempre eſtarà por conta da Providencia o vingar a injuria das virtudes com o deſempenho do premio.

Que importa, que tiraſſe a fraudulenta elegancia de Ulyſſes as armas de Achilles aos meritos de Ayaz, ſe em fim lhe veyo a dar hum elemento, o que lhe tinha uſurpado huma hypocriſia?

Poſto o noſſo Heroe no deſcanço dos Lares, começaraõ a florecer as guinaldas, aſſim como o tronco ſe arreigava nos magiſterios. Cingido das diademas Obſidionaes, Muraes, Ovaes, Civicas, e Caſtrenſes, empunhou o baſtaõ da Cavallaria, e laureado de Palma, e de Oliveira paſſou logo a exercitar a Dictadura do Paço, e do Ultramar. Adornou tambem a mageſtoſa fronte com a Coroa de Generaliſſimo de huma, e outra Campanha; e para naõ ficar laureola, em que ſenaõ enlaçaſſe a ondeada madeixa, conſeguio igualmente a Naval, arrancando o Tridente das maõs ao proprio Neptuno, e opprimindo as eſpadoas do ceruleo monſtro, ſe fez reſpeitar por Soberano dos mares por toda a circunferencia do Mediterraneo.

Onde tem viſto a Antiguidade mais excelſas prerogativas? Os mayores Varões, que tem abracado com a ſua memoria os rotundos Mappas dos ſeculos, ſó ſe fizeraõ famoſos na diſtancia dos ſeus fataes domicilios. Achar-ſe hum Heroe applaudido na ſua Patria parece taõ impoſſivel, como o deſcobrir-ſe o ſepulchto de Jupiter.

Aquelle mesmo Belisario, que encheo de trofeos toda a redondeza do Imperio Latino, foy o q̃depois de vir a Roma, o chorou a lastima mendigo. Aquelle mesmo Duarte Pacheco, que fez estremecer a Asia com o seu nome, foy o que enterneceo os Hospitaes de Lisboa com a sua miseria.

Sendo esta huma desgraça commua de todas as Nações, se acha vivamente representada nos theatros da nossa Lusitania; por isso alguns nos comparaõ com os fermosos pomos da Persia, que só se fazem estimaveis na mudança do Clima.

Mas para excepçaõ deste maligno resplandor da nossa influencia parece, que destinou o Ceo a este soberano Heroe. Na Patria sempre, e na Patria famoso triunfante, e acclamado. Digaõ-no os Tribunaes, pendentes da sua resoluçaõ. Diga-o a Campanha, amedrentada com a sua presença. Digaõ-no os Grandes reverentes à sua soberania. Digaõ-no os pequenos, alentados com a sua humanidade. Digaõ-no quatro Monarcas, com os olhos no seu conselho. Digaõ-no quatro Rainhas, celebrando a sua disposiçaõ. Digaõ-no as Religioẽs enriquecidas com os seus thesouros. Digaõ-no os Templos, illuminados com os seus donativos. Digaõ-no as Confrarias, engrandecidas com a sua magnificencia. Digaõ-no os Vassallos, ufanos com o seu Senhorio. Digaõ-no finalmente os pobres, sustentados tanto da sua mesa, como da sua piedade.

Todo este maravilhoso concurso de virtudes se vio com o mesmo rigoroso impulso pela dilatada carreira de 88. annos.

Nos jogos Olympicos naõ alcançava o premio quem opprimia a area com mayor pezo, senaõ quem chegava à baliza de hum folego sem mostrar fraqueza no gyro dos estadios; assim se laurearaõ os Alcides, os Coroepos, os Philinos, e os Eupolemos. Porèm esta virtude, que a natureza infunde na materialidade do corpo, nenhum Circo humano a tem visto na subtileza do espirito.

Seneca, que encheo de luz todos os Delphinios da Peripathetica, naõ só com a doutrina, mas com o exemplo, veyo a ser o mayor ambicioso, que teve o Reynado de Nero. Cataõ, que foy o modello da Eutrapelia Romana, affectou tanto a sua severidade, que a degenerou em cobardia. Marco Bruto, que foy o objecto de todos os louvores do acerto, quiz dourar a sua ingratidaõ com o amor da Republica. E Pompeo, que cingio todos os circulos do applauso, encobrio com o mesmo zelo o pensamento da sua tyrannia. Só para o nosso seculo he que tinha destinado a Providencia

videncia hum eſpelho, aonde ſe compuzeſſem os generoſos eſtimulos de hum eſpirito conſtante, e de huma vida ſempre heroica.

Suſpenda-ſe pois o enrouquecido eſtrondo das ſurdinas, calle-ſe o deſtemperado alarido dos tambores, emmudeça o funebre canto dos lamentos, arruine-ſe o ſoberbo apparato dos Obeliſcos. Invente-ſe outro applauſo, outra muſica, outra machina, aonde ſe celebrem, naõ os ſacrificios de Libitina, mas em que ſe frequente o culto de huma Fama eterna.

Sejaõ os marmores da Lydia os coraçoẽs dos Portuguezes, o Simulacro as imagens da fantaſia, a victima o concurſo dos affectos, o holocauſto a labareda do deſejo, as aras a reverencia dos eſpiritos, e a alampada a eternidade da memoria. Eſſes meſmos ſuſpiros, com que ao primeiro impeto da auſencia reſonaraõ pelas Esféras, ſe convertaõ em vivas; eſſes meſmos lutos, com que ſe varreraõ os Templos, ſe mudem em paramentos feſtivos; eſſas meſmas ſaudades, que entriſteceraõ os animos, ſe tranſformem em perpetuas acclamações. Nunca mais famoſa, viva, e triunfante ſe póde conſiderar eſta racional pyramide da noſſa Monarchia, que depois daquella preciſa batalha, que principiou tragedia, e acabou vitoria.

A mais terrivel, e horroroſa peleja, que ſe fomenta na campanha da humanidade, ſem duvida que he a da morte; mas para quem? Eu o direy. Para aquelles, que chegaraõ com a lembrança atè o ultimo termo da ſua idade; para aquelles, que amortalharaõ no ſepulchro igualmente a memoria, que a vida; para aquelles, que banharaõ no rio do eſquecimento juntamente a alma, e appellido; porèm para os que tranſcendem a meta dos annos, para os que rompem os penhaſcos dos Mauſeolos, para os que paſſaõ enxutos pelas correntes do Lethes, naõ pòde ſer horroroſa, nem terrivel a pugna, porque a ſua propria violencia os impelle para o pinnaculo da Fama.

Quantos Varões alcançaraõ eſte meſmo triunfo ſem o admiravel ſocego deſte famoſo Athleta? Diga-o o Magno Pompeo, batalhando com a Parca nas barbaras areas do Nilo. Diga-o o primeiro Viſorey da Aſia executando a meſma luta nos inconſtantes deſertos do Tormentorio.

Pois aonde ſe podia achar mayor felicidade, que alcançar aquelle vencimento no deſcanço de hum leito, que tem cuſtado a tantos a fadiga de hum exterminio?

 Por

Por isso contra a opiniaõ dos Estoicos julgaraõ outros Sabios mais racionaveis, que naõ havia infortunio taõ pavoroso, como morrer desterrado, nem ventura taõ appetecida, como acabar entre as pacificas aras dos Penates. Confesse-o Ovidio, suspirando tantas vezes là da barbaridade do Ponto pela doçura dos Lares, mais para extinguir entre os seus domesticos a vida, que para gozar das delicias de Roma.

O mayor Potentado de Hus, e o Rey de mais dilatado coraçaõ, que reverenciou a paciencia, e descobrio o desengano, depois de fazer cara a todas as carrancas, que pòde inventar a infelicidade humana, sò achou por premio sufficiente da sua inimitavel constancia o morrer no seu ninho, e o resuscitar como a Palma, e como a Feniz.

O' Varaõ insigne, ò soberano Heroe, ò Principe excellente, ò Duque invicto, ò Marquez augusto, e o Conde famoso, ahi tendes conseguido tudo quanto Job havia premeditado.

Morrestes no vosso ninho, e agora das vossas mesmas cinzas resuscitais como a Feniz; agora com o pezo dos vossos annos, e erguendo nos hombros a campa do sepulchro, vos levantais como a Palma.

Resuscitais como a Feniz, pois sacodindo as reliquias sepulchraes, e emplumado, naõ sò com as vossas virtudes, mas com o apparato de tantas pennas Lusitanas, naõ satisfeito de habitares na vossa Provincia, gyrais por todos os circulos do Universo, querendo satisfazer à expectaçaõ das gentes, vendo huma ave taõ rara, que tem julgado por fabula a redondeza da terra, por mais que fosse prometida nos banquetes da vaidade Romana.

Resuscitais como a Palma, pois essa mesma carga de dias, e de façanhas, que podera encurvar o mais membrudo Athlante, vos he mayor incentivo para espalhar as vossas raizes pelo Mundo, para encheres o ar com a vossa pompa, e para tocar no aparador das Estrellas com a vossa grandeza.

Heroico, e preclarissimo successor desta Feniz, e illustrissima vergonta desta Palma, enxuguem-se (torno a repetir) as lagrimas, congelem-se os suspiros, extinguaõ-se as saudades; e em lugar da funebre eloquencia, com que toda a Corte tem acompanhado o vosso sentimento, recebey agora outra elegancia, mais digna de taõ vitorioso objecto. Aceitay os hymnos, os epinicios, as caristerias em lugar das monodias, dos epicedios, dos epitafios, inscripções mais proprias, naõ de quem existe desmayado

no

no tumulo, mas de quem permanecerà redivivo na Famà.

E tu, ò sublimada Lusitania, arranca esses penhascos de Paros, estas penhas de Numidia, poem por terra esses cedros do Libano, funde metaes, prepara bronzes, e anima estatuas; retrata, e immortaliza o mais famoso Dynasta da tua circunferencia. Envergonhem-se as Praças, os Amphitheatros, os Circos, os Colliseos, os Templos, e os Capitolios da gentilica Roma. Ajoelhe o caminhante sobre esses nervosos propugnaculos da tua cabeça, tanto ao apparato da magnificencia, como à propiedade da imagem; e naõ só nos bronzes, nos cedros, e nos marmores fique eternamente gravada a sua effigie, o seu nome, a sua memoria, mas nos olhos, nos ouvidos, e na imaginaçaõ a pezar da mudança, do tempo, e da posteridade.

Francisco de Pina de Mello.

PARALLELO

DE DOM NUNO ALVARES PEREIRA, DUQUE DO Cadaval, com Dom Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal, escrito pelo Conde da Ericeira Dom Francisco Xavier de Menezes.

FOraõ mais felices os Heroes, de que Plutarco escreveo as vidas, e fez as comparaçoẽs, em ter hum Historiador mais sabio; mas naõ foy Plutarco mais venturoso, que eu, em achar para os seus Parallelos dous Varoẽs illustres, que excedessem aos que saõ agora grande assumpto das minhas breves reflexoẽs. Eraõ aquelles escolhidos entre diversas Naçoẽs, e differentes nas familias, e nos nomes; saõ estes da mesma Naçaõ, da mesma familia, e atè do mesmo nome: eraõ huns superSticiosos sequazes da falsa idolatria; foraõ estes devotos cultores da verdadeira Religiaõ. Naõ busco memorias estranhas, os meus mais proximos ascendentes me anciparaõ as noticias. Escreveo o Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes meu avo na vida delRey Dom Joaõ I. as acçoẽs de Dom Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal; descreveo o Conde da Ericeira Dom Luiz de Menezes meu pay na historia de Portugal Restaurado as acçoens do segundo Dom Nuno Alvares Pereira, Duque de Cadaval. Nas memorias de Evora, que a Academia Real me distribuhio, hey de refe-

rir a gloria, 'que esta Cidade deveo a ambos; tenho a honra de descender do Condestavel, repetio a minha Familia muitas alianças com a do Duque, que desde os primeiros annos me communicou muitos negocios graves, os seus votos, e os seus manuscritos, e dandome na Campanha occasiaõ de imitallo, animou com publicos louvores o desejo, que eu mostrey de seguir os seus acertos, e conservo desta verdade gloriosos, e authenticos documentos: foy herdada esta amisade; mas premitta-me o amor proprio a naõ estime menos por adquirida, preferindo a propria eleiçaõ ao alheyo exemplo. Bem podia fazer o Parallelo do Duque Dom Nuno com seu filho o Duque Dom Jayme; porèm a piedade, com que este faz immortaes as ultimas acçoẽs mortaes daquelle, me justifica, que intenta fazerlhe hum syncero sacrificio da sua modestia, ainda que naõ sey se nesta occasiaõ serà livre de culpa, porque encobrindo as virtudes, que seu pay lhe inspirou, lhe diminue a gloria de que todos admirem os effeitos da sua boa educaçaõ; e quando acredita publicamente o muito que o venera, dissimula o muito em que o imita.

Eraõ iguaes os dous Heroes no sangue esclarecido, sendo hum derivado dos antigos Reys de Leaõ, outro dos Augustos Reys de Portugal: foy o primeiro Progenitor de todos os Soberanos de Europa; o segundo descendente dos mesmos Soberanos, e ambos ascendentes de numerosas, e illustres Familias.

Teve o Condestavel em Dom Alvaro Gonçalves Pereira hum pay, que mereceo a intima confiança dos Reys, a quem servio nos mayores lugares; teve o Duque em Dom Francisco de Mello Marquez de Ferreira hum pay, que no Conselho de Estado, e em outros empregos superiores conseguio dos seus Principes semelhantes distincçoẽs. A mãy do Condestavel emendou com larga penitencia a culpa de ter este filho, e elle com as suas virtudes purificou o seu nascimento, parece que regenerado naquelles devotos exercicios, e querendo os Reys que fosse publica a satisfaçaõ, lhe deraõ no Paço hum emprego, que hoje corresponde a Camareira môr, para que se visse, que jà tinha apuradas as essenciaes circunstancias daquella occupaçaõ, que se formaõ da decencia, e do decoro. A mãy do Duque teve o mesmo emprego, mas foy como divida ao seu igual merecimento, naõ como reparo do seu passado descuido; e como hum perdeo seu pay na adolescencia, outro na puericia, deveraõ ambos aos documentos de suas mãys, hum o desengano, outro o exemplo.

Desde

Desde q̃ nasceo em 24. de Julho de 1360. o Condestavel atè 4. de Novembro de 1638. em que nasceo o Duque, correraõ perto de tres seculos, para que a natureza aperfeiçoasse a semelhança deste setimo Neto, com quem felicemente o produzio. Ou nascessem ambos em Alentejo, competindo Elvas, ou Portalegre com Evora, ou se disputasse a questaõ de que o Bomjardim nos Confins da Beira merecia mayor Gloria, porque sendo taõ pequeno lugar, o fizera grande o Condestavel, do que alcançou Evora, pois sendo jà grande com as obras de Viriato, e Sertorio, a fez mayor o Duque com o seu nascimento, sempre se uniraõ, morrendo ambos em Lisboa, donde o Sol tem o seu occidente, e que fosse Evora o theatro de muitas acçoẽs militares do Condestavel, e o deposito das Cinzas do Duque, e Lisboa theatro do Governo militar do Duque, e o Mausoleo das reliquias do Condestavel.

Como naõ haviaõ de ser iguaes no nome, se ambos haviaõ de ter nome igual? E se equivocaria a posteridade, unindo na pedra angular das duas sepulturas, para que se lesse hum só Epitafio, as duas linhas parallelas, que correndo infinitamente naõ podiaõ encontrarse, sem que a fama descrevesse huma porçaõ de circulo, como symbolo da eternidade, que em huma só linha produzisse dous o grande nome de Dom Nuno Alvares Pereira!

Exercitaraõ-se os dous insignes Varões na primeira idade nos ensayos varonis, aonde a agilidade, a força, e a destreza habilitaõ para o dezembaraço, para o esforço, e para a fadiga, perseguir as feras, jugar as armas, domar os cavallos foraõ os preludios da mais severa, sabia, e heroyca disciplina. Contendas houve na Corte, que a razaõ fez justas, a occasiaõ precisas, e o valor airosas, em que ambos estabeleceraõ, e justificaraõ briosamente a opiniaõ, e se em algumas se encobrio o ardor da idade juvenil nas sombras da noite, naõ lusio menos a valentia, porque o rebuço, que naõ deixa ver o rosto, dezempenhava a satisfaçaõ propria, sem que esperasse o valor desconhecido a publica vaidade dos applausos.

Consta que ambos reservavaõ o ocio das armas para a liçaõ das historias, e que o Condestavel lhe unio o conhecimento das boas letras, e sabemos que o Duque as cultivou, e na selecta livraria, que escolheo, atè respeitou hum grande incendio os muitos volumes, em que deixou escrito tudo o que succedeo em settenta annos do seu ministerio; buscando muitas vezes os dous o retiro

do Campo, e imitando os Varões illuſtres da antiguidade, amaraõ a agricultura, e colheraõ nos boſques as Palmas, e os Loureiros, em que reverdeciaõ os ſeus triunfos.

Servio o Condeſtavel a huma Rainha, que o eſtimou em quanto as paixoẽs naõ foraõ mais poderoſas, que o entendimento. Servio o Duque a quatro Rainhas, que como eraõ adornadas de todas as virtudes, ſempre deraõ às do Duque o premio de naõ as deſconhecer. Foy o primeiro Mordomo Môr d'ElRey; o ſegundo da Rainha, e ambos na autoridade, com que exercitaraõ eſtes ſupremos lugares, verificaraõ a ſua Etymologia, porque naõ ſó foraõ homens grandes, porèm os mayores.

Hum, e outro ſahiraõ do Paço para a Campanha, e nas Provincias de Alentejo, Beira, e Eſtremadura permanecem as teſtemunhas dos ſeus progreſſos militares. He certo que teve o Condeſtavel ſucceſſos mais famoſos, mas ſe venceo muitas batalhas, o Duque ſe achou em duas, que ſe venceraõ; foy em ambos igual o valor, e naõ deſigual a fortuna; as margens de Guadiana immortalizaõ os ſeus triunfos, e as ſuas feridas, e quando o Duque fez à ſua Patria o ſacrificio do ſeu illuſtre ſangue, tambem na occaſiaõ, em que o derramou, verteo ſegunda vez o do Condeſtavel. Huma ſó razaõ de differença houve entre os dous, porque o Condeſtavel ſervio em quanto conſervou o favor do ſeu Principe, e occaſiaõ houve, em que ſuppondo-ſe menos attendido, ſe retirou da Corte, e dizem que quiz ſair do Reyno; porèm o Duque igualando-o na injuſtiça da accuſaçaõ, e na razaõ da innocencia, ſendo condenado ſem cauſa a hum deſterro, que renovou em Portugal o Oſtraciſmo de Grecia, e o Petaliſmo de Sicilia, ſervio na Guerra voluntario com o meſmo ardor, com que o tinha feito quando eſtava favorecido; com que foy na deſgraça glorioſo, na pena benemerito, vingando nos inimigos do Reyno as queixas, que tinha dos ſeus Contrarios da Corte.

Hum, e outro tiveraõ a prerogativa de ſer unicos na graduaçaõ da grandeza, com que ElRey Dom Joaõ o I. fez ſó Conde de Ourem ao primeiro D. Nuno Alvares Pereira, e ElRey Dom Joaõ IV. fez ſó Duque do Cadaval ao ſegundo, e igualmente era ſetimo neto, como o Duque, d'ElRey, e do Condeſtavel, e ſegundo reſtaurador do jugo eſtranho, que libertou a Monarchia Portugueza.

Naõ ſó occupou o Duque o grào ſuperior da milicia, como o Condeſtavel, mas exercitou a meſma dignidade nos actos mais Regios,

Regios, quando naõ podiaõ fazer os Infantes, tendo nos seus Baptismos honras semelhantes, e sendo os seus palacios, e os seus sepulchros, muitas vezes honrados com a soberana prezença dos Reys, e Rainhas.

Contribuiraõ hum, e outro para collocar no throno o irmaõ do seu Rey, a quem pertencia, e a quem dignamente amavaõ, nas prisoẽs, que foy preciso fazer no Paço, e em outras vigorosas, e astutas emprezas se expuseraõ a perigos taõ imminentes, q̃ depende do successo a reputaçaõ, e extincta a guerra civil, e as estranhas, foraõ ambos instrumentos da paz ventajosa, com que os Reys inimigos reconheceraõ como deviaõ aos de Portugal, de que hum nas Cortes de Coimbra, outro nas de Lisboa fielmente sustentaraõ os direitos.

Igualmente foraõ premiados dos seus Principes, e admitidos no seu Conselho, e despacho supremo, e manejaraõ por muitos annos os mais negocios militares, e politicos, naõ sendo estes menos arriscados, que aquelles, porque o seu perigo he menos glorioso, e mais difficil na Corte, que na Campanha o uso da virtude da fortaleza: a ambos acharaõ vigilantes, e benignos os pretendentes, os semblantes nem faceis, nem austèros; a experiencia, e o desinteresse acreditaraõ nos dous a sua inalteravel fidelidade.

Dous casamentos de duas Infantas herdeiras de Portugal viraõ ambos nos dous seculos, em que floreceraõ; naõ pode o Condestavel embaraçar o da Infanta Dona Brites filha unica d'ElRey Dom Fernando de Portugal com ElRey Dom Joaõ I. de Castella, mas concorreo depois para evitar a uniaõ dos dous Reynos, perpetuando-se a successaõ na linha de hum Rey de Portugal do mesmo nome: o Duque reconhecendo alguns inconvenientes, em que se effeituasse o casamento da Princeza Dona Isabel, filha unica d'ElRey Dom Pedro II. com Victorio Amadeu Duque de Saboya, hoje Rey de Sardenha, sendo Embaixador que havia de condusir a Lisboa este grande Principe, facilitou que se desvanecesse esta aliança, de que resultou a numerosa, e felice successaõ, que conservando a Varonia do mesmo Rey Dom Joaõ I. por ElRey Dom Joaõ o IV. em ElRey Dom Joaõ V. permanecesseo Real tronco de Principes Portuguezes, deixando o Duque ajustados os gloriosos vinculos repetidos, que vimos concluir entre Portugal, e Hespanha.

Dissimulou o Condestavel no Conselho d'ElRey com agradavel

davel riſo a furioſa inveja de alguns dos ſeus emulos; quantas vezes vimos no Duque encobrir entre a corteſanîa a auſteridade, ſem dar a conhecer algumas juſtas queixas? Que muito, ſe as virtudes foraõ iguaes neſtes dous Heroes, que podeſſem vencer nas paixoēs do animo os inimigos mais perigoſos, porque ſaõ mais domeſticos. Atè huma profunda hipocondria pode menos em ambos, que o vigor. Nunca a elevaçaõ, que lhes deo a natureza, e a fortuna, perverteo com o fauſto, ou com a ſoberba a eſtes dous genios ſublimes; naõ conheceraõ os veſtidos os exceſſos do luxo, eraõ as familias numeroſas mais por generoſidade, que por oſtentaçaõ, ſerviaõ lhe as riquezas de ſuſtentar aos muitos, que os ſerviaõ, e as adquiriraõ com o honroſo titulo de deſpacho de ſeus ſerviços, e boa adminiſtraçaõ das ſuas rendas, e ſem outros intereſſes. Eraõ ſempre populares, e fazendo com o amor o obſequio voluntario, nem quizeraõ que foſſe com o temor o reſpeito violento. Naõ foraõ menos ſemelhantes nos ſucceſſos economicos; a unica vez que caſou o Condeſtavel, e a primeira vez que caſou o Duque ſe igualavaõ as duas eſpoſas, de quem foraõ ſegundos maridos, no ſangue, na riqueza, e nas virtudes, ambos perderaõ filhos de pouca idade, e ambos viraõ morrer a filha unica, e herdeira das ſuas cazas com igual conſtancia, porèm o Duque na perda de ſua ſegunda, e illuſtre eſpoſa, e de muitos filhos todos digniſſimos de vida mais dilatada, teve multiplicados golpes, e ſenaõ foy mayor a fortaleza do Duque, foy mais que a do Condeſtavel. Era precizo que ſó a Duqueza Margarida de Lorena, como he rara, naõ achaſſe quem a competiſſe neſte Parallelo.

Caſou o Condeſtavel ſua filha unica com o Senhor Dom Affonſo, que depois foy o primeiro Duque de Bragança, tronco deſta Real Caſa, e filho d'ElRey Dom Joaõ I. Caſou o Duque ſeu deſcendente por linha, e varonia legitima, hum e outro filho herdeiro com a Senhora Dona Luiza filha d'ElRey Dom Pedro II. da meſma Regia Origem.

Naõ competem entre ſi as Virtudes Chriſtãas, e aſſim unidas nos deixaõ ver neſtes dous piiſſimos exemplares, que ſouberaõ aperfeiçoar as Moraes, e as Heroycas. As eſmolas, que oculta, prompta, e generoſamente diſtribuhiraõ, tirando aos pobres a mortificaçaõ de pedir, reſſuſcitavaõ com hum quaſi milagroſo beneficio a muitos, a quem tinha dezamparado a meſma natureza. Os Religioſos ſó podiaõ queixarſe de que ſe lhes diminuiſſe o merecimento

recimento de mendicantes; aos enfermos ſe anticipavaõ os remedios, e applicando a eſtas obras os ſeus ſoldos, conſeguiaõ mayores vitorias. Nos Templos reſplandeciaõ os adornos nas meſmas luzes, em que ardiaõ os ſacrificios: parece que o Convento do Carmo, a quem o Santo Condeſtavel em dous ſentidos edificou, para ſegurarſe das ruinas, que ao principio o ameaçavaõ, veyo buſcar os ſeus mais profundos, e ſolidos fundamentos na ſituaçaõ do Palacio, em que depois de tantos ſeculos havia de viver, e morrer o Duque, e nos meſmos alicerces, que o Condeſtavel prometteo fazer de bronze, pòde ſer que ſe occultem inſcripções, e medalhas, que profeticamente eternizem eſte Parallelo, ſendo hum Athlante, outro Alcides deſta Sagrada esféra de marmore.

O culto a Deos, o affecto a Noſſa Senhora, e a devoçaõ aos Santos, ainda que acharaõ no primeiro mais fervoroſa demonſtraçaõ, foy porque o ſeu eſtado lhe permittia aperfeiçoar a vocaçaõ, deſprezando o Mundo, que tinha vencido; mas o Duque ſem ſahir do Mundo, exercitou, ainda q̃ em Religiaõ menos eſtreita, as mais penitentes, e devotas occupações.

Havia de chegar a morte do Condeſtavel em 11. de Mayo de 1432. e a do Duque em 29. de Janeiro de 1727. e foy em ambos igual a conſtancia, com que a eſperaraõ como Chriſtãos, os que tantas vezes a venceraõ como Heroes, o primeiro de 71. e o ſegũdo de 88. annos naõ reconheceraõ o damno da idade provecta, que pelo uzo de reſiſtir os perigos proprios, e pelo coſtume de ver os males alheyos, difficulta os deſenganos com as meſmas razoẽs de augmentallos; temeraõ menos a morte, porque tinhaõ menos q̃ temer da vida, para eſperar igualmẽte eterna a felicidade.

A pompa funebre em ambos religioſa, e em ambos militar, moſtrou com ſolemnes Exequias a magnifica piedade de ſeus deſcendentes, mais que as eſtatuas, gravàraõ os bronzes, ainda que em materia mais fragil das eſtampas, multiplicados, e mais duraveis monumentos; lea-ſe com hum ſó nome reduzido a dous Epitafios eſte igual Parallelo, e em dous ſepulchros diſtantes unidas as cinzas, ſirvaõ de Padraõ, de gloria, e de deſengano das memorias, para que quem ouvir o immortal nome de Dom Nuno Alvares Pereira, componha de duas huma ſó diffiniçaõ, de dous ſeculos de ferro huma idade de ouro; e reſumindo eſta rara comparaçaõ a hum breve epicedio, cante Melpomene o que choraõ as Muſas, e triunfe da Parca a immortalidade, e da morte a Fama.

SO-

SONETO.

AInda que em dous diſtantes monumentos
A duas cinzas vivo ardor inflamma;
A dous Heroes iguaes em nome, e fama
Hum eſpirito anîma dous alentos.
Huma a perda, mas dous os ſentimentos
Ateaõ dous incendios de huma chamma;
E de dous eccos huma voz acclama
A gloria, que reſpira em dous acentos.
Thebas, que a dous irmãos fatal inſpira
Odio nos dous affectos implacavel,
De dous Varões a rara uniaõ admira.
Sendo nos dous ſepulchros admiravel;
Que àquelles dous ſe para huma ſó Pyra,
E em duas dura a Cinza inſeparavel.

FIM.

J. A. Barreiro Typographus Regius Portug. fe.

Fig. 2.ª

J. A. Sarrewin Tipographus Regis Portugaliæ.

Fig. 3.a
DIES MEI
TRANSIERUNT
J. A. Sarrewin Tipographus Regis Portug.æ

Fig. 4.a
VELUT UMBRA
FUGIT
J. A. Sarrewin Tipographus Regis Portug.æ

Fig. 5.ª

T. A. Barrewin Tipographus Regis Portug.ª

Fig. 6.ª

I. A. Harrewin Tiphographus Regis Portugaliæ

Fig. 7.ª

F. A. Barrewin Typographus Regis Portug.ˢ

Fig. 8.ª

F. A. Barrewin Typographus Regis Portugaliæ

Fig.4.ª

J. A. Harrewin Typographus Regis Portugaliæ

Fig.15.ª

E. A. Harrewin Typographus Regis Portugaliæ

Fig. 11ª.

I. A. Harrewin Typhographus Regis Portugaliæ

Fig. 12.

A. Sarrewin Tipographus Regis

Fig. 13

L. A. Barrevin Tipographus Regis Scrip.

Fig. 14.ª

J. A. Carrewin Tipographu: Regis Portugª

Fig. 15.a

OCCIDIT
G. A. Sarrewin Tipographus Regis Portug.

Fig.

OPTIME CERTANTI
G. A. Sarrewin Tipographus Regis Portugaliæ

Fig. 17.

Fig. 18.

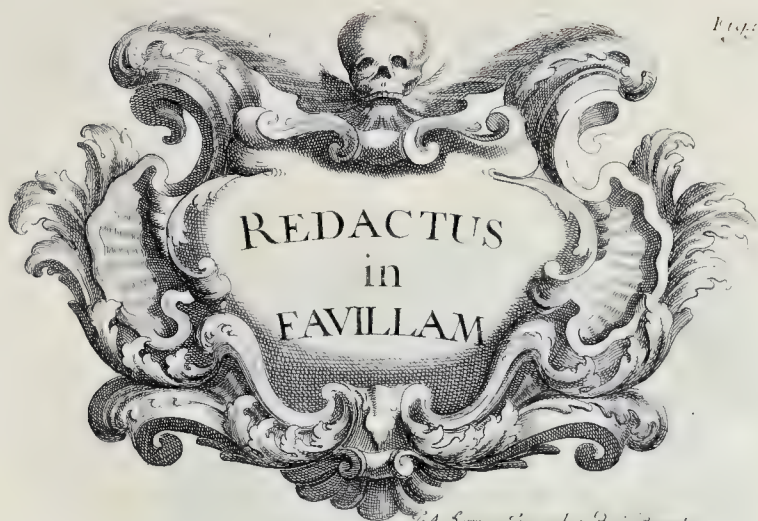
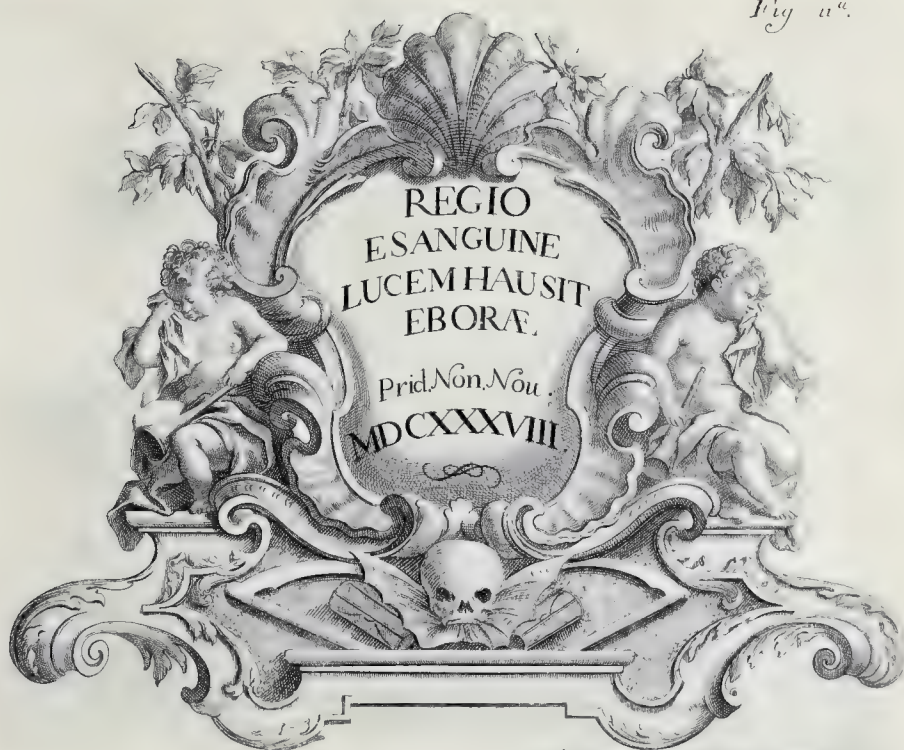
Fig. 10.ª

T. A. Harrewin Tiphographus Regis Portugaliae

G. L. Carreira Typographus Regis Portugaliæ.

Fig. 21.a

J. A. Sarrovin Typographus Regis Portugaliæ.

Fig. 22.

NONNIUS EXCELSO SPLENDET DUCIS AUCTUS HONORE
RESPONDENT TANTO PRÆMIA DIGNA VIRO.

Collatus Honor

J. A. Sarrewin Tipographus Regius Sculp.

ASSIDET A TENERIS DUM TRACTAT MUNIA REGNI
NONNIUS AUGUSTÆ: DICITO JURE SENEM.

J. A. Sarrewin Tipographus Regis Sering.

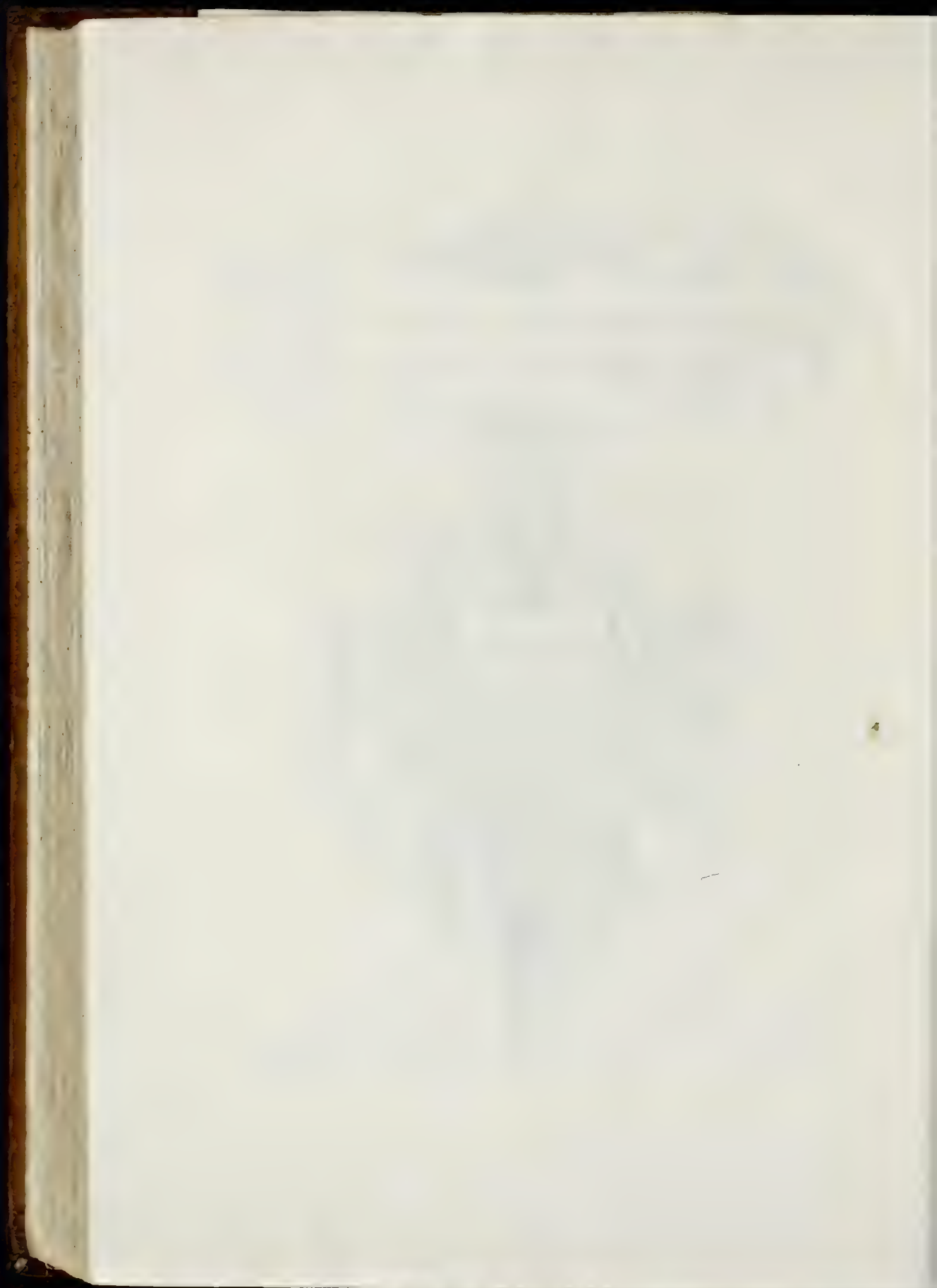
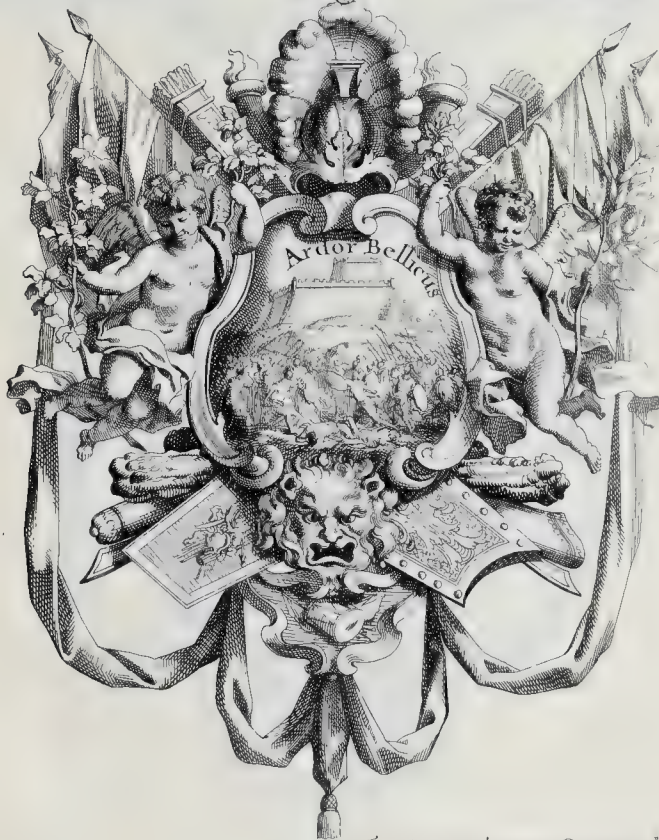
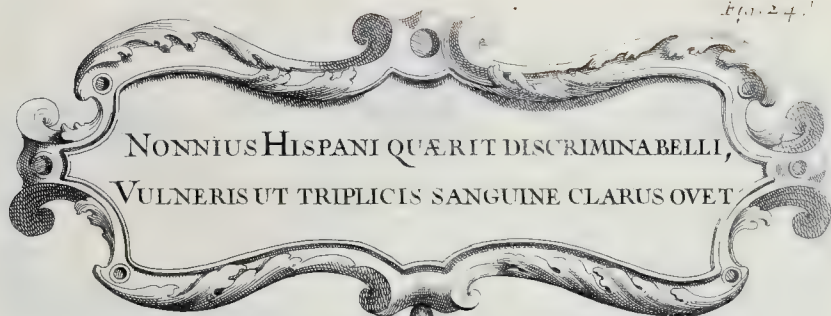



Fig. 24.

NONNIUS HISPANI QUÆRIT DISCRIMINA BELLI,
VULNERIS UT TRIPLICIS SANGUINE CLARUS OVET.

Ardor Bellicus

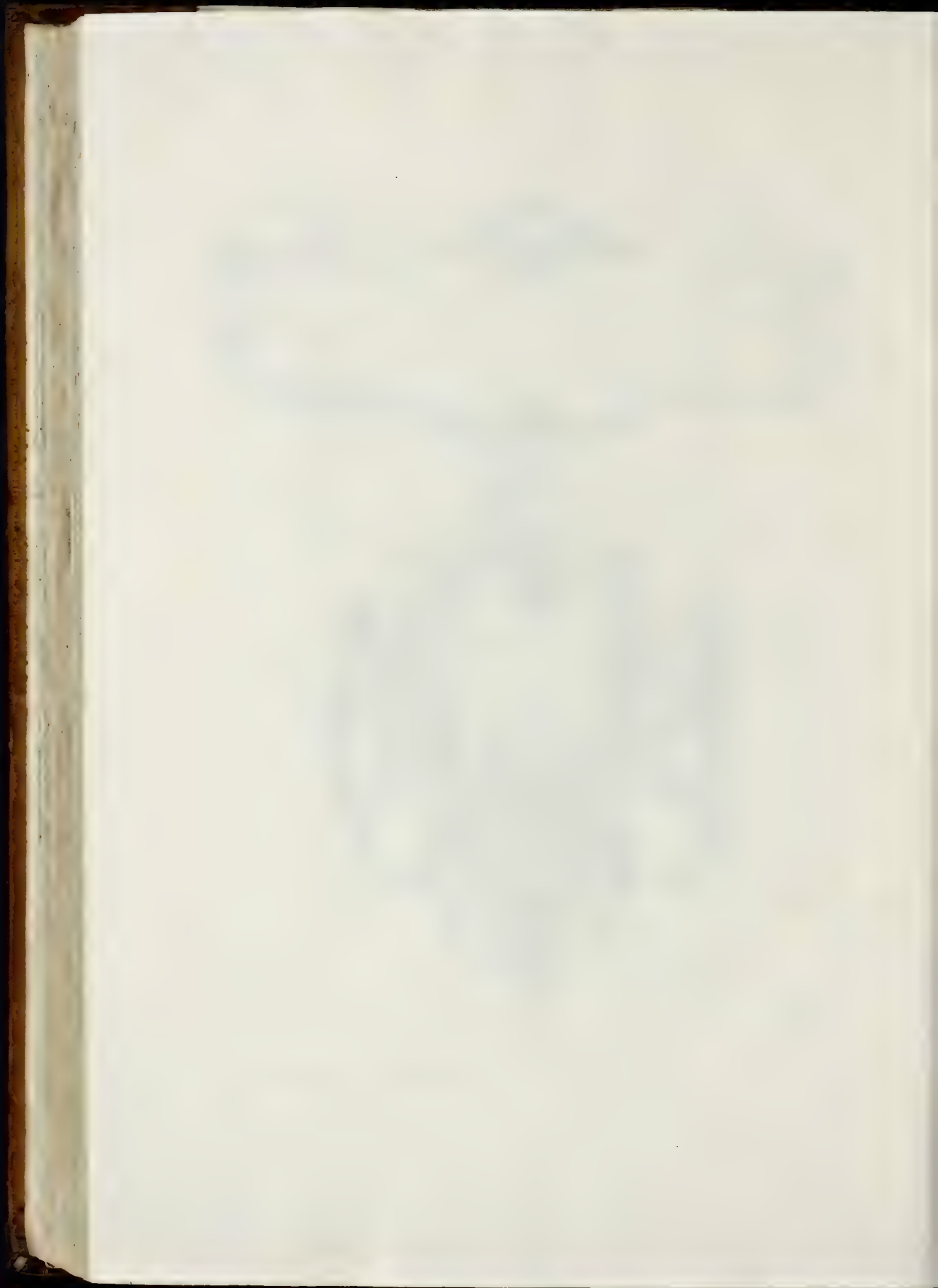
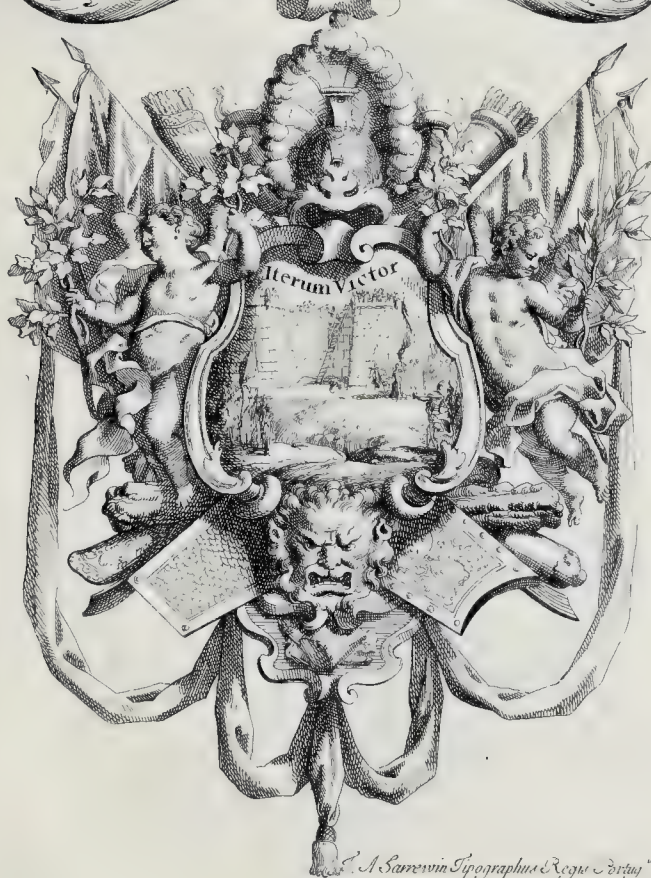
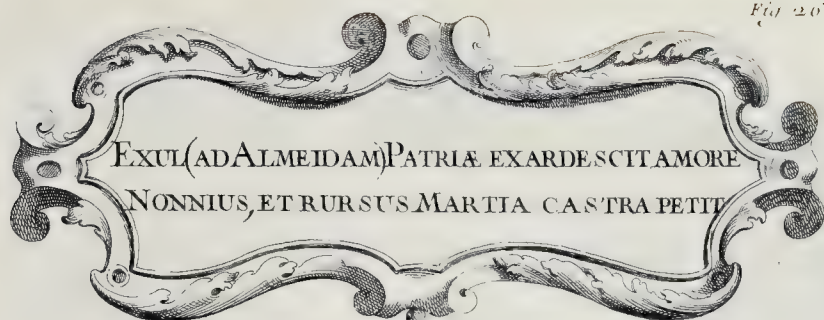
J. A. Sarrewin Tipographus Regis Portug.

Fig.ª 25.ª

T. A. Harrewin Tiphographus Regis Portug. ab

Fig 26

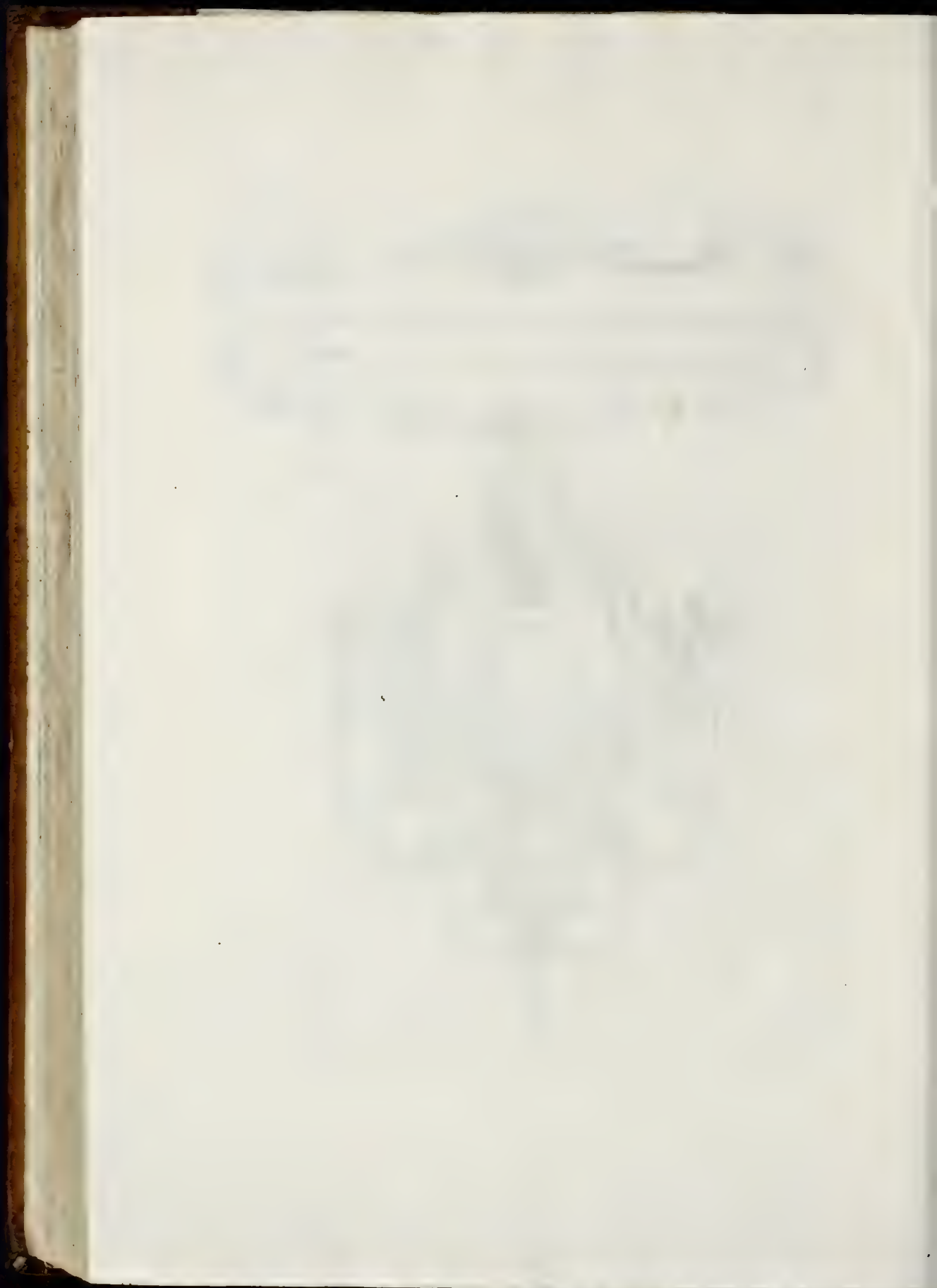
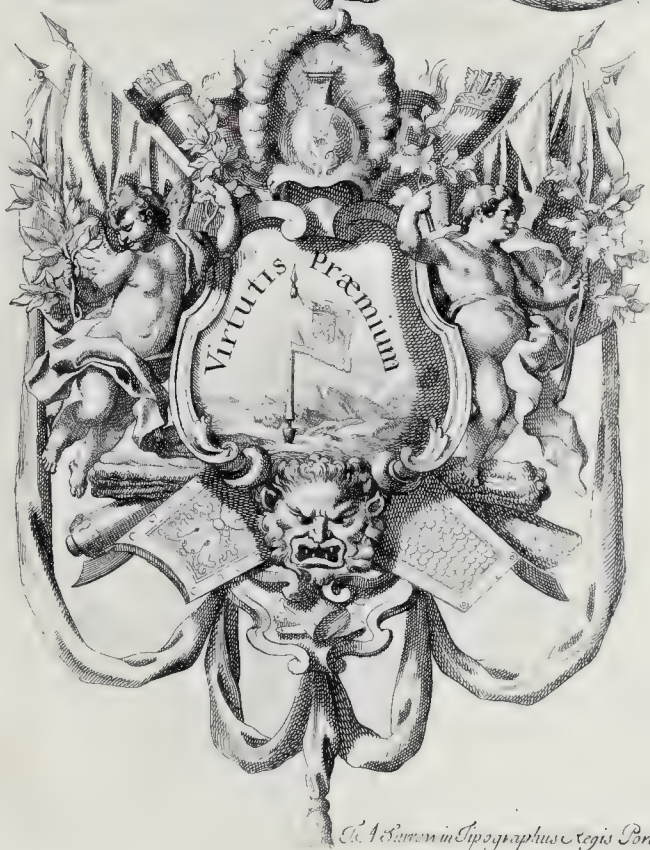
EXUL (AD ALMEIDAM) PATRIÆ EXARDESCIT AMORE
NONNIUS, ET RURSUS MARTIA CASTRA PETIT

Fig. 27.ª

NONNIUS OPTATÂ LYSIAM JAM PACE CORONAT,
UT LUSUM FIRMENT FŒDERA AMICA JOVEM.

pax Lusitanico Hispana

J. A. Barrewin Tipographus Regis Portug.ᵉ

Fig. 28ª

DUX EQUITUM TURMIS AULÆ DAT JURA MAGISTER
NONNIUS, ET MERITIS DIGNA CORONA DATUR.

Th. A. Sarmen in Tipographus Regis Portug.

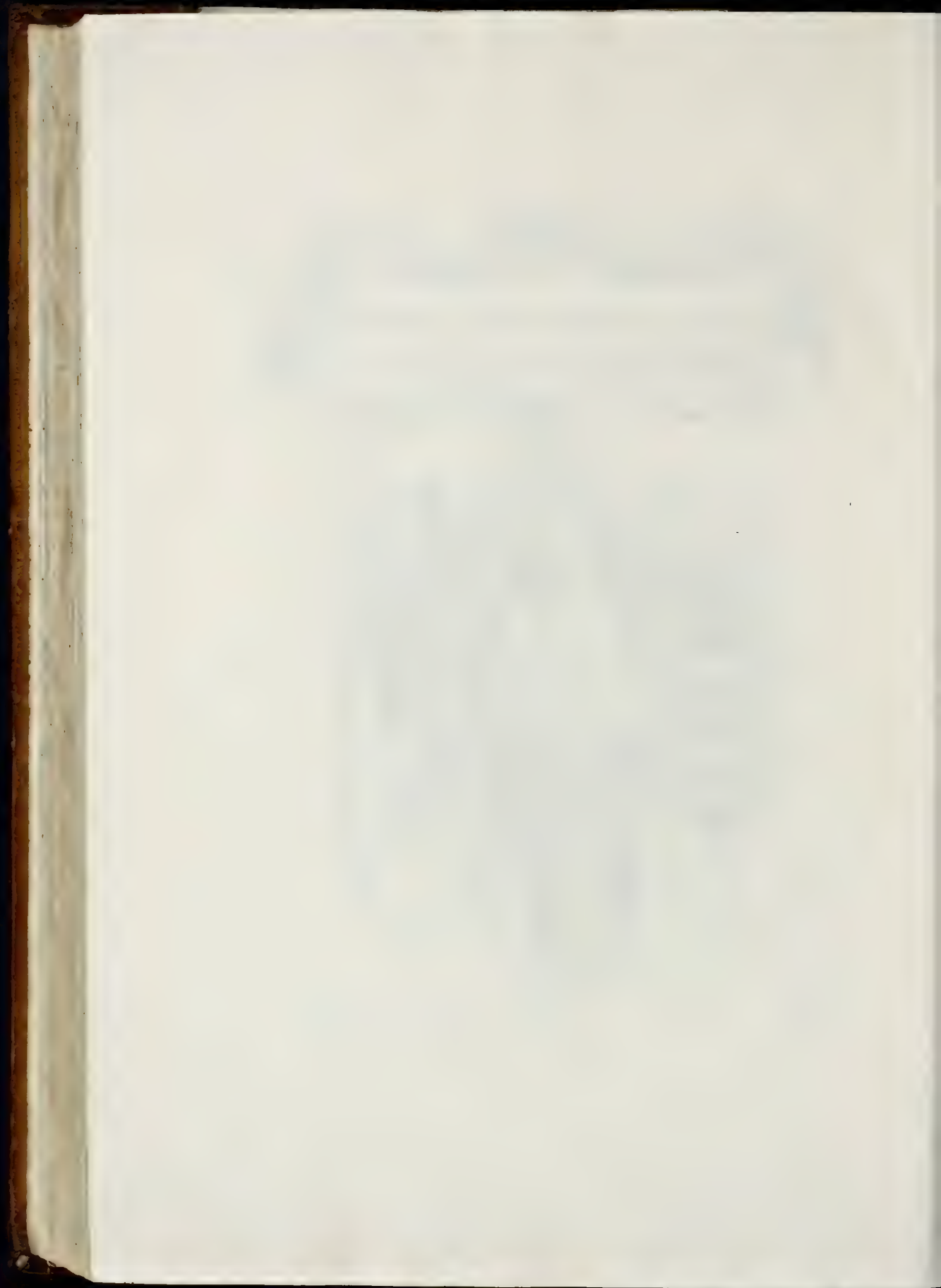



Fig. 29.ª

MITTITUR ALLOBROGUM LEGATUS NONNIUS AULAM;
SOLUS PERSONAM PRINCIPIS IPSE REFERT.

J. A. Sarrewin Tipographus Regis Portug.ª

Fig. 30.a

INCLYTUS ECCE COMES STABILIS DIGNOSCITUR HEROS
NONNIUS: A REGUM SANGUINE VENIT HONOR.

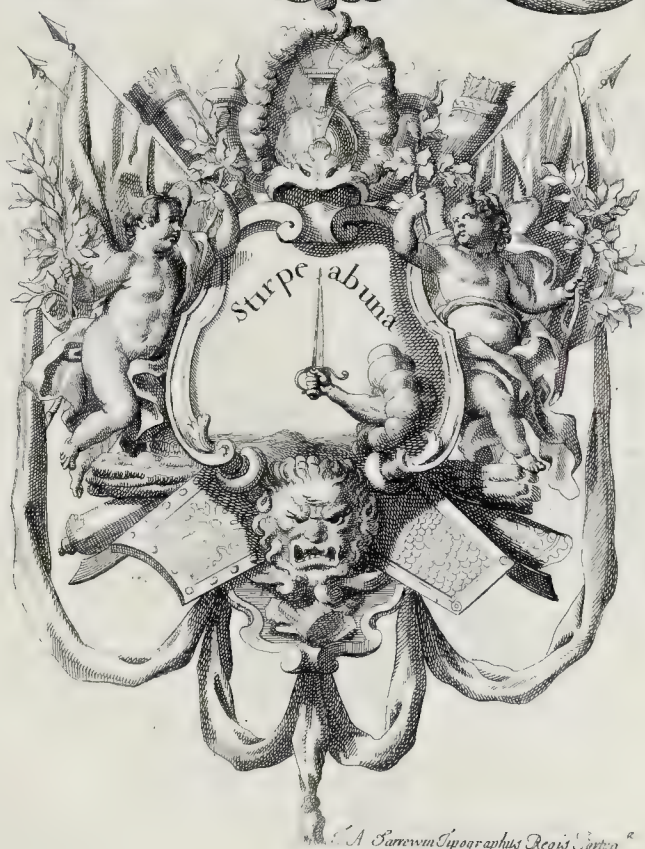



Fig. 31.ª

ŒCONOMI REGINA TUI PRÆFULGET HONORE
NONNIUS: HIS CE HUMERIS NOBILE STABAT ONUS.

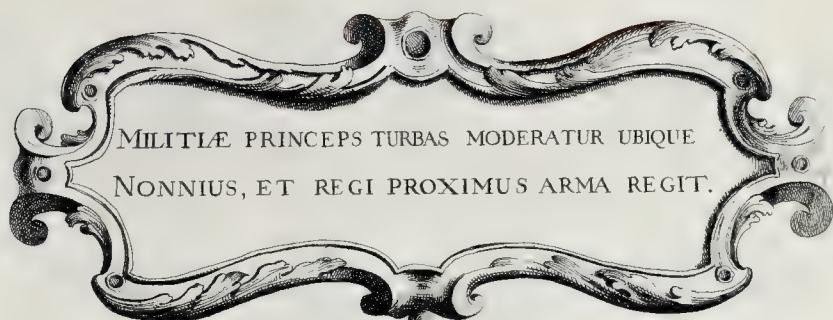
Jo. A. Barrewin Tipographus Regis Portugæ.

Fig 32ª

MILITIÆ PRINCEPS TURBAS MODERATUR UBIQUE
NONNIUS, ET REGI PROXIMUS ARMA REGIT.

UBIQUE PRIMUS.

J. F. Harrewin Tiphographus Regis Portugaliæ.

Fig. 33.ª

NONNIUS EXIMIA TRIPLICI REGIT ARTE SENATUM :
CUILIBET A TANTO PRINCIPE CRESCIT HONOS.
Legum Cura
G. A. Barrewin Tipographus Regis Portug.ˢ